

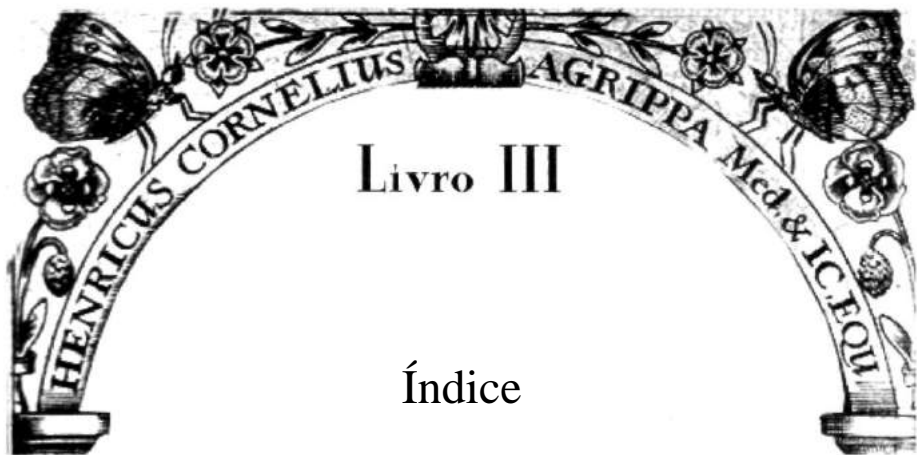


**O Terceiro e
Último Livro
de Magia ou
Filosofia Oculta**





*Escrito por
Henrique Cornélio Agrippa*



Índice

Capítulo I	
Da necessidade, do poder e do benefício da religião.....	589
Capítulo II	
Das coisas secretas na religião que devem ser mantidas ocultas.....	591
Capítulo III	
Qual a dignificação necessária para alguém ser um verdadeiro mago e operador de milagres.....	597
Capítulo IV	
Das duas ajudas da magia cerimonial: religião e superstição.....	600
Capítulo V	
Dos três guias da religião que nos conduzem ao caminho da verdade.....	603
Capítulo VI	
Como a alma do homem, com o auxílio desses guias, ascende à natureza divina e se torna uma realizadora de milagres.....	605
Capítulo VII	
O conhecimento do verdadeiro Deus é necessário para um mago; o que os antigos magos e filósofos pensavam acerca de Deus.....	607
Capítulo VIII	
O que os antigos filósofos pensavam acerca da divina Trindade.....	611
Capítulo IX	
Qual é a verdadeira e mais ortodoxa fé a respeito de Deus e da Santíssima Trindade.....	616
Capítulo X	
Das emanções divinas que os hebreus chamam de numerações, outros de atributos; os deuses e as divindades dos gentios; e as dez Sephirot e os dez nomes mais sagrados de Deus que os governam e sua interpretação.....	618
Capítulo XI	
Dos nomes divinos, seu poder e sua virtude.....	626
Capítulo XII	
Da influência dos nomes divinos através de todas as causas medianas sobre essas coisas inferiores.....	637

Capítulo XIII

Dos membros de Deus e de sua influência sobre nossos membros 640

Capítulo XIV

Dos deuses dos gentios, das almas dos corpos celestes, e quais lugares eram consagrados no passado e a quais divindades 643

Capítulo XV

O que pensam os nossos teólogos a respeito das almas celestiais 651

Capítulo XVI

Das inteligências e dos espíritos, e de seus três tipos e diversos nomes, e dos espíritos infernais e subterrâneos..... 654

Capítulo XVII

Do mesmo tema, na opinião dos teólogos 661

Capítulo XVIII

Das ordens dos espíritos maus, de sua queda e de suas diversas naturezas 666

Capítulo XIX

Dos corpos dos demônios 676

Capítulo XX

Da perturbação por parte dos espíritos maus, e da preservação que recebemos dos espíritos bons 679

Capítulo XXI

Obediência ao devido gênio e a descoberta de sua natureza..... 683

Capítulo XXII

O guardião trino do homem e de onde ele vem686

Capítulo XXIII

Da língua dos anjos, e de como conversam entre si e conosco.....690

Capítulo XXIV

Dos nomes dos espíritos e de sua variada imposição; dos espíritos que guardam os astros, os signos, os cantos dos céus e os elementos692

Capítulo XXV

Como os mecubais hebreus tiravam os nomes sagrados dos anjos a partir da escrita sagrada, e dos 72 anjos, que trazem o nome de Deus, com as tabelas de Ziruph, e as comutações de letras e números.....700

Capítulo XXVI

Como descobrir os nomes dos espíritos e gênios a partir da disposição dos corpos celestes.....709

Capítulo XXVII

Da arte de calcular os nomes segundo a tradição dos cabalistas712

Capítulo XXVIII

Como às vezes os nomes dos espíritos são tirados daquelas coisas por eles guardadas717

Capítulo XXIX

Dos caracteres e selos dos espíritos.....723

Capítulo XXX

Outro modo de fazer caracteres, passado pelos cabalistas725

Capítulo XXXI	
Outra espécie de caracteres e marcas de interesse de espíritos que são recebidas por meio de revelação.....	730
Capítulo XXXII	
Como os espíritos bons podem ser invocados por nós, e como os espíritos maus podem ser por nós vencidos.....	733
Capítulo XXXIII	
Os meios de atrair espíritos, suas adjurações e como expulsá-los.....	739
Capítulo XXXIV	
Da ordem animástica e dos heróis.....	741
Capítulo XXXV	
Dos deuses mortais e terrestres	745
Capítulo XXXVI	
Do homem e de como ele foi criado à imagem de Deus	748
Capítulo XXXVII	
Da alma do homem e por qual meio ela é unida ao corpo.....	755
Capítulo XXXVIII	
Quais os dons divinos que o homem recebe do alto, vindos das várias ordens de inteligências e dos céus.....	757
Capítulo XXXIX	
Como as influências superiores, sendo boas por natureza, são depravadas nas coisas inferiores e se tornam causas do mal.....	760
Capítulo XL	
Que em todo homem um caráter divino é estampado; pela virtude de cada homem é possível obter a realização de milagres	763
Capítulo XLI	
Opiniões diversas concernentes ao homem depois da morte	766
Capítulo XLII	
Por quais meios os magos e necromantes acreditam conseguir invocar as almas dos mortos	781
Capítulo XLIII	
Do poder da alma do homem na mente, na razão e na imaginação.....	785
Capítulo XLIV	
Dos graus de almas e de sua destruição ou imortalidade	790
Capítulo XLV	
De Vidência e transe	793
Capítulo XLVI	
Do primeiro tipo de transe, vindo das musas	795
Capítulo XLVII	
Do segundo tipo, de Dioniso.....	798
Capítulo XLVIII	
Do terceiro tipo de transe, de Apolo	800
Capítulo XLIX	
Do quarto tipo de transe, de Vênus.....	805

Capítulo L

Do arrebatamento do êxtase e das previsões que acontecem com aqueles que adoececem, ou que desmaiam, ou que se encontram em agonia 807

Capítulo LI

Dos sonhos proféticos 811

Capítulo LII

Lançar a sorte e as marcas que possuem o poder garantido de oráculos 815

Capítulo LIII

Como deve se portar aquele que receberá oráculos..... 818

Capítulo LIV

Da limpeza e como deve ser observada..... 821

Capítulo LV

De abstinência, jejum, castidade, solidão, tranquilidade e ascensão da mente..... 824

Capítulo LVI

Da penitência e das esmolas..... 828

Capítulo LVII

Daquelas coisas que, sendo administradas exteriormente, conduzem à expiação 830

Capítulo LVIII

Das adorações e dos votos 833

Capítulo LIX

Dos sacrifícios e das oblações, e seus tipos e modos 836

Capítulo LX

As imprecações e ritos que os antigos costumavam usar em sacrifícios e oblações..... 845

Capítulo LXI

Como essas coisas devem ser realizadas, tanto a Deus quanto às deidades inferiores..... 847

Capítulo LXII

De consagrações e de como fazê-las..... 849

Capítulo LXIII

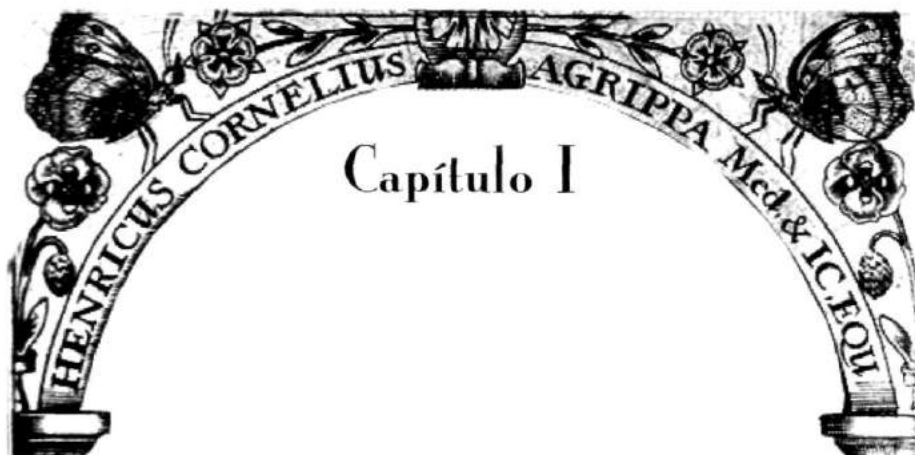
Que coisas podem ser chamadas de sagradas, consagradas, e como assim se tornam entre nós e as deidades; e dos momentos sagrados 852

Capítulo LXIV

De certas observâncias religiosas, cerimônias e ritos de perfumadura, unções e coisas do gênero..... 857

Capítulo LXV

A conclusão de toda a obra 864



chegado o momento de usarmos a pena para questões superiores, para aquela parte da magia que nos ensina a conhecer e a entender as regras da religião, e como alcançar a verdade por meio da religião divina, bem como preparar devidamente nosso espírito e nossa mente, uma vez que só assim poderemos compreender a verdade. Pois os magos são da opinião de que, se a mente e o espírito não estiverem em boa condição, o corpo não pode estar em boa saúde; mas um homem só é verdadeiramente sã quando o corpo e a alma se encontram em tal harmonia e concórdia que a firmeza da mente e do espírito não está abaixo dos poderes do corpo.

Mas uma mente firme e robusta (dizia *Hermes*)¹ só pode ser obtida por integridade da vida, por piedade e, finalmente, por divina religião; pois a sagrada religião purga a mente e a torna divina, ajuda a natureza e fortalece os poderes naturais, assim como um médico ajuda a saúde do corpo e

o agricultor, a força da terra. Aquele, portanto, que deixa a religião de lado e confia apenas nas coisas naturais é propenso a se deixar enganar por espíritos malignos; entretanto, do conhecimento da religião brotam o desprezo e a cura dos vícios, além de uma salvaguarda contra espíritos ímpios. Para concluir, nada é mais agradável e aceitável a Deus que um homem perfeitamente pio e verdadeiramente religioso que tanto supera outros homens quanto se encontra, ele mesmo, distante dos deuses imortais. Devemos, portanto, após sermos purgados,² oferecer-nos e nos entregar à divina piedade e religião; com nossos sentidos adormecidos, com a mente aquietada para esperar aquele divino néctar ambrosiano (chamo de néctar ao que o profeta *Zacarias*³ se referia como vinho que deixava as donzelas alegres), louvando e adorando o supercelestial *Baco*, principal governante dos deuses e sacerdotes, autor da regeneração, o qual, como cantavam os antigos poetas, nasceu duas vezes,⁴ e do qual os rios mais divinos fluem para os nossos corações.

Notas - Capítulo I

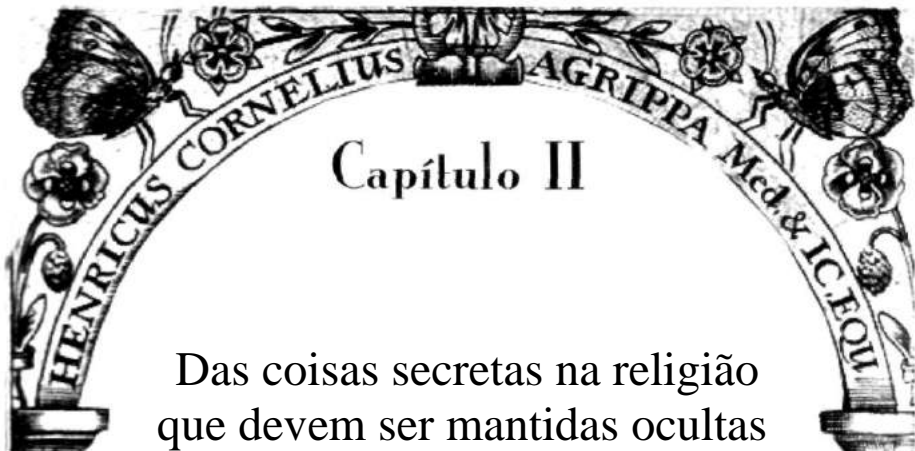
1. Mas quando a mente entra em uma alma piedosa, conduz essa mesma alma à luz do conhecimento; e tal alma nunca se cansa de louvar e bendizer a Deus nem de fazer toda espécie de bem por palavras e atos à imitação de seu Pai. Portanto, meu filho, quando estiver dando graças a Deus, você deve rezar para que a mente que lhe foi designada seja uma boa mente (*Corpus Hermeticum* 10.21-22a [Scott, 1:203]).

Aquelas almas, portanto, que se encontram sob o comando da mente, são iluminadas por sua luz e têm seus impulsos controlados; pois assim como um bom médico inflige dor ao corpo, queimando-o ou cortando-o quando a doença toma conta dele, também a mente inflige dor à alma, libertando-a do prazer que advém das doenças da alma (*ibid.* 12(i).3 [Scott, 1:225]).

2. Uma limpeza ritual em que a lavagem da alma é expressada em uma lavagem do corpo, sendo considerada absolutamente necessária antes de qualquer ato de magia para propósitos divinos. Por esse motivo, afirma-se de maneira explícita no capítulo dedicado à limpeza ritual em *Key of Solomon*: “O Banho é necessário para todas as Artes Mágicas e Necromânticas” (*The Greater Key of Solomon* 2.5 [Mathers, 93]).

3. Zacarias 9:17.

4. Dioniso nasceu duas vezes, primeiro em um parto prematuro de sua mãe morta, Semele, que ousara olhar para a plena glória de Zeus, sendo por ela consumida; e depois da coxa de Zeus, em que seu pai divino o tinha colocado para protegê-lo até ele vingar. Por isso, Dioniso era chamado de *Dithyrambus*. Uma vez que *di* (δί) em grego significa “dois” e *thyra* (θύρα), “porta”, sem dúvida o nome se refere à passagem pelas portas de dois ventres diferentes, o primeiro de Semele e o segundo de Zeus. “Dithyrambus” também era o nome do hino cantado em louvor a Baco.



Das coisas secretas na religião que devem ser mantidas ocultas



Seja você quem for que deseja estudar esta ciência, mantenha-se em silêncio e guarde sempre nos armários secretos de seu peito religioso essa santa determinação; pois (como dizia *Mercúrio*)¹ divulgar ao público um discurso tão repleto da grande majestade do divino é um sinal de espírito irreligioso. E o grande *Platão* recomendava² que os santos e secretos mistérios não fossem divulgados ao povo; também *Pitágoras*³ e *Porfírio* exigiam de seus seguidores um silêncio religioso; também Orfeu, dono de certa autoridade de religião, solicitava um voto de silêncio daqueles por ele iniciados às cerimônias das coisas sagradas, como vemos nos versos que ele canta a respeito da palavra sagrada:⁴

Vocês, admiradores da virtude,
Consideram bem aquilo que lhes tenho a dizer.
Mas quanto a vocês, que desprezam e profanam as leis sagradas,
Afastem-se e não mais retornem!
Mas você, ó *Museus*, cuja mente é nobre,
Observe minhas palavras, e leia-as com seus olhos,

Guarde-as em seu sagrado peito,
E, em sua jornada, pense somente em Deus,
O autor de todas as coisas, o que não pode morrer
De quem agora trataremos.
E, em *Virgílio*, lemos acerca da Síbila:⁵
A deusa vem, ficai longe, profanos
O profeta clama, e de seus bosques corre

Também na celebração dos mistérios sagrados de *Ceres Eleusínia* só os iniciados eram admitidos, enquanto o proclamador⁶ ordenava que os vulgares e profanos fossem embora; e em *Esdras*⁷ lemos a respeito do preceito do segredo cabalístico dos hebreus, declarado nestes versos: entregarás estes livros sagrados aos sábios dentre o povo, cujo coração tu conheces e compreendes, e guardarás esses segredos.

Assim, os volumes religiosos dos egípcios e aqueles livros que tratavam dos segredos de suas cerimônias eram feitos de papel consagrado;⁸ neles se registravam letras que não podiam ser facilmente reconhecidas, por isso, eram consideradas

sagradas. *Macrobius*, *Marcellinus* e outros dizem que eram chamadas hieróglifos⁹ para que tais escritos não entrassem para o conhecimento dos profanos, que também *Apuleio*¹⁰ atesta nestas palavras, dizendo que: após o término do sacrifício, de um armário secreto e escondido, ele tirava certos livros anotados com letras obscuras, que compunham resumos da fala e eram concebida, em parte por meio de figuras de animais, em parte por outras cheias de nós e retorcidas como uma roda, espalhando-se como ramos de videira, sendo devidamente defendidas da curiosidade dos profanos.

Seremos, portanto, estudiosos merecedores desta ciência se permanecermos em silêncio e escondermos aquelas coisas secretas da religião, pois a promessa de silêncio (como dizia *Tertuliano*) se deve à religião. Mas aqueles que não agem assim se encontram em grave perigo, como explica *Apuleio* ao falar dos segredos dos escritos sagrados: eu lhes revelaria se tivesse permissão; vocês saberiam se fosse permitido; mas os ouvidos e a língua contrairiam a mesma culpa da leviana curiosidade.

Lemos também que *Teodoro*,¹¹ o poeta trágico, ao citar alguns mistérios das escrituras judaicas em uma fábula, acabou perdendo a visão. *Theopompus* também começou a traduzir parte da Lei divina para a língua grega e logo apresentou distúrbios da mente e do espírito. Perguntando a Deus por que aquilo lhe acontecera, ele recebeu em sonho a seguinte resposta: porque havia poluído as coisas divinas, ao querer torná-las públicas. Também se fala de um tal *Numenius* que, curioso pelas coisas ocultas, incorreu no desagrado dos

poderes divinos, porque interpretou os mistérios sagrados da deusa *Eleusínia* e os divulgou, pois sonhara que a deusa de Elêusis vestia as roupas de uma prostituta de frente para um bordel e que, ao ser indagada por que, lhe respondera, irada, que ele a havia violentamente tirado de sua modéstia e a prostituído para todos os cantos, admoestando-o que as cerimônias dos deuses não deviam ser divulgadas.

Por essas e outras, os antigos sempre tiveram o maior cuidado em ocultar os mistérios de Deus e da natureza, escondendo-os em diversos enigmas, lei que era observada pelos indianos, brâmanes, etíopes, persas e egípcios, e que *Mercúrio*, *Orfeu* e todos os antigos poetas e filósofos - *Pitágoras*, *Sócrates*, *Platão*, *Aristoxenus*, *Ammonius* - respeitavam inviolavelmente. Nesse sentido, *Plotino* e *Orígenes* e os outros discípulos de *Ammonius* (como relata *Porfírio*¹² em seu Livro da Educação e Disciplina de Plotino) juraram nunca divulgar os decretos de seu mestre. E como *Plotino* quebrou o juramento feito a *Ammonius* e revelou seus mistérios, foi consumido pela horrível doença dos piolhos como punição.

O próprio Cristo, enquanto viveu na Terra, dizia, de certa forma, que só os discípulos mais iniciados deveriam entender o mistério da palavra de Deus, mas os outros só a receberiam em parábolas:¹³ determinando que as coisas sagradas não fossem atiradas aos cães nem as pérolas aos porcos;¹⁴ nesse sentido, também o profeta dizia: guardo no coração as tuas palavras para não pecar contra ti.¹⁵ Portanto, não é apropriado que tais segredos, do conhecimento apenas de alguns sábios e comunicado

somente pela boca,¹⁶ sejam divulgados ao público.

Peço, então, que o leitor me perdoe se eu mantiver em silêncio muitos e os principais mistérios secretos da magia cerimonial. Suponho que será suficiente se eu revelar aquelas coisas que devem se tornar conhecidas, para que você, pela leitura deste livro de magia, não fique totalmente alheio a esses mistérios; mas sob a condição de que as coisas que lhe forem comunicadas, assim como *Dionísio*¹⁷ exigiu de *Timóteo*,¹⁸ não sejam expostas aos indignos, mas sim guardadas entre os sábios, que providenciarão para que a devida reverência lhes seja dada.

Além disso, eu ainda aconselho ao leitor, neste começo, que, assim como os poderes divinos detestam as

coisas públicas e profanas e o amor, o segredo, também todo experimento mágico foge aos olhos do público, tentando se esconder, e é fortalecido pelo silêncio, mas destruído pela divulgação; tampouco nenhum esforço completo se segue a ele. Todas essas coisas sofrem perda quando são jogadas para mentes frívolas e incrédulas. Portanto, espera-se do operador de magia que, se quiser que sua arte seja frutífera, aja em segredo e não manifeste a vitalma nem seu trabalho nem o local, hora, desejo ou vontade, exceto a um mestre, sócio ou companheiro, que, por sua vez, também deverá ser fiel, crente, silencioso e digno por natureza e educação, uma vez que a frivolidade de um companheiro, sua incredulidade e indignidade impedem e perturbam o efeito de toda operação.

Notas - Capítulo II

1. Há cinco razões para o silêncio, ou circunspeção, em torno da doutrina sagrada dada por Hermes. A primeira, citada por Agrippa, é que a divulgação de coisas sagradas para as mentes profanas as polui:

“Você pode invocar Amon, mas ninguém mais; do contrário, a abordagem do mais sagrado dos temas e da mais profunda reverência será profanada pela entrada e pela presença de uma multidão de ouvintes.” ... E então Amon também entrou no santuário; e o local se tornou sagrado por causa da admiração e da devoção dos quatro homens, e se encheu da presença de Deus. E todos ouviam em respeitoso silêncio... (*Asclépio*, prólogo 1b [Scott, 1:287, 289]).

A segunda razão para o silêncio é que as mentes profanas não conseguem compreender uma doutrina sagrada, caçoam daqueles que a pregam e são incitadas a cometer um mal ainda maior:

Evite conversar com as multidões. Não que eu queira que você se abstenha de beneficiar os outros; minha razão para esse conselho é que as multidões rirão de você se falar com elas como eu lhe falei. O semelhante atrai o semelhante; mas homens diferentes nunca são amigos ... Além disso, meu ensinamento tem uma certa propriedade que é particular a ele; impele os homens maus a cometer mais maldade... Portanto, cuidado para não falar às multidões para que, na ignorância, elas não se tornem ainda mais perversas (*Stobaei Hermetica* 11.4-5 [Scott, 1:433, 435]).

A terceira razão para o silêncio é que ele permite que a iluminação divina da doutrina se manifeste: “E agora, meu filho, não fale, mas guarde um silêncio solene; e assim a misericórdia de Deus virá sobre nós” (*Corpus Hermeticum* 13.8a [Scott, 1:245]).

A quarta razão para o silêncio é simplesmente a futilidade de se tentar expressar o inexprimível: “Pois existe, meu filho, uma doutrina secreta, cheia de sabedoria sagrada, em torno d’Aquele que é o único senhor de tudo e preconcebido Deus, o qual está além do poder do homem de declarar” (*Fragments* 12 [Scott, 1:537]).

A quinta e última razão para o silêncio envolve uma proscrição contra a tradução das doutrinas para outras línguas, porque as próprias palavras são sagradas e personificam poder:

A tradução distorce muito o sentido dos escritos e causa muita obscuridade. Expressado em nossa língua nativa, o ensinamento transmite seu significado com clareza; pois a própria qualidade dos sons [falta uma parte do texto]; e quando as palavras egípcias são ditas, a força das coisas indica trabalhos nelas” (*Corpus Hermeticum* 16.1b-2 [Scott, 1:263, 265]).

2. Ainda que supuséssemos ser verdade, não deviam contar-se assim descuidadamente [os mistérios] a gente nova, ainda privada de raciocínio, mas antes passar-se em silêncio; mas, se fosse forçoso referi-lo, escutá-lo em segredo, o menor número possível de pessoas, depois de terem sacrificado não um pouco, mas uma vítima enorme e impossível de encontrar, a fim de que fosse dado ouvi-lo a muitos poucos (Platão, *A República* 2.378a).

3. Sobre esse assunto, escreve Clemente Alexandrino: “Dizem que Hiparco, o pitagórico, acusado de escrever os princípios de Pitágoras em linguagem comum, foi expulso da escola, e um pilar lhe foi erguido como se ele estivesse morto” (*Stromateis* 5.9. Em *Ante-Nicene Christian Library*, vol. 12).

Pitágoras exigia não apenas o silêncio em torno dos segredos de sua fraternidade, mas um período de silêncio geral por parte de todos os discípulos: “Pitágoras exigia cinco anos de silêncio dos jovens, que ele chamava de *echemychia*, abstinência total da fala ou restrição da língua” (Plutarco, “*On Curiosity*”, 9, traduzido por Philemon Holland. In *Plutarch’s Moralia: Twenty Essays* [Londres: J. M. Dent and Sons, s.d.], 143).

4. Esse hino órfico é citado por Thomas Taylor no apêndice de sua obra *Eleusinian and Bacchic Mysteries* (Taylor 1875, 166). Agrippa parece ter tirado sua versão latina do hino da tradução de Marsilio Ficino (Ver Charles G. Nauert, *Agrippa and the Crisis of Renaissance Thought* [University of Illinois Press, 1965], 137, n. 72).

5. Virgílio, *Eneida* 6, c. linha 260.

6. Um dos oficiais que conduziam os Mistérios Maiores de Deméter em Elêusis (diferentemente dos Mistérios Menores, conduzidos em Agrae) tinha o título de Proclamador, ou *Keryx* (como Xenofontes o descrevia), sendo a forma mais correta *Hierokeryx*, cujo dever era ler a proclamação, ou *prorrhesis*, na abertura das cerimônias e exigir o silêncio dos iniciados.

As palavras exatas que eram ditas na proclamação nós não podemos conhecer, mas seu sentido pode ser deduzido a partir de variadas fontes.

“Todas as pessoas que têm mãos limpas e fala inteligível”, referindo-se ao grego, claro, “aquele que é puro de toda poluição e cuja alma não é consciente de nenhum mal e que viveu bem e de forma justa”, segundo a proclamação afirmava, podia proceder com a iniciação; os demais deviam se abster (Mylonas 1974, 247).

As fontes que Mylonas usou para reconstruir a proclamação são citadas na nota de rodapé 116, na mesma página. Ver também p. 224-29, uma interessante discussão a respeito dos segredos dos ritos. Um dos hinos homéricos se refere aos mistérios de Deméter nestes termos: “... seus ritos sagrados... que não devem ser negligenciados nem indagados, nem mencionados, pois uma poderosa reverência aos deus restringe a voz” (*Homeric Hymns* 32, “To Ceres”, c. linha 480, traduzido por Buckley. Em *The Odyssey of Homer, with the Hymns, Epigrams, and Battle of the Frogs and Mice* [Nova York: Harper & Brothers, 1877], 425).

7. *O Segundo Livro de Esdras* (apócrifo), 12:37-8.

8. Papiro, que não era muito conhecido na época medieval. Era estranho até para Nicholas Flammel (? 1330-1417) que, segundo seus próprios relatos, aprendeu o segredo da alquimia a partir de um antigo grimório que lhe caiu nas mãos “pela soma de dois florins, um livro Dourado, muito antigo e grande. Não era feito de Papel nem de Pergaminho, como os outros Livros, mas de delicadas cascas (pareceu-me) de árvores jovens” (Flammel [1624, 1889] 1980, 6).

9. Aqueles que eram instruídos pelos egípcios aprendiam em primeiro lugar aquele sistema de escrita egípcia, chamada epistolográfica; em segundo lugar, a hierática, que é usada pelos escribas sagrados; e, por fim, a hieroglífica. Desta última, uma forma expressa seu significado *pelos primeiros elementos* [em ordem alfabética]; mas a outra forma é *simbólica*. Da simbólica, uma espécie

transmite diretamente seu significado por *imitação*; outra por *metáforas*; enquanto a espécie remanescente fala por meio de alegorias, como se tivesse sido escrita por meio de enigmas (Clemente Alexandrino, *Stromateis* 5. Em: Horapolo, *Hieroglyphics*, apêndice [Cory, 169-70]).

Pitágoras também conviveu com os egípcios; e, no Egito, ele viveu com os sacerdotes e aprendeu com eles a sabedoria, a língua e as três formas de escrita desse povo: a epistolográfica, a hieroglífica e a simbólica, uma transmitindo seu significado diretamente por imitação, a outra por alegoria, por meio de enigmas. (Porfírio, “A vida de Pitágoras” In: Horapolo, *Hieroglyphics*, apêndice [Cory, 171]). 10.”... escrito em parte com caracteres desconhecidos, em parte pintado com figuras de animais, declarando de modo sucinto toda sentença, com altos e baixos, girando como uma roda, estranhos e impossíveis de ser lidos por pessoas profanas” (Apuleio, *O asno de ouro* c. 48 [Adlington]).

11. Sabemos de outro homem, Theodoras, que tentou caçar de um hierofante [dos mistérios gregos], perguntando-lhe: “Explique-me, Eurykleides, quem são os ímpios aos olhos dos deuses?” Eurykleides respondeu: “Aqueles que expõem os segredos aos não iniciados”. Theodoras retrucou: “Você é um homem ímpio também, pois dá explicações a uma pessoa que não é iniciada”. Por esse sacrilégio, Theodoras só foi salvo de ser levado diante do Areópago por intervenção de Demétrio de Phaleron (Mylonas 1974, 225-6).

De acordo com Amphikrates (*Famous Men*), Teodoro foi condenado a beber cicuta (*ibid.*, n. 8). A história citada por Agrippa deve ser uma adaptação da mencionada.

12. Erênio, Orígenes e Plotino fizeram um pacto de não revelar nenhuma das doutrinas que Ammonius lhes havia passado. Plotino foi fiel e, em todos os seus relacionamentos com seus conhecidos, nada divulgou acerca do sistema de Ammonius. Mas o pacto foi quebrado, primeiro por Erênio e depois por Orígenes. O segundo, contudo, só registrou por escrito o tratado *Sobre os seres-espíritos* e, no reino de Galieno, o outro intitulado *O rei, o único criador*. Plotino ficou muito tempo sem nada escrever, mas começou a basear suas conferências no que havia aprendido em seus estudos com Ammonius (Porfírio, “On the Life of Plotinus and the Arrangement of His Work”, 3, tradução de Stephen Mackenna. Em *Plotinus: The Ethical Treatises* [Londres: Philip Lee Warner, 1917], 1:3-4).

Porfírio não associa a doença e a morte de Plotino à sua traição do pacto de silêncio. Agrippa deve ter consultado a versão mais colorida da morte de Plotino que aparece em Firmicus Maternus:

Primeiro seus membros ficaram enrijecidos e o sangue corria devagar até coagular. Pouco a pouco, os olhos foram ficando embaçados e a visão falhou. Logo depois, uma infecção maligna irrompeu por baixo de toda a pele. O sangue poluído bombeou-lhe os membros e todo o corpo. A cada hora e a cada dia, pequenas partes de seus órgãos internos se dissolviam e eram expelidas pela doença debilitante. Uma parte do corpo podia estar em boa condição em determinado momento, e dali a pouco era deformada pela doença infecciosa (*Ancient Astrology Theory and Practice (Matheseos libri VIII)* 1.7.20, tradução de Jean Rhys Bram [Park Bridge: NJ: Noyes Press, 1975], 23).

13. Mateus 13:10-4.

14. Mateus 7:6.

15. Salmos 119:11.

16. As doutrinas secretas eram transmitidas de forma oral, do mestre ao discípulo, literalmente sussurrada no ouvido. Quanto à Cabala, Christian Ginsburg diz:

É por isso que se chama *Kabbalah* (קבלה de קבל receber), denotando em primeiro lugar a *recepção* e depois *uma doutrina recebida por tradição oral*. A *Kabbalah* também é chamada por alguns de *Sabedoria Secreta* (הכמה סתרה), porque ela só era passada por meio de tradição pelos iniciados e indicada nas escrituras hebraicas por sinais que são ocultos e ininteligíveis para aqueles que não foram instruídos em seus mistérios (Ginsburg [1863-4], 1970, 86).

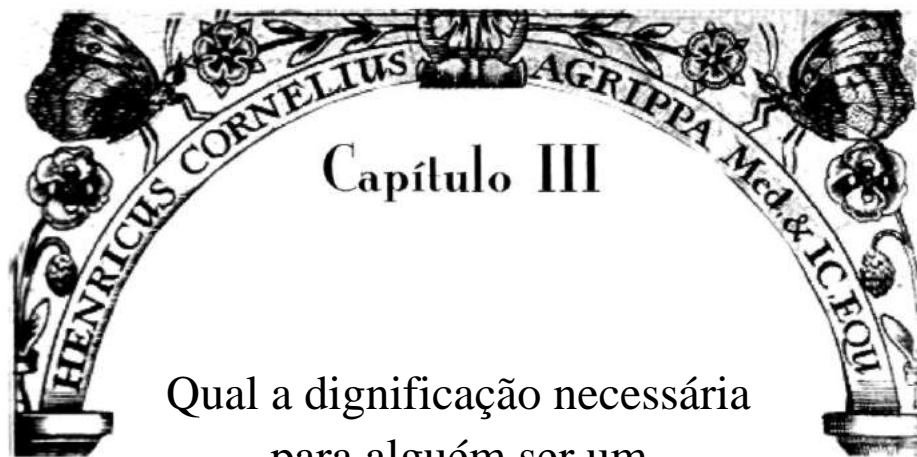
Falando do que ele chama de “períodos arcaicos da história do mundo”, Isaac Myer diz:

O professor e o pupilo tinham mais uma relação de pai e filho, mestre servo, como no caso hoje em dia entre o guru ou mestre brâmane e seu estudante. ... Assim, a tradição

oral em religião, filosofia, ciência e arte, o que era real, interior, inteligível ao intelecto, a espiritualidade do todo, era tudo ensinado e fielmente transmitido e preservado entre os iniciados e os trabalhadores intelectuais; e a todos os ignorantes e incultos, a espiritualidade superior permanecia inacessível e fechada (Myer [1888] 1974, 176-7).

17. Pseudo-Dionísio, autor de *Sobre a hierarquia celestial*.

18. Como se supunha que o Pseudo-Dionísio fosse discípulo de Paulo (Atos 17:34), o Timóteo mencionado devia ser o companheiro do apóstolo citado na Primeira e na Segunda Epístolas de Paulo a Timóteo.



Qual a dignificação necessária para alguém ser um verdadeiro mago e operador de milagres



erto do início do primeiro livro desta obra, nós falamos qual tipo de pessoa deve ser um mago;¹ mas agora declaramos um modo secreto e místico, necessário para todo aquele que deseja praticar essa arte, que é ao mesmo tempo o começo, a perfeição e a chave de todas as operações mágicas, e ainda a dignificação² dos homens a essa virtude e poder tão sublimes; pois essa faculdade requer de um homem uma dignificação maravilhosa, uma vez que a compreensão, que é em nós a maior faculdade da alma, é a única verdadeira operadora de milagres e a qual, se sobrecarregada de excessos com a carne e ocupada com a alma sensível do corpo, não é digna do comando de substâncias divinas; assim, muitos perseguem³ essa arte em vão. É, portanto, mister que aqueles dentre nós que se empenham em alcançar tão grande altura meditem de modo especial em duas coisas: a primeira, como deixar as afeições carnisais, o fraco sentido e as paixões materiais;

a segunda, como e por qual meio nós podemos ascender a um intelecto puro e imbuído dos poderes dos deuses, sem os quais jamais teremos a felicidade de ascender ao escrutínio das coisas secretas e ao poder das operações maravilhosas, ou milagres; pois é nisso que consiste a dignificação, que a natureza, o merecimento e uma certa arte religiosa compõem.

A dignidade natural é a melhor disposição do corpo e de seus órgãos, não obscurecendo a alma com a grosseria, sendo desprovida de toda intemperança e procedendo da situação, do movimento, da luz e da influência dos corpos celestes e espíritos que são familiarizados com as gerações de todos, bem como aqueles cuja nona casa é favorecida por Saturno, Sol e Mercúrio; também Marte na nona casa comanda os espíritos; mas essas coisas foram fartamente abordadas no livro dos astros. Aquele, porém, que não é assim por natureza precisa compensar tal defeito com a educação e o uso mais ordeiro e próspero das coisas naturais até que se torne

completo em todas as perfeições intrínsecas e extrínsecas.

Por isso tanta atenção é dada na Lei de *Moisés* ao sacerdote,⁴ para que este não se deixe poluir por uma carcaça morta, ou por mulher viúva ou menstruada, para permanecer livre de lepra, fluxo de sangue, erupção,⁵ e seja perfeito em todos os seus membros, não cego nem coxo, nem corcunda, e com um nariz bem proporcionado. E *Apuleio* dizia em sua *Apologia*⁶ que o jovem a ser iniciado em adivinhação por encantamentos mágicos⁷ deveria ser escolhido entre os sãos, com boa saúde, e ser engenhoso, bem posicionado, eloquente na fala, para que nele o poder divino possa se familiarizar como nas boas casas; e para que a mente do jovem, tendo rapidamente adquirido experiência, possa ser restaurada à infinidade.

Mas a dignidade meritória é aperfeiçoada por duas coisas, a saber: aprendizado e prática. A finalidade do aprendizado é conhecer a verdade; é imprescindível, portanto, como falamos no início do primeiro livro, que ele aprenda e se torne habilidoso nessas faculdades, estando, por fim, após todos os impedimentos removidos, plenamente apto para aplicar à alma a contemplação e a se converter a si mesmo.⁸ Pois existem em nosso eu a apreensão e o poder de todas as coisas; mas nós somos proibidos, pouco usufruindo de tais coisas, por paixões contrárias desde o nosso nascimento e por vãs imaginações e imoderadas afeições, as quais, sendo expulsas, abrem o caminho para a entrada do divino conhecimento e poder. Mas a operação religiosa não é menos eficaz por si só, dando-nos

poder suficiente para obter essa virtude deificadora, tão grande é a virtude dos deveres sagrados devidamente exibidos e realizados que, embora talvez não sejam compreendidos, apesar de observados com devoção e atenção, e acreditados com uma fé firme, não são menos eficazes para nos investir de um poder divino.⁹

Mas a dignidade que é adquirida pela arte da religião é aperfeiçoada por determinadas cerimônias religiosas, expiações, consagrações e ritos sagrados, que procedem daquele cujo espírito foi consagrado pela religião pública e que tem o poder da imposição das mãos e de iniciar com o poder sacramental,¹⁰ pelo qual o caráter da divina virtude e poder é em nós impingido, o qual chamamos de consentimento divino, e pelo qual um homem sustentado com a natureza divina e tornado companheiro dos anjos carrega consigo o poder importado de Deus; e esse rito é mencionado nos mistérios eclesiásticos.

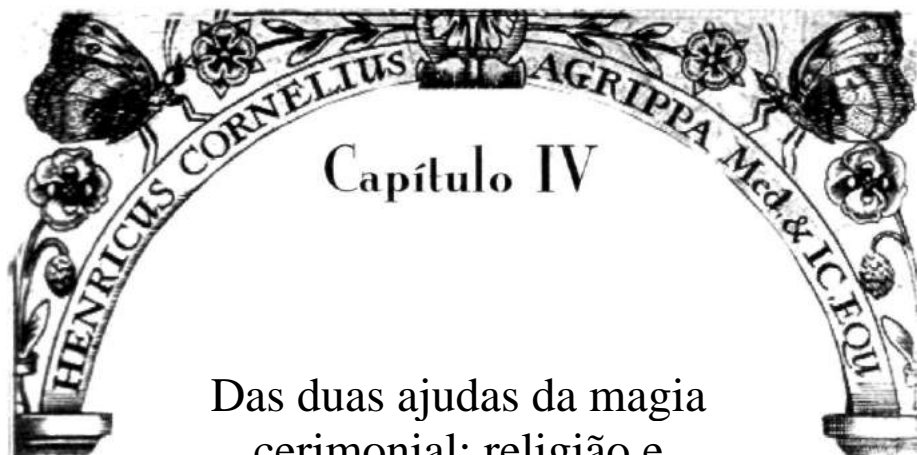
Se, portanto, você quiser ser um homem perfeito na sagrada compreensão da religião, meditar nela com devoção e constância, acreditar sem duvidar e for o tipo de indivíduo ao qual a autoridade dos ritos sagrados e da natureza conferiu dignidade acima dos outros, e que os poderes divinos não desprezam, então, por meio da oração, da consagração, do sacrifício e da invocação, você será capaz de atrair poderes espirituais e celestiais e impingi-los no que quiser, vivificando assim todo trabalho de magia; mas aquele que, sem a autoridade de tal ofício, sem o mérito da santidade e do aprendizado, fora da dignidade da natureza e da educação, tiver a pretensão de realizar qualquer

intento mágico, trabalhará em vão e perigo de incorrer no desagrado dos enganará tanto a si mesmo quanto poderes divinos. aqueles que nele acreditam, além do

Notas - Capítulo III

1. Ver cap. II, l. I.
2. A palavra é usada no sentido de purificar e exaltar, com alusão à dignificação astrológica de um planeta, na qual o poder funcional de um planeta é aumentado por sua posição ou seus aspectos.
3. Tentam obter ou provocar.
4. Levítico 21. Ver também 15:19 e 22:2-8.
5. Ruptura ou hérnia. Ver Levítico 21:20. Talvez hérnia inguinal.
6. *Apologia*, também conhecida como *De magia liber*, a defesa contra uma acusação de feitiçaria, apresentada por Apuleio em Sabrata, em 173 d.C., diante de Cláudio Máximo, procônsul da África. Ainda existente.
7. Ver nota no capítulo “De Goetia e Necromancia”, que Freake adicionou ao texto. Forma o capítulo 45 de *De incertitudine et vanitate scientiarum*, de Agrippa.
8. Voltar-se para dentro de si.
9. Esse é um ponto importante. A ação do ritual é até certo ponto automática; não precisa ser compreendida como algo que cause um efeito sobre o praticante.
10. A iniciação mágica é específica e concreta, com o intuito de realizar alguma mudança. O melhor exemplo disso se encontra no *angkur* tibetano:

A principal ideia que associamos à iniciação é a revelação de uma doutrina secreta, a admissão do conhecimento de certos mistérios, enquanto o *angkur* é, acima de tudo, a transmissão de um poder, uma força, por meio de um processo psíquico. O objetivo é comunicar ao iniciado a capacidade de realizar algum ato específico ou de praticar certos exercícios que levam ao desenvolvimento de várias faculdades físicas ou intelectuais (David-Neel [1931] 1959, 43).



Das duas ajudas da magia cerimonial: religião e superstição



há duas coisas que regem todas as operações da magia cerimonial: religião e superstição. Essa religião é uma contemplação contínua das coisas divinas e, por meio de boas obras, uma unificação do indivíduo com Deus e com os poderes divinos pela qual, em uma família reverente, um serviço e uma santificação de culto dignos de tais poderes são realizados, e também as cerimônias de culto divino, devidamente praticadas; religião, portanto, é uma certa disciplina de coisas sagradas externas e cerimônias pelas quais, por meio de certos sinais, nós somos alertados quanto a coisas internas e espirituais, disciplina esta tão profundamente implantada em nós pela natureza que divergimos das outras criaturas mais por isso que pela racionalidade.¹

Assim, aquele que negligencia a religião (como já mencionamos antes) e só confia na força das coisas naturais, com frequência é enganado por espíritos malignos; por isso, aqueles que possuem instruções mais religiosas e sagradas não plantam árvores

nem videira, nem se dedicam a qualquer trabalho comum sem a menor invocação divina, como o Doutor das Nações ordena em Colossenses,² dizendo que todo ato nosso ou palavra deve ser em nome do Senhor *Jesus* Cristo, a ele dando graças e a Deus seu Pai.

Portanto, sobrepor os poderes da religião às virtudes físicas e matemáticas está tão longe de ser uma falta que não fazer isso é um pecado odioso: nesse sentido, no *Libro Senatorum* diz o rabino *Henina* que aquele se apodera de qualquer criatura sem a bênção divina é visto por Deus e pela Igreja como um usurpador e ladrão, a respeito do qual escreve *Salomão*: aquele que tomar qualquer coisa por violência de pai ou mãe é um destruidor;³ mas Deus é nosso Pai e a Igreja é nossa Mãe, como está escrito, e por acaso não é o seu pai que o possui?⁴ E em outra fonte, filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe.⁵

Nada desagrada mais a Deus que ser negligenciado e desprezado; nada o agrada mais que ser reconhecido e adorado. Por isso, ele não permite a nenhuma criatura do mundo que seja

sem religião. Todos os seres adoram a Deus, rezam (como dizia *Proclo*), fazem hinos aos líderes de suas ordens; algumas coisas, porém, são verdadeiramente feitas de uma maneira natural, outras de uma maneira sensível; outras, racional; e outras, intelectual; e todas as coisas, à sua própria maneira, de acordo com o Cântico das Três Crianças,⁶ bendizem ao Senhor: mas os ritos e as cerimônias de religião, com respeito à diversidade das épocas e lugares, variam.

Toda religião tem algo de bom, porque é dirigida a Deus, seu criador: e embora Deus só permita a religião cristã, outros cultos a ele dirigidos não são por ele rejeitados e não deixam as pessoas sem recompensa, quando não eterna, ao menos temporária, ou no mínimo com um castigo menor; entretanto, ele detesta, esbraveja contra e destrói os indivíduos profanos e totalmente irreligiosos, pois são seus inimigos, sua impiedade é maior que a dos outros que seguem uma religião falsa e errônea; pois não há uma religião tão errônea (dizia *Lactantius*) que não tenha um pouco de sabedoria, por meio do que possam receber o perdão aqueles que seguem o principal dever do homem, se não em ato, pelo menos em palavra. Nenhum homem, porém, alcança a verdadeira religião a menos que a aprenda de Deus.

Todo culto, portanto, que é diferente da verdadeira religião, é superstição. Do mesmo modo também o é tudo aquilo que promove culto divino a quem não deveria ou de uma maneira errada. Devemos, assim, tomar particular cuidado para não nos tornarmos em momento algum invejosos do Deus Todo-poderoso e de

Seus sagrados poderes; pois tal atitude não só seria ímpia como também, em um ato indigno dos filósofos; a superstição, portanto, embora muito diferente da verdadeira religião, não é totalmente rejeitada e, em muitas coisas, é até tolerada e observada pelos principais líderes da religião.

Mas chamo especialmente de superstição aquilo que tem uma certa semelhança com a religião, imitando tudo o que existe na religião, tal como milagres, sacramentos, ritos, observâncias e coisas assim, das quais o poder que obtém não é pouco, como não é pouco a força obtida pela credulidade do operador; pois o quanto uma credulidade constante é capaz de fazer já falamos no primeiro livro, e é algo de pronto conhecido ao vulgar. Portanto, a superstição requer credulidade, assim como a religião necessita de fé, uma vez que a credulidade constante pode realizar grandes coisas, como até milagres em opiniões e falsas operações.

Assim, aquele que acredita piamente em sua religião, ainda que falsa, e eleva seu espírito por meio de sua credulidade até ser recebido por aqueles espíritos que são os principais líderes de tal religião, pode realizar aquelas coisas que a natureza e a razão não discernem; mas a incredulidade e a desconfiança enfraquecem todo trabalho não apenas em superstição, mas também na verdadeira religião, e comprometem o efeito desejado até mesmo dos mais fortes experimentos.

Como a superstição imita a religião, estes exemplos esclarecem: quando, por exemplo, vermes e gafanhotos são excomungados para não mais danificarem as frutas; quando

sinos e imagens são batizados, e coisas assim.

Mas como os velhos magos e aqueles que foram os autores dessa arte entre os antigos eram caldeus, egípcios, assírios, persas e árabes, todos cuja religião era idolatria perversa e poluída, nós precisamos tomar muito cuidado para não aceitar o erro deles, que é a guerra contra a religião católica, pois isso é blasfêmia e passível de maldição.⁷

E eu também seria blasfemo se não alertasse o leitor de todas essas coisas, nessa ciência; sempre, enfim, que você encontrar essas coisas por nós escritas, saiba que não são apenas relatadas por outros autores nem

registradas por nós para mostrar a verdade, mas também para uma possível conjectura que se alia à verdade e uma instrução para imitação das coisas que são verdadeiras.⁸

Devemos, então, dos erros deles, depurar a verdade, um trabalho que requer profunda compreensão, perfeita piedade e dolorosa e laboriosa diligência, além de sabedoria para extrair o bem de qualquer mal e aproveitar as coisas oblíquas para o uso correto daquelas coisas assim governadas, como o exemplo dado por *Agostinho* de um carpinteiro para quem as coisas oblíquas e complicadas são tão necessárias e convenientes quanto as coisas retas.

Notas - Capítulo IV

1. Portanto, o maior bem do homem só se encontra na religião; pois as outras coisas, mesmo aquelas que seriam peculiares do homem, são encontradas também nos outros animais. Pois, quando eles discernem e distinguem suas vozes próprias por meio de marcas específicas entre si, parecem então conversar; também parecem ter um tipo de sorriso, quando, com as orelhas soltas e a boca contraída, e com os olhos relaxados como para brincar, eles pulam sobre o homem ou sobre seus companheiros e filhotes. Por acaso não oferecem eles uma espécie de cumprimento que se assemelha ao amor natural e à indulgência? E, ainda, aquelas criaturas que consideram o futuro e cuidam da própria alimentação certamente têm visão. Também se veem indícios de razão em muitos desses animais. (...) É, portanto, incerto se aquelas coisas que são dadas ao homem são também comuns entre outros seres vivos: e com certeza eles não têm religião. Julgo, de fato, que a razão é dada a todos os animais, mas às criaturas mudas somente para proteção da vida e ao homem para o seu prolongamento. E como a razão em si é perfeita no homem, ela se chama sabedoria, que diferencia o homem nesse aspecto, uma vez que só ele é capaz de compreender as coisas divinas (Lactantius, *Divine Institutions* 3.10 [Ante-Nicene Christian Library 21:158]).

2. Colossenses 3:17. O Doutor das Nações é Paulo.

3. Provérbios 28:24.

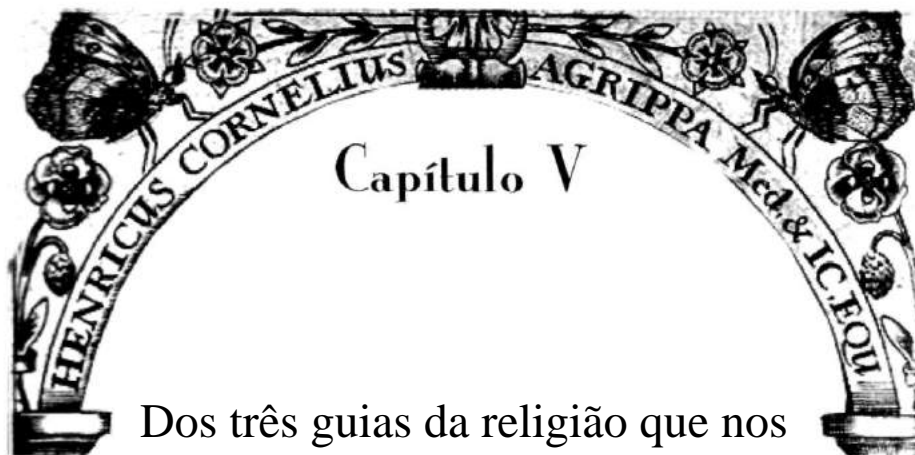
4. Deuteronômio 32:6.

5. Provérbios 1: 8.

6. O cântico apócrifo das Três Crianças 29-68.

7. Deus amaldiçoou o homem no Jardim do Éden, porque Adão comeu a maçã (Gênesis 3:17). Cristo assumiu para si essa maldição quando foi crucificado e redimiu aqueles que o seguiam (Gálatas 3:13), mas não o restante da humanidade (Mateus 25:41). Portanto, um cristão dissidente reassume o manto do pecado original.

8. Esse parágrafo foi incluído para rechaçar os ataques que Agrippa sabia que seriam lançados contra ele por seus críticos ortodoxos.



Dos três guias da religião que nos conduzem ao caminho da verdade



há três guias que nos conduzem pelos caminhos da verdade e que governam toda a nossa religião, a saber: amor, esperança e fé.

desde a primeira luz, e é a mais próxima dela, além de ser muito mais nobre e excelente que as artes, ciências e crenças que advêm de coisas inferiores; em nosso intelecto ela é lançada por reflexão desde a primeira luz.

Pois o amor é carruagem da alma, a mais excelente de todas as coisas, que desce desde as inteligências do alto até as coisas mais inferiores. Ele congrega e converte nossa mente na beleza divina, também nos preserva em todas as nossas obras, dando-nos eventos de acordo com os nossos desejos, administrando poder às súplicas, como lemos em *Homero*: *Apolo* ouviu as preces de *Chryson* porque era um grande amigo dele;¹ e também se lê sobre *Maria Madalena* no Evangelho, a qual teve muitos pecados perdoados porque ela amou demais.²

Já a esperança, apegando-se com determinação às coisas desejadas, com certeza e sem hesitar, alimenta a mente e a aperfeiçoa.

A fé, por sua vez, que é a virtude superior, não se fundamenta nas ficções humanas, mas apenas nas revelações divinas e permeia todas as coisas em todo o mundo, pois desce

Para concluir, pela fé, o homem se torna semelhante aos poderes superiores e desfruta o mesmo poder que eles: nesse sentido, diz *Proclo*, assim como a crença que é uma credulidade que está abaixo da ciência, a crença que é a fé verdadeira se encontra substancialmente acima de toda ciência e compreensão, aproximando-nos imediatamente de Deus; pois a fé é a raiz de todos os milagres e só por meio dela (segundo os platônicos) é que nós nos aproximamos de Deus e obtemos divino poder e proteção.

Assim, lemos que Daniel escapou da boca dos leões porque acreditou em seu Deus.³ À mulher que sofria de hemorragia, Cristo disse: tua fé te curou;⁴ e ao cego que desejava ver, ele perguntou, crês tu que posso te abrir os olhos?⁵ *Palas* em *Homero* conforta *Aquiles* com estas palavras: vim para acalmar sua ira, se você acreditar.⁶

Por isso, *Lino*, o poeta,⁷ canta que todas as coisas devem ser acreditadas, porque todas as coisas são fáceis para Deus; para ele nada é impossível, portanto nada é incrível; se acreditarmos, portanto, naquelas coisas que pertencem à religião, delas obteremos a virtude; mas quando titubeamos em nossa fé, nada faremos digno de admiração, mas sim de punição, como neste exemplo em Lucas:⁸ quando alguns ju-

deus errantes, exorcistas, estavam expulsando espíritos malignos em nome do Senhor *Jesus*, dizendo que os adjuravam por *Jesus* de que *Paulo* pregava; e os espíritos malignos respondiam, dizendo: *Jesus* eu conheço, *Paulo* eu conheço, mas tu quem és? E o homem que estava dominado pelo espírito pulou para cima deles e os dominou, de modo que eles fugiram da casa nus e feridos.

Notas - Capítulo V

1. Crises, um sacerdote de Apolo, foi até Agamenon implorar pela libertação de sua filha, Criseis, a qual fora capturada pelos gregos e lhe dada de presente, mas ele recusou. Crises rogou vingança a seu Deus:

Então ele falou em oração, e Febo Apolo ouviu-o,
descendo pelos pináculos do Olimpo zangado no fundo da alma,
carregando nos ombros o arco e o coldre fechado;
as flechas ressoavam sobre os ombros do deus que andava furiosamente. Ele veio
como o cair da noite,
ajoelhou-se longe e do lado oposto dos navios e disparou uma flecha. Terrível foi o
estrondo por causa do arco de prata.
Primeiro ele foi atrás das mulas e os cães de caça ao redor, então atirou
uma flecha rasgante contra os homens e os acertou. As piras de cadáveres
queimavam em todo lugar incessantemente.
(Homero, *Iliada*, Canto I, Linhas 43-52 [Lattimore, 60])

2. Lucas 7:47 Pela tradição, a mulher que ungiu os pés de Cristo seria Maria Madalena. No entanto, o nome dela não é citado, e não há evidência da identidade dessa mulher.

3. Daniel 6:23.

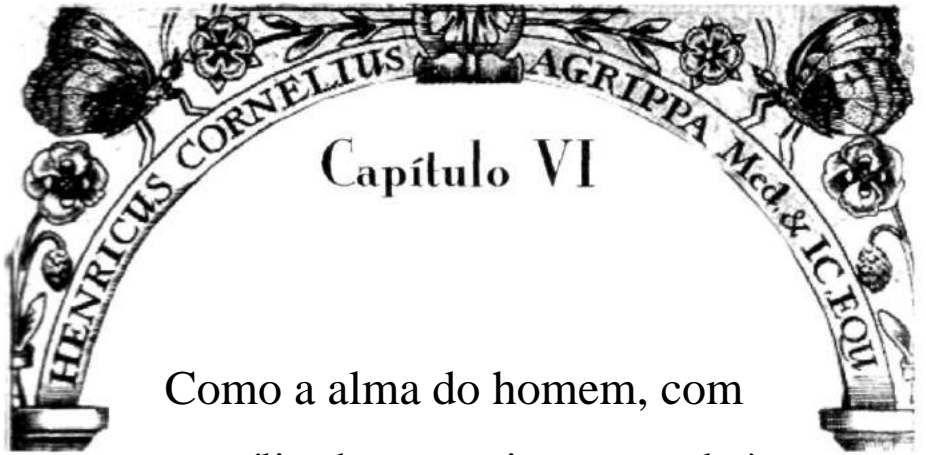
4. Mateus 9:22.

5. Mateus 9:28-9.

6. Jogado na correnteza de um rio, Aquiles é confortado pelos deuses Posêidon e Atenas: “Não tenha medo, filho de Peleus, nem fique ansioso,/nós, dois dos deuses, estamos ao seu lado para ajudá-lo./com o consentimento de Zeus, meu mesmo e de Palas Atena. ... Mas também alguns conselhos para lhe dar, se você acreditar em nós” (Homero, *Iliada* 21, linhas 288-93 [Lattimore, 426]).

7. Na época dos gramáticos de Alexandria, Lino foi considerado o autor das obras apócrifas que descreviam as aventuras de Dioniso. Ver sua nota bibliográfica.

8. Na verdade, nos Atos dos Apóstolos (19:13-6). Agrippa pode ter confundido esses versículos com Lucas 9:49.



Como a alma do homem, com
o auxílio desses guias, ascende à
natureza divina e se torna uma
realizadora de milagres



ossa mente, portanto, sendo pura e divina, inflamada de um amor religioso, adornada com esperança, dirigida pela fé, colocada à altura e no alto da alma humana, atrai a verdade e, de repente, a compreende, e vislumbra todas as estações,¹ bases, causas e ciências tanto das coisas naturais quanto das imortais na própria verdade divina, como se fosse uma espécie de vidro² da eternidade.

Assim, quando nós, embora naturais, conhecemos aquelas coisas que estão acima da natureza e compreendemos todas as coisas abaixo, como por meio de divinos oráculos, recebemos o conhecimento não só das coisas presentes, mas também das passadas e futuras e com muitos anos de antecedência; além disso, não apenas nas ciências, artes e oráculos a compreensão desafia³ a si mesma essa virtude divina, mas também recebe esse poder miraculoso em certas coisas pela ordem de mudança.⁴

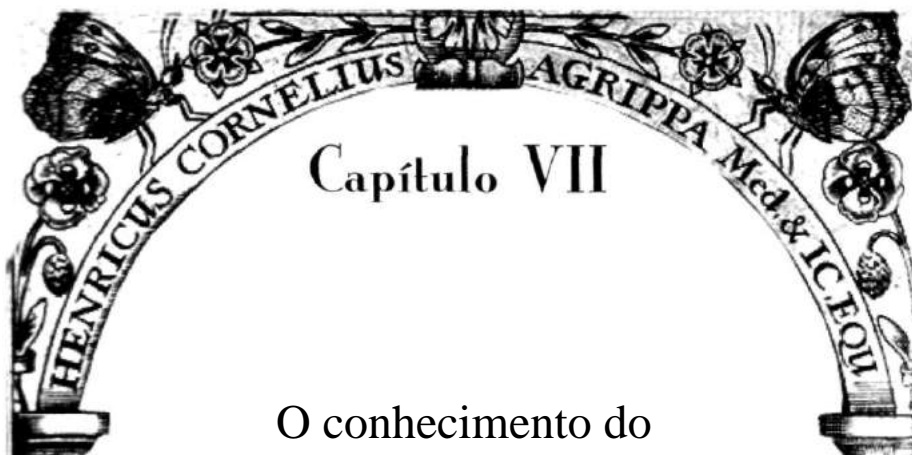
É por isso que, embora estejamos estruturados em um corpo natural, às vezes predominamos sobre a natureza e realizamos operações maravilhosas, súbitas e difíceis, como fazendo com que espíritos maus nos obedeçam, que os astros se desordenem, os poderes celestiais se mobilizem, os elementos a nós aquiesçam. De fato, os homens devotos e aqueles elevados por essas virtudes teológicas comandam os elementos, dissipam nevoeiros, levantam ventos, fazem chover, curam doenças e ressuscitam os mortos, e todas essas coisas já foram feitas nas mais diversas nações, segundo cantam e relatam os poetas e historiadores; e são de fato feitas, e todos os mais famosos filósofos e teólogos confirmam; nesse sentido, os profetas, apóstolos e outros eram famosos pelo maravilhoso poder de Deus.

Devemos saber, portanto, que, assim como pelo influxo do primeiro agente, às vezes algo se produz sem a cooperação das causas

intermediárias; pela obra apenas da perseverar no trabalho, será consumido religião, algo pode ser feito sem a pelo poder divino e não poderá viver aplicação das virtudes naturais e muito tempo; aquele, porém, que fizer celestiais; mas nenhum homem pode tal tentativa e não for purificado, trabalhar só pela religião pura, a menos acarretará para si o julgamento e será que se torne totalmente intelectual:⁵ mas entregue ao Espírito do Mal para ser aquele que, sem a mistura de outros devorado. poderes, trabalhar apenas com a religião e

Notas - Capítulo VI

1. Lugares, ou posições, talvez em alusão às estações da cruz, uma série de 14 posições, representando a paixão de Cristo, que eram usadas para exercícios de devoção.
2. Espelho.
3. Reivindica ou invoca.
4. Em outras palavras, a mente não só recebe compreensão, mas também o poder de agir e causar mudança.
5. Livre de apegos, no sentido budista; libertado não só dos desejos da carne, mas dos apegos emocionais e de todos os outros aspectos do carma (ação-reação).



O conhecimento do verdadeiro Deus é necessário para um mago; o que os antigos magos e filósofos pensavam acerca de Deus

Zma vez que a existência e a operação de todas as coisas dependem do Deus altíssimo, Criador de todas as coisas, a partir dele e também de outros poderes divinos, aos quais também é concedido o poder de fazer e criar não principalmente, mas instrumentalmente pela virtude da Causa Primeira (pois o início de tudo é a Causa Primeira, mas o que é produzido pelas segundas causas é muito mais produzido pela Primeira, que é a geradora das segundas causas, a que chamamos de deuses), é necessário, que todo mago conheça o verdadeiro Deus, que é a Causa Primeira, ou Primeira Causa, e Criador de todas as coisas; e também os outros deuses ou poderes divinos (que chamamos de segundas causas); e não ignore, com adoração, reverência, ritos sagrados confortáveis às condições de cada um, que eles devem ser venerados.

Aquele, enfim, que invoca os deuses e não lhes confere sua devida honraria nem lhes distribui o que lhes pertence por direito, não desfrutará a presença deles nem dos seus efeitos. Na harmonia, por exemplo, se uma corda se parte, toda a música é prejudicada e, às vezes incorre no perigo da punição, como se lê acerca dos assírios instalados na Samaria,¹ os quais, porque não conheciam os costumes do deus da região, o Senhor mandou leões até eles para os destruírem, pois eram ignorantes dos direitos do deus da região.

Vejamos, agora, o que os antigos magos e filósofos pensavam a respeito de Deus. Lemos que *Nicocreonte*, um tirano de Chipre, perguntou ao oráculo de Serápis² quem era o maior de todos os deuses, e este lhe; respondeu que o maior deus deveria ser aquele cuja cabeça estava nos céus; os mares, em sua barriga; a Terra, em seus pés, os ouvidos se encontravam no céu e seus olhos eram a luz do

glorioso Sol. Em termos não muito diferentes, *Orfeu* canta³ nestes versos:

O céu é o palácio real de Júpiter, ele é rei,

Fonte, virtude e Deus de tudo; Ele é onipotente, e em seu seio Terra, água, fogo e ar repousam. Tanto a noite quanto o dia, a verdadeira sabedoria com doce amor, Estão contidos no vasto corpo de Júpiter.

Seu pescoço e sua gloriosa cabeça, se pudéssemos ver, Contemplam os céus no alto, e, em majestade;

Os gloriosos raios das estrelas representam

Seus cachos dourados e o adorno de sua cabeça.

E em outro ponto:⁴

O brilhante Febo e a Lua são os dois olhos

Desse grande Júpiter, pelos quais ele tudo vê;

Sua cabeça prediz tudo e se encontra no céu,

De onde nenhum som é sussurrado em segredo.

Tudo ele permeia; seu corpo se estende pela vastidão,

Não conhece fronteiras nem fins.

O ar espaçoso é a sua respiração, suas asas, o vento,

Pelo qual ele voa mais rápido que a mente.

Seu ventre é nossa mãe Terra, que se infla

Em enormes montanhas, as quais o oceano enche

E circunda; seus pés são as rochas e pedras

Que deste globo constituem as fundações.

Esse Júpiter, sob a terra, oculta todas as coisas, E das profundezas as traz para a luz.

Portanto, eles acreditavam que o mundo inteiro era *Júpiter*,⁵ e que ele havia produzido a Alma deste mundo, que contém o mundo em si. *Sófocles*, aliás, dizia que na verdade só há um Deus, que fez este céu e esta espaçosa Terra; e *Eurípides* dizia: contempla o Altíssimo, que tudo abraça com seus braços o imensurável céu e a Terra; acredita que ele é Júpiter, considera-o Deus. E *Ênio*, o poeta, canta:

Contempla essa sublime luz reluzente, a que todos chamam de Júpiter.

Portanto, o mundo inteiro é *Júpiter*, como dizia *Porfírio*, uma criatura feita de todas as criaturas, e um Deus constituído de todos os deuses; mas *Júpiter* é, pelo que podemos compreender, a fonte da qual todas as coisas são produzidas, criando todas as coisas por sua sabedoria. E assim canta *Orfeu*, falando da santa Palavra:⁶

Existe um Deus, que criou todas as coisas,

Tudo preserva e, acima de tudo, se eleva.

Só por nossa mente é ele compreendido,

E aos pobres mortais nunca deseja o mal. E além dele não há outro.

E um pouco mais adiante:⁷

Ele próprio é o começo, o meio e o fim.

Como nos ensinaram os antigos profetas, aquele a quem Deus há muito tempo entregou as duas tábuas o

chamou no mesmo versículo de único grande Criador e imortal.

Também *Zoroastro* em sua História Sagrada⁸ dos persas define Deus nestes termos: ele é o primeiro de todas as coisas que não sofre degeneração nem corrupção, não gerado, que nunca morre, sem partes, e o mais semelhante a si mesmo, autor e promotor de todas as coisas boas, o pai de todos, generoso e sábio, a luz sagrada da justiça, a perfeição absoluta da natureza, dela seu criador e sua sabedoria.⁹

Apuleio também o descreve como um rei, a causa, a fundação e o princípio original de toda a natureza, o supremo gerador dos espíritos, eterno, o preservador de todos os seres

vivos, um pai sem propagação que não pode ser compreendido por tempo, lugar ou qualquer outra circunstância e, portanto, imaginável por uns, exprimível por ninguém.

Assim, *Eurípidés* dizia que o Deus supremo devia ser chamado de *Júpiter*, por cuja cabeça, segundo *Orfeu*, todas as coisas chegaram a esta existência, enquanto os outros poderes ele considerava subservientes, ou seja, sem Deus dele separado, os quais são chamados pelos filósofos de ministros ou anjos de Deus, inteligências separadas; assim, afirma-se que a veneração religiosa se deve somente a esse altíssimo *Júpiter* e a nenhum outro poder divino, a menos que em nome dele.

Notas - Capítulo VII

1. Ver II Reis 17:24-5.

2. A principal sede do culto ao deus Serápis (Osíris - Ápis) era Alexandria, no Egito, para onde a estátua original do deus fora trazida por Ptolomeu Soter e guardada no primeiro Serapeum (local onde Serápis era venerado). Nos tempos greco-romanos, os lugares de culto de Osíris (Serápis) totalizavam 42, um para cada nome do Egito, e o culto do deus se espalhou por todo o mundo antigo. O deus era servido por um sacerdócio de homens egípcios santos, ascetas, que provavelmente seguiam o regime da irmandade pitagórica - celibato, vegetarianismo, propriedade comum. Serápis falou a Ptolomeu pela primeira vez em um sonho, e Cícero menciona um oráculo onírico de Serápis: "Pode Esculápio, ou Serápis, por meio de um sonho, nos prescrever uma maneira de obter a cura para a má saúde?" (*De divinatione* 2.59 [Yonge, 252]).

3. Esse hino é apresentado por Thomas Taylor na dissertação introdutória, seção 2, de sua obra *Hymns of Orpheus*.

4. Ver nota anterior. Essa citação é do mesmo hino.

5. Proclo, em seu Comentário sobre Parmênides, de Platão (3.22), escreve:

Orfeu diz que, após devorar Phanes, Zeus gerou todas as coisas; pois todas as coisas foram manifestadas original e unificadamente no Primeiro e, em segundo lugar, em partes, no Demiurgo, a causa da Ordem Mundana. Pois nele, o Sol e a Lua, o próprio céu e os elementos, e o "amor onipresente", e todas as coisas, "foram geradas no ventre de Zeus".

E no Comentário sobre Crátilo, de Platão, ele diz:

Orfeu passa a tradição segundo a qual ele [Zeus] criou toda a criação celestial, e fez o Sol e a luz e todos os deuses das estrelas, e criou os elementos sob a lua (citado por Mead [1896] 1965, 133-4).

6. Ele é o Único, autocriado; e dele todas as coisas procedem,

E nelas ele exerce sua atividade;

Nenhum mortal o vê, mas ele vê todos (Taylor 1975, 166).

7. Zeus, o poderoso trovejante, é o primeiro; Zeus é o último;

Zeus é a cabeça, Zeus é o meio de todas as coisas;

De Zeus todas as coisas foram produzidas (*ibid.*). 8. Os livros sagrados de Zoroastro são coletados em Zend-Avesta ou, mais corretamente, Avesta, sendo Zend (interpretação) a tradução e o comentário que a acompanham. A história desses livros é muito longa e interessante. Pausanius a menciona quando descreve um sacerdote persa da Lídia:

Um mago entra na casa e faz uma pilha de madeira seca sobre o altar: primeiro, ele coloca uma coroa na cabeça e depois entoa o título a ser cultuado de algum deus em palavras bárbaras, incompreensível para os gregos, lendo em um pergaminho o que entoa; e é absolutamente certo que a madeira pega fogo, daí produzindo uma chama clara e forte (*Guide to Greece* 5.27.6 [Levi, 2:280]).

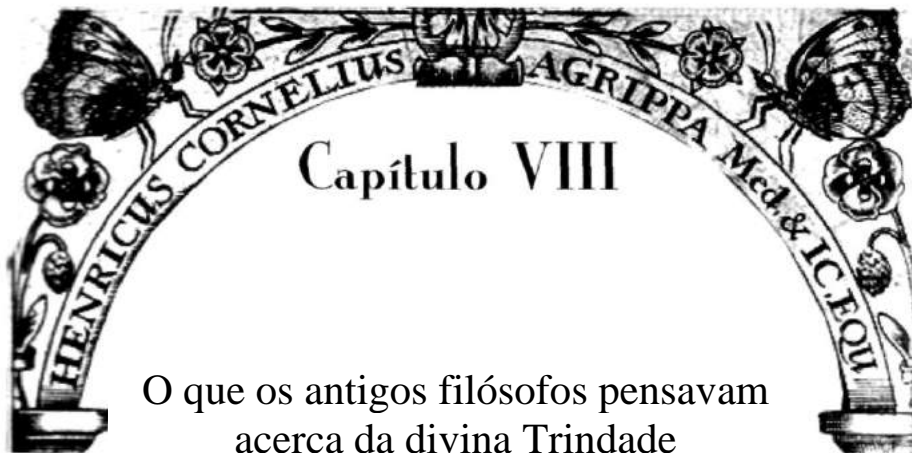
O historiador do século X, Masudi, descreve os livros:

Zartusht deu aos persas o livro chamado *Avesta*. Consistia em 21 partes, cada uma contendo 200 folhas. Esse livro, na escrita que Zartusht inventou e que os Magos chamavam de escrita da religião, foi escrito sobre 12 mil peles de vaca, amarradas com faixas douradas. A língua era o persa antigo, que hoje em dia ninguém compreende (*Encyclopaedia Britannica*, 11ª edição, 28:968).

O *Arda-Viraf-Nama* acusava Alexandre, o Grande, de ter queimado essas peles em Persépolis. 9. Mas Deus é Aquele que tem a cabeça do Falcão. É o primeiro, incorruptível, eterno, não gerado, indivisível, dissimilar, do qual procede todo o bem; indestrutível; o melhor de todos os bens, o mais sábio dos sábios; Ele é o Pai da Igualdade e da Justiça, autodidata, físico, perfeito e sábio - Ele que inspira a Sagrada Filosofia (Eusébio, *Praeparatio evangelica* 1.10. Em Wescott [1895] 1983, 33). A respeito desse Oráculo, comenta Westcott:

Esse Oráculo não aparece nas coletâneas antigas nem no grupo de oráculos citado pelos ocultistas medievais. Cory [Isaac Preston Cory, *Ancient Fragments*, Londres, 1828] parece ter sido o primeiro a descobri-lo nos volumosos escritos de Eusébio, que atribui a autoria ao Zoroastro persa, (*ibid.*)

Só posso pensar que a fonte é muito próxima da entoada pelo sacerdote persa mencionada na nota 8 deste capítulo.



O que os antigos filósofos pensavam acerca da divina Trindade



Agostinho e Porfírio testificam que os platônicos viam três pessoas em Deus:¹ o primeiro, o Pai do mundo; o segundo, o Filho e a Primeira Mente (e assim é chamado por *Macrobius*); e o terceiro, o Espírito ou a Alma do Mundo, que *Virgílio*, aliás, baseando-se na opinião de *Platão*, chamava de um espírito, quando canta:²

O espírito alimenta, a mente
Se difunde pelo Todo, em sua espécie
A matéria atua e agita.

*Plotino*³ e *Filo* afirmam que o Filho de Deus, ou seja, a Primeira Mente ou intelecto divino, flui a partir de Deus Pai como um palavra do orador ou como a luz da luz;⁴ por isso a mente é chamada ao mesmo tempo de Palavra e Fala, o esplendor de Deus Pai; pois a mente divina, por si, com um único e ininterrupto ato, compreende o bem maior sem a menor vicissitude ou conhecimento intermediário; Deus gera em si mesmo uma emanção e um Filho, que é a inteligência plena, imagem completa de si

mesmo e o padrão perfeito do mundo, que *João*⁵ e *Mercúrio*⁶ chamam Palavra ou Fala; *Platão*,⁷ de Filho de Deus Pai; *Orfeu*,⁸ de *Palas*, nascido do cérebro de *Júpiter*, ou seja, Sabedoria.

Essa é a imagem mais absoluta de Deus, o Pai, por uma certa relação, ou alguma coisa absoluta intrínseca, como se fora gerado e distinto do Pai, que diz em *Eclesiástico*:⁹ Eu saí da boca do Altíssimo, ele me criou desde o princípio. *Jamblicus* atesta que esse Filho é único e o mesmo que Deus, o Pai em essência, chamando de Deus tanto o Pai quanto o Filho.

Também *Mercúrio Trismegisto*, em *Asclépio*, menciona o Filho de Deus em diversos lugares, pois dizia: meu Deus e Pai gerou uma Mente, uma obra extraída de si. Em outro lugar: Unidade gera Unidade e reflete seu flagrante amor em si;¹⁰ e em *Pimander* (em que ele parece profetizar a aliança da graça que está por vir e do mistério da regeneração) diz que o autor da regeneração é o Filho de Deus,¹¹ o homem pela vontade do Deus único, e também que Deus é preenchido com a fertilidade dos dois sexos.¹²

De modo semelhante, os filósofos indianos afirmam que o mundo é um animal,¹³ em parte masculino, em parte feminino; e *Orfeu* também chama de natureza ou *Júpiter* deste mundo tanto seu aspecto masculino quanto o feminino¹⁴, e diz que os deuses têm ambos os sexos. Tanto que em seus Hinos ele louva *Minerva* nestes termos: és ao mesmo tempo homem e mulher;¹⁵ e *Apuleio*, em Livro do Mundo,¹⁶ da divindade de *Orfeu*, produz este verso de *Júpiter*.

Júpiter é macho e fêmea; é imortal.

E *Virgílio*, falando de *Vênus*, diz:

Eu desço, e Deus é meu guia.

E em outro ponto, discorrendo sobre *Juno* e *Alecto*, ele diz:

Deus não se absteve de ouvir sua prece.

E *Tibullus* canta:¹⁷

Eu que profano fui, a mim
São grandiosas as divindades de
Vênus.

E se afirma que o povo de *Cacenia*¹⁸ adorava o deus Lua.

Dessa inteligência completa de suprema fecundidade seu amor é produzido, unindo a inteligência à mente. E assim é a prole muito íntima do Pai que quaisquer outros pais e filhos. Esta é a terceira pessoa, isto é, o Espírito Santo. *Jamblicus* também atribui aos oráculos dos caldeus um poder paterno em Deus,¹⁹ e uma emanação do intelecto do Pai, e um amor incandescente que procede do Pai e Filho, sendo ambos Deus.

Lemos ainda em *Plutarco* que os gentios descreviam Deus como um espírito intelectual e incandescente, sem

forma, mas se transformando no que ele quiser, igualando-se a todas as coisas. E se lê em Deuteronômio,²⁰ nosso Deus é um fogo que consome; no mesmo sentido, também *Zoroastro* dizia que todas as coisas foram geradas somente do fogo;²¹ o mesmo afirmava *Heráclito*, o professor efésio. Para o erudito *Platão*, a moradia de Deus era o fogo,²² que compreendia assim o inefável esplendor de Deus no próprio Deus, e seu amor também por si mesmo.

Lemos em *Homero*²³ que os céus são o reino de *Júpiter*, quando ele canta:

Júpiter escurecendo as nuvens e reinando no céu.

E em outro ponto:²⁴

A morada de *Júpiter*, o céu, está no ar,
Lá ele se senta.

Segundo os gramáticos gregos, a palavra *éter* deriva de *aetho*, que significa queimar, *aer Spiritus quasi aethaer*, ou seja, um espírito que queima, ou espírito ardente.

E por isso *Orfeu* chama o céu de *Pyripnon*, isto é, um lugar que respira em fogo; portanto, o Pai, Filho e o Espírito animado, que também é ardente, são chamados pelos eruditos de três pessoas. *Orfeu*, aliás, invoca em suas adjurações estas palavras: Céu, eu te admiro, obra sábia do grande Deus; eu te adjuro, ó Palavra do Pai, que ele pronunciou pela primeira vez quando estabeleceu o mundo inteiro por sua sabedoria.²⁵

*Hesíodo*²⁶ também confessa as mesmas coisas sob os nomes de *Júpiter*, *Minerva* e *Bule*, em sua Teogonia, descrevendo nestes termos o duplo

nascimento de *Júpiter*, a primeira Filha, *Tritônia*, a dos olhos cinzentos, cujo poder era igual ao do Pai, e a prudente *Bule*,²⁷ ou Conselho, que nos versos supracitados Orfeu menciona no plural, por causa de sua emanção dupla, pois ele procedia tanto de *Júpiter* quanto de *Minerva*.

E até *Agostinho*, em seu quarto livro,²⁸ *De Civit Dei*, atesta que *Porfírio*, o platônico, via três pessoas em Deus; a primeira ele chama de o Pai do Universo; a segunda, de a Primeira Mente (e *Macrobius* o Filho); e a terceira, de a Alma do Mundo, que

Virgílio,¹⁹ na opinião de *Platão*, chama de espírito, dizendo:

O espírito interior mantém.

Portanto, é Deus, como afirma Paulo,³⁰ aquele de quem, em quem e por quem todas as coisas existem; pois assim como de uma fonte, do Pai fluem todas as coisas;³¹ mas como em um lago, no Filho são postas todas as coisas, como em suas Ideias; e pelo Espírito Santo todas as coisas são manifestadas e tudo é distribuído em seus devidos graus.

Notas - Capítulo VIII

1. Pois dissemos que há três princípios consequentes um ao outro; a saber: *pai, poder e intelecto paterno*. Mas na realidade esses não são três nem um e, ao mesmo tempo, três. Mas é necessário explicarmos estes por meio de nomes e conceitos dessa espécie, adaptando-os à sua natureza, ou pelo nosso desejo de expressar algo apropriado à ocasião. Pois, assim como denominamos essa tríade de *um, e muitos, e tudo, e pai*, poder e intelecto paterno, e ainda união, infinito e misto [segundo Platão] - do mesmo modo chamamos de *mônada*, e de *díade indefinida*, e de *tríade* [segundo Pitágoras] e uma natureza paterna composta de ambas (Damascio, citado por Mead [1896] 1965, 67).

Para um tratamento completo dessas três divisões de deidades, veja o texto no capítulo 5

2. “Primeiro o céu, e a terra, e as planícies aquosas, e a esfera brilhante do Sol, e a estrela de Titã, um Espírito alimenta por dentro; e uma Mente, imbuída por todos os membros, dá energia a toda a massa e se mistura com o poderoso corpo” (Virgílio, *Eneida* 6, c. linha 724 [Lonsdale & Lee, 174]).

3. Diante dessa imobilidade no Supremo, não pode ter assentido nem emitido decreto, tam pouco tendido à existência de um secundário. O que aconteceu, então? O que devemos conceber como tendo surgido em torno dessa imobilidade? Deve ter sido uma radiância circundante - produzida a partir do Supremo, mas em nada alterada do Supremo - e pode ser comparada à luz brilhante em volta do Sol e incessantemente gerada a partir da substância imutável (Plotino, *As Enéadas* 5.1.6. traduzida para o inglês por Stephen Mackenna [London e Boston: *The Medici Society*, 1926], 4:8).

O autor do princípio causativo, de mente divina, é para ele [Platão] o Bem, aquilo que transcende o Ser: com frequência ele usa também o termo “A Ideia” para indicar o Ser e a Mente Divina. Portanto, Platão conhece a ordem gerativa - do Bem, o Princípio Intelectual; do Princípio Intelectual, a Alma (*ibid.* 5.1.8 [Mackenna, 4:12]).

4. Nesse tema podemos citar o oráculo extraído de Proclo: “Quando a Mônada se estende, a Díade é gerada” (*Chaldean Oracles of Zoroaster* 26 [Westcott, 38]).

5. João 5:7.

6. “Pois eu considero impossível que aquele que é o criador do Universo em toda a sua grandeza, o Pai ou Mestre de todas as coisas, possa ser chamado por um único nome, sendo composto de tantos outros; creio que ele não tem nome, ou melhor, que todos os nomes se refiram a ele” (Asclépio 3.20a [Scott, 1:333]).

7. Talvez uma referência em uma de suas cartas: "... o deus que é o governante de todas as coisas presentes e futuras, e o pai legítimo do princípio ativo regulador..." (Platão, *Carta* 6.323d [Hamilton & Cairns, 1604]).

8. Da fonte do grande pai, supremamente brilhante, Como fogo ressoante, saltando para a luz ("Hymn to Minerva". Em Taylor 1875, 155).

Sobre Palas Atena, Proclo diz: "Orfeu diz que Zeus a gerou de sua cabeça - 'reluzindo em plena panóplia, um flor despuorada'" (*Commentary on the Timaeus* 1.51. Em Mead [1896] 1965, 143).

9. Livro apócrifo existente nas Bíblis católicas, mas não nas protestantes (24:3.9).

10. Não encontro correspondências a essas referências em *Asclépio* na tradução de Scott. Entretanto, acerca do mesmo tema, encontrei:

Quando o Mestre, o Criador de todas as coisas que nós costumamos chamar de Deus, fez aquele que era o segundo [Cosmos], um deus visível e sensível - e eu o chamo de "sensível" não porque ele percebe as coisas pelos sentidos... mas porque pode ser percebido pelo sentido e pela visão -, quando eu digo que Deus tinha assim agido, sua primeira e única criação, e quando viu que o ser que tinha feito era belo e repleto de todas as coisas boas, ele nele se regozizou, e o amou profundamente, como seu verdadeiro filho (*Asclépio* 1.8 [Scott, 1:299, 301]).

11. Tat: Diga-me isto: o que é o ministro pela qual a consumação do Renascimento se dá? Hermes: Um homem que é o filho de Deus, trabalhando subordinado à vontade de Deus.

Tat: E que tipo de homem surge por meio do Renascimento?

Hermes: O que nasce por meio desse nascimento é outro; é um deus, e filho de Deus. Ele é o Todo, e está em tudo; pois não tem parte alguma na substância corporal; tem parte da substância das coisas inteligíveis, sendo totalmente composto dos Poderes de Deus (*Corpus Hermeticum* 13.2 [Scott, 1:239, 241]).

12. Agrippa parece se referir a uma passagem em *Asclépio*: "Ele, cheio de toda a fecundidade dos dois sexos em um, e sempre repleto de sua própria divindade, incessantemente cria tudo o que deseja gerar; e tudo o que ele deseja é bom" (*Asclépio* 3.20b [Scott, 1:333]).

13. Platão também descreve o mundo como um animal:

Imaginemos o mundo como a própria imagem daquele todo do qual todos os outros animais, tanto individualmente quanto em suas colônias, são partes. Pois o Universo original contém em si todos os seres inteligíveis, assim como este mundo comporta a nós e todas as criaturas visíveis. Pois a divindade, desejando que este mundo fosse o mais belo e perfeito dos seres inteligíveis, criou um animal visível comportando em si todos os outros animais de uma natureza afim (*Timaeus* 30c-d [Hamilton & Cairns, 1163]).

Uma vez que o mundo é solitário, ele dá origem a todos os seres vivos por geração, então, deduz-se que ele deve ser bissexual.

14. "Pois Zeus era todas as coisas produzidas. Ele é macho e fêmea..." (Hino Órfico, no apêndice de Taylor, 1875, 166).

15. Deusa que porta escudo, ouça, aquela a quem pertence

Uma mente de homem, e o poder de domar os fortes! (*Hino órfico a Minerva* em Taylor 1875, 155).

16. *De mundo liber*, uma tradução da obra grega *Llêpi Koapoi*, que outrora fora erroneamente atribuída a Aristóteles.

17. "Terei ultrajado a divindade da grande Vênus com minhas palavras e sofrerei agora a pena por minha ímpia língua? Sou por acaso acusado de deflagrar as moradas dos deuses e rasgar as guirlandas de seus sagrados santuários?" (*Tibullus Elegies* 1.5., tradução para o inglês de Walter K. Kelly [Londres: George Bell and Sons, 1884], 119).

18. Na *Opera* latina, escreve-se Carenus. Não sei a que cidade se refere, mas pode ser Carana, na Armênia Magna (Erzurum, Turquia), ou Karanis, no Egito, que ficava bem a nordeste do lago Moeris; provavelmente é a segunda.

19. Deus costuma ser referido nos Oráculos caldeus de Zoroastro como Pai, Intelecto e Fogo, mas não há uma menção explícita do filho de Deus. Alguns dos títulos dados a Deus na tradução

dos Oráculos são: “Mente do Pai” (Westcott, 40), “Intelecto Paterno” (41), “Princípio Paterno” 35), “Pai dos Deuses e Homens” (37), “Fonte Paterna” (40), “Fogo brilhante” (37) e “um calor animando todas as coisas” (36). O fogo de Deus, também conhecido como “Lua gerada pelo Pai” (44), é associado ao fogo da alma: “O que primeiro surgiu da Mente, vestindo um Fogo com outro Fogo, unindo-os, para que ele pudesse misturar as crateras fontanis enquanto preservava o esplendor imaculado de Seu próprio Fogo” (Westcott, 37).

20. Na verdade, Hebreus 12:29. Agrippa deve ter confundido esse versículo com Deuteronômio 32:22.

21. “Todas as coisas surgiram daquele Fogo original” (Um oráculo registrado por Psellus. Em *Chaldean Oracles of Zoroaster* [Westcott, 36]).

22. “Dos [deuses] celestiais e divinos, ele criou a maior parte do fogo, que fossem as coisas mais brilhantes e claras para se olhar...” (Platão, *Timaeus* 40 a [Hamilton & Cairns, 1169])

23. Da prece a Agamenon: “Zeus, exalto e poderosíssimo, que mora no céu entre as escuras névoas...” (*Ilíada* 2, linha 412 [Lattimore, 87]).

24. Talvez “Zeus, filho de Cronos, que habita o alto dos céus...” (Homero, *Ilíada* 4, linha 166 Lattimore, 117]).

25. Não parece ser uma referência ao hino órfico “Ao Céu”.

26. “Primeiro uma menina, Tritogeneia, a dos olhos cinzas./Igual em espírito e inteligência/A Zeus seu pai...” (*Teogonia* c. linha 896 [Wender, 52]).

27. Atena era chamada de *Boulaia* (deusa conselheira). O termo grego Βουλαιῶδ significa “do ou no conselho”.

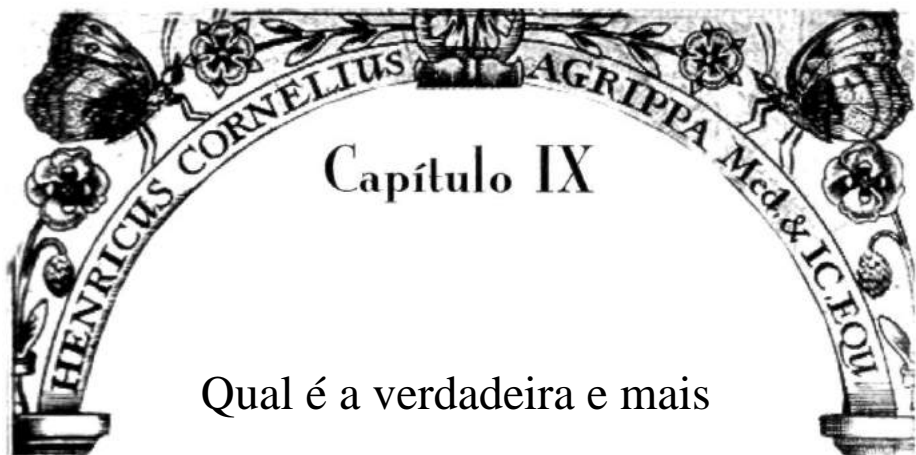
28. Na verdade, o décimo livro:

Pois ele [Porfírio] fala de Deus Pai e de Deus Filho, chamado pelos gregos de intelecto do Pai, mas do Espírito nenhuma palavra é dita, pelo menos não de forma clara, embora a que ele se refira, quando menciona um meio entre os dois, eu não compreenda. Pois se seguisse Plotino em seu discurso das três essências primas (*Enéada* 5, tratado 1), e considerasse a terceira pessoa a natureza da alma, ele não a citaria como meio entre o Pai e o Filho. Pois Plotino a cita como sendo depois do intelecto do Pai; mas Porfírio, designando-a como meio, a interpõe entre as duas pessoas (Agostinho, *Cidade de Deus* 10.23 [Healey, 1:296]).

29. Ver nota 2 deste capítulo.

30. Romanos 11:36.

31. A metáfora da fonte aparece numerosas vezes nos Oráculos caldeus: “A mente do Pai girava e girava, emitindo como que um trovão ecoante, compreendendo pela Vontade invencível as Ideias omniformes que voavam aos borbotões da fonte; pois o Pai vivo era a Vontade e o Fim” (*Chaldean Oracles of Zoroaster* 39 [Westcott, 40]).



Qual é a verdadeira e mais ortodoxa fé a respeito de Deus e da Santíssima Trindade



s doutores católicos e o povo fiel de Deus decretaram que devemos acreditar e professar que só existe um único Deus verdadeiro, incriado,¹ infinito, onipotente, eterno, Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas, coeternas e iguais, da mais simples essência, substância e natureza. Esta é a fé católica, esta é a religião ortodoxa, esta é a verdade cristã: que nós adoramos um Deus em trindade, e trindade em unidade, não confundindo as pessoas e não dividindo a substância.²

O Pai gerou o Filho a partir de toda a eternidade e lhe deu sua substância e, no entanto, a conservou em si. O Filho também, sendo gerado, recebeu a substância do Pai, mas não assumiu a pessoa apropriada do Pai; pois o Pai não a trasladou ao Filho; pois são ambos da única e mesma substância, embora de pessoas diferentes. Esse filho também, embora coeterno com o Pai, gerado da substância do Pai antes do mundo, também nasceu no mundo a partir da

substância de uma virgem, e seu nome foi *Jesus*, Deus perfeito, de uma alma razoável e carne humana, que em todas as coisas foi homem, exceto no pecado.

Por isso é necessário que acreditemos que nosso Senhor *Jesus* Cristo, o Filho de Deus, é Deus e homem, uma pessoa, duas naturezas; Deus gerado antes do mundo sem uma mãe, de uma virgem pura, antes e depois de seu nascimento; ele sofreu na cruz e morreu, mas na cruz restaurou a vida e destruiu a morte com sua morte; foi sepultado e desceu ao Inferno, mas libertou do Inferno as almas dos Pais, e ressuscitou por seu próprio poder; no terceiro dia subiu aos céus e enviou seu espírito consolador, e virá para julgar os vivos e os mortos; e quando ele vier, todos os homens ressuscitarão em carne e prestarão contas de suas obras.

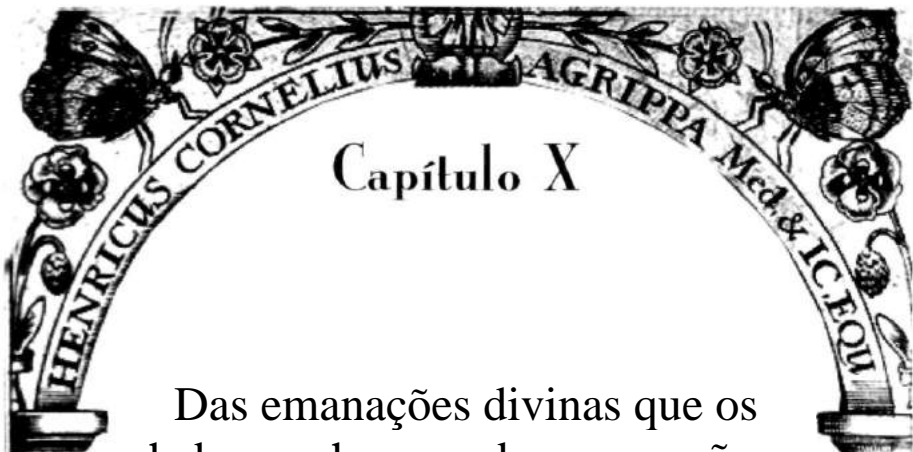
Essa é a fé verdadeira, da qual, se qualquer homem duvidar, e não acreditar com firmeza, estará longe da esperança da vida eterna e salvação.³

Notas - Capítulo IX

1. Não criado.

2. Os filósofos falam com liberdade, nunca temendo ofender os ouvidos religiosos naqueles mistérios incompreensíveis; mas nós devemos medir nossas palavras, para não cometermos o erro ímpio com nossa liberdade de expressão acerca de tais assuntos. Portanto, quando falamos de Deus, não falamos de dois princípios nem de três, assim como dizemos que há dois deuses ou três, embora quando falamos do Pai, do Filho e do Espírito Santo, digamos que cada um deles é Deus. Tampouco dizemos, como os hereges sabelianos, que Ele que é o Pai é o Filho, e Ele que é o Espírito Santo é o Pai e o Filho, mas o Pai é o Pai do Filho, e o Filho, o Filho do Pai, e o Espírito Santo é tanto do Pai quanto do Filho, mas não é o Pai nem o Filho (Agostinho, *Cidade de Deus* 10.23 [Healey, 1:296]).

3. Detecta-se nessa recitação árida dos pontos da ortodoxia uma ironia velada por parte de Agrippa. Ele precisava fazer tais afirmações para garantir a sobrevivência de seu livro. No clima de sua época, os homens tinham medo não só de escrever, mas também de pensar livremente.



Das emanações divinas que os hebreus chamam de numerações, outros de atributos; os deuses e as divindades dos gentios; e as dez Sephirot e os dez nomes mais sagrados de Deus que os governam e sua interpretação



próprio Deus, embora seja Trindade em pessoas, é apenas uma única e simples essência; mesmo assim, não duvidamos de que nele existam muitos poderes divinos, que dele emanam como raios,¹ e que os filósofos dos gentios chamam de deuses; os mestres hebreus, de numerações; e nós, de atributos.

Como sabedoria que *Orfeu* chama de *Palas*; compreensão, de *Mercúrio*; o conceito de forma, *Saturno*; o poder protetor, *Netuno*; a natureza secreta das coisas, *Juno*; o amor, *Vênus*; a vida pura, *Sol* ou *Apolo*. A matéria do mundo inteiro, ele chama de *Pã*; a Alma, que gera as coisas abaixo, contempla as coisas acima e se retrai em si própria, ele homenageia com três nomes: *Maris*, *Netuno* e *Oceano*, e mais do mesmo tipo, que ele canta:

Plutão e Júpiter e Febo, são um: Mas por que falamos de dois? Deus é apenas um.

E no mesmo sentido Valério Sarano canta:

Júpiter onipotente, o deus e rei dos reis,

O pai dos deuses, um, e, no entanto, todas as coisas.

Portanto, os mais prudentes teólogos dos gentios veneravam um Deus, sob diversos nomes e poderes e diferentes sexos, os quais, segundo *Plínio*,² a débil e fraca mortalidade digeriu em um, ciente da própria fragilidade, para que todo homem pudesse venerar a parte que preferisse; assim, aqueles que tivessem necessidade de fé invocariam *Júpiter*; os que quisessem a providência, *Apolo*;

sabedoria, *Minerva*; e quem desejasse outras coisas poderia invocar outros poderes. Foi assim que surgiu aquela grande variedade de deidades, em razão da grande e variada distribuição de graças; mas Deus é um, e dele advêm todas as coisas.

Também *Apuleio*, em seu livro *De Mundo*,³ diz a *Faustin* que, embora só exista um Deus e um poder, ele recebe diversos nomes por causa da multiplicidade de espécies por cuja variedade é feito de muitas formas. E *Marco Varro*, em seu livro *Da Veneração a Deus*, diz que, assim como todas as almas se reduzem à única Alma do Mundo, ou Universo, também todos os deuses remontam a *Júpiter*, que é o mesmo Deus, venerado sob diferentes nomes.⁴

É, portanto, mister conhecer as sensíveis propriedades e intelectualizá-las com perfeição por meio de uma analogia mais secreta; aquele que compreender de fato os Hinos de Orfeu e os antigos magos perceberá que eles não diferem dos segredos cabalísticos nem das tradições ortodoxas; aos quais Orfeu se refere como *Curetes*⁵ e deuses despoluídos, *Dionísio*⁶ de Poderes, enquanto os cabalistas os associam à numeração *Pahad*,⁷ ou seja, ao medo divino. Assim, aquilo que é *En Soph*⁸ na Cabala, Orfeu chama de *Noite*;⁹ e *Tifão*¹⁰ é o mesmo que *Orfeu*, como *Zamael*¹¹ na Cabala.¹²

Mas os mecubais dos hebreus, os mais doutos nas coisas divinas, receberam os dez principais nomes de Deus, como certos poderes divinos, ou como se fossem membros de Deus, que por dez numerações chamadas *Sephiroth*,¹³ como vestimentas, instrumentos ou exemplos do Arquétipo,

têm influência sobre todas as coisas criadas, desde as mais altas até as mais baixas, mas em determinada ordem; em primeiro lugar, e imediatamente, exercem influência nas nove ordens de anjos e na hoste das Almas Benditas, e por meio delas nas esferas celestiais, nos planetas e nos homens; tudo recebendo de cada *Sephiroth* poder e virtude.

A primeira dessas *Sephiroth* é o nome *Eheia*,¹⁴ o nome da essência divina; sua numeração é chamada *Cether*,¹⁵ interpretada como uma Coroa ou Diadema, que significa a mais simples essência da Divindade, chamada de *Aquele Que o Olho Não Vê*, atribuído a Deus Pai, tendo sua influência pela ordem dos *Serafins*,¹⁶ ou, como os hebreus os chamam, *Haioth Hacadosch*,¹⁷ ou seja, Criaturas de Santidade, e pelo *primum mobile* concede a graça de ser todas as coisas, enchendo todo o Universo da circunferência ao centro, cuja inteligência particular se chama *Metatron*,¹⁸ isto é, Príncipes das Faces, cujo dever é levar os outros à Face do Príncipe; e por meio dele o Senhor falou com *Moisés*.¹⁹

O segundo nome é *Iod*, ou *Tetragrammaton* acrescido a *Iod*;²⁰ sua numeração é *Hochma*,²¹ ou Sabedoria; significa a Divindade cheia de Ideias, e o primogênito, e é atribuído ao Filho, tendo sua influência pela ordem dos *Querubins*,²² ou o que os hebreus chamam de *Orphanim*,²³ isto é, Formas ou Rodas; e daí ao céu estrelado,²⁴ no qual ele cria tantas figuras quanto são as Ideias nele contidas e distingue o próprio caos das criaturas, por uma inteligência chamada *Raziel*,²⁵ que era o regente de *Adão*.²⁶

O terceiro nome é *Tetragrammaton Elohim*; sua numeração se chama

Prina,²⁷ isto é, providência e entendimento, e significa remissão, quietude, o Jubileu,²⁸ conversão penitencial, uma grande trombeta, e a vida do mundo que virá; é atribuído ao Espírito Santo²⁹ e tem sua influência pela ordem dos Tronos, ou o que os hebreus chamam de *Aralim*, ou os Grandes Anjos Poderosos e Fortes, e daí, pela esfera de Saturno, administra forma à matéria amorfa, cuja inteligência particular é *Zaphchiel*,³⁰ o regente de *Noé*,³¹ e outra inteligência chamada *Iophiel*,³² regente de *Sem*.³³

E essas são as supremas e mais altas numerações, verdadeiras sedes das pessoas divinas, por cujos comandos todas as coisas são feitas, mas executadas pelas outras sete, que se chamam, portanto, numerações estruturais.

Assim, o quarto nome é *El*, cuja numeração é *Hesed*,³⁴ Clemência ou Bondade, e significa graça, misericórdia, piedade, magnificência, o cetro e a mão direita, e tem seu influxo pela ordem das Dominações,³⁵ que os hebreus chamam de *Hasmalim*,³⁶ e assim, através da esfera de Júpiter, criando as imagens de corpos, concedendo clemência e administrando justiça a todos; sua inteligência particular é *Zadkiel*,³⁷ o regente de *Abraão*.³⁸

O quinto nome é *Elohim Gibor*, isto é, o Deus Poderoso que pune os pecados dos ímpios; e sua numeração se chama *Geburach*,³⁹ que significa poder, gravidade, fortitude, segurança, julgamento, punindo com sacrifício e guerra; e é aplicado ao tribunal de Deus, o cinturão, a espada e a mão esquerda de Deus; também se chama *Pacha*, ou Medo,⁴⁰ que tem sua influência através da ordem das Potestades, que os hebreus chamam de

Serafins,⁴¹ e daí através da esfera de Marte, à qual pertencem fortitude, guerra, aflição, atraí os elementos; e sua inteligência particular é *Camael*,⁴² o regente de *Sansão*.

O sexto nome é *Eloha*,⁴³ ou um nome de quatro letras, acrescido a *Vaudahat*,⁴⁴ sua numeração é Tiphereth, ou aparato, beleza, glória, prazer, e significa a Árvore da Vida,⁴⁵ e tem sua influência através da ordem das Virtudes, que os hebreus chamam de *Malachim*,⁴⁶ ou seja, Anjos, na esfera do Sol, dando-lhe brilho e vida, e daí produzindo metais; sua inteligência particular é *Rafael*, que era o regente de *Isaque* e *Tobias*, o Jovem,⁴⁷ e o anjo *Peliel*, regente de *Jacó*.

O sétimo nome é *Tetragrammaton Sabaoth*,⁴⁸ ou *Adonai Sabaoth*, ou seja, o Deus das Hostes; e sua numeração é *Nezah*,⁴⁹ triunfo e vitória; a coluna direita⁵⁰ é a ele aplicado e significa a eternidade e justiça de um deus vingativo; tem sua influência através da ordem dos Principados, que os hebreus chamam de *Elohim*, isto é, Deuses, na esfera de Vênus, e promove o zelo e o amor pela justiça, e produz vegetais; sua inteligência particular é *Haniel* e o anjo *Cerviel*, regente de *Davi*.

O oitavo se chama *Elohim Sabaoth*,⁵¹ também interpretado como o Deus das Hostes não da guerra e da justiça, mas da piedade e concórdia; pois esse nome significa ambas as coisas e precede seu exército; sua numeração é chamada de *Hod*, interpretada como louvor, confissão, honra e fama; a coluna esquerda é a esse nome atribuída; ele tem sua influência através da ordem dos Arcanjos, que os hebreus chamam de *Ben Elohim*,⁵² ou os Filhos de Deus, na

esfera de Mercúrio, e promove elegância e consonância de fala, e produz os seres vivos; sua inteligência é *Miguel*, que era o regente de *Salomão*.

O nono nome é *Sadai*,⁵³ Onipotente, que tudo satisfaz, e *Elhai*,⁵⁴ que é o Deus Vivo; sua numeração é *Iesod*,⁵⁵ ou Fundação, e significa um bom entendimento, aliança, redenção e descanso, tem sua influência através da ordens dos Anjos, que os hebreus chamam de *Querubins*, na esfera da Lua, causando o aumento e a diminuição de todas as coisas, e cuida dos gênios,⁵⁶ os guardiões dos homens, e os distribui; sua inteligência é *Gabriel*, que era o guardião de *José*, *Josué* e *Daniel*.

O décimo nome é *Adonai Melech*,⁵⁷ o Senhor e Rei; sua numeração é *Malchuth*,⁵⁸ isto é, Reino e Império, e significa igreja, templo de Deus, portão, e tem sua influência através da ordem Animástica, ou das Almas Benditas, que os hebreus chamam de *Issim*,⁵⁹ ou Nobres, Senhores e Príncipes; são inferiores às hierarquias e têm influência sobre os filhos dos homens; dão conhecimento e a maravilhosa compreensão das coisas, além de indústria e profecia; e a alma de *Messias*⁶⁰ é a que os preside, ou (como afirmam outros) a inteligência *Metatron*,⁶¹ sendo chamada de Primeira Criatura, ou a Alma do Mundo, e era regente de *Moisés*.

Notas - Capítulo X

1. “E desceu então um Rodamoinho de Fogo, arrastando consigo o fulgor da flama brilhante, penetrando os abismos do Universo, para de lá descer e estender seus magníficos raios” (*Chaldean Oracles of Zoroaster* 24 [Westcott, 38]).

2. Acreditar que existem numerosos deuses, derivados das virtudes e vícios do homem, tais como castidade, concórdia, entendimento, esperança, honra, clemência e fidelidade; ou, segundo a opinião de Demócrito, que só existem dois, punição e recompensa, indica estupidez ainda maior. A natureza humana, fraca e débil como é, ciente de sua própria enfermidade, criou essas divisões para que todo indivíduo pudesse recorrer àquilo que imagina mais necessitar. É por isso que encontramos diferentes nomes usados por diferentes nações; as deidades inferiores são dispostas em classes, e doenças e pestes são deificadas, em consequência de nosso desejo ansioso por propiciá-las (Plínio 2.5 [Bostock e Riley, 1:20-1]).

3. Ver nota 16, cap. VIII, l. III

4. Nosso autor [Varro] diz que os verdadeiros deuses são apenas partes da alma do mundo, e a própria alma:... Assim, Varro diz claramente que Deus é a alma do mundo, e essa alma é Deus. ... Portanto, se Júpiter é um deus, e o rei dos deuses, nenhum outro além dele pode ser o mundo, pois ele deve reger sobre os outros, bem como sobre suas próprias partes. Com esse propósito, em seu livro do culto aos deuses [*De cultu deorum*], que ele publicou separado destes outros [*Antiquitatum libri*], Varro cita Valério Sorano:

Grande Júpiter, rei dos reis e pai de todos
Os deuses; Deus único e Deus de todos

Esses versos são expostos por Varro, que, chamando o masculino de provedor da semente e o feminino de recebedor, considera Júpiter o mundo e que, ao mesmo tempo, dá e recebe em si. Assim, Sorano (diz ele) chama Júpiter de progenitor, gerador, pai e mãe, “pai/mãe pleno, de todos”, etc, e pelo mesmo motivo era ele chamado de um e todos: pois o mundo é um, e todas as coisas existem nessa unidade (Agostinho, *Cidade de Deus* 7.9 [Healey, 1:204]. Eu omiti o verso original em latim, de Sorano.

5. Platão, baseando-se em Orfeu, chama a tríade inflexível e imaculada dos deuses intelectuais de Curética, como se observa no que o hóspede ateniense diz nas Leis, celebrando os esportes armados dos Curetes e sua dança rítmica. Por Orfeu, representa os Curetes, que são três, como os guardas de Júpiter (Proclo, *Teologia de Platão* 5.3. In Mead [1896] 1965, 74).
6. Pseudo-Dionísio. As potestades são os anjos da quinta esfera de Marte. Ver tabela cap. XII, I. II.
7. Pachad פחד, ou Medo, um dos nomes da quinta Sephirah, ou Emanação, da divindade. Ver apêndice VI.
8. Ain Soph אין סוף, o Ilimitado. Ver apêndice VI.
9. Noite, deusa-mãe, fonte de doce descanso,
Da qual no princípio deuses e homens surgiram
(*Hymns of Orpheus* 2 [Taylor, Selected Writings, 213])
10. Um monstro flamejante com cem cabeças que subiu das profundezas de sua mãe Terra para desafiar os deuses. Zeus lançou relâmpagos em seu coração e transformou suas forças em cinzas, soterrando-o sob o Monte Etna, onde seus estrondosos rosnados ainda são ouvidos às vezes.
11. O anjo negro Samael, a serpente de Gênesis, que segundo a antiga lenda judaica gerou uma criança com Eva, antes de ela se deitar com Adão. Uma versão diz que essa criança seria Caim. Ver Waite [1929] 1975, 7:3:286 e n. 5, mesma página.
12. Os nomes dos deuses, de quem canta Orfeu, não são títulos de demônios enganadores, mas sim as designações de virtudes divinas. Assim como os Salmos de Davi são admiravelmente designados para a “obra” da Cabala, também os Hinos de Orfeu o são para a magia natural. O número dos Hinos de Orfeu é o mesmo número pelo qual a divindade trina criou o éon, numerado sob a forma do quaternário pitagórico. Aquele que não sabe com perfeição como intelectualizar as propriedades sensíveis pelo método da analogia oculta, nunca chegará ao significado real dos Hinos de Orfeu. Os Curetes de Orfeu são os mesmos que as potestades de Dionísio. O Tifão Órfico é o mesmo que o Zamael da Cabala. A Noite de Orfeu é o Ain Soph da Cabala ... (Pico della Mirandola. Em Mead [1896] 1965, 36).
- Waite se refere a Mirandola como “o primeiro verdadeiro estudante cristão da Cabala” (Waite [1929] 1975, 443).
13. Ver nota 18, cap. XIII, I. II.
14. Eheieh (אהיה).
15. Kether (כתר).
16. A mais alta ordem cristã de anjos citada pelo Pseudo-Dionísio. Ver Isaías 6:1-7.
17. Chaioth ha-Qadesh (חיות הקדש), Seres Vivos Sagrados.
18. Metatron (מתטרוֹן), o anjo mais alto, também chamado de Anjo da Presença e o Príncipe do Mundo que, segundo o *Zohar*, guardava o templo de Salomão e era a espada flamejante que vigiava os portões do Éden. É Metatron que cuidará das almas na Ressurreição.
19. Referência a Êxodo 23:20-3, dos quais Rashi observa: “E os nossos rabinos diziam: ‘Este (anjo) é Mattatron, cujo nome é como o nome de seu Mestre’, (isto é) Mattatron tem o valor numérico do Todopoderoso (314)” (Rashi 1949,2:278). Rashi se refere à equivalência numérica das somas das letras no nome do anjo Metatron (מתטרוֹן = 50 + 6 + 200 + 9 + 9 + 40 = 314) e o nome de Deus Shaddai (שדי = 10 + 4 + 300 = 314). No *Siphra di zenioutha (Livro da Ocultação)*, talvez o mais antigo livro do *Zohar*, aparece esta passagem: “... o dedo de Deus era o mensageiro (מתטרוֹן) ou guia de Moisés, e lhe mostrou toda a terra de Israel” (Em Ginsburg [1863], 1970,109, n. 11). Segundo a tradição, Metatron era a nuvem que encobriu o Tabernáculo.
20. Ver a tabela no fim do capítulo XIII, I. II. Yod Jeová (יה יוד) difere dos nomes, ou no do nome combinado, que costuma ser associado a Chokmah no ocultismo moderno, que é Jah ou Yah (יה) ou Jah Jeová (יה יוד).
21. Chokma (חכמה).
22. Ver tabela cap. XII, I. II.
23. Auphanim (אופנים), ou Rodas.
24. A esfera do zodíaco, ou 8ª esfera. O zodíaco é uma grande roda.
25. ריאל, às vezes citado como Ratziel.
26. Ver Gênesis 5:1. Mencionando esse versículo bíblico no *Livro das Gerações de Adão*, Waite diz:

O Zohar supõe que indica a existência de um *Livro Secreto e Supremo*, a fonte de tudo, incluindo as letras hebraicas na forma sob a qual se manifestam cá embaixo. Expõe o Santo Mistério da Sabedoria e a eficiência residente no Nome Divino das 72 letras. Foi-nos enviado do céu pelas mãos do anjo Raziel e confiado a Adão. Raziel é descrito como o anjo das regiões secretas e chefe dos Mistérios Supremos (Waite [1929] 1975, 1:1:16).

O *Sepher Raziel* é um grimório medieval erroneamente atribuído a Eleazer de Worms (segundo Waite [1929] 1975, 519, n. 2).

Com seus longos catálogos de nomes angélicos, seus talismãs e filtros, seu selo duplo de Salomão, seus símbolos alfabéticos místicos ou ocultos, suas figuras para o domínio dos espíritos maus e suas conjurações por meio de Nomes Divinos, essa obra constitui um dos grandes repositórios de Magia Medieval, além de ser fartamente representativa da Cabala Prática, (*ibid.*)

Waite também se refere a “uma lenda de um velho MIDRASH chamado o LIVRO DE RAZIEL...” (Waite [1929] 1975, 16, n. 5) que seria a precursora do *Sepher Raziel*.

27. Binah (בִּינָה).

28. “E IVBL, Yobel, “jubileu”, é H, He (o primeiro *He* do Tetragrammaton); e He é o espírito jorrando sobre tudo...” (Mathers [1887] 1962, 1:5:42:107). O Jubileu era um momento de restituição, remissão e libertação. Ver Levítico 25:9.

29. O Shekinah, que Waite descreve como “o princípio da Maternidade Divina - ou seja, o lado feminino da Divindade...” (Waite [1929] 1975, 8:1:369). Nos textos da Cabala não está claro se o Shekinah pode ser completamente identificado como o Espírito Santo, se é totalmente distinto ou se deveria ser considerado o sopro do Espírito Santo na forma de respiração. Entretanto, em algum lugar do Zohar, está escrito: “O Espírito Santo - esse é o Shekinah com que Ester [Ester 5:1] se vestiu” (Waite [1929] 1975, 8:1:368). Waite conclui que o Espírito Santo do Zohar e o Shekinah do Zohar são a mesma coisa, mas que o Espírito Santo cabalístico não é idêntico ao Espírito Santo cristão, embora existam muitas semelhanças. Ver Waite [1929] 1975, 362-9.

30. Tzaphkiel (צַפְקִיֶּל).

31. No Zohar, a arca de Noé é Elohim. “Diz-se que Noé caminhou com Elohim... Mas Elohim é a Noiva Celeste, que é Shekinah” (Waite [1929] 1975, 7:4:292-3). Portanto, o anjo de Elohim e de Shekinah é o anjo regente de Noé.

32. Jophiel (יֹפִיֶּל) seria a inteligência da esfera do zodíaco na tabela do capítulo XIII, I. II.

33. Um dos filhos de Noé, que com seu irmão Jafé cobriu a nudez do pai (Gênesis 9:23), que fora visto por Cam. No texto original hebraico da Bíblia, o “Deus de Sem” é Elohim (אֱלֹהִים). Ver Gênesis 9:26.

34. Chesed (חֶסֶד).

35. Domínios.

36. Chasmalim (חַשְׁמַלִּים), ou Os Brilhantes.

37. Tzadkiel (צַדִּיקֶּל).

38. Os patriarcas costumam ser atribuídos às dez *Sephiroth*. Este é o arranjo oferecido por Agrippa:

Se cumprirmos os mandamentos, os piedosos não só desfrutarão uma prelibação daquela sublime luz que brilha no céu, e que lhes servirá como uma vestimenta para entrarem no outro mundo e comparecerem diante dos Santos (*Sohar*, ii, 299b), mas também já se tornarão na terra a habitação das *Sephiroth*, e cada santo tem uma *Sephira* em si, correspondendo à virtude que ele cultivava melhor ou à característica mais predominante em seu caráter. Entre os patriarcas, portanto, que eram os mais exaltados em piedade, vemos que o Amor, a quarta *Sephira*, encarnou em Abraão; o Rigor, a quinta *Sephira*, em Isaque; a Temperança, a sexta *Sephira*, em Jacó; a Firmeza, a sétima *Sephira*, em Moisés; o Esplendor, a oitava *Sephira*, em Aarão; a Fundação, a nona *Sephira*, em José; e o Reino, a décima *Sephira*, encarnou em Davi (Ginsburg [1863] 1970, 1:122).

39. Geburah (גְּבוּרָה), ou Severidade.

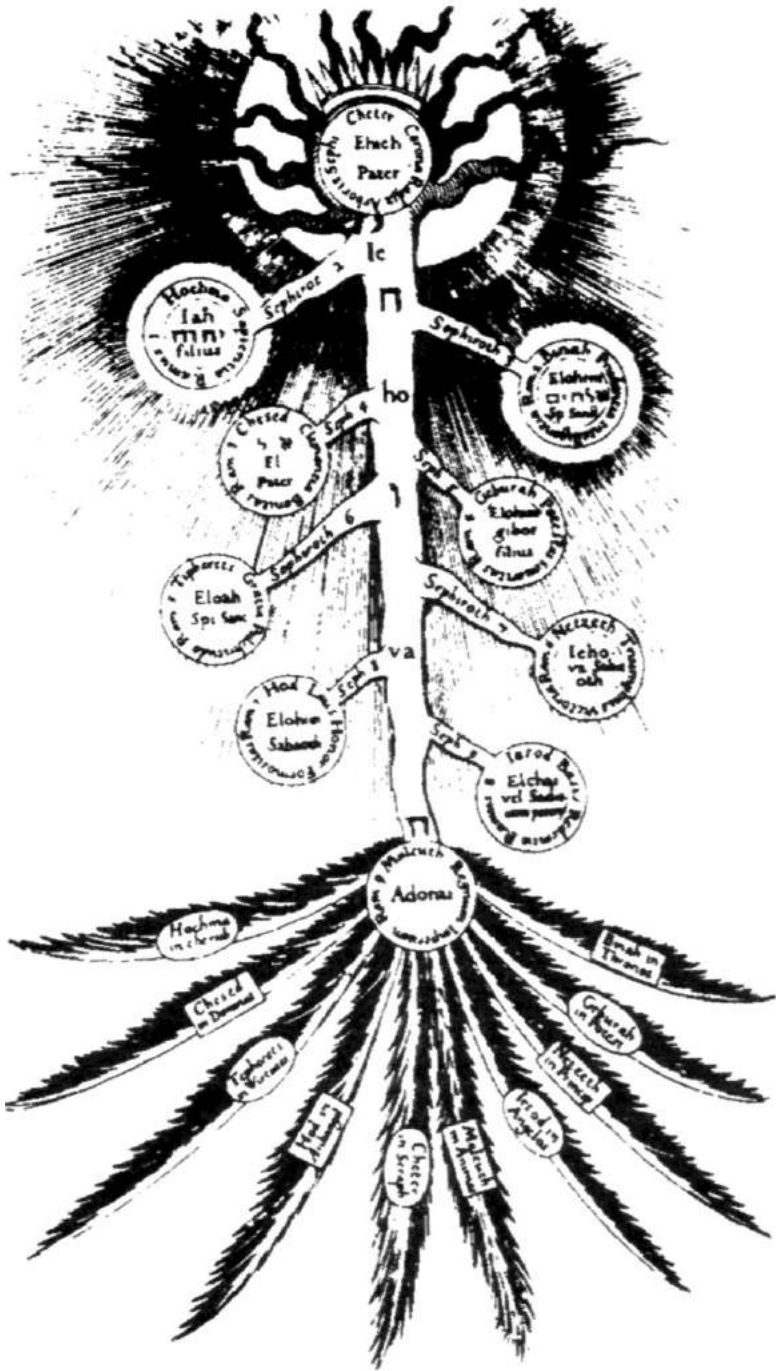
40. Ver nota 7 deste capítulo.

41. Serpentes de fogo.
42. Khamael (חַמַּאֵל).
43. Aloah (אֱלֹהִים);
44. va Daath (וַדַּאֲת).
45. Gênesis 2:9 e 3:22. Para um sentido cabalístico mais específico, ver Apêndice VI.
46. Reis.
47. Ver livro apócrifo de Tobias 1:1 (Bíblia católica).
48. Ou seja, IHVH Tzabaoth (יְהוָה צְבָאוֹת).
49. Netzach (נְצַח).
50. A cabalística Árvore da Vida é dividida em três pilares: o Pilar da Misericórdia (lado direito), o Pilar da Severidade (lado esquerdo) e o Pilar do Meio, da Temperança. Ver Apêndice VI.
51. Elohim Tzabaoth (עֲבוֹדַת־אֱלֹהִים).
52. Beni Elohim (בְּנֵי אֱלֹהִים).
53. Shaddai (שַׁדַּי), o Todo-poderoso.
54. El Chai (אֵל חַי), o Poderoso Ser Vivente.
55. Yesod (יְסוּד).
56. Espíritos protetores que presidem as atividades das pessoas, ou localidades e instituições. Eram os espíritos do ar inferior:

Digo que existem demônios que vivem conosco aqui na terra e outros que habitam acima de nós, no ar inferior, e outros ainda cuja morada é a parte mais pura do ar, onde nenhuma bruma ou nuvem pode se formar, e onde nenhuma perturbação é causada pelo movimento de quaisquer corpos celestes (*Asclépio* 3.33b [Scott, 1:369, 371]).

A esfera da Lua era a grande divisora entre as coisas celestes e terrestres: “... observe como a Lua, em seu curso, divide os imortais dos mortais” (*Corpus Hermeticum* 11 (ii).7 [Scott, 213]). À Lua era atribuída a regência de todos os espíritos inferiores: “... no ar habitam almas que são regidas pela Lua...” (*Stobaei Hermetica* 24.1 [Scott, 497]).

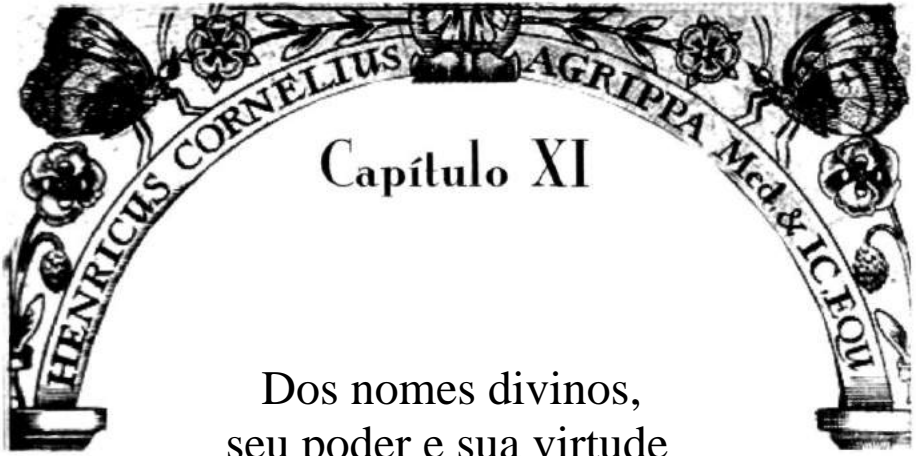
57. Adonai Melekh (אֲדֹנָי מֶלֶךְ).
58. Malkuth (מַלְכוּת).
59. Aishim (אִשִּׁים), os Homens de Deus.
60. Literalmente, “o ungião”, o salvador dos judeus, prometido nos livros proféticos. Ver Daniel 9:25 e Isaías 9:6.
61. É interessante que Metatron seja o anjo da primeira e da décima *Sephiroth*. Nesse contexto, vale observar que existem dois Metatrons - o anjo celeste mais alto criado com ou antes do mundo; e o anjo no qual Enoch se transformou após sua ascensão ao céu. O primeiro rivaliza a Deus em sua glória, enquanto o segundo é um servo, o escrivão que registra os atos dos homens. Há também dois modos de escrever o nome Metatron: com seis (מֵטַטְרוֹן) e com sete (מֵטַטְרוֹן) letras. A forma com sete letras é a mais antiga, aparecendo quase sempre nos mais antigos manuscritos. O Metatron de sete letras é a suprema emanção do Shekinah, enquanto o de seis letras é o Enoch transformado. Geralmente, Sandalphon é citado como o anjo de Malkuth, mas uma definição mais correta dele é o anjo que preside o planeta Terra, diferentemente de Uriel, o anjo da Terra elemental. Ver Knight [1965] 1980, 1:16:32:199.



Árvore invertida das Sephiroth

Extraído de Tomi secundi tractatus Secundus: de praenaturali utriusque mundi historia,

de Robert Fludd (Frankfurt, 1621)



Dos nomes divinos, seu poder e sua virtude



próprio Deus, embora seja apenas um em essência, possui diversos nomes que expõem não as suas diferentes essências ou deidades, mas certas propriedades que dele fluem, nomes estes que fazem jorrar em nós e em todas as suas criaturas, como por vários canais, muitos benefícios e diversos dons.

Dez desses nomes nós já descrevemos, os quais também *Hierom* reconhece até *Marcella*.¹ *Dionísio* reconhece até 45 nomes de Deus e Cristo.² Os mecubais dos hebreus encontram 72 nomes a partir de determinado texto do Êxodo,³ tanto dos anjos quanto do próprio Deus,⁴ que recebem os nomes da 72 letras, e *Schemhamphores*,⁵ ou seja, o Expositivo; mas outros vão mais longe, a partir de lugares da Escritura, que inferem tantos nomes de Deus quantos podem existir em números, mas o que significam nós não sabemos.

Desses, portanto, além daqueles que já apresentamos, vem o nome da essência divina, *Eheia*,⁶ אהיה, que *Platão* traduz *ὄν*,⁷ da qual chamam a

Deus de το ὄν,⁸ outros de ὄόν,⁹ ou seja, o Ser. *Hua*, הוא,¹⁰ é outro nome revelado em *Isaías*,¹¹ o que significa o abismo da Divindade, o qual os gregos traduzem como ταυτὸν,¹² o Mesmo, e os latinos como *Ipse*, Ele Mesmo. *Esch*,¹³ אש é outro nome recebido de *Moisés*, que é como Fogo, e o nome de Deus *Na*¹⁴ נא deve ser invocado em perturbações e problemas. Há também o nome *Iah*,¹⁵ יה, e o nome *Elion*,¹⁶ עליון, que e o nome *Macom*,¹⁷ מקום, que o nome *Capu* ו, e o nome *Innon* ינון, e o nome *Emeth*,¹⁸ אמת, interpretado como Verdade, e é o selo de Deus. E existem ainda outros dois nomes: *Zur*,¹⁹ צור e *Aben*,²⁰ אבן, ambos significando uma obra sólida, um expressando o Pai com o Filho.

E muitos outros nomes são colocados acima na escala dos números; e muitos nomes de Deus e de anjos são extraídos das Sagradas Escrituras por cálculo cabalístico, as artes da Notaria e Gematria,²¹ em que muitas palavras retraídas por certas letras compõem um nome, ou um nome disperso por cada uma de suas letras significa ou gera mais.

Às vezes, são tirados do começo das palavras, como o nome *Agla*²² אגלא, deste versículo da Sagrada Escritura:

אתה נביר לעולם אדני,

que é o Deus poderoso para sempre; do mesmo modo o nome *Iaia*, יא"א, deste versículo:

יהוה אלהינו יהוה אהר,

que é Deus nosso Deus é um Deus; também o nome *Iava*,²³ יא"א, deste versículo:

יהי אור ויהי אור,

que haja luz, e houve a luz; também o nome *Amrita*²⁴ ארמריהא, deste versículo:

אהר, אהר ראש אהרותו ראש ייהורו תמורתו,

que é um princípio de sua unidade, um começo de sua individualidade, sua vicissitude em uma coisa; e este nome, *Hacaba* הקבא, é extraído deste versículo:

הקרוש ברוך הוא,

o santo e bendito; do mesmo modo este nome, *Jesu* ישו, se encontra no começo destes dois versículos:

יביא של וחולו,

isto é, até a vinda do Messias, e do outro versículo:

ינון שמי וית,

isto é, seu nome viverá para sempre; assim também é o nome *Amen* אמן extraído deste versículo:

ארני מלך נאמן,

o Senhor do Rei fiel.

Às vezes esses nomes são extraídos do fim das palavras, como o mesmo nome *Amen*, deste versículo:

לא בן הרשעים,

ou seja, os ímpios não são assim,²⁵ mas as letras são transpostas; assim, pelas letras finais deste versículo:

לי מה שמו מה,

o quê? ou qual é o seu nome? encontramos o nome Tetragrammaton.

Em todos esses exemplos, uma letra é colocada para uma palavra e outra extraída de uma palavra, seja do começo, do fim ou de onde você quiser; e às vezes esses nomes são extraídos de todas as letras, uma por uma, assim como todos os 72 nomes de Deus são extraídos daqueles três versículos de Êxodo,²⁶ começando por estas três palavras: וי"ט, וי"בא, וי"בא, sendo o primeiro e último versículos escritos da direita para a esquerda, o do meio ao contrário, da esquerda para a direita, como mostraremos mais adiante.

E às vezes uma palavra é extraída de outra palavra, ou um nome de outro nome, pela transposição de letras, como *Messias* משיח de *Ismah* מיבאל; e *Miguel* מלאכי de *Malaquias*. Mas, às vezes, mudando-se o alfabeto, que os cabalistas chamam de *Ziruph*²⁷ צירוף, do nome Tetragrammaton יהוה, por exemplo, são extraídos *Maz*, מצפצ, *Paz*,²⁸ מצפצ, *Kuzu*,²⁹ outras vezes, por razão da igualdade de números, os nomes são mudados, como *Metatron* מטטרון por *Sadai* שרי, pois ambos formam 314;³⁰ por exemplo, *Iiai* יא"א e *El* אל são iguais em número, pois ambos formam 31.³¹

E esses são segredos acerca dos quais é difícil julgar e oferecer uma ciência perfeita; tampouco podem ser compreendidos e ensinados em qualquer outra língua. Os nomes de Deus, porém (como diz *Platão* em *Crátilo*),³² são de grande estima entre os bárbaros, que os tinham de Deus, e sem os quais não podemos de forma alguma perceber as verdadeiras palavras e nomes pelos quais Deus é

chamado; nada mais, portanto, podemos dizer exceto as coisas que Deus nos revelou graças à sua bondade; pois são os mistérios e as comunicações da onipotência de Deus, não dos homens, nem dos anjos, mas instituídos e firmemente estabelecidos pelo Deus altíssimo, em determinada ordem, com imóvel número e figura de caracteres, soprando a harmonia do Divino, sendo consagrados pela assistência divina.

Por isso, as criaturas do alto os temem, as criaturas abaixo tremem diante deles, os anjos os reverenciam, os demônios têm medo deles, toda criatura os honra e toda religião os adora; assim, a observância religiosa desses nomes e palavras e a devota invocação com temor e tremor nos confere uma grande virtude e deifica a união, além de dar o poder de realizar coisas maravilhosas, acima da natureza.

Portanto, não podemos mudá-los por motivo algum. Nesse sentido, *Orígenes* dita que eles sejam mantidos sem corrupção em seus caracteres originais;³³ e Zoroastro também proíbe a mudança de palavras bárbaras e antigas;³⁴ pois, como afirmou Platão em *Crátilo*, todas as palavras e nomes divinos procedem ou primeiramente de Deus ou da Antiguidade, cujo início mal se conhece, ou dos bárbaros.³⁵ *Jamblicus* também alerta para que não sejam traduzidos de sua língua original para nenhuma outra;³⁶ pois, diz ele, na tradução eles não conservariam a mesma força.

Esses nomes de Deus são, portanto, o meio mais apropriado e poderoso de reconciliar e unir o homem com Deus, como lemos em *Êxodo*:³⁷ em todo lugar onde eu fizer celebrar a

memória de meu nome, virei a ti e te abençoarei; e no livro dos Números,³⁸ assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei.

Por isso, *Platão*, em *Crátilo* e *Filebo*,³⁹ manda reverenciar os nomes de Deus mais que as imagens ou estátuas dos deuses; pois há uma imagem e um poder mais evidentes de Deus na faculdade da mente, principalmente se a inspiração vier mais do alto do que das obras das mãos humanas.

As palavras sagradas, portanto, não têm o seu poder em operações mágicas de si, pois são palavras, mas sim dos poderes divinos ocultos operando por meio delas nas mentes daqueles que, pela fé, as seguem; palavras por meio das quais o poder secreto de Deus, como por meio de canais condutores, é transmitido àqueles cujos ouvidos foram purgados pela fé; e pela mais pura conversão e invocação dos nomes divinos se tornam a habitação de Deus e são capazes dessas divinas influências.

Assim, aquele que fizer uso correto dessas palavras e nomes de Deus, com essa pureza de mente, na maneira e na ordem em que são passadas, obterá e também fará coisas maravilhosas, como lemos acerca de *Medeia*:⁴⁰

O mais doce sono, ela causa, e com palavras por ela ditas três vezes,

Os mares se acalmaram, e sua fúria cessou.

Isso já observavam de modo especial os antigos doutores entre os hebreus, que eram capazes de realizar coisas extraordinárias por meio de palavras. Também os pitagóricos mostraram como curar de um modo

magnífico as doenças do corpo e da mente, com certas palavras;⁴¹ lemos também que *Orfeu*, sendo um dos argonautas, fez desviar uma terrível tempestade⁴² só com palavras; de modo semelhante, *Apolônio*, sussurrando algumas palavras, ressuscitou uma donzela morta em Roma;⁴³ e *Filóstrato* nos informa que alguns, por meio de certas palavras, invocavam o fantasma de *Aquiles*.⁴⁴

E *Pausânias*⁴⁵ relata que na Lídia, nas cidades de Hero-Cesareia e Hipépis, havia dois templos consagrados à deusa a quem chamavam de *Pérsica*⁴⁶ nos quais, quando o serviço divino terminava, um certo mago colocava madeira seca sobre o altar e, depois, em sua língua nativa, cantava hinos e pronunciava certas palavras bárbaras, extraídas de um livro que ele tinha na mão; e logo se via a madeira seca acender e queimar, sem que se tivesse ateadado fogo a ela.

Também *Serenus Samonicus* ensinava, entre os preceitos da Física, que se este nome, *Abracadabra*,⁴⁷ fosse escrito da forma como é aqui expresso, isto é, diminuindo letra por letra de trás para a frente, da última à primeira, curaria a febre hemitrítica ou qualquer outra, desde que uma folha de papel ou pergaminho fosse pendurada em volta do pescoço, e a doença aos poucos diminuiria até passar por completo:

a	b	r	a	c	a	d	a	b	r	a
a	b	r	a	c	a	d	a	b	r	
a	b	r	a	c	a	d	a	b		
a	b	r	a	c	a	d	a			
a	b	r	a	c	a	d				
a	b	r	a	c	a					
a	b	r	a	c						
a	b	r	a							
a	b	r								
a	b									
a										

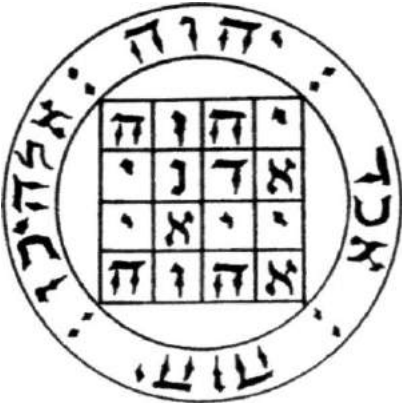
Mas o rabino *Hama*, em seu Livro de Especulação, revela um selo mais eficaz contra qualquer doença do homem ou qualquer tipo de dor, em cujo lado frontal se encontram os quatro nomes em quadrado de Deus, ou subordinados um ao outro em um quadrado, do mais alto ao mais baixo, sendo citados os mais sagrados nomes da Divindade, com a intenção inscrita no círculo circunferente; enquanto do lado de trás se inscreve o nome com sete letras *Araritha*, bem como sua interpretação, ou seja, o versículo de onde é extraído, como se vê descrito ao lado.⁴⁸

Mas tudo isso deve ser feito no mais puro ouro ou pergaminho virgem, puro, limpo e sem manchas, também com tinta feita para tal propósito, da fumaça⁴⁹ de luzes de cera consagrada, ou incenso, e água benta; o agente deve estar purificado e limpo por meio de sacrifício e ter uma esperança infalível, uma fé constante, e sua mente deve se elevar ao Deus altíssimo, se ele quiser de fato obter esse poder divino.

Do mesmo modo, contra as más intenções e maldades de maus espíritos ou homens e contra qualquer espécie de perigo, seja em viagens, nas águas, de inimigos, armas, como descrito anteriormente, com esses caracteres de um lado **בווי** e esses **צמרבר** do outro, sendo o começo e o fim das cinco primeiras letras de Gênesis, e a representação da criação do mundo, deles se faz uma ligatura⁵⁰ que libertará um homem de todos os malefícios, se ele acreditar firmemente em Deus, o criador de todas as coisas.

Não duvide nem estranhe que as palavras sagradas, aplicadas em uso

A parte da frente



A parte de trás



externo, possam realizar muito, pois foi com elas que o Deus Todo-poderoso criou os céus e a Terra; e, além disso, constata-se por experiência, como disse *Rab Costa Ben Luca*, que muitas coisas sem a virtude física são capazes de grandes realizações; como, por exemplo, o dedo de uma criança abortada pendurado em volta do pescoço de uma mulher impede a concepção, desde que não seja de lá tirado.

Além disso, em várias palavras sagradas e nomes de Deus, há grande poder divino, que opera milagres, conforme atestam *Zoroastro*, *Orfeu*,

A parte da frente



A parte de trás



Jamblicus, *Sinésio*, *Alchindus* e todos os filósofos famosos; e *Artephius*, mago e filósofo, escreveu um livro peculiar a respeito da virtude das palavras e dos caracteres. *Orígenes*, em nada inferior aos mais famosos filósofos, contraria *Celso* e afirma que existem de fato em certos nomes divinos algumas virtudes divinas,⁵¹ e, no livro dos Juízes, o Senhor diz, meu nome, que é *Pele פלה*, significa conosco, aquele que realiza milagres, que faz maravilhas.⁵²

Mas o verdadeiro nome de Deus não é conhecido pelos homens nem pelos anjos, mas só por Deus, tampouco será manifestado (como atestam as Escrituras) antes que seja cumprida a vontade de Deus; contudo, Deus tem outros nomes entre os anjos, outros ainda entre os homens; pois não há um único nome de Deus entre nós (como *Moisés*, o egípcio,⁵³ dizia) que não seja tirado de suas

obras e signifique com participação, além do nome Tetragrammaton, que é sagrado e significa a substância do Criador, no sentido mais puro, da qual nenhuma outra coisa participa junto a Deus, o Criador. Por isso, é chamado de o nome separado, que é escrito, mas não lido,⁵⁴ nem se expressa entre nós, mas é citado, e significa o segundo idioma superno, que é de Deus e talvez dos anjos.

De modo semelhante, os anjos têm seus nomes entre si e em sua língua, que *Paulo* chamava de a língua dos anjos,⁵⁵ a respeito da qual temos muito pouco conhecimento; mas todos os seus outros nomes são tirados de seus ofícios e operações, cuja eficácia não é grande; e por isso os magos os chamam por seus nomes verdadeiros, ou seja, os nomes celestes que estão contidos na Bíblia Sagrada.

Notas - Capítulo XI

1. Era na casa de Marcella em Roma, entre 382 e 385 d.C, que São Jerônimo ensinava as Escrituras e o hebraico a ricas viúvas e donzelas, pregando também as virtudes da vida monástica. Ver sua nota biográfica.

2. Pseudo-Dionísio, o Areopagita, em sua obra *Sobre os nomes divinos*.

3. Êxodo 14:19-21. Ver Apêndice VII.

4. Os versículos podem ser escritos de duas maneiras para produzir dois grupos de 72 nomes:

Ora, se esses versículos forem escritos por extenso um acima do outro, o primeiro da direita para a esquerda, o segundo da esquerda para a direita e o terceiro da direita para a esquerda (ou, como diriam os gregos, *bustrofédon*), produzirão 72 colunas de três letras cada. Cada coluna, por sua vez, será uma palavra de três letras, e como há 72 colunas, haverá 72 palavras de três letras, cada uma sendo os 72 nomes da Divindade referida no texto [do *Zohar*]. E estas se chamam Schemhamphorasch ou o nome divino. Escrevendo os versículos da direita para a esquerda, em vez de bustrofédon, etc, haverá outro grupo de 72 nomes obtíveis (Mathers [1887] 1962, 170n).

5. É fato bem conhecido que todos os nomes de Deus que aparecem nas Escrituras derivam de Suas ações, exceto um, o Tetragrammaton, constituído pelas letras *yod, he, vau e he*. Esse nome é aplicado exclusivamente a Deus, sendo portanto chamado de *Shem ha-meforash*. “O *nomen proprium*” ... Todos os outros nomes de Deus são derivativos, só o Tetragrammaton é o verdadeiro *nomen proprium* [nome próprio], e não deve ser considerado sob nenhum outro ponto de vista. Cuidado para não cair no erro daqueles [cabalistas] que escrevem amuletos. Tudo o que você ouvir deles ou ler em suas obras, em especial com referência aos nomes que eles formam em combinação, é totalmente sem sentido; eles chamam essas combinações de *shemot* (nomes) e acreditam que sua pronúncia exige santificação e purificação, e que com o uso de tais nomes conseguem realizar milagres. As pessoas racionais não devem dar atenção a esses nomes, tam pouco acreditar em suas afirmações. Nenhum outro nome é chamado de *ha-meforash*, exceto o Tetragrammaton, que é escrito, mas não pronunciado de acordo com suas letras (Moisés Maimônides, *O guia dos perplexos* 1.61, traduzido para o inglês por M. Friedlander [Nova York: Dover Publications, [1904] 1956], 89, 91).

Maimônides era aristotélico, o que explica sua atitude antagônica em relação à Cabala.

6. Eheieh. Ver Êxodo 3:14. O nome completo Eheieh Asher Eheieh (אֲהִיֶּה אֲשֶׁר אֲהִיֶּה), traduzido na Bíblia como “Eu sou O que Sou”, segundo MacGregor Mathers seria mais bem explicado como “Existência é existência” ou “Eu sou Aquele que é” (Mathers [1887] 1962, 17). Mathers provavelmente chega a tal conclusão a partir de Maimônides:

Deus, então, ensinou a Moisés como ensiná-los [os israelitas] e como estabelecer entre eles a crença na existência d’Ele próprio, ou seja, dizendo *Ehyeh asher Ehyeh*, um nome

derivado do verbo *hayah* no sentido de “existir”, pois tal verbo denota “ser” e, em hebraico, não há diferença entre os verbos “ser” e “existir” (*Guia dos perplexos* 1.63 [Friedlander, 94]).

Os tradutores do *Comentário* de Rashi atribuem à frase outro tempo verbal: “Eu serei o que serei”. (Rashi 1949, 2:23)

7. (Ser) Ver Platão, *Crátilo* 421 a [Hamilton & Cairns, 456].

8. “Daí o ser.”

9. (oô-ōov ou ōv (aquele; o que; que).

10. “Ele” ou, na versão em latim, “ele mesmo”. Ver Isaías 43:10 e 48:12, também 7:14 para o segundo significado. Às vezes, esse nome é usado de forma enfática com referência a Deus (Deuteronômio 32:39). Segundo Genésio (1890 : 218), não deveria ser considerado um nome divino.

Entretanto, está escrito no *Zohar*:

204. E como Nele não há começo nem fim, Ele [o Antigo] não se chama AThH, *Atah*, Tu; uma vez que Ele é oculto e não revelado. Mas HVA, *Hoa*. Ele, é Ele assim chamado.

205. Mas nesse aspecto onde se encontra o começo, o nome AThH, *Atah*, Tu, tem seu lugar, e o nome AB, *Ab*, Pai. Pois se escreve, Isa. lxiii, 16: “Como *Atah*, Tu, és *Ab*, nosso Pai”.

206. No ensinamento da escola de Rava Yeyeva, o Mais Velho, a regra universal é que Microprosopus seja chamado de AthH, *Atah*, Tu; mas que o Altíssimo Antigo, que é oculto, seja chamado de HVA, *Hoa*, Ele; e também com razão (*Lesser Holy Assembly* 7.204-6 [Mathers [1887] 1962, 279]).

Sobre esse nome, MacGregor escreve:

Ele mesmo, HVA, *Hoa*, o qual só podemos simbolizar por meio deste pronome: ELE, Que é Absoluto; ELE, Que está além de nós; da terrível e incognoscível Coroa, Que disse, EU SOU; Aquele no Qual não há passado nem futuro, Ele Que é o ETERNO PRESENTE. Portanto, ELE, *Hoa*, o Pai, só conhecido pelo Filho, IHVH, e a quem o Filho O revelar. Pois ninguém pode ver *Hoa* e viver, pois seria Nele absorvido (Mathers [1887] 1962, 156n).

11. Isaías - no original, em inglês, *Esay*.

12. “O mesmo”. Em latim, às vezes, é traduzido como “ele mesmo”.

13. Fogo. Usado para indicar o fogo de Deus, literalmente em referência ao relâmpago (1 Reis 18:38) e em um sentido figurativo à ira de Deus (Deuteronômio 32:22). Também significa fogo, em um sentido mais geral.

14. Traduzido na Bíblia como “rogo a ti”/ “rogo-te” ou “agora”, usado na forma de um pedido submisso ou apelo (Gênesis 24:2), ou por aqueles que deliberam consigo mesmos e, na prática, pedem permissão à própria permissão (Êxodo 3:3). Aparece no chamamento cortês aos superiores (Gênesis 18:3).

15. Yah (ÍT) . Usado na Bíblia como uma forma abreviada de IHVH em frases como “louvado seja Jeová [ou o Senhor]” (Salmos 104:35). “Com essa palavra [Yah], diz-se: ‘Elohim formou os mundos’. Ver Ya’lkut ha-Zohar, em *Forming the Worlds* (Myer [1888] 1974, 319).

16. Supremo ou Altíssimo (Gênesis 14:18; Salmos 7:17).

17. Um lugar ou moradia às vezes usada para o local de Deus (Gênesis 33:20).

18. Verdade. Usado na Bíblia para a verdade em geral (Gênesis 42:16) e também a verdade de Deus (Salmos 25:5; 26:3). No *Zohar*, essa palavra indica um aspecto da barba do Microprosopus: “A palavra AMTh, Emeth, Verdade, depende, portanto, daquele que é Antigo...” (*Greater Holy Assembly* 35.852 [Mathers (1887) 1962, 217]). “Quando Ele [Microprosopus] brilha na luz do Antigo dos Dias [Macroprosopus], é chamado ‘abundante em Misericórdia, e quando outra das outras formas é considerada, nessa forma Ele é chamado e em verdade’, pois essa é a luz de Seu semblante” (*ibid.*, 36.866 [Mathers (1887) 1962, 218-9]).

19. Uma rocha, nome aplicado de modo específico a Deus como o refúgio de Israel (Isaías 30:29; Deuteronômio 32:37).

20. Uma rocha, especificamente a rocha de Israel, Jeová (Gênesis 49:24). *Aben*, אבן, contém as duas palavras hebraicas: *ab*, אב (pai), e *ben*, בן (filho).

21. Notarikon e gematria. Ver Apêndice VII.

22. O sentimento “Tu és poderoso para sempre, ó Senhor!” é comum no Antigo Testamento e, de modo particular, nos Salmos (ver Salmos 92:8), mas não consegui localizar a fonte de seu

versículo hebraico.

23. Gênesis 1:3.

24. O equivalente hebraico desse versículo é impreciso tanto no texto em latim quanto em inglês. Tentei corrigir os erros, que a maioria das autoridades simplesmente copia.

25. Salmos 1:4.

26. Ver nota 3 deste capítulo.

27. Ver Apêndice VII.

28. Pela permuta conhecida como ATH-BASH. Ver Apêndice VII.

29. Não consegui extrair esse nome das tabelas de Ziruph. Talvez se trate da Tabela Certa das Comutações.

30. Ver nota 19, cap. X, l. III.

31. $Ii = I + I + A + I = 10 + 10 + 1 + 10 = 31$; $Ei = A + L = 1 + 30 = 31$.

32. Sim, de fato, Hermógenes, e há um princípio excelente que nós, como homens de bom senso, devemos reconhecer - nada sabemos dos deuses, seja de sua natureza, seja dos nomes que eles dão a si mesmos, mas temos certeza de que os nomes com os quais se apresentam são verdadeiros. E esse é o melhor de todos os princípios, e o segundo melhor é afirmar que, em nossas preces, por exemplos, podemos chamá-los por qualquer tipo ou espécie de nome ou patronímico que eles quiserem, porque não conhecemos nenhum outro (*Crátilo* 400d-e [Hamilton & Cairns, 438]).

Essa parece ser uma das passagens a que alude Agrippa (ver também nota 35, abaixo), mas, assim como em outros trechos, ele interpreta Platão de acordo com seus propósitos. Sócrates, o alter ego de Platão, está sendo irônico quando diz as palavras citadas e argumenta *contra* a afirmação de Crátilo, cuja opinião combina com a de Agrippa: “Creio, Sócrates, que o verdadeiro ponto da questão é que um poder mais que humano deu os nomes às coisas em primeiro lugar, e que os nomes assim dados são necessariamente os verdadeiros” (*ibid.* 438c [Hamilton & Cairns, 472]).

33. Se conseguirmos estabelecer, enfim... a natureza dos nomes poderosos, alguns dos quais são usados pelos doutos entre os egípcios, ou pelos magos dos persas, bem como pelos filósofos indianos chamados brâmanes, ou pelos samanaeans, e outros em diferentes países, e se conseguirmos também determinar o que a chamada magia não é, como os seguidores de Epicuro e Aristóteles supõem - algo totalmente incerto -, mas sim que ela é, como provam os mestres, um sistema consistente, possuindo palavras que só muito poucos conhecem, então podemos dizer que o nome Sabaoth ou Adonai, e os outros nomes tão reverenciados entre os hebreus, não são aplicáveis a nenhuma coisa ordinária criada, mas pertencem a uma teologia secreta que se refere ao Criador de todas as coisas. Esses nomes, enfim, quando pronunciados dentro daquelas circunstâncias apropriadas à sua natureza, são dotados de grande poder; e outros nomes ainda, populares na língua egípcia, são eficazes contra certos demônios capazes de fazer um número limitado de coisas; e outros nomes na língua persa têm igual poder sobre outros espíritos; e o mesmo acontece em cada nação individual para diferentes propósitos (Orígenes, *Against Celsus* 1.24 [Ante-Nicene Fathers, 4:406]).

E ainda no tema dos nomes, temos de mencionar que aqueles que têm habilidade no uso das encantações relatam que a expressão oral da mesma encantação em sua devida língua pode realizar o que o encantamento se propõe a fazer; mas, quando traduzida para outra língua, torna-se ineficaz e débil, como se tem observado (*ibid.* 25 [Ante-Nicene Fathers, 4:406-7]). Veja também todo o capítulo 45, livro 5, deste trabalho de Orígenes.

34. Ver nota 1, cap. LX, l. II.

35. Mais uma vez Agrippa distorce, ou não compreende, o que Platão quis dizer:

Pode parecer ridículo, Hermógenes, que objetos sejam imitados em letras ou sílabas e, assim, encontrar expressão, mas não se pode evitar - não há princípio melhor no qual possamos buscar a verdade dos primeiros nomes. Sem isso, devemos recorrer à ajuda divina, como os poetas trágicos que, em qualquer perplexidade, têm seus deuses esperando no ar, e precisaremos sair de nossa dificuldade de forma semelhante, dizendo que “os

deuses deram os primeiros nomes; portanto, estão certos”. A melhor concepção, ou talvez aquela outra noção seja ainda melhor, é a de que vieram de alguns povos bárbaros, pois os bárbaros são mais antigos do que nós, ou podemos dizer que essa antiguidade jogou um véu sobre eles, que é a mesma desculpa que a outra, pois não são motivos e sim apenas pretextos para se poder explicar a verdade das palavras (Platão, *Crátilo* 425d-e [Hamilton & Cairns, 460]).

36. Pois se os nomes subsistissem ao serem contraídos, não importaria se alguns fossem usados no lugar de outros. Mas, se perdem a natureza das coisas, aqueles nomes que são mais propícios a uma coisa também serão mais agradáveis aos deuses. Assim, fica evidente que a língua das nações sagradas é indubitavelmente preferível à de outros homens. Ao que se pode acrescentar que os nomes nem sempre preservam o mesmo significado quando traduzidos para outra língua; mas há certas expressões em cada nação que não podem ser exprimidas por meio da linguagem a nenhuma outra. E, além disso, embora seja possível traduzi-las, elas não conservam o mesmo poder quando traduzidas. Também os nomes bárbaros têm muita ênfase, grande concisão e menos ambiguidade, variedade e multiplicidade. Portanto, em todos os sentidos, são adaptados a mais excelentes naturezas (Jamblicus, *On the Mysteries* 7.5 [Taylor, 294-5]).

37. Êxodo 20:24.

38. Números 6:27.

39. “Quanto a mim, Protarco, na questão de dar nomes aos deuses sempre tenho mais medo que se pensa que um homem teria; na verdade, nada me enche mais de temor” (Platão, *Filebo* 12c [Hamilton & Cairns, 1088]). Agrippa usa essa referência a partir de Orígenes, *Against Celsus* 1.25.

40. Ver nota 8, cap. VI, I. II.

41. “Algumas doenças também eram curadas por encantações. Pitágoras, contudo, achava que a música contribuiria muito para a saúde se fosse usada da maneira apropriada. Os pitagóricos também empregavam frases escolhidas de Homero e Hesfodo para a correção das almas” (Jamblicus, *Life of Pythagoras* 29 [Taylor, 88]). Ver também cap. 25. No texto presente, pode ser útil acrescentarmos um trecho de Proclo traduzido por Taylor: “Quando perguntaram a Pitágoras qual era a mais sábia das coisas, ele disse que era o número; e ao lhe perguntarem qual era a próxima coisa em sabedoria, ele respondeu, aquele que dá nome às coisas.... Pitágoras, portanto, afirmava que não cabia a qualquer pessoa criar nomes, mas somente àquelas que observavam o intelecto e a natureza das coisas” (*ibid.* 18 [Taylor, 43-4]).

42. Talvez uma referência a Apolônio de Rhodes, *Argonautica* 1, c.linha 1036, em que Orfeu instrui os jovens guerreiros a dançar em suas armaduras enquanto Jasão sacrifica e reza para desviar os ventos da tempestade.

43. Filóstrato, *Life of Apollonius of Tyana* 4.45; também Eusébio, *Against the Life of Apollonius of Tyana Written by Philostratus* 26. Ver nota 10, cap. LVIII, I. I.

44. Apolônio diz aos discípulos:

“Para realizar meu encontro com Aquiles, eu não escavei uma vala como Ulisses nem evoquei seu fantasma com o sangue de cordeiros, mas ofereci aquelas orações pelas quais os sábios indianos alegavam invocar heróis que já foram, e então disse: ‘Ó, Aquiles, a turba vulgar diz que você está morto, mas não partilho da mesma opinião nem Pitágoras, a fonte de minha filosofia. Se estivermos certos, apareça para nós. Meus olhos ser-lhe-ão de grande serventia, se você os usar como testemunhas de que ainda está vivo!’ E então a terra sobre o monte estremeceu um pouco, e dela saiu um jovem com cerca de 5 cúbitos de altura, vestindo um manto da Tessália” (Filóstrato, *Life and Times of Apollonius of Tyana* 4.16 [Eelis, 99]).

45. Ver nota 8, cap. VII, I. III.

46. “Hierocesareia, remontando a uma antiguidade ainda maior, apregoava ter uma Diana persa, cuja fama fora consagrada no reinado de Ciro” (Tácito, “*Anais*” 3,62. Em *Complete Works*, tradução de Alfred John Church e William Jackson Brodribb [Nova York: Random House [Modern Library], 1942, 136]).

47. Talvez nenhuma outra fórmula mágica seja tão conhecida. Budge a aborda detalhadamente em sua obra *Amulets and Talismans*, cap. 8. Ele não concorda que Serenus tenha inventado a palavra e diz:

... parece-me que a fórmula se baseia em algo muito mais antigo e, seja como for, a ideia deriva de uma fonte mais antiga ainda. Muitas tentativas já foram feitas para se encontrar um significado para a fórmula, mas a explicação apresentada por Bischoff em sua “Kabbalah” (1903) é provavelmente a mais correta. Ele deriva sua fórmula das palavras caldeias «iz* myi? , ou seja, ABBÂDÂ KÊ DÂBRÂ, que parecem ser dirigidas à febre, significando algo como “pereça como a palavra” (Budge [1930] 1968, 8:220-1).

A atração desse amuleto continua até os tempos modernos. O bem conhecido mago Aleister Crowley dava grande importância à palavra, mas a alterou para adaptá-la aos seus preceitos, em ABRA-HADRABA, a “palavra do Aeon”, pela qual ocorreria a união da consciência humana com a solar. “Ela representa a Grande Obra completa, sendo, portanto, um arquétipo de todas as operações mágicas menores” (Crowley [1929] 1976, 42). De acordo com Kenneth Grant, a razão para a mudança na ortografia era a crença de Crowley de que ele tinha descoberto o verdadeiro nome esotérico do Deus Hod, que é o termo caldeu para Set. Ver Grande 1976, 3:59.

48. Na frente do amuleto, os nomes de Deus são, de cima para baixo: IHVH, ADNI, YIAI e AHIH. Na borda, está escrito: IHVH ALHIKV IHVH AKD: “IHVH Nosso Deus é IHVH Um”. Quanto às palavras na parte de trás, ver nota 24, e a parte do texto a que se refere. Os pontos indicam que cada letra representa uma palavra.

49. A tinta é feita da fuligem depositada pela fumaça.

50. Um amuleto amarrado ao corpo.

51. Ver nota 33 deste capítulo.

52. Juízes 13:18. “Por que perguntas assim pelo nome, que é maravilhoso?” Nome = PLA: algo maravilhoso ou admirável, um milagre de Deus.

53. Ver nota 5 deste capítulo.

54. Recebemos a instrução, na bênção sacerdotal, de não pronunciar o nome do Senhor como ele é escrito na forma do Tetragrammaton, o *shem ha-meforash*. Nem todos sabiam como pronunciar o nome, que vogais eram dadas a quais consoantes e se algumas das letras capazes de reduplicação deveriam receber um *dagesh*. Homens sábios transmitiram sucessivamente a pronúncia do nome; apenas uma vez em cada sete anos, a pronúncia era comunicada a um distinto discípulo. Devo acrescentar, porém, que a afirmação “Os sábios comunicavam o Tetragrammaton a seus filhos e seus discípulos uma vez em cada sete anos” não se refere apenas à pronúncia, mas também ao significado, motivo pelo qual o Tetragrammaton foi convertido em um *nomen proprium* de Deus, e incluí certos princípios metafísicos (Maimônides, *Guia dos perplexos* 1.62 [Friedlander,91]).

Ele acrescenta: “Há uma tradição segundo a qual, após a morte de Simeão, o Justo, seus irmãos sacerdotes pararam de usar o Tetragrammaton na bênção...” (*ibid.*, 92).

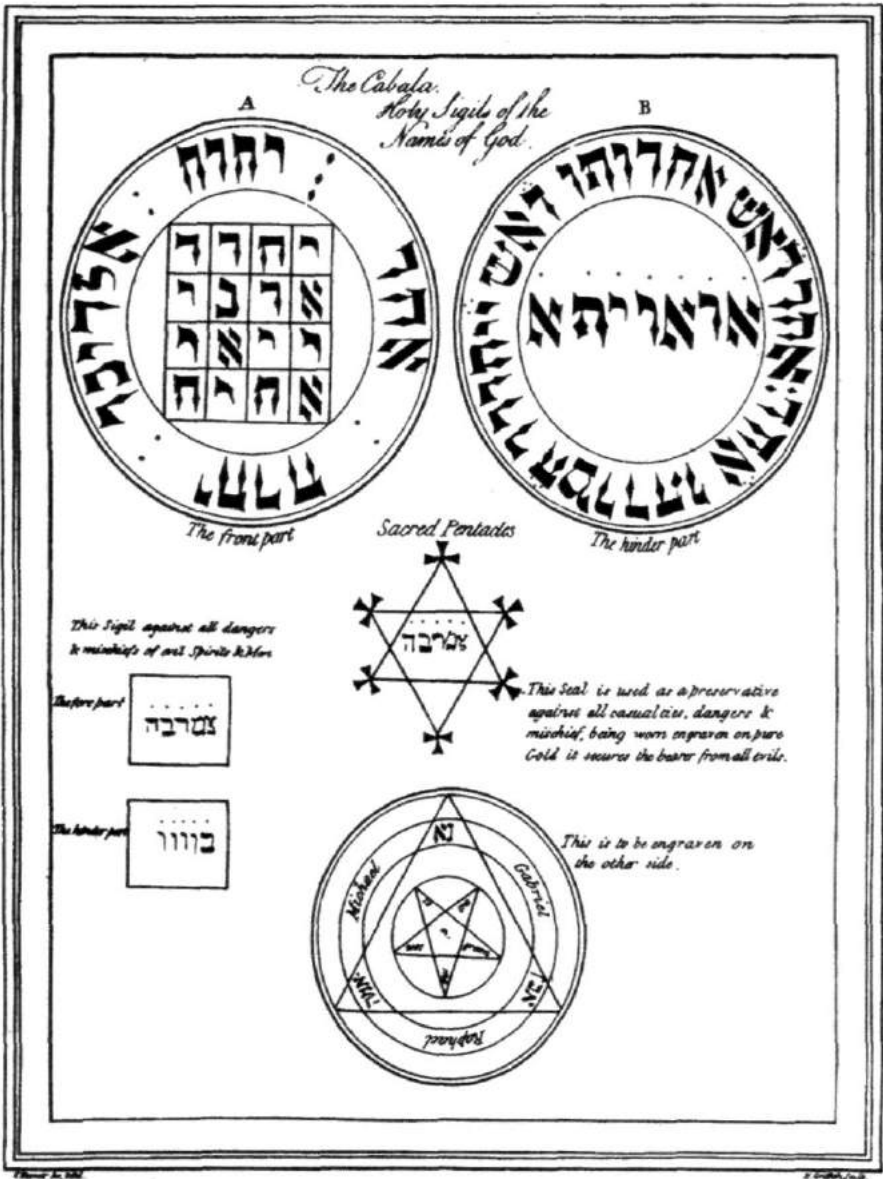
Esse zelo em não manchar o nome mais sagrado de Deus levou à perda de sua verdadeira

pronúncia. Quando um judeu lê a escritura e encontra o nome IHVH, pronuncia-o “Adonai”

(ADNI).

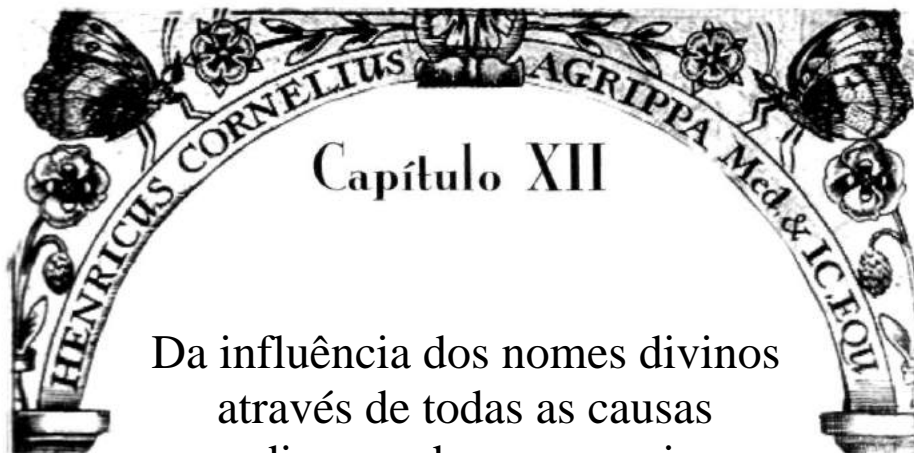
... portanto, Ele (YHVH) só é chamado pelo nome de She`kheen-ah יהוה Adonai, isto é, Senhor: por isso os rabinos dizem (do nome YHVH): Não como sou escrito (YHVH), sou lido. Neste mundo, Meu Nome é escrito YHVH e lido Adonoi, mas, no mundo por vir, o mesmo será lido como é escrito, e assim a Misericórdia (representada por YHVH) virá de todos os lados (Myer [1888] 1974, 18:341). Myer está citando o *Zohar*.

55. I Coríntios 13:1.



Nomes Cabalísticos de Deus

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)



Da influência dos nomes divinos através de todas as causas medianas sobre essas coisas inferiores



altíssimo Criador e Primeira Causa, embora governe e disponha de todas as coisas, distribui o cuidado e a execução a diversos ministros, tanto bons quanto maus, que *João*, no Apocalipse,¹ chama de anjos auxiliares e destruidores; dos quais o profeta² canta: o anjo do Senhor acampase ao redor dos que o temem e os livra; e em outro lugar,³ descreve as imissões⁴ dos anjos maus.

Ora, tudo o que Deus faz por meio dos anjos, como seus ministros, o mesmo faz por meio dos céus, das estrelas, como por instrumentos, para que assim todas as coisas o sirvam, a fim de que toda parte do céu e toda estrela possam discernir todo canto e local da Terra, e todo tempo, espécie e indivíduo; é, portanto, lógico que a virtude angelical dessa parte ou estrela seja aplicada às coisas, lugares, tempos e espécies. Nesse sentido, *Agostinho*, em seu Livro das Perguntas,⁵ diz que toda coisa visível nes-

te mundo tem um poder angelical a ela designado.

Também *Orígenes*,⁶ no livro dos Números, diz que o mundo tem necessidade de anjos para comandar os exércitos da Terra, os reinos, as províncias, os homens, os animais, a natividade e os progressos dos seres vivos, os arbustos, as plantas e outras coisas, dando-lhes aquela virtude que se diz existir neles, a partir de uma profecia oculta; necessidade muito maior é a de anjos que comandam as santas obras, virtudes e homens santos, como aqueles que veem a face do Pai altíssimo e que são capazes de guiar os homens no caminho certo, até nas menores coisas, como membros justos deste mundo, no qual Deus, como principal presidente, mora e docemente distribui todas as coisas, não sendo contido nem circunscrito, mas contendo todas as coisas.

Como *João* descreve no Apocalipse aquela cidade celestial, cujos 12 portões⁷ são guardados por 12 anjos, infundindo neles o que eles recebem

do nome divino, 12 vezes revolido;⁸ e nas fundações dessa cidade, os nomes dos 12 apóstolos e o Cordeiro;⁹ pois, assim como na Lei, no peitoral do juízo¹⁰ e nas fundações da cidade santa¹¹ descrita por *Ezequiel*, estavam escritos os nomes das tribos de Israel e o nome das quatro letras que predominava sobre elas;¹² também no Evangelho¹³ os nomes dos apóstolos estão escritos nas pedras da fundação da cidade celeste, pedras estas que representam as tribos de Israel na Igreja, sobre as quais o nome do Cordeiro tem influência, ou seja, o nome de *Jesus*,¹⁴ no qual se encontra toda a virtude do nome de quatro letras, uma vez que *Jeová*, o Pai, lhe deu todas as coisas.

Portanto, os céus recebem dos anjos aquilo que enviam cá para baixo; mas os anjos, por sua vez, recebem do grande nome de Deus e *Jesus*, cuja virtude se encontra primeiro em Deus, e é depois difundida entre esses 12 e sete anjos, pelos quais se estende aos 12 signos e 12 planetas, e consequentemente a todos os outros ministros e instrumentos de Deus, penetrando até as profundezas.

Nesse sentido, disse Jesus: tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo concederá;¹⁵ e após sua ressurreição disse: em meu nome expulsarão demônios,¹⁶ e assim por diante. E assim o nome de quatro letras não é mais necessário, pois toda a sua virtude foi transferida para o nome de *Jesus*, no qual e só no qual são feitos milagres; tampouco existe outro (como disse *Pedro*),¹⁷ porque não há salvação em nenhum outro, pois abaixo do céu não existe nenhum outro nome dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos.

Mas não pensemos que, ao pronunciar o nome de *Jesus* de modo profano, como um nome de qualquer homem, poderemos realizar milagres por sua virtude. Devemos invocá-lo no Espírito Santo, com a mente pura e com um espírito fervoroso, para obtermos aquelas coisas que são prometidas nele, conhecimento sem o qual não seremos ouvidos, pois, como diz o profeta, pô-lo-ei a salvo porque conhece o meu nome.¹⁸

Assim, nenhum favor pode ser obtido dos céus, a menos que a autoridade, o favor e o consentimento do nome *Jesus* intervenha; é por isso que os hebreus e os cabalistas habilidosos nos nomes divinos nada conseguem fazer, depois de Cristo, por meio daqueles nomes, como faziam seus pais muito tempo atrás; e agora se confirma por experiência que nenhum demônio ou poder do Inferno, os quais frustram e perturbam os homens, são capazes de resistir a esse nome, mas acabam se ajoelhando e obedecendo, quando o nome *Jesus*, devidamente pronunciado e proposto, é venerado.

E eles temem não só o nome, mas também sua cruz e seu selo;¹⁹ e não só os joelhos das criaturas terrestres, celestes e infernais se dobram, mas também as coisas insensíveis o reverenciam, e todos tremem diante de sua presença, quando, com o coração fiel e a verdade nos lábios, o nome *Jesus* é pronunciado, e mãos puras impregnam o salutífero sinal da cruz.

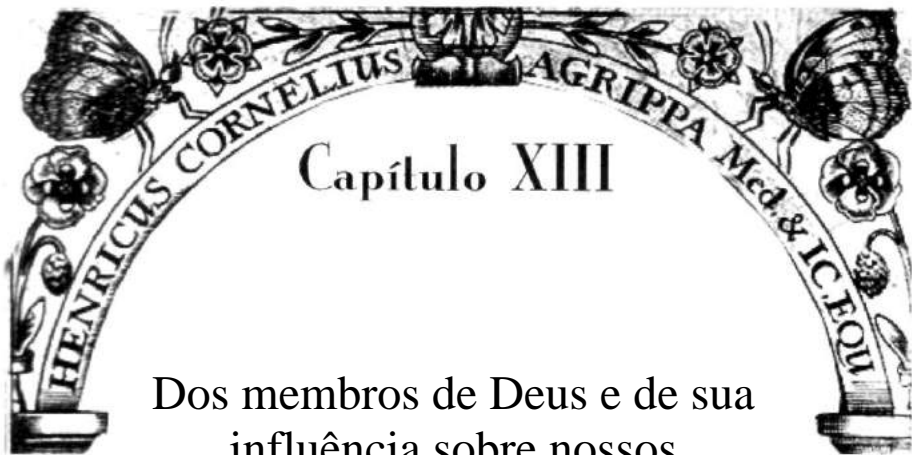
Não diria Cristo em vão aos seus discípulos: em meu nome expulsarão espíritos, etc, se determinada virtude não se expressasse naquele nome, com poder sobre os demônios

as doenças, as serpentes e as pessoas, as línguas e assim por diante, uma vez que o poder contido nesse nome é ao mesmo tempo a virtude de Deus, o instituidor e daquele que é expressado por esse nome e de um poder implantado na própria palavra.

É por isso que, diante do fato de toda criatura temer e reverenciar o nome daquele que a criou, às vezes até os homens perversos e profanos, se acreditarem na invocação dos nomes divinos desse tipo, dominam de fato os demônios e são capazes de realizar outras coisas grandiosas.

Notas - Capítulo XII

1. Apocalipse 7:2.15, e em outros lugares.
2. Salmos 34:7. Nesse contexto, ver Salmos 91:9-12.
3. Salmos 78:49.
4. Inserções em algo.
5. Talvez *De doctrina Christiana*, de Agostinho.
6. E o que é tão agradável, tão magnífico quanto a obra do Sol ou da Lua que ilumina o mundo? No entanto, há trabalho no mundo também para os anjos que dominam sobre os animais e para os anjos que presidem os exércitos da Terra. Há trabalho para anjos que presidem o nascimento de animais, sementes e plantações, e muitos outros brotos. E há ainda trabalho para anjos que presidem as obras sagradas, que ensinam a compreensão da luz eterna e a ciência das coisas divinas (Orígenes, *Fourteenth Homily on Numbers*, tradução de Rufinus. In Thorndike 1929, 1:454).
- ... tampouco devemos supor que os ofícios são designados a um ou outro anjo em particular por acaso: como Rafael, por exemplo, cuja obra é curar e restaurar a saúde; Gabriel, a conduta das guerras; Miguel, o dever de escutar as preces e as súplicas dos mortais. Pois não podemos imaginar que eles obtiveram tais ofícios por outro motivo que não seus méritos, e graças ao zelo e às excelentes qualidades que já exibiam antes da formação do mundo; de modo que depois, na ordem dos arcanjos, esse ou aquele ofício foi atribuído a cada um, enquanto outros mereciam ser classificados na ordem dos anjos, agindo sob a tutela de um ou outro arcanjo, ou do líder de uma ordem (Orígenes, *De principiis* 1.8 [*Ante-Nicene Fathers*] 4:264-5).
7. Apocalipse 21:12.
8. As 12 permutações de Tetragrammaton. Ver a tabela que acompanha o capítulo XIV, I. II.
9. Apocalipse 21:14.
10. Êxodo 28:29.
11. Ezequiel 48:31.
12. "... o nome da cidade desde aquele dia será: O Senhor (יהוה) está ali." Ezequiel 48:35.
13. Mateus 19:28.
14. Ginsburg, referindo-se à obra cabalística cristã *De verbo mirifico* (Basle, 1494), de autoria do místico alemão Johannes Reuchlin, diz: "O nome Jesus, em hebraico יהושע ... forma o nome יהוה *Jeová*; e ז, que na linguagem da Cabala é o símbolo do fogo ou da luz. ... Esse misterioso nome, portanto, contém toda uma revelação, mostrando-nos que Jesus é o próprio Deus, a Luz do *Logos*" (Ginsburg [1863] 1970,3:5:211). Agrippa conhecia essa obra de Reuchlin.
15. João 15:16.
16. Marcos 16:17.
17. Atos 4:12.
18. Salmos 91:14.
19. O sinal da cruz feito com a mão.



Dos membros de Deus e de sua influência sobre nossos membros



emos em vários lugares da Sagrada Escritura a respeito dos diversos membros de Deus e de seus ornamentos; mas por membros de Deus entende-se múltiplos poderes, que no próprio Deus residem, distintos entre si pelos nomes sagrados de Deus; mas as vestes e os ornamentos de Deus são, na verdade, caminhos e relações, ou emanações, ou canais condutores, por meio dos quais ele se difunde e cujas orlas tocam nossa mente. É frequente, portanto, que o poder divino se estenda, como com *Jesus* na questão da mulher que sofria de hemorragia, quando ele disse, alguém me tocou, pois sinto uma virtude de mim se estender.¹

Esses membros em Deus são como os nossos, mas se constituem nas ideias e nos exemplos² de nossos membros, aos quais, se conciliarmos nossos membros, sendo então traduzidos na mesma imagem, seremos os verdadeiros filhos de Deus e semelhantes a Ele, fazendo e realizando as obras de Deus.

Assim, quanto aos membros de Deus, muitas coisas são extraídas das

Escrituras; pois lemos sobre a cabeça nos Cânticos:³ a tua cabeça é como o monte Carmelo, a tua cabeleira, como a púrpura de um rei; mas esse Carmelo não significa o monte na costa da Síria, mas uma pequena criatura que produz a púrpura.⁴ Também sobre os olhos, pálpebras e ouvidos, lemos nos Salmos: os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor,⁵ seus olhos espreitam o desamparado,⁶ e sua pálpebras perguntam pelos filhos dos homens;⁷ e sobre a boca, o gosto, a garganta, os lábios e os dentes, lemos em Isaías; tu indagastes a minha boca;⁸ e nos Cânticos, os teus beijos são como o bom vinho, vinho que se escoia suavemente para o meu amado, deslizando entre seus lábios e dentes⁹; também sobre as narinas, pelas quais (como vemos com frequência na Lei) ele aspirou o suave cheiro¹⁰ dos sacrifícios.

Ele tem ombros, braços, mãos, e dedos, sobre os quais lemos em Isaías: o governo está sobre os seus ombros;¹¹ a quem foi revelado o braço do Senhor?¹² E o rei profeta canta, deste-lhe domínio sobre as obras da

tua mão;¹³ e contemplo os teus céus, obra dos teus dedos.¹⁴ O Senhor também tem a mão direita e a esquerda; pois assim diz o Salmista, disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita;¹⁵ e quanto à esquerda, lemos no Evangelho que os malditos serão colocados à Sua esquerda no último dia.¹⁶

Mais adiante, lemos a respeito do coração, peito e costas de Deus; como no Livro dos Reis, Deus encontrou em *Davi* um homem de acordo com seu próprio coração;¹⁷ o Evangelho fala também do peito, sobre o qual o discípulo se reclinou.¹⁸

E o Salmista descreve as costas, na palidez do ouro; e Ele mesmo fala, em Jeremias, mostrar-lhes-ei as costas, e não o rosto, no dia da sua calamidade;¹⁹ e Ele disse a *Moisés*, tu me verás pelas costas;²⁰ quanto aos pés, o Salmista também canta, e teve sob seus pés²¹ densa escuridão; e o Livro do Gênesis diz que ele andava no jardim²² na viração do dia.

De modo semelhante, também lemos sobre as vestes e o ornamento de Deus; segundo o Salmista, o Senhor reinou, vestiu-se de beleza, com roupas de luz como vestimenta;²³ ele é sobrevestido de glória e majestade;²⁴ tornaste o abismo por vestuário e a cobriste;²⁵ e, em Ezequiel, o Senhor diz: estendi sobre ti as abas do meu manto e cobri a tua nudez.²⁶

Além disso, lemos sobre o bordão, o cajado e a espada de Deus; como canta o Salmista, o teu bordão e o teu cajado²⁷ me consolam; abençoa o justo e, como escudo,²⁸ o cercas da tua benevolência; e no Deuteronômio lemos sobre a espada²⁹ da sua glória.

E muitos outros exemplos desse tipo são encontrados na palavra

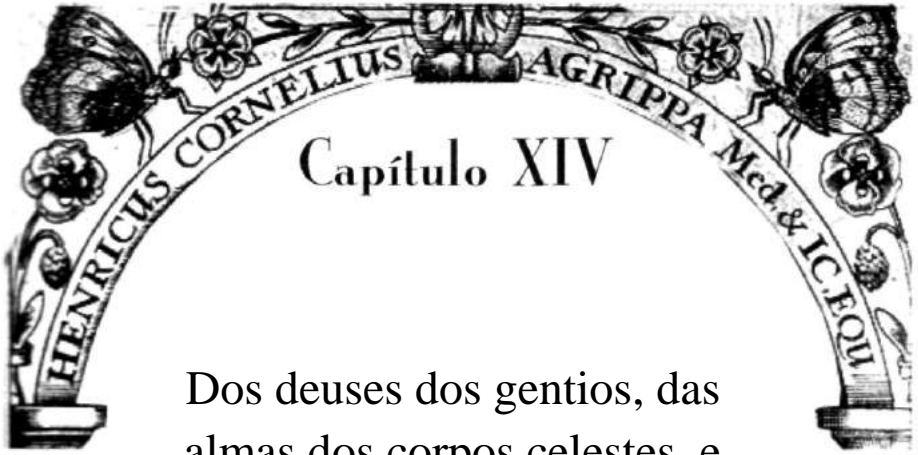
sagrada. Por esses membros e ornamentos divinos, não há dúvida, os nossos membros e todas as coisas que nos cercam, e todas as nossas obras, são regidos, dirigidos, preservados, governados e também censurados; pois, como afirma o profeta, ele colocou meus pés sobre uma rocha³⁰ e me firmou os passos; e em outra passagem, lemos: bendito seja o Senhor, rocha minha, que me adestra as mãos para a batalha e os dedos para a guerra;³¹ e quanto à boca, lemos, e me pôs nos lábios³² um novo cântico. Mais adiante, nosso Salvador afirma, eu lhes darei boca e sabedoria,³³ e quanto ao cabelo, lemos, não se perderá³⁴ um só fio do cabelo de vossas cabeças; e em outra passagem, até os cabelos todos da cabeça estão contados.³⁵

Pois o Deus Todo-Poderoso, fazendo-nos à sua imagem e semelhança, criou membros e figuras abertas em nós de muitas maneiras, de acordo com a similitude de Suas virtudes ocultas, como sinais, mantendo a mesma ordem e porção a elas.

Por isso os mecubais dos hebreus dizem que, se um homem capaz da influência divina de fato deixar seu corpo puro e livre de sujeira, então ele se torna a *habitale*³⁶ e o trono do membro secreto de Deus e da virtude à qual o mesmo nome é atribuído, de maneira que, se aquele membro desejar qualquer coisa, invocando o nome do Senhor, “eu o livrarei, pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome”,³⁷ e esses são os grandes e ocultos mistérios sobre os quais é ilegal publicar mais alguma coisa.

Notas - Capítulo XIII

1. Marcos 5:30.
2. Ideais e arquétipos.
3. Cantares de Salomão 7:5.
4. Kermes é um pigmento vermelho que antigamente era obtido da fêmea preta do inseto *Coccus Illicis*, encontrado no sul da Europa e no norte da África, que fica pendurado em uma espécie de azinheira como uma frutinha vermelha. No início do século XVI, ele começou a ser substituído por cochonilha, um pigmento parecido feito com insetos fêmeas de *Coccus Cacti*, importado do México e do Peru pelos espanhóis. O nome carmin (de Kermes) era aplicado em ambos. Agrippa, é claro, está se referindo ao produto do Velho Continente. O que os antigos chamavam de púrpura, nós chamaríamos de vermelho.
5. Salmos 34:15.
6. Talvez, Salmos 10:8.
7. Salmos 11:4.
8. Isaías 30:2.
9. Cantares de Salomão 7:9.
10. Gênesis 8:21.
11. Isaías 9:6.
12. Isaías 53:1.
13. Salmos 8:6.
14. Salmos 8:3.
15. Salmos 110:1.
16. Mateus 25:33- 41.
17. 1 Samuel 13:14.
18. João 13:25 e 21:20.
19. Jeremias 18:17.
20. Êxodo 33:23.
21. Salmos 18:9.
22. Gênesis 3:8. Desta passagem, Rashi diz: “naquela direção [interpretando j wr ‘direção’ ao invés de ‘vento’] de onde o sol vem, ou seja, o oeste. Pois em direção à noite, o sol está no oeste...” (Rashi, 1949, 1:30). Os colchetes são dos editores do *Commentary*.
23. Salmos 91:1.
24. Talvez, Salmos 104:1.
25. Salmos 104:6.
26. Ezequiel 16:8.
27. Salmos 23:4.
28. Salmos 5:12.
29. Deuteronômio 33:29. Ver Salmos 45:3.
30. Salmos 40:2.
31. Salmos 144:1.
32. Salmos 40:3.
33. Lucas, 21:15.
34. Lucas 21:18.
35. Mateus 10:30.
36. Habitação. A palavra habitação era usada para descrever o tabernáculo judeu.
37. Ver nota 18, cap. XII, l. III.



Dos deuses dos gentios, das almas dos corpos celestes, e quais lugares eram consagrados no passado e a quais divindades



s filósofos afirmavam, como já mostramos antes, que os céus e os astros são animais divinos, e suas almas são intelectuais, participando da mente divina; e eles alegam que algumas substâncias separadas são superiores, outras, inferiores; ou seja, as que governam e as que servem, às quais eles chamam de inteligências e anjos; *Platão*, ademais, afirmava que as almas celestiais¹ não são confinadas a seus corpos, como as nossas são aos nossos, mas se vão aonde querem ir, e também que se regozijam na visão de Deus, e, sem dificuldade ou dor, regem e fazem locomover seus corpos; e juntas, movendo-os, governam as coisas inferiores com facilidade.

Por isso, almas dessa espécie são chamadas de deuses, e a elas são atribuídas honras e dedicados sacrifícios e orações, sendo elas também veneradas com reverência divina; e esses são os deuses aos quais todas as

pessoas são atribuídas, como determinou *Moisés* em Deuterônimo,² dizendo: Guarda-te, não levantes os olhos para os céus e, vendo o Sol, a Lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dêes culto àqueles, coisas que o Senhor, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus; mas o Senhor (*Jeová*) teu Deus vos tomou e vos tirou da fornalha de ferro do Egito para que lhe sejais povo de herança. E no mesmo livro, capítulo 17,³ ou ao Sol, ou à Lua, ou a todo o exército do céu (que os adore).

E os doutores entre os hebreus, no trecho de Gênesis⁴ em que se diz que *Abraão* deu presentes aos filhos das concubinas, ou seja, *Shemoth* e *Steltoma*, nomes, aliás, estranhos, porém *Isaque* como herdeiro de tudo o que possui, dizem que os filhos das concubinas não estavam na bênção de *Abraão* dada a *Jeová*, o Criador altíssimo, mas sim a estranhos deuses e

divindades,⁵ mas que *Isaque* e sua semente foram dados ao onipotente *Jeová* e, em parte alguma, à divindades estranhas; por isso, são admoestados em Deuteronômio, porque serviam a deuses estranhos e adoravam aqueles que eles não conheciam e aos quais não foram dados.

E também *Josué Nave*, após o povo ser levado à terra prometida, ter vencido os inimigos e as propriedades em Israel distribuídas, dá ao povo a permissão de escolher o Deus a que iam venerar, dizendo, escolhei hoje a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; mas o povo respondeu, serviremos ao Senhor *Jeová*, e ele será o nosso Deus; *Josué* disse, então, não podereis servir ao Senhor, porquanto é Deus santo, Deus zeloso; e como o povo persistisse em servir a *Jeová*, ele disse, sois testemunhas contra vós mesmos de que escolhestes o Senhor para o servir; agora, pois, deitai fora os deuses estranhos que há no meio de vós e inclinai o coração ao Senhor, Deus de Israel; e ele ergueu uma grande pedra e nela escreveu, esta pedra nos será testemunha para que vós não mintais a vosso Deus.⁶

Portanto, os outros deuses aos quais as outras nações foram dadas eram o Sol, a Lua, os 12 signos e outros corpos celestes e tecidos divinos; não, porém, como corpos, mas com a alma a eles se apegando, e toda a milícia do céu, que *Jeremias* chama de Rainha do Céu,⁷ ou seja, o poder pelo qual o céu é governado, é a Alma do Mundo da qual diz *Jeremias*: os filhos pegam gravetos e dela fazem uma fogueira, e as mulheres misturam óleo

para fazer um bolo para a Rainha do Céu; tampouco era a dulia dessa Rainha e outras almas celestiais proibida; já a latria,⁸ porém, era apenas do Senhor.

Mas o nome dessas almas, ou deuses, já o declaramos aqui; a que regiões, povos e cidades eram eles atribuídos como devidos patronos, *Orígenes*,⁹ *Tertuliano*,¹⁰ *Apuleio*,¹¹ *Deodoro*¹² e muitos outros historiadores concordam, em parte, conosco.

Todos os povos, portanto, adoravam seus deuses com as devidas cerimônias: os beócios, a *Amphiarus*;¹³ os africanos, *Mopsus*;¹⁴ os egípcios, *Osíris* e *Ísis*; os etíopes, que habitam Meroe, *Júpiter* e *Baco*; os árabes, *Baco* e *Vênus*; os citas, *Minerva*; os nativos de Náucratis, *Serapis*; os sírios, *Atargates*;¹⁵ os árabes, *Diaphares*; os africanos, *Celestus*;¹⁶ os habitantes da terra de Nórnia, *Tibelenus*.¹⁷

Na Itália, também pela consagração das cidades livres, *Delventius* era o deus dos crustumensians*, *Viridiano*; da terra de Nárvia; *Aucharia*,¹⁸ dos Aesculans, *Nursia*,¹⁹ dos Volscians, *Valentia* dos otriculanos, *Nortia*²⁰ dos Sutrianos; *Curis*,²¹ dos falicianos, particularmente famosos.

Os latinos adoravam, com a maior devoção, a Marte; os egípcios, *Ísis*; os mouros, *Iuba*;²² os macedônios, *Cabrius*;²³ os cartagineses, *Urano*; os latinos, *Fauno*; os romanos, *Quirino*;²⁴ os sabinos, *Sangus*;²⁵ Semos *Sangus*, também chamado *Dius Fidius*, era um deus de luz e de juramentos adorado pelos sabinos, úmbrios e romanos. Há quem o identifique com o italiano *Hércules*, mas isso é questionável. O santuário do deus no monte Quirinal tem um

buraco no telhado, porque ele só podia ser invocado sob céu aberto. Uma inscrição sobre um altar em uma segunda capela localizada em uma ilha no Tibre levou alguns dos primeiros padres, como Justino, o Mártir, Tertuliano e Eusébio, a identificar o deus erroneamente com Simão; os atenienses, *Minerva*; Samos, *Juno*; Paphos, *Vênus*; Lemnos, *Vulcano*; Naxos, *Baco*; Delfos, *Apolo*.

E como canta *Ovídio* em seu *Fasti*.²⁶
 Atenas a Palas; Creta, a Diana implora.
 A ilha de Lemnos, a Vulcano adora.
 Os espartanos a Juno.

Os cartagineses e os leucádios adoravam a *Saturno*; Creta, Pireus, Homole, Ida, Elis e Líbia, *Júpiter*, onde ficava seu oráculo;²⁷ Epirus, Latium, Gnidus, Lícia, Pisa, Macedônia, *Marte*; os thermodonians,* citas e a Trácia, o Sol.

Os citas adoravam um único deus, sacrificando a ele um cavalo;²⁸ o mesmo faziam os heliopolenses e assírios; e, sob o nome de Apolo, os habitantes de Rhodes, os hiperbóreos e os milésios; e os montes Parnasso, Phaselus, Cynthus, Soracte²⁹ eram consagrados a ele, e também as ilhas de Delos, Claros, Tenedos e Mallois, um lugar na Ilha de Lesbos, e o Bosque de Grineia, além das cidades de Patara, Crisa, Tarapnas, Cirra, Delfos, Arrefina, Entrosi, Tegira; também Tebas, a Ilha de Naxos, Nise, uma cidade da Arábia, Callichoros, um rio da Paflagônia eram a ele consagrados sob o nome de *Baco* e *Dioniso*; também os montes Parnasso e Cítero da Boécia, onde se realizavam a cada dois anos os Bacanais;³⁰ e os tamaritanos, povo vizinho dos hircanians* adoravam *Baco* com cerimônias próprias.

Os assírios foram os primeiros a introduzir o culto a *Vênus*; a eles se seguiram os adoradores de Páfia, no Chipre, os fenícios e os habitantes de Citera, que (segundo Egeu) foram seguidos pelos atenienses; entre os lacedemônios, *Vênus Armatha*³¹ era venerada; em Delfos, *Vênus Epitybia*;³² ela também era adorada pelos coanos; e, em Amathus, uma ilha do Mar Egeu e, em Mênfis, uma cidade do Egito; em Gnido³³ e na Sicília, e no Bosque de Idálio, além da cidade de Hipepa, e em Erice uma montanha da Sicília; também na Caledônia, Cirene e Samos; e não há registro (segundo o testemunho de *Aristóteles*) de nenhum culto dos antigos deuses com cerimônias grandiosas em mais lugares.

Os franceses, em particular, veneravam *Mercúrio*, chamando-o de *Teutates*;³⁴ também os árcades, hermopolitas, egípcios e menfitas.

Os citas ao redor do Monte Taurus adoravam a Lua sob o nome de *Diana*; e, em Éfeso, ela tinha um templo majestoso;³⁵ e, em Mícena, após a morte de *Thoantes*, rei de Taurica, e de sua estátua ser levada por *Ifigênia* e *Orestes*,³⁶ ela passou a ser venerada em Arícia.³⁷ O rito cerimonial sofreu mudanças, e ela também começou a ser venerada pelos magnésios, um povo da Tessália; também em Pisa, uma cidade de Acaia;³⁸ e em Tibure e Aventium, uma colina romana; e em Perga, uma cidade de Pamfília; Agras, no reino de Ática. Além disso, diz-se que o povo de Cardiff venerava a Lua sob o sexo masculino.³⁹

Havia ainda outros lugares consagrados a outras divindades, como Palas, que é chamada de *Minerva*, a quem eram consagradas Atenas, os Montes Pireus e Aracinto, o

Rio Tritão, e Alcomeneum, uma cidade da Boécia; e Neo, uma das Ilhas Cíclades.

Os lugares sagrados de *Ceres* são Elêusis, Ática, Ena e Catana, cidades da Sicília, e o monte Etna.

O principal culto a *Vulcano* ficava na ilha de Lemnos, e em Imbres, uma ilha da Trácia; além de Terásia, uma ilha consagrada a *Vulcano*, e também Sicília.

Vesta era a deusa dos troianos, a qual o fugitivo *Enéas* carregou para a Itália,⁴⁰ e a ela são dados os frígios, e os montes Idea e Díndimo, e Reatum, uma cidade de Úmbria; também o monte Berecinto, e Pessinuntium, uma cidade da Frígia.

As cidades de Cartago, Prosená, Argos e Micena adoravam *Juno*.

Também a ilha de Samos, e o povo de Phaliscia, Orchestus, uma cidade da Boécia, e Tenatus, um promontório de Lacônia, eram consagrados a *Netuno*, e a nação e a cidade dos trezenianos viviam sob a proteção do mesmo deus.

Assim eram, portanto, os deuses das nações, que as regem e governam, os quais o próprio *Moisés*, em Deuteronômio,⁴¹ chama de deuses da Terra, aos quais todas as nações eram atribuídas, não significando outra coisa que não os corpos celestes, e suas almas.

Notas - Capítulo XIV

1. Ver as *Leis* de Platão, livro 10, em particular seções 898-9.
2. Deuteronômio 4:19-20.
3. Deuteronômio 17:3.
4. Gênesis 25:6.
5. Rashi alude a essa tradição de uma maneira um tanto oblíqua: “(Este versículo) [Gen 25:6] é escrito de forma incompleta (os nomes das concubinas não são mencionados), pois só havia uma concubina, Hagar, a mesma que Keturah.... Nossos rabinos explicam: O nome dos poderes ímpuros (malignos), passou a eles” (Rashi 1949, 1:235).
6. Josué 24:15-27.
7. Jeremias 7:18. Ver também 44:17-26. Conjetura-se que essa deusa sem nome seja a Ishtar da Mesopotâmia - deusa mãe da fertilidade, do amor e da guerra -, cujo culto era popular na Judeia durante o domínio assírio do século VII a.C.
8. *Dulia* e *latría* são palavras adotadas pelos católicos romanos: *latría* expressa a suprema reverência e adoração oferecidas somente a Deus; *dulia* é a reverência e a adoração secundária oferecida aos santos. *Latría* é a reverência de um *latris*, ou servo remunerado, enquanto *dulia* é a reverência de um *doulous*, ou escravo.
9. Ver Orígenes, *Against Celsus* 2.55 e 3.34.
10. Ver Tertuliano, *Ad nationes* 2.8.
11. Ver Apuleio, *De magia*.
12. Ver Deodoro, *Bibliotheca historica* livros 1-5.
13. Amphiarus, um herói grego reconhecido como um deus após sua morte. Ele era filho de Oicles e Hypermnestra e, pelo lado paterno, descendia do vidente Melampus. Sendo um dos argonautas, ele também participou do cerco a Tebas. Enquanto fugia dessa cidade em sua charrete, perseguido por Periclímeneo, a terra se abriu e o engoliu. Zeus o elevou à posição de deus.

Os habitantes de Oropa foram os primeiros a acreditar que Amphiaros era um deus, mas desde então toda a Grécia passou a considerá-lo assim. ... Oropos tem um templo de Amphiaros e uma estátua de pedra branca.... Os nativos de Oropa têm uma fonte, perto do santuário, chamada de fonte de Amphiaros; eles nunca sacrificam coisa alguma nela

nem a usam para os ritos de purificação ou água benta, mas, quando uma doença em um homem é curada por prescrições oraculares, eles têm o costume de jogar moedas de prata e de ouro na fonte, pois é lá, dizem, que Amphiarao foi elevado à condição de deus. ... Penso que Amphiarao era um ótimo árbitro de sonhos, uma vez que era reconhecido por ter instituído o sonho oracular (Pausânias, *Guide to Greece* 1.34.2-3 [Levi, 1:97-9]).

14. Herói e vidente grego, filho de Ampyx com a ninfa Clóris. Em deferência ao seu dom profético, ele era considerado um filho de Apolo com Himantis. Assim como Amphiarao, ele foi um dos caçadores caledônios que perseguiram o javali gigante de Ártemis e um dos membros da tripulação do Argos em busca do velocino de ouro. No decorrer dessa viagem, ele morreu na Líbia de uma picada de cobra e foi enterrado lá. Não deve ser confundido com outro vidente do mesmo nome, que era filho do vidente de Creta Rhacius e de Manto, filha de Tirésias.

15. Atargatis é uma “deusa-peixe” da Síria, esposa de Baal, que tinha muitas funções. Ela era ancestral da casa real, fundadora de costumes sociais e religiosos, e deusa da fertilidade. Em sua última função, ele representava os poderes geradores de vida da água e da terra. Era conhecida entre os gregos como Derketo e Dea Síria (ou Deasura). Apuleio descreve o culto a essa deusa em *O asno de ouro*, cap. 36. Luciano escreveu um tratado, *De dea Syria* (Sobre a deusa síria) descrevendo seus templos e sacerdotes. As lendas a associam ao Peixes astrológico. Dizem que ela foi transformada em peixe, ou chocada de um ovo encontrado por um peixe, e salva pelos peixes da ira de Tifão. Quanto a essa última versão, ver Ovídio, *Fasti* 2, c. linha 470. Ela também é mencionada no apócrifo II Macabeus 12:26.

16. Celeste. Ver nota 10 deste capítulo.

17. Tiberino, um dos reis míticos de Alba. De acordo com Lívio, ele morreu afogado enquanto tentava atravessar o Albula, e seu nome foi dado ao rio, que ficou conhecido como Tibre (*History of Rome*, 1.3). O espírito do rei se tornou o guardião do rio.

18. Ou Ancharia (ver nota 10 deste capítulo). A antiga deusa romana Angerona (ou Angerônia). Os antigos diziam que ela aliviava a dor e a tristeza e curava esquinência; ou que era a deusa protetora de Roma, cujo nome era o nome sagrado da cidade. Autoridades modernas consideram-na semelhante à deusa Ops, Acca Larentia e Dea Dia. Deve ter sido a deusa do Ano-novo, uma vez que o festival em sua homenagem, chamado Angeronália (ou Divália), era celebrado em 21 de dezembro. Em Faesulæ (Fiesole, perto de Florença), onde foi descoberto seu altar, ela era adorada sob o nome de Ancharia.

19. Nursia. Ver nota 10 deste capítulo. Nortia (ou Nurtia) era uma deusa etrusca adorada em Volsinii (Bolsena, localizada no lago italiano do mesmo nome). Ela é especialmente lembrada, porque a cada ano um prego era colocado na parede de seu templo como uma forma de calendário primitivo - talvez iniciado como uma prática de magia para evitar a peste e algum outro mal. Ver Lívio, *History* 7.3.7. Essa prática também existia no templo de Júpiter Optimus Maximus, em Roma.

20. Veja nota 19 deste capítulo.

21. Juno Curis, ou Curitius, ou Quiritis, era uma deusa especialmente venerada em Falerii (ou Falerium), na Etrúria, que ficava mais ou menos 51 quilômetros a norte de Roma, na atual Civita Castellana. O nome vem de *cúria*, uma divisão do povo romano composta de uma associação de famílias (gentes) que formava uma unidade política e religiosa. As dez *cúrias* realizavam cerimônias (*sacra*) a Juno Curis. Tertuliano fala de um “Pai Cruis, de Falisci, em honra do qual, também, Juno recebeu seu sobrenome” (ver nota 10). Provavelmente havia um Júpiter Curis.

22. Juba II ganhou honras divinas após sua morte. Ver nota biográfica.

23. Cabeiros, um dos Cabiri, divindades gregas místicas que aparecem em vários lugares no mundo antigo. A princípio, havia dois, um mais velho, identificado como Hephaestus, e um mais jovem, identificado como Hermes. Quando o culto a eles se uniu ao de Deméter e Kore, o número dessas divindades aumentou para quatro. A deusa Cabeiro, que segundo os escritores antigos era a esposa de Hephaestus, é idêntica a Deméter - Deméter era chamada de Kabeiria em Tebas. Também em Tebas foi encontrada uma representação de um deus chamado Cabeiros, que se assemelha a Dioniso. A principal sede do culto aos Cabeiri era a Ilha de Trácia, perto da Macedônia. Filipe da Macedônia e sua esposa foram iniciados nos mistérios dos Cabeiri lá.

24. Uma palavra Sabina (*quiris*: lança) usada como sobrenome de Rômulo e Augusto, quando foram elevados ao *status* de deuses, e dos deuses Marte e Jano. O festival em homenagem à translação ao céu do divino Rômulo era chamado de Quirinália. O deus Quirino era semelhante a Marte e venerado nos primeiros dias de Roma, no Monte Quirinal, onde, segundo a tradição, um grupo de sabinos se assentara.

25. Também chamado Dius Fidius, era um deus de luz e de juramento adorado pelos sabinos, úmbrios e romanos. Há quem o identifique com o italiano Hércules, mas isso é questionável. O santuário do deus no Monte Quirinal tem um buraco no telhado, porque ele só podia ser invocado sob céu aberto. Uma inscrição sobre um altar em uma segunda capela localizada em uma ilha no Tibre levou alguns dos primeiros padres, como Justino, o Mártir, Tertuliano e Eusébio, a identificar o deus erroneamente com Simão, o Mago (ou o Mágico), o qual eles acreditavam ser venerado em Roma. "... instalado no Panteão Simão, o Mago, a quem deram uma estátua e o título de Deus Santo..." (Tertuliano, *Apologia* 13 [*Ante-Nicene Fathers*, 3:29]).

Havia um Samaritano, Simão, nativo da aldeia chamada Gitto, que no reino de Cláudio César e na cidade real de Roma realizava poderosos atos de magia, em virtude da arte dos demônios que nele operavam. Ele foi considerado um deus e, como tal, homenageado com uma estátua, a qual foi erguida no Rio Tibre, entre as duas pontes, recebendo a inscrição, na língua de Roma: "Simoni Deo Sancto" [A Simão, o Deus santo] (Justino, o Mártir "*Primeira Apologia*" 26. Em *Ante-Nicene Christian Library* [Edimburgo: T and T. Clark, 1867], 2:29).

26. O povo de Cecrops [os atenienses] venera Palas; Creta, a terra de Minos, Diana; a terra de Hypsipile [Lemnos] adora Vulcano; Esparta e Micenas, a cidade do Peloponeso, Juno; o distrito de Maenalus [Arcádia], a cabeça com louro de pinhos de Fauno. Marte era um objeto merecedor da adoração de Larium. ... (Ovídio, *Fasti* 3, linhas 81-5 [Riley, 89-90])

27. O oráculo de Júpiter Amon ficava no oásis de Ammonium (hoje Siwa).

28. Heródoto assim descreve a religião dos citas:

Eles veneram apenas os seguintes deuses, a saber: Vesta, que reverenciam acima de todos os outros, Júpiter e Tellus, que consideram a esposa de Júpiter; e depois destes: Apolo, Vênus Celestial, Hércules e Marte. Esses deuses são venerados por toda a nação: os citas da realeza oferecem sacrifícios também a Netuno (*History* 4 [Rawlinson, 221-2]).

Ele menciona o sacrifício do cavalo apenas em relação aos costumes funerais para um rei: "Cinquenta dos melhores atendentes do rei falecido são levados, todos nativos da Cítia ... e estrangulados, com cinquenta dos mais belos cavalos" (*ibid.*, 225-6).

29. A montanha inteira era consagrada a Apolo. No festival ao deus, seus adoradores andavam sobre brasas." "Maior de todos os deuses para mim, Apolo, guardião do sagrado Monte Soracte, que antes de tudo homenageamos, para o qual o fogo dos pinhos é alimentado e cujos seguidores, nós, passando em meio ao fogo na força de nossa piedade, comprimimos a sola de nossas pés contra carvões incandescentes..." (Virgílio, *Eneida* 11, c. linha 785 [Lonsdale e Lee, 258]). Quero mencionar nesse contexto que o suposto sacrifício feito pelos pagãos de seus filhos ao fogo, mencionado tantas vezes na Bíblia, era apenas um rito iniciatório de andar no fogo.

30. O festival de Dioniso (Baco), que parecia consistir em uma orgia prolongada. Platão diz: "Já vi essa forma de festival antes, em Ática; e, em Tarento, povoado nosso, vi toda a cidade de taça nas mãos, no festival de Dioniso ..." (*Leis* 1:637b, [Hamilton & Cairns, 1237]). O costume foi introduzido em Roma através da Etrúria. No começo, os festivais eram secretos, frequentados só por mulheres e realizados três dias por ano no bosque de Simila (ver Ovídio, *Fasti* 6, linhas 503-17). Depois, os homens passaram a ser admitidos, e os festivais se tornaram tão populares que, em 186 a.C., foi passado um decreto proibindo-os em toda a Itália, exceto em circunstâncias especiais. Mesmo assim, eles continuaram por muitos anos depois.

31. *Armata* significa "abastecida com armas". Pausânias menciona um templo de Vênus Armada em Lacônia: "Não muito longe daqui, você verá uma colina não muito alta, na qual há um antigo templo e uma estátua armada para o culto de Afrodite" (*Cuide to Greece* 3.15.10 [Levi, 2:53]). Não é de se admirar que os belicosos espartanos adorassem uma Vênus guerreira.

32. Afrodite Epitymbia (Afrodite da Tumba), equivalente a Vênus Libitina (*libitinarii*: cozeiros), uma deusa dos mortos. Plutarco menciona uma estátua de Afrodite Epitymbia em Delfos

para a qual os espíritos dos mortos eram invocados (*Roman Questions* 23). Ele explica a aparente incongruência da deusa do amor na condição de deusa da tumba dizendo que a única e mesma divindade governa tanto o nascimento quanto a morte, e que a deusa mostra a verdade de que a morte não deve ser temida, mas sim desejada - um sentimento compatível com a paixão romana pelo suicídio. Outros epítetos igualmente improváveis para Afrodite são Cavadora de Covas, Deusa das Profundezas e a Deusa Sombria.

33. A mais famosa estátua de Afrodite no mundo antigo ficava em um templo em Gnidos (Cnido). Era uma obra de Praxíteles, sendo depois imitada nas moedas da cidade e muito copiada. Há uma reprodução no Vaticano.

34. Lucano menciona esse deus obscuro de passagem: "... toda a Gália de cabelos longos... por quem o inflexível Teutates é aplacado somente com derramamento de sangue, e Hesus, temível com seus altares impiedosos; e o santuário de Taranis, não mais humano que o de Diana da Cítia (*Pharsalia* 1, linhas 443-66 [Riley, 29]). Riley menciona em suas notas que Teutas ou Teutates era identificado como Mercúrio, Hesus ou Esus, com Marte, e Taranis, com Júpiter, pelos escritores romanos. Teutates era venerado com sacrifício humano: "Os gauleses costumavam aplacar Hesus e Teutas com sangue humano" (*Lactantius, Divine Institutes* 1.21 [*Ante-Nicene Christian Library*, 21:48]). Charles Anthon afirma que, segundo alguns, o nome Teutates deriva de duas palavras bretãs, *deu-tatt*, que significam Deus (ver *A Classical Dictionary* [Nova York: Harper and Brothers, 1843], 1301). Ele descreve Teutates como o "gênio do comércio" e diz que "ele era considerado o inventor de todas as artes e o protetor dos caminhos" (*ibid.*, 534). É difícil não notar a semelhança entre os nomes dos deus egípcio Thoth e o gaulês Teutas, principalmente porque ambos são associados à arte, ao comércio, às viagens e ao romano Mercúrio.

35. Em uma planície a noroeste da cidade de Éfeso, além de suas muralhas, ficava o templo de Ártemis, que fora construído no século VI a.C, mas destruído por fogo na noite em que Alexandre, o Grande, nasceu (13-14 de outubro, 356 a.C). As Cidades-Estado jônicas se uniram para reconstruí-lo com tamanho esplendor que ele passou a ser considerado uma das maravilhas do mundo.

36. Tendo ofendido Ártemis ao matar um de seus veados e se gabar do feito, Agamenon foi obrigado a oferecer sua filha, Ifigênia, em sacrifício para ganhar um vento favorável, de modo que sua frota pudesse singlar contra Troia. No último momento, Ártemis arrebatou a jovem do altar e a levou, em uma nuvem, a Tauris, onde Ifigênia se tornou uma sacerdotisa da deusa. Quando seu irmão, Orestes, foi a Tauris para roubar a imagem sagrada de Ártemis Toantea, que havia caído do céu, Ifigênia o ajudou, e por fim levou a estátua à cidade ática de Brauron, perto de Maratona, onde ela morreu. Os lacedemônios afirmavam que Ifigênia trouxe a estátua a Esparta, onde a deusa era adorada sob o nome de Ártemis Ortia. Antigamente, eram feitos sacrifícios humanos a Ifigênia na Ática e em Esparta, e em épocas posteriores jovens eram açoitados em Esparta no festival de Ártemis Ortia.

37. Perto da cidade de Arícia havia um bosque e um templo de Diana (Ártemis) Aricina. O sacerdote lá era sempre um escravo foragido, e era obrigado a lutar por seu posto contra qualquer outro escravo que quebrassem um ramo de uma certa árvore sagrada, no desafio. O combate era até a morte.

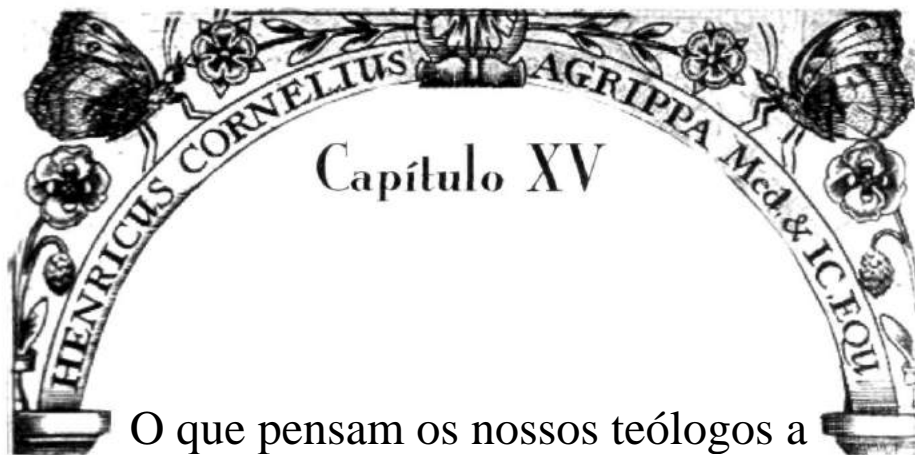
38. Pisa ficava em Elis, não Acaia.

39. Referência à Afrodite barbada de Chipre, que era chamada Afrodito por Aristófanes, segundo Macrobius, que menciona a deusa em sua *Saturnalia* 3.8.2. Philochorus, em sua *Atthis* (citada por Macrobius), identifica esse deus macho-fêmea com a Lua, e diz que nos sacrifícios a ele, homens e mulheres trocavam de roupa. Afrodito é o nome do deus de período posterior, Hermafrodito, cujo nome significa "Afrodito na forma de uma herma (ou um herme)" - uma estátua na forma de um pilar quadrangular encimado por uma cabeça ou um busto. Na mitologia posterior, Hermafrodito passou a ser considerado o filho de Hermes e Afrodite.

40. Supõe-se que Enéas levou consigo o fogo eterno de Héstia (Vesta), junto com Penates, quando fugiu do cerco de Troia. "Parto para o exílio nas profundezas, com meus companheiros e meu filho, Penates, e grandes deuses" (Virgílio, *Eneida* 3, c. linha 11 [Lonsdale e Lee, 114]). Os penates eram deuses domésticos dos romanos, pertencentes a determinadas famílias ou ao Estado. Vesta era uma dos penates. Eram guardados na parte central da casa, e um fogo ficava sempre aceso para

eles, na lareira. A cada refeição, eram feitas libações no fogo ou sobre a mesa, como sacrifícios aos penates. Quando um romano se ausentava por um longo período, ele cumprimentava os deuses domésticos ao retornar, como quaisquer outros membros da família.

41. Deuterônimo 13:7.



O que pensam os nossos teólogos a respeito das almas celestiais



ue os céus e os corpos celestes são animados com certas almas divinas não é somente a opinião de poetas e filósofos, mas também a afirmação das Sagradas Escrituras e dos católicos;

pois *Eclesiastes* também descreve a alma do céu,¹ e *Jerônimo* professa a mesma coisa; do mesmo modo, *Orígenes*, em seu livro dos *Princípios*,² parece crer que os corpos celestes são animados, pois se diz que eles recebem ordens de Deus, o que só condiz com um natureza razoável, como está escrito, as minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens. Além disso, *Jó* parece ter admitido com total franqueza que as estrelas não estão livres da mancha do pecado, pois lemos, as estrelas não são puras aos olhos dele, o que não deve ser uma referência ao brilho de seus corpos.

Que os corpos celestes são animados era também a posição de *Eusébio*, bem como de *Agostinho* em seu *Enchiridion*;³ além desses, também escritores de época posterior,

como *Alberto Magno*⁴ em seu livro dos Quatro iguais, e *Tomás de Aquino*⁵ em seu livro das Criaturas Espirituais, e *John Scot (João Escoto)* na segunda das *Sentenças*;⁶ a esses doutos indivíduos, que se acrescente o cardeal *Nicholas Cusaus*.

E prosseguindo, o próprio *Aureolus*,⁷ em forte debate, parece convencido de tais coisas. Quem, aliás, não acharia estranho que os corpos celestes são venerados com a *dulia*, e deles se esperam sufrágios e auxílios; ao que até *Tomás*⁸ consente, desde que tal rito não seja impregnado de idolatria. Também *Plotino* afirma que os astros conhecem nossos desejos e os ouvem.⁹

Se alguém, porém, contradisse tais afirmações, considerando-as sacrílegas, que preste atenção a *Agostinho* em seu *Enchiridion*, e em seu livro de *Retrações*,¹⁰ e *Tomás* no segundo livro *Contra os Gentios*,¹¹ e em seus *Quodlibets*,¹² e *Scotus* em suas *Sentenças*,¹³ e *Gulielmus Parisiensis* em sua *Suma do Universo*, são unânimes em dizer que os corpos celestes são animados ou inanimados; nada interfere com a fé católica.¹⁴

Portanto, embora pareça para governa suas regiões, cidades, tribos, muitos ridículo que existam almas nas povos, nações e línguas, o que não será esferas e nas estrelas, como deuses das estranho para aqueles que compreendam nações, cada uma delas tal fato.

Notas - Capítulo XV

1. Talvez Eclesiástico 24:5.

2. Pensamos, portanto, que elas [as estrelas] podem ser designadas como seres vivos, e por isso mesmo se diz que elas recebem ordens de Deus, o que acontece com seres racionais. “As minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens”, diz o Senhor [Isaías 45,12]. Quais, enfim, são essas ordens? De que cada estrela, em sua ordem e em seu curso, deve agradecer o mundo com a quantidade de esplendor que a ela foi confiado. ... Entretanto, se as estrelas são seres vivos e racionais, sem dúvida aparecerão entre elas tanto um avanço quanto um retrocesso. Pois as palavras de Jó “as estrelas não são puras aos olhos dele” [Jó 25,5] parecem-me transmitir uma ideia assim. (Orígenes, *Deprincipiis* 1.7 [*Ante-Nicene Fathers*, 4:263]).

3. Agostinho aborda a natureza das estrelas em vários pontos de suas obras - *Enchiridion* 1.58; *Cidade de Deus* 13.16; *De genesi ad litteram* 2.18; e em sua correspondência com Orósio. Quando Orósio menciona a opinião de Orígenes de que o Sol, a Lua e as estrelas são racionais,

Agostinho em réplica afirma que nós podemos ver que o Sol, a Lua e as estrelas são corpos celestes, mas não animados. Ele concorda firmemente com Paulo, que há tronos, dominações, principados e potestades nos céus, “mas não sei o que são nem qual é a diferença entre eles”. De um modo geral, Agostinho tende a considerar esse estado de ignorância uma condição feliz. Incomoda-lhe um os versículos no livro de Jó [Jó 25:4-5 - ver nota 2] ... Agostinho evita esse dificuldade, perguntando se essa passagem deve ser interpretada como de autoridade divina, uma vez que é expressa por um dos consoladores de Jó e não pelo próprio Jó, do qual se diz que seus lábios não haviam pecado contra Deus. (Thorndike, *History of Magic and Experimental Science*, 1:22:520-1).

4. Alberto nega veementemente a noção de que as estrelas são animais, no sentido expresso da palavra, mas as considera instrumentos da Primeira Inteligência:

O primeiro movedor move o primeiro céu e, através dele, as outras esferas nele incluídas. Se todos os outros céus têm uma inteligência celestial própria que os move, esse é um ponto em torno do qual Alberto é um tanto obscuro. Outros pensam que sim. Ele menciona, por exemplo, a opinião de alguns árabes de que as enchentes se devem à imaginação da inteligência que move a esfera da lua, e acredita que haja alguma verdade nessa crença.

Thorndike está descrevendo *De causis et proprietatibus elementorum et planetarum*, em que Alberto “subdivide a substância celestial em três elementos, compondo respectivamente o Sol, a Lua e as estrelas, e o céu separado dos corpos celestes” (*ibid.* 581).

5. Em *De substantiis separatis*, Tomás concorda que os anjos movem as estrelas. “Ele também afirma com frequência, tanto no desenrolar de suas obras principais quanto em respostas mais breves a perguntas especiais, que Deus rege as criaturas inferiores por meio das superiores e os corpos terrestres por meio das estrelas” (*ibid.* 2:60:609).

6. Duns Scotus, *Opus Oxoniense*, um comentário a respeito das *Sententiae* (Quatro Livros de Sentenças) de Pedro Lombardo. Agrippa se refere ao comentário sobre o segundo livro das *Sententiae*.

7. Talvez Aurélio Agostinho, ou Santo Agostinho, em suas cartas a seu discípulo espanhol Orósio, mencionado na nota 3 deste capítulo.

8. Tomás de Aquino.

9. Também em relação às preces, não há uma vontade que as atende; os poderes que respondem às encantações não agem por vontade. ... alguma influência vem do ser abordado sobre o

praticante - ou sobre outra pessoa - mas o ser em si, Sol ou estrela, nada percebe. A oração ou prece é atendida pelo mero fato de que uma parte e outra parte são envolvidas em um tom como uma corda musical que, tocada em um extremo, vibra também no outro (Plotino, *As Enéadas* 4.4.40-1 [Mackenna, 3:96-7]).

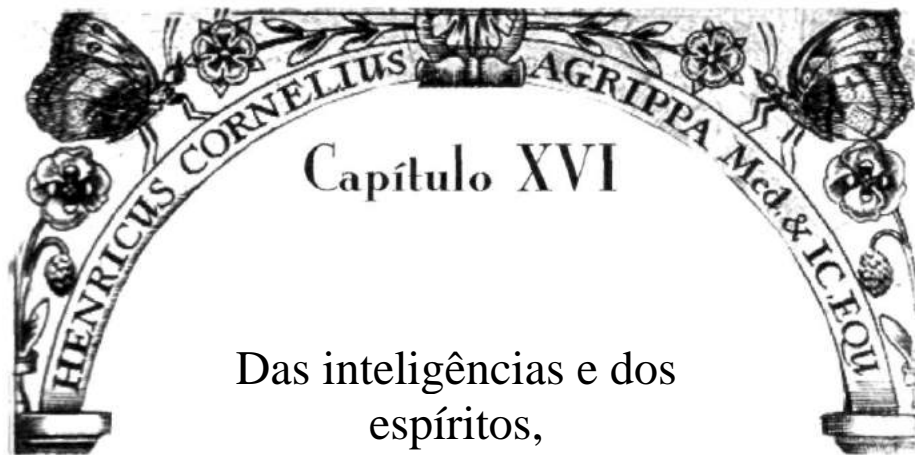
10. *Retractationum libri.*

11. *Summa contra gentiles.*

12. *XII Quodlibeta disputata.*

13. Ver nota 6 deste capítulo.

14. William afirma que Platão e Aristóteles, Boécio, Hermes Trismegisto e Avicena, todos acreditavam que as estrelas eram animais divinos cujas almas eram tão superiores às nossas quanto o são seus corpos celestes ... Mas ele permite que os cristãos, se desejarem, acreditem, assim como Aristóteles e muitos filósofos italianos, que o mundo superior é um ou muitos animais, que os céus são animados ou racionais. Assim, ele não vê nenhum perigo para a Fé. ... Mas declara que “é evidente que as almas humanas são mais nobres que aquelas que são colocadas nos corpos celestes”. (Thorndike, *History of Magic and Experimental Science*, 2:52:366-7)



Das inteligências e dos espíritos, e de seus três tipos e diversos nomes, e dos espíritos infernais e subterrâneos



gora, conseqüentemente, devemos falar das inteligências dos espíritos e dos anjos. Uma inteligência é uma substância inteligível, livre de toda massa

grosseira e putrescível de um corpo, imortal, insensível, auscultando tudo, tendo influência em tudo; e a natureza de todas as inteligências, os espíritos e os anjos é a mesma.

Mas eu chamo de anjos, aqui, não aqueles a que costumamos chamar de demônios, e sim espíritos assim chamados pelo verdadeiro sentido da palavra,¹ os que sabem, compreendem e são sábios. Destes, segundo a tradição dos magos, há três tipos, o primeiro dos quais chamam de supercelestial, e mentes totalmente separadas de um corpo, esferas inteligentes, por assim dizer, venerando o único Deus, como sua mais firme e estável unidade ou centro; nesse sentido, até os chamam de deuses em virtude de uma certa parcela de divindade; pois estão eles sempre cheios de Deus e impregnados do néctar

divino. Estes só estão ao redor de Deus e não governam os corpos do mundo, tampouco são aptos para governar as coisas inferiores, mas infundem a luz recebida de Deus nas ordens inferiores e distribuem o dever de cada um a todas elas.

As inteligências celestiais são a segunda ordem, sendo chamadas de anjos do mundo, isto é, designados além da adoração divina para as esferas do mundo e para governar todo céu e toda estrela, estando divididos em tantas ordens quantos são os céus do mundo e as estrelas² nos céus; e se chamam saturninos aqueles que governam o céu de Saturno e o próprio Saturno; de jovianos os que governam o céu de Júpiter e o próprio Júpiter; e do mesmo modo são nomeados os diversos anjos de acordo com o nome e a virtude dos demais astros.

E como os antigos astrólogos reconheciam 55 movimentos,³ inventaram, então, o mesmo número de inteligências ou anjos; colocaram, ainda, no céu estrelado anjos que poderiam reger os signos, triplicidades,

decanias, quinários, graus e astros; pois, embora a escola dos peripatéticos atribua apenas uma inteligência a cada um dos orbes dos astros, considerando-se que cada astro e cada pequena parte do céu têm seu devido e específico poder e influência, é necessário que tenham também sua inteligência para reger, que pode conferir poder e operar.

Foram estabelecidos, portanto, 12 príncipes dos anjos, que regem os 12 signos do Zodíaco, e 36 que podem reger o mesmo número de decanias, e 72 que podem reger o mesmo número de quinários do céu, e as línguas dos homens e das nações, e quatro que podem reger as triplicidades e os elementos, e sete governadores, ou regentes, do mundo todo, de acordo com os sete planetas.

E foram dados a todos eles nomes e selos, os quais chamam de caracteres, e os usavam em suas invocações, encantações e incrustações, descrevendo-os nos instrumentos de suas operações, imagens, placas, vidros, anéis, papéis, velas e coisas assim; e se em algum momento eles trabalhassem para o Sol, invocavam pelo nome do Sol, e pelos nomes dos anjos solares, e assim por diante.

Em terceiro lugar, eles estabeleciam anjos como ministros⁴ para tratar daquelas coisas de baixo, que *Orígenes* chama de certos poderes invisíveis,⁵ aos quais as coisas que se encontram na Terra são atribuídas, e por eles distribuídas. Pois, às vezes, aqueles que não vemos direcionam nossas jornadas, e todos os nossos afazeres estão presentes às batalhas, e por meio de auxílios secretos trazem o sucesso desejado a seus amigos, pois se diz que a seu bel-prazer

eles podem gerar prosperidade e infligir adversidade.

Do mesmo modo, são estes distribuídos em mais ordens, sendo alguns de fogo, alguns de água, alguns aéreos, alguns terrestres; quatro espécies de anjos que são classificadas de acordo com os quatro poderes das almas celestiais: a mente, a razão, a imaginação e a natureza vivificante e movente. Assim, os de fogo seguem a mente das almas celestiais, convergindo para a contemplação das coisas mais sublimes; mas os do ar seguem a razão e favorecem a faculdade racional, e de certa maneira a separam da vegetativa e sensível; servem, por isso mesmo, a uma vida ativa, assim como os de fogo à vida contemplativa; mas os de água seguem a imaginação, servindo a uma vida voluptuosa; os da terra seguem a natureza, e favorecem a natureza vegetal.

Também se distinguem esses tipos de anjos em saturninos e jovianos, de acordo com os nomes dos astros, e dos céus; além disso, alguns são orientais,⁶ alguns ocidentais,⁷ alguns meridionais,⁸ alguns setentrionais.⁹

Não existe, além do mais, nenhuma parte do mundo que seja destituída da devida assistência desses anjos, não porque estejam somente lá, mas porque reinam lá de modo especial, pois se encontram na verdade em todo lugar, embora alguns exerçam uma operação especial e tenham influência em tal lugar, enquanto outros a têm em outros lugares; tampouco podem essas coisas ser verdadeiramente compreendidas, embora estejam sujeitas às influências dos astros, pois têm correspondência com o céu acima do mundo, de onde todas as coisas são dirigidas e com a qual todas as coisas devem ser compatíveis.

Embora esses anjos sejam designados para diferentes astros, bem como diferentes lugares e tempos, não são limitados por tempo “nem espaço, nem pelos corpos aos quais são designados para reger, mas apenas segundo a determinação da ordem de sabedoria; e assim, cada qual favorece mais e protege esse ou aquele corpo, lugar, tempo, astro. Nesse sentido, chamam-se alguns de diurnos, outros de noturnos, outros de meridionais;¹⁰ de modo semelhante, alguns são chamados de homens da mata, alguns de montanheses, outros de homens do campo, e outros ainda de domésticos.

Assim, os deuses das florestas, do campo, os sátiros, os espíritos familiares,¹¹ as fadas das fontes, fadas dos bosques, ninfas do mar, as náíades,¹² nereidas,¹³ dríades,¹⁴ piérides,¹⁵ hamadriades,¹⁶ potâmides,¹⁷ Hinnides, Agapte, Pales,¹⁸ Pareades, Dodonae,¹⁹ Feniliae,²⁰ Lavernae,²¹ Pareae, Musas, Aonides,²² Castalides,²³ Heliconides,²⁴ Pegasides,²⁵ Meonides,²⁶ Phebiades,²⁷ Camenas,²⁸ as Graças,²⁹ os gênios,³⁰ os hobgoblins³¹ e outros do gênero; são chamados superiores vulgares, alguns semideuses e deusas.

Alguns desses são tão familiarizados com os homens que chegam a ser afetados com perturbações humanas, e pela instrução de tais seres, *Platão* acredita, os homens fazem, com frequência, coisas maravilhosas, assim como de acordo com a instrução dos homens, alguns animais que nos são mais próximos, tais como macacos, cães, elefantes, costumam fazer coisas estranhas, além da capacidade de suas espécies.³²

E aqueles que escreveram as Crônicas dos dinamarqueses e

noruegueses atestam que diversas espécies de espíritos naquelas regiões obedecem às ordens dos homens; além disso, alguns deles são corpóreos e mortais, com corpos que são gerados e morrem, embora sua vida seja longa,³³ segundo a opinião dos egípcios e dos platônicos, particularmente endossada por *Proclo*. Também *Plutarco*³⁴ e *Demétrio*³⁵ o filósofo, e *Emiliano*,³⁶ o retórico, afirmam a mesma coisa.

Dessa terceira espécie de espírito, na opinião dos platônicos, existem tantas legiões quantos são os astros no céu, e a mesma quantidade de espíritos em cada legião que a quantidade de estrelas no céu. Mas há quem pense (como *Atanásio*) que o verdadeiro número de bons espíritos é de acordo com o número de homens, 99 partes, segundo a parábola das cem ovelhas;³⁷ outros consideram apenas nove partes, de acordo com a parábola das dez dracmas,³⁸ outros supõem que o número de anjos é igual ao de homens, pois está escrito que ele delimitou o número de pessoas de acordo com o número de anjos de Deus.

E, ainda, quanto ao número deles, muitos escreveram muitas coisas, mas os teólogos mais recentes, seguindo o Mestre das Sentenças,³⁹ *Agostinho*, e *Gregório*, resolvem com facilidade a questão, dizendo que o número de anjos bons transcende a capacidade da humanidade; ao que, ao contrário, inumeráveis espíritos imundos correspondem, uma vez que existem tantos no mundo inferior quanto são os puros no superior, e alguns adivinhos afirmam ter recebido isso por meio de revelações.

Eles incluem também um tipo de espírito, subterrâneo ou obscuro, que os platônicos chamam de anjos

caídos, vingadores de perversidade e profanos, de acordo com o decreto da justiça divina, e os chamam de anjos do mal e espíritos malignos porque eles perturbam e ferem por prazer; destes também são reconhecidas mais legiões, e do mesmo modo, distinguindo-se de acordo com os nomes dos astros e elementos, e partes do mundo, são colocados sobre reis, príncipes e governantes e seus nomes.

Destes, quatro reis mais maldosos governam acima dos outros, de acordo com as quatro partes do mundo; sob eles, muitos outros príncipes de legiões governam, e também

muitos de ofícios particulares. Daí, vêm as perversas Górgones,⁴⁰ as Fúrias,⁴¹ Tisífone, Aletto, Megera e o Cérbero.⁴²

Os espíritos dessa espécie, diz *Porfírio*, habitam um lugar perto da Terra, aliás, dentro da própria Terra; não existe maldade que eles não se atrevam a cometer; eles têm um costume violento e prejudicial, e planejam atentados violentos e súbitos; e quando fazem suas incursões, às vezes se mantêm escondidos, mas outras vezes oferecem uma violência deflagrada e se deleitam em todas as coisas perversas e contenciosas.⁴³

Notas - Capítulo XVI

1. A palavra “inteligente”, do latim *intelligere*: ver por dentro, perceber, compreender.
2. Planetas.
3. Aristóteles distingue 55 esferas acima das quais os planetas e as estrelas se movem, em seu *De caelo* (*Sobre os céus*).
4. Hebreus 1:14.

Pois de fato reconhecemos que os anjos são “espíritos ministrantes”, e dizemos que “são enviados para ministrar àqueles que serão os herdeiros da salvação”; e que eles ascendem, levando as súplicas dos homens, aos mais puros dos lugares celestiais no Universo, ou até às regiões supercelestiais, ainda mais puras; e descem de lá, transmitindo a cada um, de acordo com seu merecimento, algo concedido por Deus àqueles que são os recebedores de Seus benefícios. Tendo aprendido a chamar esses seres de “anjos” [isto é, mensageiros] por causa de seus ofícios, vemos que, como são divinos, são às vezes mencionados como “deus” nas Escrituras Sagradas, mas não para que nós honremos e veneremos no lugar de Deus aqueles que nos ministram e trazem Suas bênçãos (Orígenes, *Against Celsus* 5.4 [*Ante-Nicene Fathers*, 4:544]).
5. Também afirmamos, em relação não somente aos frutos da terra, mas a todo rio, correnteza e sopro de ar, que o solo produz aquelas coisas que se dizem crescer naturalmente - que a água jorra em fontes e refresca a terra com seus córregos - que o ar permanece puro e sustenta a vida daqueles que o respiram, só em consequência do intermédio e do controle de certos seres que chamamos de Obreiros e guardiões invisíveis; mas negamos que tais agentes invisíveis sejam demônios (*ibid.*, 8.31 [*Ante-Nicene Fathers*, 4:650-1]).
6. Do leste.
7. Do oeste.
8. Do sul.
9. Do norte.
10. Aqui, referência ao meio-dia.
11. Espíritos domésticos são mencionados numerosas vezes no Antigo Testamento e parecem estar ligados à adivinhação. Saulo procurou a bruxa de Endor por causa de seu espírito familiar (I Samuel 28:7). A punição por ter um espírito assim era a morte (Levítico 20:27). Deus é taxativo ao proibir o recurso de espíritos familiares (Levítico 19:31). Quanto a esse último

versículo, Rashi faz este interessante comentário: “Uma proibição contra um **אוכב** e um **דציני**. **אוכב** **כצל** é um mago que (parece) falar das axilas, e um **דציני** é aquele que coloca um osso de animal, cujo nome é Yiddo’a, na boca e o osso parece falar” (Rashi 1949, 3:196).

12. Ninfas dos rios, lagos e de outros corpos de água doce.

13. Nereidas, as 50 ninfas do mar que eram filhas de Nereu e Dóris.

14. Ninfas dos bosques.

15. Um sobrenome das musas derivado de Pieria, uma região na costa sudeste da Macedônia, onde eram adoradas, em primeiro lugar, pelos trácios. De acordo com a lenda, Piero, rei de Emácia na Macedônia, tinha nove lindas filhas chamadas Piérides, que ousaram desafiar as musas em um concurso de poesia. Como castigo, elas foram transformadas em pegas, e as Musas ficaram com seus nomes.

16. Três ninfas que viveram e morreram com a árvore na qual moravam, sendo portanto mortais, embora com vida longa.

17. Ninfas dos rios.

18. Deus romano dos pastores e seus rebanhos. O festival dele, chamado Palília, era celebrado em 21 de abril, a suposta data de nascimento da cidade de Roma. Não se sabe ao certo se essa divindade era masculina ou feminina, uma vez que os antigos escritores se referiam ao deus usando ambos os sexos (Ovídio diz feminino; Varro diz masculino). A dúvida levou à possibilidade de que existiam dois deuses, um Pales masculino semelhante a Pã, e um Pales feminino associado a Vesta. Para uma descrição da Palília, ver Ovídio, *Vasti* 4, linhas 721-82.

19. Uma classe de ninfas específica a Dodona e seus carvalhos. Zeus Dodonaios era venerado em Dodona, o segundo oráculo mais célebre no mundo antigo depois de Delfos. No passado remoto, o oráculo era recebido pelo farfalhar das folhas de um carvalho, ou bosque de carvalhos, consagrado a Zeus, e interpretado por seus sacerdotes, os Selloi. Ver Homero, *Iliada* 16, linhas 333-5; Pausânias, *Guide to Greece* 10.12.5.

20. Talvez ninfas do mato ou dos campos. O termo *fenilia* significa “um lugar em que o feno é guardado”.

21. Laverna era a deusa romana dos ladrões e impostores. Ela tinha um bosque sagrado na Via Salaria e um altar perto da Porta Lavernalis. Possivelmente suas ninfas se localizavam no bosque.

22. Um nome para as musas derivado de Aonia, a região de Beócia que continha o Monte Hélicon e a fonte Aganipe, ambos frequentados pelas musas. Em *Metamorfoses*, de Ovídio, uma Musa se refere a si própria e às suas irmãs como “nós de Aonia”.

23. Nome das musas derivado da fonte Castalia, no Monte Parnasso. A fonte também era consagrada a Apolo, e dizia-se que seu nome derivava de Castalia, filha de Achelous, que se atirou à fonte para fugir do estupro de Apolo. A pítia, oráculo de Apolo, se banhava em suas águas.

24. As Musas eram chamadas de Heliconíades, ou Heliconides, pelos poetas romanos, por causa do Monte Hélicon. Ver nota 22 deste capítulo.

25. Pégaso supostamente criou a fonte Hipocrene no Monte Hélicon com um coice de seu casco. Por isso, a fonte era chamada de *Pegasis* (derivando de Pégaso), e as Musas receberam o nome de Pegasides, porque viviam na fonte.

26. Talvez Mênades, as Bacantes, mulheres em frenesi que veneravam Dioniso. Também eram chamadas de Tíades, Clodones e Mimallones.

27. Talvez as musas com nome baseado em Febo, outro nome de Apolo, a quem são intimamente ligadas.

28. Também chamadas de Casmeneae, ou Carmenae, ninfas proféticas da água da antiga Itália. A mais importante era Carmenta (ou Carmentis), que era venerada em seu templo no sopé do Capitólio e em seus altares perto da Porta Carmentalis, em Roma. Juvenal as associa a uma fonte e a um bosque sagrado perto da Porta Capena, na muralha ao sul da velha cidade de Roma:

Aquí, onde Numa se encontrava com sua amante noturna [Egéria, uma das camenas, que instruía o rei a formar leis religiosas], o bosque da fonte outrora vazia e os templos são, em nossos dias, alugados para os judeus, cujos móveis consistem apenas em um cesto e uma pilha de feno. Por cada árvore é obrigada a pagar aluguel ao povo e, após as

camenas serem despejadas, o bosque é um abrigo de mendigos (Juvenal, *Satires* 3, c. linha 12, tradução de Lewis Evans [Nova York: Hinds, Noble and Eldrege, s/d.], 15).

29. As *Gratae* dos romanos, chamadas *Charites* pelos gregos, derivado de Charis, esposa de Hephaestus, a personificação da graça e da beleza (ver Homero, *Ilíada* 18, linhas 382-3). Eram em número de três e se chamavam Eufrosina, Aglaia e Talia.

30. Ou no texto em inglês *genii*, plural de gênio, um espírito protetor dos romanos. Os gregos os chamavam de demônios. Hesíodo diz que há 30 mil deles na Terra, são invisíveis e são as almas dos bons homens da Era Dourada (Ver Platão, *Crátilo* 397e-398c). Os romanos os viam como geradores e produtores de vida que acompanhavam cada homem como seu eu superior. A ideia é muito semelhante à dos anjos da guarda. Gregório Taumaturgo fala de seu gênio, dirigindo-se a Orígenes:

... se eu puder falar de algo além disso e, em particular, de algum daqueles seres que não se veem, mas que são mais próximos da natureza de Deus, e que têm um cuidado especial para com os homens, falarei daquele ser que, por alguma decisão momentosa, tem-me sob sua tutela desde a infância, governando-me, criando-me, treinando-me - refiro-me ao santo anjo de Deus que me alimentou desde a juventude, como diz o santo querido de Deus, seu mais particular [ver Gênesis 48:15-6]... Mas nós, além da homenagem oferecida ao Governante de todos os homens, reconhecemos e louvamos aquele ser, seja ele quem for, que tem sido um maravilhoso guia de nossa infância, que em todas as outras questões no passado sempre foi meu tutor beneficente e guardião (*Oration and Panegyric Addressed to Origen* 4 [Ante-Nicene Fathers, 6:24]).

31. Na *Opera* latina, aparece o termo *lémures*. Os lémures eram fantasmas, espíritos ou espectros dos mortos. Às vezes, eram divididos em duas classes: *lares*, os fantasmas dos homens bons, e *larvae*, fantasmas dos homens maus. Não se costumava fazer essa distinção. Os romanos celebravam o festival de Lemurália (ou Lemúria) para agradar esses espíritos.

32. Como já explicamos, Cronus sabia, claro, que nenhum ser humano é competente para exercer um controle irresponsável sobre a humanidade sem se inchar de orgulho e improbidade. Ciente disso, ele deu às nossas comunidades, como reis e magistrados, não homens, mas espíritos, seres de uma espécie mais divina e superior, assim como fazemos com nossos rebanhos de ovelhas e com outros animais domésticos. Não colocamos bois para controlar bois, nem bodes para controlar bodes; nós, de uma espécie melhor que a deles, agimos como seus mestres. Assim, o deus, em sua bondade para com o homem, fez o mesmo; colocou sobre nós essa raça superior de espíritos, que de nós cuidava com facilidade e conveniência, nos proporcionando paz e misericórdia, um lei justa e uma justiça inabalável, e agraciando as famílias da humanidade com harmonia e felicidade (Platão, *Leis* 4.713c-d [Hamilton & Cairns, 1304-5])

33. Referindo-se a uma passagem quase no fim do segundo livro de *De nuptis Philologie et Mercurii et de septem artibus liberalibus* (As núpcias da Filologia e Mercúrio e as sete artes liberais) de Marciano Capela, Thorndike diz: “Por fim, a própria terra é habitada por uma raça longeva de habitantes das florestas e dos bosques, fontes, lagos e rios, chamados Pãs, Faunos, sátiros, Silvanos, ninfas e outros nomes. Assim como os homens, eles acabam morrendo, mas possuem um grande poder de visão e de infligir dano” (Thorndike, 1:546).

34. E além disso, Hesíodo imagina que mesmo os demônios, depois de certas revoluções do tempo, finalmente morrem. Por, ao apresentar uma ninfa falando, ele ressalta o momento em que eles expiram:

Nove idades do homem em sua flor vive a gralha faladora; em quatro, supera o cervo

A vida das gralhas; já aos corvos dá Netuno três vezes a idade dos cervos;

Uma fênix vive o tempo dos corvos multiplicado por nove.

Mas vocês, belas ninfas, como as verdadeiras filhas

Do poderoso Júpiter e de natureza divina,

Multiplicam a idade da fênix por dez.

Ora, aqueles que não compreendem bem o que o poeta quer dizer com a palavra yeveá (idade), calculam esse tempo como um grande número de anos. Pois a palavra significa um ano; de modo que a soma total é de 9.720 anos, que é o tempo da idade dos demônios. E há vários matemáticos que calculam um tempo ainda mais curto. Píndar, por exemplo, diz: O Destino deu às ninfas uma vida igual à das árvores; e portanto, elas são chamadas

de hamadríades, porque nascem e morrem com os carvalhos (Plutarco, *Obsolescence of Oracles* 11, tradução de Robert Midgley [Goodwin, 4:15]).

35. Demétrio de Tarso, gramático que é um dos oradores no diálogo de Plutarco, a *Obsolescência dos Oráculos*. Ver nota 34 deste capítulo.

36. Orador do século I, mencionado por Plutarco em sua *Obsolescência dos Oráculos*, cap. 17. Agrippa simplesmente pegou os nomes Demétrio e Emiliano da obra de Plutarco para impressionar o leitor, não por algum bom motivo.

37. Lucas 15:4.

38. Lucas 15:8.

39. Pedro Lombardo. Ver sua nota biográfica.

40. Originalmente só havia Gorgo, uma aterradora sombra de Hades (o Inferno), mencionada por Homero na *Odisseia* 11, linha 633. Na *Ilíada*, é dito que a égide de Atena continha a cabeça de Gorgo:

E sobre os ombros, ela carregava a terrível égide,

Em volta da qual o Terror se agregava como uma guirlanda,

E o Ódio também lá se encontrava, bem como a Força em Batalha,

E o Massacre em seu coração géldido

Sobre os quais se via a cabeça da temível e gigantesca Gorgon,

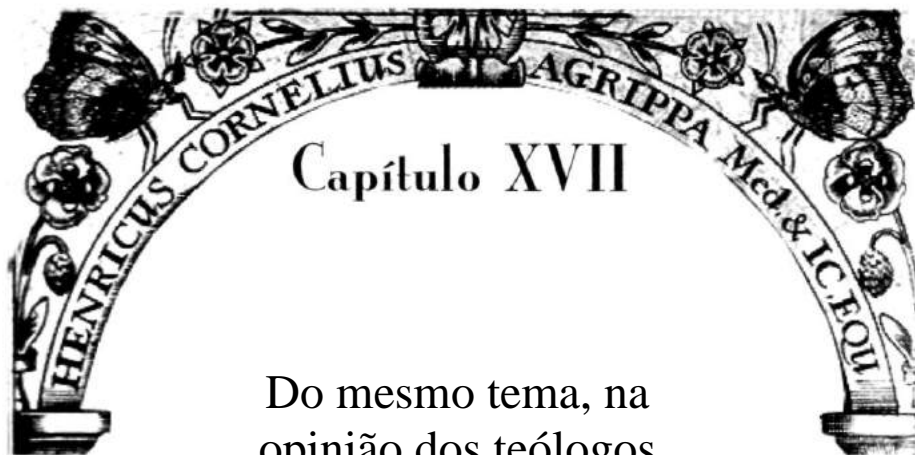
Uma imagem de medo e tristeza, augúrio de Zeus das égides.

(Homero, *Ilíada* 5, linhas 738-42 [Lattimore, 148]). Hesíodo fala de três Górgones chamadas Esteno, Euríale e Medusa, filhas de Fórcis e Ceto, das quais herdaram o nome Pórcides. Viviam no extremo oeste no oceano, tinham serpentes na cabeça, asas, garras de bronzes e dentes enormes. Medusa era fatal. Qualquer um que olhasse para o rosto dela se transformava em pedra. Depois de Perseu matá-la, Atena colocou a cabeça de Medusa no centro de seu escudo (ou peitoral).

41. As Eumênides, ou, em passado mais remoto, as Erínias dos gregos (as *Furiae* romanas, ou *Dirae*), eram deusas vingadoras que puniam crimes. *Erínias* significa “deusas zangadas” ou “deusas que perseguem o criminoso”. O título posterior Eumênides é um eufemismo que significa “deusas aplacadas”, e era um meio de evitar a expressão indevida, portanto a invocação, delas. São descritas como figuras negras, aladas, com cabelos infestados por serpentes e olhos sangrando, que trazem desconforto e infortúnio sobre a cabeça daqueles que foram amaldiçoados por seus crimes. Hesíodo diz que elas nasceram das gotas de sangue da deusa Gaia (Terra). Seus nomes são Tesífone, Aletó e Megera.

42. O cão-monstro guardião da entrada do Inferno, em que o barqueiro Caronte deixava as sombras na margem mais longínqua do Rio Estíge. Homero menciona “o cão” tanta na *Ilíada* (8, linha 368) quanto na *Odisseia* (11, linhas 623 e 625), mas não cita seu nome. Hesíodo o descreve com 50 cabeças, e diz que era filho de Tifão e Ecdna. Já os escritores de período posterior o apresentam com três cabeças, cauda de serpente e serpentes se enrolando em volta de seu pescoço: “Esses são os reinos em que o enorme Céberbo faz ressoar o latido de suas mandíbulas trinas, repousando seu corpanzil na caverna de frente para a balsa” (Virgílio, *Eneida* 6, linhas 417-8 [Lonsdale & Lee, 167]). Ver também *Georgics* 4, c. linha 470.

43. No mais sagrado dentre os mistérios, antes da aparição de Deus, certos demônios terrestres se apresentam, e lutam contra aqueles que devem ser iniciados, afastam-nos dos bens imaculados e lhes desviam a atenção para a matéria. Por isso, os deuses nos exortam a não olhar para eles, até que estejamos fortalecidos pelos poderes que os mistérios conferem. Pois assim falaram: Não é bom vocês os vislumbrem até que seus corpos tenham sido iniciados. E nesse contexto, os oráculos (os caldeus) acrescentam que esses demônios seduzem as almas e as afastam dos mistérios. (Proclo, “*Commentary on the First Alcibiades of Plato*”, tradução de Thomas Taylor. In Proclo, *An Apology for the Fables of Homer* 1, n. 8 [Thomas Taylor the Platonist: Selected Writings, 461]).



Do mesmo tema, na opinião dos teólogos

Mas nossos teólogos, assim como *Dioniso*, reconhecem as três distinções de anjos, todas as quais eles dividem em três ordens; a estas chamam de hierarquias, e que *Plutarco* também distingue pelo número 9.

Assim, eles colocam na hierarquia superior os Serafins, Querubins e Tronos, como anjos supercelestiais contemplando a ordem da providência divina; a primeira na bondade de Deus; a segunda na essência de Deus, como a forma; a terceira na sabedoria. Na hierarquia do meio, eles colocam as Dominações, Virtudes e Potestades, como anjos mundanos disputando pelo governo do mundo; a primeira ordem comanda aquilo que a outra executa; a segunda é de ministros do céu que às vezes conspiram para realizar milagres; a terceira afasta aquelas coisas que parecem ser capazes de perturbar a lei divina.

Mas, na hierarquia inferior, eles colocam Principados, Arcanjos e Anjos, que *Jamblicus* também reconhecia,¹ e são espíritos ministrantes que descem para cuidar das coisas

inferiores; os primeiros cuidam das coisas públicas, dos príncipes e magistrados, províncias e reinos, tudo o que lhes pertence; quando lemos em *Daniel*,² “Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por 21 dias”; e *Jesus*, filho de *Sirac*, atesta³ que a cada nação um anjo é nomeado; que também *Moisés* em seu canto em Deuteronomio⁴ parece mostrar, dizendo “Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações... Os segundos estão presentes nos deveres sagrados, e conduzem a adoração divina de todos os homens, e oferecem orações e sacrifícios de homens diante dos deuses”. A terceira ordem dispõe de toda questão menor, e a cada coisa cada um é o preservador. São eles também que conferem virtude às menores plantas e pedras e todas as coisas inferiores; a quem muitas coisas comuns com Deus, muitas com homens; e são eles os ministros mediadores.

Atanásio, porém, além de Tronos, Querubins e Serafins, que estão próximos de Deus e o exaltam sem parar com hinos e contínuos louvores, rezando por nossa salvação, reconhece outras ordens, as quais

chama pelo nome comum de milícia do céu.

A primeira delas é a ordem Doutrinai, da qual se lê em *Daniel*, “vim, para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias”.⁵

Em seguida vem a ordem Tutelar, da qual lemos também em *Daniel*, “Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me”,⁶ “E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo”,⁷ dessa ordem também fazia parte *Rafael*, que levou e trouxe de volta *Tobias*, o mais jovem.⁸

A próxima é a ordem Procuratória, que é mencionada em *Jó*, no qual lemos, “Se com ele houver um anjo intercessor, Deus terá misericórdia dele”,⁹ e da mesma ordem também pertence o que se lê no décimo sexto capítulo do Eclesiástico, quase no fim, “No princípio, o Senhor criou as suas obras e, depois de havê-las feito, colocou cada uma em seu lugar; fixou uma ordem eterna para suas obras, desde a origem delas até o seu futuro longínquo; elas não têm fome e não se cansam, e nunca abandonam suas atividades; nenhuma delas jamais se choca com a outra, e nunca desobedecem ao comando dele”.¹⁰

A ordem Ministerial é a próxima, da qual *Paulo* fala aos hebreus, “Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que há de herdar a salvação?”¹¹

Depois dessas vem a ordem Auxiliar, da qual lemos em *Isaías*, “Saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil”.¹²

A ordem Receptora das almas é a seguinte, da qual lemos em *Lucas*,

“Aconteceu morrer o mendigo [*Lázaro*] e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão”.¹³ E também aprendemos que devemos fazer “das riquezas iníquas amigos, para que, quando aquelas nos faltarem, esses amigos nos recebam nos tabernáculos eternos”.¹⁴

Além dessas, há a ordem dos Assistentes, da qual lemos em *Zacarias*, “São os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra”.¹⁵

Mas os teólogos dos hebreus, por sua vez, numeram e nomeias essas ordens.¹⁶

Pois no posto mais alto estão aquelas que eles chamam de Haioth Hacadosh¹⁷ **היות הקדוש**, isto é, Criaturas de Santidade, ou pelas quais Deus **אודה** promove o dom do ser.

No segundo posto vem a ordem dos Ofanins¹⁸ **אופנים** isto é, formas ou rodas, por meio dos quais Deus **יהוה** distingue o caos.

No terceiro posto estão os Aralim¹⁹ **אראלים** grandes, fortes e poderosos anjos, por meio dos quais *Jeová Elohim* pronunciou, ou *Jeová* se junto a *He יהוה* e administrou forma à matéria líquida.

No quarto posto está a ordem dos Hasmalim²⁰ **השמלים**, pelos quais El **לא** criou as efígies dos corpos.

A quinta ordem é dos Serafins²¹ **שרפים**, pela qual Deus *Elohim Gibor אלוהים גיבור* atraiu os elementos.

A sexta é dos Malaquins²² **מלאכים** anjos por meio dos quais Deus *Eloha אלה* produziu os metais.

A sétima ordem é dos Elohim **אלהים** isto é, os deuses pelos quais Deus *Jeová Sabaoth יהוהצבאות* produziu os vegetais.

A oitava é dos Beni Elohim²³ **בני אלהים**, os Filhos de Deus, por meio

dos quais Deus *Elohim Sabaoth* צבאות
 לַאֲדָמָה fez os animais procriarem.

A nona e mais baixa ordem é a dos
 Querubins כְּרֻבִים²⁴, por meio da qual
 Deus *Sadai* שָׂדַי criou a humanidade.

Abaixo destas há a ordem dos
 anamasticus²⁵ chamados Issim²⁶ אִישִׁים,
 isto é, nobres e fortes homens, ou
 Abençoados, pelos quais Deus Adonai
 אֲדֹנָי concedeu o dom da profecia.²⁷

Notas - Capítulo XVII

1. E, em suma, todos esses gêneros exibem suas devidas ordens: o gênero aéreo exhibe o fogo do ar; o terrestre, um fogo da terra e mais negro; e o celestial, um fogo mais esplêndido. Mas dentro dessas três fronteiras, todos os gêneros são distribuídos de acordo com uma ordem tripla de começo, meio e fim. E os deuses, de fato, exibem as supremas e mais puras causas dessa ordem tripla. Mas, os gêneros de anjos dependem dos arcanjos. Os gêneros de demônios parecem subservientes aos dos anjos; e, de um modo semelhante, os gêneros de heróis são ministrantes. Não são, porém, subservientes a anjos do mesmo modo que a demônios. Novamente, os gêneros de arcontes, quer presidam sobre o mundo, quer sobre a matéria, exibem a ordem que é adaptada a eles. Mas todos os gêneros de almas se apresentam como a última das mais excelentes naturezas (Iamblicus, *On the Mysteries* 2.7 [Taylor, 98-9]).
2. Daniel 10:13.
3. Eclesiástico 17:17.
4. Deuteronômio 32:8. Entretanto, a interpretação de Agrippa desse versículo é questionável -talvez ele o associe a Deuteronômio 4:19.
5. Daniel 10:14.
6. Daniel 10:13.
7. Daniel 12:1.
8. Tobias 5:4.16 e 11:4.
9. Jó 33:23. O significado deste verso é mais claro na tradução de Knox do que em Rei Thiago.
10. Eclesiástico 16:26-8.
11. Hebreus 1:14.
12. Isaías 37:36.
13. Lucas 16:22.
14. Lucas 16:9.
15. Zacarias 4:14.
16. Santo, Bendito seja Ele! Afixado às legiões dos Tronos para servi-lo (as dez Hostes Angélicas, o mundo Yetzirático.) São elas: Malakheem, Areleem, 'Häy-yôth, Ophaneem, Hash-maleem, E'leem, Eloheem, Benai Eloheem, Isheem e Serapheem. E para serviço destas, o Santo, Bendito! fez Samä-el e suas legiões, que são as nuvens que descem à terra (*Zohar* 2.43a. In Myer [1888] 1974, 17:329).
17. Chaioth ha-Qadesh. Ver Ezequiel 1:5-14. Ver também Apêndice VI aqui e nas notas subsequentes.
18. Auphanim. Ver Ezequiel 1:15-20.
19. Ver Ezequiel 1:26.
20. Chashmalim. Ver Ezequiel 1:27.
21. Ver Isaías 6:6.
22. Melakim, geralmente derivado do hebraico מַלְאָךְ (rei), plural מַלְאָכִים (ver Esdras 4:13). Mas com certeza deriva de מַלְאָךְ (um mensageiro de Deus); ou seja, um anjo (ver Êxodo 23:20 e 33:2).
23. Ver Gênesis 6:4.
24. *Cherubim-Kerubin*.
25. *Dii animalie*, deuses que já foram homens; em outras palavras, heróis.

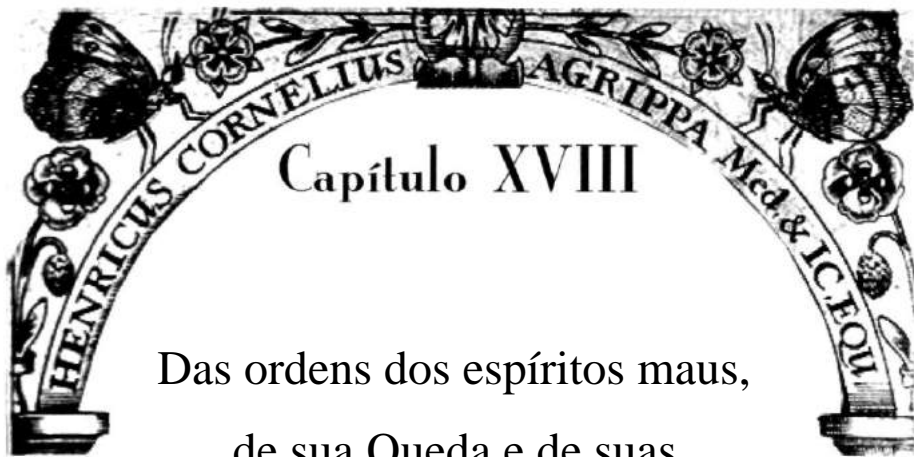
26. Aishim (Homens Valorosos; Homens de Deus). Ver Isaías 53:3, no hebraico, para essa forma plural de אִישׁ (um homem). É usado em referência a anjos em Juízes 13:6.8. MacGregor Mathers usa a forma אִשִּׁים AshIM, da raiz אֵשׁ (fogo), o que parece um erro (ver Mathers [1887] 1962, 26). Assim como o outro erro de Mathers, mencionado na nota 381, ganhou aceitação universal no moderno ocultismo popular. Mathers toma emprestado a maior parte de seu material dos nomes das *Sephiroth* diretamente da Kabbalah de Ginsburg [1863] 1970 (ver a tabela no texto citado acima, p. 93).

27. Ver Juízes 13:8, em que essa forma de nome divino é usada e o anjo do Senhor dá o dom da profecia.



Apollyon

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)



Das ordens dos espíritos maus, de sua Queda e de suas diversas naturezas



Algumas escolas de teologia distribuem os espíritos malignos em nove graus,¹ opostos às nove ordens dos anjos. Portanto, a primeira dessas ordens é a chamada de Falsos Deuses, que, usurpando o nome de Deus, querem ser venerados como deuses, e requerem sacrifícios e adorações, como o Diabo que disse a Cristo, “Tudo isso te darei, mostrando-lhe todos os reinos do mundo”,² e foi o príncipe deles que disse, “Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo”,³ o qual é chamado *Belzebu*,⁴ isto é, um velho deus.

Em segundo lugar, seguem os Espíritos das Mentiras, de cuja espécie se manifestou um espírito mentiroso na boca dos profetas de *Acabe*,⁵ e o príncipe deles é a serpente *Pytho*,⁶ de onde Apolo é chamado *Pythius*,⁷ e aquela mulher, bruxa, em *Samuel*,⁸ e a outra no Evangelho,⁹ que tinha *Pytho* no ventre.¹⁰ Portanto, essa espécie de demônios se une aos oráculos e ilude os homens com adivinhações e previsões, enganando-o.

Na terceira ordem estão os Instrumentos de Iniquidade, também

chamados de Instrumentos da Ira; são os inventores das coisas malignas e das artes do mal, como se vê em *Platão*, aquele demônio *Teuto*,¹¹ que ensinou os jogos de cartas e dados; pois toda perversidade, maldade e deformidade procedem deles; a respeito do que se lê em Gênesis, nas bênçãos de *Simeão* e *Levi*, *Jacó* diz, “Instrumentos de Violência¹² são a sua morada; seu conselho minha alma não procurará”; os quais o Salmista chama de Instrumentos de Morte,¹³ *Isaiás* de Instrumentos de Fúria,¹⁴ e *Jeremias*, Instrumentos de Ira;¹⁵ *Ezequiel*, Instrumentos de Destruição e Morte;¹⁶ e seu príncipe é *Belial*,¹⁷ que é interpretado como um rebelde ou desobediente, um prevaricador e apóstata, do qual *Paulo* fala aos Coríntios, indagando que acordo poderia Cristo ter com *Belial*?¹⁸

Em quarto lugar vêm os Vingadores do Mal, e seu príncipe é *Asmodeo*,¹⁹ ou seja, o que causa julgamento.

Depois dessas ordens, em quinto lugar, vêm os Enganadores, que imitam milagres e servem aos conjuradores e bruxos/bruxas do mal, e

seduzem as pessoas com seus milagres, assim como a serpente seduziu *Eva*,²⁰ e seu príncipe é *Satã* (ou Satanás), do que lemos no livro do Apocalipse, “Opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens; seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar”.²¹

Em sexto lugar, se oferecem os Poderes do Ar; estes se juntam ao trovão e aos relâmpagos, corrompendo o ar, provocando pestilências e outras moléstias; a estes pertencem os quatro anjos mencionados no Apocalipse, aos quais foi dado o poder de causar dano à terra e ao mar, conservando seguros os quatro ventos da Terra;²² e seu príncipe é *Meririm*;²³ ele é o demônio meridiano, um espírito fervente, um demônio que é furioso no sul, que Paulo, em sua Epístola aos Efésios, chama de “espírito que atuam nos filhos da desobediência”.²⁴

A sétima mansão é das Fúrias, que são poderes do mal, da discórdia, guerra e devastação, cujo príncipe no Apocalipse²⁵ é chamado em grego de *Apollyon*, em hebraico *Abaddon*,²⁶ isto é, destruidor e devastador.

Em oitavo lugar vêm os Acusadores, ou Inquisidores, cujo príncipe é *Astarath*,²⁷ ou aquele que procura: na língua grega ele é chamado de *Diabolos*,²⁸ isto é, um acusador, ou caluniador, que no Apocalipse é chamado de acusador dos irmãos, acusando-os dia e noite diante da face de nosso Deus.²⁹

E, por fim, os Tentadores e Aprisionadores ocupam o último lugar, e há um deles presente em cada homem, o qual chamamos de gênio do mal, e seu príncipe é *Mammon*,³⁰ interpretado como cobiça.

Mas todos são unânimes em afirmar que os espíritos maus vagam por este mundo inferior, enfurecidos contra todos e sendo chamados de demônios, dos quais *Agostinho*, em seu primeiro livro da encarnação da palavra a *Januário*, diz: quanto aos demônios e seus anjos contrários às virtudes, a pregação eclesiástica ensina que eles, de fato, existem; mas o que são e como existem não é exposto com clareza; entretanto, a maioria é da opinião de que esse Diabo foi um anjo e, tornando-se depois um apóstata,³¹ persuadiu muitos anjos a segui-lo, os quais são chamados até hoje de anjos dele; a Grécia, entretanto, não crê que todos eles sejam malditos, ou propositadamente maus, mas que, desde a criação do mundo, a dispensação das coisas é executada por esse meio, e que o tormento das almas em pecado é trabalho deles.

Os outros teólogos³² dizem que nenhum demônio foi criado mau, mas que foram expulsos do céu pelas ordens dos anjos bons por seu orgulho, cuja queda não só os teólogos hebreus, mas também assírios, árabes, egípcios e gregos confirmam por suas premissas; *Pherecydes*, o Sírio, descreve a queda dos demônios, e que *Ophis*,³³ a serpente diabólica, era o líder daquele exército rebelde; *Trismegisto* canta sobre a mesma queda em seu *Pimander*,³⁴ e *Homero*, sob o nome de *Ararus*,³⁵ em seus versos; e Plutarco em seu discurso *Da Usura*,³⁶ indica que *Empédocles* sabia que a queda dos demônios foi desta maneira: os demônios também confessam a própria queda.

Sendo, portanto, jogados nesse vale de amarguras, alguns deles estão próximos de nós e vagam nesse ar

obsuro, enquanto outros habitam os lagos, rios e mares, outros ainda a Terra e aterrorizam os seres terrestres, e invadem aqueles que cavam poços e metais, provocam abismos na terra, abalam as fundações das montanhas e atormentam não só os homens, mas também outras criaturas.

Alguns que se satisfazem apenas com risadas e truques só se empenham em exaurir os homens, em vez de ferilos; alguns, capazes de se esticar à altura do corpo de um gigante para depois encolher até a pequenez de um pigmeu, e de assumir diversas formas, perturbam os homens com um tolo medo; outros semeiam mentiras e blasfêmias, como lemos no primeiro livro dos Reis, dizendo, “Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os profetas de *Acabe*”.³⁷ Mas os piores demônios são aqueles que ficam à espreita e atacam viajantes em suas jornadas, e apreciam as guerras e o derramamento de sangue, e afligem os homens com as mais cruéis perseguições: lemos a respeito deles em Mateus, “que ninguém podia passar por aquele caminho”.³⁸

A Escritura ainda reconhece demônios noturnos, diurnos e meridionais, e descreve outros espíritos de perversidade por seus diversos nomes, como lemos em *Isaías*³⁹ dos sátiros, mochos, sirenes, cegonhas; e nos Salmos⁴⁰ de macacos, basiliscos, leões, dragões; e no Evangelho lemos acerca de escorpiões⁴¹ e *Mammon* [as riquezas]⁴² e do príncipe deste mundo⁴³ e poderes das trevas, de todos quais o príncipe é *Belzebu*, que a Escritura chama de príncipe do mal.⁴⁴

Porfírio dizia que o príncipe deles é *Serapis*, também chamado de *Plutão* pelos gregos, sendo *Cérbero*, o cão de três cabeças, o principal dentre

eles, pois tem familiaridade com os três elementos: Ar, Água e Terra, e é um demônio muito pernicioso; e *Prosérpina*, que muito é capaz de fazer nesses três elementos, é sua princesa, o que ela própria afirma em suas respostas, nestes versos:

De natureza trina, eu, Lucina, a bela,

Sou a filha, enviada do alto;

O Febo dourado eu sou, com três cabeças

Que carrego com as formas de Terra,
Fogo e Ar,

Dos mastins negros da terra eu cuido.

A opinião de *Orígenes*⁴⁵ acerca dos demônios é esta: são espíritos que agem por livre e espontânea vontade, abandonaram o serviço de Deus com seu príncipe, o Diabo; se começam a se arrepender um pouco, são revestidos de carne humana; e quanto mais, por meio desse arrependimento, após a ressurreição, eles ganharem carne, mais próximos estarão de finalmente voltar à visão de Deus, estando também livres de seus corpos etéreos e aéreos, e todos os joelhos, então, se dobrarão perante Deus, das coisas celestiais, terrestres e infernais, para que Deus seja tudo em todos.

Além disso, Santo *Irineu* concorda com a opinião de *Justino*, o Mártir, que dizia: *Satanás* nunca ousou proferir blasfêmia contra Deus antes de o Senhor vir à Terra, pois ainda não sabia sua condenação; mas há muitos demônios que caíram e que esperam salvação.⁴⁶

Muitas pessoas pensam de acordo com a história de *Paulo*, o Eremita, escrita por *Jerônimo* e reverenciada pela Igreja com horas canônicas;⁴⁷ ou da lenda de *Brandan*, conforme aprenderam; e com esse argumento, afirmam que suas preces são ouvidas;

lemos, aliás, no Evangelho que Cristo ouviu as súplicas dos demônios e permitiu que eles entrassem nos porcos;⁴⁸ também o Salmos 71, de acordo com nossa suposição; mas, de acordo com a suposição dos hebreus, o Salmos 72, em que lemos, “Curvem-se diante dele os habitantes do deserto, e seus inimigos lambam o pó.⁴⁹ Lemos no texto hebraico que os habitantes do deserto dobrarão os joelhos

diante dele, isto é, os espíritos do Ar⁵⁰ o adoram, como afirmam os cabalistas, e seus inimigos lambeirão o pó, que entendem como *Zazel*,⁵¹ e seu exército: do qual lemos em Gênesis, Comerás pó todos os dias da tua vida”,⁵² e em outro lugar o Profeta diz “pó será a comida da serpente”.⁵³ E assim os cabalistas creem que mesmo alguns demônios serão salvos, também a opinião de *Orígenes*.

Notas - Capítulo XVIII

1. O consenso em tempos passados parecia ser de uma divisão trina de anjos caídos ou espíritos malignos. Uma das 93 visões de Santa Francisca (1384-1440) tem a ver com a hierarquia do Inferno. Ela diz que um terço dos anjos caídos reside no ar e causa tempestades e doenças; outro terço habita na Terra e seduz as almas à condenação, enquanto a terceira parte vive no Inferno.

Lúcifer, ela nos diz, é o monarca de todos os infernos, mas ele governa em correntes de ferro, e sua tristeza é tão grande quanto seu poder. Sob ele, há três príncipes, cada um absoluto em seu domínio. O primeiro é Asmodeo, antes um querubim, mas agora o “principado” dos pecados carnis. O seguinte é Mammon, o demônio da avareza que guarda o “trono” deste mundo. O terceiro é Belzebu, que retém o “domínio” dos idólatras. Esses três poderes e Lúcifer nunca saem de suas prisões, exceto com permissão especial de Deus; mas eles têm legiões e legiões de subordinados na terra que se reportam a eles (Brewer 1901, 352).

Sobre o mesmo tema, diz o *Zohar*:

“Vinde e vede! Essas espécies malignas são três, um grau acima do outro. O grau superior das três paira no ar, o inferior é daqueles que riem das pessoas e as atormentam em seus sonhos, pois são impudentes como cães [ver *Chaldean Oracles* 75]. E há um grau maior acima dos outros, que é daqueles do Alto e de Baixo [grau intermediário], que revelam aos homens coisas que às vezes são verdadeiras e às vezes não são; e as coisas verdadeiras acontecem no futuro.” (Myer [1888] 1974, 20:435).

2. Mateus 4:8.

3. Isaías 14:14.

4. No Antigo Testamento, o deus da cidade filistina de Ecron (2 Reis 1:2). No Novo Testamento, os fariseus atribuíam a habilidade de Jesus para expulsar demônios ao poder desse arquidemônio (Mateus 12:24). O nome *beelzeboub*, na tradução Vulgata, geralmente é traduzido como “Senhor das Moscas”, mas nos melhores manuscritos gregos a palavra é escrita *beelzeboul*, “Senhor da Terra”, que parece ser a versão correta.

5. Ahab. Ver I Reis 22:22.

6. O termo latino *pytho* significa o espírito familiar (doméstico) que possui o vidente e lhe permite fazer profecias. O nome *python* passou a ser aplicado ao vidente.

7. Apolo matou Píton, a grande serpente monstruosa nascida da lama que cobriu a Terra após o dilúvio, e que vivia nas cavernas do Monte Parnasso. Em memória de sua vitória, o deus instituiu os jogos pitônicos e passou a ser chamado de Apolo Pythius.

8. I Samuel 28:7.

9. Atos 16:16.

10. Ver nota 11, cap. XVI, l. III. Ventriiloquia, no uso original da palavra, significa “falar pela barriga”, motivo pelo qual as pessoas possuídas por espíritos proféticos eram conhecidas como ventríloquas. Em registros antigos, a voz do espírito parecia vir do fundo do abdome ou da “axila”, e era grave e gutural. Esse é um fenômeno genuíno, que não se deixa afetar por cultura ou época (ver Isaías 29:4). Oesterreich escreve:

A segunda característica que revela mudança de personalidade é intimamente ligada à primeira: a voz. No momento em que o semblante se altera, uma voz mais ou menos mudada sai da boca da pessoa em transe. A nova entonação também corresponde ao caráter na nova individualidade se manifestando no organismo e é condicionada por ela. De modo específico, o registro superior da voz é modificado; se a voz é feminina, ela se torna grave, pois em todos os casos de possessão de que tive conhecimento a individualidade era um homem (Oesterreich [1921] 1974, 1:2:19-20).

Talvez essa qualidade masculina da voz tenha sido em parte a origem da crença expressa por Crisóstomo em suas *Homílias sobre a Primeira Epístola aos Coríntios* 29.12.1, a respeito de um Oráculo em Delfos:

Diz-se hoje em dia que essa sacerdotisa, a pitonisa, se sentava com as pernas abertas sobre o tripé de Apolo e o espírito mau entrava nele, vindo de baixo e passando por seus órgãos genitais, deixando-a em um estado de frenesi, e ela começava a soltar os cabelos e espumar na boca, como um homem embriagado. (In Oesterreich [1921] 1974, 2:9:315).

11. Thoth.

Conta a história que na região de Naucratis, no Egito, vivia um dos velhos deuses do país, o deus a quem é consagrado o pássaro Íbis e cujo nome é Teuto. Foi ele que inventou os números e os cálculos, a Geometria e a Astronomia, e o jogo de dados, e acima de tudo a escrita (Platão, *Fédon* 274c [Hamilton & Cairns, 520]).

Como em outros trechos, podemos conjecturar que Agrippa não compreendia sua própria referência, uma vez que é improvável que ele tivesse falado de maneira tão disparatada do Hermes egípcio.

12. Gênesis 49:5 (em algumas versões, “instrumentos de iniquidade”).

13. Salmos 7:13.

14. Talvez Isaías 51:20.

15. Não encontrei em Jeremias, mas em Romanos 9:22.

16. Ver Ezequiel 9.

17. Um demônio no Novo Testamento (II Coríntios 6:15), do grego *beliar*, que é uma corrupção do hebraico בליעל, significando “aquilo que é inútil, que não dá frutos”, e por extensão “perversidade, um homem perverso, um destruidor”. A palavra não é usada no Antigo Testamento como nome próprio. “Filhos de *Belial*” significa filhos da maldade (Juízes 19:22).

18. II Coríntios 6:15.

19. O Destruidor, o demônio que matou os sete maridos de Sara no livro apócrifo de Tobias (3:8). Foi exilado no Alto Egito pela fumaça ardente do coração e do fígado de um peixe, e preso lá pelo poder do anjo Rafael (8:2-3). No folclore judaico, Asmodeo é descrito como tendo o poder de ludibriar até o rei Salomão. Induzindo o rei a tirar o anel mágico que ele usava para controlar os demônios, Asmodeo se sentou no trono por 40 anos enquanto Salomão vagava pelo próprio reino como um mendigo. Por isso era chamado de “rei dos demônios”. Conta-se que, em seu nascimento, o rei Davi teve uma emissão de semente enquanto copulava com o súcubo, Igrat, enquanto dormia, gerando Adad, rei de Edom. Quando lhe perguntavam o nome, ele dizia “*Sh’mi Ad, Ad sh’m*”, ou seja, “Meu nome é Ad, Ad é meu nome”. Era chamado, portanto, de Ashm’dai, ou Asmodai (Asmodeo), rei dos demônios. Ver Patai 1980, 457 e 459. Acredita-se que o nome seja, na verdade, uma contração de Aeshma-Daeva (demônio cobiçoso), pertencente a um grupo de sete demônios da mitologia persa.

20. Gênesis 3:13.

21. Apocalipse 13:13-14.

22. Apocalipse 7:1-2.

23. Talvez do hebraico כְּמִרְיִם, KMRIRIM, que aparece em Jó 3:5, como “a escuridão do dia”, um eclipse ou obscurecimento do Sol, que era um mau presságio. Antigos intérpretes conside-

ravam a letra K um prefixo ao substantivo MRIRIM, cujo significado seria “as maiores amarguras (calamidades) que podem se suceder, um dia”. Ver Gesenius 1890, 402.

24. Efésios 2:2.

25. Apocalipse 9:11.

26. Hebraico: אַבְדֹּן, ABDON (destruição). Ver Jó 28:22. Era usado como o nome de uma região de Gehena em escritos rabínicos posteriores, com base em trechos dos Provérbios 15:11 e 27:20. N^o Novo Testamento, é o nome do anjo do abismo, e aparece somente em Apocalipse 9:11.

27. Astarote, אַשְׁתָּרֶת, ASHThRTh. Em grego, Astarte, uma forma da deusa babilônica Ishtar. Como é aspecto feminino de Baal (Juízes 2:13) e teria sido reproduzida com chifres por Luciano e Herodiano, acredita-se que fosse uma deusa da Lua. É chamada de deusa dos sidônios (I Reis 11:5) e era adorada por Salomão, que havia se casado com “muitas mulheres estrangeiras” (I Reis 11:1), entre as quais algumas sidônias, que influenciaram suas práticas religiosas, em sua velhice. Nos grimórios medievais, Astarote é metamorfoseada em um demônio masculino: “Ele é um Duque Forte e Poderoso e aparecia na Forma de Anjo pernicioso, montado em um Animal Infernal como um Dragão, carregando na mão direita uma Vibora” (*Goetia* [demônio número 29]. In *Lemegeton, or The Lesser Key of Solomon*, manuscrito 2731 do Museu Britânico). O *Goetia* foi transcrito desse manuscrito e publicado por MacGregor Mathers.

28. Διάβολος, o Difamador; o Diabo.

29. Apocalipse 12:10.

30. De *mamôna*, o termo aramaico para “riquezas”. Aparece no Novo Testamento, no qual é quase personificado (Lucas 16:13). A personificação se completou entre os séculos XIV e XVI, quando Mammon se tornou o demônio da cobiça.

31. Assim, esse ser existira outrora como luz, antes de extraviar e cair neste lugar, e ter sua glória se transformado em pó, que é a marca peculiar dos ímpios, como diz o profeta; sendo também chamado de o príncipe deste mundo, ou seja, de uma habitação terrena: pois exercia poder sobre aqueles que eram obedientes à sua perversidade, pois “o mundo inteiro” - chamo este lugar de terra, mundo - “jaz no Maligno”, [I João 5:19] e nesse apóstata. Que ele é um apóstata, isto é, um fugitivo, até o próprio Senhor diz no livro de Jó: Podes tu, com anzol, apanhar o crocodilo

dragão, apóstata]” [Jó 41:1], um fugitivo (Orígenes, *De principiis* 1.5 [Ante-Nicene Fathers, 4:259]).

32. Orígenes é o principal expoente da doutrina do livre arbítrio universal, que inclui a possibilidade da redenção dos demônios, bem como da corrupção dos anjos:

Se eles são chamados, enfim, poderes opostos [os anjos caídos], e considerados outrora sem mácula, enquanto a imaculada pureza não existe no ser essencial de ninguém além do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas é uma qualidade accidental em toda coisa criada; e se aquilo que é accidental também pode cair, e como esses poderes opostos já foram outrora imaculados, pertencendo entre aqueles que ainda permanecem sem mancha, é evidente que ninguém é puro por essência ou natureza, e que ninguém foi pela natureza poluído (*ibid.* [Ante-Nicene Fathers, 4:259-60]).

A mesma visão se deve ter daquelas influências opostas que se prestaram a tais lugares e ofícios, que derivam a propriedade pela qual se tornam “principados” ou “potestades”, ou governantes das trevas do mundo, ou espíritos de maldade, ou espíritos malignos, ou demônios impuros, não de sua natureza essencial, nem por terem sido criados assim, mas obtiveram esses graus de maldade em proporção à sua conduta, e ao ponto em que chegaram na maldade (*ibid.* 1.8 [Ante-Nicene Fathers, 4:266]).

33. օִֵֹ5, uma serpente. Ófio, um dos primeiros Titãs, era o governante do Olimpo, ao lado de sua rainha, Eurínome, até ser deposto por Saturno e Rea:

A fábula de como a Serpente, a quem chamavam de *Ofio*, com *Eurínome*, foram os primeiros governantes Do alto Olimpo, até serem expulsos por Saturno (Milton, *Paradise Lost* 10, linhas 581-3).

34. Não há uma menção específica da queda dos anjos na versão do Pimander dada por Scott. Fala-se de tropas de demônios vingadores que são ordenadas sob os sete planetas: “Com tempestades e furacões e explosões incandescentes, e corrupções do ar e terremotos, e fome, guerras,

eles punem a impiedade do homem” (*Corpus Hermeticum* 16.10b [Scott, 1:269]). Também há uma referência a um único “demônio vingador”, cujo ofício é mais bem descrito na tradução de Everard, de 1650, do que na de Scott:

Pois não há uma única parte do Mundo que esteja livre do Diabo, o qual, entrando sorratamente, semeia a semente de sua *devida* operação, e a mente se impregna e traz à luz aquilo que foi semeado: *Adulterios, Assassinatos, Violência contra os pais, Sacrilégios, Impiedades, Estrangulamentos*, derrubar pessoas e todas as outras coisas que são obras dos *Demônios* malignos (Everard [1650, 1884] 1978, 13:14:88).

Fica mais claro, porém, que as almas migram tanto para cima quanto para baixo na ordem da existência, de acordo com seu valor, indo dos homens para os demônios em caminho ascendente, e pássaros em caminho descendente. A implicação é que os demônios têm o livre-arbítrio para se elevarem ou se degradarem (Ver *Corpus Hermeticum* 10.7-8 [Scott, 1:191, 193]).

35. Essa referência é obscura, para mim. Araros era filho de Aristófanes e era um dramaturgo grego. A *Opera* latina registra seu nome como *Atarus*. Talvez uma referência oblíqua à queda de Hephaistos do céu, provocado pelo irado Zeus (ver *Iliada* 1, linhas 590-4).

36. Tampouco há um meio para esses devedores fugirem até os doces pastos e pradarias que antes desfrutavam, mas eles vagam ao redor, como aqueles demônios mencionados por Empédocles, os quais foram expulsos do céu pelos deuses ofendidos.

Pela força do céu, eles são expulsos,
E a Terra, porém, logo os cospe de volta.
E então, até a orbe de Titã [o sol] são forçados a voar,
E Titã, por sua vez, os manda para o céu.
(Plutarco, *De vitando aere alieno* [O que não devemos tomar emprestado] 7, tradução de R. Smith [Goodwin, 5:420-1]).

Empédocles, claro, está descrevendo a passagem das almas condenadas pelos quatro elementos, respectivamente: Água, Terra, Fogo e Ar. A mesma citação aparece em *Ísis e Osíris* 26 de Plutarco (Goodwin, 4:87), com a linha adicional: “Recebidos, um a um, por todos os que os abominam”.

Em outro trecho, na *Moralia*, Plutarco cita esta passagem relacionada, de outra ou da mesma obra de Empédocles:

Esse antigo decreto de um destino imutável,
Daqueles que, com horrendos crimes, sujam as mãos,
Aos demônios longevos é imposto o encargo.
Nessa triste condição é que eu me encontro,
Banido de Deus, forçado a vagar pelo mundo.
(Plutarco, *De exilio* 17, tradução de John Patrick [Goodwin 3:34]).

37. Ver nota 5 deste capítulo.

38. Mateus 8:28.

39. Isaías 13:21-2; 34:11, 14-5.

40. Salmos 91:13.

41. Lucas 10:19.

42. Lucas 16:9. Ver nota 30 deste capítulo.

43. João 12:31; 14:30; 16:11.

44. Ver nota 4 deste capítulo.

45. Essas questões são mais ou menos encontradas em *De principiis* 1.6, de Orígenes. Entretanto, Agrippa usa referências que são veementemente contraditas por Orígenes. Quanto à questão de os demônios que se arrependem serem investidos de carne humana, Orígenes afirma: “Do que posso inferir, creio, que toda natureza racional, ao passar de uma ordem para outra, pode passar através de cada uma para todas e avançar de todas para cada...,” mas dos demônios, de modo mais específico, ele diz:

Devemos nos lembrar, porém, que certos seres que caem daquele princípio que mencionamos desceram a um nível tão profundo de indignidade e maldade que não merecem o

treinamento e a instrução por meio dos quais a raça humana, enquanto ainda na carne, é treinada e instruída com a assistência dos poderes celestes... (*De principiis* 1.6 [*Ante-Nicene Fathers*, 4-461]).

Quanto à questão de serem livres de corpos etéreos e aéreos, Orígenes diz:

E se alguém imagina que, no fim, a natureza material, ou física, será inteiramente destruída, não compreende de modo algum como seres tão numerosos e poderosos são capazes de viver e existir sem um corpo, uma vez que é um atributo exclusivo da divina natureza - do Pai, Filho e Espírito Santo - viver sem qualquer substância material, e sem o menor grau de um adjunto físico. Outros talvez digam que no fim toda substância física será tão pura e refinada que se parecerá com o éter, e de igual pureza e limpeza celestial. Mas como serão as coisas, só Deus sabe com certeza, e aqueles que são Seus amigos através de Cristo e do Espírito Santo (*ibid.*, 262).

46. Antes do advento do Senhor, Satanás nunca ousava blasfemar contra Deus, pois não tinha certeza de qual seria a sua condenação, uma vez que o anúncio de sua vinda só era feito pelos profetas em parábolas e alegorias. Mas, após o advento do Senhor, aprendendo muito com os discursos de Cristo e Seus apóstolos, sabendo que o fogo eterno estava preparado para ele, que escolhera se afastar de Deus, e para todos os que, sem arrependimento, perseveraram na apostasia, então, por meio de um homem, ele, como já fosse condenado, blasfema dizendo que Deus é que o julga, e lhe imputa o pecado de sua apostasia ao seu Criador, em vez de assumir que o faz por vontade própria e predileção (fragmento de uma obra perdida de Justino, o Mártir, preservado em Irineu em *Against the Heresies* 5.26 [*Ante-Nicene Christian Library*, 2:355-6])

47. As sete vezes por dia em que são realizados ofícios sagrados na Igreja Romana; matutina (0 hora); prima (6 horas); terça (9 horas); sexta (meio-dia); nona (15 horas); vésperas (18 horas) e compline (21 horas). Ver Salmos 119:164.

48. Mateus 8:31.

49. Salmos 72:9.

50. Satanás é o “príncipe da potestade do ar” (Efésios 2:2) e vive no deserto, motivo porque Cristo foi tentado do deserto (Mateus 4:1).

51. Azazel, que no Zohar é um dos anjos expulsos do céu que pecam com as filhas dos homens e que ensinam feitiçaria aos homens. Isso também se afirma no Livro de Enoch:

Que poder eles tinham [os homens] para conseguir atrair do céu as estrelas? Não seriam capazes de tal proeza não fosse a artimanha de ‘UZZA, ‘AZZA e ‘AZZIEL, que lhes ensinaram feitiços com os quais podiam atrair as estrelas e usá-las. (*Hebrew, Book of Enoch by Rabby Ishmael ben Elisha* 5.9, tradução de Hugo Odeburg [Cambridge University Press, 1928], 16).

O Livro apócrifo de Enoch diz: E Azazel ensinou os homens a fazer espadas, e facas, e escudos, e peitorais, e lhes apresentou o metal (da terra) e a arte de trabalhar com ele, e braceletes, e ornamentos, e o uso do antimônio, e o embelezamento das pálpebras, e todo tipo de pedra preciosa, e todas as tinturas coloridas (Enoch 8.1 [Charles 1913, 2:192]).

52. Gênesis 3:14.

53. Isaias 65:25.



Belial dançando diante de Salomão

Extraído de Das Buch Belial, de Jacobus de Teramo (Ausburg, 1473)



Asmodeus

Extraído de Dictionnaire infernal, de Collin de Plancy (Paris, 1863)



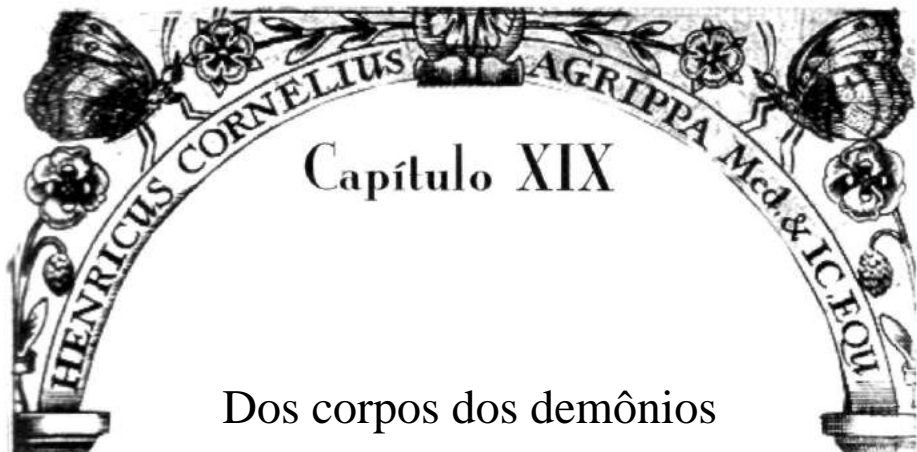
Mammon

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)



Ophis

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)



Dos corpos dos demônios



quanto aos corpos dos anjos, há uma grande divergência entre os estudiosos e filósofos; pois *Tomás* afirma que todos os anjos são incorpóreos, até os anjos malignos, mas às vezes assumem corpos, que depois de algum tempo abandonam de novo; *Dioniso*, em *Nomes Divinos*,¹ afirma com veemência que os anjos são incorpóreos.

Agostinho, porém, falando de *Gênesis*,² expõe sua opinião segundo a qual os anjos são seres do Ar e animais do Fogo. Tendo a natureza de corpos aéreos, nenhum deles pode ser destruído pela morte, pois o elemento mais ativo que passivo é predominante neles; o mesmo parece afirmar que todos os anjos no início da criação tinham corpos aéreos, sendo formados da parte mais pura e superior do ar, e mais aptos para agir que para experimentar; e esses corpos foram preservados nos anjos bons após a confirmação, mas mudados nos maus, quando de sua queda, para a qualidade do ar mais grosso, para serem atormentados no fogo.

Além disso, *Magnus Basilius*,³ atribui corpos não só aos demônios, mas também aos anjos puros, como

certos espíritos finos, aéreos e puros; com o que concorda *Gregório Apuleio* era da opinião que nenhum anjo tem corpo; pois no livro *Do Demônio*, de *Sócrates*,¹ ele diz que há uma espécie mais propícia de espíritos, os quais, sendo sempre livres de vínculos corpóreos, são alcançados por meio de certas preces.

Mas *Psellus*, o platônico, e *Christianus* pensam que a natureza dos espíritos não é sem corpo; não creem, porém, que os corpos dos anjos e dos demônios sejam iguais; pois o primeiro não tem matéria, enquanto os corpos dos demônios são, de certa forma, materiais, como sombras, e sujeitos a paixões para que sejam golpeados e sintam dor, e possam ser queimados no fogo em cinzas conspícuas, o que, aliás, se registra em *Tuscia*.⁵ E embora seja um corpo espiritual, é muito sensível e, ao ser tocado, sofre; e ainda que seja despedaçado, suas partes se unem novamente, assim como o ar e a água, mas nesse meio tempo experimentam muita dor. É por isso que eles temem o fio da espada e qualquer outra arma.

Em *Virgílio*, a sibila diz a *Enéas*:⁶

Siga seu caminho e carregue sua espada.

E *Sérvio* diz que ela devia convencer *Enéas* a consagrar sua espada.

Orfeu também descreve os tipos de corpos demoníacos; há de fato um corpo que só resiste ao fogo, mas ao ser visto, não sofre, e *Orfeu* chama a este de demônios de fogo e celestiais:⁷ outro tipo de corpo é composto de uma mistura de fogo e ar, e estes são chamados de demônios etéreos e aéreos; aos quais, se alguma substância aquosa for acrescentada, surge então um terceiro tipo, que é chamado de demônio da água, e às vezes é visto; e a este, se for acrescida terra, não é de um tipo muito espesso; é chamado de demônio da terra, e são mais conspícuos e sensíveis.

Ora, os corpos dos demônios sublimes são alimentados pelo mais puro elemento etéreo e não se mostram prontamente, a menos que sejam enviados por Deus, sendo confeccionados dos mais brilhantes fios, e tão pequenos que transmitem todos os raios de nossa visão graças à sua fineza, e os reverberam com esplendor, e enganam por causa de sua sutileza. A estes, *Calcidius* chama de demônios etéreos e aéreos, porque seus corpos não possuem tanto fogo que os torne conspícuos nem tanta terra que sua solidez resista ao toque, e toda a sua compostura, sendo composta da clareza do céu e da umidade do ar, une superfícies indissolúveis.⁸

Os outros demônios não são tão discerníveis nem invisíveis; sendo às vezes conspícuos, aparecem como as mais diversas figuras e usam corpos

como sobras, de imagens sem sangue, atraindo a imundície de um corpo grosseiro, e têm muita comunhão com o mundo (que os antigos chamavam de alma ímpia) e, em razão de sua afinidade com a terra e a água, também são tomados de prazer terrenos e de luxúria; dessa espécie são os hobgoblins, os íncubos e súcubos,⁹ aos quais, não é absurdo pensar, pertencia *Melusina*.¹⁰

Entretanto, nenhum demônio (como supõe *Marco*)¹¹ pode ser considerado masculino ou feminino, uma vez que essa diferença de sexo pertence a compostos, e os corpos dos demônios são simples; tampouco podem eles assumir quaisquer formas que queiram; aos do Fogo e do Ar, porém, é fácil fazer isso, isto é, mudar para a forma que sua imaginação conceber. Já os demônios subterrâneos e das trevas, tendo por natureza um corpo grosso e não atraente, não podem usar a diversidade de formas que outros podem.

Os demônios da água, porém, que habitam as superfícies úmidas da Terra, são, em virtude da umidade do elemento, mais parecidos com mulheres; a eles pertencem as fadas dos rios e ninfas dos bosques; já os que habitam lugares secos se mostram na forma de homens, como os sátiros, ou onosceli¹² com pernas de asno, ou faunos e íncubos, dos quais se acredita haver muitos, e alguns chegam a desejar e copular com mulheres. Além disso, há certos demônios, que os franceses chamam de *dusii*,¹³ que não se cansam de tentar essa forma de luxúria.

Notas - Capítulo XIX

1. Sobre os nomes divinos, de Pseudo-Dionísio, cap. 4.
2. *De Genesi ad litteram*, Santo Agostinho.
3. Basílio, o Grande. Ver nota biográfica.
4. *De deo Socratis*, de Apuleio. Segundo Thorndike, Apuleio fala muito em seu ensaio sobre a substância que forma os corpos dos demônios. “Seu elemento nativo é o ar, que Apuleio acreditava se estender até a lua.... Mas seus corpos são muito leves, como as nuvens, um ponto peculiar deles” (Thorndike, 1:240).
5. Etrúria.
6. “Fora, eu suplico, fora, vocês não iniciados”, exclamam os profetas em voz alta, “e se afastem do bosque; entrem no caminho e desembainhem de vez a espada; ora você precisa de coragem, Enéas, ora de resolução da alma” (Virgílio, *Eneida* 6, c. linha 260 [Lonsdale & Lee, 164]).
7. Acreditava-se que uma espécie de fogo tênue, claro, existia acima do nível do ar.
8. Um corpo indestrutível.
9. Um incubo (*incubo*, pesadelo, do latim, *incubare*, deitar por cima, pesar, padecer) é um demônio em forma de homem que tem relações sexuais com mulheres enquanto elas dormem. Como sugere a raiz latina, era associado à opressão e à dificuldade para respirar que costumam acompanhar os pesadelos, o que é na verdade causado pela substância de espíritos interagindo com o corpo humano. Um súcubo (*succuba*, prostituta) é um demônio em forma de mulher que tem relações sexuais com homens, também enquanto dormem. Essa crença é muito antiga.

Embora, de fato, os sábios egípcios não façam a distinção, que seja possível para um espírito divino se aplicar à natureza de uma mulher, impregnando-a com o início da gestação, enquanto, por outro lado, concluem ser impossível para o homem ter qualquer relação ou interação por meio do corpo com qualquer divindade, não considerando, porém, que o que acontece de uma lado deve também ocorrer do outro; a mistura, por força dos termos, é recíproca (Plutarco, “Numa Pompílio”. In *Lives* [Dryden, 77]).

Os filhos dessas uniões, entre eles Merlin e o futuro Anticristo, são chamados Adamitici, “e dizem que na infância essas crianças choram dia e noite, e são pesadas, porém magras, e capazes de sugar o leite até secar de cinco amas.... Outros, por outro lado, mencionam os poderes super-humanos dessas crianças, e afirmam que elas possuem alguns atributos de divindade...” (Remy [1595] 1930, 1:7:20).

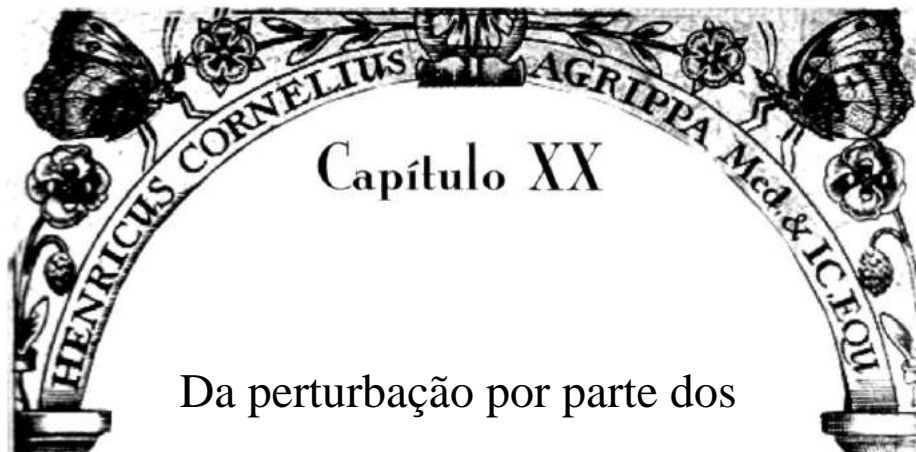
10. Um ninfa da fonte de Lusigna, em Poitou, que se casou com Raimundo de Poitiers e se tornou a lendária ancestral e espírito doméstico de seus descendentes. Segundo Jean d'Arras em sua *Chronique de la Princese*, escrita por volta de 1387, ela pediu a Raimundo que promettesse jamais olhar para ela em dia de sábado, que ela voltava na forma de mulher para a de ninfa, com atributos de peixe. Obviamente, ele quebrou a promessa e ela foi embora. Mas sempre que algum de seus descendentes fosse ameaçado, ela dava um grito, como sinal de alerta.

11. Marco, o Valentiniano. Agrippa cita essa frase dos escritos de Psellus.

12. Onocentauros, seres como os centauros, mas com a parte inferior do corpo de um asno, em vez de cavalo.

13. E há muitos relatos de pessoas que viveram por experiência própria, ou souberam pela experiência de outros, de honestidade e crédito indubitáveis, que os silfos e faunos, normalmente chamados de incubos, molestam as mulheres, desejando carnalmente e com elas copulando, e que certos demônios que os gauleses chamam de *dusii* insistem em praticar essa impureza, e tentam outros a fazê-la também, o que é afirmado por essas pessoas com tanto convicção que seria inapropriado duvidar...” (Agostinho, *Cidade de Deus* 15.23 [Healey, 2:90])

Uma forma alternativa plural é “Dusiens”.



Da perturbação por parte dos espíritos maus, e da preservação que recebemos dos espíritos bons



opinião comum entre os sábios que todos os espíritos maus, por natureza, odeiem Deus e todos os homens; por isso, a Providência Divina colocou para nos velar espíritos mais puros, aos quais Ele nos confiou, sendo eles como pastores e governantes, ajudando-nos todos os dias e afastando de nós os espíritos ímpios, retendo-os e constringindo-os para que não possam nos causar tanto mal quanto gostariam; como lemos em *Tobias*, *Raquel* perseguiu o demônio chamado *Asmodeo* e o acorrentou nos desertos do Alto Egito.¹ Deles fala *Hesíodo*,² que há 30 mil espíritos imortais de *Júpiter* vivendo na Terra, que são os guardiões dos homens mortais, para que sigam a justiça e cometam atos de misericórdia; e tais espíritos, revestidos de ar, vão a qualquer lugar da Terra.

Pois nenhum príncipe nem potestade estariam a salvo, nenhuma mulher permaneceria intocada, nenhum homem nesse vale de ignorância chegaria ao fim designado para ele

por Deus, se não fôssemos protegidos por bons espíritos ou se os espíritos ímpios tivessem a permissão de satisfazer as vontades dos homens; assim como, entre os espíritos bons, há um guardião ou protetor designado para cada indivíduo, corroborando o espírito do homem para fazer o bem, também entre os espíritos maus são enviados como inimigos que controlam a carne e a desejam; e o bom espírito combate a nosso favor, como um protetor contra o inimigo e a carne.

Ora, entre esses oponentes, o homem está no meio, e a ele cabe julgar a quem dará vitória; não podemos, portanto, acusar os anjos de não conseguirem levar as nações sob sua responsabilidade ao conhecimento do Deus verdadeiro, à verdadeira piedade, que optam pelo erro e pela idolatria; é escolha nossa desviar do caminho certo e seguir os espíritos dos erros, dando vitória ao Diabo; pois está nas mãos do homem seguir quem ele bem entender e derrotar quem ele quiser; e se der vitória ao Diabo,

acabará se tornando seu servo e será por sua vez derrotado, não podendo mais combatê-lo, como uma vespa que perde o ferrão. Essa é também a opinião de *Orígenes* em seu livro *Periarchon*,³ concluindo que os santos em luta contra os espíritos maus os derrotam e, com isso, diminuem seus exércitos, não podendo mais ser molestado por nenhum espírito do mal.

Assim como é dado a cada homem, enfim, um espírito bom, também lhe é dado um espírito mau e diabólico. Ambos procuram se unir ao nosso espírito, tentando atraí-lo para si e se misturar com ele, como vinho com água,⁴ de fato, os bons, por meio de todas as suas boas obras, nos mudam em anjos quando se unem a nós, como está escrito acerca de *João Batista* em *Malaquias*: “Eis que eu envio o meu mensageiro que preparará o caminho diante de mim”,⁵ transmutação e união das quais também está escrito em outro lugar: “Aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele”.⁶ Também um espírito mau quer que fiquemos com ele e nos unamos a ele, como Cristo disse de Judas, “Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo”.⁷

E era disso que falava *Hermes*, ao dizer que, quando um espírito tem influência sobre a alma do homem, ele espalha a semente⁸ de suas noções, e uma alma semeada de sementes e repleta de fúria produz coisas extraordinárias, todas sendo ofícios dos espíritos. Quando um espírito bom influencia uma alma santa, exalta-a à luz da sabedoria; mas um espírito mau, transfundido em uma alma perversa, a induz a roubo, assassinato, luxúria e todos os ofícios dos espíritos malignos.

Os espíritos úmidos (como dizia *Jamblicus*) purgam a alma de modo perfeito; e alguns nos conferem outras coisas boas; estão presentes para dar saúde ao corpo, virtude à alma, segurança também à alma; o que é mortal em nós eles levam embora, alimentam o calor e o tornam mais eficaz à vida, e com harmonia sempre infundem luz em um mente inteligível.⁹

Mas se há um guardião de uma única pessoa ou vários é um ponto de divergência entre os teólogos; acreditamos que exista mais de um, como diz o profeta, “Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos”,¹⁰ o que, como dizia *Hierome*, deve se aplicar a todos os homens, assim como a Cristo.

Todos os homens, portanto, são governados pelo ministério dos mais diversos anjos, alcançando virtude, merecimento e dignidade aqueles que se comportam de forma digna; já os que, por outro lado, se mostram indignos, são depostos, jogados tanto pelos maus quanto pelos bons espíritos ao mais baixo nível de amargura, dela merecedores. Os que são atribuídos aos anjos mais sublimes são preferidos antes dos outros homens, pois os anjos que deles cuidam os exaltam e submetem os outros a eles por meio de um poder oculto; o qual, embora nenhum deles perceba, aquele que é afetado, porém, sente uma certa reverência inexplicável por tal poder, que os anjos superiores fazem fluir aos superiores, e com certa dose de terror levam aos inferiores o medo da superioridade.

Homero parece ter ciência disso, quando disse que as musas geradas por *Júpiter* sempre auxiliavam, como companheiras inseparáveis, os reis

também por *Júpiter* gerados, que por eles era feito venerável e magnífico. Lemos também que *M. Antonius*,¹¹ em sua amizade com *Octavus Augustus*,¹² fazia-lhe sempre companhia. Mas quando *Augustus* saiu como conquistador, um certo mago o aconselhou da seguinte maneira: “Ó Antonio, o que tens tu a ver com esse jovem? Evita-o, pois, embora tu sejas mais velho que ele, e mais habilidoso, e também de melhor descendência, e embora tenhas passado pelas guerras de mais imperadores, teu gênio teme o gênio desse jovem, e tua fortuna lisonjeia sua fortuna; a menos que o evites, acabarás cedendo a ele”.

O príncipe não é como os outros homens? Como os outros homens, então, poderia reverenciá-lo, não fosse um terror divino exaltá-lo, e incutir medo nos outros, deprimi-los, levando-os a reverenciá-lo como um príncipe? Devemos, portanto, nos empenhar no sentido de que, sendo purificados por boas ações, e seguindo coisas sublimes, e escolhendo os oportunos momentos e estações, sejamos confiados ou encaminhados a um grau de anjos mais sublimes e mais potentes, que, por tomarem conta de nós, possamos ser preferidos aos outros.

Notas - Capítulo XX

1. Tobias 8:3.

2. Três vezes dez mil guardiões dos homens,

Imortais, passeiam pela terra fértil de Zeus. Envoltos por uma neblina, eles visitam toda a região E garantem os processos legais e observam os crimes. (Hesíodo, *Works and Days*, c. linha 252 [Wender, 66]).

3. Περὶ Ἀρχῶν (Peri Archon) é título grego original da obra mais conhecida por seu título latino, *De principiis*.

4. Que certos pensamentos são sugeridos ao coração dos homens por anjos bons ou maus, é algo que se vê tanto no anjo que acompanhou Tobias [Tobias 5:4-6] quanto pelas palavras do profeta, quando ele diz: “E o anjo respondeu” [Zacarias 1:12]. O livro do Pastor [Pastor de Hermas 6:2] declara a mesma coisa, dizendo que cada indivíduo é atendido por dois anjos; que sempre que surgem em nossos corações bons pensamentos, eles são sugeridos pelo anjo bom; mas, quando são de uma espécie contrária, são instigados pelo anjo mau.... Não devemos, porém, imaginar que qualquer outro resultado se segue ao que é sugerido ao nosso coração, seja algo bom ou ruim, exceto uma comoção (mental) e um impulso que nos instiga para o bem ou para o mal. Pois temos a capacidade, quando um poder maligno nos incita para o mal, de rechaçar as sugestões perversas, e resistir às vis induções, e não fazer coisa alguma merecedora de culpa. E, por outro lado, é possível, quando um poder divino nos chama para coisas melhores, não atender ao chamado; nossa liberdade de escolha é preservada em ambos os casos (Orígenes, *De principiis* 3.2 [Ante-Nicene Fathers, 4:332]).

5. Malaquias 3:1.

6. I Coríntios 6:17.

7. João 6:70.

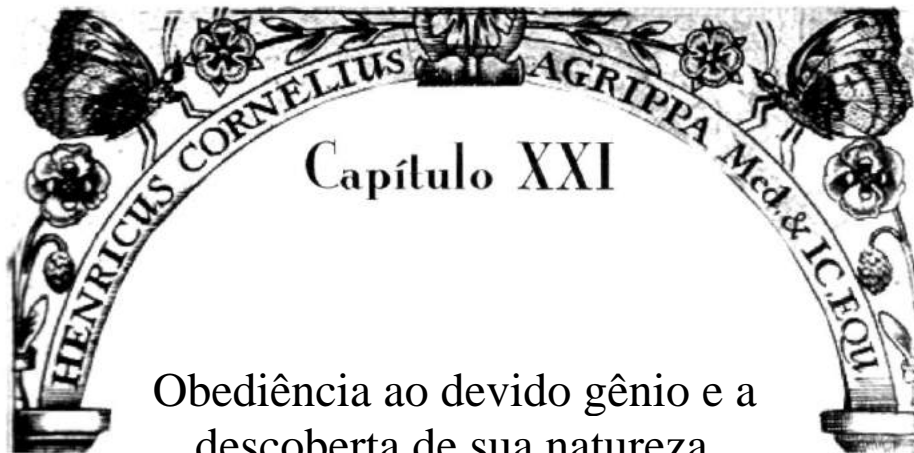
8. “E além disso, meu filho, você deve saber que existe outro tipo de obra que os decanos fazem; eles semeiam a terra com a semente de certas forças, algumas salutaras e outras perniciosas, que muitos chamam de demônios” (*Stobaei Hermetica* 6.11 [Scott, 1:415]).

9. Mas a presença dos deuses, na verdade, nos concede a saúde do corpo, virtude da alma, pureza do intelecto, e em uma palavra eleva cada coisa ao seu devido princípio. E aquilo que em nós é frio e destrutivo, essa presença aniquila; aquilo que é quente, ela aumenta, deixando ainda mais poderoso e predominante; e faz com que todas as coisas estejam em conformidade com alma e intelecto. Também emite uma luz, acompanhada com harmonia inteligente, e exhibe aquilo que não é corpo como corpo aos olhos da alma, através dos olhos do corpo. (Iamblicus, *On the Mysteries* 2.6 [Taylor, 95-6])

10. Salmos 91:11.

11. Marco Antônio.

12. Otávio Augusto. Em 30 a.C, Marco Antônio cometeu suicídio com Cleópatra em Alexandria, para evitar ser capturado pelo exército de Augusto.



Obediência ao devido gênio e a descoberta de sua natureza



Assim como toda região celeste tem determinada estrela e uma imagem celestial sobre a qual tem influência acima dos outros, também as supercelestiais obtêm uma certa inteligência, que a rege e guarda, com infinitos outros espíritos ministrantes de sua ordem, sendo todos chamados por um nome comum, os Filhos de *Elohim Sabaoth* בני אלהים שְׁבָאוֹת isto é, Filhos do Deus das Hostes.¹ Assim, quando o Altíssimo delibera guerra ou matanças, ou a desolação de algum reino, ou a submissão de algum povo nessas regiões inferiores, ocorre um conflito sobre a Terra, com esses espíritos do alto, como está escrito em *Isaías*,² o Senhor castigará no céu as hostes celestes, e os reis da terra, na terra; conflitos estes dos quais lemos também em *Daniel*,³ do príncipe do reino da Pérsia, do príncipe dos gregos, do príncipe do povo de Israel; e de seu conflito interno, que *Homero*⁴ também parecia notar, quando canta:

Grande era a comoção na corte celeste
Quando a guerra dos deuses a todos
agitou:

Quando Febo combateu Netuno,
Palas lutou contra Marte, o deus da
guerra,
Diana hostilizou Juno, e Latona
Tentou destruir Mercúrio.

Embora em toda região existam espíritos de todas as espécies, os mais poderosos dentre eles são os da mesma ordem daquele que preside a região. Na região solar, por exemplo, os espíritos solares são mais potentes; na região lunar, são os lunares, e assim por diante. É por essa razão que vários eventos de nosso dia-a-dia ocorrem e nos seguem em diferentes lugares e províncias, sendo mais afortunados em um lugar que outro, onde o demônio, nosso gênio, receberá mais poder, ou onde obteremos um demônio mais poderoso da mesma ordem. Homens solares, por exemplo, se viajam para uma região ou província solar, serão mais afortunados nelas, pois lá terão gênios mais poderosos e mais vantajosos, por cujo auxílio eles atingirão finais felizes, além de sua expectativa.

Por isso, a escolha de um lugar, região ou momento pode conduzir à felicidade na vida, desde que

corresponda, em habitação e frequência, à natureza e ao instinto de seu gênio. Às vezes, também a mudança do nome produz os mesmos resultados, pois, enquanto as propriedades dos nomes significam a natureza das próprias coisas, fazem como em um espelho, declarando as condições de suas formas, se os nomes mudam, as coisas também mudam, em consequência. Assim, não foi à toa que as escrita sagrada atraiu Deus, enquanto ele abençoava *Abrão* e *Jacó*, mudando-lhes os nomes, chamando um de *Abraão*⁵ e o outro de *Israel*.⁶

Ora, os antigos filósofos nos ensinam a conhecer a natureza do gênio de todo homem, pelas estrelas, seu influxo e seus aspectos, que influenciam no nascimento de todos; mas com instruções tão variadas e diferentes entre si, que é muito difícil compreender os mistérios dos céus por suas direções.

Porfírio,¹ por exemplo, procura o gênio da estrela que é a senhora da natividade;⁸ já *Maternus*⁹ procura a partir daí ou dos planetas que tivessem o maior número de dignidades, ou ainda daquele em cuja casa a Lua

estava para entrar no momento do nascimento da pessoa. Mas os caldeus procuram o gênio, ou no Sol acima, ou na Lua. Já outros, e muitos hebreus, pensam que o gênio deve ser encontrado a partir de outro canto do céu, de todos os cantos. Outros ainda procuram um bom gênio na 11ª casa, o qual chamam, portanto, de um Bom Demônio; mas o gênio mau eles atribuem à 6ª casa, e o chamam de Mau Demônio.¹⁰

Uma vez, porém, que o estudo de tais gênios é laborioso e oculto, é mais fácil procurar a natureza de nosso gênio a partir de nós mesmos, observando aquelas coisas ditadas pelo instinto da natureza, a que os céus também nos inclinam¹¹ desde a mais tenra infância, não se deixando desviar por nenhum contágio; ou aquelas coisas que a mente, após a alma estar livre de preocupações fúteis e afeições sinistras e todos os impedimentos, nos sugere: essas são, sem dúvida, as persuasões de um gênio que são dadas a todos desde o nascimento, levando-nos e persuadindo-nos àquilo que o astro pertinente nos inclina.

Notas - Capítulo XXI

1. Na hierarquia da Cabala, a nova Sephirah, Hod, traz o nome associado de Deus, Elohim Sabaoth, אֱלֹהִים צְבָאוֹת, ALHIM TzBAOTh (Deus das Hostes), e a ordem dos anjos Beni Elohim, בְּנֵי אֱלֹהִים, BNI ALHIM (Filhos de Deus). Ver Apêndice VI.

2. Isaías 24:21. Esse versículo simplesmente menciona o Senhor (יְהוָה, IHVH), mas em outros trechos em Isaías, o título Senhor das Hostes (יְהוָה צְבָאוֹת, IHVH TzBAOTh) é usado; por exemplo, Isaías 19:4.

3. Daniel 10:20-1.

4. ... tamanho foi o estrondo quando os deuses se confrontaram em sua ira.

Pois contra o senhor Posêidon, Febo Apolo se posicionou com suas flechas emplumadas,
E contra Enialos, a deusa dos olhos de cor gris, Atena.
Contra Hera se colocou a senhor do clamor, a deusa do cajado de ouro,
Das flechas em voo, Ártemis, irmã do arremessador.
Opondo-se a Leto estava o forte e generoso Hermes
E contra Hephaistos se posicionou o caudaloso rio

Que é chamado de Xantos pelos deuses, mas de Skamandros pelos mortais.
(Homero, *Iliada* 20, linha 66 [Lattimore, 406]).

5. Gênesis 17:5.

6. Gênesis 32:28.

7. Provável referência ao comentário de Porfírio sobre *Tetrabiblos* de Ptolomeu.

8. Talvez a Lua crescente, regente da natividade.

9. Alguns dizem que o regente do mapa é o planeta que está localizado nas casas favoráveis do mapa, em sua própria casa ou em seus termos. Outros, porém, se baseiam no Sol e na Lua, argumentando que o regente do mapa é aquele em cujos termos o Sol e a Lua se encontram, ou seja, o Sol de dia e a Lua à noite. Essa teoria faz sentido. Outros já dizem que o regente do mapa é o regente da exaltação da Lua. E outros, ainda, afirmam que o regente é aquele em cujo signo a Lua entra após sair daquele em que estava no nascimento (Firmicus Maternus, “*Mathesos libri*” VIII 4.19.2, tradução de J. R. Bram. In *Ancient Astrology* [Park Ridge, NJ: Noyes Press, 1975], 138).

10. Ver nota 6, cap. XXXVIII, l. II.

11. Pois, se for possível descobrir o senhor da genitura, o demônio por ele imposto será revelado; mas, se tal conhecimento for inatingível, ignoraremos o senhor da genitura de acordo com essa hipótese, e no entanto, mesmo assim, ele terá uma existência, e também o demônio por ele imposto. O que impede, portanto, desde que tal descoberta não seja difícil por meio de previsão a partir do nascimento, e por meio de adivinhação divina, ou teurgia, que haja uma grande abundância de conhecimento científico acerca desse assunto? Em suma, o demônio não é apenas imposto pelo senhor da genitura, mas há outros princípios mais universais envolvidos. E mais ainda, esse tipo de método introduz uma certa investigação artificial e humana a respeito do demônio específico (Iamblicus, *On the Mysteries* 9.5 [Taylor, 320])



O guardião trino do homem e de onde ele vem



odo homem tem um demônio trino bom¹ como guardião, ou preservador, um dos quais é santo, outro da natividade e o terceiro da profissão.

O demônio santo, segundo a doutrina dos egípcios, é designado para a alma racional, não pelas estrelas e planetas, mas sim por um causa sobrenatural, do próprio Deus, o presidente dos demônios, sendo universal, acima da natureza: ele dirige a vida da alma, sempre põe pensamentos bons na mente, estando constantemente ativo para nos iluminar, embora nem sempre o notemos; mas, quando somos purificados e vivemos em paz, nós o percebemos quase como se ele falasse conosco, comunicando-nos sua voz ainda que em silêncio e se esforçando a cada dia para nos conduzir a uma sagrada perfeição.²

É também com o auxílio desse demônio que nós podemos evitar a malignidade do destino; ele deve por nós ser venerado com honesta santidade, como fazia *Sócrates*.³ Os pitagóricos acreditam que nós podemos ser ajudados por esse demônio, por

meio de sonhos e sinais, ou evitando as coisas do mal e procurando com esmero as coisas do bem. Na verdade, os pitagóricos eram unânimes em rogar a *Júpiter* que os afastasse do mal ou que lhes mostrasse por meio de qual demônio isso podia ser feito.

Já o demônio da natividade, que é chamado de gênio, desce até nós a partir da disposição do mundo e dos circuitos das estrelas mais potentes na hora do nascimento. Por isso, alguns pensam que quando a alma está entrando no corpo, graças aos subterfúgios dos demônios, ela escolhe naturalmente para si um preservador - aliás, não só para ficar com ela, mas também defendê-la. Sendo o executor e mantenedor da vida, ele a ajuda a viver e cuidar do corpo, sendo comunicado ao corpo, e ajuda o homem naquele ofício que os celestiais lhe imputaram ao nascer.⁴ Quem tem a boa sorte de receber um gênio afortunado é virtuoso em suas obras, eficaz, forte e próspero. Esses indivíduos são chamados pelos filósofos de afortunados ou os que nascem com a sorte.

O demônio da profissão é enviado pelas estrelas, às quais se sujeitam

a profissão ou seita professadas por qualquer homem, que a alma, tão logo começa a fazer escolhas nesse corpo e assumir disposições, secretamente deseja. Esse demônio muda quando a profissão muda e, então, de acordo com a dignidade da profissão, temos demônios de nossas profissões mais excelentes e sublimes, que sucessivamente cuidam do homem, que obtém um guardião da profissão, à medida que procede de virtude em virtude.

Assim, quando uma profissão combina com nossa natureza, está presente em nós um demônio de uma profissão apropriada a nós, e a nosso gênio e nossa vida ganham mais paz, felicidade e prosperidade; mas, quando assumimos uma profissão inapropriada ou contrária ao nosso gênio, nossa vida se torna laboriosa e perturbada com patronos desagradáveis. É por isso que alguns prosperam mais em determinada ciência, arte ou ofício, em pouco tempo e sem sofrimento, enquanto outros sofrem muito, estudam com afinco, tudo em vão.

E embora não exista uma ciência, arte ou virtude que deva ser evitada, para você viver de modo próspero, cuide de seus afazeres com alegria; em primeiro lugar, conheça o seu bom gênio, e sua própria natureza, e

qual o bem que a disposição celestial lhe prometeu, e conheça Deus - o distribuidor de tudo isso - que distribui a cada um o que lhe aprouver, e siga esses princípios, professe-os, entre em harmonia com aquela virtude à qual o Distribuidor Altíssimo o eleva e o conduz, que fez *Abraão*⁵ se destacar em justiça e clemência, *Isaque*⁶ em medo, *Jacó*⁷ em força, *Moisés*⁸, em humildade e milagres, *Josué*⁹ em guerra, *Fineias*¹⁰ em zelo, *Davi*¹¹ em religião e vitória, *Salomão*¹² em conhecimento e fama, *Pedro*¹³ em fé, *João*¹⁴ em caridade, *Jacó*¹⁵ em devoção, *Tomé*¹⁶ em prudência, *Madalena*¹⁷ em contemplação, *Marta*¹⁸ em oficiosidade.

Portanto, na virtude em que você pensar, poderá com mais facilidade ser nela proficiente, usar diligência para chegar ao topo, destacar-se, quando em muitas outras você não consegue; mas, quanto ao resto, empenhe-se em ser o mais proficiente possível; se tiver o aval da natureza e a religião for compatível, você encontrará um progresso duplo de sua natureza e profissão. Se, no entanto, estiverem em discórdia, siga o melhor, pois em algum momento você perceberá melhor a presença de um preservador de uma excelente profissão do que da natividade.

Notas - Capítulo XXII

1. Porfírio, em sua *Epístola a Anebo*, menciona a opinião popular de que existem três demônios, “um dos quais cuida do corpo, outro da alma e outro do intelecto” (Iamblicus, *On the Mysteries* [Taylor, 15]). Ele continua: “Vejo também que há um culto duplo do demônio esférico; sendo um deles o culto dos dois, mas o outro de três [demônios]” (*ibid.*). Iamblicus refuta veementemente tal afirmação:

Não se pode, portanto, distribuir um demônio ao corpo, outro à alma e outros ao intelecto: pois é absurdo que o animal seja um, mas o demônio que dele cuida, multiforme. Pois em todo lugar, as naturezas que governa é mais simples que as naturezas que são governadas. E seria ainda mais absurdo se os muitos demônios que governam as partes não estivessem juntos, e sim separados (*ibid.*9.7 [Taylor, 322-3]).

2. A comunicação com esse demônio santo, ou anjo de guarda, é o objeto do processo ritual descrito em detalhes nos grimório medieval *O Livro da Magia Sagrada de Abramelin, o Mago*.

3. Sócrates, na verdade, nunca fala de seu sinal divino como um demônio. É assim retratado por escritores que vieram depois de Platão. Ao descrevê-lo, Sócrates diz: “Começou em minha infância - uma espécie de voz que fala comigo, e quando fala sempre me dissuade do que proponho fazer, e nunca me impele a prosseguir” (Platão, *Apologia* 31d [Hamilton & Cairns, 17]). Referindo-se à sua intenção de cometer suicídio, de acordo com o julgamento do Estado, ele continua:

No passado, a voz profética com a qual já me acostumei sempre foi minha companheira, contradizendo-me em coisas bem triviais, se eu estivesse para tomar um caminho errado. Agora algo me aconteceu que pode ser considerado uma suprema calamidade; entretanto, nem quando saí de casa esta manhã, nem quando tomei meu lugar aqui no tribunal, nem em qualquer momento de meu discurso, o sinal divino me contradisse. Em outras discussões, ele costumava me deter no meio de uma frase, mas dessa vez não me interrompeu nenhuma vez no que eu tenha dito ou feito. Qual pode ser a explicação? Eu lhes direi. Desconfio que isso me aconteceu agora é uma bênção, e estamos errados em supor que a morte é um mal (*ibid.* 40a-b [Hamilton & Cairns, 24]).

Xenofonte escreve:

A maioria das pessoas diz que é desviada de um objeto ou impelida em sua direção pelos pássaros ou pessoas que encontra no caminho; mas Sócrates falava como se o próprio divino fosse seu monitor. Também dizia a muitos de seus amigos que fizessem certas coisas e não fizessem outras, implicando que o divino assim lhe recomendara. Os que seguiam suas sugestões se beneficiavam, enquanto os que as ignoravam se arrependiam. (“Memorabilia of Socrates” 1.1.4. In *The Anabasis, or Expedition of Cyrus and the Memorabilia of Socrates*, tradução de J. S. Watson [Londres: George Bell and Sons, 1875], 350.

4. Esse demônio, portanto, é estabelecido no paradigma antes que a alma desça à gestação; e quando a alma o recebe como seu líder, esse demônio imediatamente governa o corpo, dando completude à sua vida e unindo-a ao corpo quando desce. Do mesmo modo, ele governa o animal comum da alma, dirige sua vida específica, e nos passa os princípios de todos os nossos pensamentos e raciocínios. Nós também fazemos coisas que ele sugere ao nosso intelectual, e ele continua a nos governar até que, por meio da teurgia sacerdotal, possamos obter um Deus como guardião inspetor e líder da alma. (Iamblicus, *On the Mysteries* 9.6 [Taylor, 321])

5. Gênesis 13:9; 14:23; 18:23-32.

6. Talvez Gênesis 26:7.

7. Gênesis 32:24-8.

8. Êxodo 3:11; 4:2-7.

9. Josué 6:2.

10. Números 25:11.

11. I Samuel 17:46.

12. I Reis 3:12; 10:1.

13. Mateus 16:16-7.

14. João 20:25.

15. Talvez Hebreus 11,21.

16. João 20,25.

17. João 20:11, a menos que Agrippa tenha confundido Maria Madalena com Maria, a irmã de Lazaro, e então seria Lucas 10:39.

18. Lucas 10:40.



oderíamos duvidar que os anjos, ou demônios, sendo puro espírito, usam algum tipo de fala vocal, ou têm uma língua entre si para se comunicar conosco; entretanto, *Paulo* diz,¹ ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, mas que tal língua seja oral, muitos duvidam.

Muitos pensam que, se os anjos usam alguma língua, só pode ser o hebraico, pois foi a primeira e veio do céu, e existia antes da confusão de línguas² na Babilônia, na qual a Lei foi dada por Deus, “o Pai, e na qual o Evangelho era pregado por Cristo”, o Filho, e muitos oráculos eram dados aos profetas pelo Espírito Santo. Embora todas as línguas tenham e sofram várias mutações e corrupções, só o hebraico continua inviolado. Além disso, um sinal evidente dessa opinião é que, embora cada demônio e cada inteligência usem o idioma daquela nação por eles habitados, nunca falam em nenhuma outra língua senão essa.

O modo como os anjos falam; porém, não nos é revelado;

tampouco como os próprios anjos são. Ora, para que possamos falar, precisamos de uma língua, assim como outros instrumentos como o palato, as mandíbulas, os lábios, dentes, garganta, pulmões, artéria áspera³ e os músculos do peito, que iniciam o movimento desde a alma. Se; porém, alguém quer falar a distância com outra pessoa, precisa usar uma voz mais alta; se perto, pode sussurrar-lhe no ouvido; e se quiser ser compreendido pelo interlocutor, uma respiração mais suave é suficiente, pois pode deslizar até o ouvinte sem o menor barulho, como uma imagem no olho ou no espelho. Assim como as almas saindo do corpo, anjos e demônios falam; e o que o homem faz com voz sensível, eles o fazem imprimindo a concepção da fala naqueles com quem eles conversam, de maneira ainda muito melhor do que se a expressassem por meio de uma voz audível.

E os platônicos dizem que *Sócrates* percebia seu Demônio⁴ pelos sentidos, mas não desse corpo físico, e sim do corpo etéreo oculto. Nesse sentido, também *Avicena* crê que os anjos eram vistos e ouvidos pelos

protetas. Esse instrumento, seja qual for a virtude pela qual um espírito transmite a outro espírito as coisas que estão em sua mente, é chamado pelo apóstolo Paulo de a língua dos anjos.

Entretanto, muitas vezes eles emitem também uma voz audível, como quando clamaram diante da ascensão do Senhor, “Homens da Galileia, por que estais olhando para as alturas?”⁵ E na antiga Lei, eles conversavam com vários pais, usando uma voz sensível, mas somente quando assumiam corpos.

Mas com quais sentidos esses espíritos e demônios ouvem nossas invocações e orações e veem nossas

cerimônias, é algo que ignoramos completamente. Pois há um corpo espiritual de demônios que é sensível por natureza, que lhes permite tocar, ver, ouvir, sem qualquer meio, e nada constitui um obstáculo para eles; entretanto, eles não percebem por esse meio como nós fazemos com diferentes órgãos, mas sim como esponjas embebidas em água, absorvendo todas as coisas sensíveis com o corpo, ou talvez de alguma outra maneira que ignoramos. Também há animais que não são dotados de todos os órgãos, e igualmente sabemos que muitos não possuem ouvidos, mas percebem sons, ainda que ignoremos como.⁶

Notas - Capítulo XXIII

1. I Coríntios 13:1.

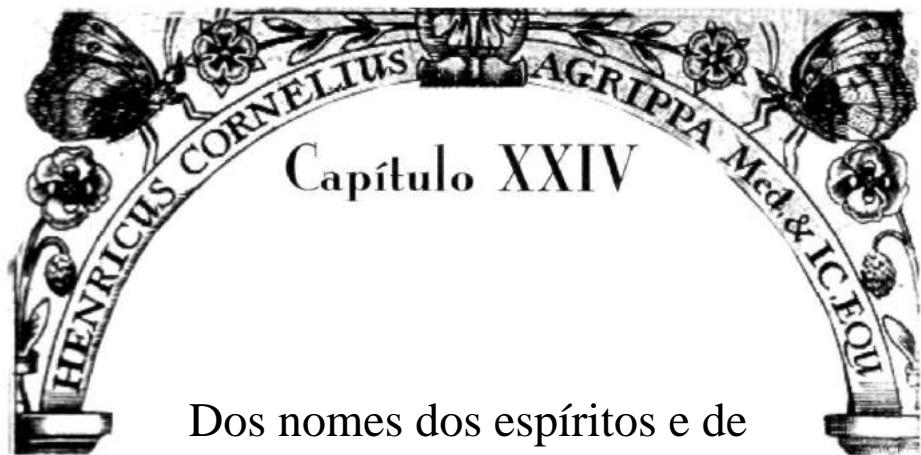
2. Gênesis 11:6-7.

3. Traqueia.

4. Ver nota 3, cap. XXII, l. III.

5. Atos 1:11.

6. A resposta a esse enigma é que anjos e demônios percebem o mundo dos homens por meio dos sentidos dos homens. Seria difícil imaginar de que outro modo poderiam percebê-lo, uma vez o mundo do humano é definido e moldado pelas percepções humanas.



Dos nomes dos espíritos e de sua variada imposição; dos espíritos que guardam os astros, os signos, os cantos dos céus e os elementos

Muitos e diversos são os nomes dos bons e dos maus espíritos; seus nomes devidos e verdadeiros, porém, bem como dos astros, só Deus conhece, pois só Ele numera as multidões de estrelas e as chama pelo nome. Assim, nenhum desses nomes é de nosso conhecimento, exceto por revelação divina, e pouquíssimos são expressados na escritura sagrada.

Mas os mestres dos hebreus creem que os nomes dos anjos lhes foram impostos por Adão, por causa do que está escrito: “Havendo o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles”.¹ Por isso, os meubais hebreus acham que o homem tem o poder de impor nomes aos espíritos, mas somente aqueles homens que foram dignificados e

elevados a essa virtude por meio de alguma graça divina ou autoridade sagrada.

Mas, como um nome capaz de expressar a natureza do divino, nem toda a virtude das essências angelicais pode ser expressa por voz humana, os nomes são, na maioria, atribuídos de acordo com suas obras, significando certo ofício ou efeito requerido pelos espíritos; nomes esses que, como oblações ou sacrifícios oferecidos aos deuses, obtêm eficácia e virtude para atrair qualquer substância espiritual do alto ou de baixo, para produzir algum efeito desejado.

Já vi pessoas escreverem em pergaminho virgem o nome e o selo de algum espírito na hora da Lua. O pergaminho depois era dado para ser devorado por uma rã aquática, a pessoa murmurava certos versos, colocava a rã de volta na água e, em seguida, o efeito produzido eram chuvas. Vi também o mesmo homem² inscrevendo o nome do mesmo espírito com

seu selo na hora de Marte, que era dado a uma gralha, a qual, sendo liberada depois da recitação de um verso, vinha do canto do céu para onde ela tinha voado, relâmpagos, tremores e horríveis trovões, com nuvens espessas. E os nomes desses espíritos não eram ditos em língua estrangeira nem significavam coisa alguma além de seu ofício.

Dessa espécie são os nomes daqueles anjos, *Raziel*,³ *Gabriel*,⁴ *Miguel*,⁵ *Rafael*,⁶ *Haniel*,⁷ que significam a visão de Deus, a virtude de Deus, a força de Deus, o remédio de Deus, a glória de Deus. Do mesmo modo, nos ofícios dos demônios malignos se leem seus nomes, um jogador, um enganador, um sonhador, um fornicador e outros do tipo.

Assim, recebemos de muitos dos antigos pais dos hebreus os nomes dos anjos que guardam os planetas⁸ e os signos: Saturno, *Zaphkiel*; Júpiter, *Zadkiel*; Marte, *Camael*; o Sol, *Rafael*; Vênus, *Haniel*; Mercúrio, *Miguel*; a Lua, *Gabriel*. São aqueles sete espíritos que sempre se colocam diante do rosto de Deus,⁹ aos quais é confiada a guarda de todo o reino celestial e também do terreno, sob a Lua. Pois estes (como dizem os mais curiosos teólogos) governam todas as coisas por meio de uma certa vicissitude de horas, dias e anos, como ensinam os astrólogos acerca dos planetas por eles guardados, e que *Mercúrio Trismegisto* chama de os sete governantes¹⁰ do mundo, que, por meio dos céus, como instrumentos, distribuem as influências de todos os astros e signos entre esses inferiores.

Ora, alguns usam nomes diferentes para os anjos que governam os astros, dizendo, por exemplo, que

Saturno é guardado por uma inteligência chamada *Oriphiel*; Júpiter, *Zachariel*; Marte, *Zamael*; o Sol, *Miguel*; Vênus, *Anael*; Mercúrio, *Rafael*; a Lua, *Gabriel*. E cada um desses governa o mundo 354 anos e quatro meses; e sua regência começa a partir da inteligência de Saturno; depois, em ordem, as inteligências de Vênus, Júpiter, Mercúrio, Marte, a Lua, o Sol regem, e a regência retorna ao espírito de Saturno.¹¹ *Abbas Tritemius* escreveu para *Maximiliano César* um tratado¹² especial a respeito disso, que, se for meticolosamente examinado, poderá fornecer grande conhecimento dos momentos futuros.

Os 12 signos¹³ são regidos assim: Áries, por *Maechidael*; Touro, *Asmodel*; Gêmeos, *Ambriel*; Câncer, *Muriel*; Leão, *Verchiel*; Virgem, *Hamaliel*; Libra, *Zuriel*; Escorpião, *Barbiel*; Sagitário, *Advachiel*; Capricórnio, *Hanael*; Aquário, *Cambiel*; Peixes, *Barchiel*.

Esses espíritos que guardam e regem os planetas e os signos são mencionados por *João* no Apocalipse, falando do começo e do fim; e dos sete espíritos¹⁴ diante do trono de Deus, que eu identifico como guardiões dos sete planetas; e no fim do livro, quando ele descreve a plataforma da cidade celestial, dizendo que nos 12 portões havia 12 anjos.¹⁵

Há ainda 28 anjos, que regem nas 28 casas da Lua, cujos nomes em ordem são: *Geniel*, *Enediel*, *Amixiel*, *Azariel*, *Gabriel*, *Dirachiel*, *Scheliel*, *Amnediel*, *Barbiel*, *Ardesiel*, *Neciel*, *Abdizuel*, *Jazeriel*, *Ergediel*, *Ataliel*, *Azeruel*, *Adriel*, *Egibieli*, *Amutieli*, *Kyrieli*, *Bethnael*, *Gelieli*, *Requiel*, *Abrinael*, *Azieli*, *Tagrieli*, *Alhenieli*, *Amnixieli*.

Há também quatro príncipes¹⁶ dos anjos, que guardam os quatro ventos e as quatro partes do mundo, dos quais *Miguel* guarda o vento leste; *Rafael*, o oeste; *Gabriel*, o norte; *Nariel*, ou, como alguns o chamam, *Uriel*, o sul.

Também são atribuídos aos elementos,¹⁷ os seguintes: ao Ar, *Cherub*; à Água, *Tharsis*; à Terra, *Ariel*; ao Fogo, *Seruph*, ou segundo *Philon*, *Nathaniel*.

Ora, cada um desses espíritos é um grande príncipe e tem muito poder e liberdade no domínio de seus planetas e signos, bem como em seus tempos, anos, meses, dias e horas, além de seus elementos, partes do mundo e ventos. E cada um deles governa muitas legiões.

E do mesmo modo, entre os espíritos maus,¹⁸ há quatro que na condição de reis poderosos governam os outros, de acordo com as quatro partes do mundo, cujos nomes são: *Urieus*, rei do leste; *Amaymon*, rei do sul; *Paymon*, rei do oeste; *Egin*, rei do norte: que os doutores hebreus,

talvez com razão, chamam de *Samuel*,¹⁹ *Azazel*,²⁰ *Azael*,²¹ *Mahazuel*, sob os quais muitos outros regem na condição de príncipes de legiões e governantes;²² também existem numerosos demônios de ofícios particulares.

Além desses, os antigos teólogos dos gregos reconhecem seis demônios, os quais chamam de Telchines,²³ outros Alastores;²⁴ que não gostam dos homens e, trazendo consigo água do Rio Estige, borrifam-na sobre a terra, causando calamidades, pestes e fome; e se denominam *Acteus*, *Megalezus*, *Ormenus*, *Lycus*, *Nicon*, *Mimon*.

Mas quem desejar saber exatamente os nomes distintos, ofícios, lugares e tempos dos anjos e dos demônios malignos, deve consultar o livro do rabino *Simão* dos Templos,²⁵ e seu Livro das Luzes,²⁶ e seu tratado da Grandeza da Estatura;²⁷ e seu tratado no tempo do²⁸ rabino Ismael, e quase todos os comentários de seu Livro da Formação;²⁹ e farto material aí encontrará.

Notas - Capítulo XXIV

1. Gênesis 2:19.

2. Talvez o abade Trithemius, mago mestre de Agrippa.

3. Instantaneamente, o Santíssimo, bendito seja, levou Moisés de lá, o qual encontrou Galetzur, que se chama Raziel. E por que seu nome é Galetzur? Porque ele revela (*m'galle*) as razões da Rocha (*Tzur*, ou seja, Deus). E ele é chamado Raziel, porque ouviu atrás da Cortina os segredos de Deus (*raze El*), aquilo que deve acontecer e ser anunciado no mundo. Dizem que Galetzur se coloca diante do Trono e suas asas se abrem para receber o sopro da boca dos Animais e, não fosse assim, todos os Anjos Ministrantes seriam queimados pelo sopro da boca dos Animais. E Galetzur tem ainda outra tarefa: usa uma espécie de panela de ferro, que é do fogo, e recebe nela os carvões incandescentes do Rio Rígyon, e a coloca diante dos reis, e governantes, e príncipes do mundo para que seu esplendor se manifeste e que o medo deles recaia sobre o mundo (*Ma'ayan Hokhma* [Fonte de sabedoria], Midrash do século XII citado por Patai 1980, 404) "Quando Adão estava no Jardim do Éden, o Santíssimo, bendito seja, enviou-lhe um livro pela mão de Raziel, o santo anjo, encarregado dos supernos mistérios sagrados. Nele estavam inscritas inscrições supernas e sabedoria sagrada" (*Zohar*, descrevendo o *Livro de Raziel*, citado por Patai 1980, 469).

4. Há divergências quanto ao significado do nome. Algumas autoridades o traduzem como “homem de Deus”, mas outras como “força de Deus” ou “Deus é forte”, ou ainda “Deus é minha força”. Gabriel geralmente é mencionado em conjunção com Miguel. Juntos, eles subjagam o “Príncipe do Poder”, Samael, e o fim do governo do mal no céu e na Terra.

A cor vermelha é Gabriel. Foi ele que destruiu Sodoma; ele está do lado esquerdo. Ele é quem se encarrega de todos os julgamentos do mundo do lado esquerdo, a serem executados pelo Anjo da Morte, que é o mestre da destruição da casa do rei. E todos realizam suas tarefas. O anjo Gabriel tem a tarefa de cuidar da alma santa, e o Anjo da Morte tem a tarefa de cuidar da alma com Inclinação para o Mal (*Sitre Tora* [Segredos da Tora], citado por Patai 1980, 440-1).

Em outros lugares, o Zohar diz que, quando todo homem nasce, quatro anjos descem ao seu lado direito e quatro ao esquerdo. Do lado direito ficam Miguel, Gabriel, Rafael e Nuriel [Uriel]. O líder é Miguel. Do lado esquerdo, estão os anjos Pecado, Destruidor, Raiva e Ira. São governados por Gabriel. “Do lado de Gabriel, também há quatro anjos punidores, ou seja, têm a qualidade de julgamento rigoroso sobre os ímpios. E eles atormentam os ímpios, pois, como vimos, é permitido tentar os ímpios neste mundo” (*Zohar*, citado por Patai 1980, 431). Note que Gabriel é citado nos dois lados - não é incomum, na Cabala, anjos diferentes terem o mesmo nome.

5. O nome significa “que é como Deus”, o líder dos arcanjos. Junto a Gabriel, segundo em comando, ele é nomeado para governar Israel. Foi Miguel quem conduziu a batalha contra Satanás e os anjos maus (Apocalipse 12:7). Ele governa o lado direito, seu rosto é branco e com Gabriel ele destrói os falsos messias.

6. O nome significa “Deus cura”. O anjo da cura que tem tanto destaque no livro de Tobias. Ele instrui Tobias para esfregar sobre os olhos de seu pai a bÍlis de um peixe para curá-lo de catarata (Tobias 11:8). De acordo com uma história no Midrash, seu nome original era Leviel, mas, por prudência em não contradizer a intenção de Deus, foi mudado para Rafael: “Imediatamente Ele mudou o nome, e seu nome passou a ser Rafael [Deus cura], colocando-lhe nas mãos todos os tipos de remédios no mundo” (*Konen* [Ele estabeleceu], citado por Patai 1980, 265).

7. O nome significa “graça de Deus”. Esse é o anjo de Vênus, designado no sistema da Cabala para a sétima Sefira, Netzach.

No sexto dia (sexta-feira), quem rege é Anael. Ele é encarregado de todas as maneiras de amar. Esse governante se assemelha a uma mulher. Ele tem em uma das mãos um espelho no qual se contempla, e na outra um pente com o qual se penteia. (*A sabedoria dos caldeus*, manuscrito hebraico do século XIV ou anterior, traduzido para o inglês por M. Gaster [1900]. Em *Three Works of Ancient Jewish Magic* [Londres: Chthonios Books, 1986], 2:16).

8. Os anjos que regem os planetas são:

ⴥ Zaphkiel	TzPQIAL	צפקאל
ⴥ Zadkiel	TzDQIAL	צדקאל
♁ Camael	KMAL	כמאל
☉ Rafael	RPhAL	רפאל
♀ Haniel	HANIAL	הנניאל
♃ Miguel	MIKAL	מיכאל
♄ Gabriel	GBRIAL	גבראל

O mesmo grupo de nomes é encontrado, com pequenas variações, na *Sabedoria dos Caldeus*. Na introdução à obra, Gaster menciona a mesma lista de anjos em um comentário sobre o *Sepher Yetzirah*, de Jehuda ben Barzillai de Barcelona (século XII) e, com exceção de um único nome, no *Livro de Raziel*. (Ver *Three Works of Ancient Jewish Magic*, 2:7-8). Um arranjo um pouco diferente de anjos planetários é encontrado no Heptameron, um texto de magia atribuído a Pietro d’Abano (1250-1316):

ⴥ - Cassiel
 ⴥ - Sachiél
 ♂ - Samael

- ☉ - Miguel
- ♀ - Anael
- ♃ - Rafael
- ♁ - Gabriel

Essa lista é tirada do *Conciliator* de Pietro d'Abano, escrito em 1303, mas publicado pela primeira vez em Veneza em 1471. Thorndike diz que o sistema de Pedro deriva de Averroes (1126-1198) (Ver Thorndike, 2:900).

9. Apocalipse 4,5. Os sete espíritos que se encontram diante do trono de Deus são descritos no *Livro de Enoch*:

E esses são os nomes dos santos anjos guardiões. Uriel, um dos santos anjos, que está acima do mundo e dos tártaros. Rafael, um dos santos anjos, que está acima dos espíritos dos homens. Raguel é um dos santos anjos vingadores no mundo das luminárias. Miguel, outro dos santos anjos, é aquele que rege a melhor parte da humanidade e sobre o caos. Saraquel, um dos santos anjos, está acima dos espíritos, daqueles que pecam no espírito. Gabriel, um dos santos anjos, preside o Paraíso e as serpentes e os querubins. Remiel, outros dos santos anjos, que Deus designou para aqueles que se levantam (Charles 1913, 2:201).

No *Livro hebraico de Enoch*, esses anjos são atribuídos aos sete céus:

Sete (são os) príncipes, os grandes, belos, reverenciados, maravilhosos e honrosos que regem os sete céus.

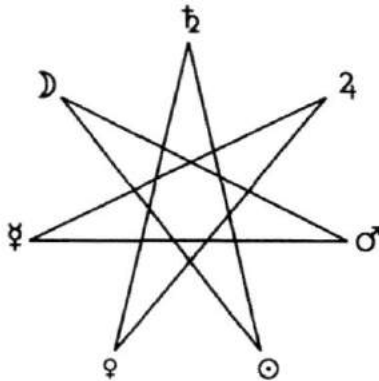
... Mikael, o grande príncipe, é designado para guardar o sétimo céu, o mais alto, no 'Araboth. Gabriel, o príncipe da hoste, guarda o sexto céu, que fica em *Makon*. Shataquiel, príncipe da hoste, guarda o quinto céu, em *Ma'on*. Shahaquiel, príncipe da hoste, guarda o quarto céu, em *Zebul*. Badariel, príncipe da hoste, guarda o terceiro céu, em *Shehaqim*. Barakiel, príncipe da hoste, guarda o segundo céu, na altura de (*Merom*) *Raqia'*, Pazriel, príncipe da hoste, guarda o primeiro céu, que fica em *Wilson*, em *Shamayim* (Odeburg 1928, 17:45-8).

10. Ver nota 1, cap. LIX, l. II.

11. Essa ordem segue os dias da semana, de trás para diante:

- ♄ Oraphiel (sábado)
- ♀ Anael (sexta-feira)
- ♃ Zachariel (quinta-feira)
- ♃ Rafael (quarta-feira)
- ♂ Zamael (terça-feira)
- ♁ Gabriel (segunda-feira)
- ☉ Miguel (domingo)

A relação entre os dias da semana e a ordem tradicional dos planetas por sua aparente rapidez de movimento não pode ser expressa de maneira mais elegante que pelo símbolo do heptagrama:



Movendo-se em um círculo em volta dos pontos, começando por Saturno, a ordem dos planetas por seus movimentos se revela, mas, se traçarmos a linha interligando o heptagrama de um ponto a outro, veremos a atribuição dos planetas aos dias da semana. 12. A segunda lista de espíritos dos planetas dada por Agrippa deriva de *De septem secundis, id est, intelligentiis, sive spiritibus orbes post deum moventibus*, uma obra escrita por seu mago mestre, o abade Johannes Trithemius (1462-1516). Nela, Trithemius apresenta um sistema no qual os meses platônicos - períodos de cerca de 2.120 anos durante os quais cada equinócio passa por um signo completo do zodíaco - são divididos em seis partes de 354 anos e quatro meses, e alocados aos anjos na ordem citada na nota anterior. Pelos cálculos de Trithemius, a Era de Gabriel terminou em 1879. Estamos agora vivendo a Era de Miguel, que se estenderá até 2233. Trithemius alega ser capaz de mostrar que a qualidade diferente de cada era se reflete em sua história - o “conhecimento dos tempos futuros” intimado por Agrippa. 13.

ⴗ Malchidael	MLKIDAL	מלכידאל
♄ Asmodel	ASMODAL	אסמודאל
♃ Ambriel	AMBRIAL	אמבריאל
♅ Muriel	MURIAL	מוריאל
♁ Verchiel	VRKIAL	ורכיאל
♆ Hamaliel	HMLIAL	המליאל
♁ Zuriel	ZURIAL	זוריאל
♃ Barbiel	BRBIAL	ברביאל
♁ Advachiel	ADVKIAL	אדוכיאל
♃ Hanael	HNAL	הנאל
♁ Cambiel	KAMBIAL	כאמביאל
♁ Barchiel	BRKIAL	ברכיאל

Malchidael também pode ser soletrado Melchidael.

Uma forma alternada de Cambiel é Cambriel, KAMBRIAL, כאמבריאל.

No texto original (tanto em inglês quanto em latim), Agrippa cita o anjo Barchiel tanto para Escorpião quanto para Peixes. Parece um erro. Aqui, usei o anjo Barbiel da tabela, cap. XIV, L II, para Escorpião. Em uma lista, em tudo o mais idêntica, de anjos zodiacais citados em Regardie [1937-40] 1982, 1:174 e 3:44, o anjo Amnitzel (אמניצאל) é atribuído a Peixes.

14. Ver nota 9 deste capítulo.

15. Apocalipse 21:12.

16. Ver Apocalipse 7:1.

“Este primeiro é Miguel, o misericordioso e paciente: e o segundo, que cura todas as doenças e feridas dos filhos dos homens, é Rafael: e o terceiro, que guarda todos os poderes, é Gabriel: e o quarto, que converte o arrependimento em esperança daqueles que herdaram a vida eterna, se chama Phanuel” (*Livro de Enoch* 40,9 [Charles 1913, 2:211-1]). 17.

Ar	Cherub (Kerub)	KRUB	כרוב
Água	Tharsis	ThRShISh	תרשש
Terra	Ariel	ARIAL	אריאל
Fogo	Seruph (Seraph)	ShRP	שרף

Esses quatro nomes aparecem no sexto dos sete pentáculos de Júpiter citados na *Chave Maior de Salomão*, em que estão escritos na forma de uma cruz e cercados pelos versículos bíblicos: “Transpassaram-me as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos” (Salmos 22,16-~). É mais comum no ocultismo moderno encontrar Kerub atribuído à Terra e Ariel ao Ar. 18. Esses nomes aparecem em uma variedade de formas e lugares. Pode ser útil citar aqui algumas comparações:

Testamento de Salomão (século XII ou XIII):

Leste	Sul	Oeste	Norte
Oriens	Amemon	Boul	Eltzen

Pseudomonarchia Daemonum, de John Wierus (1515-1588):

Leste	Sul	Oeste	Norte
Amaymon	Gerson	Goap	Zymymar

Livre des Esprits (fim do século XV ou início do século XVI):

Leste	Sul	Oeste	Norte
Orient	Amoymon	Paymon	Cham

Grimório do papa Honório III:

Leste	Sul	Oeste	Norte
Magoa	Egym	Baymon	Amaymon

Grimório do papa Honório III (edição variante):

Leste	Sul	Oeste	Norte
Maymon	Egin	Paymon	Amaymon

19. Samael, um dos três grandes príncipes de Gehenna, o armazém no Norte do mundo onde se guardam as reservas de fogo, geada, neve, granizo, tempestade, escuridão e ventos violentos. É a moradia dos demônios nocivos e espíritos destrutivos, e tem três portões que se abrem para a Terra. Samael guarda o terceiro portão no Vale de Ben Hinnom, defronte a Sião e Jerusalém. Ele é o arqui-inimigo do anjo superior, Metatron, e é chamado de Príncipe dos Acusadores e da Inclinação para o Mal (oposto a Gabriel, a Inclinação para o Bem).

“Os filhos de Deus eram os filhos de Caim. Pois quando Samael copulou com Eva, injetou-lhe imundície, e ela concebeu e deu à luz Caim. E seu aspecto era diferente dos outros humanos, e todos os que vieram de seu lado foram chamados de filhos de Deus” (“Zohar”. In *Patai* 1980, 471).

Ele é mencionado no *Livro Hebraico de Enoch* por Metatron, que diz: “Mesmo Samael, o Príncipe dos Acusadores, que é maior que todos os príncipes dos reinos do alto, temia e estremecia diante de mim” (14,2 [Odeberg 1928, 37]).

20. Ver nota 51, cap. XVIII l. III.

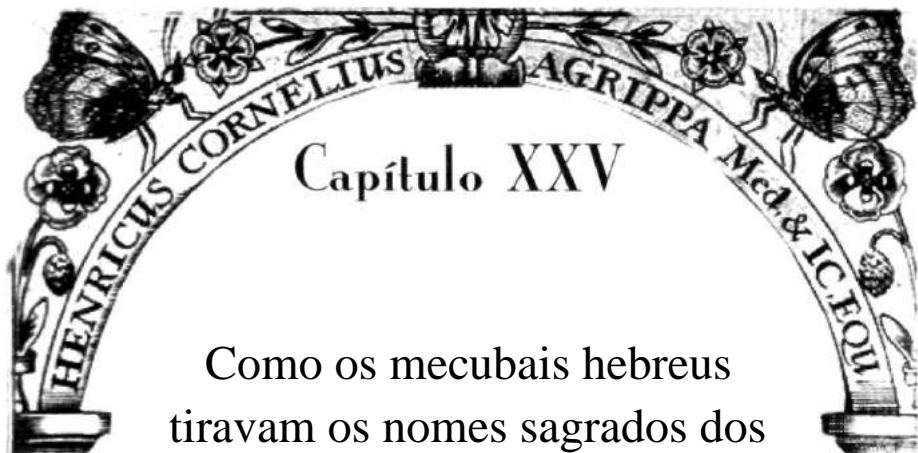
21. Ou Asael, um dos “líderes das dezenas” dos 200 anjos que desejavam as filhas dos homens e, por isso, desceram à Terra (*Livro apócrifo de Enoch* 6:7-8).

22. No *Faustbook* publicado por Scheible (Stuttgart, 1849), é o tratado à parte intitulado *Doctoris Johannis Fausti magiae naturalis et innatural*, Passau, 1505, que atribui esses anjos maus aos elementos nesta ordem:

Samael - Fogo
 Azazel - Ar
 Azael - Água
 Mahazael - Terra

23. Os Telchines eram uma tribo ou família supostamente descendente ou de Thalassa ou Posêidon. Chegaram ao Chipre vindos de Creta, para depois migrarem a Rhodes, onde fundaram as cidades de Camirus, Lindus e Ialysus. Foi por causa deles que Rhodes ganhou o nome de Telchinis. Quando viram, com suas artes de adivinhação, que Rhodes afundaria no mar, eles fugiram em diferentes direções. Lycus foi para a Lícia e lá construiu o templo a Apolo Lício. Apolo era adorado em Lindus, enquanto Hera era venerada em Camirus e Ialysus. Apesar da homenagem, Apolo era hostil ao Telchines. Ele se transformou em um lobo e os destruiu. Segundo uma história diferente, foi Zeus que afogou a tribo em uma enchente, possivelmente em Rhodes. A eles se atribui a invenção das artes e ofícios, tais como a metalurgia. Eles fizeram imagens dos deuses, a foice de Cronos e o tridente de Posêidon. Na opinião de Strabo, os Telchines históricos eram uma tribo de artistas e artesão muito habilidosos, ficando conhecidos como magos em épocas posteriores. Pode-se estabelecer um paralelo com os Heruli, uma tribo germânica de hábeis artesãos, proverbiais como magos. Os Telchines adquiriram uma reputação maligna de feiticeiros cujo olhar e cujos traços eram manchados e causavam destruição. Eles podiam provocar queda de granizo, chuva ou neve, mudar de forma, e tinham o hábito desagradável de fazer um veneno com água do Estige misturada com enxofre para matar animais e plantas.

24. Alastor era o sobrenome de Zeus quando aparecia como vingador do mal. Por extensão, aplicava-se também a qualquer deidade que se vingasse de atos vis.
25. Talvez o *Heikhalot de-R. Simeon B. Yohai*, a seção do Zohar que trata dos sete palácios no Éden e dos “sete palácios da impureza” no Inferno, e de angelologia.
26. Talvez *Midrash Yehi Or*, um nome aplicado ao Zohar por Israel al-Nakawa (morto em 1391) porque o manuscrito que ele possuía começava com um comentário sobre o versículo “que haja luz” Gênesis 1,3 (ver Scholem 1977, 2:1:213). Os cabalistas espanhóis da Idade Média conheciam o Zohar sob os títulos de *Midrash de-R. Simeon B. Yohai* e *Mekhilta de-R. Simeon B. Yohai*. 27. Talvez o *Idra Rabba* (Assembleia maior), a seção do Zohar que trata da forma de Adão Kadmon.
28. A.E. Waite fala de um tratado chamado *Deliniation of the Leavenly Temples*, criticado por Nahmanides, (morto cerca de 1270) sob o título *Proportion of the Leight*, e também chamado de *Description of the Body of God*, que foi atribuído ao rabino Ismael (Waite[1929]1975,91). A obra tem em vista ser uma revelação do arcanjo Metratom para o rabino Ismael (ou Yeshmael) sobre as proporções e nomes santos inscritos para os membros do corpo de Deus. O título Hebreu é Shi ur *Oomah*.
29. *Sepher Yetzirah*, do qual foram escritos numerosos comentários. Não se conhece seu verdadeiro autor.



Como os mecubais hebreus tiravam os nomes sagrados dos anjos a partir da escrita sagrada, e dos 72 anjos, que trazem o nome de Deus, com as tabelas de Ziruph, e as comutações de letras e números

Má ainda outros nomes sagrados de espíritos bons e maus deputedos a cada ofício, de eficácia muito maior que os anteriores, que os mecubais hebreus tiravam da escrita sagrada, de acordo com aquela arte que eles ensinam; assim como também certos nomes de Deus são tirados de certos lugares.

A regra geral para isso é que, sempre que algo da essência divina está escrito na Escritura, desse lugar o nome de Deus pode ser devidamente usado; mas o lugar na Escritura em que o nome de Deus é expresso marca o ofício subjacente a tal nome. Assim, a Escritura fala do ofício ou da obra de qualquer espírito, bom ou mau, de onde o nome do mesmo espírito, bom ou mau, pode ser tirado. Observando essa regra inalterável, recebemos, portanto, dos

espíritos, seus nomes bons, e dos maus espíritos, seus nomes maus.

Não confundamos ainda preto com branco, dia com noite, luz com escuridão; o que se manifesta no exemplo destes versículos: “Sejam como a palha ao léu do vento, impelindo-os o anjo do Senhor. Torne-se-lhes o caminho tenebroso e escorregadio, e o anjo do Senhor os persiga”:¹

יהו במיז לפני רוח ומלאך יהוה
 רחה יהו דרבם השך והלקלקת
 ולאך יהוה דרבם

No Salmos 35 dos hebreus, mas 34 nosso, do qual são tirados os nomes dos anjos, מיראל *Midael*, e מיראל *Mirael*, da ordem dos guerreiros.

E do versículo, “Suscita contra ele um ímpio, e à sua direita esteja um acusador [*Satanás*]”;² Salmos 109 dos hebreus, 108 na versão latina:

הפקר צליו רשע ושמן יצמר על ימינו
 é extraído o nome do espírito mau *Schii*
 שיצ, que significa um espírito que é
 obra da engenhosidade.

Há um certo texto no Êxodo³
 contido em três versículos, no qual todos
 são escritos com 72 letras, começando
 deste modo: a primeira, Yajisa ייסיצ; a
 segunda, Vajabo ויבא; a terceira, Vajot
 ויט; que se estendem em uma linha, a
 saber, o primeiro e o terceiro da esquerda
 para a direita; mas o meio em ordem
 contrária, começando da direita para a
 esquerda, terminando na esquerda: assim
 cada um das três letras, sendo
 subordinada uma à outra, forma um
 nome que são 72 nomes que os hebreus
 chamam de Schemhaphorae;⁴ aos quais,
 se for acrescido o nome אל ou Jah יה, se
 produzem os 72 nomes trissilábicos dos
 anjos, todos os quais trazem o grande
 nome de Deus, conforme escrito: “Eis
 que envio um anjo adiante

de ti. Guarda-te diante dele; pois nele
 está o meu nome”.⁵

E são eles que guardam os 72
 quinários, e o mesmo número de nações
 e línguas,⁶ e de juntas no corpo humano,
 e cooperam com os 72 anciãos⁷ da
 sinagoga, e com o mesmo número de
 discípulos de Cristo;⁸ e seus nomes,
 segundo a extração feita pelos cabalistas,
 aparecem na tabela a seguir, da maneira
 como explicamos.

Existem ainda muitos outros
 modos de compor Schemhaphorae a
 partir dos versículos, por exemplo,
 quando os três se encontram em uma
 ordem sequencial, da direita para a
 esquerda, além daqueles que são
 extraídos pelas tabelas de Ziruph e das
 comutações que mencionamos. E como
 essas tabelas servem para todos os
 nomes, tanto divinos quanto angelicais,
 incluímo-las neste capítulo.

Notas - Capítulo XXV

1. Salmos 35:5-6.

2. Salmos 109:6.

3. Êxodo 14:19-21.

4. Os Schemhaphoras.

5. Êxodo 23:20-1.

6. Gênesis 10. Setenta, e não 72.

7. Números 11:24. Setenta anciãos são mencionados, mas, se um número igual era escolhido de cada tribo, então o total deve ser 72.

8. Lucas 10:1. Novamente são mencionados 70, mas a intenção é 72.

A tabela certa das comutações

ת	ש	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג	א
א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג	א
ג	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ד	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ה	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ו	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ז	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ח	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
י	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ב	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
כ	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ל	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
מ	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
נ	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ס	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
פ	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
צ	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ק	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ר	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג
ש	א	ת	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	מ	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג

A tabela aversa das comutações

ה	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א
ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ה
ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ה
ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ה
א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	ה
פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	ה
ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ה
ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ה
נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	ה
מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	ה
ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ה
ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ה
י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	ה
ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ה
ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ה
ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ה
ו	ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ה
ה	ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה
ד	ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ה
ג	ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ה
ב	א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ה
א	ש	ר	ק	א	פ	ע	ס	נ	מ	ל	ט	י	ש	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	ה

A tabela de combinações de Ziruph

אל	בת	גש	דר	הק	וצ	זפ	חע	טס	ינ	כמ
אב	גת	דש	הר	וק	זצ	חפ	טע	יס	כנ	למ
אג	דת	הש	ור	זק	חצ	טפ	יע	כס	לנ	במ
אד	בג	הת	וש	זר	חק	טצ	יפ	כע	לס	מנ
אה	בד	ות	זש	חר	טק	יצ	כפ	לע	מס	גנ
אז	בה	גד	זת	חש	טר	יק	כצ	לפ	מע	גס
אז	בו	גה	חת	טש	יר	כק	לצ	מפ	נע	דס
אח	בז	גו	דה	טה	יש	כר	לק	מצ	נפ	סע
אט	בח	גז	דו	ית	כש	לר	מק	נצ	ספ	הע
אי	בט	גח	דז	הו	כת	לש	מר	נק	סצ	עפ
אכ	בי	גט	דח	הז	לת	מש	נר	סק	עצ	ופ
אל	בכ	גי	דט	הח	וז	מת	נש	סר	עק	פצ
אמ	בל	גכ	די	הט	וח	נת	סש	ער	פק	זצ
אנ	במ	גל	דכ	הי	וט	זח	סת	עש	פר	צק
אס	בנ	גמ	דל	הכ	וי	זט	עת	פש	צר	חק
אע	בס	גנ	דמ	הל	וכ	זי	חט	פת	צש	קר
אפ	בע	גס	דנ	המ	ול	זכ	חי	צת	קש	טר
אצ	בפ	גע	דס	הנ	רמ	זל	חכ	טי	קת	רש
אק	בצ	גפ	דע	הס	ונ	זמ	חל	טכ	רת	יש
אר	בק	גצ	דפ	הע	רס	זנ	חמ	טל	יכ	שת
אש	בר	גק	דע	הפ	וע	זס	חנ	טמ	יל	כת
את	בש	גר	דק	הצ	רפ	זע	חס	טנ	ימ	כל

Outra tabela de Ziruph, chamada de Racional

אב	גת	דש	הר	וק	זצ	חפ	טע	יס	כנ	למ
אג	דב	הת	וש	זר	חק	טצ	יפ	כע	לס	מן
אד	הג	וב	זת	חש	טר	יק	כצ	לפ	מע	נס
אה	וד	זג	חב	טת	יש	כר	לק	מצ	נפ	סע
או	זה	חד	טג	יב	כת	לש	מר	נק	סצ	עפ
אז	חו	טה	יד	כג	לב	מח	נש	סר	עק	פצ
אח	טז	יו	כה	לד	מג	נב	סה	עש	פר	צק
אט	יח	כז	לו	מה	נד	סג	עב	פת	צש	קר
אי	כט	לח	מז	נו	סה	עד	פג	צב	קת	רש
אכ	לי	מט	נח	סז	עו	פה	צד	קג	רב	שת
אל	מכ	ני	סט	עח	פז	צו	קה	רד	שג	תב
אמ	נל	סכ	עי	פט	צח	קז	רו	שה	תד	בג
אנ	סמ	על	פכ	צי	קט	רח	שז	תו	בה	גד
אס	ענ	פמ	צל	קכ	רי	שט	תח	בז	גו	דה
אע	פס	צנ	קמ	רל	שכ	תי	בט	גח	דז	הו
אפ	צע	קס	רנ	שמ	תל	בכ	גי	דט	הח	וז
אצ	קפ	רע	שס	חג	במ	גל	דכ	הי	וש	זח
אק	רצ	שפ	תע	בס	גנ	דמ	הל	וכ	זי	חט
אר	שק	תצ	בפ	גע	דס	הנ	ומ	זל	חכ	טי
אש	תר	בק	גצ	דפ	הע	וס	זג	המ	טל	יכ
את	בש	גר	דק	הצ	ופ	זע	חס	טג	ימ	כל
אב	גד	הו	זח	טי	כל	מן	סע	פצ	קר	שת

Tabela das transposições numéricas

Unidades

					א
				ב	ב
			ג	ג	ג
		ד	ד	ד	ד
	ה	ה	ה	ה	ה
ו	ו	ו	ו	ו	ו
ז	ז	ז	ז	ז	ז
ח	ח	ח	ח	ח	ח
ט	ט	ט	ט	ט	ט

11-19

יה	יד	חג	בבב	א
יו	יה	הה	בבב	ב
	יז	הה	בבב	ג
	יח	הה	בבב	ד
		הה	בבב	ה
			בבב	ו
			בב	ז
			ב	ח
				ט

Dezenas

					י
				יא	יא
			יב	יב	יב
		יג	יג	יג	יג
	יד	יד	יד	יד	יד
	יז	יז	יז	יז	יז
	יח	יח	יח	יח	יח
	יט	יט	יט	יט	יט
כ	כ	כ	כ	כ	כ
כא	כא	כא	כא	כא	כא
כב	כב	כב	כב	כב	כב
כג	כג	כג	כג	כג	כג
כד	כד	כד	כד	כד	כד
כה	כה	כה	כה	כה	כה
כו	כו	כו	כו	כו	כו
כז	כז	כז	כז	כז	כז
כח	כח	כח	כח	כח	כח
כט	כט	כט	כט	כט	כט

110-190

כס	עמ	פל	צכ	ק
כס	ענ	פמ	צל	קכ
	עס	פנ	צמ	קכ
	עז	פס	צנ	קכ
		פע	צס	קכ
			צפ	קכ
			צז	קכ
			צח	קכ
			צט	קכ

Centenas

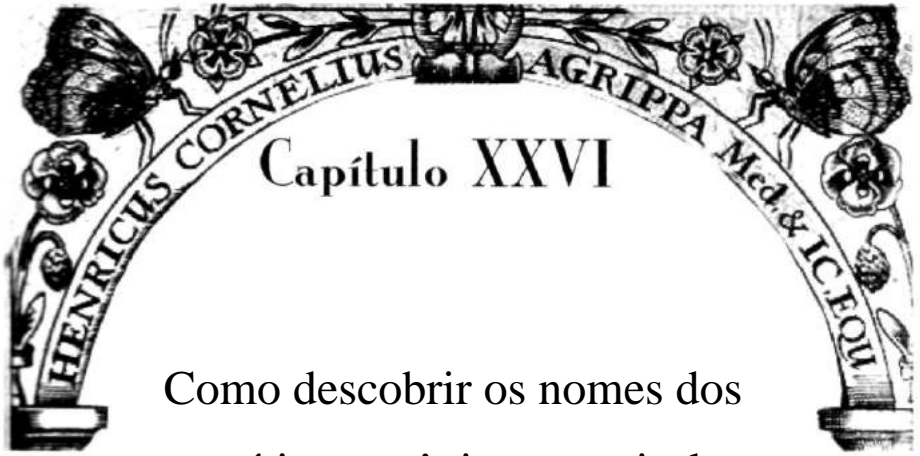
					ק
				קא	קא
			קב	קב	קב
		קג	קג	קג	קג
	קד	קד	קד	קד	קד
	קה	קה	קה	קה	קה
	קו	קו	קו	קו	קו
	קז	קז	קז	קז	קז
	קח	קח	קח	קח	קח
	קט	קט	קט	קט	קט
קכ	קכ	קכ	קכ	קכ	קכ
קכא	קכא	קכא	קכא	קכא	קכא
קכב	קכב	קכב	קכב	קכב	קכב
קכג	קכג	קכג	קכג	קכג	קכג
קכד	קכד	קכד	קכד	קכד	קכד
קכה	קכה	קכה	קכה	קכה	קכה
קכו	קכו	קכו	קכו	קכו	קכו
קכז	קכז	קכז	קכז	קכז	קכז
קכח	קכח	קכח	קכח	קכח	קכח
קכט	קכט	קכט	קכט	קכט	קכט

1100-1300

קכ	קכ	קכ
קכ	קכ	קכ
קכ	קכ	קכ

Chave

5	10	10	10	10
ה	דו	נו	בח	אם
50	100	100	100	100
נ	מס	לע	כפ	יצ
500	1000	1000	1000	1000
ד	תם	שן	רף	קץ



Como descobrir os nomes dos espíritos e gênios a partir da disposição dos corpos celestes



Os antigos magos ensinavam uma arte para descobrir o nome de um espírito para qualquer efeito desejado, perscrutando-o a partir da disposição do céu; por exemplo, qualquer harmonia celestial sendo proposta a você para a confecção de uma imagem ou um anel, ou qualquer outro trabalho a ser feito sob determinada constelação. Se você descobrir o espírito que rege tal trabalho, estando a figura do céu ereta, coloque letras correspondentes aos números e ordene-as a partir do grau do ascendente, de acordo com a sucessão dos signos por meio de cada grau, preenchendo todo o círculo do céu: então, as letras que caem nos lugares dos astros cujo auxílio você procura, estando de acordo com o número e o poder de tais astros, marcas externamente em números e ordem, comporão o nome de um espírito bom; se, porém, você fizer isso a partir do início de um grau que cai contra a progressão dos signos, o espírito resultante será mau.¹

Por meio dessa arte, alguns dos mestres hebreus e caldeus ensinam que a natureza e o nome de qualquer gênio podem ser descobertos; como exemplo, caso se saiba o grau do ascendente do nascimento de uma pessoa e os outros cantos do céu estiverem alinhados, então aqueles que tiverem o maior número de dignidades dos planetas nesses quatro cantos, o que os árabes chamam de *almutez*,² deve ser observado em primeiro lugar entre os demais: e em segundo lugar, o próximo em número de dignidades, e assim por diante na ordem, sempre recebendo dignidades nos mencionados cantos. Sendo essa ordem usada, você pode conhecer o lugar verdadeiro, e o grau devido no céu, começando do grau do ascendente por meio de cada grau, de acordo com a ordem dos signos para aplicar 22 das letras hebraicas; e então, as letras que caírem nos lugares dos mencionados astros, sendo marcadas e dispostas de acordo com a ordem descoberta acima - nos astros - e devidamente unidas de acordo com as

regras da língua hebraica, compõem o nome de um gênio: ao qual, segundo o costume, algum nome monossilábico de onipotência divina, ou seja, *El*, ou *Iah*, é acrescido. Mas, se a colocação das letras for feita a partir de um ângulo da queda, e contra a sucessão dos signos,³ e as letras que caírem no nadir (isto é, o ponto oposto) dos mencionados astros estiverem, segundo a ordem que descrevemos, unidas, comporão o nome de um gênio maligno.

Os caldeus, porém, têm outro procedimento; pois não tiram o almutez dos cantos, e sim da 11ª casa, embora façam de resto tudo o que foi dito aqui. Eles descobrem um gênio maligno a partir do almutez do ângulo da 12ª casa, que chamam de um Espírito do Mal, em uma colocação a partir do grau da queda contra a progressão dos signos.⁴

Também os árabes, e muitos outros, e alguns hebreus, que descobrem o nome de um gênio pelos lugares dos cinco hylegians*,⁵ e fazendo projeções sempre a partir do início de Áries, e as letras sendo colocadas de acordo com a ordem dos hylegians

com os astrólogos, reduzidas a uma ordem conhecida e se juntando, compõem o nome de um gênio mau dos lugares hylegians opostos, e sendo a projeção feita a partir do último grau de Peixes, contra a ordem dos signos.

Mas há outros que não usam os lugares dos hylegians, e sim de almutez sobre os cinco hylegians, projetando-se de um horóscopo, como mencionado anteriormente.

E esses nomes estando assim distribuídos de acordo com os números proporcionados aos astros, compactados ou ajuntados, e as letras mudadas, apesar de desconhecidas em som e significado, nós devemos confessar, podem realizar ser mais eficazes por meio do segredo da principal filosofia em um trabalho mágico, que nomes significativos, enquanto a mente, perplexa diante da obscuridade deles, e com a firme convicção e crença de que há algo divino por trás, pronuncia com reverência essas palavras e nomes, embora não compreendidos, para a glória de Deus, cativando-se com uma afeição espiritual de piedade, em obediência a Ele.

Notas - Capítulo XXVI

1. Em outras palavras, determine o grau do ascendente, que é o grau que começa a ascender no horizonte, para qualquer momento magicamente significativo, depois coloque as letras hebraicas nos 360 graus do zodíaco, uma para cada grau, começando com *aleph* no grau ascendente e procedendo em sentido anti-horário. As letras recomeçam após cada ciclo do alfabeto - por exemplo, *beth* é colocada no 24º grau. Em seguida, escolha na mesma ordem, começando pelo ascendente, aqueles planetas e pontos astrológicos que serão mais produtivos para formar as qualidades do espírito, omitindo elementos discordantes, e escreva as letras, sempre mantendo a ordem. Alguns nomes serão mais potentes que outros, dependendo da configuração astrológica no momento de sua composição. Para os espíritos maus, o mesmo processo deve ser seguido, mas a direção é em sentido horário. Devem ser acrescidas vogais para que os nomes hebraicos sejam pronunciáveis.

2. Árabe: “o prevalectente”; ou planeta prevalectente ou regente no horóscopo; o planeta mais forte na hora do nascimento, também chamado de Senhor da Figura. Nos textos antigos, a palavra é grafada como *almuten*. Agrippa parece aplicar o termo em sentido mais amplo, à casa

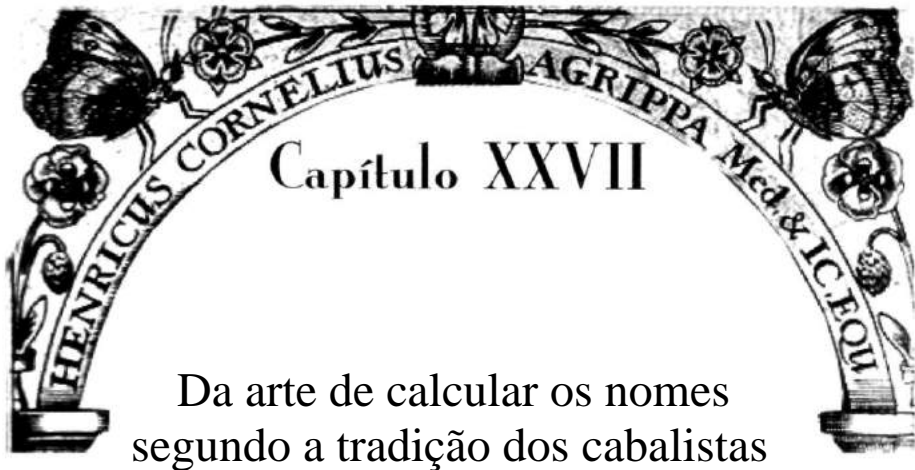
com o maior número de dignidades planetárias - planetas posicionados de um modo que promove sua ação vigorosa, geralmente no signo regente, em exaltação, e nos ângulos.

3. Ou seja, do grau do signo descendente no horizonte oeste, procedendo em sentido horário.

4. Parece-me que Agrippa está dizendo que os nomes podem ser encontrados ao se desenhar uma Grande Cruz através das casas angulares (1ª, 4ª, 7ª e 10ª), próximas (2ª, 5ª, 8ª e 11ª) ou anteriores (3ª, 6ª, 9ª e 12ª), pegando primeiro aquela casa das quatro que tenha o maior número de planetas dignificados e começando a colocar letras no nome da casa, em sentido anti-horário para espíritos bons, sentido horário para os espíritos malignos, procedendo sucessivamente para as três casas restantes na Cruz, na ordem de suas dignidades. Em todos os casos, os graus do zodíaco recebem letras em sentido anti-horário a partir do ascendente para espíritos bons e horário a partir do descendente para espíritos maus. Os árabes encontram espíritos tanto bons quanto maus a partir das casas angulares, usando os graus sobre os quais os planetas caem para as letras dos espíritos bons e os graus exatamente opostos no círculo do zodíaco a partir daqueles planetas para as letras dos espíritos maus. Os caldeus, por outro lado, descobrem os espíritos bons a partir das casas próximas, e os maus das casas anteriores. A casa próxima 11 recebe, na verdade, o nome de Bom Demônio, enquanto a anterior 12 é chamada de Mau Demônio.

5. O hyleg é o planeta ou parte do céu que forma o Promovedor da Vida. Há cinco lugares hylegicais. Ptolomeu dá a ordem citada por Agrippa:

Entre estes dá-se preferência, em relação a poder de dominação, aos primeiros [graus] que se encontram no meio-céu [10ª casa]; depois, aos do oriente [1ª casa]; depois, aos que estão no signo que ascende diante do meio-céu [9ª casa]; pois toda a região abaixo da terra deve, obviamente, ser desconsiderada quando uma dominação de tal importância entra em cena, exceto aquelas partes que no próprio ascendente estiverem entrando na luz (*Tetrabiblos* 3.10 [Robbins, 273]).



á ainda outra arte desses tipos de nomes, que chamam de calculadora, e é feita com as seguintes tabelas, iniciando-se com algum nome sagrado, divino ou angelical, usando aquelas letras que você encontrará nos ângulos comuns¹ sob seus astros e signos: após o que, sendo reduzidos em ordem, o nome de um espírito bom é composto a partir da natureza de tal astro, ou signo, sob o qual você iniciou; mas, se você começar pela coluna ascendente, usando os ângulos comuns acima dos astros e signos marcados na linha mais baixa, compõe-se o nome de um espírito mau.

E esses são os nomes dos espíritos de qualquer ordem, ou ministério celeste, tanto bons quanto maus, que você pode desse modo multiplicar em nove nomes² de tantas ordens quanto puder, ao iniciar com um nome, compor outro de um espírito de ordem superior a partir da mesma ordem, seja ele bom ou maligno.

O início desses cálculos, porém, depende dos nomes de Deus; pois toda palavra tem uma virtude na

magia, justamente por depender da palavra de Deus e ser estruturada de acordo. Portanto, devemos saber que todo nome angelical deve proceder de algum nome primário de Deus. Por isso se diz que os anjos trazem o nome de Deus, como está escrito, “Pois meu nome está nele”.³

Para que os nomes dos anjos bons sejam diferenciados dos nomes dos maus, é comum ser acrescentado algum nome de onipotência divina, como *El*,⁴ ou *On*⁵ ou *Jah*,⁶ ou *Jod*,⁷ e ser pronunciado junto: e como *Jah* é um nome de beneficência, e *Jod* de uma divindade, esses dois nomes, portanto, são acrescentados somente aos nomes de anjos; mas o nome *El*, que implica poder⁸ e virtude, é acrescentado não só aos espíritos bons, mas também aos maus; os espíritos maus não podem subsistir nem fazer coisa alguma sem a virtude de *El*, Deus.

Devemos saber, no entanto, que os anjos comuns devem vir do mesmo astro e signo, a menos que se entre com um nome misto, como são os nomes dos gênios, e aqueles dos quais falamos no capítulo anterior, que são compostos a partir das disposições

do céu, de acordo com a harmonia dos diferentes astros. Pois, sendo a tabela iniciada com esses nomes, o ângulo comum deve ser o daquele astro ou signo usado em primeiro lugar.⁹

Alguns ainda estendem¹⁰ essas tabelas, acreditando que, se houver uma entrada com uma saída, com o nome de um astro, ofício ou qualquer efeito desejado, um demônio bom ou mau, servindo a tal ofício, ou um efeito bom ou ruim podem ser obtidos. Da mesma forma, aqueles que iniciam com o nome próprio de uma pessoa creem que podem extrair os nomes dos gênios, sob aquele astro que parece estar acima de tal pessoa, e que identificarão pela fisionomia, ou pelas paixões e inclinações da mente, e pela profissão e fortuna, se esta é marcial, saturnina, solar ou da natureza de qualquer outro astro.

E embora esse tipo de nome primário tenha pouco ou nenhum poder por sua significação, essas formas de nomes extraídos, bem como os deles derivados, são muito eficazes; assim como os raios do Sol que refletidos sobre um vidro oco¹¹ queimam fortemente, enquanto o próprio Sol quase não é quente.

Há outra ordem de letras nessas tabelas, regidas sob os astros e signos, parecida com aquela dos astrólogos, de números 10, 11 e 12. Sobre essa arte-calculadora, *Alfonso Cíprio*¹² já escreveu; e eu não sei quantos outros mais, além de adaptá-la para os caracteres latinos; mas, como as letras de todas as línguas, como mostramos no primeiro livro, têm em

seu número, ordem e figura um original celeste e divino, creio que esse cálculo dos nomes de espíritos possa ser feito não só com letras hebraicas, mas também caldeias, árabes, egípcias, gregas, latinas ou quaisquer outras, desde que as tabelas sejam feitas à imitação das precedentes.

Mas alguns objetam que, por essas e nessas tabelas, homens de diferente natureza e fortuna às vezes obtêm, por causa da semelhança do nome, o mesmo gênio do mesmo nome. Devemos, portanto, saber que não é absurdo que o mesmo demônio possa ser separado de uma alma e guarde mais de uma. Além disso, assim como homens diferentes têm muitas vezes o mesmo nome, também os espíritos de diferentes ofícios e naturezas pode ser observados ou marcados por um nome, por um único selo ou caractere, mas em um aspecto diverso: pois, assim como a serpente às vezes tipifica Cristo¹³ e às vezes o Diabo,¹⁴ também os mesmos nomes e os mesmos selos podem ser aplicados às vezes à ordem de um bom demônio e outras vezes de um mau. E por fim, a intenção ardente do invocador, por meio da qual nosso intelecto se une às inteligências separadas, faz com que tenhamos às vezes um espírito, às vezes outro, embora invocados sob o mesmo nome, a nosso serviço.

A seguir, então, as tabelas do cálculo dos nomes dos espíritos, bons e maus, sob a regência dos sete planetas e sob a ordem dos 12 signos militantes.

Notas - Capítulo XXVII

1. A coluna de quadrados sob o planeta ou signo do zodíaco. Cada ângulo, ou quadrado, é “comum” no sentido de que se relaciona tanto ao planeta, ou ao signo, quanto à letra sendo usada.
2. Um nome sendo colocado e outro extraído da primeira hierarquia, o segundo nome pode, por sua vez, ser usado para iniciar um nome da segunda hierarquia, e assim por diante até a nona hierarquia, cada nome seguinte tendo um potência oculta maior.
3. Ver nota 5, cap. XXV, l. III
4. אַל, AL, como em Gabriel.
5. וַי, VN, como em Metraton.
6. יַה, IH, como em Laviah.
7. י, I, ou יַי, ID; ou יוּי, YOD.
8. Yod significa “mão” e, por extensão, “poder da mão de Deus”. El também significa “poder” ou “força de Deus”. O nome composto Yod El, ID AL, אַל יַי אַל (Jó 27:11), “mão de Deus” é particularmente poderoso, embora seja de pouca utilidade na magia.
9. No nome de um gênio, ou demônio, em que as letras são extraídas separadamente dos céus pelos planetas (ver cap. XXVI, l. III), as letras são colocadas na tabela dos planetas sob aqueles mesmos planetas que regem sua formação. Quando o nome é colocado na tabela dos signos, cada letra é colocada sob o signo no qual o planeta que lhe deu o nascimento residia no momento da formação.
10. Estendem o uso.
11. Espelho côncavo.
12. Provável referência às tabelas alfonsinas, tabelas astronômicas feitas por astrônomos árabes e espanhóis, e que foram coletadas sob a ordem de Alfonso X, governante de Castela, em 1253. Também são chamadas de tabelas toledanas, da cidade de Toledo, onde foram adaptadas para ser em usadas. Ver Chaucer, “The Franklins Tale”, linha 1273, em *The Canterbury Tale (Os contos de Canterbury)*.
13. João 3:14.
14. Apocalipse 12:9.

Tabela dos sete planetas

	☾	♃	♀	☉	♂	♄	♅	A linha do bem
ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	א
ט	נ	ד	ל	כ	י	ט	ח	ב
י	ש	ו	ק	א	פ	ט	ס	ג
ק	ו	ה	ד	ג	ב	א	ח	ד
א	ד	ל	ט	י	ט	ח	ז	ה
פ	ו	ק	א	פ	ט	ס	נ	ו
ט	ה	ד	ג	ב	א	ח	ט	ז
ס	ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ח
נ	ק	א	פ	ט	ס	נ	ד	ב
ד	ד	ג	ב	א	ח	ט	ו	י
ל	ט	י	ב	ח	ז	ו	ה	ט
ט	א	פ	ט	ס	נ	ד	ל	ל
י	ג	ב	א	ח	ט	ו	ק	ד
ב	י	ב	ח	ז	ו	ה	ד	נ
ח	פ	ט	ס	נ	ד	ל	ט	ס
ז	ב	א	ח	ט	ו	ק	א	ט
ו	ב	ח	ז	ו	ה	ד	ג	פ
ה	ט	ס	נ	ד	ל	ט	י	א
ד	א	ח	ט	ו	ק	א	פ	ק
ג	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	ו
ב	ס	נ	ד	ל	ט	י	ב	ט
א	ח	ט	ו	ק	א	פ	ט	ח
A linha do mal	☾	♄	♂	☉	♀	♃	☽	

A entrada dos anjos maus

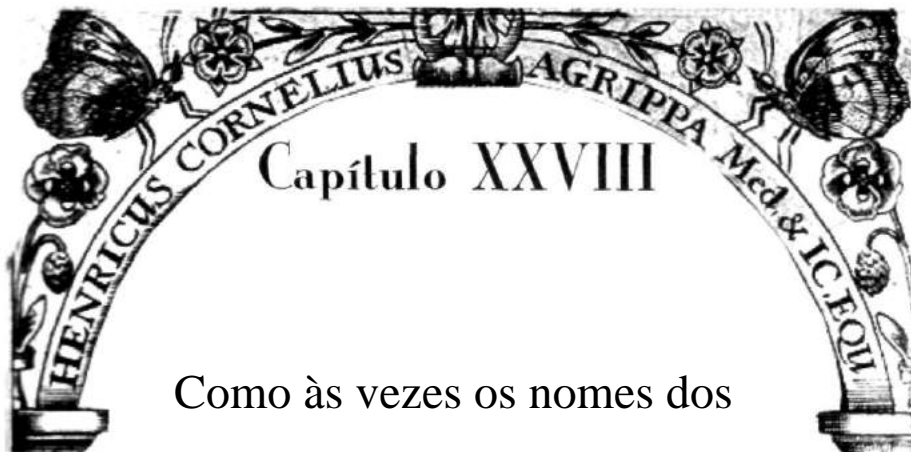
A entrada dos anjos bons

Tabela dos 12 signos

	♈	♉	♊	♋	♌	♍	♎	♏	♐	♑	♒	♓	A linha do mal
ה	ל	ט	י	כ	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	א	
ש	א	ב	ד	ה	ו	ז	ח	ט	י	כ	ל	ט	
ר	ב	א	ה	ש	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	ג	
ק	ס	נ	ס	ש	פ	א	ק	ר	ש	ת	א	ד	
א	נ	ס	ל	ט	י	כ	ז	ו	ה	ד	ג	ה	
פ	ג	ד	ה	ו	ז	ח	ט	י	כ	ל	ט	ו	
ט	ד	ג	ב	א	ת	ש	ר	ק	א	פ	ט	ז	
ס	ס	ט	פ	א	ק	ר	ש	ת	א	ב	ד	ה	
נ	ט	ס	נ	ס	ל	ט	י	כ	ז	ו	ה	ש	
ס	ה	ו	ז	ח	ט	י	כ	ל	ט	ס	א	י	
ל	ו	ה	ד	ג	ב	א	ת	ש	ר	ק	א	ט	
ט	פ	א	ק	ר	ש	ת	א	ב	ד	ג	ו	ל	
י	א	פ	ש	ס	נ	ס	ל	ט	י	כ	ז	ס	
כ	ז	ח	ט	י	כ	ל	ט	ס	ט	פ	א	נ	
ה	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ת	ש	ר	ס	
ז	ק	ר	ש	ת	א	ב	ד	ה	ו	ז	ח	ט	
ו	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	ס	ל	ט	י	פ	
ה	ש	י	ט	ל	ס	נ	ס	ט	א	פ	ק	א	
ד	י	כ	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א	ת	ק	
ג	ש	ת	א	ב	ד	ה	ו	ז	ח	ט	י	ר	
ב	ת	ש	ר	ק	א	פ	ט	ס	נ	ס	ל	ש	
א	ט	ל	ט	ס	א	פ	א	ק	ר	ש	ת	ת	
A linha do bem	♒	♑	♐	♏	♎	♍	♌	♋	♊	♉	♈		

A entrada dos anjos bons

A entrada dos anjos maus



Como às vezes os nomes dos espíritos são tirados daquelas coisas por eles guardadas



Vejo que existe outra espécie de nomes, dados aos espíritos, tirados das coisas justamente guardadas por eles, como se tais nomes fossem tomados emprestados dos astros, ou de homens ou lugares, ou tempos, ou coisas do gênero, tendo o nome divino acrescentado no fim.

Assim, o espírito de Saturno é chamado *Sabathiel*; o espírito de Júpiter, *Zedekiel*; o espírito de Marte, *Madimiel*; o espírito do Sol, *Semeschia*; o espírito de Vênus, *Nogahel*; o espírito de Mercúrio, *Cochabiah* ou *Cochabiel*; o espírito da Luz, *Jareahel* ou *Levanael*.¹ É da mesma maneira que se nomeiam os espíritos que regem os signos, ou seja, pelos nomes dos signos, em ordem a partir de Áries: *Teletiel*, *Suriel*, *Tominiel*, *Sattamiel*, *Ariel*, *Betuliel*, *Masniel*, *Acrabiel*, *Chesetiel*, *Gediel*, *Deliel*, *Dagymiel*.²

E também podemos chamá-los por seus termos latinos: *Ariel*, *Tauriel*, *Geminiel*, *Cancriel*, *Leoniel*, *Virginiel*,

Libriel, *Scorpiel*, *Sagittariel*, *Capriel*, *Aquariel*, *Pisciel*; e pelos planetas: *Saturniel*, *Joviel*, *Martiel*, *Soliah*, *Veneriel*, *Mercuriel*, *Lunael* ou *Lunaiah*.

Ora, uma vez que todos os espíritos (como já dissemos antes), bons ou maus, procuram uma união com os homens, a qual às vezes eles conseguem, vemos que alguns homens são chamados de deuses, anjos e demônios. Então, os nomes daqueles que são dotados de qualquer singular excelência virtuosa, ou que partiram desta vida com alguma perversidade, obtiveram um lugar entre os nomes dos bons e maus demônios, e são entre eles reconhecidos, quer vejamos isso como referência às almas de tais homens, quer como referência aos gênios.

Lemos, portanto, em Esdras,³ que o nome do arcanjo *Jeremie* veio de *Jeremias*, o profeta. E *Zachariel* de *Zacarias*; e *Uriel* de *Uriah*, o profeta, morto por *Joaquim*. Do mesmo modo, *Samuel*, *Ezequiel*, *Daniel* eram os nomes dos anjos, tanto quanto dos profetas. *Phaniel*⁴ é o nome de um anjo, e

do lugar onde *Jacó* lutou a noite toda. *Ariel* é o nome de um anjo, que é o mesmo que o Leão de Deus;⁵ às vezes, também é o nome de um demônio mau;⁶ e de uma cidade que é chamada de Ariópolis, onde o ídolo *Ariel* era venerado.

Encontramos também nas escritas sagradas que muitos nomes de demônios maus se originaram de homens perversos ou das moradas de homens perversos; como o *Astaroth*, que é o nome de um demônio mau, que fora o nome de *Ogue*, rei de Basã, onde viviam gigantes;⁷ ao mesmo tempo, *Astaroth* também era cidade dos Amorreus;⁸ *Refaim*,⁹ um vale; e *Jeramiel*, a terra dos Allophyli;¹⁰ e eram também os nomes de ídolos e de demônios maus; assim como *Rema*¹¹ era a estátua do ídolo de Damasco; *Camos*,¹² o ídolo de Moabe; *Melchim*,¹³ o ídolo dos Amontae; *Bel*¹⁴ o ídolo dos babilônios; *Adramelech*,¹⁵ o ídolo dos assírios; *Dagom*,¹⁶ o ídolo dos Allophyli.

E *Philo* menciona sete estátuas de ouro que os amorreus¹⁷ possuíam, às quais chamavam Ninfas Sagradas, que quando invocadas mostravam-lhe a qualquer hora suas obras; e os nomes que eram de mulheres, esposas dos sete homens perversos, consagrados após o dilúvio: *Chanaan*, *Phut*, *Selath*, *Nebroth*, *Abirion*, *Elath*, *Desuat*, e sobre os quais se colocaram pedras preciosas, gravadas e consagradas, uma das quais tinha a virtude de restaurar a visão aos cegos; tampouco podiam tais pedras ser queimadas pelo fogo ou cortadas por ferro, nem obliteradas com água, até que o anjo do Senhor por fim as pegou e enterrou no fundo do mar.

Além de tudo isso, sabemos que *Nimbroth*,¹⁸ *Chodorlaomor*,¹⁹ *Balach*,²⁰ *Amalech*,²¹ nomes de reis, obtiveram a ordem de espíritos malignos.

Também os gigantes e os demônios tinham um nome comum, *Enakim*²² עַנְקִים, porque não partilhavam da imagem de Deus, isto é, não receberam o esplendor do intelecto espiritual, mas sua razão multiplicou toda sorte de fraudes e pecados malignos. Portanto, não são considerados como pertencentes à espécie do homem (como dizia o rabino *Moisés*, o egípcio), mas à espécie dos animais, e demônios, embora tenham a forma do homem; e assim eram (dizia ele) os filhos de *Adão*, que foram os predecessores de *Set* e *Abel*; contexto no qual diziam os sábios hebreus que *Adão* gerou *Tochor*²³ עַנְקִים, demônios. Mas encontrou, depois, graça aos olhos de Deus e gerou *Set* à sua imagem e semelhança, *Le.*, que de acordo com a imagem de Deus obteve uma perfeição humana, a qual aquele que não possuir não é considerado membro da espécie humana, em virtude das pravidades que são a causa de todos os males e maldades.

Segundo *Porfírio*, também é a opinião dos magos que as almas más se convertem na natureza dos demônios e se tornem tão perniciosas quanto eles; fato confirmado por Cristo, quando ele falou a respeito de *Judas Escariote*: “Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo”.²⁴ A esses demônios, chamam adventícios²⁵ e, por causa das almas dos homens, tornam-se demônios. E assim os nomes dos homens ímpios e demônios maus são os mesmos, quer os chamemos de almas dos homens maus ou gênios maus que assumiram

nomes de homens maus, como se fossem eles mesmos.

Também *Behemoth* e o *Leviatã*²⁶ significam animais e demônios.

Por meio desses exemplos, aquele que for inquisitivo encontrará os nomes dos espíritos bons, bem como dos maus.

Notas - Capítulo XXVIII

1. As esferas dos planetas trazem os seguintes nomes no mundo cabalístico de Assiah, o mundo das ações. Os títulos que acompanham os nomes em hebraico são dados por Mathers (1887), 27-8:

♃ Shabbathai (Descanso)	ShBThAI	שבתאי
♄ Tzedek (Justiça)	TzDQ	צדק
♂ Madim (Força Veemente)	MDIM	מדים
☉ Shemesh (Luz Solar)	ShMSh	שמש
♀ Nogah (Esplendor Reluzente)	NOGH	נונה
♃ Kokab (Luz Estelar)	KOKB	כוכב
☾ Levanah (Chama Lunar)	LBNH	לבנה

2. Os nomes hebraicos para os signos do zodíaco são:

♈ Teleth	TLH	טלה
♉ Sur	SVR	שור
♊ Tomim	ThAOMIM	תאומים
♋ Sattam (Sartan)	SRTN	סרטן
♌ Arih	ARIH	אריה
♍ Betulh	BThVLH	בתולה
♎ Maznim	MAZNM	מאזנים
♏ Acrab	AQRB	אקרב
♐ Cheseth	QShTh	קשה
♑ Gedi	GDI	גדי
♒ Deli	DLI	דלי
♓ Dagim	DGIM	דגים

Com base no anjo hebreu, o de Agrippa para Câncer está incorreto. Provavelmente deveria ser Sartaniel. O anjo de Libra deveria ser Maznimiel. Quanto aos nomes hebraicos dos signos do zodíaco, ver Regardie [1937-40] 1982, 1:171-4 (tabela). Esses nomes para os signos podem ser encontrados no *Livro de Raziel*. Uma ilustração de um manuscrito desse texto de magia hebraico no Museu Britânico mostra os nomes nos 12 círculos sobrepostos (ver Budge [1930] 1968, 22:387). Nomes hebraicos do zodíaco do *Livro de Raziel*.

3. II Esdras 2:18.

4. Peniel. Ver Gênesis 32:31.

5. ארי ARI (leão) + אל AL (Deus).

6. Milton coloca Ariel entre os “ateus” dos anjos caídos (*Paradise Lost* 6, linha 371). Robert H. West, em sua obra *Milton and the Angels* (Athens, 1955), menciona que o nome é usado como epíteto de Jerusalém em Isaías 29:1 e 33:7, em que é traduzido como “heróis”. Ele acrescenta que, nas traduções do Antigo Testamento feitas por Áquila e Symmachus, Ariel é o nome dado à cidade pagã de Arina, ou Ariópolis, que venerava o ídolo Ariel (Marte). Ver West 1955, 154.

7. Números 21:33. Astarote era o nome de uma cidade de Basã, possivelmente a capital, já que se diz que o rei Ogue residia lá (Deuteronômio 1:4). Seu nome completo era Astarote Karnaim, AaShThRVTh QRNIM, צשתרות קרנים, “Astarte de chifre”, nome talvez oriundo de um templo ou estátua da deusa no local.

8. Ogue era um dos dois reis dos amorreus que governavam além do Jordão. Ver Deuteronômio 4:47.

9. Isaías 17:5.

10. Os jerameelitas são mencionados como um povo em I Samuel 27:10 e 30:29. Eles ocupavam uma parte das estepes no sul da Palestina, cerca de 27 quilômetros ao sul do Hebrom. *Allophili* (‘A^AooVXot) é uma palavra grega que significa “filisteus”.

11. Rimom. Ver II Reis 5:18.

12. KMVSh, **במוש** (Subjugador), o deus nacional dos moabitas e amorreus (Juízes 11:24) venerados por Salomão após ser corrompido por suas esposas (II Reis 23:13).

13. Milcom, MLKM **בלבם**, ídolo dos moabitas e amorreus (Sofonias 1:5).

14. BL, **בל**, contração de BAal **בצל** o principal deus dos babilônios, venerado na torre de Babel (Jeremias 51:44). Bel era considerado como sendo o planeta Júpiter (*stella Jovis*) pelos escritores gregos e romanos.

15. Adrammelech, ADRMLK, **אדרמלך**, ‘Magnificência do Rei’, um ídolo dos sefarditas levado da Mesopotâmia à Samaria (II Reis 17:31).

16. DGVN, **דיגון**, “Grande Peixe”, um ídolo com a cabeça e as mãos de um homem e o rabo de um peixe venerado pelos filisteus em Asdode (I Samuel 5:1-7).

17. Amonitas.

18. Nisroque? Se for, então, ver Isaías 37:38.

19. Quedorlaomer, rei do Elão. Gênesis 14:1.

20. Balaque, rei de Moabe. Números 22:4; Apocalipse 2:14.

21. Amalecitas, um antigo povo (Números 24:20) que habita o sul da Palestina (Números 13:29). Eram perpetuamente perseguidos por Deus (Êxodo 17:14).

22. Anaquim, AaNQIM, **אנקים**, “De pescoço longo”, um povo cananeu, famoso por sua grande estatura (Deuteronômio 9:2).

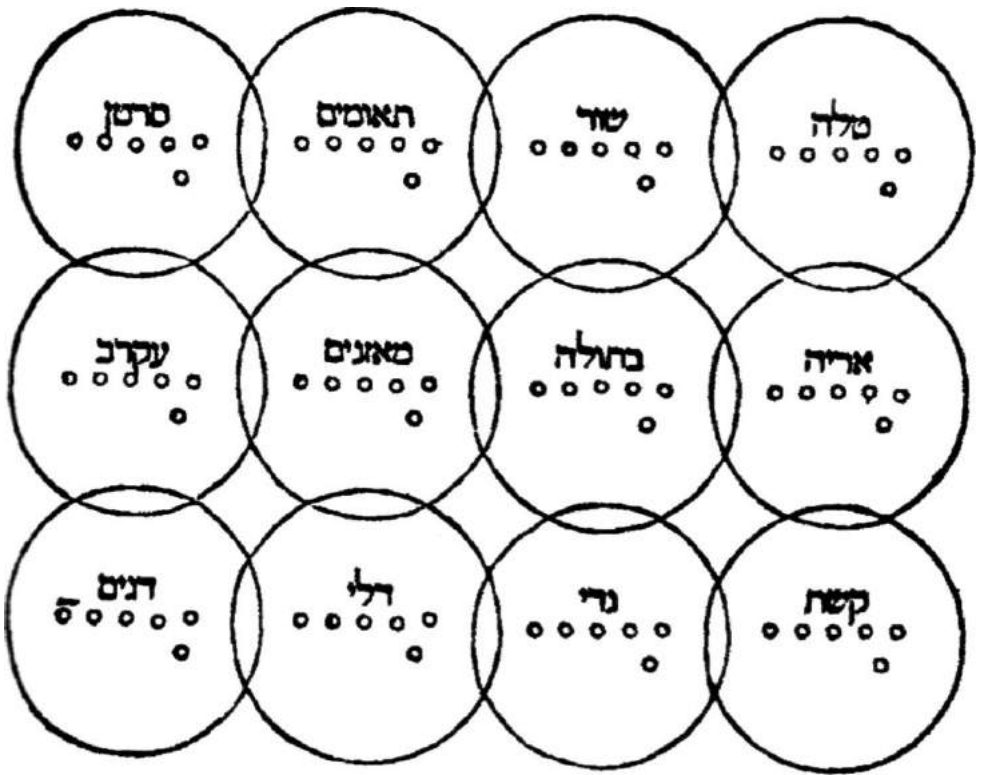
23. Por 130 anos, Adão ficou separado de sua esposa e não gerou. Depois que Caim matou Abel, Adão não queria copular com sua esposa.... E dois espíritos femininos (Lilith e Naamah) vieram copular com ele e dele engravidaram. E seus filhos são os espíritos malignos do mundo e são chamados de Pragas da Humanidade (*Zohar* [edição em 3 volumes, Vilna: Roma, 1894, 3:76b], citado por Patai 1980, 456).

24. Ver nota 7, cap. XX, l. III.

25. Vindo de fora, do exterior; não inerente.

26. O elefante (ou hipopótamo) e a baleia. Ver Jó 40:15-24 e 41. Eles representam vastos poderes elementais além da beira da percepção.

E naquele dia dois monstros se separaram, um monstro fêmea chamado Leviatã, para habitar os abismos do oceano acima das fontes das águas, e o monstro macho, chamado Behemoth, que passou a ocupar com seu seio o vasto deserto de Dûidâin, no leste do jardim em que vivem os escolhidos e justos, de onde meu avô [Enoch] foi levado, o sétimo desde Adão, o primeiro homem que o Senhor dos Espíritos criou. E eu pedi ao outro anjo que me mostrasse o poder desses monstros, como se separaram em um dia, sendo um lançado no fundo do mar e o outro na terra seca do deserto. E ele me disse: “Tu, filho do homem, procura saber aquilo que é segredo” (*Livro de Enoch* 60:7-10 [Charles 1913, 2:224]).



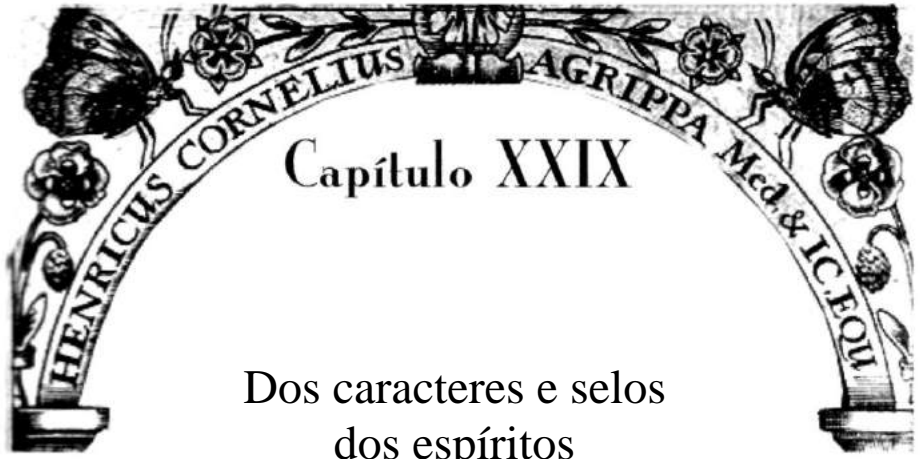
Hebreu, Nomes do Zodíaco

Extraído de Livro de Raziel



Dagon

Extraído de Oedipus Aegyptiacus, por Athanasius Kircher (Roma, 1652)



evemos agora falar dos caracteres e selos dos espíritos. Caracteres, portanto, nada mais são do que certas letras e escritas desconhecidas, preservando os segredos dos deuses e os nomes de espíritos da leitura de homens profanos, e eram chamados pelos antigos de hieróglifos¹ ou letras sagradas, pois eram devotados somente aos segredos dos deuses. Era, de fato, considerado ilegal escrever os mistérios dos deuses com os mesmos caracteres com que as coisas profanas e vulgares eram escritas.

Nesse sentido, dizia *Porfírio* que os antigos estavam dispostos a ocultar Deus e as virtudes divinas por meio de figuras sensíveis e daquelas coisas que eram visíveis, significando, entretanto, coisas invisíveis, dispostos a transmitir grandes mistérios em letras sagradas, e explicá-las em certas figuras simbólicas: como exemplo, quando dedicavam todas as

coisas redondas ao mundo, ao Sol, à Lua, esperança e fortuna; um círculo ao céu, e partes de um círculo à Lua; pirâmides e obeliscos ao fogo, e aos deuses do Olimpo; um cilindro ao Sol e à Terra; o quintal de um homem à geração e a *Juno*, a quem também, por causa do sexo feminino, era dedicada a figura triangular.

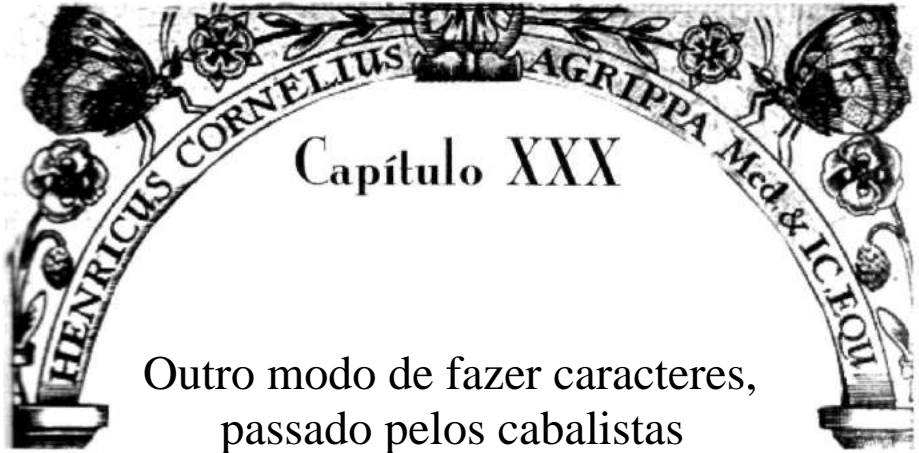
Esses tipos de caracteres tinham outra raiz além do prazer e da autoridade do instituidor, isto é, daquele que recebia o poder de instituir e consagrar essas letras, como era o caso de muitos prelados entre as mais diversas nações e seitas religiosas, cujas instituições a nós não chegaram, uma vez que poucas delas foram passadas pelos autores, e de maneira esparsa e fragmentada.

A esse tipo de caracteres pertencem aqueles observados por *Pedro Apono*, conforme passado por *Honório de Tebas*,² cujas figuras são as seguintes, relacionando-se ao nosso alfabeto:



Notas - Capítulo XXIX

1. Do grego ἱεροσ (sagrado) γλυφή (esculpido). Plutarco usou o termo pela primeira vez em referência à escrita.
2. Talvez o mesmo Honório de Tebas que é o alegado autor do *Livro Jurado de Honório*. Nos manuscritos do século XIV dessa obra, diz-se que, para salvar sua arte mágica da aniquilação pelas mãos do papa e seus cardeais, 89 magos mestres de Nápoles, Atenas e Toledo se reuniram e escolheram Honório, filho de Euclides, um mestre de Tebas, para condensar seus grimórios de magia em um único livro com 93 capítulos. Três cópias deveriam ser feitas e passadas a partir do leito de morte somente mediante a condição de que o novo proprietário de cada volume fizesse um juramento de fidelidade - daí o nome. No entanto, o alfabeto de Tebas não aparece no *Livro Jurado* nem no *Heptameron* de Pietro d'Abano. Talvez apareça no *Conciliador* de Pedro, que não tive a oportunidade de examinar.



Outro modo de fazer caracteres, passado pelos cabalistas



Entre os hebreus, eu encontro outros tipos de caracteres, dos quais um é o mais antigo, a saber, uma escrita antiga que *Moisés* e os profetas usavam, cuja forma não é fácil de descobrir por qualquer um, pois as letras que eles usam até os dias de hoje foram instituídas por *Esdras*. Existe também entre eles uma escrita que chamam de Celestial, pois mostram-na colocada e afigurada entre as estrelas, modo também pelo qual os astrólogos produzem imagens dos signos a partir do alinhamento dos astros. Há ainda uma forma de escrita chamada *Malachim*, ou *Melachim*, isto é, *Dos Anjos* ou *Real*; e outra chamada de *Passagem Pelo Rio*. Os caracteres e figuras de todas essas¹ são os seguintes:

Outra forma ainda comum entre os cabalistas, e antigamente muito estimada, mas hoje tão comum que é classificada em meio às coisas profanas, é a seguinte: os 27 caracteres hebraicos podem ser divididos em três classes, cada uma das quais contendo nove letras. A primeira, *אבגדהוזחט*, que são os selos ou

marcas dos números simples e das coisas intelectuais, distribui-se em nove ordens de anjos. A segunda tem *יבלמנספצצ*, as marcas das dezenas e das coisas celestiais, nos nove orbes dos céus. A terceira tem as outras quatro letras, com as cinco finais, por ordem, isto é, *קרטתמפןץ*, que são as marcas das centenas e das coisas inferiores, ou seja, os quatro elementos, e dos cinco tipos de compostos perfeitos.²

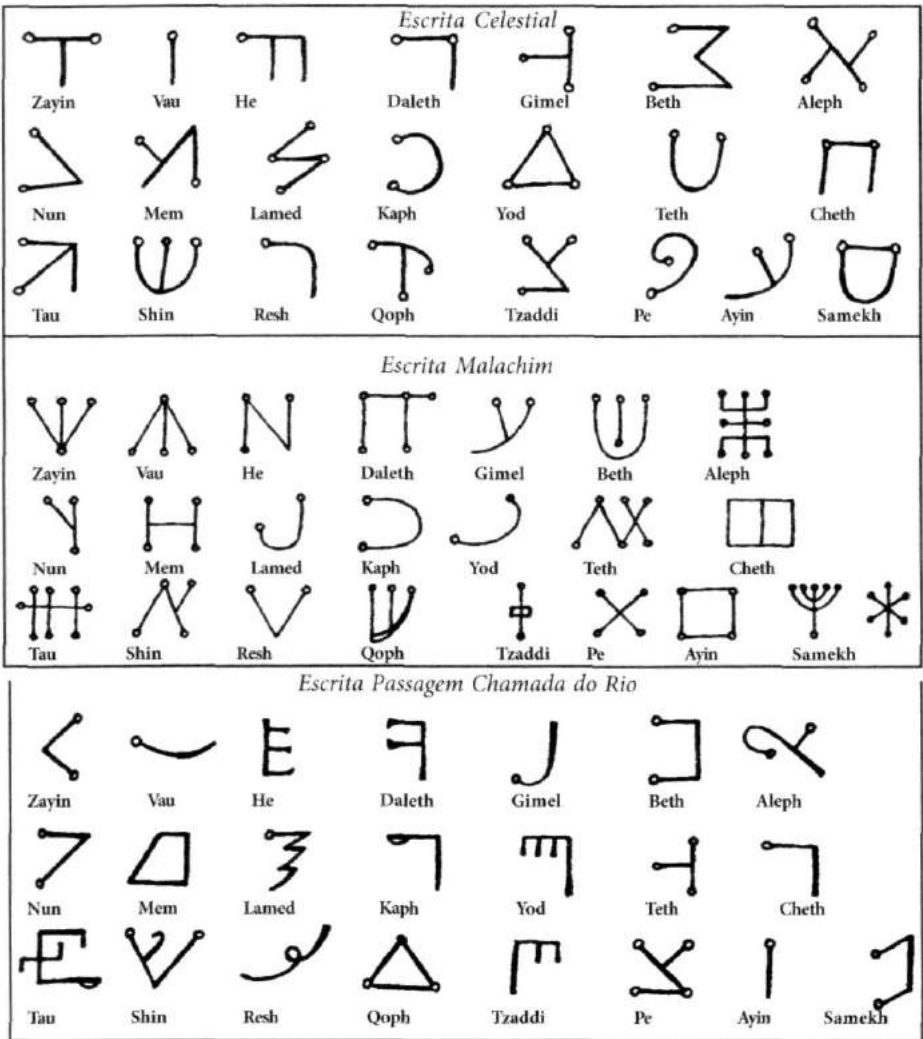
De vez em quando, eles distribuem essas três classes em nove câmaras, das quais a primeira é de unidades - intelectual, celestial e elemental; a segunda de duos; a terceira de trinos; e assim por diante: essas câmaras são estruturadas pela intersecção de quatro linhas paralelas, que se intersectam em ângulos retos, como vemos na seguinte figura:

Das quais, sendo dissecadas em



partes, surgem nove figuras específicas:

Que são das nove câmaras, caracterizando suas letras de acordo com a anotação acima: se for de um ponto, mostra a primeira letra da câmara; se for de dois, a segunda; de três,



a terceira; como se quiséssemos estruturar o caractere *Miguel* מִיגֵּוֹל, da seguinte maneira, com cinco figuras adicionadas:



Que por sua vez se contraem em três figuras, desta maneira:



E estas, por sua vez, se contraem em uma, com os pontos anotados omitidos, surgindo por fim o caractere de *Miguel*:

Há outra espécie de caracteres, comum a quase todas as letras e línguas, e muito fácil, que é feita pela

junção de letras. Para se obter, por exemplo, o nome de Miguel, os caracteres são estruturados assim:



E, em primeiro lugar, focamos nossos sentidos, interna e externamente, sobre eles; em seguida, por meio de uma certa admiração de nossa razão, somos induzidos a uma veneração religiosa a eles e nos envolvemos com toda a mente em adoração extática, e com uma crença extraordinária, uma esperança além de qualquer dúvida, uma amor vivo, chamando-os em espírito e em verdade pelos verdadeiros nomes e caracteres, obtemos deles a virtude ou o poder que desejamos.

E essa forma é entre os árabes a mais recebida; tampouco existe outra escrita que se junta de maneira tão elegante e pronta a si mesma quanto o árabe.

Saiba agora que os espíritos angelicais, sendo de puro intelecto e totalmente incorpóreos, não possuem nenhuma marca de caracteres e figuras grossas ou quaisquer outros sinais humanos. Nós, porém, não conhecendo a essência ou qualidade deles, a partir de seus nomes ou obras, ou outras coisas, e de acordo com nossa fantasia, devotamos e consagramos a eles figuras e marcas, por meio das quais não podemos de modo algum atraí-los a nós, mas podemos, isso sim, nos elevar a eles, já que eles não são conhecidos de fato por tais caracteres e figuras.

Em hebraico

Em grego



Em latim



גלש	בכר	איק
וסם	הנד	דמת
שצץ	חפק	זען

Notas - Capítulos XXX

1. Os símbolos celestiais são claramente letras hebraicas estilizadas em sua sequência correta. Entretanto, os que compõem Malachim e Passagem Pelo Rio parecem ser estilizações mais extremas, mas não na sequência certa. Por exemplo, o símbolo para Gimel em Malachim é muito mais sugestivo de Ayin. O símbolo de Pe em Passagem Pelo Rio é o mesmo que o símbolo Tzaddi na Escrita Celestial; do mesmo modo, o sinal Qoph é o Yod na Escrita Celestial. Como, no entanto, muitos dos símbolos nesses dois últimos alfabetos obviamente não têm relação com as letras hebraicas, seria um trabalho de adivinhação restaurá-las à sua verdadeira ordem.

2. Talvez uma referência aos corpos compostos listados na tabela no fim do cap. VIII, l. II: animal, planta, metal, pedra e planta-animal. Essa última categoria é curiosa. Uma divisão melhor parece ser aquela do *Rasa'li*, um texto islâmico do século X: anjo, homem, animal, planta e mineral.



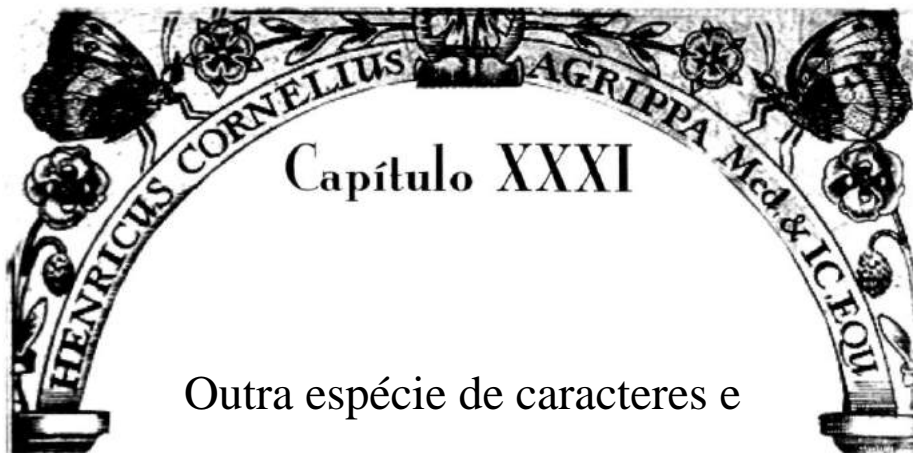
A. Smith del.

Pub. by Longman's & others.

A. Croft del. Sculp.

Alfabetos mágicos

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)



Outra espécie de caracteres e marcas de interesse de espíritos que são recebidas por meio de revelação



á ainda outra espécie de caracteres recebidos apenas por meio de revelação, que não podem ser descobertos de outra maneira e cuja virtude advém da deidade reveladora, da qual existem certas obras secretas, exalando uma harmonia de divindade; é como se houvesse determinados acordos ou pactos, ou ligas, entre nós e eles.

A essa espécie pertence a marca ou o sinal mostrado a *Constantino*,¹ que muitos chamaram de cruz, inscrita com letras latinas, *In hoc vince*, isto é, Assim, vencerás; e outro sinal revelado a *Antíoco*, pelo sobrenome *Soteris*, na figura de um pentângulo, que significa saúde, pois, convertido em letras, produz a palavra *YÍfi.oc*, Saúde.² E na fé e virtude de ambos os sinais, os dois reis obtiveram uma grande vitória contra seus inimigos. *Judas*, em virtude de tais revelações, recebeu depois o sobrenome de *Macabeus*, pois, lutando ao lado dos judeus contra *Antíoco Eupator*,³ recebeu de um anjo o notável sinal *מכבי*,⁴

por cuja virtude ele matou logo 14 mil com um número infinito de elefantes, e depois mais 35 mil de seus inimigos: pois o sinal representava o nome Jeová e era um emblema memorável do nome de 72 letras pela igualdade de número, sendo sua exposição *מי כמוך באלים ידוה*, ou seja, Quem é forte *Jeová*.⁵ As figuras desses memoráveis sinais são assim estruturadas:



Além disso, diz *Porfírio* em seu livro *De Responsis*⁶ que esses sinais e caracteres significavam os próprios deuses, que concediam favores e eram assim invocados, recebendo oferendas. Assim, as figuras mostravam como deveriam ser as imagens; e foi dessa forma que ele percebeu tais coisas com relação ao oráculo de *Prosérpina*.

Disse *Porfírio*, além do mais, que *Hécate* instruía como as imagens

deveriam ser construídas para ela, e que deveriam ser cercadas de erva-de-santa-maria e que nela se pintassem ratos domésticos, e os mais finos ornamentos que lhe pudessem agradar, bem como a mesma quantidade de ratos, deveriam ser levados; em seguida, sangue, mirra, estoraque e outras coisas deveriam ser queimados: se tudo isso fosse feito, ela apareceria e atenderia o operador por meio de sonhos.

Reproduzimos aqui o oráculo de *Hécate*, pois assim fala ela:⁷

Ouve, pois falarei como deverás construir uma estátua
 Para mim; pega ramos dos bosques, da erva-de-santa-maria,
 Adorna-a, e sobre ela pinta a imagem de ratos domésticos;
 Usa, então, adornos belos e de grande valor.
 E depois, olíbano, mirra, estoraque, misturado com sangue de ratos;
 Canta agora palavras secretas e boas;
 E verás uma forma minha; sobre ela, coloca

A mesma quantidade de ratos vivos; pega louros,
 E do tronco do loureiro prepara um estojo para guardá-los,
 E com devoção, reza à estátua,
 Não te esqueças de pagar com oferendas e fazer votos;
 Se essas coisas exigidas
 Tu fizeres, em sonhos me verás.

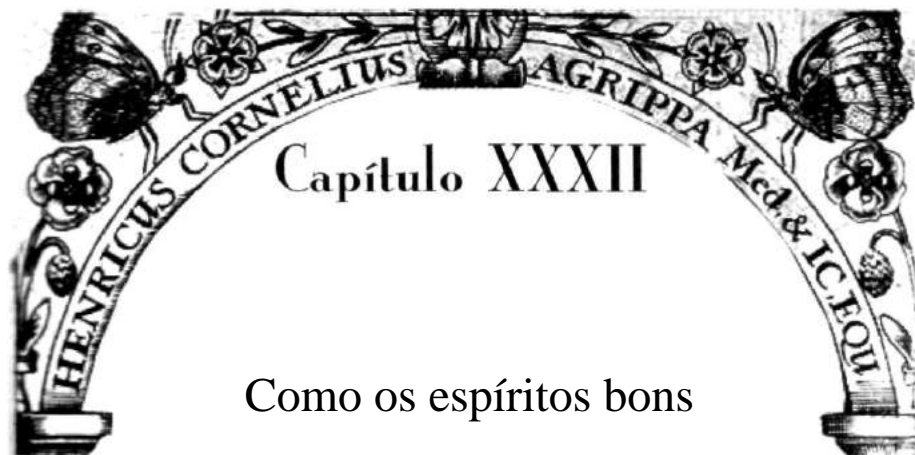
Esses eram, em tempos passados, os mistérios secretos dos deuses e demônios dos gentios, por meio dos quais eles se deixavam compelir, deter e amarrar pelos homens. Assim, *Jamblicus* e *Porfírio* ensinam que aquele que invoca demônios sagrados deve recebê-los com a devida honra, e distribuir a cada um o que lhe for conveniente, como forma de agradecimento, oblações, presentes, sacrifícios, com palavras, caracteres apropriados às suas condições e próprios deles;⁸ do contrário, jamais obterá a presença das divindades, dos demônios ou dos efeitos desejados; além disso, os que forem invocados de maneira negligente podem infligir sofrimentos ao invocador.

Notas - Capítulos XXXI

1. Quando o imperador Constantino marchava contra o exército maior de Maxentius, em Roma, suas tropas viram no céu, ao meio-dia, uma cruz flamejante de luz em meio às nuvens, inscrita com as palavras “Por meio desta, conquistarás”, em grego. Naquela noite, Cristo lhe apareceu em um sonho com uma cruz na mão e instruiu Constantino a usar um estandarte feito à semelhança dela. Quando acordou, o imperador deu ordens para que fosse feito um mastro dourado e uma barra transversal na parte superior, também de ouro, encimada por uma coroa de ouro cravejada de joias. No meio da coroa apareciam as letras gregas Qui (X) e Ro (P) por cima de uma cruz: da cruz pendia um véu púrpura. Esse estandarte era chamado de *Labarum*. Constantino escolheu 50 de seus melhores homens para carregá-lo e defendê-lo. Ele se confrontou com Maxentius nos Campos Quintianos, perto da ponte de Milva, em 27 de outubro de 312, e esmagou seu inimigo. Maxentius se afogou no Rio Tibre. Ver Brewer 1901, 72, e Gibbon [1776-88] 1830, cap. 20. Gibbon conta a história com mais ceticismo, mas menos charme.



2. Na *Opera* latina, essa palavra grega é grafada $\acute{\upsilon}\acute{\nu}\acute{\iota}\rho\acute{o}\varsigma$, o modo como aparece no próprio selo. O quarto caractere parecer ser uma contração de El, necessária porque a palavra tem seis letras, enquanto o pentagrama tem apenas cinco pontas.
3. Provavelmente Antíoco Epifanes, rei da Síria entre em 175-164 a.C. Ver a nota biográfica de Judas Macabeus.
4. MKBI. As letras do nome Macabeus, também soletradas MQBI, מִקְבִּי.
5. Êxodo 15:11, parte de cujo versículo se lê MI KMKH BALM IHVH יהוה באלם במכה. Entretanto, como o hebraico em Agrippa é o mesmo nas edições inglesa e latina, deixei como está. Só no selo, mas não todas, as letras hebraicas em torno da borda foram desenhadas de frente para trás, invertidas da esquerda para a direita, embora retenham sua colocação apropriada nas palavras que elas compõem. O provável intuito era disfarçar as palavras, mas pode ter sido simplesmente um erro de cópia. As quatro letras iniciais da frase dão um total numérico de 72: M = 40, K = 20, B = 2, I = 10.
6. *De Responsis Hecate*, talvez uma parte de *De Philosophia ex oraculis haurienda* (Sobre a filosofia dos oráculos), preservado em fragmentos no *Praeparatio Evangelica* de Eusébio. Mais de 12 fragmentos de oráculos de Hécate de Porfírio são preservados em Eusébio.
7. Ver Eusébio, *Praeparatio Evangelica* 5.12.1-2 e 5.13.3.
8. “Pois não há uma única coisa, por menor que seja, adaptada aos deuses aos quais os deuses não se façam imediatamente presentes, e com as quais não se coadunem” (Iamblicus, *On the Mysteries* 1.15 [Taylor, 63]).



Como os espíritos bons
podem ser invocados por nós, e
como os espíritos maus podem ser
por nós vencidos



ela eficácia da religião, a presença de espíritos predispõe o efeito, e nenhum trabalho de extraordinária eficácia em religião pode ser feito, a menos que algum bom espírito que seja o governante e completador do trabalho esteja presente.

Ora, os espíritos bons, se puderem ser invocados de diversas maneiras, não podem ser constrictos por nós, nem se comprometer conosco; mas precisamos implorar-lhes com coisas sagradas, como lemos em *Apuleio*, pelos corpos celestes, pelas deidades infernais, pelos elementos naturais, pelo silêncio da noite, pelo aumento da terra de Nilo, pelos segredos de Mênfis;¹ e também, segundo *Porfírio*: “Tu que te levantas da lama, que te assentas em teu lugar, que velejas em barcos, que a toda hora mudas de forma, e és mudado em cada signo do zodíaco”.

Com essas e outras orações simbólicas e hinos, sendo todos sinais de virtudes divinas, os espíritos às vezes cediam ao uso humano; não por serem compelidos por qualquer espécie de necessidade, mas por vontade deles mesmos; e por meio de um costume, deixando-se tocar pelas preces daqueles que os invocavam, cediam com mais facilidade: assim referido por *Porfírio* em *De Responsis Hecate*:²

Eu, tocado por tuas preces,

Desço até ti.

E em outro trecho do mesmo livro, ele diz:

Conquistadas por preces, as deidades do alto

Descem à terra e mostram as coisas futuras.

Também a adivinhação das coisas devidas funciona de tal maneira na mente do homem que os espíritos bons têm prazer em nos assistir e comunicarnos seu poder e virtude,

ajudando-nos diariamente com iluminações, inspirações, oráculos, profecias, sonhos, milagres, prodígios, adivinhações e augúrios, agindo e atuando sobre o nosso espírito como imagens semelhantes a eles, influenciando-o, e tornando-nos mais semelhantes a eles, de modo que às vezes nosso espírito opera coisas maravilhosas, como costumam fazer os espíritos celestiais.

Mas os espíritos maus são dominados por nós por meio da assistência dos bons, principalmente quando o solicitante é muito piedoso e devoto, e entoia palavras sagradas, e pronuncia uma fala horrível, conjurando, por exemplo, o poder divino por meio dos nomes veneráveis e sinais de poderes sobrenaturais, por milagres, sacramentos, mistérios sagrados e coisas assim: e de tais conjurações ou adjuvações, feitas em nome e sob o poder da religião e da virtude divina, os espíritos maus têm medo; motivo pelo qual também os homens profanos às vezes constringem ou comprometem, com essas conjurações sagradas, espíritos maus que não as toleram.

Aliás, *Cipriano*, em seu livro *Quod Idola Dii Non Sunt*,³ diz que os espíritos adjuvados pelo Deus verdadeiro podem nos servir e confessar, e são forçados a sair de corpos possuídos, e saltam para fora deles de uma vez ou desaparecem aos poucos, de acordo com a fé do paciente, ou a graça do conjurador. E *Atanásio*, em seu livro *De Variis Questionibus*, diz que não há palavra mais terrível e destruidora do poder dos demônios que o início do Salmos 68, “Levanta-se Deus, dispersam-se os seus inimigos, de sua presença fogem os que o

aborrecem”. E *Orígenes*, contra *Celso*, diz que a menção do nome de *Jesus* costuma expulsar muitos demônios, tanto da alma quanto do corpo dos homens, e exerce grande poder sobre aquele do qual um demônio foi expulso.⁴

Nós também podemos, com ameaças e insultos, constringir ou repelir espíritos maus, particularmente os inferiores, como as lârnias,⁵ os íncubos e outros do gênero, como lemos em *Lucano*⁶ a respeito daquela bruxa, que diz:

Eu lhe chamarei agora por um nome verdadeiro,

Os cães do Estige, eu, na luz suprema

Deixarei, e a seguirei até o túmulo

De todas as urnas da morte eu tirarei,

Sim, você, Hécate, aos deuses eu mostrarei

(a quem podia se mostrar sob outra forma), pálida, porém, e sem graça,

Proibindo-lhe de fazer Erebus o rosto mudar.

E lemos em *Filóstrato*, quando *Apolônio* e seus companheiros viajavam em uma noite de claríssimo luar, que o fantasma de uma lârnica os cercou,⁷ e ora mudava para uma forma, ora para outra, e às vezes desaparecia diante dos olhos de todos. Assim que *Apolônio* percebeu do que se tratava, começou a insultá-la com veemência, aconselhando seus companheiros a fazer o mesmo, pois ele sabia que esse era o melhor remédio contra tais invasões. Seus companheiros seguiram o conselho, e o fantasma, produzindo um barulho, logo desapareceu como uma sombra, pois esse tipo de espírito é temeroso, estremece e é afetado por um falso terror, e por

ameaças falsas e impossíveis. Por isso também dizia *Chereon*, o santo escriba, que essas eram as coisas pelas quais especialmente os espíritos são afetados.⁸

Além dos tipos descritos até aqui, há uma certa espécie tão nociva de espírito e, no entanto, tão próxima do homem, que chega até a ser afetado pelas paixões humanas, e muitos desses espíritos amam a companhia dos homens e têm prazer em viver ao lado deles; alguns atacam as mulheres, outros as crianças, alguns amam a companhia dos mais variados animais domésticos e selvagens, alguns habitam as florestas e os parques, alguns vivem nas fontes e nos prados.

As fadas e os hobgoblins habitam as campanhas;⁹ as náiades, as fontes; as potâmides, os rios; as ninfas, os pântanos e lagoas; as oréades,¹⁰ as montanhas; os humedes, os prados; as driádes e hamadríades, as florestas, também habitadas pelos sátiros e Silvanos;¹¹ assim como as naptae¹² e as ágapes, as flores; as dodonae, as bolotas; as paleae e fernilae, as rações animais e o campo em geral.

Aquele, portanto, que desejar invocar esses espíritos, deve fazê-lo no local onde eles vivem, atraindo-os com fumaças adocicadas, sons agradáveis e instrumentos feitos das entranhas de certos animais e uma madeira peculiar, acrescentando canções, versos, encantamentos apropriados para a operação e um elemento que deve ser a todo custo observado - a inocência da mente, uma credulidade firme e silêncio constante; é por isso que eles sempre vêm às crianças, às mulheres e aos homens pobres e mesquinhos. Eles têm medo e fogem de

homens de mente constante, corajosa e firme, sendo incapazes de agredir os homens bons e puros, mas somente os perversos, malévolos e impuros.

Dessa espécie são os hobgoblins, os familiares e os fantasmas de homens mortos. E quanto a isso diz *Plotino*¹³ que as almas dos homens às vezes se convertem em espíritos: e de homens merecedores do bem se convertem em familiares, que os gregos chamam de *eudaímon*,¹⁴ isto é, espíritos bem-aventurados: mas, dos homens merecedores do mal, convertem-se em lâmias e hobgoblins, que os gregos chamam de *cacodaímon*,¹⁵ ou seja, espíritos malignos; mas podem ser chamados de fantasmas, quando não se sabe ao certo se são bons ou maus.

Dessas aparições há vários exemplos; como os que *Plínio* e *Júnior* mencionam acerca da casa de *Atenodoro*, o filósofo de Társis, onde apareceu com súbito e horrível barulho o fantasma de um homem velho.¹⁶ E *Filóstrato* nos conta de uma lâmia de *Menipo Lício*, o filósofo, que se manifestou como uma linda mulher de Corinto, que *Apolônio* de Tiana julgou ser um hobgoblin; o mesmo aconteceu em Éfeso, a aparição na forma de velho mendigo, que foi a causa da pestilência e, após ser apedrejado por ordem de *Apolônio*, converteu-se em um mastim e a pestilência acabou.¹⁷

Devemos saber que todo aquele que trabalhar intelectualmente com espíritos maus poderá construí-los pelo poder dos espíritos bons; aquele, porém, que só trabalhar no campo mundano, acarretará a si mesmo julgamento e condenação.

Notas - Capítulo XXXII

1. O profeta egípcio Zachlas é procurado por um homem idoso, que lhe pede que restaure a vida de seu filho assassinado, para que este aponte seu assassino:

Ó sacerdote, tenha misericórdia, misericórdia eu lhe rogo pelos Planetas Celestiais, pelos Poderes infernais, pela virtude dos elementos naturais, pelos silêncios da noite, pelas construções próximas à cidade de Copton, pela enchente do Nilo, pelos mistérios secretos de Mênfis e pelos instrumentos e trombetas da Ilha Pharos, tenha misericórdia, eu peço, e chame de volta à vida esse corpo morto, e permita que seus olhos agora fechados se abram e vejam (Apuleio, *O asno de ouro*, cap. 11).

2. Ver nota 6, cap. XXXI, I. III.

3. Esses espíritos, porém, quando adjuvados por nós através do Deus verdadeiro, imediatamente cedem e confessam, e são forçados a sair do corpo possuído. Você pode vê-los à nossa voz, e pela operação de oculta majestade, feridos e rotos, queimados por fogo, esticados em uma punição cada vez maior, uivando, gemendo, implorando, confessando mesmo diante daquelas pessoas que os veneram, e saltando para fora imediatamente ou desaparecendo aos poucos, à medida que a fé do sofredor vem ao seu auxílio, ou os efeitos da graça do curandeiro” 7. Nos *Tratados* 6 [*Ante-Nicene Fathers*, 5:467]).

Esse tratado extremamente breve não merece ser chamado de “livro”, como diz Agrippa.

4. E uma filosofia semelhante de nomes também se aplica ao nosso Jesus, de cujo nome já se viu, de maneira inconfundível, ter o dom de expulsar espíritos malignos da alma e do corpo (dos homens), tamanho era o poder que ele exercia sobre aqueles dos quais os espíritos eram expulsos (Orígenes, *Against Celsus* 1.25 [*Ante-Nicene Fathers*, 4:406]).

Ver também 1.67 (*Ante-Nicene Fathers* 4:427).

5. Demônios noturnos associados às Fúrias e Harpias por alguns escritores da Antiguidade. Elas aparecem na forma de mulheres velhas e sugam a vitalidade de crianças. Sentam-se sobre o peito das pessoas adormecidas e lhes provocam pesadelos. Na edição inglesa, a palavra foi traduzida como “hag” (mulher feia; bruxa).

6. A bruxa Erichtho se incomoda quando a sombra de um soldado morto hesita em retornar ao seu cadáver em putrefação. Ela pede às Fúrias e à deusa do Inferno que a apressem:

Nesse momento, sob seu nome real, eu as invoco e, cadelas do Estige, deixo-as na luz do mundo superior; entre as covas eu as seguirei, entre os ritos funerários, a sua observadora; das tumbas eu as expulsarei, de todas as urnas as afastarei. E quanto a você, Hécate, esquelética com sua palidez, a exporei aos deuses, diante dos quais em forma falsa, com outros traços, você certamente se colocará, e a proíbo de esconder o semblante de Erebus. Revelarei, donzela de Enna, sob o infinito corpo da Terra, que festivas a detêm, por que pacto você ama o sombrio soberano, a que corrupção se submeteu, levando seus pais a quase chamarem-na de volta (Lucano, *Pharsalia* 6, linhas 730-42 [Riley, 243-4]).

7. Enquanto seguiam em sua jornada sob o luar em certa noite, seu caminho foi bloqueado por uma aparição fantasmagórica de uma Empusa, que ora assumia uma forma, ora outra, para depois sumir por completo. Apolônio reconheceu sua natureza imediatamente, e não só insultou o espectro, mas ainda insistiu com seus companheiros para que fizessem a mesma coisa, pois tal comportamento é um salvo-conduto contra tais visitas, e a Empusa se foi, urrando como fazem os fantasmas (Filóstrato, *Life and Times of Apollonius of Tyana* 2.4 [Eells, 37]).

8. E por que, embora absurdo, são usadas ameaças e falsos terrores pela pessoa comum, não a um demônio, ou alma que já partiu, mas ao próprio e soberano Sol, ou à Lua, ou algum dos deuses celestiais, com o intento de forçar essas divindades a falar a verdade? Pois, acaso aquele que diz que explodirá os céus, ou revelará os segredos de Ísis, ou apontará para o arcano no adito, ou deterá Baris, ou espalhará os membros de Osíris a Tifão, ou fará alguma outra coisa desse gênero, aquele que diz isso tudo, não sabe que, ao ameaçar aquilo que não conhece nem é capaz de afetar, se mostra tolo ao extremo? E que abjeção isso não produz naqueles que, como tolas crianças, são possuídos por um medo vão, e se atemorizam diante de tais ficções? E no entanto, Chaameron, que foi um escriba do sagrado, escreve tais coisas, conforme disseminadas pelos egípcios.

Também se diz que tais coisas, e outras de espécie semelhante, são de uma natureza extremamente compulsiva (Porfírio, *Carta a Anebo*, prefixada por Jamblichus em *On the Mysteries* [Taylor, 10-1]).

Ver a nota biográfica de Chaemeron.

9. Campos abertos, gramados, distintos das colinas, bosques e aldeias. Talvez usado, nesse contexto, para cidadãos comuns.

10. Ninfas das montanhas.

11. Silvano é o deus latino dos bosques e dos limites das florestas. É descrito como um homem alegre, luxurioso, e identificado com Pã e Fauno pelos escritores romanos. Aqui, os Silvanos são divindades da floresta.

12. De *ναπη*, um vale arborizado.

13. “... e novamente, não são poucas as almas que, uma vez entre os homens, continuam a servi-los mesmo depois de sair do corpo; e por meio de revelações práticas e úteis, deixam claro que as outras almas também não deixaram de existir” (Plotino, *As Enéadas* 4.7.15 [Mackenna, 3:143]).

14. Do grego *εὐ* (feliz) *δαίμων* (gênio). Relacionado ao nome da 11ª casa do zodíaco.

15. Do grego *κακὸδ* (maligno) *δαίμων* (gênio). O nome da 12ª casa do zodíaco.

16. Sendo essa talvez a quintessencial história de era clássica, ou de qualquer outra era, apresento-a aqui na íntegra:

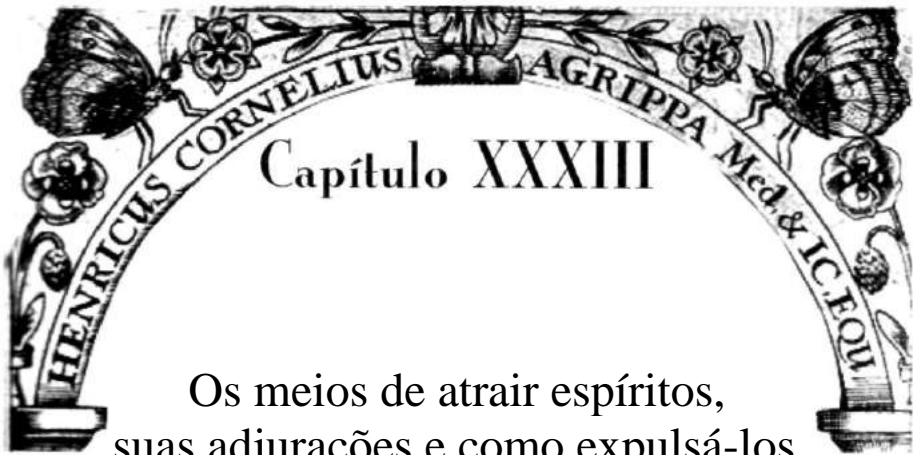
Havia em Atenas uma grande e espaçosa mansão, com a má fama de ser perigosa aos seus moradores. Na calada da noite, ouvia-se o estrépito do ferro e, caso se prestasse atenção, correntes se arrastando, a uma certa distância a princípio, mas depois bem perto. Em seguida, aparecia o espectro de um homem velho, magro e imundo, com uma barba longa e cabelos em pé, usando grilhões nas pernas e balançando correntes nos punhos. Os pobres moradores da casa passavam noites em claro, aterrorizados; a falta de sono acabava levando a doenças e, por fim, à morte, à medida que o pavor crescia, pois mesmo durante o dia, quando a aparição tinha-se ido, a lembrança dela ficava na mente, de modo que o terror permanecia nas pessoas mesmo depois de ter sumido a causa. A mansão ficou abandonada, deixada exclusivamente para o espectro; mas anunciava-se que estava à venda ou para alugar, caso aparecesse um interessado que não conhecia a história de sua má reputação.

O filósofo Atenodoro chegou a Atenas e viu o anúncio. Ficou desconfiado quando soube do preço baixo, e toda a história acabou sendo revelada. Nem por isso ele perdeu o interesse; pelo contrário, ficou mais ansioso ainda para alugar a casa. Ao cair da escuridão, ele solicitou que colocassem seu divã na parte da frente da casa e lhe trouxessem seu livros de anotação, uma pena e um candeeiro. Mandou todos os seus criados se retirarem para os cômodos interiores e concentrou o pensamento, os olhos e a mão na escrita, para que a mente ficasse ocupada e não conjurasse o fantasma do qual ouvira falar, nem outros medos imaginários. A princípio, não ouviu nada além do costumeiro silêncio da noite; logo, porém, começou o estrepitoso ruído de ferro e de correntes se arrastando. Ele não desviou o olhar nem parou de escrever, mas forçou a mente a ignorar os sons. O som, porém, ficou mais alto, mais próximo, era ouvido perto da porta e, por fim, dentro da sala. Ele olhou ao redor, viu e reconheceu o fantasma que lhe fora descrito. Estava parado e gesticulando, como se o chamasse. Atenodoro, por sua vez, fez um sinal que esperasse um pouco, e mais uma vez se curvou sobre suas notas e pena, enquanto o fantasma balançava as correntes sobre sua cabeça, enquanto ele escrevia. Ele olhou novamente e o viu gesticulando, como antes; então, sem esperar mais, pegou o candeeiro e o seguiu. O espectro se movia devagar, como se as correntes lhe fossem pesadas, e quando chegou ao pátio da casa, de repente sumiu, deixando Atenodoro sozinho. Com um pouco de grama e algumas folhas, ele marcou o lugar. No dia seguinte, procurou os magistrados, e os aconselhou que dessem ordens para cavar no local. Lá, eles encontraram ossos, deformados por causa das correntes, corroídos pelos grilhões, quando o tempo e a ação do solo haviam decomposto o corpo. Os ossos foram retirados e receberam um funeral público, e assim, com o descanso das sombras, a casa nunca mais foi visitada por elas. (Plínio, o Jovem, *Cartas* 7.27 tradução de B. Raidice [Middlesex: Penguin, 1963], 203-4).

17. Apolônio fala com os convidados:

Compreenderão melhor quando eu explicar que essa bela noiva é um daqueles demônios que as pessoas chamam de lâmia. Esses seres amam e apreciam os prazeres sexuais, mas gostam muito mais de comer carne humana, e usam a sedução dos sentidos para atrair suas vítimas, das quais pretendem se alimentar. “Segure a língua e saia desta casa!” gritou a noiva, fingindo estar horrorizada pelo que ouvira; e já começava a chamar todos os filósofos de tolos quando, de repente, toda a riqueza de taças de ouro e pratos de prata se desmanchou e desapareceu diante dos olhos de todos, e os cozinheiros e mordomos e demais criados evaporaram diante do exorcismo de Apolônio. Em seguida, a lâmia simulou um choro, e implorou-lhe que não a atormentasse nem a obrigasse a dizer que ela era; mas ele insistiu, não afrouxando a própria compulsão, até ela admitir que era uma lâmia e que estava engordando Menipo com guloseimas para que pudesse devorar-lhe o corpo, e que tinha o hábito de corpos que eram jovens e belos, pois seu sangue era imaculado (Filóstrato, *Live and Times of Apollonius of Tyana* 4.25 [Eells, 106]).

Encontraram o que parecia ser um velho mendigo, cujos olhos piscavam em malícia, maltrapilho e desgrehado, e levando consigo uma bolsa com migalhas de pão. Apolônio deteve os efésios em torno da visão e lhes ordenou: “Peguem todas as pedras que puderem, e joguem-nas contra essa coisa, que é detestável aos olhos dos deuses!” Os efésios ficaram perplexos com a ordem e permaneceram imóveis, pois pensavam que seria um crime matar um estranho já tão maltratado, pois ele implorava pela própria vida e pedia caridade. Apolônio insistiu na ordem de apedrejar o intruso e que não o deixassem escapar; até que, por fim, alguns que se encontravam fora do círculo começaram a jogar pedras no mendigo, o qual, até então piscando, arregalou os olhos em pura selvageria, como tochas incandescentes. Todos viram, então, que era um demônio, e o apedrejaram até formar uma grande pilha no lugar em que ele se encontrava. Após uma breve pausa, Apolônio ordenou que removessem as pedras e vissem que fera maligna eles tinham matado. Quando o fizeram, o mendigo que fora apedrejado tinha sumido e no lugar dele havia um mastim, grande como um leão, que fora esmagado pelas pedras e espumava pela boca como se fosse raivoso (*ibid.* 4.10 Eells, 96).



Os meios de atrair espíritos, suas adjurações e como expulsá-los



ão três os meios¹ pelos quais se podem atrair, conjurar ou expulsar espíritos.

Alguns deles são chamados do mundo elemental, como quando adjuramos um espírito por meio de coisas inferiores e naturais de afinidade com ou adversas a eles, podendo, assim, invocá-los ou expulsá-los com flores, ervas, animais, neve, gelo, inferno, fogo e coisas do gênero, acrescentando, às vezes, louvores divinos, bênçãos e consagrações, como na Canção das Três Crianças² e no salmo: “Louvai ao Senhor do alto dos Céus”,³ e na consagração e bênção do Sírio Pascal.⁴ Esse meio de atração afeta os espíritos com amor ou ódio, dependendo de tais espíritos apreciarem ou abominarem tais coisas, de acordo com a forma em que aparecerem. Nesse sentido, diz *Proclo* que, assim como o leão teme o galo, principalmente se for branco, também um espírito na forma de um leão desaparece quando vê um galo.⁵

O segundo meio é tirado do mundo celestial, isto é, quando os adjuramos pelo céu, pelas estrelas,

por seus movimentos, raios, luz, beleza, claridade, excelência, fortitude, influência e deslumbramento, e coisas assim: e esse meio de atração afeta os espíritos por meio de admoestação e exemplo. Também exerce um certo comando, particularmente sobre os espíritos ministrantes e aqueles que são das ordens mais baixas.

O terceiro meio de atração é do mundo intelectual e divino, aperfeiçoado pela religião. Isto é, quando juramos pelos sacramentos, pelos milagres, pelos nomes divinos, pelos selos sagrados ou mistérios da religião; esse é o meio mais alto e forte de todos, afetando o espírito por meio de comando e poder.

Mas deve-se observar que, de acordo com a providência universal, há uma providência específica; e de acordo com a alma universal, há almas específicas; assim, em primeiro lugar, invocamos pelos meios superiores e pelos nomes e poderes que regem as coisas, depois pelos inferiores e pelas coisas em si.

Devemos saber, ainda, que por tais meios, não só espíritos, mas todas as criaturas são atraídas, tais como

tempestades, incêndios, enchentes, pragas, doenças, força de armas e todos os animais, ou pela maneira como é feita a adjuvação ou por meio de depreciação ou benção; como no encantamento de serpentes, além do natural e celeste, recorrendo-se aos mistérios e à religião, a maldição da serpente⁶ no Paraíso terrestre, pelo levantamento⁷ da serpente no deserto; e também com o recurso do Salmos 91: “Pisarás o leão e a áspide,

calçarás aos pés o leãozinho e a serpente”.⁸

A superstição também prevalece nisso, por meio da translação de alguns ritos sacramentais para aquilo que pretendemos atrair ou impedir, como em excomunhão, funeral ou exéquias, usados para afastar doenças, serpentes, ratos ou vermes, o que, segundo lemos, já foi feito em diversas ocasiões, e certamente o será de novo.

Notas - Capítulo XXXIII

1. Observe como este capítulo reflete a obra de Agrippa em sua totalidade - a divisão entre natural, celestial e divino.

2. Canção das Três Crianças Sagradas 35-65.

3. Salmos 148:1.

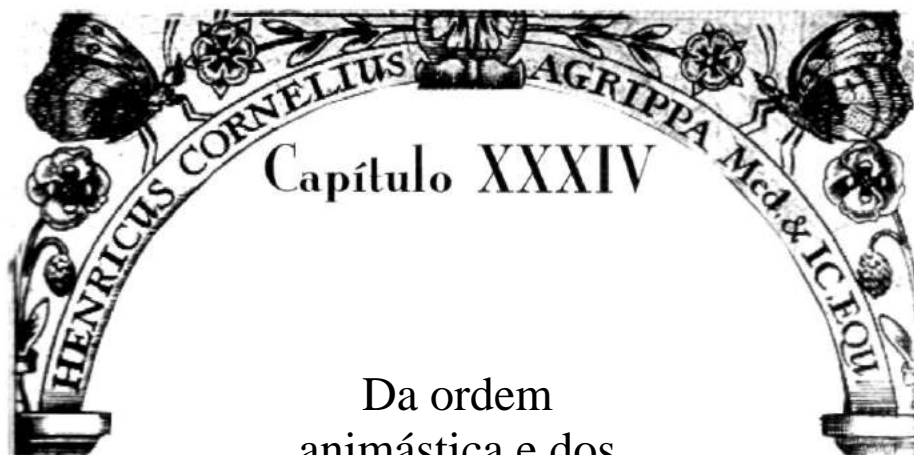
4. Na época de Agrippa, o sírio pascal tinha grande destaque nas celebrações da Páscoa da Igreja Romana. Tinha dimensões impressionantes - na catedral de Salisbury, em 1517, o sírio media cerca de 10,8 metros, e em Westminster, em 1558, pesava 136,20 quilos. Colocado geralmente no lado norte, pouco abaixo do primeiro degrau até o altar, ele ficava em um castiçal requintado. Na catedral de Durham, o próprio suporte era chamado de sírio pascal, e tinha 11,4 metros de altura. O fogo era renovado com pederneira na véspera da Páscoa. E de lá, três velas que formavam o lúmen Christi, e delas o sírio pascal propriamente. Ele simbolizava o Cristo vitorioso e ressuscitado, e ficava aceso até a oitava semana da Páscoa, e era cortado em pedaços, dos quais se faziam velas funerárias para os pobres. Simbolicamente, seu fogo continuava aceso o ano todo, personificado nas chamas das outras luzes na igreja.

5. Por isso se diz que um galo é muito temido, e até reverenciado, por um leão; e o motivo para isso não conseguimos encontrar na matéria ou nos sentidos, mas só na contemplação de uma ordem supernal. Pois, de fato, sabemos que a presença da virtude solar é mais compatível com um galo que com um leão... Às vezes, há também demônios com a parte frontal de um leão, os quais, se colocados de frente para um galo, desaparecem de repente; e isso ocorre porque essas naturezas que possuem uma posição inferior na mesma ordem sempre reverenciam seus superiores...” (Proclo, *De sacrificio et magia*, fragmento latino traduzido por Marsilius Ficinus, Veneza, 1497. Citado na íntegra por Taylor em Iamblicus, *Life of Pythagoras* [Taylor, 216]).


6. Gênesis 3:14.

7. João 3:14. Ver também II Reis 18:4.

8. Salmos 91:13.



Da ordem animástica e dos heróis

 pós as ordens dos espíritos abençoados, a seguinte é a animástica, que os teológicos hebreus chamam de Issim,¹ isto é, Homens Fortes e Poderosos; que os magos dos gentios chamam de heróis e semideuses, ou meio homens e meio deuses: os quais *Fulgêncio*, um autor que não deve ser desprezado, supunha serem chamados assim porque, graças à sua baixeza de caráter, não podiam ser julgado mercedores do céu e tampouco deviam ser considerados terrestres para a reverência da graça. Dessa espécie, na Antiguidade, eram *Priapo*,² *Hipo*,³ *Vertumnus*;⁴ ou por terem sido eminentes nesta vida por suas virtudes divinas e benefícios para a humanidade, após o corpo mortal ser deixado, são transladados à ordem dos deuses abençoados;⁵ sempre proporcionando aos homens mortais as mesmas virtudes e benefícios que haviam tido em vida: ou porque foram procriados a partir da semente secreta dos superiores, os quais pensam terem sido gerados pela mistura de deuses ou anjos e homens, obtendo, portanto, uma

natureza intermediária, de modo que não são anjos nem homens: mesma opinião, aliás, de *Lactantius*.⁶

E ainda hoje há quem mantenha um vínculo comercial e conjugal com espíritos; e todos hoje em dia creem que *Merlim*,⁷ um profeta bretão, fora filho de um espírito, tendo nascido de uma virgem: e também imaginam que *Platão*, o príncipe da sabedoria, nasceu de uma virgem, engravidada pelo fantasma de *Apolo*. E conta-se nas histórias que algumas mulheres dos godos (chamadas alumna), famosas por sua beleza e ingenuidade, há muito tempo em Filimire ou (como dizem outros) em Idanthresie, ao saírem das tendas do rei dos godos, foram passear pelos desertos da Cítia, na Ásia, além dos pântanos de Meotis, onde foram, então, engravidadas por faunos e sátiros, gerando assim os primeiros hunos.⁸ Além disso, lemos em *Psellus* que os espíritos às vezes lançam sementes, das quais nascem certas criaturas pequenas.

Esses heróis, portanto, não têm menos poder em dispor e reger essas coisas inferiores do que os deuses e anjos, e têm entre si suas dignidades e

ofícios distribuídos; e assim, são construídos para eles não menos templos, imagens e altares, assim como lhes são dedicados os mesmos sacrifícios, votos e outros mistérios. Seus nomes invocados tinham virtudes divinas e mágicas para a realização de alguns milagres. Como, de fato, afirmava *Eusébio*,⁹ muitos tentaram tais realizações invocando o nome de *Apolônio* de Tiana; e lemos mais do mesmo assunto tanto nos poetas quanto nos historiadores e filósofos, acerca de *Hércules*, *Atlas*, *Esculápio* e outros heróis dos gentios;¹⁰ mas são desatinos dos gentios.

Quanto aos nossos santos heróis, nós acreditamos que se destacam em poder divino, e que a alma do Messias¹¹ os governa (como também atestam os teólogos judeus); pois *Jesus* Cristo, por diversos de seus santos, como se fossem membros apropriados para esse propósito, administra e distribui diferentes dons de sua graça entre essas partes inferiores, e cada um dos santos desfruta um dom específico de trabalho. Assim, quando suplicamos e oramos a esses santos, de acordo com a múltipla distribuição de suas graças, cada um deles nos concede livremente suas dádivas, benefícios e graças com maior abundância que os poderes angelicais, uma vez que superiores a nós, e mais aliados à nossa natureza, pois no passado foram homens também, e sofreram afetações e enfermidades humanas; e seus nomes, graus e ofícios são-nos mais conhecidos.

Portanto, nesse número quase infinito, há 12 - a saber, os apóstolos de Cristo - que (como diz a verdade evangélica) se sentam em 12 tronos,¹² julgando as 12 tribos de Israel, que no Apocalipse se distribuem entre 12 fundações,¹³ como os 12 portões da cidade celestial, que regem os 12 signos, e são selados nas 12 pedras preciosas,¹⁴ e todo o mundo é distribuído entre eles; mas seus verdadeiros nomes são estes: o primeiro שמעון הכפ"י *Symehon Hacephi*, *Pedro*; o segundo אלעזר Alousi, a quem chamamos de *André*; o terceiro יצקבת Jahacobah, *Tiago* Maior; o quarto פולפוש Polipos, que chamamos de *Filipe*; o quinto ברביה Barachia, ou *Bartolomeu*; o sexto יונה Johanah, a quem chamamos de *João*; o sétimo é תמני Thammí, ou *Tomé*; oitavo se chama מדון Medon, a quem chamamos de *Mateus*; o nono é יצקב Jahacob, *Tiago* Menor; o décimo é כטיפה Catepha, ou *Tadeu*; o décimo primeiro, שמאם Saman, é *Simão* de Cananea; o décimo segundo, מתתיה Matattiah, é o que chamamos de *Matias*.¹⁵

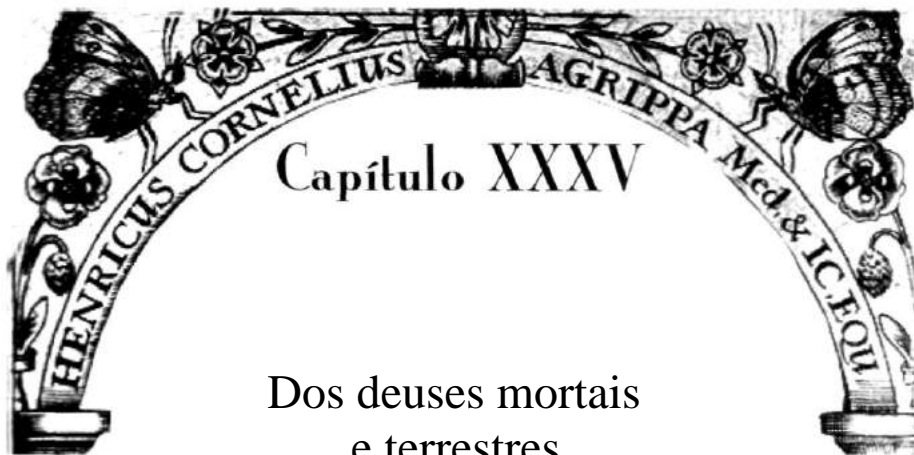
Depois deles vêm os 72 discípulos¹⁶ de Cristo, que também regem o mesmo número de quinários do céu e de tribos, povos, nações e línguas. E, derivados deles, segue-se uma inumerável multidão de santos, que também receberam diversos ofícios, lugares, nações e povos sob sua proteção e patronagem, cujos milagres mais aparentes diante das preces dos fiéis que os invocam, nós vemos em clareza e confessamos.

Notas - Capítulo XXXIV

1. Ver nota 26, cap. XVII, l. III.
 2. Filho de Dioniso e Afrodite. Por raiva de Afrodite, Hera fez com que ele se tornasse feio. Príapo é o deus da fertilidade universal, e por extensão o protetor dos rebanhos, abelhas, vinhas, jardins e peixes. Costumava ser representado na forma de uma herma carregando uma cornucópia ou foice, e de cor vermelha brilhante, o que lhe rendeu o nome de *rubicundus*.
 3. Uma das filhas de Oceano e Tétis, que “cuida de jovens rapazes em todo o mundo” (Hesíodo, *Teogonia* c. linha 350). Mas essa não deve ser a referência de Agrippa. Talvez ele falasse de Hippothoon, filho de Posêidon e da mulher mortal Alope. Hippothoon era um dos “heróis dos nomes”, que deram origem ao nome das dez tribos da Ática. Ele possuía uma estátua na Casa Redonda, como menciona Pausânias [*Guide to Greece* 1.5.2].
 4. Ou Vortumnus, que teria sido originalmente uma deidade etrusca levada a Roma pela antiga colônia vulsiniana que ocupava o Monte Célio. A ele era atribuído o poder de mudar de forma, e ele ganhou a mão de sua esposa, Pomona, transformando-se em um jovem bonito. Seu festival, o Vortumnália, era realizado em 23 de agosto e marcava a transição das estações. Sendo ele o deus da colheita, os primeiros lhe eram sacrificados.
 5. “E as almas humanas, quando alcançam o início de uma vida imortal, transformam-se em demônios, e dali passam para a dança coral dos deuses; isto é, a glória majestosa da alma” (*Corpus Hermeticum* 10.7 [Scott 1:191, 193]).
 6. Portanto, enquanto eles [os anjos] viviam entre os homens, o mais enganador governante da terra, por associação própria, aos poucos os incitou aos vícios, e os poluiu por meio de relações com mulheres. ... Mas a progênie destes, não sendo anjos nem homens, mas de uma natureza mista, não era admitida no inferno, assim como seus pais não eram mais admitidos no céu. Assim, passaram a existir duas espécies de demônios; uma espécie do céu e a outra da terra. A segunda é a espécie dos espíritos ímpios, autores de todos os males que são cometidos, e o mesmo diabo é seu príncipe. Daí a Trismegisto chamá-lo de governante dos demônios. Mas os gramáticos dizem que eles são chamados de demônios, ou *daemones*, isto é, habilidosos e familiarizados com as questões; pois pensam que estes são deuses (Lactancio, *Divine Institutes* 2.15 [*Ante-Nicene Christian Library*, 21:127]).
 7. Merlim foi gerado no ventre de uma jovem virgem por um demônio, para ser o anticristo. Mas o habilidoso Confessor da jovem batizou imediatamente a criança de origem antinatural, salvando-a para o Cristianismo. De seu pai demônio, Merlim herdou o poder da profecia.
 8. Pois nem Jornandes, que era bispo dos godos quando Justiniano era Imperador, hesitou em seu livro sobre a origem dos Getae em afirmar que havia na Cítia bruxas, chamadas em sua língua nativa de *Aliorumnae* [*Haliurinae*], conduzidas por Filimer, o rei dos godos, até os mais distantes desertos, onde eram abraçadas por espíritos impuros e davam à luz a anões horrendos e ferozes, dos quais nasceram, então, os hunos (Nicolas Remy, *Demonolatry* 1.6 [Ashwin, 17]). A obra citada por Remy é *De origine actibusque getarum*, escrita em 551 pelo historiador Jordanes (cujo nome mais correto, porém menos usado, é Jordanis, ou Jordannis). Filimer foi o sexto rei dos godos, que liderados por ele migraram para a Cítia e se estabeleceram na região que chamavam de Oium. Idanthysus era o rei-chefe dos citas na época de Dário (século VI a.C.).
 9. Ainda hoje, contudo, Jesus demonstra o valor de seu poder divino ao expulsar espíritos, bem como pela invocação de seu nome milagroso quaisquer demônios malignos ou perturbadores que atormentam a alma e o corpo do homem, e sabemos que isso é verdade, por experiência. Esperar tal eficácia do nome de Apolônio, ou sequer investigar a questão, é tolice (Eusébio, *Against the Life of Apollonius of Tyana by Philostratus* 4).
- “Em nossos dias, ainda há homens que afirmam que descobriram amuletos supersticiosos dedicados ao nome de Apolônio” (*ibid.*, 40; ambas citações minhas).
10. Outras, por outro lado, alegam poderes sobrenaturais a tais crianças, e afirmam que elas possuem alguns atributos de divindade, como os que os antigos costumavam atribuir aos seus heróis, os quais, segundo Luciano, não eram homens nem deuses, mas ambos. Temos uma prova total disso no que encontramos escrito sobre o nascimento de Cástor e Pólux, Baco, Alexandre,

Rômulo, Esculápio e outros semideuses: que foram gerados por aqueles que, na época, eram chamados de deuses, mas que nós chamamos de demônios, que se escondiam sob uma forma assumida e copulavam com as mães desses homens (Remy *Demonolatry* 1.4 [Ashwin, 20]).

11. MshlCh, משיח, o “príncipe ungido” (Daniel 9:25).
12. Mateus 19:28.
13. Apocalipse 21:14.
14. Apocalipse 21:19-20.
15. Observe a omissão de Judas do grupo. Seu lugar é ocupado por Matias, o 13º apóstolo. Ver Atos 1:26.
16. Lucas 10:1 O Rei Thiago disse “setenta”, mas Knox deu 72.



Dos deuses mortais e terrestres

Em seguida, existem os deuses mortais, que também chamamos de heróis, e os deuses terrestres, ou companheiros dos deuses superiores: reis, príncipes e sacerdotes, pelos quais este mundo é governado e disposto por suas leis, os quais como deuses recebemos, veneramos e reverenciamos, pois o próprio Deus comunicou Seu nome a eles, e por uma devida denominação o confirmou, chamando-os de deuses, como quando disse a *Moisés*: “Te constituí como Deus sobre Faraó”;¹ e em outra parte, eles lhes ordenou, “contra Deus não blasfemarás”;² e novamente, se o ladrão não for achado, o dono da casa será levado perante os [deuses];³ e o Salmista diz: “Os príncipes dos povos se reúnem, o povo de Deus de Abraão, porque a Deus pertencem os escudos da terra; ele se exaltou gloriosamente”.⁴ E ainda, Deus assiste na congregação divina; no meio dos deuses estabelece o seu julgamento;⁵ e pouco depois, “Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo”.⁶

Além disso, ele deu instruções também quanto à veneração e

reverência desses deuses, decretando dízimos e primeiros frutos a eles, e lhes dando o poder da espada, proibindo que qualquer pessoa os maldissesse, e ordenando obediência a eles, ainda que fossem perversos. Assim, na Antiguidade, sempre eram chamados os príncipes de deuses, sendo venerados como poderes divinos, como atesta *Janus*⁷ em *Ovídio*, em seu primeiro livro de *Fasti*, dizendo:

Quando a Terra dos deuses era poderosa,
Eu reinava

E as divindades se imiscuíam com os
seres humanos.

E Platão, em seu terceiro livro da República, indica que príncipes tanto vivos quanto mortos devem ser homenageados com honras divinas, instituição recebida entre todas as nações, desde a primeira era, ou seja: deificar seus príncipes com honras divinas e consagrá-los à eterna memória.⁸

E foi assim que impuseram, então, seus nomes imperecíveis a cidades, províncias, montanhas, rios, lagos, ilhas e mares; e a eles foram dedi-

cados, com grande pompa, pirâmides, colossos, arcos triunfais, troféus, estátuas, templos, peças, festivais; e também os céus, as estrelas, os dias e meses são chamados por seus nomes. Temos, por exemplo, janeiro, de *Janus*; julho de *Julius* [*Júlio César*]; agosto de *Augusto*; Mercúrio vem de *Mercúrio Trismegisto*; Jovis vem de *Júpiter*. Esse costume, lemos, era seguido não só pelos egípcios, gregos e romanos, mas também pelos extremos bárbaros, como os godos, daneses (dinamarqueses) e germanos.

Segundo o testemunho de *Saxo Grammaticus*, o dia a que os primeiros chamam Mercúrio, estes chamam de dia de Odim;⁹ o dia a que os primeiros chamam de Júpiter, estes o chamam de dia de Thor (Tor),¹⁰ derivado de *Odin* e *Thor*, em tempos passados, dos reis dos godos e da Dinamarca; não é, aliás, por nenhum outro motivo que são chamados de godos, uma vez que em sua língua nativa o deus-chefe era chamado de *Got*.ⁿ Os holandeses (em inglês, *Dutch*) também são assim chamados porque eles chamavam o deus *Marte*, o qual veneravam, de *Teuto*;¹² nome pelo qual os gauleses também chamavam *Mercúrio*.

Portanto, reis e sacerdotes (desde que justos) são companheiros dos deuses e dotados de semelhante poder. É por isso que conseguem curar

doenças por meio do toque e da palavra;¹³ e às vezes dominam o clima e os céus, como canta *Virgílio*,¹⁴ acerca de *Augusto*:

Chove a noite toda, pela manhã os raios de sol voltam;

César com Júpiter divide o trono.

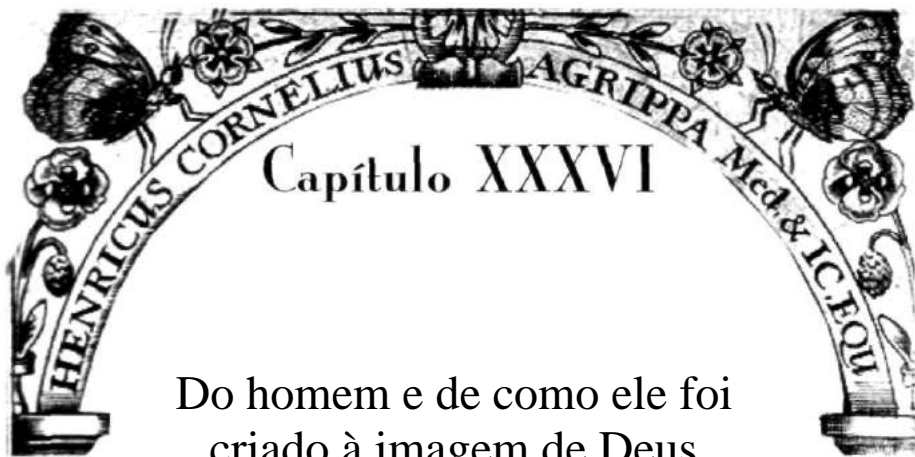
E a Escritura fala de Josué, que enquanto lutava em Gibeom, comandou o Sol e a Lua, dizendo: “Sol, detém-te em Gibeom, e tu, Lua, no vale de Aijalom”.¹⁵ E o Sol e a Lua lhe obedeceram: não se movendo durante um dia, até ele se vingar de seus inimigos; também *Moisés* dividiu o mar Vermelho,¹⁶ e *Josué* o Jordão,¹⁷ deixando ao povo caminhos sobre terra seca; o mesmo fez *Alexandre*, o macedônio, conduzindo seu exército.¹⁸

Às vezes, eles também são agraciados com um espírito profético, como lemos de *Caifás*¹⁹ na Sagrada Escritura, quando ele profetiza, pois era o sumo sacerdote daquele ano.

Vendo, portanto, que o Senhor da Terra deseja que os reis e sacerdotes sejam chamados de deuses por meio de comunicação de nome e poder, sem dúvida nos cabe reverenciá-los e prezá-los, preferindo o julgamento deles ao nosso, e simplesmente lhes obedecendo, deles suplicando e adorando-os, e venerando com toda a reverência o Deus altíssimo neles presente.

Notas - Capítulo XXXV

1. Êxodo 7:1.
2. Êxodo 22:28.
3. Êxodo 22:8.
4. Salmos 47:9.
5. Salmos 82:1.
6. Salmos 82:6.
7. “Então, eu também reinava, quando a terra podia receber os deuses, e as divindades se misturavam entre as moradas dos homens” (Ovídio, *Vasti* 1, linhas 247-8 [Riley, 19]). O significado é que os deuses podiam tolerar a Terra antes da poluição do pecado humano.
8. Depois de terem ensinado continuamente outros assim, para serem como eles, e de os terem deixado como guardiões da cidade, na vez deles retirar-se-ão para habitar nas Ilhas dos Bem-Aventurados. A cidade erigir-lhes-á monumentos e sacrifícios públicos, na qualidade de divindades, se a Pítia o autorizar; caso contrário, de bem-aventurados e divinos (Platão, *A república* 8.540b).
9. Odim ou Woden, em inglês *Wednesday*, quarta-feira.
10. Em inglês *Thursday*, quinta-feira.
11. Quanto ao nome “godo” (goth), Brewer comenta: “Em islandês, *got* (um cavaleiro); daí *Woden* - isto é, *Gothen*. Sem dúvida, *got*, cavaleiro montado, em inglês - *good* (bom) - e o nome sagrado de Deus (em inglês, *God*) devem remontar a *got* ou *guth*, sendo a ideia teutônica a de que Deus era um poderoso guerreiro” (Brewer 1870, 357).
12. Mais uma vez, Brewer. “Thuafh-duiné (homens do norte). A palavra inglesa *Dutch* (holandês/holandeses) e a alemã *Deutsch* (alemão) são variações da mesma palavra original, escrita *Theodisk*” (*ibid.*, 884-5).
13. Escrófula era uma doença chamada de mal do rei, porque se acreditava que o toque real era capaz de curá-la. A última pessoa “tocada” na Inglaterra foi o doutor Samuel Johnson, com a idade de 2,5 anos, pela rainha Anne, em 1712. Os reis franceses também alegavam tal poder desde a época de Ana de Clóvis (481 d.C). Em um domingo de Páscoa, em 1686, Luís XIV tocou 1.600 pessoas, dizendo ao mesmo tempo: “*Le roy te touche, Dieu tegnerisse*” (O rei o toca, Deus o cura).
14. Essa citação não é de Virgílio.
15. Josué 10:12-3.
16. Êxodo 14:21
17. Josué 3:17.
18. Encorajado por esse acidente, ele [Alexandre] se empenhou em reduzir os portos marítimos da Cilícia e Fenícia, e conduziu seu exército ao longo da costa de Panfília, com tamanha destreza que muitos historiadores descrevem o feito e o exaltam com admiração, como se fosse nada menos que um milagre, e um extraordinário efeito de privilégio divino, que as ondas, normalmente tão violentas, não dando alento entre as ranhuras dos penhascos em momento algum, permitissem-lhe passagem (Plutarco, “*Life of Alexander*”. Em *Lives* [Dryden, 812-3]).
19. João 11:49-51.



Do homem e de como ele foi criado à imagem de Deus



Deus mais abundante (como dizia *Trismegisto*)¹ criou duas imagens como a si mesmo, a saber, o mundo e o homem, para que em um pudesse se manifestar por meio de certas operações extraordinárias; mas, no outro, para desfrutar seus prazeres.

Sendo ele um, criou um mundo; sendo infinito, fez o mundo redondo; sendo eterno, criou o mundo incorruptível e eterno; sendo ele imenso, fez do mundo a maior de todas as coisas; sendo a vida principal, adornou o mundo com sementes vitais, gerando todas as coisas a partir de si; sendo onipotente, apenas por Sua vontade e não por necessidade da natureza, Ele criou o mundo, não de uma matéria já existente, mas do nada; e sendo o centro de todo o bem, abraçando Sua palavra, que é a primeira ideia de todas as coisas, com Sua vontade prima e amor essencial, Ele produziu este mundo externo de acordo com o exemplo do interno, isto é, ideal, não necessariamente enviando a essência de Sua ideia, mas criando do nada para a eternidade, por meio da Ideia.

Deus também criou o homem à Sua imagem; pois assim como o mundo é a imagem de Deus, também o homem é a imagem do mundo. Por isso, alguns pensam que se diz que o homem não é criado apenas à imagem de Deus, mas também à imagem da imagem, sendo chamado, portanto, de microcosmo, que é o mundo menor.

O mundo é uma criatura racional, imortal; o homem também é racional, porém mortal, ou seja, dissolvível; pois (como dizia *Hermes*),² uma vez que o mundo é mortal, é impossível que qualquer parte possa perecer. Morrer, portanto, é um nome vão, e assim como o vácuo não existe em parte alguma, tampouco existe a morte; quando dizemos que um homem morre, quando sua alma e corpo se separam, não queremos dizer que alguma parte dele perece de fato ou se converte em nada.

Entretanto, a verdadeira imagem de Deus é Sua palavra.³ A sabedoria, vida, luz e verdade existem por causa d'Ele, daquele cuja imagem a alma do homem é a imagem, segundo a qual se diz que somos feitos à imagem de Deus, não do mundo ou das

criaturas; pois, assim como Deus não pode ser tocado, nem percebido pelos ouvidos nem visto pelos olhos, também a alma do homem não pode ser vista, ouvida ou tocada. Assim como o próprio Deus é infinito e não pode ser comandado por coisa alguma, a mente do homem também é livre e não pode ser restringida ou limitada. Além do mais, Deus compreende todo este mundo, e tudo o que há nele, em sua mente, a mente do homem também o compreende no pensamento;⁴ e o que lhe é peculiar em Deus, assim como Deus move e governa todo este mundo por sua vontade, a mente do homem governa e rege o próprio corpo.

Era, portanto, necessário que a mente do homem assim selada pela Palavra de Deus fosse revestida também do homem corpóreo, segundo o mais completo exemplo do mundo; e por isso o homem é chamado de o outro mundo e a outra imagem de Deus, pois tem em si tudo o que está contido no mundo maior, de modo que nada existe sem existir de fato no próprio homem, e todas as coisas realizam os mesmos deveres nele como no mundo maior.

Existem no homem os quatro elementos, com as mais verdadeiras propriedades de sua natureza, e nele há um corpo físico, o veículo da alma em proporção correspondente ao céu: há nele a vida vegetativa das plantas, os sentidos dos animais, dos espíritos celestiais, a razão angelical e a compreensão divina, e a verdadeira conjunção, e a posse divina de todas as coisas fluindo em uma.

Assim, em letras sagradas, o homem é chamado de toda criatura, e sendo o homem outro mundo, compreende todas as parte de tal mundo,

e ainda recebe e contém em si o próprio Deus. Daí a *Xisto*,⁵ o pitagórico, dizer que a alma do homem é o templo de Deus; ideia também transmitida por *Paulo*, em termos claros, dizendo que somos o templo de Deus;⁶ e a mesma Escritura Sagrada atesta em muitos lugares: o homem é, portanto, a imagem manifesta de Deus, já que contém em si todas as coisas que são em Deus.

Mas Deus, por certa eminência, contém todas as coisas por meio de seu poder, como causa e princípio de todas as coisas; transmitiu, porém, esse poder ao homem, para que este pudesse, do mesmo modo, conter todas as coisas, mas por certo ato e composição, ser como um nó, um elo, um vínculo entre todas as coisas.

O homem, portanto, pode regozijar nessa honra de ser semelhante a tudo, operar em tudo e com tudo conversar: ele se simboliza com a matéria da maneira devida; com os elementos em um corpo de natureza quádrupla; com as plantas em uma virtude vegetativa; com os animais em uma faculdade sensível; com os céus em um espírito etéreo, e num influxo das partes superiores sobre as inferiores; com os anjos em compreensão e sabedoria; com Deus, por conter em si todas as coisas; com Deus e com as inteligências ele é preservado pela fé e sabedoria; com os céus e as coisas celestes, pela razão e pelo discurso; com todas as coisas inferiores, pelo sentido e domínio; e age com tudo, e tem poder sobre tudo, até sobre o próprio Deus, conhecendo-o e amando-o.

E assim como Deus conhece todas as coisas, também o homem pode conhecer todas as coisas inteligíveis, vendo que tem como objeto essencial,

*Ens*⁷ em geral, ou (como dizem outros) a Verdade em si; tampouco se encontra coisa alguma nele, ou disposição alguma, na qual não brilha algo da divindade; assim como não há em Deus coisa alguma que não seja representada no homem.

Aquele, portanto, que se conhecer, conhecerá todas as coisas em si mesmo; de como particular, Deus, à cuja imagem ele foi feito; conhecerá o mundo, semelhança do qual ele traz em si; conhecerá todas as criaturas, com as quais se simboliza; e que conforto ele pode ter e obter das pedras, plantas, animais, elementos, céus, espíritos, anjos e todas as coisas, em seu tempo, lugar, ordem, medida, proporção e harmonia, podendo tudo atrair para si, como a magnetita.

E *Geber*, em sua *Suma de Alquimia*,⁸ ensina que nenhum homem pode atingir a perfeição dessa arte sem reconhecer os princípios dela em si mesmo, só assim obtendo o poder maior de atração, e o poder ainda maior de operar coisas maiores e mais extraordinárias, ascendendo a tão grande perfeição que se torna o filho de Deus, e é transformado naquela imagem que é Deus, e a ele se une, o que não é possível para os anjos, para o mundo ou qualquer outra criatura; ou seja, só o homem tem o poder de se tornar o filho de Deus e a ele se unir.

Mas, se o homem se unir a Deus, todas as coisas nele contidas também se unem, principalmente sua mente, pois espíritos e poderes animais, e a faculdade vegetativa, e os elementos são para a matéria, atraindo consigo o próprio corpo, que, mudando de forma, se desenvolve em uma condição melhor, adquirindo uma natureza divina até ser glorificado em

imortalidade. E esse é aquele dom especial do homem, a quem é devida essa dignidade da imagem divina, não existente em nenhuma outra criatura.

Alguns teólogos,⁹ porém, consideram que esses poderes da memória, compreensão e vontade do homem são a imagem da divina Trindade; e alguns vão mais longe, colocando essa imagem não só nessas três faculdades a que chamam de atos primeiros, mas também em atos secundários; e assim como a memória representa o Pai, a compreensão o Filho, a vontade o Espírito Santo, a palavra produzida por nossa compreensão, e o amor fluído de nossa vontade, e a própria compreensão tendo um objeto presente e produzindo-o, manifestam o Filho, o Espírito e o Pai.

E os teólogos mais misteriosos ensinam ainda que todos os nossos membros representam algo em Deus cuja imagem nós temos; e que até em nossas paixões nós representamos Deus, mas por uma certa analogia: pois na palavra sagrada nós lemos a respeito da fúria, do arrependimento, complacência, amor, ódio, prazer, deleitação, indignação de Deus, e coisas do gênero, e também falamos dos membros de Deus, congruentes nesse contexto.

Mercúrio Trismegisto, confessando a divina Trindade, descreve-a como Compreensão, Vida e Brilho, ou como a Palavra, a Mente e o Espírito, e diz que o homem feito à imagem de Deus representa a mesma Trindade; pois há nele um mente compreensiva, uma palavra pensante, e um espírito, como um brilho divino se difundindo por todos os lados, preenchendo todas as coisas, movendo e tecendo tudo em união.¹⁰

Mas não se entenda, com isso, o espírito natural que é o meio pelo qual a alma se une à carne e ao corpo, permitindo assim que o corpo viva e atue; e um membro age sobre outro, de cujo espírito falamos no primeiro livro. Tratamos aqui do espírito natural, que de certa forma é também corpóreo, embora não tenha um corpo denso, tangível e visível, mas sim um corpo sutil e fácil de se unir à mente, isto é, aquela superior e divina que existe em nós; que ninguém se surpreenda se dissermos que a alma racional é esse espírito, e uma coisa corpórea, ou que ela tem ou favorece alguma corporalidade enquanto está no corpo e a usa como instrumento, compreendendo-o, os platônicos chamam de corpo etéreo da alma, e sua carruagem.¹¹

Portanto, *Plotino*¹² e todos os platônicos, seguindo *Trismegisto*, de modo semelhante, colocam três coisas no homem, às quais denominam o supremo, o inferior e o meio.

O supremo é aquela coisa divina a que eles chamam a mente, ou porção superior, ou intelecto iluminado. *Moisés*, no Gênesis, a chama de sopro da vida,¹³ ou seja, o sopro de Deus ou seu espírito inspirado em nós.

O inferior é a alma sensível que também é chamada imagem: *Paulo*, o apóstolo, a chama de homem animal.¹⁴

O meio é o espírito racional que une os dois extremos - a alma animal à mente - favorecendo a natureza dos dois extremos; contudo, difere do supremo, que é chamado intelecto iluminado, a mente, a luz, a porção suprema; também difere da alma animal, da qual, segundo o apóstolo nos ensina, devemos separá-lo, pelo poder da palavra de Deus: a palavra de Deus é

viva e penetrante, mais penetrante que uma espada de dois gumes; capaz até de dividir a alma e o espírito.¹⁵

Enquanto essa porção suprema jamais peca, jamais se rende ao mal, sempre resiste ao erro e exorta as melhores coisas, a porção inferior, a alma animal, está sempre envolta pelo mal, pelo pecado e pela concupiscência, e é atraída para as piores coisas, sobre as quais fala o apóstolo *Paulo*: “mas vejo, nos meus membros, outra lei, que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado”.¹⁶ A mente - a porção suprema -, portanto, jamais é condenada; mas quando seus companheiros devem ser punidos, segue ilesa para seu original; mas o espírito, que *Plotino* chama de alma racional,¹⁷ que por sua natureza é livre e pode, a seu bel-prazer, ligar-se a qualquer dos dois, se aderir com constância à porção superior, será imediatamente unida e embelezada junto a ela, até ser assumida por Deus; se aderir à alma inferior, será depravada e se tornará má até se transformar em um espírito vil. Mas no que toca à mente e ao espírito, já discorremos o suficiente.

Agora, abordemos a fala ou a palavra. *Mercurius* acredita que ela tem o mesmo valor da imortalidade; pois a fala ou palavra é aquilo sem o qual nada é e nem pode ser feito; pois ela é a expressão da que expressa e das coisas expressas; e a fala do orador, e aquilo que fala, é a fala ou a palavra; e a concepção de quem concebe e aquilo que concebe é a palavra; e a escrita do escritor e aquilo que escreve é a palavra; e a formação do formador e aquilo que forma é a palavra; e a criação do criador e aquilo que cria é a palavra; e o ato de quem o

prática e a coisa praticada é a palavra; e o conhecimento daquele que sabe e a coisa conhecida é a palavra; e tudo o que pode ser falado é a palavra, e é chamada igualdade, pois se apresenta a todos de maneira igual; assegurando que uma coisa não é mais do que outra; dando a todos de maneira igual, de modo que um não seja nem mais nem menos que o outro; e sendo ela mesma racional, torna racional a si mesma e todas as coisas, assim como a luz torna visível a si e todas as coisas.

Portanto, a palavra é chamada por *Mercurius* de filho luminoso da mente;¹⁸ pois a concepção pela qual a mente concebeu a si mesma é a palavra intrínseca gerada da mente; ou seja, o conhecimento de si mesma; mas a palavra extrínseca e vocal é a filha e a manifestação dessa Palavra, e um espírito que procede da boca com som e voz, significando algo: mas cada voz nossa, fala e palavra, a menos que seja formada pela voz de Deus, se mistura ao ar e desaparece; mas o espírito e a palavra do Senhor permanecem, acompanhados de vida e sentido.

Assim, toda a nossa fala, nossas palavras, espírito e voz, não têm poder em magia, a menos que sejam formados pela palavra divina: *Aristóteles*, em seu “*Meteors*”,¹⁹ e no fim de sua *Ética*,²⁰ confessa que não há nenhuma virtude, natural ou moral, a não ser por meio de Deus; e em “*Secret Tenets*”,²¹ afirma que, se nosso entendimento for bom e sensato, podemos fazer muitas coisas com os segredos da natureza se a influência do poder divino estiver presente; caso contrário, não poderemos fazer absolutamente nada. Nossas palavras também podem realizar muitos milagres, se

forem formadas pela palavra de Deus, na qual a nossa geração universal se torna perfeita, como diz *Isaías*,²² por tua permissão, “Ó Senhor, nós concebemos, como as mulheres concebem pela permissão de seus maridos, e geramos o Espírito”.

Entendimento semelhante é o encontrado entre os ginosophistas da Índia; ou seja, que *Buda*, um príncipe que tinha a mesma opinião, deu origem a uma virgem, nascida de sua costela; e entre os muçulmanos existe uma forte crença de que muitos, chamados na língua deles *Nefesohli*, nascem de um modo oculto, por vontade divina, sem cópula carnal. A vida deles é, por conseguinte, maravilhosa e impassível, ao mesmo tempo angelical e sobrenatural; mas deixemos essas trivialidades de lado.

Somente o Rei Messias - a palavra do Pai feita carne, Cristo *Jesus* - revelou esse segredo, e o manifestará no tempo devido; portanto, uma mente muito semelhante à dele (como declama *Lazarillus* em “*Crater of Hermes*”):²³

Deus me revelou que como divindades
 Ele pode gerar deuses com capacidade.
 Feliz aquele que conhece seu valor, e
 como
 Ele é igual aos deuses acima!
 Eles reprimem o perigo, fazem as
 doenças desaparecer,
 Eles têm presságios, e da miséria
 Livram os homens, recompensam os
 bons, e aos maus
 Castigam; e assim fazem a vontade de
 Deus Altíssimo.

Aqueles que não são nascidos do desejo da carne, nem do homem nem da mulher, mas de Deus; uma gera-

ção universal na qual o Filho é como o Pai em todas as maneiras; e na qual aquilo que é gerado é da mesma espécie daquele que gerou; e esse é o poder da palavra formada pela mente, e recebida pela pessoa corretamente disposta, como semente na matriz para geração: mas eu digo, disposta e corretamente recebida, porque nem todos participam da palavra da mesma maneira, mas alguns de forma diferente; e esses são os mais ocultos segredos da natureza que não devem ser publicados.

Notas - Capítulo XXXVI

1. Pois há duas imagens de Deus: o Cosmo é uma e o homem é a outra; sendo que ele, assim como o Cosmo, é um único todo criado de partes diversas (*Asclépio* 1.10 [Scott, 1:305]).

...quando, eu digo, Deus criou esse ser [Cosmo], sua primeira e única criação, e quando viu que o ser que fizera era belo e totalmente preenchido com todas as coisas boas, ele se alegrou e o amou com intensidade, como a seu próprio filho. Por isso, sendo sábio e bom, ele desejou que existisse outro que tomasse conta do ser que havia gerado; e nesse ato de vontade, criou o homem, para ser um imitador de sua sabedoria e cuidado paternal (*ibid.* 1.8 [Scott, 1:301]).

Pois é a função do homem contemplar as obras de Deus; e por essa razão ele foi criado; para que veja o universo com admiração e conheça seu Criador (*Corpus Hermeticum* 4.2 [Scott, 1:151]).
2. “Pois vendo que o Cosmo é o segundo Deus, e um ser imortal, é impossível que uma parte daquele ser imortal morra; e tudo no Cosmo é parte do Cosmo” (*Corpus Hermeticum* 8. *Ibid* [Scott, 1:175]).
3. Uma referência ao Lógos (em grego: λόγος - palavra, fala, discurso, razão). Os neoplatônicos e os estoicos usaram o termo para se referir à Inteligência do Cosmo, um tipo de mediador entre Deus e o mundo. O apóstolo João adotou esse termo técnico grego para se referir de modo específico à segunda parte da Trindade - Cristo (João 1:1, 14).
4. Ordene à sua alma que viaje a qualquer lugar de sua escolha e, assim que der a ordem, ela estará lá. Ordene que ela passe da terra para o oceano, e ela fará isso com a mesma velocidade; ela não se moveu como uma pessoa se move de um lugar para outro; mas *está* lá. Ordene-a que voe ao céu, e ela não precisará de asas; nada pode impedir seu caminho, nem o calor incandescente do Sol, nem o redemoinho dos planetas-esferas; abrindo seu caminho em meio a tudo, ela voará até chegar ao ponto mais externo de todas as coisas corpóreas. E se você desejar alcançar o próprio universo e ver as coisas fora do Cosmo (se de fato existir alguma coisa fora do Cosmo), mesmo isso lhe é permitido (*Corpus Hermeticum* 11(2). 19 [Scott, 1:221]).
5. Talvez Sexto. “Você tem dentro de si algo semelhante a Deus, e por isso use a si mesmo como o templo de Deus, pois você é semelhante a Deus” (*Select Sentences of Sextus the Pythagorean*. Em *Life of Pythagoras*, Iamblichus [Taylor, 192]).
6. I Coríntios 3:16.
7. Do latim *esse*: ser. Entidade, no sentido original de ser essencial, ou existência real.
8. *Summa perfectionis meagisterii*. Ver nota biográfica sobre Geber.
9. Ver Agostinho, *De trinitate* (A trindade) 10.2; também Aquino, *Suma teológica* 77.1.1;
10. “Aprenda meu significado”, disse ele [Poimandres], ‘observando o que você tem em si mesmo; pois em você também, a palavra é o filho, e a mente é o pai da palavra. Elas não estão separadas uma da outra, pois a vida é a união da palavra e da mente’” (*Corpus Hermeticum* 1.6 [Scott, 1:117]).
11. Para a longa alegoria de Platão a respeito da alma como uma carruagem alada, ver *Fédon* 246-56
12. Plotinus

13. Gênesis 2:7.

14. Talvez I Coríntios 15:32.

15. Hebreus 4:12.

16. Romanos 7:23

17. “A alma inferior deve sempre se esforçar para ter na memória as atividades da superior; de modo especial quando ela mesma é de boa qualidade, pois sempre haverá algumas que são melhores logo de início e são melhoradas aqui pela orientação da superior” (Plotino, *As Enéadas* 4.3.32 [Mackenna, 3:46]).

18. ‘Essa Luz’, ele disse [Poimandres], ‘sou eu, Mente, o primeiro Deus, que existia antes da substância aquosa que surgiu das trevas; e a Palavra que surgiu da Luz e o filho de Deus.’” (*Corpus Hermeticum* 1.6 [Scott, 1:117]). Ver também a nota 10 deste capítulo.

19. *De meteoris* (A Meteorologia).

20. *A Ética a Nicômaco* 10.9.1179b, linhas 20-30.

21. *Secretam secretorum* de pseudo-Aristóteles, que M. Gaster chamou de “O livro mais popular da Idade Média” (“Introduction to a Hebrew version of the Secret of Secrets”, *Journal of the Royal Asiatic Society*, 1908, P. II, pp.1065-84). Existiam pelo menos 207 manuscritos em latim em circulação e muito mais em outras línguas. Foi publicado várias vezes antes de 1500. A obra consiste em uma coletânea de informações sobre astronomia, alquimia, encantamentos, geomancia, medicina, governo e “algo útil a respeito de quase todas as ciências”. Ela foi supostamente escrita por Aristóteles a pedido de Alexandre. Ver Thorndike, 2:267-76.

22. Não encontrei essa passagem em Isaías.

23. *Crater Hermetis*; uma obra escrita em 1494, ou um pouco antes desse ano, por Ludovico Lazzarelli, um contemporâneo de Agrippa (ver sua nota biográfica). Foi publicada por Lefevre d’Etaples em sua edição parisiense de 1505, com vários escritos herméticos, e consiste em um diálogo entre Lazzarelli e o rei Fernando de Aragão. Por meio de uma série de hinos místicos, o rei é preparado para a revelação de um mistério sagrado envolvendo a técnica de criação de um deus insinuada por Hermes Trismegisto em seu *Asclépio* (ver Scott [1924] 1985, 1:339-40). D.P.Walker acredita que Lazzarelli falava a respeito da criação de um deus demônio familiar, por um mestre oculto para seu discípulo - ver seu *Spiritual and Demonic Magic from Ficino to Campanella* (University of Notre Dame Press, 1975), 70-1. A obra foi muito influenciada pelos *Hinos de Orfeu*. A cratera de Hermes, referida no título, é a vasilha para mistura, cheia com a mente, que Deus enviou à Terra, e para a qual convidou todos os corações humanos a mergulhar se desejassem obter uma porção da gnose. (Ver *Corpus Hermeticum* 4.4 [Scott, 1:51]).



alma do homem é uma certa luz divina, criada segundo a imagem do mundo, a causa das causas e o primeiro exemplo, e a substância de Deus; delineada por um selo cujo caráter é a palavra eterna. A alma do homem também é uma certa substância divina, individual e presente em plenitude em cada parte do corpo, produzida de tal modo por um autor incorpóreo que depende apenas do poder do agente, e não do seio da matéria.

A alma é um número substancial, uniforme, que converte¹ a mesma; é racional e superior em excelência a todos os corpos e coisas materiais; a separação dela não se faz de acordo com a matéria nem procede de coisas inferiores e rudes, mas da causa eficiente; pois não se trata de um número quantitativo, mas está fora de todas as leis corpóreas, não sendo dividida nem multiplicada por partes. Portanto, a alma do homem é uma certa substância divina, fluindo de uma fonte divina e levando consigo um número: não aquele número divino pelo qual o Criador dispôs

todas as coisas, mas um número racional por meio do qual, uma vez que tem uma proporção para todas as coisas, a alma pode entender todas elas.

Assim, sendo a alma do homem dessa natureza, segundo a opinião dos platônicos, e procedendo imediatamente de Deus, ela se une por meios competentes a esse corpo denso,² de onde, a princípio em sua decida, ela é envolta por um corpo celestial e aéreo, que é chamado por alguns de veículo celestial da alma e por outros a carruagem da alma.³ Através desse veículo do meio, pelo comando de Deus, que é o centro do mundo, a alma é pela primeira vez infundida no ponto do meio do coração, que é o centro do corpo do homem, e daí é espalhada para todas as partes e membros de seu corpo, e aí une sua carruagem ao calor natural, sendo um espírito gerado pelo coração por meio do calor; por esse meio ela mergulha nos humores, tornando-se inerente a todos os membros e ficando igualmente próxima de todos eles, embora seja difundida de um para o outro, mesmo que o calor do fogo a

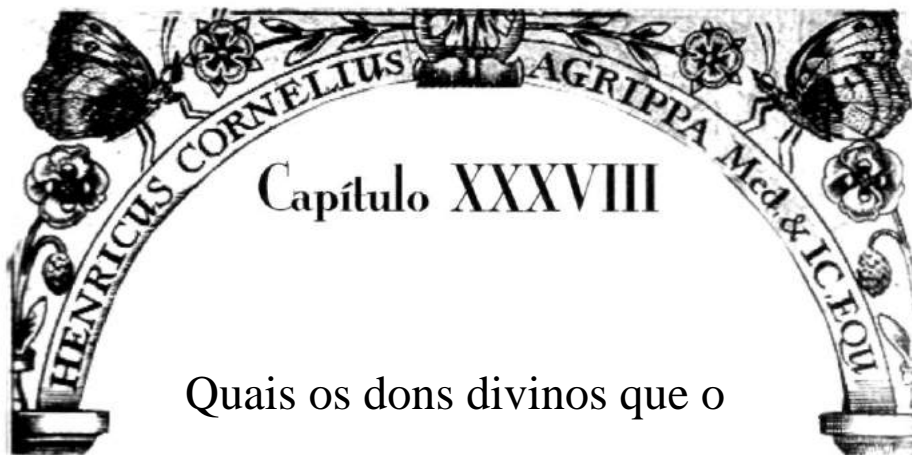
deixe mais próxima do ar e da água. Assim se manifesta o modo como a alma imortal, por meio de um corpo imortal - ou seja, um veículo etéreo - é inserida em um corpo denso e mortal.

Mas quando, por doença ou malícia, esses veículos do meio são dissolvidos ou falham, então a própria alma, por meio desses veículos, se recolhe e flui de volta para o coração

que foi seu primeiro receptáculo; mas, falhando o espírito do coração e extinto o coração, a alma o deixa e o homem morre, e a alma parte com seu veículo celestial; e o gênio, seu guardião, e o demônio⁴ a seguem, levando-a ao juiz,⁵ e então a sentença é pronunciada. Deus calmamente conduz as boas almas à glória; as ruins são arrastadas à punição pelo Diabo feroz.

Notas - Capítulo XXXVII

1. Tem o poder de conversão. Ver Aquino, *Summa contra gentiles* 2.4.
2. Ver Platão, *Timaeus* 42e-43a (Hamilton and Cairns, 1171).
3. Ver nota 11, cap. XXXVI, l. III.
4. Os espíritos bom e mau indicados designados por toda a vida para cada alma humana (ver Orígenes *De principiis* 3.2.4). Após a morte, eles aparecem perante o juiz das almas (ver nota seguinte) e disputam qual deles assumirá a responsabilidade.
5. Após a alma deixar o corpo, haverá um julgamento e uma investigação de seus merecimentos. A alma ficará sob o poder do chefe dos demônios. Quando ele considera uma alma devota e justa, permite que ela habite uma região adequada a seu caráter; mas, se verificar que ela está tomada pelas marcas do pecado e corrompida por vícios (incuráveis), ele a lança para baixo e a entrega às tempestades e redemoinhos daquela porção do ar que está em conflito frequente com o fogo e a água, para que a alma vil sofra punição eterna, sendo sempre açoitada e jogada entre o céu e a terra pelas ondas de matéria cósmica (*Asclépio* 3.28 [Scott, 1:367]). Ver nota 36, cap XVIII, l. III.



Quais os dons divinos que o
homem recebe do alto, vindos
das várias ordens de
inteligências e dos céus



odos os poderes são difundidos para o homem da fonte suprema do bem,¹ pelos sete planetas, como se eles fossem instrumentos.

De Saturno, uma contemplação divina e um entendimento profundo; solidez de julgamento; especulação firme; estabilidade e uma resolução inamovível.

De Júpiter, uma prudência imperturbável; temperança; benignidade; piedade; modéstia; justiça; fé; graça; religião; equidade; clemência; realeza.

De Marte, verdade; ausência de medo; coragem e força constantes; um desejo fervoroso de animosidade; o poder de ato e a prática; e uma inconversível veemência da mente.

Do Sol, nobreza da mente; perspicuidade da imaginação; a natureza do conhecimento e opinião; maturidade; conselho; zelo; luz da justiça; razão e julgamento ao distinguir o certo do errado; luz extraída em meio às trevas da ignorância; a glória da

verdade descoberta; e caridade, a rainha de todas as virtudes.

De Vênus, um amor fervoroso; a esperança mais doce; o movimento do desejo; ordem; concupiscência; beleza; doçura; desejo de autocrescimento e propagação.

De Mercúrio, fé e crença penetrantes; raciocínio claro; o vigor de interpretar e pronunciar; seriedade da fala; agudeza de intelecto; discurso da razão; e os suaves movimentos dos sentidos.

Da Lua, uma consonância pacificadora; fecundidade; o poder de gerar e crescer, de aumentar e diminuir; e uma temperança moderada; e a fé no fato de que a familiaridade com as coisas manifestas e ocultas dá direcionamento a tudo; também o movimento da Terra para a vida e o crescimento de si e dos outros.

Mas essas influências são principalmente extraídas das sete inteligências,² que estão diante de Deus, que dispôs à alma o trono dessas virtudes; mas os planetas apenas dispõem o corpo, dando uma aparência tratá-

vel proporcionada e temperada para todas as coisas boas; e eles são como os instrumentos das inteligências; mas Deus, como a causa primária, confere a influência e o crescimento a tudo.

Aqueles, portanto, que buscaram as virtudes e diversas disposições da alma, acreditam de fato que obtêm naturezas diversas, em razão da diversidade de meios, e que essas almas não estão unidas aos corpos, a menos que estes sejam proporcionados por esses astros.³ Assim, em um corpo, com um temperamento influenciado por Júpiter, eles acreditam que a alma infundida é temperada pelo poder e inteligência de Júpiter; e assim acontece também em relação aos outros planetas. De acordo com cada disposição, se a alma trabalhar bem no corpo, quando ela for purgada e expiada, retornará ao poder e à mansão divinos de onde desceu.

Além disso, o homem é fortalecido pelas ordens angelicais com maravilhosas visões; a saber.

Dos Anjos: para que o homem possa ser um mensageiro da vontade divina e um intérprete da mente de Deus.

Dos Arcanjos: para que ele possa governar todos os animais do campo, peixes do mar e aves do ar; sobre os quais o comando lhe é dado.

Dos Principados: para que todas as coisas possam ser submetidas ao homem; e que ele compreenda os poderes de tudo e atraia todos os poderes para si, por meio de uma determinada força secreta e supercelestial.

Das Virtudes: ele recebe poder, pelo qual é fortalecida a luta constante contra os inimigos da verdade, por cuja recompensa regemos uma raça nesta vida.

Das Potestades: contra os inimigos desse tabernáculo terreno.

Das Dominações: ajuda pela qual podemos subjugar todos os inimigos domésticos que levamos conosco e alcançar nosso fim desejado.

Dos Tronos: somos tecidos juntos e, sendo reunidos em nós mesmos, fixamos nossa memória naquelas visões eternas.

Dos Querubins: o homem recebe a luz da mente, o poder da sabedoria; fantasias e imagens superiores, pelas quais somos capazes de contemplar até as coisas divinas.

Dos Serafins: para que, pela chama perfeita de amor, possamos imediatamente ser inerentes a eles.

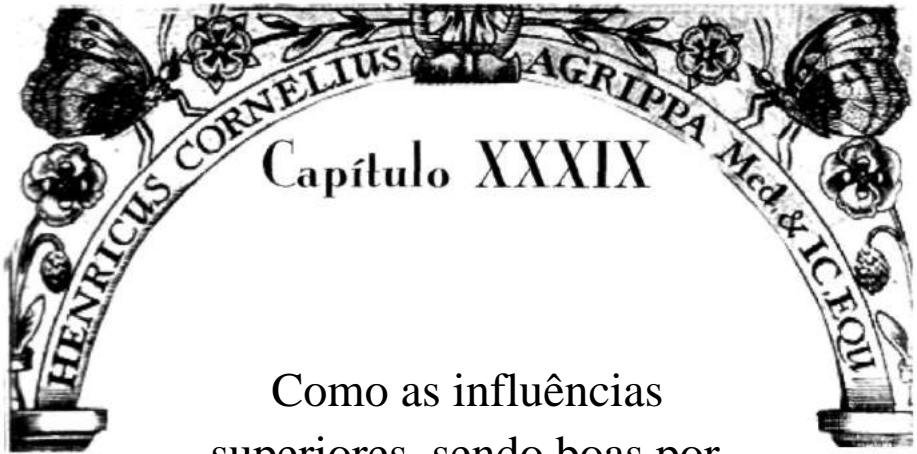
Esses são os graus, as escadas, pelos quais o homem ascende com facilidade a todos os tipos de poderes por meio de uma certa conexão e carruagem naturais, de acordo com as diversas disposições do corpo e da mente, e pelo favor dos astros, na disposição do corpo, e das inteligências que os governam, cuja natureza é vestida pela alma em sua descida, mesmo sendo tão clara quanto a cor do vidro; pela qual ela passa; com o favorecimento do supremo poder de Deus, de onde tudo é bom e sem o qual nenhuma coisa boa nem perfeita pode ser alcançada.

Por isso, labutam em vão todos aqueles que, confiando apenas no curso da natureza e no poder e favor das coisas inferiores, objetivam alcançar as coisas divinas; e também aqueles que, fingindo ter um pé nos céus, de fato tentam obter essas coisas pelo favor dos céus. Elas só podem ser obtidas de Deus; pois os inferiores, quero dizer os animais, plantas, pedras, metais, têm seu poder

subserviente ao céu; mas o céu te um membro que não tenha proveniente das inteligências; mas esses correspondência com algum elemento, que vêm de Deus, em quem todas as coisas preexistem no poder maior; como planta, inteligência, e com alguma medida e numeração no Arquétipo, como no homem o mundo pequeno,⁴ não existimos demonstramos anteriormente.

Notas - Capítulo XXXVIII

1. Ver nota 1, capítulo LIX, I. II.
2. Apocalipse 1:4.
3. Pois no momento em que cada um de nós nasce e se torna vivo, os demônios, que estão naquele momento desempenhando a função de ministros do nascimento, assumem a responsabilidade sobre nós, ou seja, os demônios que estão sujeitos a um determinado planeta. Pois os planetas substituem um ao outro de momento a momento; eles não operam sem mudar, mas sucedem um ao outro em rotação (*Corpus Hermeticum* 16.15 [Scott, 1:271]).
4. Microcosmo.



Como as influências superiores, sendo boas por natureza, são depravadas nas coisas inferiores e se tornam causas do mal

Dorno todo poder e virtude vêm do alto, de Deus, das inteligências e dos astros, que não podem errar nem praticar o mal,¹ é necessário que todo o mal, e qualquer coisa que esteja em desconformidade e dissonância nessas coisas inferiores, procedem de fato não da malícia da influência, mas da disposição maldosa do receptor; assim cantou *Chysippus* acertadamente:

Como tolos, eles acusam falsamente os deuses,

Tornam-nos a causa de todas as suas misérias,

Quando com sua insensatez ferem a si mesmos.

Por isso, *Júpiter*, lembrando a morte por meio de *Homero*² no conselho dos deuses:

Nós, deuses, somos acusados pelos homens (que vício é esse?)

De sermos a causa, a fonte daquilo que está em desordem,

Quando são eles mesmos, por sua própria vileza

Que se colocam em perigo.

Quando, portanto, a perversidade do sujeito recebe as influências do que é perverso, ou sua debilidade não consegue suportar a eficácia dos superiores, então, pela influência dos céus, aquilo que é recebido em uma matéria repleta de discordâncias resulta em algo dissonante, deformado e mau; contudo, os poderes celestiais sempre permanecem bons, pois, enquanto existirem em si mesmos, e oriundos do Doador da Luz têm sua influência por meio das inteligências sagradas e dos céus, mesmo que venham da Lua, sua influência é boa; mas, quando são recebidos por um sujeito vil, também são vilificados; então, com respeito à diferente natureza do receptor, eles são recebidos de maneiras diferentes e, pelas qualidades dissonantes entre si no mesmo sujeito, eles também são variados e pacientemente inseridos no sujeito.

De onde tudo o que está compreendido no sujeito, de repente resulta outra coisa diferente daquilo que os superiores enviaram; portanto, a qualidade perniciosa nesses inferiores é muito diferente do influxo dos céus; e, por conseguinte, a destemperança daqueles que têm a visão turva não deve ser imputada à luz; nem as queimaduras ao fogo; nem as feridas à espada; nem as correntes e as prisões ao juiz; mas aos ofensores e àqueles de disposição malévola; assim também não é culpa dos seres maus serem lançados às influências celestiais.

Portanto, quando temos a disposição correta, as influências celestiais cooperam em todas as coisas para o bem; mas, quando a disposição é má e perdemos, por nossos pecados, o bem divino que estava em nós, tudo opera para o mal; por isso a causa de todos os males é o pecado, que é a desordem e a destemperança de nossa alma; de onde, sendo ela mal governada, ou decaindo ou declinando daquilo que as influências celestiais requerem, todas as coisas se rebelam e entram em dissonância para nossa destruição.

Então, no corpo do homem, que de outro modo é moderado e composto da mais doce harmonia, a destemperança dos elementos começa; humores vis se elevam; e mesmo os bons entram em desordem e se separam uns dos outros, e por uma certa vicissitude incomodam e atormentam o corpo. Então, uma veemente dissonância é percebida, por superfluidade, diminuição ou algum acidente iátrico,³ ou pela carne supérflua, de onde humores supérfluos são gerados, e pela mesma causa ocorrem as enfermidades; assim, os espíritos animais, quando as rédeas se quebram, caem em contenda.

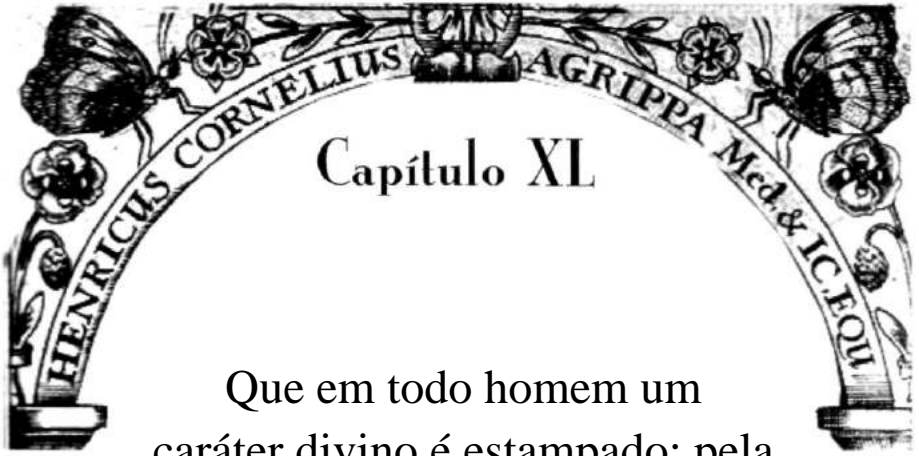
Então, as influências celestiais, de outro modo boas, tornam-se prejudiciais a nós, mesmo a luz do Sol aos olhos com má disposição. Como consequência, Saturno envia angústia, tédio, melancolia, loucura, tristeza, obstinação, rigidez, blasfêmia, desespero, mentira, aparições, medos, perambulação dos mortos, agitação de diabos. Júpiter envia cobiça, ocasiões vis para adquirir riqueza e tirania. Marte, ira furiosa, arrogância profana, ousadia violenta, teimosia feroz. O Sol, orgulho imperioso e ambição insaciável. Vênus, os enganos da concupiscência, amores lascivos e luxúria impura. Mercúrio, decepções, enganos, mentiras, desejos sutis de propensões maldosas ao pecado. A Lua, o progresso inconstante de todas as coisas e tudo o que é contrário à natureza do homem.

E por esse meio, o próprio homem, em decorrência de sua falta de semelhança com as coisas celestiais, recebe dor, quando deveria colher os benefícios; por conta da mesma dissonância com as coisas celestiais (como disse *Proclo*), os homens também se sujeitam até aos espíritos maus que, como operadores de Deus, se encarregam de puni-los: assim, eles sofrem injustiças pelos espíritos maus, até serem mais uma vez expiados, por meio das devidas purgações, e assim o homem retorna à natureza divina.

Assim, um mago excelente pode evitar que muitos males lhe aconteçam pela disposição dos astros, quando prevê a natureza deles, evitando-os, tomando cuidado e se defendendo para que eles não o atinjam, evitando que, devido à má disposição do sujeito, ele receba dor quando deveria colher benefícios.

Notas - Capítulo XXXIX

1. Agrippa parece se contradizer: veja o primeiro parágrafo do capítulo XV, l. III e a nota 2.
2. *Odisseia* 1, versos 32-4.
3. Médico.



Que em todo homem um
caráter divino é estampado; pela
virtude de cada homem é possível
obter a realização de milagres



experiência mostra que um certo poder de domínio e predominância é implantado no homem por natureza; pois (*Plínio* testemunha)¹ que um elefante, quando encontra um homem vagando no deserto, mostra-se generoso e cortês, e indica o caminho a ele; a mesma criatura, antes de ver o homem, treme, fica parada, olha ao redor, estremecendo ao ouvir os passos do homem, por medo de traição. Do mesmo modo, o tigre, o mais feroz de todos os animais, quando avista o homem, remove seus filhotes;² e lemos mais informações dessa natureza em diversos autores, que escreveram grandes volumes a respeito dos animais.

Mas como esses animais sabem que o homem deve ser temido, se nunca o viram? E se já o viram e o conhecem, por que o temem, se são mais fortes e ágeis que ele?³ O que é essa natureza do homem, que infunde terror

nos animais selvagens? Todos os historiadores que escrevem a respeito dos animais a reconhecem, mas deixam aos outros a incumbência de ensiná-la e prová-la.

A esse respeito, *Apolônio Tyaneus* (como lemos em *Filóstrato*), vendo uma criança guiando um enorme elefante, respondeu a *Damus*, que lhe perguntara de onde vinha a obediência de uma criatura tão grande a uma criança tão pequena: que vinha de um certo terror ativo, implantando no homem por seu Criador, e que todos os animais e criaturas inferiores, percebendo-o, temem e reverenciam o homem, como se ele fosse um personagem aterrorizante; e um selo de Deus estampado no homem, pelo qual tudo se sujeita a ele, e o reconhece como superior, seja servo ou animal. Pois, de outro modo, nem uma criança poderia controlar seu rebanho e os elefantes, nem um rei poderia apavorar seu povo, nem julgar os culpados.⁴

Por isso, o caráter é estampado no homem proveniente da ideia

divina que os cabalistas da língua hebraica chamam Pahad⁵ פחד, e a mão esquerda, ou espada, de Deus: além do mais, o homem não tem apenas um selo pelo qual é temido, mas também pelo qual ele é amado; cuja ideia nas numerações divinas é chamada Hese⁶ חסד, que significa clemência, e a mão direita e o cetro de Deus.

Dessas numerações divinas, pelas inteligências e astros, selos e caráter são estampados em nós; a cada um de acordo com sua capacidade e pureza: sinais esses que, sem dúvida, o primeiro homem criado possuía em toda integridade e plenitude, quando todas as criaturas atraídas pela gentileza secreta e subjugadas pelo terror vinham a ele como seu Senhor, para que ele lhes desse nomes.⁷ Mas, depois do pecado de prevaricação, ele caiu dessa dignidade com toda a sua posteridade.

Contudo, esse caráter não está extinto por completo em nós. Mas, quanto mais carregado de pecados o

homem se torna, mais distante ele fica desse caráter divino, e recebe menos deles; e quando deveria receber amizade e reverência, cai em escravidão e terror de outros - tanto dos animais quanto dos homens e diabos; como *Caim*, que, temeroso, disse a Deus: “quem comigo se encontrar, me matará”⁸ pois ele temia animais e diabos; não apenas homens, que eram poucos.

Mas, no passado, muitos homens que viveram com inocência, uma vida muito boa, ainda desfrutaram esse poder e obediência, como *Sansão*,⁹ *Davi*¹⁰ e *Daniel*¹¹ sobre os leões; *Eliseu*¹² sobre o urso; *Paulo*¹³ sobre a víbora; e muitos anacoretas¹⁴ viviam no deserto, em cavernas e refúgios de animais selvagens, não os temendo nem sendo feridos por eles; pois pelo pecado o caráter divino é obscurecido, mas quando o pecado é purgado e expiado, ele brilha ainda com mais intensidade.

Notas - Capítulo XL

1. Quando um elefante, no deserto, encontra um homem que está apenas vagando sem rumo, dizem que o animal se mostra misericordioso e gentil, e até indica o caminho. Mas o mesmo animal, se se depara com rastros do homem, antes de encontrá-lo, treme em todos os membros, por medo de uma emboscada; para de andar e fareja o ar; olha ao redor; e urra com força e raiva... (Plínio 8.5 [Bostock e Riley, 2:248]).

2. Do mesmo modo, a tigresa, que é o terror dos outros animais selvagens, vê sem espanto os rastros do próprio elefante; quando se depara com as pegadas do homem, imediatamente leva embora seus filhotes (*ibid.*).

3. E, ainda mais, por que eles [o elefante e o tigre] temeriam o mero vestígio do homem, já que são tão superiores a ele em força, tamanho e agilidade? Sem dúvida, assim é a lei da Natureza, assim é a influência do poder dela - os mais selvagens e os maiores animais jamais viram aquilo que têm razões para temer e, não obstante, têm uma instintiva sensação de medo, quando chega o momento que devem temer (*ibid.*, 248-9).

4. Esse é, com certeza, o mais dócil de todos os animais; e depois de ser domesticado pelo homem, permite que ele faça o que quiser, sempre demonstrando a mesma obediência. Sente prazer em pegar a comida na mão do dono, como um cachorrinho; acaricia-o com a tromba quando ele se aproxima; permite que o dono coloque a cabeça dentro de sua boca, mantendo-a aberta o tempo que for necessário, como vimos entre os nômades. Porém, à noite ele lamenta

sua escravidão; não com o usual urro, mas com um pranto triste e comovente. Todavia, se o homem se aproxima dele enquanto está chorando, o elefante para de lamentar, como se sentisse vergonha. Assim, ele é seu próprio mestre, Damis, e sua disposição tratável o controla e governa mais que seu dono (Filóstrato, *Life and Times of Apollonius of Tyana* 2.11 [Eells, 42-3]). 5.Pachad. Ver Apêndice VI.

6. Chesed. Ver Apêndice VI.

7. Gênesis 2:19.

8. Gênesis 4:14.

9. Juízes 14:5-6.

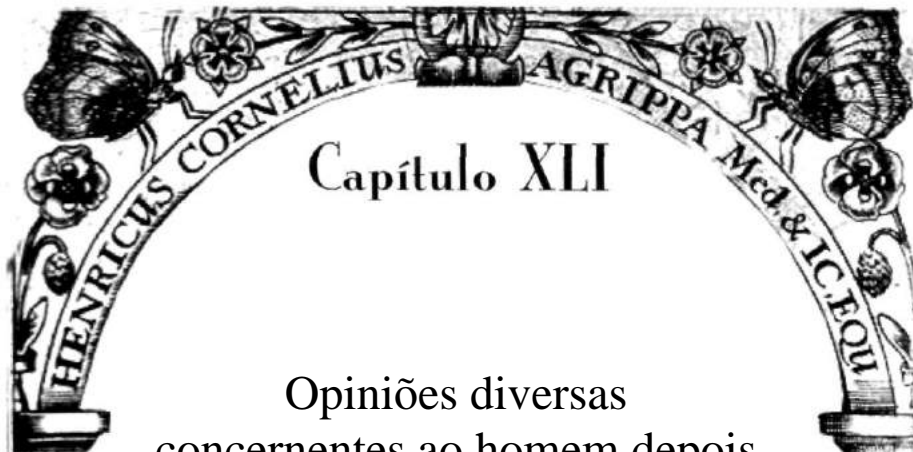
10. I Samuel 17:34-5.

11. Daniel 6:22.

12. *Eliseu* - II Reis 2:24

13. Atos 28:3-6

14. O *anacoreta* é aquele que se afasta da civilização e leva uma vida de devoção, contemplação e oração, distante dos outros homens; diferentemente do *cenobita*, que se afasta do mundo, mas vive em uma comunidade fechada de religiosos. Quanto à submissão dos animais aos anacoretas, ver Brewer 1901, 360-7. Mais exemplos nesse contexto: Oseias 2:18; Jó 5:23; Isaias 11:9; Ezequiel 34:25-8.



Capítulo XLI

Opiniões diversas concernentes ao homem depois da morte

De modo geral, todo homem morrerá; a morte é fatal para todos nós; mas ela pode ser natural, violenta, voluntariamente recebida, infligida pelas leis humanas para os crimes, ou por Deus pelo pecado, de modo que essas duas modalidades não parecem estar em função da natureza, mas a uma punição pelos pecados que (como dizem os mestres hebreus) Deus não remete a ninguém.

Portanto, conforme lemos em *Ezechiah*,¹ depois da profanação do Santuário, embora não tenha permanecido nenhuma ordem de execução judiciária, ainda existiu uma punição quádrupla pela qual os homens poderiam ser condenados; nenhum homem culpado de morte deveria escapar sem retaliação; pois aquele que merecia ser apedrejado até a morte era, com a permissão de Deus, expulso de casa, ou pisoteado por animais, ou tomado pela ruína ou queda. Mas aquele que merecia ser queimado era consumido pelo fogo ou encontrava a morte por picada de serpente ou veneno. Mas aquele que deveria morrer pela espada era morto pela violência

da jurisdição ou pelo tumulto de pessoas ou facções, ou pela ação de ladrões. Aquele que merecia ser enforcado era sufocado nas águas ou morto por alguma punição de estrangulamento; e com base nessa doutrina, o grande *Orígenes* acreditou que o Evangelho de Cristo deveria ser assim declarado: aquele que usa a espada deve morrer pela espada.²

Além do mais, os filósofos étnicos pronunciaram que a retaliação desse tipo é *adastia*,³ ou seja, um poder inevitável das leis divinas, pelo qual, nas outras vidas, cada um é recompensado de acordo com a razão e os méritos de sua vida anterior. Assim, aquele que governou com injustiça na vida anterior, na outra vida voltaria em uma posição servil; aquele que sujou as mãos com sangue sofreria retaliação; quem viveu uma vida de violência voltaria em um corpo embrutecido.

Plotino escreveu a respeito dessas coisas em seu livro acerca do gênio próprio de cada um; afirmando que qualquer pessoa que tenha mantido o caráter humano nasce de novo como homem; mas quem usou apenas os sen-

tidos volta como um animal selvagem. Assim também acontece com aqueles que usam o sentido aliado à raiva -eles também voltam como animais selvagens; mas quem faz uso do sentido por concupiscência e prazer retorna como um animal lascivo e glutão; mas se o homem vive pela degeneração do sentido, plantas crescem novamente junto com ele. Porém, aqueles que viveram seduzidos pela música, sem ser depravados em outras coisas, voltam como animais musicais; e aqueles que governaram sem razão, se tornam águias, a menos que tenham sido maculados por alguma vileza. Mas aquele que viveu com civilidade e virtude, retorna como homem.⁴

O próprio *Salomão*, nos *Provérbios*, chama o homem às vezes de leão,⁵ tigre, urso,⁶ porco;⁷ às vezes de lebre, galo,⁸ arganaz,⁹ às vezes de formiga,¹⁰ ouriço, serpente,¹¹ aranha,¹² águia,¹³ cegonha ou qualquer outra ave;¹⁴ e muitos outros animais.

Mas os cabalistas dos hebreus não admitem que as almas são transformadas em animais, porém não negam que elas perderam por completo a razão, e que em outra vida serão abandonadas a uma afeição e imaginação selvagens. Também afirmam que as almas voltam apenas três vezes, não mais, porque esse número parece ser suficiente para a purgação dos pecados, conforme o que aconteceu a *Jó*, Deus redimiu a minha alma de ir para a cova; e a minha vida terá luz. Eis que tudo isso é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem, para reconduzir da cova a sua alma e o alumiar com a luz dos viventes.¹⁵

Mas agora vejamos a opinião dos antigos no que concerne aos mortos. Quando o homem morre, o

corpo dele volta para a terra, de onde foi retirado; o espírito retorna ao céus, de onde desceu, como diz o Pregador,¹⁶ o corpo retorna à terra de onde veio e o espírito volta a Deus que o deu ao corpo. *Lucrécio* expressou¹⁷ essa ideia nos seguintes versos:

O que veio da terra, à terra retorna;

O que veio de Deus, volta de onde veio.

Mas *Ovídio* o fez em melhores versos:

Existem quatro coisas no homem:
espírito, alma, fantasma e carne;

Quatro lugares os mantêm e possuem.

A terra cobre a carne; o fantasma paira
sobre o túmulo,

Orco tem a alma; o espírito almeja as
estrelas.

A carne sendo abandonada, o corpo destituído de vida é chamado carcaça morta, que, segundo os adivinhos dos hebreus, fica sob o poder do demônio *Zazel*,¹⁸ sobre o qual falam as Escrituras: “Comerás pó todos os dias e tua vida”,¹⁹ e, em outra passagem, o pó da Terra será seu pão. O homem foi criado do pó da Terra,²⁰ de onde também vem o demônio chamado Senhor da Carne e do Sangue, enquanto o corpo não é expiado e santificado com as devidas solenidades.

Por isso, não sem motivo, os antigos ordenavam expiações das carcaças; que aquilo que estava impuro fosse borrifado com água benta, perfumado com incenso, conjurado com orações sagradas, cercado por luzes enquanto sobre a terra, e por fim, enterrado em local sagrado. Assim vemos *Elpenor*, em *Homero*,²¹ implorote (ele diz), *Ulisses*, toma atenção em mim, e não me deixes desenterrado, abandonado para me tornar objeto da ira dos deuses.

Mas o espírito do homem, que é de uma natureza sagrada e filiação divina, porque é sempre imaculado, se torna incapaz de qualquer punição; mas a alma, se agiu bem, rejubila junto com o espírito e, seguindo adiante com uma carruagem aérea, passa com liberdade pelo coro dos heróis ou alcança o céu, onde desfruta todos os sentidos e poderes: uma felicidade abençoada perpétua, o conhecimento de todas as coisas, e também a visão divina e a posse do reino dos céus; se tornando parceira do poder divino, concede dádivas aos inferiores, como se fosse um deus imortal.

Mas, se ela agiu mal, o espírito a julga e a deixa aos prazeres do Diabo; e a alma infeliz vagueia pelo Inferno sem um espírito, como uma imagem, como reclama *Dido*,²² em *Virgílio*:

E agora, minha grande imagem irá para
Debaixo da terra.

Essa alma destituída de essência inteligível e relegada ao poder da fantasia furiosa está sempre sujeita ao tormento das qualidades corpóreas, sabendo que está, pelo julgamento justo de Deus, para sempre privada da visão divina (para a qual foi criada), por seus pecados: a ausência dessa visão divina, como testemunha a Escritura, é o fundamento de todos os males e a mais sofrível punição de todas, à qual a Escritura chama o jorro da ira de Deus.²³

Portanto, essa imagem da alma entra no fantasma como em um corpo aéreo, e com o qual às vezes adverte os amigos; às vezes agita os inimigos, como *Dido* quando ameaça²⁴ *Enéas* em *Virgílio*, dizendo:

Eu o perseguirei, e infligirei três torturas.

Pois quando a alma é separada do corpo, as perturbações da memória e do sentido permanecem.

Os platônicos afirmam que as almas, em especial daqueles que foram assassinados, agitam os inimigos e a indignação do homem não faz muito a respeito, assim como a *Nêmesis* divina e o demônio, prevendo e permitindo isso. Assim, o espírito de *Naboth* (como interpretam os mestres hebreus), porque no fim de sua vida foi tomado de um desejo de vingança, foi forçado a executar a vingança, o espírito de uma mentira, e seguiu adiante, com a permissão de Deus, um espírito mentiroso na boca de todos os profetas, até fazer com que Acabe caísse em Ramote-Gileades.²⁵

E o próprio *Virgílio*, junto aos pitagóricos e platônicos, com quem nosso *Agostinho* concorda, confessa que as almas separadas mantêm a memória das coisas que fizeram nesta vida e de seus desejos, quando entoa:²⁶

Que gosto tinham elas por cavalos
bravios

E armas; e o mesmo os persegue até o
túmulo.

E *Agazel*, em seu livro “*De Scientia Divina*”, e outros árabes e muçulmanos que foram filósofos, acreditam que as operações da alma, sendo comuns ao corpo conjugado, estampa na alma um caráter de uso e exercício, que, sendo separado, ficará fortemente impresso nas operações e paixões semelhantes que não foram no tempo de vida. E embora o corpo e os órgãos sejam corrompidos, a operação não cessará, mas como as afeições e disposições, permanecerá.

Os antigos dão a essas almas o nome comum de Manes; aqueles que

eram inocentes nesta vida, e foram purificados pelas virtudes morais, eram muito felizes; e a respeito delas, canta *Virgílio*:²⁷

_____ que morreram por
seu país,
Com sacerdotes que em suas vidas
fizeram votos de castidade,
E poetas sagrados, que mais agradaram a
Febo
Ou pelas artes inventadas ajudam a vida
do homem,
E outros em sua memória celebrados.

Embora tenham partido desta vida sem a justificação da fé e graça, como muitos adivinhos pensam, mesmo assim suas almas são levadas em sofrimento para campos felizes e prazerosos, como diz *Virgílio*:²⁸

Elas foram para lugares verdes e
agradáveis,
E com assentos confortáveis, e bosques
agradáveis.

Ali desfrutam prazeres maravilhosos e também conhecimento sensitivo, intelectual e revelado.

Talvez também elas possam ser doutrinadas no que concerne à fé e justificação, como aqueles espíritos a quem, há muito tempo, Cristo pregou o Evangelho na prisão. Pois como é certo que ninguém pode ser salvo sem a fé em Cristo, também é provável que essa fé seja pregada a muitos pagãos e sarracenos depois desta vida, naqueles receptáculos das almas²⁹ até a salvação; e elas são mantidas nesses receptáculos, como em uma prisão comum, até chegar o momento em que o grande Juiz examinará nossas ações. Concordam com essa opinião *Lactanius, Irineu, Clemens, Tertuliano, Agostinho, Ambrósio* e muitos outros autores cristãos.

Mas as almas que são impuras, incontinentes e partem maculadas não desfrutam esses sonhos felizes; elas vagueiam repletas dos mais horrendos fantasmas e nos piores lugares; não desfrutando de nenhum conhecimento além do que é obtido por concessão ou manifestação, e com um contínuo desejo carnal são submetidas, em razão de sua corrupção corpórea, à sensação de dor e ao medo das espadas e facas.

Sem dúvida, *Homero* parece se sensibilizar com elas quando, no 11º livro de sua *Odisseia*, a mãe de *Ulisses*, depois de morta, fica perto do filho e apresenta sacrifícios, mas não o vê nem fala com ele, enquanto *Ulisses*, com a espada desembainhada, afasta os fantasmas do sangue do sacrifício.³⁰ Mas depois que *Tyresia*, a profetiza,³¹ a adverte, a mulher bebe o sangue e imediatamente reconhece o filho e, chorando, fala com ele. Mas a alma de *Tyresia*, a profetiza, não obstante a espada desembainhada, mesmo antes de provar o vinho, conhecia *Ulisses*, falou com ele, e lhe mostrou o fantasma da mãe junto dele.

Quaisquer que sejam as maldades que as almas tenham cometido, portanto, nos corpos não expiados nesta vida, elas são constrangidas, levando consigo seus hábitos,³² explica nos seguintes versos:

_____ quando eles morrem,
Não são deixados por toda a sua miséria.
Se não se arrependeram de seus crimes,
Devem agora ser punidos por seu tempo
desperdiçado.

Pois como os modos e hábitos dos homens acontecem nesta vida,

tais afeições em sua maioria seguem a alma após a morte, que então recorda aquelas coisas que não foram formalmente feitas na vida e pensa nelas com mais intensidade,³³ pois as diversas ocupações da vida cessam, como a nutrição, o crescimento, a geração e várias outras dos sentidos, e negócios humanos, confortos e obstáculos de um corpo denso. Então aquelas espécies são representadas à razão fantástica, que são as mais turbulentas e furiosas, e que naquelas almas fica escondida uma fagulha intelectual, mais ou menos encoberta, ou extinta por completo, na qual as espécies mais falsas ou terríveis são transmitidas por espíritos maus.

Por isso, agora a alma é atormentada na faculdade concupiscente, pela concupiscência de um bem imaginário, ou daquelas coisas que a afetaram formalmente nesta vida; sendo privada do poder de desfrutá-las; embora lhe pareça que algumas vezes está alcançando tal prazer, ela é afastada pelos espíritos maus em amargo tormento, como nos poetas,³⁴ *Tantalus*,³⁵ de um banquete; *Sardanapalus*,³⁶ de abraços; *Midas*,³⁷ do ouro; *Sisyphus*,³⁸ do poder; e eles chamaram essas almas hobgoblins; sendo que, se qualquer uma delas toma conta das coisas da casa, vive e habita em silêncio na casa, ela é chamada deus do lar ou familiar.

Mas elas são torturadas com mais crueldade na faculdade irascível, com o ódio de um mal imaginário, com perturbações e também falsas suspeitas; e os mais horríveis fantasmas as atormentam; e são apresentadas a tristes representações; às vezes do céu caindo sobre suas cabeças; às vezes de serem consumidas pela

violência das chamas; ou afogadas em um golfo; engolidas pela terra; transformadas em diferentes espécies de animais; dilaceradas e devoradas por monstros; arrastadas por florestas, mares, fogo, ar e aterradores lugares infernais; e algumas vezes de serem tomadas e atormentadas por diabos.

Tudo o que concebemos não acontece após a morte de modo diferente desta vida para aqueles que são tomados por uma destemperança melancólica, ou àqueles que são aterrorizados e atormentados por coisas horríveis vistas em sonhos, como se essas coisas de fato lhes acontecessem. Porém, elas não são verdadeiras, apenas espécies dessas coisas apreendidas na imaginação; mesmo horríveis representações de pecados aterrorizam essas almas depois da morte como se elas estivessem em um sonho; e a culpa da maldade as conduz a diversos lugares. *Orfeu* as chama, por essa razão, de povo dos sonhos, dizendo que os portões de *Plutão* não podem ser destrancados, pois dentro deles está o povo dos sonhos.

Essas almas vis, não conseguindo desfrutar nenhum lugar bom quando vagueiam em um corpo aéreo, representam qualquer forma à nossa visão; são assim chamadas bruxas e goblins: inofensivos àqueles que são bons, mas prejudiciais aos que são maus; aparecendo algumas vezes em corpos magros; outras em mais densos; na forma de vários animais e monstros, cuja condição tiveram em vida, como canta o poeta.³⁹

Então, diversas formas de feras aparecem;

Pois ele se torna um tigre, porco, e urso,

Um dragão com escamas, e uma leoa,

Ou do fogo expressa um barulho amedrontador;

Ele se apresenta em diferentes aparências,

Fogo, animais selvagens e riachos.

Pois a alma impura de um homem, que nesta vida contraiu um grande hábito para seu corpo, por uma certa afeição interna ao corpo elemental, molda outro corpo para si a partir dos vapores dos elementos; e, renovada na matéria suave, ela se escraviza nesse corpo, que continuamente desaparece, como em uma prisão; e sendo um instrumento sensível por uma lei divina, sente calor e frio; e perturba o corpo, o espírito e o sentido, como mau-cheiro, uivos, lamentações, ranger de dentes, lágrimas e correntes, como entoa *Virgílio*:⁴⁰

_____ e portanto por seus crimes

Elas devem ser punidas, e por tempo desperdiçado

Devem sofrer torturas; algumas penduradas ao vento;

Outras, para limpar suas manchas de pecado, são arremessadas

Em um vasto golfo, ou purgadas no fogo.

E em *Homero*, em *Necromancia*,⁴¹ *Alcino* faz o seguinte relato a respeito de *Ulisses*:⁴²

De *Tytius*, o querido da Terra,

Vimos o corpo estendido a algumas milhas

E de cada lado dele havia um grande abutre

Devorando suas entranhas.

Essas almas às vezes não habitam apenas esse tipo de corpo, mas, por uma grande afeição à carne e ao sangue, se transmudam em outros

animais e tomam o corpo de criaturas rastejantes e ferozes; entrando neles e possuindo como demônios. *Pitágoras* tem a mesma opinião; e antes dele *Trismegisto*, afirmando que almas vis às vezes entram em animais rastejantes e ferozes.⁴³ Elas não dão vida a esses corpos como formas essenciais, mas como seres inanimados vivem neles como em prisões, ou ficam muito próximas a eles, como se os movessem internamente; ou presas a eles, são atormentadas, como *Ixíon*⁴⁴ à roda das serpentes; *Sisyphus* a uma pedra.

Elas não entram apenas nessas feras, mas às vezes nos homens, como falamos a respeito da alma de *Nabaoth*, que se tornou um espírito mentiroso na boca dos profetas. Assim, alguns afirmam que as vidas, ou espíritos de homens maus, entrando no corpo de outros homens, os perturbaram e, algumas vezes, os mataram.

Nada seria mais afortunado do que a permissão de que as almas abençoadas fizessem sua morada em nós, nos iluminando, como lemos em *Elias*, que, sendo levado deste mundo, seu espírito recaiu sobre *Eliseu*,⁴⁵ e em outra passagem lemos que Deus tomou o espírito que estava em Moisés e o deu a 70 homens.⁴⁶ Existe aqui um grande segredo, que não deve ser revelado de maneira imprudente.

Algumas vezes, também (o que é muito raro), as almas são tomadas de tal loucura que elas não entram apenas nos corpos dos vivos, mas também, por meio de um certo poder infernal, penetram carcaças mortas, como lemos em *Saxo Grammaticus*,⁴⁷ que *Asuitus* e *Asmundus* prometeram um ao outro que aquele que vivesse por mais tempo seria enterrado

junto ao primeiro falecido. Quando *Asuitus* morreu, ele foi enterrado em uma câmara, junto com seu cão e cavalo. *Asmundus*, por força do juramento de amizade, foi enterrado vivo no mesmo túmulo (a carne que ele comeria por um longo tempo seria levada para ele). Algum tempo depois, *Ericus*, rei da Suécia, passando pelo local com seu exército, violou a tumba de *Asuitus* (pensando que encontraria um tesouro). Ao abrir a câmara, encontrou *Asmundus* e quando viu sua aparência horrenda, coberta de feridas, com sangue escorrendo de uma ferida esverdeada (pois *Asuitus*, revivendo às noites, arrancou a orelha direita do amigo), exigiu saber a causa do ferimento. *Asmundus* respondeu com os versos a seguir:

Por que minha visão o surpreende?
 Pois aquele que vive entre os mortos, a
 graça
 Da beleza deve perder; eu ainda não sei
 Que ousado demônio estígio de *Asuit*
 O espírito enviado do inferno, que
 devorou
 Um cavalo, um cão, e com essa carne
 Ainda não satisfeito, voltou suas garras
 para mim,
 Feriu meu rosto, arrancou minha orelha, e
 então
 você vê
 Minha face feia, ferida e ensanguentada;
 Esse monstruoso demônio não retornou a
 seu lugar
 Sem receber a vingança; eu
 imediatamente
 Cortei sua cabeça, e com uma estaca
 Transpassei o corpo.

Pausânias conta uma história⁴⁸ não muito diferente, extraída dos in-

térpretes de Delfos; ou seja: existia um certo demônio infernal, ao qual chamavam *Eurinomus*, que comia a carne dos mortos, devorando até os ossos. Lemos também nas Crônicas dos cretenses que os fantasmas chamados *catechanae* voltavam a seus corpos e deitavam com suas esposas; para evitar isso e para que eles não mais incomodassem as esposas, as leis determinavam que o coração deles deveria ser transpassado com um prego, e a carcaça deveria ser queimada. Essas coisas são curiosas, sem dúvida; e difíceis de se acreditar, mas as leis e as histórias antigas as tornam críveis.

Também não é estranho à religião cristã o fato de que muitas almas foram restauradas a seus corpos antes da ressurreição universal. Além do mais, acreditamos que muitos, por um favor singular de Deus, foram recebidos em glória com seus corpos; e muitos foram enviados vivos ao Inferno. E ouvimos que, diversas vezes, os corpos dos mortos foram levados das tumbas pelos demônios, sem dúvida por nenhuma outra razão que não a de aprisioná-los e atormentá-los. E a essas prisões e correntes de seus corpos são acrescidos a possessão de lugares abomináveis e imundos, onde há os fogos de *Etna*,⁴⁹ golfos de água, o estremecer dos trovões, raios, brechas na Terra; e onde a região é privada de luz, e não recebe os raios do Sol, e não vê a luz das estrelas, mas é sempre escura. *Ulisses*, em *Homero*,⁵⁰ foi a uma região como essa:

Aqui, pessoas consideradas cimérias,
 Afogadas em trevas perpétuas; é sabido
 Que não veem o nascer nem o pôr-do-sol,
 Mas com noite eterna são oprimidas.

Também não são meras fábulas as histórias registradas sobre a caverna de *Patricio*,⁵¹ a gruta de *Vulcano*,⁵² as cavernas de *Atenas* e da gruta de *Nursia*. Muitos que as viram e conheceram atestam o mesmo. Também *Saxo Grammaticus* fala de coisas maiores que essas do palácio de *Geruthus* e da caverna de *Ugarthilocus*.

Também *Plínio*, *Solino*, *Phytias*, *Clearchus* falam dos grandes prodígios no Mar do Norte, do qual *Tácito*, em sua História de Druso⁵³ mostra que no Mar da Germânia vagavam soldados que testemunharam diversos milagres jamais ouvidos; por exemplo, a força dos redemoinhos; tipos de pássaros jamais vistos; monstros marinhos como homens e animais;⁵⁴ e em seu livro Da Germânia, ele menciona que os heldusians e axions, com rostos de homem e corpo de animal, habitavam a região.⁵⁵ Sem dúvida, tudo isso é obra de fantasmas e diabos.

A respeito deles, também *Claudianus* há muito entoou.⁵⁶

Nas fronteiras extremas da França existe um lugar,

Cercado pelo mar, onde em sua raça

Fama diz que Ulisses, ao provar sangue

Enxergou um povo secreto, onde altos e

Tristes lamentos de espíritos errantes eram ouvidos,

Que muito atemorizavam os camponeses.

Aristóteles fala das Ilhas Eólias, perto da Itália, onde em Lipara havia uma tumba da qual ninguém podia se aproximar em segurança à noite; e que címbalos, vozes estridentes e

altas risadas eram ouvidos; também tumultos e sons vazios aconteciam; e os habitantes confirmavam essas histórias. Uma vez, um jovem que estava bêbado se aproximou da tumba e adormeceu; três dias depois foi encontrado e acreditou-se que estava morto; mas durante as solenidades do funeral, acordou e contou, para espanto de todos, as coisas que vira e sofrera.

Também na Noruega existe uma montanha temida por todos, cercada pelo mar - comumente chamada *Hethelbergius* -, representando o Inferno, onde se ouvem altos lamentos, uivos e guinchos a uma milha; grandes abutres e corvos negros a sobrevoam, produzindo sons horríveis, que proíbem a aproximação das pessoas; além do mais, dela fluem duas fontes, sendo uma intensamente fria e a outra quente, excedendo todos os outros elementos. Existe no mesmo país, em direção à extremidade sul, um promontório chamado *Nadhegrin*, onde os demônios do lugar são vistos por todos, no corpo aéreo. Na Escócia, temos a Montanha *Dolorosus*,⁵⁷ de onde terríveis lamentações são ouvidas; e na Turíngia há uma montanha chamada *Horrisonus*, onde habitam *Silvanos* e sátiros, como ensinam a fama e a experiência, e escritores confiáveis testemunham. Em diversos países e províncias encontramos milagres como esses.

Não relatarei aqui as coisas que vi com meus próprios olhos e senti com as mãos, pois, em razão da estranheza e maravilha delas, eu serei chamado de mentiroso pelos incrédulos.

Também não acho apropriado desconsiderar o que muitos de nossa época pensam a respeito dos

receptáculos da alma; não existindo muita diferença desses que acabamos de mencionar: *Tertuliano*, em seu quarto livro contra as heresias de *Marcion*,⁵⁸ diz ser aparente a todo homem sábio, que já ouviu falar dos Campos Elísios, que existe um local determinado (chamado seio de *Abraão*) para o recebimento das almas de seus filhos, e que essa região não é celestial, contudo mais alta que o Inferno, onde as almas dos justos repousam, até que a consumação das coisas restaure a ressurreição de todas as coisas com a plenitude da recompensa.

Também *Pedro*, o apóstolo, disse a *Clemente*, um rei,⁵⁹ dessas coisas, tu me proíbes, Ó *Clemente*, de revelar alguma coisa concernente a coisas que são indizíveis: porém, como muitos, eu o farei até quando puder. Cristo, desde o início e em cada geração, ainda que de modo secreto, sempre esteve presente com os religiosos, especialmente com aqueles pelos quais ele era desejado, e a quem ele mais aparecia. Mas não era tempo da ressurreição para os corpos dissolvidos: isso parecia uma recompensa de Deus; aquele que era justo permaneceria mais tempo em um corpo; ou o Senhor o trasladaria (como vemos relatado com clareza na Escritura, a respeito de alguns homens justos). Deus agiu assim com outros que o agradaram e, segundo sua vontade, foram trasladados ao Paraíso reservado para um reino. Mas aqueles que não cumpriram a regra da justiça, mas tinham algum resquício de maldade na carne, seus corpos são de fato dissolvidos, mas as almas são mantidas em regiões boas e agradáveis, para que, na ressurreição dos mortos, quando elas receberem os corpos, agora

purgados pela dissolução, possam desfrutar a herança eterna pelas coisas que fizeram bem.

Também *Iraneus*, no fim do livro que escreveu contra as heresias dos valentinianos, disse: considerando que o Senhor estava em meio às trevas da morte, onde estavam as almas dos mortos; e se levantou novamente em corpo; e depois da ressurreição é manifesto que as almas de seus discípulos (para quem ele operou essas coisas) iriam para algum lugar invisível, determinado por Deus, e lá permaneceriam até a ressurreição; depois recebendo seus corpos e se erguendo de novo de modo perfeito; ou seja, em corpo - como fez o Senhor -, e assim se apresentariam a Deus; pois nenhum discípulo está acima do Mestre, mas todos devem ser perfeitos como o Mestre. Portanto, assim como nosso Mestre não voou e partiu, mas esperou o tempo de sua ressurreição determinado pelo Pai, que também é manifestado em *Jonas*,⁶⁰ e após três dias foi levado; também nós devemos esperar o tempo de nossa ressurreição determinado por Deus, previsto pelos profetas; e então, levantando novamente, nós seremos levados - aqueles que o Senhor considerar dignos de sua honra.

Lactanius Firmianus também concorda com isso, no livro das Instituições Divinas, cujo título é *Da Recompensa Divina*,⁶¹ afirmando que nenhum homem pense que as almas depois da morte são julgadas de imediato, pois todas elas são detidas em uma custódia comum, até que chegue o tempo em que o grande Juiz examinará seus merecimentos, então aquelas consideradas justas receberão a recompensa da imortalidade; mas

aquelas cujo pecado e vileza são detectados não viverão novamente, mas, sendo destinadas para uma determinada punição, ficarão trancadas com os anjos maus na mesma escuridão.

Da mesma opinião são *Agostinho* e *Ambrósio*, que afirmam em *Enchiridion*: o tempo que é interposto entre a morte do homem e a última ressurreição mantém a alma em receptáculos secretos, pois todas são merecedoras de descanso ou tristeza, de acordo com o que fizeram quando viveram na carne.

Mas *Ambrósio*, em seu livro a respeito dos Benefícios da Morte, diz: Os escritos de *Esdras*⁶² chamam as habitações das almas de depósitos; em que, diante das reclamações do homem (porque o justo que partiu antes, pode parecer, mesmo até o dia do julgamento - ou seja, por um longo tempo - ser fraudado em sua justa recompensa) compara o dia do julgamento a um galardão: pois o dia do julgamento é esperado por todos; e enquanto isso, os conquistados devem se sentir envergonhados, e os conquistadores podem obter a palma da vitória. Por isso, enquanto a plenitude dos tempos é esperada, as almas anseiam pela recompensa devida: punição para algumas; glória para outras; e na mesma passagem ele chama de inferno um lugar que não é visto, para onde vão as almas, separando-se do corpo; e em seu segundo livro *De Caim e Abel*, ele afirma que a alma se solta do corpo, e depois do fim desta vida, ainda fica em suspenso, em dúvida quanto ao julgamento que está por vir.

A essas afirmações acrescentemos o que diz o Evangelho

concernente ao dia do julgamento; são as palavras de Cristo segundo Mateus: Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: “Senhor, Senhor! Porventura não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci”.⁶³ Por essas palavras, parece claro que mesmo até esse dia eles estavam incertos no que dizia respeito à sua sentença, e pela confiança nos milagres que realizaram em nome de *Jesus*, enquanto viviam, tinham alguma esperança de salvação.

Portanto, como o julgamento das almas é adiado até o último dia, alguns teólogos acreditam que intercessões satisfatórias podem ajudar não apenas os justificados, mas também os condenados, antes do julgamento. Assim, *Trajano*, o imperador, foi tirado do inferno por São *Gregório*⁶⁴ e conduzido à salvação, embora alguns acreditem que ele não escapou da culpa da punição; mas a justiça da punição foi prolongada até o dia do julgamento. *Tomás de Aquino*, entretanto, afirma que parece mais provável que, pela intercessão de São *Gregório*, *Trajano* tenha vivido de novo e obtido um poder de graça pelo qual foi absolvido da punição e da culpa do pecado.

Alguns teólogos acreditam que, pelos cantos entoados para os mortos, nem as punições nem a culpa são diminuídas ou abolidas, mas a dor é apenas minorada - situação que podemos assemelhar à de um carregador suado que parece sentir alívio do peso de sua carga quando algumas gotas d'água são borrifadas sobre ele, embora a carga não seja diminuída. Contudo, a opinião comum dos

teólogos nega que as preces ou cantos funerários favorecem de alguma maneira os culpados que estão dentro dos portões de *Plutão*.

Mas, como todas essas coisas são de uma obscuridade incompreensível, muitos em vão aguçaram o intelecto discorrendo sobre elas; por isso, atentemo-nos à opinião de *Agostinho*, como ele afirma no décimo livro a respeito do Gênesis, é melhor duvidar das coisas ocultas do que discutir a respeito de coisas incertas; pois eu não tenho dúvidas de que o

homem rico será compreendido nas chamas do Inferno e o homem pobre, no frescor das alegrias; mas o modesto pesquisador dificilmente conseguirá descobrir - e os contestadores nunca descobrirão - como essa chama do Inferno, o seio de *Abraão*, a língua do homem rico, o tormento da sede e a gota refrescante⁶⁵ devem ser entendidos.

Mas como essas coisas são omitidas no momento, passaremos para outros assuntos e discorreremos sobre a restituição das almas.

Notas - Capítulo XLI

1. Ezequiel 5.
2. Mateus 26:52.
3. Adrasto, rei de Argos, liderou a guerra dos Sete Contra Tebas. O primeiro ataque à cidade fracassou e apenas ele escapou com vida. Dez anos depois, Adrasto atacou pela segunda vez, com os filhos de seus companheiros mortos, e foi vitorioso, confirmando um oráculo favorável que previra esse resultado.
4. A frase é uma citação mais ou menos precisa do tratado *On Our Alloted Guardian Spirit*, de Plotino. Todavia, Agrippa modifica o fim da lista, que apresento aqui: "...visionários fúteis e que estão sempre com os olhos voltados para o céu se tornam pássaros que voam alto; a observância das virtudes cívicas e seculares faz o homem voltar como homem; ou quando o mérito é de destaque inferior, volta como um dos animais de tendência comunal, uma abelha ou algo parecido" (Plotino, *As Enéadas* 3.4.2 [Mackenna, 2:47]).
5. Provérbios 19:12.
6. Provérbios 17:12.
7. Provérbios 11:22.
8. Provérbios 30:31
9. Coelho. Provérbios 30:26
10. Provérbios 6:6.
11. Talvez Provérbios 23:32.
12. Provérbios 30:28.
13. Talvez Provérbios 23:5.
14. Provérbios 1:17.
15. A ideia da reencarnação por três vezes deriva de uma passagem em *The Discourse of the Faithful Shepherd*, cujo texto está incorporado no *Zohar*. Quanto a essa questão, Waite escreveu: "Segundo o testemunho nesse texto, a encarnação pode acontecer três vezes, por causa das palavras: 'Tudo isso é obra de Deus, duas e três vezes para com o homem', Jó 33, 29. O *Zohar* contém esta passagem: "Veja o que Deus faz com respeito a cada homem, até a terceira vez." (Waite 1929, 6.1.253, n° 7). Ver *Zohar*, Cremona Edition, 3:178b.
16. 3:20-1.
17. *On the Nature of Things* 2, c. verso 1011.
18. Azazel, ver nota 51, cap. XVIII, l. III.

19. Ver nota 52, cap. XVIII, l. III.

20. Ver nota 53, cap. XVIII, l. III.

21. Mas agora eu suplico, por aqueles que ainda verão, que não estão aqui,

por sua esposa, e por seu pai, que o criaram quando você era pequeno, e por Telêmaco, que você deixou sozinho em seu palácio; pois eu sei que depois de deixar este lugar e a casa de Hades você voltará com seu belo navio para a ilha, Aiaia; que naquele momento, meu senhor, eu lhe peço que lembre de mim e não me deixe desvelado, desenterrado, quando partir, pois temo que eu me torne a maldição de deus sobre você; mas me queime com todas as armas que pertencem a mim, e cave um túmulo ao lado da praia do mar cinza; para um homem infeliz, para que aqueles que vierem me conheçam (Homero, *Odisseia* 11, versos 66-76 [Lattimore, 170]).

22. “Eu vivi minha vida, e terminei o curso que o destino traçou para mim; e agora grande será meu fantasma que passará sob a terra” (Virgílio, *Eneida* 4, c. verso 650 [Londsdale e Lee, 141]).

23. Apocalipse 16:1.

24. “Com chamas negras eu perseguirei você, embora eu esteja distante; e quando a morte fria separar meus membros de meu espírito, minha sombra o acompanhará onde quer que esteja. Você receberá sua punição, homem vil!” (Virgílio, *Eneida* 4, c. verso 385 [Londsdale e Lee, 135]).

25. I Reis 21:9-10; 22:20-2; e II Reis 9:25-6.

26. Virgílio, *Eneida* 6, c, verso 655.

27. Virgílio, *Eneida* 6, verso 660ss.

28. Descrição de Virgílio dos Elíseos, *Eneida* 6, c. verso 638.

29. Irineu considerava herege a noção de que as almas são glorificadas imediatamente depois da morte, e Cipriano, Tertuliano, Cirilo de Jerusalém, Basil, Ambrósio, Gregório de Nusassa, Crisóstomo, Jerônimo, e os *Atos* de Santa Perpétua, todos implicam um tipo de lugar intermediário para as almas e defendem as orações para os mortos. As referências não são claras e sofrem a influência do Hades pagão. Orígenes acreditava que mesmo os perfeitos devem passar pelo fogo no mundo depois da morte. Agostino escreveu que não era incrível o fato de que as almas imperfeitas serão salvas pelo fogo purgatório. Contudo, foi o papa Gregório I (?544-604) quem primeiro formulou a doutrina do purgatório (*purgatorium*), palavra que entrou oficialmente para o vocabulário da Igreja por meio do papa Inocêncio IV (papado de 1243-1245), e confirmada pelo Concílio de Lião (1274). A autoridade bíblica nasce do apócrifo 2 Macabeus 12, 39-45, em que as orações para os pecadores mortos são descritas como “um pensamento sagrado e bom” e “uma reconciliação para os mortos, para que eles possam ser perdoados do pecado”.

30. “Eu vejo diante de mim, agora, a alma de minha mãe falecida,/mas ela se senta ao lado do sangue em silêncio, e ainda não se dignou/a olhar diretamente para seu filho nem proferir uma palavra para mim.” (Homero, *Odisseia* 11, versos 141-3 [Lattimore, 171-2]).

31. Teireisias, o profeta; não profetisa. Por alguma razão, Agrippa mudou o sexo do personagem. De todas as almas no Hades, apenas Teireisias tem consciência.

32. A sombra de Anchises expõe ao filho, Enéas, a doutrina da punição:

Mesmo quando a vida os deixou com seu último raio, ainda assim, todas as doenças e pragas do corpo não se afastam dos miseráveis; e é possível que muitas corrupções há muito contraídas se aprofundaram em seu ser. Por isso, eles sofrem uma provação de punição, e pagam a pena completa dos atos maldosos; alguns são expostos aos ventos; de outros, a mancha da culpa é lavada na enchente: cada um de nós sofre sua própria pena espiritual; e depois, somos libertados, para percorrer os amplos espaços dos Elíseos, e possuir os campos felizes, um grupo escasso: até que em um longo curso de tempo, quando o ciclo está completo, purgamos

as manchas há muito contraídas, deixando pura a essência etérea, e inalterado o fogo do céu. (Virgílio, *Eneida* 6, c. verso 734 [Londsdale e Lee, 174]).

33. A afeição residual das sombras pelas ações e sentimentos das vidas passadas é aparente quando Odisseu visita a terra dos mortos: “Apenas a alma de Telamonian Aias permaneceu/a uma certa distância, ainda com raiva da decisão/ que me foi favorável contra ele; quando ao lado dos navios nós disputamos/ nosso caso para as armas de Aquiles” (Homero, *Odisseia* 11, versos 543-6 [Lattimore, 182]). Ver também a reação do fantasma de Dido para com seu amante, Enéas, quando ele visita o Inferno (*Eneida* 6, versos 450).

34. Homero, *Odisseia* 11, versos 568-600; Virgílio, *Eneida* 6, versos 562-627.

35. O rei mítico Tântalo supostamente testou a previsão divina de Zeus presenteando o deus com um banquete de carne humana. Em outro relato, Tântalo foi convidado por Zeus a um banquete e depois traiu os segredos divinos a ele comunicados em confidência. Uma terceira versão conta que Tântalo roubou néctar e ambrosia da mesa dos deuses para dar a seus amigos mortais. Sua punição foi ficar continuamente com sede sem poder beber. Ver *Odisseia* 11, versos 583-92.

36. Ver nota biográfica.

37. O rico e efeminado rei da Frígia, que supostamente recebeu o dom de Silenus de transformar tudo o que tocava em ouro. Quando descobriu que não podia comer, ele implorou a Silenus que retirasse o dom. Silenus ordenou-lhe que se banhasse na nascente que era a fonte do Rio Pactolus, que limpou Midas da maldição e transformou as margens do rio em ouro.

38. O fraudulento e avarento rei de Corinto, condenado a rolar para sempre uma grande pedra montanha acima no Hades. Segundo a lenda mais comum, ele disse à esposa para deixar seu corpo desenterrado; depois, quando no Inferno, pediu a Plutão permissão para retornar à Terra e punir a negligência dela. Quando Plutão concordou, Sísifo se recusou a voltar para o submundo e foi levado para lá à força por Hermes. Ver *Odisseia* 11, versos 593-600.

39. A ninfa do rio Cirene alerta seu filho Aristeu sobre o poder de mudar de forma de Proteu:

Mas quando você o capturar, e o prender com as mãos e correntes, imediatamente muitas formas procurarão enganá-lo; e imagens de animais selvagens; pois ele se transformará de repente em um cerdoso javali; um feroz tigre; um dragão com escamas; e uma leoa com pescoço fulvo; ou produzirá um forte rosnado das chamas; e se esforçará para escapar das correntes, ou se derreter em água corrente, e fugir. (Virgílio, *Georgics* 4, c. verso 405 [Londsdale and Lee, 74]).

40. Ver nota 32 deste capítulo.

41. Livro 11 da *Odisseia*, em que Ulisses realiza um ritual necromântico segundo as instruções de Circe para conjurar as sombras dos mortos, para obter suas respostas oraculares.

42. *Odisseia* 11, versos 576-8. Ver também *Eneida* 6, c. verso 602. Virgílio tomou emprestada essa passagem intacta de Homero. Titos era o filho gigante de Gaia que, por instigação de Hera, tentou estuprar Ártemis. A deusa o matou com seu arco. É Ulisses quem conta a história ao rei Alcino.

43. Os livros herméticos são divididos quanto ao fato de as almas dos homens reencarnar com animais. Esta é a passagem à qual Agrippa se refere:

Mas se uma alma entrou em um corpo humano, ele persiste em maldade; ela não prova as delícias da vida imortal, mas é arrastada de volta; reverte o curso e retoma o caminho das coisas rastejantes; e aquela alma condenada, não conhecendo a si mesma, vive em servidão a um corpo nocivo e estranho (*Corpus Hermeticum* 10.8a [Scott, 1:193]).

Scott apresentou algumas páginas mais adiante nessa passagem, obviamente de outra autoria:

Mas ela pode entrar apenas em um corpo humano; pois nenhum outro tipo de corpo pode conter uma alma humana. Não é permitido que uma alma humana decaia tanto a ponto de entrar no corpo de um animal irracional; é uma lei de Deus que as almas humanas devam ser salvas de uma ofensa como essa (*ibid.* 10:19b [Scott, 210]).

Proclo escreve com uma certa ambiguidade:

Razão verdadeira afirma que a alma humana pode se alojar em animais, porém de tal maneira que ela possa obter sua própria vida, e que a alma degradada possa ser

levada para cima é presa à natureza básica, por uma propensão e semelhança de afeição. E esse é o único modo de insinuação que provamos por uma série de argumentos em nosso *Comentários sobre Phaedrus* (Introdução à *Teologia de Platão*, tradução para o inglês de Thomas Taylor, em Mead [1986], 1965, 193).

44. Ixion, o rei de Lapithae, na Tessália, casou-se com Dia e concordou em dar ao pai dela, Deioneus, um caro presente em troca da mão de Dia; mas de modo traiçoeiro atraiu seu sogro a um banquete e o arremessou a uma cova incandescente. Como punição, ficou louco. Zeus teve pena dele; curou sua loucura e o convidou ao Olimpo. Ixíon, que não se arrependeu, tentou, sem sucesso, seduzir Hera. Zeus ficou tão furioso que prendeu Ixíon para sempre a uma roda girante de fogo. Seu destino é mencionado de maneira breve por Virgílio (*Eneida* 6, linha 601) e Ovídio (*Metamorfose* 4, verso 461).

45. II Reis 2:15.

46. Números 11:25.

47. Esse é com certeza um dos relatos mais antigos (por volta de 1200) da morte de um vampiro, cortando-lhe a cabeça e atravessando-lhe o coração com uma estaca.

48. Acima de todos, há Eurynomos; os oficiais em Delfos dizem que Eurynomos é um

espírito demoníaco no Hades; que devora a carne dos mortos deixando apenas os ossos. Mas a *Odisseia* de Homero e *Minhyad e Homecomings*, que mencionam o Hades e seus horrores, nada relatam a respeito do demoníaco Eurynomos. Mas explicarei que tipo de Eurynomos está na pintura e qual a sua aparência: a cor da pele é algo entre o azul e o preto; como as moscas que pousam na carne; ele exhibe os dentes; e a pele de um abutre é estendida para que ele se sente (Pausânias, *Guide to Greece* 10.28.4 [Levi, 1: 479-80]).

49. O Monte Etna na Sicília é vulcânico.

50. *Odisseia* 11, versos 14-9.

51. A caverna de São Patrício da Irlanda, conhecida como Purgatório de São Patrício, é localizada em uma pequena ilha em Lough Derg em Donegal, Irlanda. O santo pintou as paredes da caverna com cenas do inferno, e com frequência se recolhia lá para a prática de oração e austeridades. Ela se tornou o centro de uma comunidade sempre em mudança de ascéticos, que se fechavam em seis pequenas tumbas por nove dias para saber antecipadamente o que os esperava no Inferno. Tinham a permissão de sair das tumbas três vezes ao dia para ir à capela; consumiam apenas pão e água por oito dias, e no nono dia jejuavam. Na costa da ilha havia uma pequena cabana de peregrinos que funcionava como um tipo de hotel. Embora pareça estranho, esse lugar era muito popular, em grande parte porque induzia a transe àqueles que voluntariamente enfrentavam as diversidades. Na verdade, funcionava como um oráculo cristão.

52. Acredita-se que Vulcano (Hephaestus) tinha sua oficina no interior do Monte Etna, na Sicília, onde fazia raios para Zeus.

53. A seção dos *Anais* (livros I e II) de Tácito, que trata das campanhas germânicas de Druso César (15 a.C. - 19d.C), também conhecido como Druso Júnior ou Germânico César, para distingui-lo do pai Nero Cláudio Druso.

54. Quando a frota de Germânico foi dispersa por uma tempestade, ele enviou navios em busca de seus soldados, que foram lançados pela Bretanha e ilhas ao redor. “Todos, ao voltarem de regiões distantes, contavam maravilhas a respeito de furacões violentos; pássaros desconhecidos; monstros marinhos, de forma meio-humana, meio-animal; coisas que de fato viram ou, em seu terror, acreditaram” (Tácito, *Anais* 2.24 [Church and Brodribb, 66]).

55. “Todo o resto [histórias das tribos germânicas] é fabuloso, como a de Helussii e Oxiones, que têm rosto e expressão de homem, mas corpo de animais selvagens” (Tácito, *Germany* 46 [Church and Brodribb, 732]).

56. A citação de Claudiano se refere ao ritual necromântico conduzido por Ulisses na terra dos mortos; mas foram as sombras, e não Ulisses, quem bebeu o sangue. - ver *Odisseia*, livro 11.

57. Talvez Dollar (Dolour) Law, uma montanha com 817 metros, nas fronteiras da Escócia, entre os Rios Yarrow e Tweed, a noroeste de St. Mary's Lake.

58. Tertuliano, *Against Marcion* 4.34.

59. Talvez se refira a um obra apócrifa atribuída ao papa Clemente I, ou Clemente Romano, que era considerado discípulo de Simão Pedro.

60. Ver Jonas 1:17. Também Apocalipse 11:9-12.

61. Que ninguém imagine, contudo, que as almas são imediatamente julgadas após a morte. Pois todas são detidas em um lugar comum de confinamento, até que chegue a hora em que o grande Juiz fará uma investigação de seus merecimentos. Então, aquelas cuja piedade for aprovada, receberão a recompensa da imortalidade; mas aquelas cujos pecados e crimes virão à tona, não nascerão novamente, mas ficarão escondidas na mesma escuridão com os vis, destinadas a uma punição [Lactanio, *Divine Institutions* 7.21 [Ante-Nicene Christian Library 21:474]].

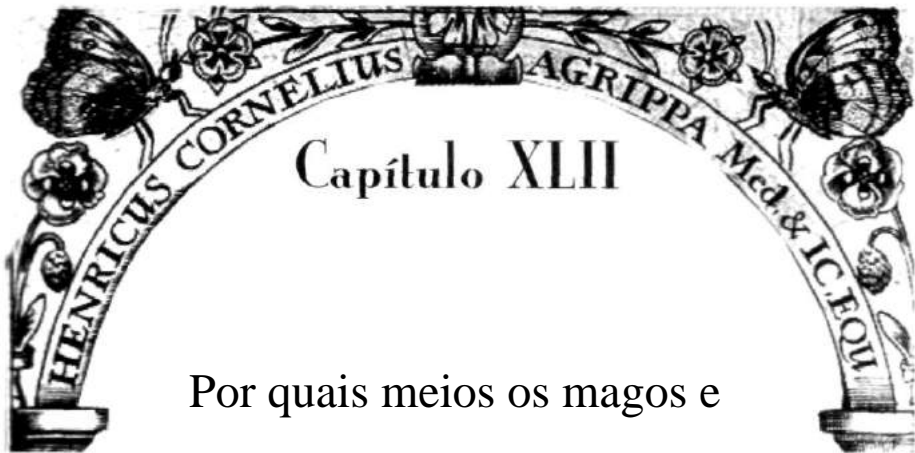
62. Talvez II Esdras 7:32.

63. Mateus 7:22-3.

64. Havia uma lenda popular na Idade Média, segundo a qual o papa Gregório, o Grande (540-604), rezou para que a alma pagã do imperador romano Trajano fosse libertada do Inferno. Tal libertação não era possível diretamente, então Deus fez com que Trajano renascesse e vivesse o suficiente para professar sua fé em Cristo, o que ele não poderia fazer no Inferno. Dante se refere a essa história em duas passagens na *Divina Comédia*: “Aqui temos a história da glória suprema do príncipe romano, cujo valor incitou Gregório à sua grande vitória: Falo de Trajano, o imperador...” (*Divina Comédia: Purgatório* 10.74-6).

Pois ele voltou para seus ossos, do Inferno, de onde jamais há retorno pela vontade justa; e essa foi a recompensa da esperança viva; da esperança viva, que colocou seu poder nas orações elevadas a Deus para revivê-lo, para tornar possível seu desejo. A alma gloriosa, da qual eu falo, ao retornar à carne, na qual ficou por pouco tempo, acreditou Nele que tinha poder de ajudar; e acreditando foi acalentada por tal fogo de amor verdadeiro que na segunda morte se tornou digna de participar da festividade (*Divina Comédia: Paraíso* 20:106-17).

65. Lucas 16:19-26.



Por quais meios os magos e
necromantes acreditam
conseguir invocar as almas dos
mortos

Telas coisas que já foram ditas, é evidente que, após a morte, as almas amam o corpo do qual saíram, particularmente aquelas que não tiveram um funeral decente ou deixaram o corpo por meio de morte violenta, vagando em torno de sua carcaça em espírito perturbado e aborrecido, como que atraídas por algo que tem com elas uma afinidade. Conhecendo-se o meio pelo qual no passado estavam unidas aos corpos, elas podem facilmente ser invocadas e atraídas por vapores, licores e sabores¹ que lhes são semelhantes, também com o uso de certas luzes artificiais, canções, sons e coisas semelhantes, que movem a harmonia imaginativa e espiritual da alma; também as invocações sagradas e outras coisas que pertencem à religião não devem ser negligenciadas, por razão da parte da alma racional, que está acima da natureza.

Assim, a bruxa teria invocado *Samuel*,² e a profetisa tessalonicense, em *Lucano*, teria feita uma carcaça ficar de pé;³ e assim, lemos nos poetas,

e naqueles que relatam tais coisas, que as almas dos mortos não podem ser chamadas sem sangue e uma carcaça; mas suas sombras podem facilmente ser atraídas pela fumigação de tais coisas; também podem ser usados ovos, leite, mel, óleo, vinho, água, farinha, como que comendo o remédio apropriado para as almas retomarem seus corpos, como vemos em *Homero*, quando *Circe* dá amplas instruções a *Ulisses*.⁴

Pensa-se, contudo, que essas coisas só podem ser feitas naqueles lugares onde essas espécies de almas têm maior ligação, ou por alguma afinidade, com o corpo, atraindo-as, ou por alguma afeição imprimida em sua vida, atraindo de fato a alma a certos lugares, ou ainda por alguma natureza infernal do lugar, sendo, portanto, apropriado para a punição ou purgação das almas.

Locais assim são mais bem conhecidos pela ocorrência de visões e incursões noturnas, e fantasmas desse tipo; alguns são conhecidos como locais de sepultamento e de execução,

e onde tenham ocorrido recentes matanças, ou onde as carcaças dos trucidados, ainda não expiadas nem devidamente enterradas, foram largadas alguns anos antes no solo. Pois a expiação⁵ e o exorcismo⁶ de qualquer lugar, bem como o sagrado sepultamento, sendo feitos ao corpo, com frequência impedem a alma de levantar e as afasta cada vez mais na direção dos locais de julgamento.

É daí que a necromancia recebe seu nome,⁷ pois opera em cima dos nomes dos corpos, e dá respostas por meio dos fantasmas e aparições dos mortos, e de espíritos subterrâneos, atraindo-os para as carcaças dos mortos, por meio de certos encantamentos e invocações infernais, e com sacrifícios mortais, e ímpias oblações. Nesse sentido, lemos em *Lucano* acerca de *Erichthone*,⁸ a bruxa; que invocava os mortos, e que previu a *Sexto Pompeu* todos os eventos da guerra de Farsália;⁹ havia também em Phigalia, uma cidade da Arcádia, certos magos, sacerdotes hábeis em ritos sagrados e invocadores das almas dos mortos. E as Escrituras Sagradas afirmam que uma certa mulher, uma bruxa, invocou a alma de *Samuel*; até mesmo as almas dos santos amam seus corpos e dão mais atenção às súplicas nos locais em que são preservadas suas relíquias.

Mas há duas espécies de necromancia: a que é chamada de *neciomancia*, ou revivificação de carcaças, que não é feita sem sangue; e a *ciomancia*,¹⁰ que consiste em invocar apenas a sombra. Para concluir, ela realiza todas as suas operações por meio das carcaças dos mortos com violência, e de seus ossos e membros, e tudo o mais deles, pois há em tais

coisas um poder espiritual que lhes é amigável.

Portanto, é fácil atrair o fluxo de espíritos ímpios, sendo a semelhança e propriedade muito familiar. E o necromante, fortalecido pela ajuda deles, pode fazer muito nas coisas humanas e terrestres, e incitar desejos ilícitos, provocar sonhos, doenças, ódio e paixões semelhantes, contando também com o poder das almas que, ainda envolvidas em um espírito perturbado e agitado, e vagando em volta de seu corpo abandonado, podem fazer as mesmas coisas que os espíritos ímpios cometem.

Considerando, portanto, por meio da experiência, que as almas ímpias e impuras arrancadas com violência de seu corpo, e de homens não expiados, privados de um funeral decente, vagam em torno de suas carcaças e são atraídas a elas por afinidade, os bruxos abusam delas para realizar suas bruxarias, atraindo essas almas infelizes pela aposição¹¹ de seus corpos ou usando parte deles, comprometendo-os por meio de encantamentos infernais, solicitando deles coisas mediante carcaças deformadas, espalhadas pelos vastos campos, e das sombras errantes daqueles que não tiveram um sepultamento, e por meio dos fantasmas mandados de volta desde o Aqueronte,¹² e das hostes do Inferno, os quais foram precipitados à condenação pela morte prematura; e pelos horríveis desejos dos condenados e orgulhosos demônios vingadores de impiedade.

Mas aquele que desejar de fato restaurar as almas a seus corpos deve, antes, conhecer a verdadeira natureza da alma de onde ela veio, e até que grau de perfeição foi dotada, com qual

inteligência é fortalecida, por quais meios foi difundida no corpo, por qual harmonia será com ele compactada; qual afinidade ela tem com Deus, com as inteligências, com os céus, elementos, e todas as outras coisas cuja imagem e semelhança lhe são próprias.

À guisa de conclusão, para o corpo ser recomposto novamente e trazer de volta os mortos, é necessário que todas as coisas pertençam não aos homens, mas somente a Deus, e aos que Ele as comunicar, como no caso de Eliseu que reviveu o corpo do filho do sunamita;¹³ e também *Alcestis*¹⁴ teria voltado à vida pelas mãos de Hércules e vivido por muito tempo, depois disso; e *Apolônio de Tiana* reviveu uma donzela já morta.

E devemos acrescentar aqui que às vezes acontece aos homens que seu espírito vivificador é neles retraído, e eles parecem mortos e sem sentido, quando então sua natureza intelectual permanece unida ao corpo, e tem a mesma forma, também permanecendo no corpo, embora o poder de vivificar não se estenda a ela, na

verdade, mas continue retraído na união com a natureza intelectual; entretanto, não deixa de existir; e embora se diga que um homem está morto, sendo a morte a falta de um espírito vivificante, não há de fato uma separação; e o corpo pode ser despertado de novo e viver.

E são muitos os milagres desse tipo; e muitos desse tipo eram vistos entre os gentios e judeus em épocas passadas, número a que faz referência Platão em seu décimo livro de *A república*, falando de Er, o armênio, panfílio de nascimento, que, tendo morrido em combate, andava a recolher ao fim de dez dias os mortos já putrefatos, quando o retiraram em bom estado de saúde, então levaram-no para casa para lhe dar sepultura, e quando, ao 12º dia, jazia sobre a pira, tornou à vida e narrou o que vira no além.¹⁵ Lemos a respeito dessas coisas também, em parte, no primeiro livro, e voltaremos a elas quando falarmos dos oráculos, que são ditos em arrebatamento, êxtase e na agonia de homens prestes a morrer.

Notas - Capítulo XLII

1. Sacrifícios de comida e bebida com aparência, odor e gosto agradável.

2. I Samuel 28:11.

3. O sangue pisado que jorra fica quente e nutre as feridas enegrecidas e corre nas veias e nas extremidades dos membros. Inflamados sob o peito frio, os pulmões palpitam; e uma nova vida aos poucos se imiscui com o tutano, até então desusado. E então, toda junta pulsa; os tendões se entendem; e por todos os membros, todo o corpo morto então se levanta da terra, é rejeitado pelo solo e se empertiga no mesmo instante. Os olhos com suas aberturas distendidas se abrem. Neles ainda não se vê o rosto de um ser vivo, de alguém que está morrendo. Sua palidez e rigidez permanecem e, trazido de volta ao mundo, ele se sente perplexo. Mas seus lábios selados ressoam sem qualquer murmúrio. Só lhe são dadas uma voz e uma língua para responder (Lucano, *Pharsalia* 6, linhas 750-62 [Riley, 244-5]).

4. Circe descreve a Ulisses o ritual necromântico para invocar as sombras dos mortos:

Cave um buraco com cerca de um cúbito em cada direção, e nele despeje, até encher, bebida oferecida para os mortos. Primeiro, mel misturado com leite e, por cima de tudo, salpique com cevada branca;

E prometa muitas vezes às cabeças sem força dos que se foram que, retornando a Ítaca, você sacrificará uma vaca estéril, a sua melhor, em seu palácio empilhará tesouros na pira, e a Teiresias, à parte, dedique um carneiro negro, um que se destaque entre o rebanho.

Mas quando, com suas orações, tiver suplicado o favor das gloriosas hordas dos mortos, sacrifique um carneiro e uma fêmea negra, virando-os na direção do Érebo, enquanto você se vira na direção oposta, e segue o curso do rio; e lá as numerosas almas dos mortos virão e se reunirão ao seu redor. (Homero, *Odisseia* 10, linhas 517-30 [Lattimore, 165-6]).

Circe não diz, mas Ulisses entende que deve encher o buraco com o sangue dos carneiros macho e fêmea sacrificados:

Quando terminei meus sacrifícios e orações às hordas dos mortos, peguei os carneiros e lhes cortei a garganta por sobre o buraco, e o sangue escuro escorreu para dentro dele, e as almas dos mortos se reuniram no local, provenientes do Érebo... (*ibid.* 11, linhas 34-7 [Lattimore, 169]).

Isso é necessário porque as sombras de Hades estão sem energia, e o sangue preenche-as com a força vital da vida. Isso não apenas atrai os fantasmas, mas dão a eles força para se tornarem cientes dos seus entornos e opostos.

5. Purificação de uma pessoa, lugar ou coisa de culpa por meio de cerimônia religiosa, particularmente para evitar o mal.

6. O ato de expulsar um espírito maligno de uma pessoa, lugar ou coisa por meio de cerimônia religiosa.

7. Grego: νεκρο, cadáver; μαντεία, adivinhação.

8. Erichtho.

9. Ver Lucano, *Pharsalia* 6, linha 777-800.

10. Grego: ateio, sombra; uavreíce, adivinhação. A bruxa de Endor invocou os fantasmas dos mortos para profetizar para Saul; e o mesmo fez Ulisses na terra dos mortos.

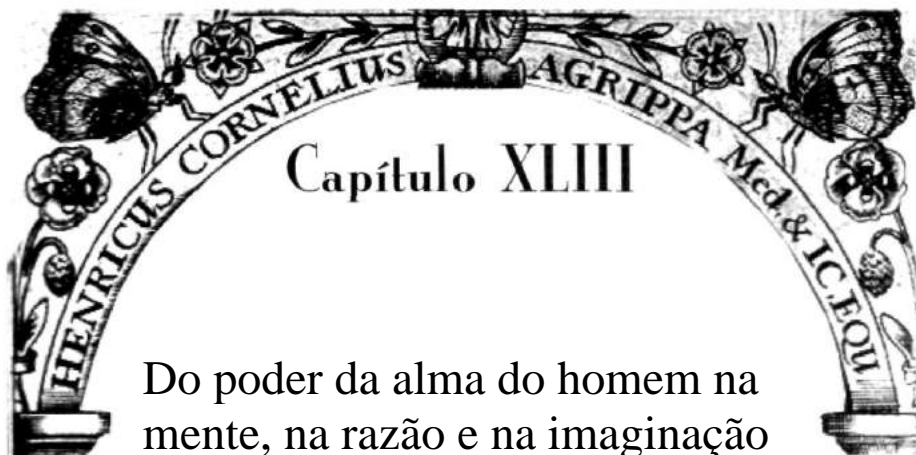
11. Aplicação.

12. O grande rio do Inferno (Hades), usado aqui para indicar toda a terra dos mortos.

13. II Reis 4:32-5.

14. Alcestis era a esposa de Admetus, rei de Pherae, na Tessália. Tendo ele adoecido, Apolo fez um pacto com as Moerae (Destinos) para que lhe poupassem a vida se outra pessoa fosse em seu lugar. Admetus aceitou a proposta, acreditando que algum servo ou amigo cumprisse o pacto, mas, quando a hora se aproximou, ninguém se ofereceu, até que, por fim, Alcestis se ofereceu para morrer no lugar do marido. Admetus ficou horrorizado, mas a sorte estava lançada. Quando a Morte estava pronta para levar Alcestis ao Hades, Hércules chegou ao palácio. Ele obrigou a morte a libertar a rainha, que voltou para o seu marido. Ver a peça *Alcestis*, de Eurípides.

15. Ver *A república* 10:614b-621b.



A alma do homem consiste em uma mente, razão e imaginação; a mente ilustra a razão, a razão flui para a imaginação: tudo é uma alma. Se a razão não for iluminada pela mente, não está livre de erros; mas a mente não dá luz à razão, a menos que Deus ilumine, ou seja, a primeira luz; pois a primeira luz é em Deus e excede em muito toda compreensão e, por esse motivo, não pode ser chamada de uma luz inteligível. Mas, uma vez infundida na mente, torna-se racional, e não pode apenas ser compreendida, mas também considerada: e então, uma vez infundida pela razão na fantasia da alma, torna-se não só excogitável, mas também imaginável; porém, não corpórea. Mas, quando de lá, ela vai para o veículo celestial da alma, torna-se enfim corpórea; não, porém, manifestamente sensível até que tenha passado para o corpo elemental, simples e aéreo ou composto, no qual a luz se manifesta de forma visível ao olho.

Considerando essa progressão da luz, os filósofos caldeus declaram um certo poder extraordinário da

mente: pode acontecer que a mente, estando fixa em Deus, encha-se de poder divino; e estando assim repleta de luz, seus raios se difundem por todos os meios, até mesmo o corpo mortal denso, escuro, pesado, podendo agraciá-lo com uma abundância de luz,¹ tornando-o como as estrelas e igualmente brilhante; e também pela plenitude de seus raios e fulgor, pode elevá-lo às alturas, como a palha é elevada pelas chamas de uma fogueira, carregando o corpo, como se fosse espírito, a lugares remotos.

Lemos, por exemplo, que *Filipe*, nos Atos dos Apóstolos, o qual batizava o eunuco na Índia, de repente se viu em Azoto.² O mesmo lemos de *Habacuque* em Daniel;³ outros passam por portas fechadas, fogem de seus carcereiros e das prisões; como lemos acerca de *Pedro*, o apóstolo,⁴ e de *Pedro*, o exorcista;⁵ talvez não se surpreenda tanto com isso a pessoa que já viu aqueles famosos homens melancólicos, que andam enquanto dormem e passam por lugares intransponíveis, e sobem aos locais mais inacessíveis, e exercem as obras daqueles que estão acordados, quando eles

próprios, em estado de vigília, não seriam capazes; coisas para as quais não há outra razão na natureza senão uma forte e exaltada imaginação.

Mas esse poder reside em todo homem e está na alma do homem desde a raiz de sua criação; mas varia de um homem para outro de acordo com força e fraqueza, e aumenta ou diminui de acordo com seu exercício e uso, por meio dos quais é levado do poder ao ato; e aquele que sabe corretamente o uso de tal faculdade pode ascender por seu conhecimento até sua faculdade imaginativa transcender e se unir ao poder universal, o que *Alchindus*, *Bacon* e *Gulielmus Parisiensis* chamam de senso da natureza; *Virgílio*, de senso etéreo; *Platão*, de senso do veículo.

E a imaginação do homem está em sua força maior quando aquele poder etéreo e celestial é jorrado em abundância sobre ela, por meio de cujo fulgor encontra alento, até apreender a espécie, as noções e o conhecimento das coisas verdadeiras, de modo que aquilo que seja pensamento em sua mente se manifeste como no pensamento, e obtenha tão grande poder que possa se lançar, unir e insinuar nas mentes dos homens, e dar-lhes certeza de seus pensamentos, e de sua vontade e desejo, ainda que por meio de espaços grandes e remotos, como se percebessem um objeto presente por intermédio dos sentidos;⁶ e em pouco tempo, muitas coisas podem ser feitas, como se fossem feitas sem o tempo.

Essas coisas, entretanto, não são concedidas a todos, mas àqueles cujo poder imaginativo e cogitativo seja mais forte e tenha chegado ao fim da especulação; o homem está apto

para apreender e manifestar todas as coisas, pelo esplendor do poder universal, ou da inteligência, e a apreensão espiritual que está acima dele, e isso é aquele poder necessário, ao qual deveriam obedecer e seguir todos os que procuram a verdade.

Se, portanto, o poder da imaginação é tão grande que pode se insinuar em quem bem entender, não sendo impedido nem interrompido por distância alguma de tempo ou espaço, e pode às vezes levar consigo o corpo pesado, imaginando ou sonhando, não há dúvida de que o poder da mente é ainda maior, se em algum momento obtiver sua devida natureza, e não sendo de maneira alguma oprimido pela atração dos sentidos, deverá perseverar como si mesmo, porém incorruptível.

Vejamos, agora, exemplos de como as almas se permeiam da abundante luz dos corpos celestes e, a partir daí, uma grandíssima abundância de luz redonda em seus corpos: o rosto de *Moisés* resplandeceu⁷ tanto que os filhos de Israel não podiam olhar para ele, tamanho era o brilho em seu semblante; *Sócrates* se transfigurou a tal ponto, lemos, que em luz ele superava as lucíferas rodas do Sol; quando *Zoroastro* se transfigurou, seu corpo foi levado para o alto. *Elias*⁸ e *Enoque*⁹ ascenderam ao céu em um carro de fogo e Paulo foi arrebatado ao terceiro céu.¹⁰ Nossos corpos, portanto, após o dia do Juízo Final, também serão chamados de gloriosos, e do mesmo modo serão arrebatados; e podemos dizer que, por esse meio, brilharão como o Sol e a Lua; coisa perfeitamente possível e que já aconteceu. *Avicbron*, o mouro, e *Avicena*, o árabe, e *Hipócrates*, o grego, e toda a

escola dos caldeus reconhecem e confirmam essa realidade.

Além disso, reporta a história que *Alexandre, o Grande*, estando cercado e em grande perigo na Índia, ardeu tanto em mente que pareceu, aos olhos dos bárbaros, emitir luz.¹¹ O pai de *Teodorico*, pelo que se diz, emitia centelhas de fogo por todo o seu corpo;¹² a mesma coisa fazia um sábio, emitindo fagulhas do corpo, acompanhadas por um barulho; tampouco esse poder da alma se encontra apenas nos homens, mas às vezes até nos animais, como no cavalo de Tibério, que parece soltar chamas pela boca.

Mas a mente está acima do destino na providência; portanto, ela não é afetada pelas influências dos corpos celestes nem pelas qualidades das coisas naturais; assim, só a religião pode curá-la; mas a sensibilidade da alma está no destino, acima da natureza, que de certa forma é o nó do corpo e a da alma, e sob o destino, acima do corpo; por isso, é mudada pelas influências dos corpos celestes, e afetada pelas qualidades das coisas naturais e corpóreas.

Chamo a essa sensibilidade da alma, esse poder vivificante e retificador do corpo, de o original de todos os sentidos; a própria alma manifesta nesse corpo seus poderes sensíveis e percebe as coisas corpóreas por meio do corpo, e o move, e o governa em seu lugar, e o nutre.

Nessa sensibilidade, dois poderes principais predominam: um é chamado de fantasia ou faculdade imaginativa ou cognitiva, de cujo poder já falamos, quando abordamos as paixões da alma;¹³ o outro é chamado de senso da natureza, do qual também falamos quando mencionamos a bruxaria.¹⁴

O homem, portanto, pela natureza de seu corpo, está sujeito ao destino; a alma do homem, pela sensibilidade, move a natureza no destino, na ordem da providência; a razão, porém, tem livre escolha; então a alma, pela razão, ascende até a mente, onde se enche de luz divina; às vezes, ela desce à sensibilidade e é afetada pelas influências dos corpos celestes, e qualidades das coisas naturais, e é desviada pelas paixões e pelo encontro com objetos dos sentidos; às vezes, a alma se volta totalmente para a razão, procurando outras coisas ou por meio da fala ou pela autocontemplação.

Pois é possível que aquela parte da razão, que os peripatéticos chamam de intelecto possível,¹⁵ possa ser levada à condição de falar livremente e operar sem a conversão para seus fantasmas, pois tão grande é o comando dessa razão que, por mais que qualquer coisa incorra à mente, ou à sensibilidade, ou à natureza, ou ao corpo, não pode passar para a alma, a menos que a razão se empenhe para isso.

Por esse meio, a alma não se preza a ver, nem ouvir, nem sentir, nem sofrer coisa alguma pelos sentidos externos, enquanto a razão cognitiva não a apreender primeiro; mas ela apreende tal coisa quando está em repouso, não quando anseia por ela, como vemos naquelas pessoas que não atentam para quem encontram, pensando com mais afinco em outras coisas.

Que se saiba, portanto, que nem as influências superiores, nem as afeições naturais, nem as sensações, nem as paixões da mente ou do corpo, nem qualquer outra coisas sensível podem operar ou penetrar a alma, senão pelo

juízo da própria razão. Assim, por ato dela, não por nenhuma violência extrínseca, a alma pode ser afetada ou perturbada, o que numerosos mártires provaram em seu martírio. Assim, *Anasarchus*, filósofo de Abdera, tendo sido lançado por ordem de *Nicocreontes*, um tirano de Chipre, sobre uma rocha côncava, ignorando as dores do corpo enquanto era golpeado com pilões de ferro, teria dito: “golpeiem, golpeiem a casca de *Anasarchus*, embora não consigam ferir o próprio *Anasarchus*”, o tirano ordenou que sua língua fosse cortada, mas ele, com os próprios dentes, a arrancou, e a cuspiu no rosto do tirano.¹⁶

Notas - Capítulo XLIII

1. Os Oráculos dos Deuses declaram que, por meio de cerimônias de purificação, não só a Alma, mas os próprios corpos se tornam dignos de receber muita assistência e saúde, pois, dizem, o revestimento mortal da matéria rude será, por esse meio, purificado. E isso os Deuses, em exortação, anunciam aos mais santos dos teurgistas (*Chaldean Oracles of Zoroaster* [Westcott, 60]).

2. Atos 8:27-40. Mas o eunuco foi batizado em algum lugar entre Jerusalém e Gaza.

3. Daniel 14:32-5. Os capítulos 13 e 14 de Daniel estão em grego (Bíblia católica) e não se encontram no texto hebraico.

4. Atos 12:7-10.

5. Durante o reinado do imperador romano Diocleciano (284-305), Pedro, o exorcista, foi jogado na prisão pelo juiz Sereno. Artêmio, o carcereiro, tinha uma filha que estava possuída por um espírito maligno. Pedro sugeriu que ele rogasse a Jesus Cristo pela salvação de sua filha. Artêmio respondeu que um deus que não podia tirar um de seus seguidores da prisão teria pouco poder para ajudar sua filha. Pedro afirmou que Deus tinha o poder tanto de libertá-lo quanto de curar a garota, quando então Artêmio decidiu testar a questão e trancou Pedro no mais fundo dos calabouços, acorrentando-lhe as mãos e os pés. Naquela noite, Pedro apareceu diante de Artêmio e sua esposa na casa deles e curou a filha do casal, ao mesmo tempo batizando 300 pessoas que haviam se reunido para observar. Sereno ordenou que Pedro fosse trancafiado novamente, porém mais uma vez foi libertado por um anjo e foi procurar Artêmio para instruí-lo em sua nova fé. A história tem um final infeliz - Artêmio, sua esposa Cândida e Pedro foram decapitados, e suas almas levadas ao céu por anjos. Ver Brewer 1901, 91-2.

6. Telepatia.

7. Êxodo 34:30.

8. Reis 2:11.

9. “E ele foi levado para o alto nos carros do espírito e seu nome desapareceu entre eles” (Livro de Enoch 70:2 [Charles 1913, 2:235]). Ver Gênesis 5:24.

10. II Coríntios 12:2.

11. Ver nota 6, cap. LXIII, l. I.

12. Ver nota 7, cap. LXIII, l. I.

13. Ver o começo do capítulo LXIII, l. I.

14. Ver cap. L, l. I.

15. Ora, pois, é evidente que, embora o intelecto possa estar unido a esse ou aquele homem, tem a primazia entre todas as outras coisas que pertencem ao homem, pois os poderes sensíveis obedecem ao intelecto e estão à sua disposição” (Tomás de Aquino, “Suma teológica” 76.2. Em *Introduction to Saint Thomas Aquinas*, ed. Anton C. Pegis [Nova York: Random House [Modern Library], 1948], 299).

“Reconhecer as naturezas das qualidades sensíveis não é tarefa dos sentidos, mas do intelecto” (*ibid.* 78.3 [Pegis, 328]). Quanto ao “intelecto possível”, termo oriundo de *De*

anima (Sobre a alma) de Aristóteles 3.4.429 a, Tomás de Aquino diz: “Mas o fantasma em si não é a forma do intelecto possível; a espécie inteligente abstraída dos fantasmas é essa forma” (*Suma teológica* 76.2).

E mais adiante, diz: “Mas o intelecto que é uma potencialidade às coisas inteligíveis, e por isso Aristóteles o chama de intelecto possível, não é passivo...” (*ibid.* 76.2). E mais adiante:

Portanto, nada impede a única e mesma alma, sendo ela imaterial, de ter um poder por meio do qual torna todas as coisas imateriais, pela abstração das condições da matéria individual (esse poder é chamado de intelecto agente), e outro poder, receptivo dessa espécie, que é chamado de intelecto possível, em virtude de ser uma potencialidade a tais espécies, (*ibid.* 79.4).

Agrippa parecia estar se referindo de modo específico à questão 76, artigo 2, a Resposta de Tomás de Aquino, mas o leitor deve ler as questões 76-9 da *Suma teológica*, à luz do livro 3 de *De anima*, de Aristóteles. 16. Ver a nota biográfica de Anaxarco.



Dos graus de almas e de sua destruição ou imortalidade

Amente, vindo de Deus, ou do mundo inteligível, é portanto imortal e eterna; mas a razão é por muito tempo vivida pelo benefício de sua origem celestial; já o que é sensível, vindo do seio da matéria e dependendo de sua natureza sublunar, é sujeito à destruição e corrupção: portanto, a alma por sua mente é imortal, por sua razão tem vida longa em seu veículo etéreo, mas resolúvel, a menos que restaurada no circuito de seu novo corpo;¹ ou seja, não é imortal, a menos que unida a uma mente imortal.

A sensibilidade da alma, portanto, ou a alma sensível ou animal, sendo produzida do seio de uma matéria corpórea, e o corpo sendo resolúvel, perecem os dois juntos, ou sua sombra permanece não por muito tempo nos vapores de seu corpo resolvido, em nada usufruindo da imortalidade, a menos que esteja unida a um poder mais sublimado.

A alma, então, que está unida à mente, é chamada de alma de pé, não cadente; mas nem todos os homens obtêm essa mente, pois (como dizia

Hermes)² Deus a oferece como um prêmio e recompensa das almas, a qual aqueles que negligenciarem, que não têm mente, e são marcados pelos sentidos materiais, e tornados como criaturas irracionais, recebem a mesma destruição que estas, como se lê em Eclesiastes:³ o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade.

É por isso que muitos teólogos pensam que as almas dos homens dessa espécie não têm imortalidade após terem deixado o corpo, mas apenas uma esperança de ressurreição, quando todos os homens forem restaurados. Agostinho relata que essa era a heresia dos árabes, que afirmavam que as almas morriam junto com seus corpos; e no dia do juízo final se levantavam novamente com eles.

Aqueles que, enfim, sustentados pela graça divina, obtiveram uma mente, de acordo com a proporção de suas obras se tornaram imortais⁴ (como dizia *Hermes*), tendo

compreendido todas as coisas por meio de seu entendimento, estando na terra, e no mar, e nos céus, e se existir alguma outra coisa acima do céu, contemplando o próprio bem.

Mas aqueles que viveram uma vida miserável, e que, embora não tenham obtido a inteligência divina, mas uma certa inteligência racional dela, as almas desses homens, quando deixam o corpo, migram para certos receptáculos secretos em que são afetadas com poderes sensíveis e exercidas em certo ato; e pela imaginação, e por virtudes irascíveis e concupiscíveis, ou se deleitam ao extremo ou lamentam amargamente. Essa era também a opinião de Santo Agostinho, no livro que escreveu *Do Espírito e da Alma*.⁵ Os sábios dentre os indianos, persas, egípcios e caldeus, todos ensinavam que essa alma sobrevive muito mais tempo que o corpo, mas não é imortal, exceto por meio da transmigração.

Já os nossos teólogos filosofam por um caminho bem contrário acerca dessas coisas, dizendo que, embora exista o mesmo original comum e princípio de todas as almas, elas são distinguidas pelo Criador em graus diversos, não apenas acidentais, mas também intrínsecos, fundamentados em sua própria essência, pela qual uma alma difere da outra, de acordo com o que lhe é próprio. Também é a opinião de *João Escoto*, bem como dos teólogos de Paris, que assim decretam em seus artigos.

Aliás, assim dizia o Sábio: fui um filho prodigioso e ganhei uma boa alma, melhor que muitas outras, e de acordo com essa desigualdade de almas, todos são capazes, em seu grau, de cumprir seu encargo; dom

gratuito dado por Deus, como lemos no Evangelho:⁶ “A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um, a cada um segundo a sua própria capacidade”. E o apóstolo diz:⁷ “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.”

Pois existem (segundo Orígenes)⁸ certas perfeições invisíveis, às quais são confiadas aquelas coisas que são distribuídas aqui sobre a Terra, nas quais não há pouca diferença, assim como também se requer dos homens.

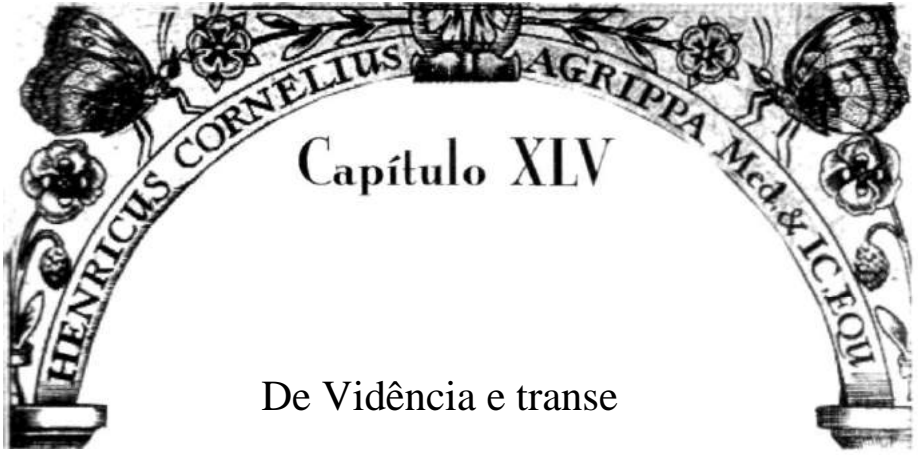
Assim, uns alcançam o mais alto grau de sabedoria e dignidade; outros pouco diferem dos animais, e alimentando os animais quase se transformam neles; outros vivem em virtudes e em riqueza; outros têm pouco ou nada, e às vezes esse pouco que têm lhes é tirado e dado àquele que tem mais; e assim é a justiça divina na distribuição dos dons, para que correspondam às virtudes de todo recebedor, a quem também as recompensas são dadas de acordo com suas obras: na proporção certa de dons para dons, merecimentos para merecimentos, havendo a mesma proporção de recompensas a recompensas.⁹

Para concluir, devemos saber que toda alma nobre tem uma operação quádrupla; a primeira é divina, pela imagem da divina propriedade; a segunda intelectual, pela formalidade da participação com as inteligências; a terceira racional, pela perfeição de sua devida essência; de modo que não há obra em todo este mundo tão admirável, tão excelente, tão

maravilhoso, que a alma do homem, conta própria sem ajuda externa. associada à sua imagem de divindade, Portanto, a forma de todo poder mágico que os magos chamam de alma de pé e vem da alma do homem de pé, e não não cadente, não pode realizar por cadente.

Notas - Capítulo XLIV

1. Uma referência à transmigração de almas.
2. “*Tat.* ‘Diga-me, pai, por que Deus não conferiu uma mente a todos os homens?’ - *Hermes.* ‘Era a vontade dele, meu filho, que a mente só fosse colocada como prêmio, para que as almas humanas a pudessem ganhar’” (*Corpus Hermeticum* 4.3 [Scott, 1:151]).
3. *Eclesiastes* 3:19.
4. “Mas tantos quantos usufruíram do dom [da mente] enviado por Deus, meu filho, são em comparação aos outros como deuses imortais aos homens mortais” (*Corpus Hermeticum* 4.5 [Scott, 1:153]).
5. Talvez *De anima e tejus origine*, de Agostinho.
6. *Mateus* 25:15.
7. *Efésios* 4:11, 12.
8. “Há também certos poderes invisíveis aos quais as coisas terrestres foram confiadas para administrar; e não se deve acreditar que existe diferença alguma entre eles, como também é o caso entre os homens” (*Orígenes, De principiis* 2.9.3 [*Ante-Nicene Fathers*, 4:290]).
9. Portanto, é possível compreender que havia originalmente vasos racionais, purgados ou não, isto é, que purgavam a si mesmos ou não, e que conseqüentemente todo vaso, de acordo com a medida de sua pureza ou impureza, recebia um lugar, ou região, ou condição por nascimento, ou um ofício a cumprir, neste mundo. E Deus, do alto até o mais humilde, distingue pelo poder de Sua sabedoria e distribui todas as coisas por meio de Seu julgamento controlador, de acordo com a mais imparcial retribuição, sendo assim cada um auxiliado e cuidado em conformidade com seu merecimento. Nisso, sem dúvida, se mostra todo princípio de igualdade, enquanto a igualdade das circunstâncias preserva a justiça de uma retribuição de acordo com o mérito (*ibid* 2.9.8 [*Ante-Nicene Fathers*, 4:293]).



Vidência é o poder que permite aos sacerdotes e outros discernir as causas das coisas e prever eventos futuros, quando, por exemplo, os oráculos e espíritos descem dos deuses de demônios até esses indivíduos e são por eles transmitidos; o que os platônicos chamam de descida das almas superiores até as nossas almas; e Mercúrio chama de os sentidos dos demônios e espíritos dos demônios. Essas espécies de demônios eram chamadas de Euridae e Pythonae,¹ que, como acreditavam, costumavam entrar no corpo dos homens e utilizar suas vozes e línguas, para a previsão de coisas futuras. *Plutarco* também faz menção a isso em seu diálogo acerca das causas do Defeito dos Oráculos.²

Mas *Cícero*, seguindo os estoicos, afirma que o pré-conhecimento de eventos futuros só pertence aos deuses;³ e Ptolomeu, o astrólogo, dizia que só os inspirados com uma divindade preveem determinadas coisas. Com eles concorda *Pedro*,⁴ o apóstolo, dizendo, “Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo”. *Isaías*⁵ também afirma que a previsão de coisas futuras é enviada pelos deuses, dizendo: “Anunciai-nos as coisas que ainda não de vir, para que saibamos que sois deuses; fazei bem ou fazei mal, para que nos assombremos, e juntamente o veremos”.

E são três as maneiras de se ver: frenesi, ou transe; êxtase e sonhos, cada qual em sua ordem.

Notas - Capítulo XLV

1. Ver nota 2 deste capítulo.

2. Pois é uma atitude muito tola e infantil supor que o deus [Apolo], assim como os espíritos falando nas entranhas dos ventríloquos (que no passado eram chamados de Eurícles e agora Pítons), entra no corpo do profeta e fala por meio de sua boca e voz, como instrumentos apropriados para tal fim. Pois aquele que mistura Deus nas questões humanas não tem respeito nem reverência que são devidos a tão grande majestade, sendo ignorantes de seu poder e virtude, (Plutarco, *De defectu oraculorum* [A obsolescência dos oráculos] 9, tradução de Robert Midgley [Goodwin, 4:13])

O adivinho de Atenas, Eurícles, era um ventríloquo com o sobrenome de Engastromythes (fala na barriga). O nome também era aplicado às sacerdotisas de Apolo. Ele é mencionado em Aristófanes nas *Wasps**, linha 1019 (“... e como o profético Gênio, que se escondia na barriga de Eurícles...”), e também por Platão em *Sofista* 252c (“... e como aquele estranho indivíduo, Eurícles, carregam consigo, aonde quer que vão, uma voz na barriga que lhes contradiz...”).

3. Como costuma ocorrer em suas referências, Agrippa atribui uma crença ao autor, que este expressa, mas não afirma ser sua:

Você defende, eu respondo, a própria fortaleza dos estoicos, Quintus, afirmando a dependência recíproca entre essas duas condições; assim, se existe essa arte de adivinhação, então existem deuses, e se existem seres que são deuses, então existe a arte da adivinhação. Mas nenhum desses dois pontos é admitido com a facilidade com que você imagina. Pois os eventos futuros podem ser indicados pela natureza sem a intervenção de nenhum Deus; e mesmo que existam deuses, ainda é possível que nenhuma forma de adivinhação seja dada por eles à raça humana (Cícero, *De divinatione* 1.6 [Yonge, 146]).

4. II Pedro 1:21.

5. Isaias 41:23.



Do primeiro tipo de transe, vindo das musas



transe é uma ilustração da alma vinda dos deuses, ou demônios. Daí este verso de *Ovídio*:

Deus está em nós, sustentáculos do trono

De Deus, do espírito que vem do alto.

Platão define¹ a ideia por alienação e amarração; pois abstrai daqueles pelos quais os sentidos físicos são estimulados e, alienando-se de um homem animal, adere a uma divindade da qual recebe aquelas coisas que não pode buscar por poder próprio; pois, quando a mente é livre e está em liberdade, as rédeas do corpo se soltam e, saindo como que de uma prisão, transcendem as amarras dos membros e, sem nada para impedir-lhe o caminho, sendo agitada por suas próprias instigações e instigada por um espírito divino, compreende todas as coisas e prevê eventos futuros.

Ora, são quatro os tipos de transe divino procedentes das várias deidades, a saber, das musas, de *Dioniso*, de *Apolo* e de *Vênus*.

O primeiro transe, portanto, procedendo das Musas, agita e

estimula a mente, e a torna divina ao atrair coisas superiores às coisas inferiores por meio de coisas naturais. Ora, as musas são as almas das esferas celestiais, de acordo com o que se encontram vários graus, e pelas quais há uma atração de coisas superiores a inferiores.

O inferior desses graus, assemelhando-se à esfera da Lua, possui aquelas coisas que são dos vegetais, tais como plantas, frutas das árvores, raízes e as provenientes de matérias mais duras, como pedras, metais, ligamentos² e suspensões.³ Por isso se diz que a pedra selenita,⁴ ou seja, pedra-da-lua, e a pedra da civeta⁵ possibilitam adivinhação. Também a verbena⁶ e a erva theangelis⁷ possibilitam a Vidência, como já foi explicado antes.

O segundo grau, semelhante a Mercúrio, possui aquelas coisas que são dos animais e compostas da mistura de diversas coisas naturais, como copas e carnes; nesse sentido, dizem que o coração de uma toupeira,⁸ comido ainda quente e palpitante, conduz à previsão de eventos futuros. E o rabino Moisés, em seus comentários sobre o Levítico, diz que

existe um animal ידוץ *Jedua*, de forma humana, de cujo umbigo sai um fio por meio do qual ele se prende ao solo como um cabaço, e até o ponto onde o fio alcança, o animal é capaz de devorar e consumir tudo o que for verde ao seu redor e, enganando a vista, nunca pode ser pego, a menos que o fio seja cortado por um dardo, quando então morre. Ora, os ossos desse animal, sendo colocados de certa maneira na boca⁹ de uma pessoa, esta logo entra em transe e começa a fazer previsões.

O terceiro grau responde à esfera de Vênus e possui sutis pós, vapores e odores, e unguentos, e sufumigações, que são feitas daquilo de que falamos.

O quarto grau pertence à esfera do Sol; possui vozes, palavras, cantos e sons harmoniosos, por cuja doce consonância expulsa da mente qualquer perturbação e anima novamente. É por isso que *Hermes*, *Pitágoras*¹⁰ e *Platão* nos aconselham a recompor uma mente descontente e animá-la com canto e harmonia. Por meio de sons, *Timóteo*¹¹ teria induzido o rei *Alexandre* a um transe; e o sacerdote de Calame (sob o testemunho de *Aurélio Augusto*)¹² podia, a bel-prazer, com uma certa melodia aguda, sair do próprio corpo e entrar em êxtase, assunto do qual também já falamos.

O quinto grau responde a Marte: ele possui imaginações veementes e afeições da mente, também conceitos e movimentos já mencionados.

O sexto grau responde a Júpiter: possui os discursos da razão, deliberações, consultas e purgações morais; de tais coisas falamos, em parte, e voltaremos a mencionar mais adiante. Ele possui também admirações e venerações, por cuja surpresa,

a fantasia e a razão às vezes são tão restritas que de repente deixam passar todas as suas ações; quando, então, livre e exposta só a uma deidade, seja ela deus ou demônio, recebe influências supernas e divinas, a respeito das quais já deliberamos. Lemos, por exemplo, que as sibilas e os sacerdotes de Pítia recebiam oráculos nas cavernas de *Júpiter* e de *Apolo*.¹³

O sétimo grau se assemelha a Saturno: possui as inteligências mais secretas e as silenciosas contemplações da mente. Chamo de contemplação aqui a livre perspicácia da mente, suspensa em admiração diante da contemplação da sabedoria. Pois a ex-cogitação feita por meio de enigmas e imagens é uma espécie de especulação, ou discurso pertencente a Júpiter, e não uma contemplação.

O oitavo grau se assemelha ao céu estrelado. Ele observa a situação, moção, os raios e a luz dos corpos celestes: possui também imagens, anéis e coisas do gênero, as quais são feitas de acordo com a regra dos celestiais, como já falamos.

O nono grau responde ao primum móbile, ou seja, a nona esfera, como o próprio Universo: possui coisas mais formais, tais como números, figuras, caracteres, e observa as influências ocultas das inteligências do céu, e outros mistérios que, trazendo em si as energias das deidades celestes e espíritos invocados, os atrai com facilidade e os ordena, por meio de uma certa necessidade de conformidade, a abordar e deter uma pessoa, não a deixando voltar facilmente; tema que lemos nos oráculos de *Porfírio*.¹⁴

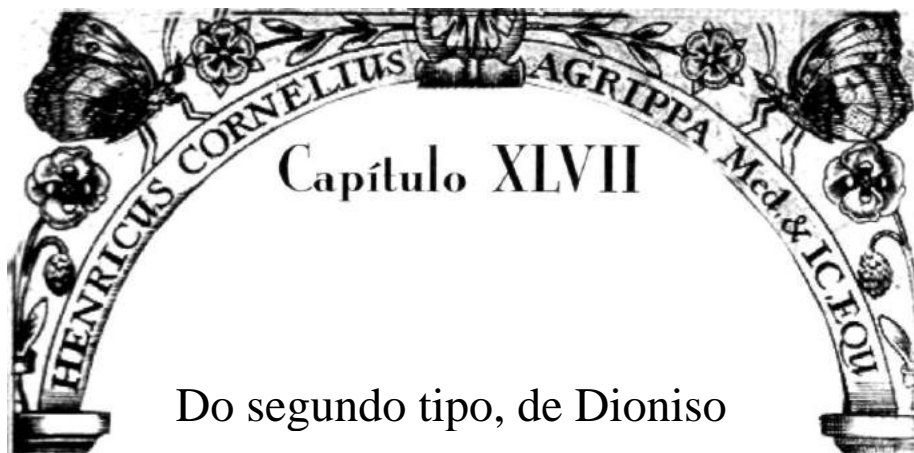
Cessa agora, poupa as palavras, e à vida
Dá repouso,

Dissolve, e deixa as velhas formas (te
solicito),
Deforma os membros, e aperta as
amarras.
E em outro lugar:
Vós, guirlandas, soltai os pés, com água
limpa

Borrifai-os, e que o verde louro Seja
tirado das mãos, e que toda linha
E caractere sejam borrados.
De tais temas já falamos o
suficiente, e a eles retornaremos adiante.

Notas - Capítulo XLVI

1. Ver Platão, *Fédon* 244-50.
2. Ver nota 1, cap. XLVI, l. I.
3. Ver nota 2, cap. XLVI, l. I.
4. Os filósofos dizem que, se for provada, traz o conhecimento de certas coisas futuras. Se a pedra for colocada debaixo da língua, principalmente no primeiro [dia da] Lua, ela tem uma virtude por apenas uma hora. Portanto, estando no décimo dia da Lua, ela tem essa virtude na primeira ou décima hora. O método de adivinhação é o seguinte: quando ela está debaixo da língua, se nosso pensamento estiver voltado para qualquer negócio, se tiver de se realizar, fixa-se com firmeza no coração, não podendo ser tirado; se não tiver de se realizar, o coração se afasta de um salto do objeto. (*Book of Secrets* 2.6 [Best and Brightman, 28]).
5. A hiena, ou pedra da hiena. Ver nota 3, cap. XXXVIII, l. I.
6. “Os povos nas províncias gaulesas [druidas] usam ambas [verbena macho e fêmea] para fins premonitórios e para a previsão de eventos futuros...” (Plínio 25.59 [Bostock e Riley, 5:121]). 7. Ver nota 5, cap. XXXVIII, l. I.
8. Ver nota 18, cap. LV, l. I.
9. Ver o comentário da Rashi, na nota 11 cap. XVI, l. III.
10. Ver Iamblicus *On the Mysteries* 2.9, e as notas de Thomas Taylor.
11. Ver nota 14, cap. XXIV, l. II.
12. Santo Agostinho, que era chamado de Aurélio Augusto, embora ele mesmo jamais usasse Aurélio como primeiro nome, tampouco fosse assim chamado nas cartas que lhe eram endereçadas. Essa mesma referência aparece no capítulo L, l. III. Calamae, ou Kalamata, era uma antiga cidade da Grécia (atual Kalamai, Peloponeso). Ver nota 5, cap. XLVIII, em que Iamblicus parece utilizar a mesma referência.
13. A mais famosa caverna de Apolo se localizava no Monte Parnasso, em Delfos, onde ficava a Pítia, ou sacerdotisa de Apolo. A mais notável caverna de Zeus ficava no Monte Dicte, a oeste de Creta, onde o deus teria sido criado às escondidas, longe da maldade de seu pai, Cronos.
14. *Prophyrri de Philosophia ex oraculis hauriendis*, um comentário acerca dos oráculos caldeus, preservado em partes em *Praeparatio evangelica*, de Eusébio.



Do segundo tipo, de Dioniso



segundo tipo de transe procede de *Dioniso*: é feito por meio de expiações, exteriores e interiores, e por meio de conjurações, mistérios, solenidades, templos e observações, desviam a alma para a mente, a suprema parte de si, fazendo dela um templo apropriado aos deuses, no qual os espíritos divinos podem morar e, por eles possuída e cheia de vida, a alma se enche de felicidade, sabedoria e oráculos, não em sinais e marcas e conjeturas, mas em uma certa concitação¹ da mente e no movimento livre: assim, *Baco* previa para a Boécia,² e *Epimênides* para o povo de Cous,³ e a Sibila *Erithea*⁴ para os troianos.⁵

Às vezes, esse transe acontece por meio de uma visão clara, às vezes por uma voz distinta: *Sócrates*, por exemplo, era governado por esse demônio, cujo conselho ele seguia prontamente, cuja voz ele ouvia com os ouvidos e para quem a forma de um demônio⁶ costumava aparecer. Muitos espíritos proféticos também se fizeram ver, associando-se às almas daqueles que eram purificados; exemplos do que encontramos nas Escrituras Sagradas, como em *Abraão* e sua

criada *Hagar*, em *Jacó*, *Gideão*, *Elias*, *Tobias*, *Daniel* e muitos outros.

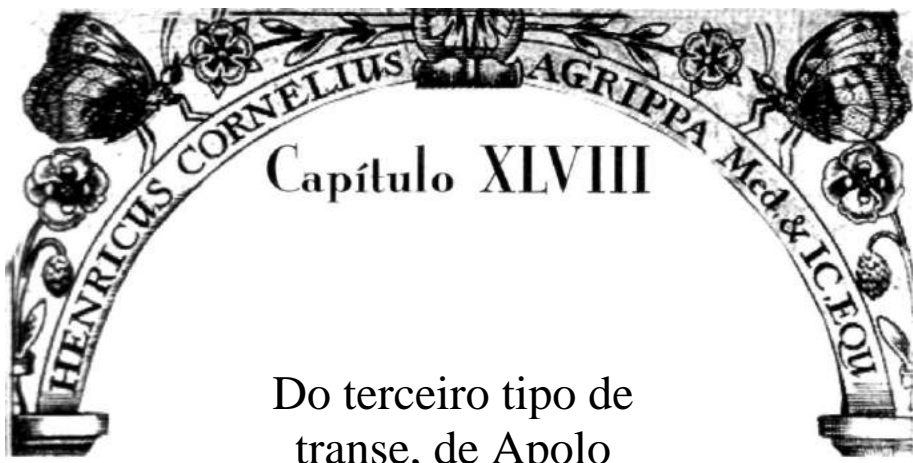
Assim, *Adão*⁷ tinha familiaridade com o anjo *Raziel*. *Sem*, filho de *Noé*, com *Jophiel*; *Abraão*,⁸ com *Zadkiel*; *Isaque* e *Jacó*⁹ com *Peliel*; *José*, *Josué*¹⁰ e *Daniel*,¹¹ com *Gabriel*; *Moisés*,¹² com *Metatron*; *Elias*, com *Malbiel*; *Tobias*,¹³ o jovem, com *Rafael*; *Davi*, com *Cerniel*; *Manoá*,¹⁴ com *Phadael*; *Cenez*,¹⁵ com *Cerrei*; *Ezequiel*,¹⁶ com *Hasmael*; *Esdras*,¹⁷ com *Uriel*; *Salomão*, com *Miguel*.

Às vezes, os espíritos - graças à virtude das almas - entram e se apoderam de corpos orgânicos, quer de animais ou de homens e, usando a alma como base, emitem vozes por meio de instrumentos orgânicos, como se manifesta na jumenta de *Balaão*,¹⁸ e em *Saul*,¹⁹ sobre o qual o espírito do Senhor recaiu e profetizou. Disso fala *Apolo* em suas respostas, segundo *Porfírio*:²⁰


Febo, em seu fulgor, do alto
 Desceu, e pelo ar puro se fez
 Transmitir; entrando nas almas
 purificadas
 Com um sopro sonoro, nelas
 manifestando uma voz
 Por meio de uma garganta mortal.

Notas - Capítulo XLVII

1. Agitação, tumulto.
2. Dioniso (Baco) era um deus profético cujo oráculo em Delfos era tão importante quanto o de Apolo. As principais sedes de seu culto eram a Boécia e a Ática.
3. Parece que não existe a menor ligação entre Epimênides e Cous (ver nota biográfica). Talvez Agrippa quisesse se referir a Cnossos.
4. Também chamada de Cumaean, Sibila, que segundo lendas teria vendido os livros sibilinos a Tarquin, o Orgulhoso. Quando os livros foram destruídos pelo fogo em 83 a.C, os romanos tinham uma coleção nova de mil versos oraculares obtidos em Eritreia (atual Cesme, Turquia). Esses oráculos parecem ter sido coletados pela primeira vez na época de Sólon e Ciro (século VI a.C), em Gergis, no Monte Ida, não longe de Troia. Foram atribuídos à sibila de Helesponto e guardados no templo de Apolo, em Gergis. De lá, foram levados para Eritreia, de lá para Cumae pela Sibila Herophile, e de Cumae para Roma.
5. Essa referência tripla de Agrippa deve ter sido inspirada por esta frase de Cícero:
Mas aqueles homens, por outro lado, são destituídos de arte, cedendo a pressentimentos quanto ao futuro, não agindo por meio da razão nem da conjuntura, tampouco observando e levando em conta sinais específicos, mas entregando-se, isso sim, à excitação da mente, ou a alguma influência desconhecida que não se submete a nenhuma regra ou restrição precisa (como costuma acontecer com aqueles que sonham e às vezes profetizam em transe), como Bacis de Boécia, Epimênides, o cretense, e a sibila de Eritreia (*De Divinatione* 1.18 [Yonge, 159-60]).
6. Ver nota 3, cap. XXII, l. III.
7. Ver nota 3, cap. XXIV, l. III.
8. Possível referência a Gênesis 18, embora o nome do anjo não seja mencionado.
9. Gênesis 26:24 e 32:30. Peniel, PIVAL, פְּנִיאל, “o rosto de Deus”.
10. Josué foi visitado por um anjo (Josué 1:1), e em vários lugares está escrito que “o Senhor estava com Josué” (Gênesis 39:2, 21, 23), mas o nome do anjo não é citado.
11. Daniel 8:16 e 9:21.
12. Metatron é identificado como Shekinah, ou Espírito Santo, que está com Moisés - ver notas 19 e 61 cap. X, l. III.
13. Tobias 5:4 (Bíblia católica).
14. Juízes 13:3-21. Mais uma vez o nome do anjo não é citado. Ver também Juízes 13:18.
15. Provável referência a Quenaz, irmão de Calebe, sobre quem o espírito do Senhor desceu (Juízes 3:9-10).
16. Ezequiel 1:26-8.
17. II Esdras 4:1 e seguintes.
18. Números 22:28.
19. I Samuel 10:10-3.
20. Ver nota 14, cap. XLVI, l. III.



Do terceiro tipo de transe, de Apolo

 terceiro tipo de transe procede de Apolo, ou seja, da mente do mundo. Com ele, por meio de certos sagrados mistérios, votos, sacrifícios, adorações, invocações e artes sagradas, ou certas confecções secretas, pelos quais os espíritos de seu deus infundem virtude, fazem a alma se elevar acima da mente, unindo-a a deidades e demônios.

Lemos acerca da estola sacerdotal,¹ que, ao ser usada, possibilitava a profecia. Lemos também nos livros dos Senados, no capítulo de *Eliezer*, que o rabino *Israel* fazia determinados bolos, sobre os quais vinham escritos alguns nomes divinos e angelicais, que eram consagrados, de modo que aqueles que os comessem com fé, esperança e caridade, logo irrompiam com um espírito de profecia. Lemos na mesma fonte que o rabino *Johena*, filho de *Jochahad*, do mesmo modo trouxe iluminação a um rude camponês chamado *Eliezer*, que, sendo analfabeto, foi tomado de um súbito arrebatamento e começou a pregar inesperadamente os grandes mistérios da Lei a uma assembleia de homens

sábios, assombrando todos os que estavam por perto.

E conta-se que um certo homem chamado *Herviscus*, um egípcio, era dotado de tal natureza divinatória que só ao ver imagens que representassem qualquer divindade entrava em uma espécie de transe divino.

Lemos ainda nas Escrituras que quando *Saul* se encontrava entre os profetas, o espírito do Senhor veio sobre ele, que começou a profetizar, e quando saiu da assembleia dos profetas, parou;² o mesmo aconteceu com os homens que *Saul* enviou atrás de *Davi*: os quais, vendo a companhia dos profetas, e *Samuel* no meio deles, receberam o espírito do Senhor e também profetizaram.³ Às vezes, a abundância de luz divina é tão grande sobre os profetas que, tomados de um transe divino, acabam contagiando também quem se encontra por perto, que entra no mesmo espírito de transe.

Não é incrível, portanto, que um homem ignorante se torne de uma hora para outra sábio ou que um sábio fique subitamente ignorante: pois existe uma certa arte (conhecida por

poucos) de informar, adornar e ilustrar uma mente pura, para que possa enfim ser resgatada da ignorância e trazida à luz da sabedoria: e ao contrário, há um modo, envolvendo certos segredos ocultos, de fazer aqueles que têm uma mente impura e descrente se tornarem ignorantes de novo, embora no presente seja cultos e sábios.

Também a mente do homem, especialmente quando simples e pura, pode (segundo o testemunho de *Apuleio*),⁴ por meio de alguma sagrada e misteriosa recriação, ser induzida a um sono e ofuscada a ponto de esquecer de vez as coisas presentes e entrar em sua natureza divina, sendo tão iluminada com luz divina, e inspirada em um transe divino, que é capaz de prever as coisas futuras e receber a virtude de alguns maravilhosos efeitos. Nesse sentido, diz *Jamblicus* que, quando os profetas são inspirados com uma divindade, não temem coisa alguma, pois passam por caminhos intransponíveis e são levados ao fogo sem se ferir, e também passam por sobre rios.⁵

Lemos a respeito de certas cavernas, como de *Apolo*,⁶ *Trophonius*,⁷ o tripé,⁸ covis, fontes, lagos e outros locais que eram consagrados aos deuses dessa maneira, ou feitos segundo esse mistério, para que então os sacerdotes possam atrair o espírito da profecia, como vemos em *Jamblicus*, em *Porfírio*:⁹ a Sibila (diz ele) em Delfos recebia Deus de dois jeitos: ou por meio de um espírito sutil e fogo, que provinha da boca da caverna, na qual ela se sentava à entrada sobre um banco com três pés, de bronze, dedicado a uma divindade, e era divinamente inspirada e profetizava; ou

um grande fogo saindo da caverna cercava a profetisa, agitando-a, tomando-a de uma deidade, e ela profetizava, inspiração essa que ela também recebia ao se sentar sobre um assento consagrado, logo irrompendo em previsões.

Havia, ademais, uma profetisa em Branchi;¹⁰ que se sentava sob uma árvore, e também segurava uma varinha na mão, que lhe fora dada por alguma deidade, ou lavava os pés, e às vezes a barra de suas vestes nas águas, ou extraía vapor do fogo das águas. Por todos esses meios, ela se enchia de esplendor divino e dava muitos oráculos.

Lemos também que na terra da Trácia havia determinada passagem¹¹ consagrada a *Baco*, da qual previsões e oráculos eram dados, com seus priores tendo bebido vinho em abundância e fazendo coisas estranhas. Também na cidade de Clarus, onde o templo de *Clarius Apolo*¹² se encontrava, havia os que tinham o dom de pronunciar coisas divinas após ter bebido muito vinho, fazendo coisas estranhas.

Havia uma fonte profética Patrai em Achaia,¹³ localizada diante do templo de Ceres, onde aqueles que indagassem a respeito da condição dos doentes desciam devagar à água um vidro amarrado a um pequeno cordão, e após fazer certas súplicas e fumigações, tal condição se fazia ver no vidro.¹⁴

Não muito longe de Epidaurus, uma cidade da Lacônia, havia um charco profundo chamado de Água de *Juno*,¹⁵ que, após serem nele jogados bolos de milho, dava respostas felizes se as águas retivessem o que lhe fora jogado; mas infelizes, se,

como em ato de desprezo, os bolos fossem atirados de volta. O mesmo fenômeno dizem que ocorre nas cavernas de Etna, onde dinheiro ou sacrifício mostravam os mesmos presságios bons ou maus, sendo retidos ou rejeitados.

Coisas semelhantes relata *Díó* em sua História Romana, em um local que chamam as Ninfas, o qual, após se oferecer olíbano no fogo, fornecia oráculos a respeito de todas aquelas coisas que se quisesse saber, particularmente em relação à morte, e àquelas coisas pertinentes ao matrimônio.

Maravilhoso também é o que relata Aristóteles a respeito de uma fonte dos paliscanos da Sicília,¹⁶ à qual as pessoas se dirigiam para fazer juramentos e afirmações, que ins-

critas em tábuas eram jogadas na água. Se as coisas escritas fossem verdadeiras, as tábuas boiariam; se falsas, afundariam; em seguida, surgia de súbito um fogo que queimava até as cinzas aqueles que cometessem perjúrio.

Havia também na cidade de Dodona um carvalho,¹⁷ que, tão logo alguém entrasse para receber alguma resposta, se movia e emitia um som; além disso, havia uma estátua segurando uma varinha que batia em uma vasilha, a qual dava respostas por meio de toques moderados. Daí a se ler na epístola de *Austinus a Paulinus*:

E o metal de Dodona dava respostas,

Com seus toques moderados, tão dócil
que era.

Notas - Capítulo XLVIII

1. A veste de um sacerdote judeu. Era feita de linho, não tinha mangas e era aberta sob as axilas, sendo presa por fivelas na altura dos ombros e ornada na cintura. As cores dessa estola do sumo sacerdote eram ouro, púrpura e escarlate. Davi a usava para profetizar. Ver I Samuel 23:9-11; 30:7-8.

2. Ver nota 19, cap. XLVII, l. III.

3. I Samuel 19:20.

4. Após se banhar sete vezes no oceano, Apuleio invoca a Deusa com uma oração: “Quando terminei a oração e expus minhas súplicas à Deusa, tive a boa fortuna de adormecer, e aos poucos foi-me aparecendo um rosto divino e venerável, venerada até pelos próprios deuses” (*O asno de ouro*, cap. 47). A Deusa prevê o futuro de Apuleio.

Quanto à questão do sono profundo, Iamblicus escreve:

Mas os sonhos que são denominados *tehopemptoi*, ou *enviados de Deus*, não subsistem do jeito que você diz; mas ocorrem ou quando o sono está nos deixando e nós começamos a acordar, e depois ouvimos uma certa voz que nos diz de modo conciso o que deve ser feito; ou quando ouvimos vozes entre o sono e a vigília, ou quando estamos perfeitamente despertos. E às vezes, de fato, um espírito invisível e incorpóreo cerca os adormecidos para não ser percebido pela visão, e sim por outra co-sensação e inteligência. A entrada desse espírito é também acompanhada de um barulho, e ele se espalha por todos os lados sem o menor contato e efetua admiráveis obras que conduzem à liberação de paixões da alma e do corpo. Mas, às vezes, uma luz discreta e brilhante se mostra, cuja visão faz os olhos fecharem, se estavam antes abertos. Os outros sentidos, porém, se encontram em estado vigilante, e sob certo aspecto têm uma co-sensação da luz difundida pelos Deuses; e o adormecido ou o que repousa ouve o que os Deuses dizem, e sabe, por

percepção consecutiva, o que então é feito por eles. Isso, entretanto, é observado de modo ainda mais perfeito quando a visão percebe, quando o intelecto corrobora e segue o que é realizado, sendo acompanhado pelo movimento de espectadores. Sendo, portanto, essas as diferenças desses sonhos, nenhum deles é semelhante ao sonho humano comum (Iamblicus, *On the Mysteries* 3.2 [Taylor, 115-6]).

5. Muitos, mediante inspiração divina, não se queimam quando tocados pelo fogo, uma vez que a influência inspiradora impede a ação danosa do fogo. Muitos também, embora se queimem, não sentem o dano, pois não vivem uma vida animal. E há alguns que, embora atravessados por espetos, não percebem; mas outras são golpeadas nos ombros com machados, e outras têm os braços cortados com facas, sem ter a menor consciência do que lhes está acontecendo. Suas energias também não são humanas. Pois, lugares inacessíveis se tornam acessíveis àqueles que recebem inspiração divina; essas pessoas são jogadas no fogo, caminho no meio do fogo, e andam sobre as águas dos rios, como o sacerdotes em Castabalis, sem se machucar. (*Ibid.* 3.4 [Taylor, 122])

6. Ver nota 13, cap. XLVI, l. III.

7. Trophonius era filho de Erginus, rei de Orchomenus. Junto a seu irmão Agamedes é lendariamente famoso por ter construído o templo em Delfos, uma estrutura magnífica. Após sua morte, ele passou a ser venerado como herói e teve um oráculo próprio em sua homenagem, em uma caverna perto de Lebadea, na Beócia (a oeste do atual lago Voivis). Para um fascinante relato em primeira mão do oráculo de Trophonius, ver Pausânias, *Guide to Greece* 9.39.4. Pausânias não só viu o oráculo, mas também passou pelos procedimentos rituais para consultá-lo.

8. A sacerdotisa em Delfos se sentava em um tripé - um banquinho com três pés - sobre uma fissura na caverna de Apolo, de onde subiam fumaças tóxicas. Embora raramente se diga de modo explícito, o motivo era que se acreditava que as fumaças entravam nela não pela garganta, mas pelo ventre.

9. Mas a profetiza em Delfos, quer estivesse dando oráculos à humanidade por meio de espírito atenuado e incandescente, jorrando da boca da caverna, quer estivesse sentada no adito sobre um tripé de bronze, ou sobre um banco com quatro pés, tornava-se consagrada ao Deus; e como tal, ela se entrega ao espírito divino e é iluminada com um raio de fogo divino. E quando o fogo, ascendendo da boca da caverna, a envolve em círculos em abundância, ela se enche dele com um esplendor divino (Iamblicus, *On the Mysteries* 3.11 [Taylor, 143]).

A premissa dessa obra é ser uma resposta dada por Iamblicus a Porfírio a perguntas feitas na *Carta a Anebo*, deste último, que é o prefácio de *On the Mysteries* - dá a referência de Agrippa a Porfírio.

10. A mulher profética também em Brandchidae, segurando uma varinha na mão que fora recebida de algum Deus, e tornando-se cheia de esplendor divino, ou sentada sobre um eixo, prevê eventos futuros; ou ela mergulha os pés ou a barra do vestido na água, ou ainda recebe Deus ao ingerir os vapores da água; por todos esses meios, ela se torna apta a participar externamente do Deus (*ibid.* [Taylor, 144]).

Vale a pena examinar a carta da Roda da Fortuna, no tarô Visconti-Sforza, sob a luz da interpretação acima.

11. A Trácia era o principal centro do culto a Dioniso e é provável que o deus tenha sido levado de lá para a Grécia. O oráculo trácio de Dioniso (que os trácios chamavam de Baco) se localizava sobre uma fissura, ou caverna, em um dos mais altos picos das montanhas Rhodope (Sul da Bulgária).

12. Clarus era uma pequena cidade na costa jônica, perto de Colofonte (não muito distante de Éfeso), famosa somente por seu templo e oráculo de Apolo, que recebeu, assim, o sobrenome de Clarius. Ver Iamblicus, *On the Mysteries* 2.10 (Taylor, 141-2).

13. Atual Patrai, Grécia.

14. Há uma fonte na frente do santuário de Demeter, com uma pedra seca e uma trilha que desce até a fonte do outro lado. Há um oráculo infalível aí, que serve para os doentes. Amarram um espelho em algum tipo de cordão fino e o equilibram sobre a superfície da água na fonte, sem mergulhá-lo, mas apenas deixando a superfície do espelho tocar de leve a água. Em seguida, rezam à deusa e, queimam incenso e olham no espelho, vendo nele a pessoa doente, viva ou morta (Pausânias, *Guide to Greece* 7.21.5 [Levi, 1:283-4]).

Levi crê que essa seja a fonte que se encontra na igreja de Santo André, perto da catedral de Patrai.

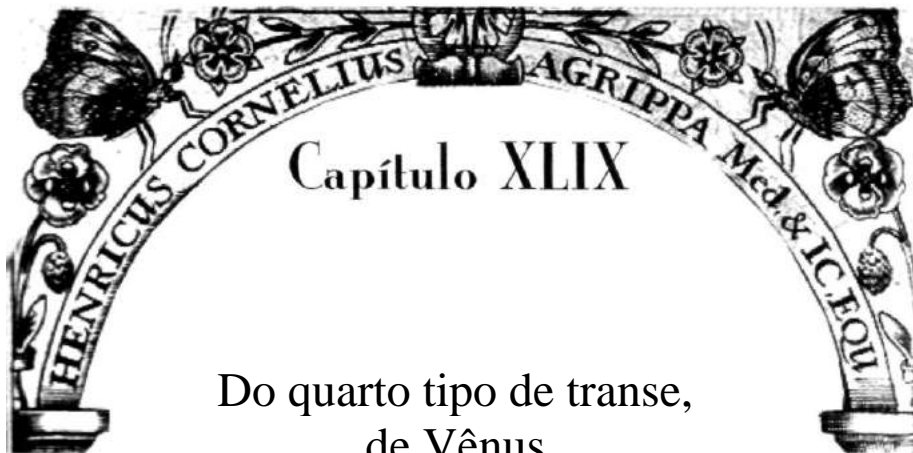
15. Cerca de um quarto de milha mais para a direita se encontra a água de Ino, como a chamam, do tamanho de um pequeno lago, porém mais profunda; nela, jogam-se pães de centeio, no festival de Ino. Quando a água aceita os pães e fica com eles, significa um bom augúrio para quem os jogou lá; mas, se ela os manda de volta à superfície, isso é considerado um mau sinal (*ibid.* 3.23-8 [Levi, 2:87-8]).

Levi diz que foi descoberta uma pequena lagoa em tempos recentes, cerca de um quarto de milha da acrópole em Epidauru, a qual tem mais de 30 metros de profundidade. Ino era a filha mortal de Cadmus, que deu à luz dois filhos ilegítimos de Athamas. Quando Athamas foi enlouquecido pelos deuses por sua infidelidade, Ino se jogou no mar e foi transformada na deusa Leucothea. Agrippa confundiu Ino com Juno.

16. Em Palícia, na Sicília (sudoeste da atual Lentini), havia duas fontes sulfurosas chamadas Deilloi, que eram consagradas aos Palici, deuses gêmeos nascidos de Zeus, e à ninfa Talia, filha de Vulcano. No início dos tempos, eram oferecidos sacrifícios humanos aos deuses. Nos tempos clássicos, seu santuário se tornou asilo para escravos foragidos. Eram feitos juramentos em tábuas e atirados a uma das duas fontes. Se as tábuas flutuassem, os juramentos eram considerados verdadeiros; se afundassem, eram vistos como mentiras e os perjuros eram punidos com a cegueira ou a morte.

17. É muito duvidoso que o oráculo através do bronze fosse recebido no bosque sagrado de Zeus em Dodona. Parece ter existido um círculo de vasos colocados em volta ou pendurados nas árvores ao redor do templo. O vento soprando fazia os vasos soar com tons melódiosos. Talvez fossem penduradas varas leves de modo que tocavam os receptáculos de bronze ou gongos, quando movidas pela brisa entre os carvalhos. Ou talvez estátuas segurando varas fossem colocadas perto do bronze que se balançava suavemente, movido pelo vento entre os galhos dos carvalhos sagrados, estando os vasos suspensos nos ramos.

18. A carta de Ausônio Décimo Magno a Merópio Pôncio Anício Paulino. Ver notas biográficas separadas.



Do quarto tipo de transe, de Vênus

Agora o quarto tipo de transe procede de *Vênus*, e, por meio de um amor fervoroso, converte e transmuda a mente para a de Deus, e a torna totalmente igual à de Deus, como se fora a verdadeira imagem de Deus; o que leva *Hermes* a dizer:¹ Ó Asclépio! O homem é um grande milagre, um animal a ser honrado e adorado; pois ele passa para a natureza de Deus, tornando-se assim Deus: ele conhece a natureza dos demônios e sabe que tem sua origem neles, desprezando a parte de sua natureza humana em si mesmo, tendo total segurança da divindade do outro; sendo sua alma, portanto, convertida e feita como Deus, é formada de Deus, de modo que se eleva acima de todo intelecto, conhece todas as coisas por meio de um certo contrato essencial de divindade; portanto, Orfeu descreve o amor como sendo sem olhos,² pois está acima do intelecto.

Sendo, portanto, a alma convertida a Deus pelo amor e sublimada acima da esfera intelectual, e tendo obtido por sua integridade o espírito

de profecia, às vezes realiza coisas maravilhosas e maiores do que a natureza do mundo pode fazer, coisas essas chamadas de milagres. Pois, assim como o céu por sua imagem, a luz, e calor, faz coisas que o fogo não é capaz de fazer por sua qualidade natural (o que se conhece por experiência na alquimia,³) também Deus, pela imagem e luz de si mesmo, faz aquelas coisas que o mundo não é capaz de fazer por uma virtude inata.

Ora, a imagem de Deus é o homem, pelo menos um homem que, por um transe de Vênus, é feito como Deus, e vive só pela mente, e recebe Deus em si. Entretanto, a alma do homem, segundo doutores hebreus e cabalistas, é definida como sendo a luz de Deus, e criada segundo a imagem do Mundo, a causa das causas, o primeiro exemplo, e a substância de Deus, figurada por um selo cujo caráter é a Palavra eterna.⁴ Tema a que se refere *Mercúrio Trismegisto*, dizendo que tal homem é mais excelente do que aqueles que se encontram no céu, ou no mínimo igual a eles.⁵

Notas - Capítulo XLIX

1. Ver *Asclépio* 1.6a (Scott, 1:295).

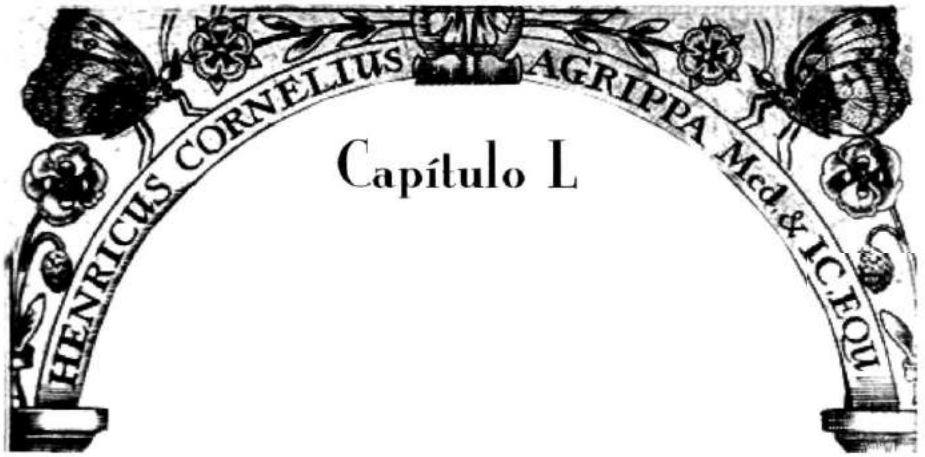
2. Uma observação refletida por Chaucer (“The Marchantes Tales”), linha 1598, e Shakespeare (*O mercador de Veneza*, ato 2, c. 6, linha 36).

3. “Ó aquelas naturezas celestiais, multiplicando as naturezas da verdade segundo a vontade de Deus! Ó aquela potente natureza, que venceu e conquistou naturezas, e fez com que as naturezas se regozijassem e fossem felizes! Essa, portanto, é a natureza especial e espiritual a que Deus dá o que o fogo não pode” (*Turba Philosophorum* 11 [Waite, (1896) 1976, 35]).

4. Isso se aplica mais à alma arquetípica de Adão, que compreende em si todas as outras almas, que às almas humanas individuais. A Palavra é IHVH. O selo é o hexagrama conector.

5.”Se tivermos de falar a verdade sem medo, aquele que é de fato um homem está acima dos deuses do céu, ou, pelo menos, iguala-se a eles em poder” (*Corpus Hermeticum* 10.24b [Scott, 1:205]):

Desejando que o homem fosse ao mesmo tempo um ser da terra e capaz de imortalidade, Deus o compactou dessas duas substâncias, uma divina, a outra mortal; e sendo assim compactado, é determinado por Deus não só a ser melhor que todos os seres mortais, mas também melhor que os deuses, que são feitos integralmente de substância mortal (*Asclépio* 3.22b [Scott, 1:337]).



Do arrebatamento do êxtase e das previsões que acontecem com aqueles que adoecem, ou que desmaiam, ou que se encontram em agonia



Um arrebatamento é uma abstração e alienação, bem como uma ilustração da alma procedente de Deus, por meio do qual Deus retoma a alma, que havia caído do céu para o inferno, de volta do inferno para o céu. A causa disso é, em nós, uma contínua contemplação de coisas sublimes, que, em harmonia com uma profunda intenção da mente, a alma em sua sabedoria profunda se recolhe com suas veementes agitações das coisas sensíveis e do corpo, e (como dizia *Platão*) às vezes de tal maneira que até sai do corpo, parecendo ser dissolvida; como relata *Aurelius Austin* a respeito de um sacerdote de Calamia:¹ (que já mencionamos antes) ele estava deitado com toda a aparência de morto, sem respirar; e quando foi queimado com fogo e ferido, não o sentiu.

É grande, portanto, o comando da alma quando esta obtém sua natureza própria e não é oprimida pela

atração dos sentidos, a tal ponto que por poder próprio ela ascende, ou permanecendo no corpo, ou às vezes se libertando de suas amarras, e voa para fora dele até as moradas supercelestiais, onde, estando mais próxima de Deus e mais semelhante a ele, e convertida em receptáculo de coisas divinas, ela se enche com a divina luz e os oráculos.

Como dizia, nesse sentido, *Zoroastro*:² “tu deves ascender até a própria luz, e até os raios emanados do Pai, quando então tua alma te será enviada, investida de boa e grande mente”. E *Trismegisto* dizia:³ “é necessário que ascendas acima dos céus, e te mantenhas longe das artimanhas dos espíritos”; e *Pitágoras* dizia:⁴ “se, ao deixares o corpo, tu passares aos espaçosos céus, serás um deus imortal”.

Lemos, assim, que *Hermes*, *Sócrates*, *Xenócrates*, *Platão*, *Plotino*,⁵ *Heráclito*, *Pitágoras* e *Zoroastro* eram dados a se abstrair em arrebatamentos e assim adquirir o conhecimento

de muitas coisas. Também lemos em *Heródoto* que havia em *Proconnesus* um filósofo de magnífico conhecimento chamado *Atheus*,⁶ cuja alma às vezes saía do corpo e, após visitar lugares remotos, retornava a ele mais sábia e culta. Plínio relata a mesma coisa, que a alma de *Harman Clazomenius*⁷ costumava vagar fora do corpo, trazendo depois informações verídicas de coisas distantes.

E existem até hoje na Noruega e Laplândia⁸ muitos indivíduos que conseguem se abstrair por três dias inteiros do corpo, e ao retornar declaram muitas coisas que viram em lugares distantes; e enquanto estão ausentes é necessário vigiar para que nenhum ser vivo se aproxime ou toque no corpo; do contrário, afirmam, não podem retornar a ele.

Devemos saber, portanto, que (de acordo com a doutrina dos egípcios), já que a alma é um ser espiritual, quando ela se liberta do corpo pode estar em qualquer lugar e tempo, de tal forma que, como uma luz dentro de uma lanterna, se esta for aberta, difunde-se para todos os lados e não deixa nenhum lugar escapar, pois está em todo lugar e continuamente; e *Cícero*, em seu livro *De Adivinhação*, diz que a alma do homem não é capaz de adivinhar em momento algum, a menos que esteja suficientemente solta a ponto de ter pouca ou nenhuma ligação com o corpo;⁹ quando, então, alcançará aquele estado que é o supremo grau de perfeição contemplativa, sendo arrebatado de todas as espécies criadas, e não compreende mais apenas pelas espécies adquiridas, mas pela inspeção das ideias: o que leva Platão a afirmar que poucos homens são

participantes nesta vista; mas nas mãos dos deuses, todos.¹⁰

Também aqueles que se perturbam com a síncope¹¹ e com doença debilitante, de certa forma imitam uma síncope, e nessa doença às vezes como em arrebatamento desenvolvem a profecia,¹² em cujo tipo lemos que *Hércules*¹³ e muitos árabes eram excelentes.

E há certos tipos de previsões que são uma mistura entre os confins das predições naturais e os oráculos sobrenaturais, isto é, que declaram coisas futuras a partir de um excesso de paixão, como de amor, tristeza ou em meio a frequentes suspiros, ou na agonia da morte, como em *Statius*, da mãe de *Aquiles*:¹⁴

Tampouco aquela sem pais queridos
Sob o transparente, os remos temia.

Pois existe em nossas mentes um certo poder perspicuo e capaz de todas as coisas, mas impedido pela escuridão do corpo e da mortalidade; porém, após a morte, tendo adquirido a imortalidade e livre do corpo, em um conhecimento pleno e perfeito. É por isso que aqueles que estão próximos da morte, e enfraquecidos pela velhice, às vezes têm uma luz incomum, pois a alma, estando menos tolhida pelos sentidos, adquire uma compreensão mais aguda e, um pouco relaxada de suas amarras, não se sujeita ao corpo; e estando mais perto do lugar aonde deve ir, percebe facilmente revelações, que, misturadas com suas agonias, lhe são então oferecidas.

Nesse sentido, *Ambrósio*, em seu livro da *Crença da Ressurreição*, diz que, estando ele livre no movimento aéreo, não sabe para onde vai nem de

onde vem; sabemos, porém, que ela sobrevive ao corpo, e que, uma vez livre, as correntes de seus sentidos derrubadas discerne à vontade aquelas coisas que não conseguia ver antes por estar no corpo, o que podemos

estimar pelo exemplo daqueles que dormem, cuja mente quieta e o corpo como que sepultado se elevam até as coisas do alto, e declaram ao corpo as visões de coisas ausentes, das próprias coisas celestiais.

Notas - Capítulo L

1. Ver nota 12, cap. XLVI, I. III.

2. “Cabe a você seguir logo a Luz, e os Raios do Pai, que lhe enviou uma Alma (Psique) dotada de muita mente (Nous)” (*Chaldean Oracles* 160 [Westcott, 58]).

3. E então, privado de tudo o que lhe fora impregnado pela estrutura dos céus, ele ascende à substância da oitava esfera, de posse agora de seu próprio poder; e canta, junto àqueles que lá habitam, hinos ao Pai; e os que lá estão regozijam-se com sua chegada. E sendo igual àqueles com quem habita, ele ouve as Potestades, que estão acima da substância da oitava esfera, cantando louvores a Deus com uma voz que é só deles. E depois, então, cada um à sua vez, eles sobem em direção ao Pai; oferecem-se às Potestades, e se tornam as próprias Potestades, entrando em Deus (*Corpus Hermeticum* 1.26 a [Scott, 129]).

Você vê, meu filho, através de quantos elementos corpóreos em sucessão temos de abrir nosso caminho, e através de quantas tropas de demônios e cursos de estrelas, que poderemos mover para frente a um e único Deus.

4. Mas observe minhas leis, abstendo-se de coisas

Que sua alma deve temer, distinguindo-as bem; Deixando a inteligência reinar sobre seu corpo; Para que, ascendendo ao radiante Éter, Em meio aos Imortais, seja você também um Deus.

(*Golden Verses of Pitagoras*, tradução francesa de Fabre d’Olivet [1813], tradução inglesa do francês, Nayan Louise Redfield [1917] [New York: Samuel Weiser, 1975], 9).

5. Aconteceu muitas vezes: saí do corpo e me tornei externo a todas as outras coisas, centrado em mim mesmo; contemplando uma maravilhosa beleza; e então, mais do que nunca, cercado de uma comunidade da mais nobre ordem; vivendo a mais nobre vida, adquirindo identidade com o divino; posicionando-me dentro d’Ele em sua atividade; colocado acima de tudo o que no Intelecto é menos que o Supremo: entretanto, chega o momento de descer do intelecto para a razão; e, após a breve estada com o divino, pergunto-me como posso estar agora descendo e como a alma entrou no corpo; a alma que, mesmo dentro do corpo, é a maravilha que se mostrou ser (Plotino, *Enéada* 4.8.1 [Mackenna 3:143]).

6. Aristeas, filho de Caustrobios, nativo de Proconnesus, diz no decorrer de seu poema que, arrebatado em fúria báquica, ele foi até as Issedônias... Contarei agora uma história que ouvi a respeito dele tanto em Proconnesus quanto em Cyzicus. Aristeas, diziam, que pertencia a uma das mais nobres famílias na ilha, entrara um dia na oficina de um pisoeiro, quando de repente caiu morto. O pisoeiro, então, fechou a oficina e foi comunicar à família de Aristeas o que havia acontecido. A notícia da morte já tinha se espalhado pela cidade quando um cidadão de Cyzicus, recém-chegado de Artaca [Erdek], contradisse o rumor, afirmando que tinha se encontrado com Aristeas a caminho de Cyzicus e conversado com ele. Esse homem, portanto, negou a notícia do falecimento; mesmo assim, os parentes de Aristeas se dirigiram à oficina do pisoeiro com as coisas necessárias para o funeral, pretendendo levar o corpo. Mas, quando a oficina foi aberta, não havia ninguém lá, morto ou vivo. Sete anos depois, Aristeas reapareceu, disseram-me, em Proconnesus, e escreveu o poema chamado pelos gregos de “Arimaspeia”, após o que ele desapareceu uma segunda vez (Heródoto, *História* 4 [Rawlinson, 209]).

Plínio contribui com este interessante detalhe: “Afirma-se também que em Proconnesus, a alma

de Aristeas foi vista saindo de sua boca, sob a forma de um corvo...” (Plínio 7.53 [Bostock e Riley, 2:210-1]).

7. Com referência à alma do homem, vemos, entre outros casos, que a alma de Hermetinus de Clazomenae tinha o hábito de sair do corpo e vagar por terras distantes, de onde trazia numerosos relatos de várias coisas, que não poderiam ter sido obtidos por nenhuma pessoa presente. O corpo, enquanto isso, ficava aparentemente sem vida. Um dia, porém, seus inimigos, os cantharidae, como eram chamados, queimaram-lhe o corpo, de modo que a alma, ao voltar, não encontrou mais seu invólucro (*ibid.*, 210).

A alma de Hermodorus de Calzomenae, pelo que se conta, deixava o corpo por vários dias e noites, e viajava por muitas terras, conversando com pessoas a distância; até que, por fim, por causa da traição de sua esposa, seu corpo foi dado aos inimigos, que queimaram a casa enquanto o morador estava fora. É certo, porém, que tal relato não passa de fábula. A alma nunca saía do corpo, mas apenas afrouxava o vínculo que prendia o Daemon e lhe permitia vagar, de modo que este, após ver e ouvir vários acontecimentos externos, voltava com as notícias... (Plutarco, *On the Sign of Socrates* 22, tradução de Creech [Goodwin, 2.411]).

Quanto ao caso de Hermetinus, dizem que ele costumava se privar da alma enquanto dormia, enquanto ela vagava longe de seu corpo como uma pessoa em uma viagem de férias. Sua esposa traiu essa estranha peculiaridade. Seus inimigos, encontrando-o adormecido, queimaram-lhe o corpo, como se fosse um cadáver: quando sua alma voltou, tarde demais, imputou a si mesmo (eu suponho) a culpa do assassinato. Entretanto, os bons cidadãos de Clazomenae consolaram o pobre Hermetinus com um templo, no qual nenhuma mulher pode entrar por causa da infâmia de sua esposa (Tertuliano, *A Treatise On the Soul* (De anima) 44 [Ante-Nicene Fathers, 3:223]).

8. A referência aqui é ao xamanismo, uma de cujas características proeminentes é a viagem astral ou o voo da alma. O mito de Odim exibe muitos aspectos xamanistas: “Seu corpo parecia adormecido ou morto, enquanto ele se tornava um pássaro ou animal, um peixe ou dragão, e ia em um instante a terras distantes...” (Snorri Sturluson, “Ynglinga Saga”. In Heimskringka, tradução Erling Monson [Cambridge, 1932], 5, citado por Eliade [1951] 1972, 381). Em outro trecho, diz Eliade:

O que nos interessa nesse caso é o fato de os feiticeiros e xamãs serem capazes, aqui na terra e quando quiserem, de realizar a “saída do corpo”; isto é, embora só a morte tenha o poder de transformar o resto da humanidade em “pássaros”, os xamãs e feiticeiros podem desfrutar a condição de “almas”, de “seres desencarnados”, o que só é acessível aos profanos quando estes morrem (Eliade [1951] 1972, 479).

9. “A mente do homem, porém, nunca exerce o poder da adivinhação natural, a menos que esteja tão livre e despreendida a ponto de se desembaraçar do corpo, como acontece no caso dos profetas e adormecidos” (Cícero, *De Divinatione* 1.50 [Yonge, 191]). A edição inglesa da *Filosofia Oculta* omite as palavras “a menos que” da tradução de Cícero, o que inverte o significado da passagem. Corrigi esse erro.

10. Ver o sonho de Sócrates da caverna, em Platão, *A República* 7.514-9.

11. Uma suspensão da ação do coração; suspensão de vitalidade.

12. Ver notas 1 e 2 cap. LX, l. I. Ver também Aristóteles, *Problemas* 30.

13. O hino órfico a Hércules chama o herói de “o habilidoso em adivinhação” (*Hinos de Orfeu* 11 [Thomas Taylor the Platonist: Selected Writings, 226]).

14. Talvez *Achilleis*. Ver nota biográfica de Statius.



Chamo de sonho aquilo que procede do espírito da fantasia e intelecto unidos, ou da ilustração do intelecto agente sobre nossas almas, ou pela verdadeira revelação de algum poder divino em uma mente quieta e purificada; pois é assim que a nossa alma recebe verdadeiros oráculos e nos confere uma abundância de profecias.

Pois, nos sonhos, parece que fazemos perguntas e também aprendemos a lê-las e descobri-las; também muitas coisas duvidosas, muitas políticas, muitas coisas desconhecidas e não desejadas, jamais experimentadas por nossas mentes, se manifestam a nós em sonhos. Também as representações de lugares desconhecidos aparecem, e as imagens de homens vivos ou mortos, e de coisas futuras; e ainda coisas que às vezes já aconteceram, mas que não sabíamos, são reveladas; e esses sonhos não precisam de interpretação, como daqueles que falamos no primeiro livro e que pertencem à adivinhação, não ao pré-conhecimento.

E acontece que a maioria das pessoas que vê esses sonhos não os compreende; pois (como dizia

Abdala) ver sonhos depende da força da imaginação; e compreendê-los depende da força do entendimento; o intelecto, portanto, dominado pelo excesso de atividade da carne, encontra-se em um sono profundo, ou seu espírito imaginativo ou fantástico é tão embotado ou não refinado que não consegue receber as espécies e representações que fluem a partir do intelecto superior, e as retém quando recebidas; tal homem não é apto para prever por meio dos sonhos.

Portanto, é necessário que aquele que recebe os sonhos verdadeiros conservasse um espírito puro, imperturbável e quieto, para que seja digno do conhecimento e da orientação por parte da mente e do entendimento; pois tal espírito é apto para profetizar e (como dizia *Sinésio*) é um espelho translúcido de todas as imagens que fluem para todo lugar provindas de todas as coisas.

Quando, portanto, somos sãos em corpo, não perturbados em mente, não nulificados por comida ou bebida nem tristes por pobreza, provocados por qualquer vício de luxúria ou ira, mas vamos castos para a cama e adormecemos, então nossa alma pura e divina se liberta de todos os

pensamentos danosos e, por fim, livre para sonhar, é agraciada com esse espírito divino como um instrumento, e recebe aquelas emanções e representações que são lançadas para baixo, para nós, e resplandecem com a mente divina; e, como um espelho deificado, vislumbra com mais clareza e eficácia todas as coisas do que pela investigação vulgar do intelecto ou pela retórica da razão; o poder divino instrui a alma, sendo convidado à sua companhia pela oportunidade da solidude noturna; e tal deidade jamais lhe faltará quando estiver desperto, governando todas as suas ações.

Aquele, portanto, que, mediante silenciosa e religiosa meditação, e com uma dieta moderada e temperada de acordo com sua natureza, mantém seu espírito puro, prepara-se até poder se tornar divino e sabedor de todas as coisas. Aquele, por outro lado, que padece com um espírito fantasioso, não recebe visões perspicazes e distintos; e mesmo com a visão divina, em virtude de sua fraqueza, tece julgamentos confusos e indistintos, como exemplo, quando nos embriagamos com vinho e nosso espírito se oprime com vapores nocivos (uma vez que os líquidos perturbadores se manifestam em diversas formas), a visão é enganadora e embotada.

Nesse sentido, *Amphiarus*, o profeta (como lemos em *Filóstrato*), recomendava que as pessoas que recebem oráculos se abstenham um dia inteiro de carne e três dias de vinho, pois a alma não consegue profetizar corretamente se não estiver livre de vinho e carne; e às mentes sóbrias e religiosas, engajadas em divino culto, os deuses costumam dar oráculos, como vemos em *Orfeu*.¹

Espírito de grande profecia,
Que vai até as almas em sono tranquilo,
E as inspira com conhecimento dos deuses,
E as leva a prever.

Era costume entre os antigos que os indivíduos que quisessem receber respostas deveriam antes fazer certas expiações sagradas e sacrifícios e, ao término da culto divino, deitarem-se religiosamente em uma câmara consagrada, ou pelo menos sobre as peles dos animais sacrificados, cerimônia que *Virgílio* menciona² nestes versos:

E assim buscavam respostas às suas dúvidas,
Enquanto os sacerdotes traziam oferendas,
Lá depositavam as peles dos carneiros sacrificados,
E no silêncio da noite se preparavam para dormir.

E mais adiante, canta:³

Mas agora.
Querendo o rei Latinus receber oráculos,
Cem ovelhas eles sacrificaram,
E sobre seu velo se deitaram.

E os governantes dos lacedemônios (como dizia *Cícero*)⁴ costumavam se deitar no templo em Pasiphae, para sonhar. O mesmo era feito no templo de *Esculápio*,⁵ de quem se acreditava virem sonhos verdadeiros. E os calabreses, consultando *Podalyrius*,⁶ o filho de *Esculápio*, dormiam perto do sepulcro em peles de cordeiros; pois com isso descobriam em sonhos aquilo que desejavam saber.

O momento mais propício para os sonhos é a noite, quando os

sentidos se libertam de objetos errantes, e erros meridianos,⁷ e vãs afeições; tampouco o medo agita a mente nem o pensamento estremece, e estando quieta, a mente se adere com firmeza à deidade.

Pois existem (como afirma o rabino *Johenan* em seu livro dos Senadores) quatro tipos de sonhos verdadeiros: o primeiro, matutino, que ocorre entre o sono e a vigília; o segundo, que um vê a respeito do outro; o terceiro, cuja interpretação é mostrada ao mesmo sonhador na visão noturna; e o quarto, que se repete para o mesmo sonhador, de acordo com o que José disse ao Faraó:⁸ o sonho é dúplice, um sinal de confirmação, quando o Faraó se preparar para ir dormir, que pense naquelas coisas que não de ser.

É necessário, porém, que aquele que interpreta os sonhos de um homem tenha o conhecimento que lhe permita distinguir e discernir as semelhanças das coisas, e conhecer os costumes de todas as nações, de acordo com as leis que receberam de Deus e seus anjos; além disso, deve-se saber que quase não há um único sonho sem algum tipo de vaidade, assim como não há trigo sem joio, o que se manifesta até no sonho de *José*, o Patriarca, que seu pai, *Jacó*, interpretando,⁹ disse: “Que sonho é esse que

tiveste? Acaso viremos, eu e tua mãe e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?” O que sua mãe, aliás, não seguiu, vindo a morrer pouco depois.

Também o rabino *Johenan* no livro citado falava dessas coisas; e também o rabino *Levi* afirma que nenhum sonho profético pode ser postergado de seu efeito por mais que 22 anos.¹⁰ E em seu 17º ano de vida, *José* teve um sonho que se concretizou quando tinha 39 anos.

Portanto, quem deseja receber sonhos divinos, que esteja em boa disposição do corpo, deixe o cérebro livre de vapores e a mente de perturbações, e que nesse dia se abstenha de jantar, tampouco beba qualquer coisa que embriaga. Que se recolha a uma câmara limpa, asseada, e também exorcizada e consagrada, e deverá ter as têmporas unidas por um perfume, e usar nos dedos¹¹ coisas que provoquem sonhos, e com representações dos céus colocadas sobre a cabeça,¹² e que se use papel consagrado, e, após fazer suas orações, que vá para a cama, meditando com confiança naquilo que deseja saber: e assim, ele verá sonhos verdadeiros e certos, com a verdadeira iluminação de seu intelecto.

Quem conseguir praticar essas coisas que nestes livros transcrevemos, obterá facilmente o dom de oráculos e dos sonhos.

Notas - Capítulo LI

1. A ti invoco, bendito poder de sonhos divinos,
Anjo dos destinos futuros, velozes asas são as tuas:
Grande fonte de oráculos para a espécie humana,
Quando, sussurrando delicado à mente,
Em meio ao sono e ao doce silêncio e à obscuridade da noite,
Teu poder desperta a visão intelectual;
Às almas silenciosas, revela seu futuro destino.

(“À divindade dos sonhos”. Em *Hinos de Orfeu* 85 [Thomas Taylor *the Platonist: Selected Writings*, 290]).

2. E o sacerdote, então, traz suas oferendas, e, enquanto a silenciosa noite cai, deita-se em um leito de peles e cai no sono; logo começa a ver muitas imagens se movendo de modo fugidivo, e ouve múltiplas vozes, e desfruta o intercâmbio dos deuses, e solicita os poderes de Aqueronte libertados através da profundidade de Avernus. Nesse instante, Latinus, chegando com propósitos oraculares, oferece cem ovelhas não tosquiadas, para depois se deitar sobre a pele delas, em um leito de velocino ... (Virgílio, *Eneida* 7, c. linha 90 [Lonsdale e Lee, 179]).

3. Ver nota 2, anterior.

4. Além disso, os magistrados espartanos, não satisfeitos com uma superintendência cautelosa das questões de Estado, de vez em quando passavam uma noite no templo de Pasiphae, que fica na região vizinha de sua cidade, para lá sonhar, pois consideravam verdadeiros os oráculos recebidos em sonhos (Cícero, *De Divinatione* 1.43 [Yonge, 184]). Pasiphae era filha de Hélios e esposa de Minos.

5. Ver nota 2, cap. VII, l. III.

6. Podalirius era o filho de Esculápio e Epione (ou Arsinoe), e irmão de Marchaon. Ele liderou os tessálios contra Troia. Voltando da guerra, foi jogado pelas tempestades contra a costa de Siros, em Caria, onde praticou sua miraculosa arte de cura (ver Pausânias, *Guide to Greece* 3.26.10). Apesar da lenda, nada se sabe de Siros (ou Syrnos). Não deve ser confundida com a Ilha de Siro (ou Syrus) no Mar Egeu (atual Siros).

7. Erros ao meio-dia ou em estado de vigília.

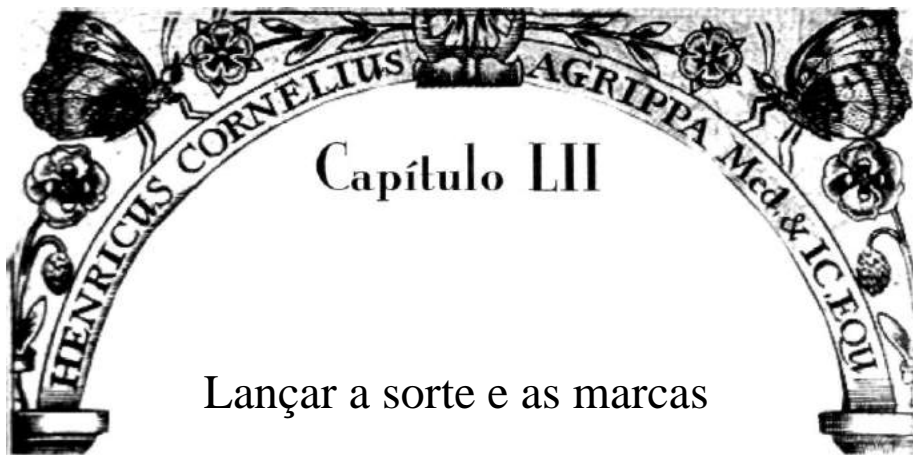
8. Gênesis 41:32.

9. Gênesis 37:10.

10. Há 22 letras no alfabeto hebraico, totalizando um número místico de completude ou totalidade.

11. Possivelmente pedras ou outras substâncias encravadas em anéis, ou símbolos inscritos neles.

12. Talvez um mapa astrológico para aquela noite específica desenhado em papel consagrado; ou o mapa de um gênio ou espírito - ver cap. XXVI, l. III.



Lançar a sorte e as marcas que possuem o poder garantido de oráculos

Há também certos modos de lançar a sorte que possuem o poder divino dos oráculos, como indícios de julgamento divino, sendo consultados com preces sinceras, e às vezes ordenados pelo próprio Deus, como se lê em Levítico a respeito de uma cabra oferecida ao Senhor, e do bode emissário;¹ e no livros dos Números, das varas das tribos² de Israel.

Ora, tanto *Moisés*³ quanto *Josué*⁴ lançaram a sorte na presença do Senhor para dividir as terras e heranças entre as tribos de Israel de acordo com a ordem de Deus. Os apóstolos de Cristo, após as preces, fizeram um sorteio para escolher *Matias*⁵ no lugar de *Judas*, o traidor. *Jonas*, o profeta, quando fugia da presença de Deus de barco até Tarso, em meio a uma violenta tempestade, foi descoberto pelos marinheiros como sendo a causa do perigo, e ao jogarem-no no ar, a tempestade cessou.⁶

César relata⁷ que M. Valério Próculo, capturado por seus inimigos,

teve a vida poupada quando estes sortearam entre os prisioneiros quem deveria morrer queimado ou aguardar execução posterior. Antigamente existia em Bura, uma cidade de Acaia, um oráculo de *Hércules*⁸ constituído por um tabuleiro de xadrez, no qual aquele que ia se consultar, após ter rezado, jogava quatro dados, cuja configuração o profeta observava e descobria, escrito no tabuleiro, o que iria acontecer: todos esses dados eram feitos de ossos de sacrifícios.

Que se saiba isto: os antigos não lançavam a sorte por qualquer motivo trivial, mas ou por necessidade, ou para algum fim vantajoso e somente com grande devoção, reverência, expiações, jejum, pureza, orações, invocações, juramentos, sacrifícios, consagrações e outros mistérios sagrados da religião. Pois tais ordenações sagradas tendem a se adiantar às nossas obras, de modo especial para conquistar a boa vontade, o prazer e a presença dos espíritos divinos, por cuja concessão, orientando o método de tirar sorte, podemos receber um

juízo verdadeiro das coisas procuradas.

Assim, todos os que lançam a sorte devem fazê-lo com uma mente bem disposta, não perturbada nem distraída, e com um forte desejo, firme deliberação, e constante intenção de saber aquilo que deseja. Além disso, deve ser qualificado com pureza, castidade e santidade para com Deus e os celestiais, com uma esperança inquebrantável e firme fé, e sagradas orações, sendo digno de receber os espíritos divinos, e conhecer o prazer divino; se você for assim devidamente qualificado, eles lhe revelarão os maiores segredos pela virtude da leitura da sorte, e você se tornará um verdadeiro profeta, capaz de dizer a verdade a respeito de coisas passadas, presentes e futuras, de tudo o que lhe perguntarem.

Agora que falamos da leitura da sorte, devemos também observar os augúrios de todos os discernimentos, quando, embora com medo, porém com firme expectativa, prefixamos à nossa alma, para a capacidade de profetizar, certas obras, ou solicitamos um sinal, como *Eliezer*,⁹ conterrâneo

de Abraão, e *Gideão*,¹⁰ juiz em Israel, teriam feito, segundo as Escrituras.

Havia outrora em Pharis, uma cidade de Acaia, no meio do mercado, uma estátua de *Mercúrio*, e aquele que para lá se dirigisse em busca de algum augúrio, após queimar olíbano e acender velas diante da estátua, e colocasse sobre a mão direita dela uma moeda da região, deveria sussurrar-lhe no ouvido direito o que queria saber, tapar em seguida os próprios ouvidos com as duas mãos e sair do mercado; tão logo os descobrisse, a primeira voz a ser ouvida lhe daria o oráculo com sua resposta.¹¹

Embora esse tipo de leitura da sorte pareça aos ignorantes algo casual, ou fortuito, e que nada tem de racional, é na verdade concedido por Deus e pelas virtudes maiores por motivos determinados, e não se submetem à intenção daquele que o modera. Acaso a sorte da escolha de *Saul*¹² como rei de Israel não foi considerada fenômeno casual e fortuito? E, no entanto, ele fora antes indicado pelo Senhor para ser rei, e ungido pelo profeta *Samuel*. E Deus, que o nomeou rei, fez uso da sorte que recairia sobre ele. E assim, encerramos esse assunto.

Notas - Capítulo LII

1. Levítico 16:8.

2. Números 17:2-5.

3. Números 26:55.

4. Josué 13:6.

5. Atos 1:26.

6. Jonas 1:7-15.

7. Júlio César, escrevendo sobre Caio Valério Prócilo: “Prócilo contou que, diante de seus olhos, os germanos lançaram a sorte três vezes para decidir quem deveria ser morto na fogueira imediatamente ou aguardar execução posterior, e acrescentou que deve agora a vida ao modo como a sorte era lida entre eles” (César, *A conquista da Gália 2.2*, tradução de S. A. Handford [1951] [Harmondsworth: Penguin Books, 1967], 73). Em um ponto anterior no mesmo capítulo, César diz que as mulheres germânicas tiram a sorte para escolher um momento apropriado para a batalha. O método usado era provavelmente as runas.

8. No caminho de volta de Boura em direção ao mar encontra-se o Rio Boura, com um pequeno Héracles em uma gruta chamado de Boura Héracles, que dá oráculos com um tabuleiro e dados. Para consultar o deus, você reza na frente da estátua e depois pega os dados (Héracles tem um número enorme de dados) e joga quatro na mesa. Para cada jogada do dado, há uma interpretação escrita no tabuleiro (Pausânias, *Guide to Greece* 7.25.6 [Levi, 1:298-9]).

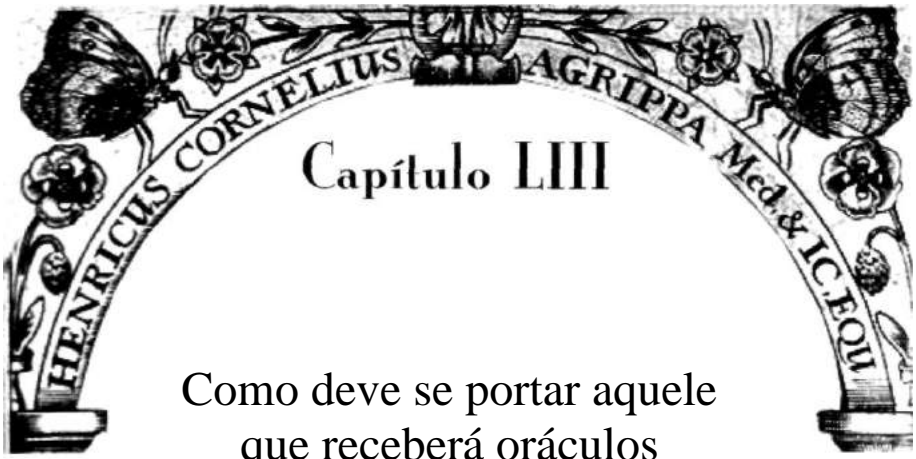
Héracles é o nome grego de Hércules. Bura era uma das 12 cidades de Acaia (norte de Kalavrita, Peloponeso). É possível que Pausânias quisesse dizer que os dados eram jogados um por vez, e os oráculos, escritos nos quadrados do tabuleiro sobre os quais cada um caía, em sucessão.

9. Referência à visão de Abrão, Gênesis 15 - verificar versículo 2.

10. Juízes 6:17; 36:40.

11. A praça do mercado de Pharai é centro antiquado, grande, com uma estátua de Hermes no meio e com barba, está de pé sobre a terra apenas, feita de um único bloco e de tamanho modesto. Tem uma inscrição dizendo que foi dedicada por Simylos de Micenas. Chamam-na de Hermes do Mercado e ela tem um oráculo tradicional. Na frente da estátua há uma espécie de lareira de pedra, como lâmpadas de bronze a ela afixadas com chumbo. Você vai à noite consultar o deus e enche as lâmpadas com óleo; em seguida, acende todas e coloca uma moeda do local (que eles chamam de peça de bronze) sobre o altar à direita do deus e sussurra no ouvido do deus a sua pergunta. Em seguida, deve cobrir os ouvidos e sair do mercado, e, quando estiver fora, tire as mãos de cima dos ouvidos e a primeira frase que ouvir será o oráculo (Pausânias, *Guide to Greece* 7.22.2 [Levi 1:285]).

12. I Samuel 10:1, 20-7.



Como deve se portar aquele que receberá oráculos



odo aquele que, desejoso de entrar no estado supremo da alma, procura receber oráculos, deve buscá-los com castidade e devoção, estando puro e limpo, para que sua mente não esteja poluída com imundícies e esteja livre de toda culpa deve também purificar ao máximo a mente e o corpo de todas as doenças e paixões, e de todas as condições irracionais que aderem a ela como ferrugem ao ferro, aplicando e se valendo daquelas coisas que pertencem à tranquilidade da mente. Pois só assim receberá os oráculos mais verdadeiros e eficazes.

Ora, como a mente é purgada e reduzida a uma pureza divina é algo que devemos aprender por meio da religião e da sabedoria. Pois nem a sabedoria sem a religião nem a religião sem a sabedoria merecem aprovação: pois a sabedoria (como dizia *Salomão*)¹ é a árvore da vida para aqueles que nela tocam. E dizia *Lucrécio*² que é a intenção de Deus, ou o sopro de Deus, ao cantar:

Famosíssimo Memnius! Deus que é

O príncipe da vida, o qual a razão, que nós

Chamamos de sabedoria, descobriu pela primeira vez, e

Que pela arte a vida liberta de atribulações, das trevas,

E a conduz à luz, e à paz.

Tal também se entende como uma ilustração divina; sentido no qual *Demócrito* considera que nenhum homem é sábio a menos que tocado por alguma profecia divina, como era o caso de Menos, o cretense, do que se diz que aprendera todas as coisas de *Júpiter*, com o qual interagiu frequentemente no monte Ida;³ também os atenienses relatam que *Melosagora Eleusinus* aprendera com as ninfas; e lemos ainda que, quando *Hesíodo* era pastor na Beócia e cuidava de seu rebanho perto do Monte Hélicon, algumas penas de escrever lhe foram dadas pelas Musas, quando então se tornou poeta,⁴ o que só aconteceria de forma tão repentina não pela mão do homem, mas por inspiração divina.

Pois Deus, ao se transmitir a almas santas, faz dos homens profetas e operadores de milagres, poderosos em obras e em discursos, como afirmam *Platão* e *Mercúrio*, e também

Xisto,⁵ o pitagórico, dizendo que um homem assim é o templo de Deus e que Deus é seu hóspede: com o que concorda nosso *Paulo*,⁶ chamando o homem de templo de Deus; e em outro ponto, ao falar de si, diz que pode tudo naquele que o fortalece, pois ele, é o poder e sem ele nada podemos.⁷ *Aristóteles*, a propósito, confessa em *Meteorologia*⁸ e *Ética*⁹ que não há virtude natural ou moral senão em Deus; e, em seus *Segredos*,¹⁰ diz que um bom e são intelecto nada pode fazer nos segredos da natureza sem a influência da virtude divina.

Recebemos, pois, essa influência somente quando nos livramos dos pesados impedimentos e das ocupações terrenas e carnisais, e de toda agitação externa; tampouco pode um olho turvo ou impuro vislumbrar coisas leves, nem receber coisas divinas aquele que ignora a purificação de sua mente. Devemos chegar a essa pureza da mente por graus: tampouco consegue uma pessoa recém-iniciada nesses mistérios compreender logo todas as coisas, pois sua mente precisa se acostumar gradualmente, até o intelecto se tornar mais iluminado e se aplicar à luz divina, mesclando-se a ela.

Uma alma humana, portanto, devidamente purgada e expiada, livre de toda impureza, irrompe com um movimento liberal e ascende ao alto, recebendo coisas divinas, instrui-se e, feliz, parece receber as instruções de

outro lugar; nesse momento, não precisa de lembrança alguma nem de demonstração por empenho próprio, uma vez que sua mente, sendo a cabeça e o timoneiro da alma, imitando por sua natureza os anjos, obtém o que deseja, não por sucessão do tempo, mas em um momento.

Antes de aprender, *Davi* fora pastor convertido em profeta¹¹ e hábil nas coisas divinas. *Salomão*, no sonho de uma noite, encheu-se do conhecimento de todas as coisas do alto e de baixo.¹² Foi assim que aprenderam também *Isaías*, *Ezequiel*, *Daniel* e os outros profetas e os apóstolos.

Pois a alma (segundo a opinião dos pitagóricos e dos platônicos) pode, por meio da purificação, sem qualquer outro estudo ou pesquisa, só com o contato desses inteligíveis recebidos do alto, adquirir o conhecimento perfeito de todas as coisas conhecíveis. Pode também, por uma expiação extrínseca, alcançar a compreensão de todas as coisas invisíveis, graças à sua forma substancial.

Pois a mente é purgada e expiada por meio de limpeza, abstinência, penitência, esmolas: e a esse estado conduzem também certas instituições sagradas, como descobriremos mais tarde. Pois a alma deve ser curada por meio do estudo das religiões, mesmo aquelas chamadas de ocultas, e, uma vez restaurada à sua sanidade, confirmada pela verdade e fortificada por graças divinas, nada precisa temer.

Notas - Capítulo LIII

1. Provérbios 3:18.

2. Pois, se falássemos com a conhecida dignidade que a ele é devida, [*Epicuro*] era um deus, eu afirmo, Ó *Ilustre Memnius*, que descobriu pela primeira vez aquilo que se chama de sabedoria;

e que, pela ciência da filosofia, tirou a existência humana do meio de tão grandes ondas de tribulações e tão grande escuridão da mente e a colocou em uma condição tranquila e de clara luz (Lucrécio, *On the Nature of Things* 5, c. linha 6, tradução de John Selby Watson [Londres: George Bell and Sons, 1901], 194). O poema é endereçado por Lucrécio a seu amigo Caio Memmio Gemelo.

3. O rei Minos de Creta teria sido instruído na arte da legislatura por Zeus, que era adorado no monte Ida, em Creta.

4. As Musas ensinaram Hesíodo a cantar

Doces canções, enquanto ele pastoreava seus cordeiros
 Sobre o sagrado Hélicon; as deusas do Olimpo,
 Filhas de Zeus que seguram a égide, dirigiram a mim estas palavras:
 “Vocês, rudes pastores, que vergonha: são crápulas, não são homens!
 Sabemos o suficiente para dizer mentiras, mas, quando queremos, dizemos
 a verdade.”
 Assim falaram as filhas do grande Zeus
 E me deram um cajado, uma arma de louro verdejante, visão magnífica,
 E sopraram uma voz sagrada em minha boca,
 Com a qual poderia falar das coisas futuras
 E das coisas que já se foram.
 (Hesíodo, *Teogonia* linhas 21-35 [Wender, 23-4].)

5. Ver nota 5, cap. XXXVI, l. III.

6. Ver nota 6, cap. XXXVI, l. III.

7. Filipenses 4:13.

8. Ver nota 19, cap. XXXVI, l. III.

9. Ver nota 20, cap. XXXVI, l. III.

10. Ver nota 21, cap. XXXVI, l. III.

11. I Samuel 16:13.

12. I Reis 3:5-15.



Devemos, portanto, observar primeiro a limpeza na comida, nas obras, nas afeições, eliminando toda imundície e todas as perturbações da mente, bem como todo e qualquer sentido ou espírito que ofenda, e todas as coisas na mente que não combinam com os céus; aliás, não só na mente e no espírito, mas também no corpo ou em volta dele: pois uma limpeza externa, acredita-se, não é pouca ajuda para a pureza da mente.

Por esse motivo, os filósofos pitagóricos, tomados por desejos de oráculos, louvados e celebrados por sua adivinhação, banhavam-se em um rio e vestiam roupas brancas de linho; pois consideravam a lã um tecido profano por ser excremento de animais; e habitavam uma câmara pura e perfeitamente imaculada.¹

De modo semelhante, os brâmanes, sábios da Índia, banhavam-se nus em uma fonte, que é chamada Dirce na Beócia,² unguindo antes a cabeça com gotas de âmbar e odores propícios para tal finalidade; em seguida, após estarem suficientemente limpos,

segundo o costume, eles saíam por volta do meio-dia, vestiam-se com linho branco, colocavam um traje branco, e anéis nos dedos e aduelas nas mãos.

Também entre os gimnosofistas³ era costume se lavar três vezes por dia e duas vezes à noite em água fria, antes de entrarem nos locais sagrados. E todos os dias eles usavam vestes de linho lavadas diariamente.

Lemos a respeito desse tipo de banho também em *Hesíodo*,⁴ em seus livros de Obras e Dias, quando ele canta:

Ninguém se atreve, com as mãos sujas, a
Júpiter
Despejar vinho, tampouco aos deuses do
alto;
Pois, se assim o fizerem, não serão
ouvidos,
Por mais que rezem e supliquem.

E em outro lugar:⁵

Quando os homens ímpios passam pelos
rios
Com as mãos sujas, os deuses se zangam
Com eles, e os afligem.

Em *Virgílio*, *Enéas* assim se dirige⁶ ao seu pai:

Ó pai, cuida dos deuses domésticos, e
Segura-os em tuas santas mãos; sê
corajoso

Como eles, perdurando depois de tão
grandes lutas

Não me aventuro até me lavar nos rios
mais cristalinos.

Também era costume dos gentios, quando realizavam seus serviços religiosos aos deuses, limpar o corpo em banhos; e quando se defrontavam com os deuses infernais, era necessário estar molhados. De fato, em *Virgílio*, *Dido*,⁷ sempre que fazia alguma solenidade aos deuses, dizia:

Faça com que minha irmã Ana (minha
caríssima ama);

Venha, e que meu corpo com água limpa
lave.

E em outro lugar, em que *Enéas* é levado à presença dos infernais, portando um ramo para dar a *Prosérpina*,⁸ canta assim:

A passagem, *Enéas* guarda; e seu corpo

Com água limpa lava.

Também ao relatar o sepultamento de *Misenus*,⁹ ele canta:

Seus amigos, ele três vezes lavou com
água limpa,

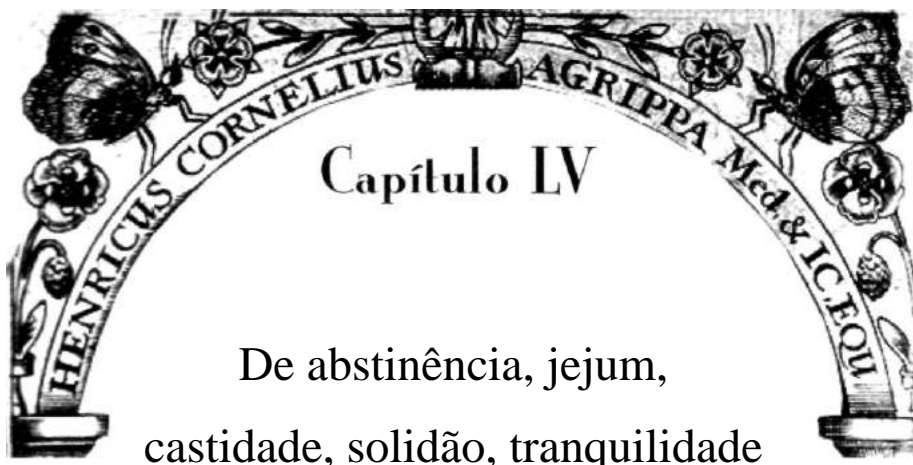
E com um ramo de oliveira, umedecido
em orvalho,

Os borrifou.

Estando o homem, por fim, limpo, torna-se celestial e espiritual, apto para a visão de Deus e união com Ele, a Ele se apresentando com mente pura, deleitando-se na limpeza de todas as coisas, interiores, pele, roupas, casas, utensílios, oblações, presentes e sacrifícios; limpeza essa que purifica o ar e atrai a mais pura influência das coisas celestiais e divinas, e atrai os ministros puros de Deus, e os bons demônios: embora às vezes espíritos impuros, e demônios malignos, como macacos imitadores dos bons demônios, também se empenhem nessa espécie de limpeza, para ser adorados ou enganar. Portanto, devemos observar em primeiro lugar que a mente esteja pura e o coração esteja puro, e que os poderes impuros não possam ascender.

Notas - Capítulo LIV

1. Eles também usavam uma vestimenta branca e pura. E, de modo semelhante, deitavam-se em camas puras e brancas, cujas colchas eram feitas de fios; pois não usavam colchas de lã (Iamblicus, *Life of Pythagoras* 21 [Taylor, 54]).
2. Dirce, esposa de Lico, tirano de Tebas na Beócia, foi amarrada a um touro e arrastada até a morte, e seu corpo foi atirado em um poço (ou uma fonte) que posteriormente passou a se chamar Poço de Dirce (ou Fonte de Dirce). O local exato dessa água era um segredo em Tebas, na Antiguidade. Seja qual for a fonte de referência de Agrippa, ela devia esclarecer-lhe como os brâmanes da Índia iam se banhar em uma fonte na Beócia.
3. Sábios nus do Egito.
4. Hesíodo, *Obras e Dias* c. linha 724.
5. *Ibid.* c. linha 739.
6. “Tu, meu pai, pega com tua mão os vasos sagrados e os deuses domésticos de nossa terra. Eu segurá-los é um crime, pois venho de uma luta tão sangrenta e tão recente carnificina, que tenho antes de me purificar em água corrente” (Virgílio, *Eneida* 2, c. linha 717-20 [Lonsdale & Lee, 112]).
7. *Dido* - “Cara ama, leva-me até onde se encontra minha irmã Anna; dize a ela que se apresse e molhe todo o corpo com água do rio, e que traga consigo as vítimas prescritas e as oferendas propiciatórias; que assim ela venha; e tu, proteges-te a frente com o filete sagrado” (*ibid.*, 4. verso 634-5 [Lonsdale e Lee, 140-1]).
8. “Enéas consegue entrar e borriфа o próprio corpo com água limpa, e pendura o ramo à entrada da porta” (*ibid.* 6, c. linha 635-6 [Lonsdale & Lee, 172]). Enéas deposita o ramo dourado na porta do palácio de Plutão.
9. “Por três vezes, ele conduziu seus companheiros por água limpa, borrifando-os com o leve orvalho do ramo de uma oliveira frutífera, e purificou os guerreiros, e lhes disse palavras de despedida” (*ibid.* 6, c. linha 229-30 [Lonsdale & Lee, 164]).



De abstinência, jejum, castidade, solidão, tranquilidade e ascensão da mente



abstinência também fortifica e defende os observadores contra os vícios e demônios maus, e faz da mente um templo impoluto de Deus, unindo-a a Deus. Pois nada conduz mais à saúde e à temperança que evitar superfluidades e não exceder os limites do alimento necessário.

Tampouco se deve tomar nutrientes que sejam fortes demais para a natureza, mas é preferível deixar a natureza ser mais forte que a comida, como se diz de Cristo, que comia apenas na proporção que não produzisse excremento da terceira concocção.¹ Muitos outros que também comiam com parcimônia desfrutaram de melhor saúde e agilidade do corpo, como *Moisés*² e *Elias*,³ que jejuaram por 40 dias: de um o rosto resplandeceu, o outro foi elevado como se o corpo fosse espírito.

Pois os magos e filósofos afirmam que nosso espírito não é como uma coisa terrena ou corpo alimentado por nutrientes recebidos por meio de certos órgãos pela concocção de comida e bebida, mas extrai seu

alimento⁴ como uma esponja de todo o corpo, isto é, dos vapores finos que penetram o corpo por todos os lados. Por isso, aqueles que desejam ter esse espírito puro e potente, que se alimentem de comidas secas e extenuem esse corpo denso com jejuns, para que seja penetrado com mais facilidade; e para que o espírito não se torne espesso nem sufoque, que o corpo seja mantido limpo por loções, fricções, exercícios e roupas, e que o espírito seja corroborado por luzes e fumigações, entrando em um estado de pureza e fineza. Ao comer e beber, devemos, portanto, estar puros e abstinentes, como os filósofos pitagóricos, que ao guardar uma mesa sagrada e sóbria, levavam uma vida de temperança.⁵ Temperança de vida e compleição, que não gera nenhum humor supérfluo que possa embotar a fantasia, faz com que nossa alma, às vezes sonhando e às vezes observando, esteja sempre sujeita a influências superiores. Além disso, àquele que por abstinência modera toda e qualquer moção da mente e do corpo, os pitagóricos prometem saúde perpétua de ambos e uma vida longa.

Os brâmanes, por sua vez, só admitem em seu colégio aqueles que se abstiverem do vinho, dos prazeres da carne e dos vícios, dizendo que ninguém pode compreender Deus se não o imitar por meio de uma inter-relação divina: o que também *Phraotes* e *Filóstrato* ensinavam aos baixo-indianos.

Além disso, devemos nos abster também de todas aquelas coisas que infectam a mente ou o espírito, tais como a cobiça e a inveja, que são servas da injustiça (como dizia *Hermes*), forçando a mente e a mão a praticar atos vis; também do ócio e da luxúria; pois a alma sufocada no corpo e sob a luxúria não vê coisa alguma celestial. Assim, os sacerdotes de Atenas, que são chamados em gregos de *hierofantes*⁶ (como relata *Hierom*), para viver em maior castidade em suas atividades sagradas e a fim de cumprir seus afazeres divinos sem luxúria, costumavam se castrar, bebendo cicuta. E a castidade de uma mente devotada a Deus faz de nossa mente (como ensina *Orfeu* a *Museus* no hino de todos os deuses)⁷ um perpétuo templo de Deus.

Devemos nos abster também de toda a miríade e variedade de sentidos, afeições, imaginações, opiniões e paixões semelhantes, que ferem a mente e pervertem o julgamento da razão, como vemos claramente nos indivíduos lascivos, invejosos e ambiciosos. Por isso, *Cícero* (em suas Perguntas)⁸ chama essas paixões de doença, da mente, e suas doenças pestilentas. Mas *Horácio* as chama de fúrias ou loucura,⁹ quando canta:

As garotas têm mil fúrias, assim como os rapazes.

E parece ser da opinião de que todos os homens são tolos em algumas. De fato, lemos no Eclesiástico que existe um número infinito de tolos.¹⁰ Assim, os estoicos negam que as paixões sejam incidentais ao sábio; eu digo paixões referindo-me ao que segue a apreensão dos sentidos: pois as paixões racionais e mentais um sábio pode ter. Essa também parece ser a opinião de *Boécio*¹¹ quando canta que algumas paixões devem ser postas de lado na busca da verdade, nestes versos:

Se é a verdade que você quer descobrir,
com uma visão clara,

E pelo caminho certo andar, então
elimine de seu ser

Alegria, medo, dor, esperança; pois,
quando tais coisas estão presentes,

A mente fica obscura e restrita.

Devemos, portanto, desviar a mente de todas as multiplicidades¹² e paixões afins, para alcançarmos a simples verdade; o que se diz, de fato, que muitos filósofos conseguiram na solitude prolongada. Pois a mente, pela solitude liberta de toda a preocupação das questões humanas, torna-se aberta e preparada para receber os dons das deidades celestiais.

Quando *Moisés*, o legislador dos hebreus e maior de todos os profetas, sabedor de todo o conhecimento dos caldeus e egípcios, queria se abstrair dos sentidos, ia para o grande deserto da Etiópia, onde deixava de lado todas as questões humanas e aplicava a mente para a exclusiva contemplação das coisas divinas, agradando assim ao onipotente Deus, que se mostrou a ele face a face e lhe deu um maravilhoso poder de milagres, como atestam as Escrituras Sagradas.¹³

Diz-se que *Zoroastro*, o pai e príncipe dos magos, teria adquirido o conhecimento de todas as coisas naturais e divinas graças à solitude de vinte anos,¹⁴ quando escreveu e fez muitas coisas estranhas na arte de adivinhar e prever. Coisas semelhantes os escritos de *Orfeu* a *Museus* afirmam que ele fez nos desertos da Trácia. Lemos também que *Epimênides* de Creta se tornou culto após um longo sonho, pois dizem que dormira por 50 anos, escondido todo esse tempo;¹⁵ *Pitágoras* também teria se deitado às escondidas por dez anos; e *Heráclito* e *Demócrito*, pela mesma causa, deleitavam-se na solidão.

A verdade é que, quanto mais abandonarmos a vida animal e humana, mais viveremos como anjos e, unidos a Deus, adquirindo assim uma condição muito melhor, temos o poder sobre todas as coisas e também o poder de governar tudo.

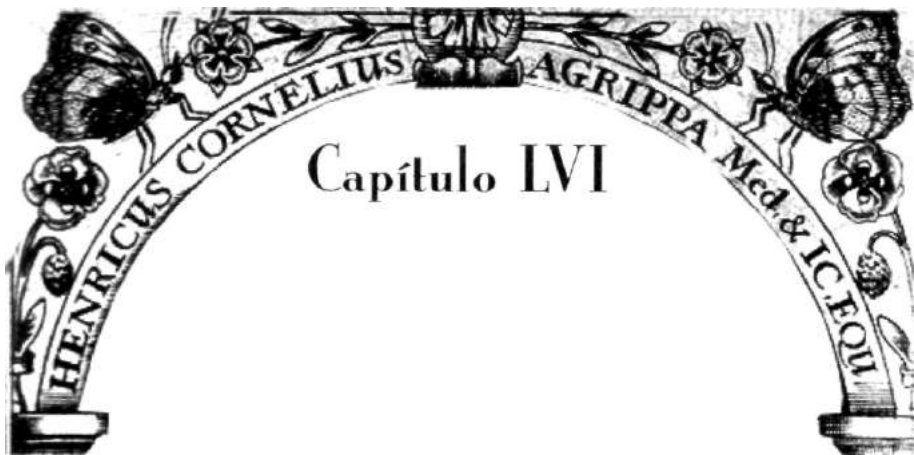
O modo como nossa mente deve ser separada de uma vida animal e de toda a multiplicidade, erguendo-se até ascender à única, boa, verdadeira e perfeita, por meio de cada grau de coisas conhecíveis, e de todos os conhecimentos, é ensinado por *Proclo* em seus *Comentários* sobre *Alcebiades*,¹⁶ mostrando como as primeiras coisas sensíveis devem ser evitadas para que passemos a uma essência incorpórea, em que deveremos exceder a ordem das almas ainda multiplicada por diversas regras, hábitos e várias proporções, muitos vínculos e uma variedade de forças, e buscar um intelecto e um reino inteligível, e contemplar como são melhores que as almas.


Além disso, devemos suportar uma multiplicidade intelectual, embora unida e intelectual, e chegar a uma unidade superintelectual e essencial, absoluta de toda multiplicidade, e a própria fundação do bem e da verdade. De modo semelhante, devemos evitar todo conhecimento que de uma forma ou de outra desviem e enganem, para alcançarmos a mais simples verdade.¹⁷ A multiplicidade, portanto, de afeições, sentidos, imaginações e opiniões deve ser deixada, que em si é tão diferente como algumas coisas são contrárias a outras em qualquer assunto; e devemos ascender às ciências, nas quais, embora haja um multiplicidade variada, não há contrariedade. Pois uma se entrelaça na outra, até todas formarem uma, pressuposta por todas, e não supondo nada além disso: a que todo o resto pode ser referido.

Esse não é, contudo, o cume dos conhecimentos, pois acima dele há um puro intelecto. Portanto, deixada de lado toda composição, divisão e variada forma de discurso, vislumbremos ao ascender à vida intelectual e simples visão, a essência inteligível com preceitos individuais e simples, a fim de que possamos obter o mais alto nível da alma, pela qual somos um, sob a qual nossa multiplicidade é unidade. Assim, alcancemos a Primeira Unidade, da qual há uma unidade em todas as coisas, por meio do Um, daquele que é como a flor de nossa essência: que por fim alcançamos, quando, ao evitarmos toda multiplicidade, elevamo-nos à nossa própria unidade e nos tornamos um, e agimos uniformemente.

Notas - Capítulo LV

1. 1. *terceira concocção* - A primeira concocção era a digestão no estômago e nos intestinos; a segunda concocção era a transformação do quimo formado pelo processo anterior em sangue; a terceira concocção era a secreção de elementos como suor e lágrimas. A estes, Burton chama de “humores excrementosos da terceira concocção” (Burton *Anatomy of Melancholy* 1.1.2.2 [1621] 1961, 1:148).
2. Êxodo 34:28-9.
3. I Reis 19:4-8; II Reis 2:11.
4. Sustento.
5. Para uma descrição da refeição noturna dos pitagóricos, ver Iamblicus, *Life of Pythagoras* 21 [Taylor, 52].
6. O hierofante era o supremo sacerdote da Ática e chefe dos mistérios de Elêusis. Seu posto era vitalício, e ele era escolhido da família hierática dos Eumolpidae; quando assumia o ofício, lançava ritualmente seu nome ao mar, sendo conhecido a partir de então apenas pelo título. Presidindo os mistérios, ele declarava o fim de todas as guerras em andamento, revelava os segredos do culto aos iniciados e tinha o poder de vedar a entrada daqueles que considerasse indignos. Uma tiara e fita púrpura bordada compunham seus trajes rituais.
7. Essa referência não está no hino a Musaeus citado por Taylor em seus Hymns of Orpheus. Agrippa devia ter outra órfica em mente.
8. *Tusculanarum disputationum libri V*.
9. Horácio, *Sátiras* 2.3.
10. Não parece ser uma citação específica, mas sim uma referência ao livro do Eclesiástico (Bíblia católica).
11. Consolação da filosofia 1.7: “A perturbação da paixão”.
12. Agrippa usa esse termo do mesmo modo que maia é usado pelos hindus e budistas. A realidade é uma, uniforme e invariável. Tudo o que é mutável, variado e múltiplo é, portanto, irreal, uma ilusão passageira, um desvio da perspectiva absoluta; e, se tivermos essa visão de Deus, também é nesse sentido que devemos considerá-la. Tal noção deriva do neoplatonismo (ver nota 16 deste capítulo).
13. Êxodo 3; 33:11.
14. Plínio menciona esses 20 anos no deserto, período durante o qual, diz ele, Zoroastro viveu apenas de queijo (Plínio 11.97). Os zoroastristas chamavam a esse retiro de seu líder no deserto de sua “jornada ao trono de Ormuzd”. Dó Crisóstomo escreve que, por amor à sabedoria e justiça, Zoroastro se afastou dos outros homens e foi viver na solidão, em uma montanha. A montanha foi consumida pelo fogo, mas o sábio não se feriu e, depois disso, falou com as multidões.
15. Ver nota 3, cap. XLVII, I. III.
16. Se você quiser, portanto, viajar pelos diversos meio do saber,... fuja de todos os objetos dos sentidos (uma vez que são dispersos e divididos, e não se sujeitam à devida apreensão), e eleve-se acima de tudo isso, chegando ao ser incorpóreo.... Da multiplicidade das almas, eleve-se até o Intelecto e aos reinos da inteligência para poder alcançar a unificação das coisas: ... Assim seguro e iniciado no conhecimento da multiplicidade inteligente que é indivisível e unificada, proceda para outro princípio, e, diante das formas inteligentes de ser, considere seu conjunto e a unidade que transcende as totalidades. Quando chegar lá, você terá deixado para trás toda a multiplicidade, terá ascendido à própria fonte do Bem (Proclo, “Commentary of the First Alcebiades” 248-9. Em *Proclus: Alcibiades I*, tradução de W. O’Neill [The Hague: Martinus Nijhoff, 1965], 163).
17. Esse foi o argumento que Agrippa expôs em mais detalhes na *Vaidade das Ciências*.



ra, a maior parte da purgação é uma penitência voluntária por nossas faltas: pois (como dizia *Sêneca* em *Tieste*)¹ aquele que sofre por ter cometido ofensas é, de certa forma, inocente.

Isso nos leva à maior de todas as expiações, opondo-se as aflições aos deleites e purgando da alma uma estúpida alegria, dando-lhe um certo poder, reduzindo-nos às coisas do alto. A penitência, portanto, não é só uma mortificação de vícios, mas um martírio espiritual da alma, que com a espada do espírito se mortifica por todos os lados; ora, a espada do espírito é a palavra de Deus de que fala o profeta *Jeremias*;² e *Paulo*, escrevendo aos *Efésios*,³ diz que maldito é aquele que brande sua espada do sangue; e o *Salmista* canta:⁴ em seus lábios há espadas.

Portanto, nossas cogitações, aflições da mente e todos os males que procedem de nosso coração e nossa boca devem ser ditos ao sacerdote em confissão, para que possa ele, de acordo com a palavra de Deus, julgar tais coisas; e de acordo com o poder que lhe é conferido por Deus, seguido de penitência, possa purificar e purgar aqueles que se encaminham para o

bem; não se encontra na religião um sacramento mais forte para a expiação de ofensas odiosas. Por isso, dizem os próprios deuses (como *Ovídio* atesta em *Pontus*):⁵

Aliviam-se as dores, recupera-se a luz

Até então perdida, quando o pecador mortal

Se arrepende de seus pecados.

Há outro sacramento de expiação: dar esmolas, do qual me lembro de ter lido muito pouco nos filósofos, mas que muito nos ensina, dizendo que, Antes, dai esmola do que tiverdes e tudo vos será limpo.⁶ E em *Eclesiástico* se lê que “A água apaga o fogo, e a esmola apaga os pecados”;⁷ e *Daniel* ensinou ao rei da Babilônia⁸ que ele deveria se redimir de seus pecados dando esmolas; e o anjo *Rafael* testemunha em *Tobias*:⁹ A esmola livra da morte e purifica de todo pecado; quem pratica esmola, terá vida longa.

Por isso, Cristo nos mandava rezar ao Pai com estas palavras: “perdoai nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido, o pão nosso de cada dia nos dai hoje;”¹⁰ e em outro lugar, “Receberá muitas vezes mais e herdará a terra”.¹¹ E quando ele vier para julgar os vivos

e os mortos, repreenderá os ímpios por sua falta de esmolas e obras de misericórdia, quando então dirá, “Eu tinha fome, sede e não me deram de comer nem de beber”,¹² e em outro lugar, ao falar dos pobres, “o que fizerdes a esses pequeninos, o fazeis também a mim.

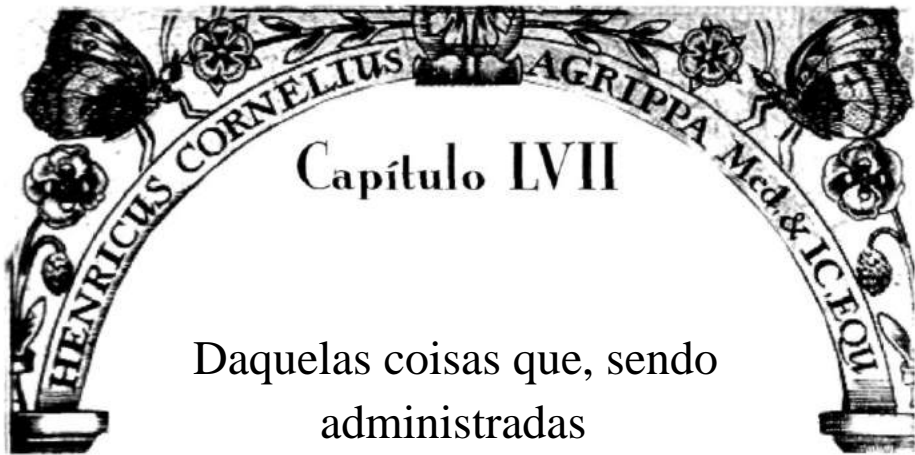
um jovem se lamentando, *Antínoo*,¹⁴ com estas palavras: “Como pôde bater em um pobre mendigo? Ele o destruirá se Deus habita o céu, pois os próprios deuses se fazem passar por estranhos e hóspedes, andando pelo mundo todo, derrubando cidades e observando as injúrias e a maldade dos homens”.

De tal coisa *Homero* também parece ter consciência, quando narra

Notas - Capítulo LVI

1. *Em Tieste* - Tieste é uma das peças trágicas escritas pelo filósofo romano Sêneca.
2. *Jeremias* - Jeremias 48:10.
3. *Aos Efésios* - Efésios 6:7.
4. *O Salmista canta* - Salmos 59:7.
5. Vi alguém que confessou ter ofendido a divindade de Ísis, vestindo linho, sentando-se diante dos altares de Ísis; outro, privado da visão por falta semelhante, chorava, no meio da rua, que tinha merecido o castigo. Os habitantes do céu gostam quando tais declarações públicas são feitas, pois assim podem provar por testemunho como é grande a extensão de seu poder. Com frequência, ele atenuam a punição e restauram a visão que foi tirada, quando veem que um homem é sincero no arrependimento (Ovídio, *Ex Ponto* 1, linhas 51-8 [Riley, 371]).
6. Lucas 11:41.
7. *Eclesiástico* (apócrifo, Bíblia católica) 3:29.
8. Daniel 4:27.
9. Livro de Tobias (apócrifo, Bíblia católica) 12:9. Ver também 4:7-11.
10. Mateus 6:12.
11. Mateus 19:29.
12. Mateus 25:42.
13. Mateus 25:40.
14. Um dos pretendentes de Penélope reprova Antínoo por ter batido em Ulisses, que se disfarça de mendigo:

“Antínoo, agiu muito mal ao agredir um pobre vagabundo:
Ficará amaldiçoado se ele for um deus vindo do céu.
Pois os deuses assumem toda espécie de transformação, aparecendo
Como estranhos de outras paragens, e vagam pelas cidades,
Observando para ver quais homens seguem as leis
E quais são violentos”
(Homero, *Odisseia* 17, c. linhas 483-7 [Lattimore, 265]).



Daquelas coisas que, sendo administradas exteriormente, conduzem à expiação



credita-se, e assim é ensinado por aqueles versados nas coisas sagradas, que a mente também pode ser expiada com certas instituições e sacramentos ministrados exteriormente, como sacrifícios, consagrações, borrifos de água benta, unções e defumações, que têm um poder natural para isso.

Em relação a essa prática, o enxofre é usado nas religiões para expiar demônios maus por meio da defumação. Um ovo também era usado nas purgações;¹ por isso os ovos são considerados sagrados, com lemos em *Ovídio*:²

Que venha a velha senhora, e purgue a cama,

E o lugar, trazendo enxofre e ovos sagrados

Em suas mãos trêmulas.

Proclo também escreve³ que, nas purificações, os sacerdotes usavam enxofre, betume ou as águas do mar; pois o enxofre purifica pela intensidade de seu odor e a água do mar, pela sua parte ígnea.

Do mesmo modo a erva cinco-folhas,⁴ que por sua pureza era usada

pelos sacerdotes antigos nas purificações.⁵ Também os galhos de oliveira; acredita-se serem de tão grande pureza que, segundo relatos, uma oliveira plantada por uma prostituta é infértil para sempre, ou murcha.⁶

Também o olíbano, a mirra, a verbena, a valeriana e a erva chamada *phu*⁷, conduzem à expiação. Também o abençoado cravo e a bÍlis de um cão negro⁸, quando defumados, são muito poderosos também para expiar maus espÍritos e feitiços. As penas de um abibe afastam os fantasmas.

É maravilhoso e dificilmente crÍvel, mas o sÉrio e digno autor *Josephus* menciona em sua histÓria de Jerusalém uma raiz de Baaras,⁹ de um lugar perto de Machernus, uma cidade da Judeia. Ela tem cor amarela, que brilha à noite; e é difícil de ser arrancada, com frequência enganando as mãos que tentam fazê-lo e desaparecendo da visão, movendo-se constantemente, até que a urina de uma mulher menstruada seja borrifada sobre ela. Assim retida, é arrancada sem perigo; mas a morte repentina sobrevém àquele que a retira da terra, a não ser que ele use um amuleto feito da mesma raiz.

Aqueles que a desejam, prendem a raiz a um cão que, com grande esforço, consegue arrancá-la e, tomando o lugar do dono, morre imediatamente - depois disso qualquer pessoa pode tocar a raiz sem nenhum perigo. O poder dela é excelente para expiações e também para livrar aqueles que são incomodados por espíritos impuros.

amedrontando-as, atraindo-as, reduzindo sua força ou incitando-as, não há divergência de opinião de que o fogo da Sicília¹⁰ age sobre as almas. Sem ferir os corpos (como testemunhado por *Guilherme de Paris*), causam tormentos intoleráveis às almas daqueles que estão próximos.¹¹ Mas sobre essas questões, já discorremos, em parte, anteriormente.

A respeito dessas coisas que agem sobre substâncias espirituais,

Notas - Capítulo LVII

1. Ovos podres têm cheiro de enxofre.

2. Ovídio, *Ars Amatoria* (A Arte do Amor) 2, verso 329. Ovos e enxofre eram usados para purificar os quartos dos doentes; mesmo dos doentes de amor. É fácil imaginar que o mau cheiro prolongado tirava os doentes do estado de melancolia. Apuleio menciona a purificação de um navio por um sacerdote de Ísis, que fez uso de “uma tocha, um ovo e enxofre” (*O asno de ouro*, c. 47, perto do fim).

3. O coração de uma toupeira é adequado à adivinhação, mas enxofre e água do mar devem ser usados para purificação. Assim, os antigos sacerdotes, pelas relações e simpatia mútuas para com cada um, reuniam suas virtudes em uma; mas os expeliam por repugnância e antipatia; fazendo purificações, quando necessário, com enxofre e betume, e borrifos de água do mar. Pois o enxofre purifica graças à intensidade do odor; mas a água do mar, graças à sua porção ígnea. (Proclo, *De sacrificio et magia*, frag., tradução para o latim de Marsilius Ficinus [Veneza, 1497]; tradução para o inglês de Thomas Taylor, em Iamblicus, *On the Mysteries* [Taylor, 346]).

4. Plínio fala a respeito da cinco-folhas: “Essa planta também é empregada na purificação de casas”. (Plínio 25.62 [Bostock e Riley, 5:123]).

5. Ovídio apresenta uma extensa lista de materiais usados para purificação nos ritos da deusa Pales:

O sangue de um cavalo será usado na defumação; e as cinzas de um bezerro; e o terceiro ingrediente será extraído da fava. Pastor, purifique as ovelhas no início do crepúsculo. Em primeiro lugar, borrafe-as com água, e varra o chão com uma vassoura feita de ramos. O local em que ficam as ovelhas deve ser decorado com folhas e galhos amarrados; e a longa guirlanda deve fazer sombra nas portas ornamentadas. Uma fumaça azul é produzida por enxofre nativo; e deixe as ovelhas berrarem quando esfregadas com o enxofre enquanto ele fume. Queime, também, alecrim, e as ervas Sabinas; e deixe o loureiro queimado crepitar no meio da lareira (Ovídio, *Vasti* 4, versos 633-42 [Riley, 166]).

6. Plínio relata outra versão dessa crença popular concernente à pureza da oliveira; “Segundo M. Varro [*De re rústica* 1.2], uma oliveira que foi lambida por uma cabra, ou sob a qual ela passou quando ainda jovem, com certeza será infrutífera” [Plínio 15.8 [Bostock e Riley, 3:291-2]).

7. *Valeriana phu*, a valeriana de jardim ou espiga de Creta. Turner relata que ela “cresce em Ponto” (*Herbal* 1562, 2:86 [OED, s.v. Phu]). Gerard diz que “ela é usada em antídotos para venenos e remédios para prevenção da peste” (Gerard [1633] 1975, 2:440:1078).

8. O cão negro é o animal de Hécate.

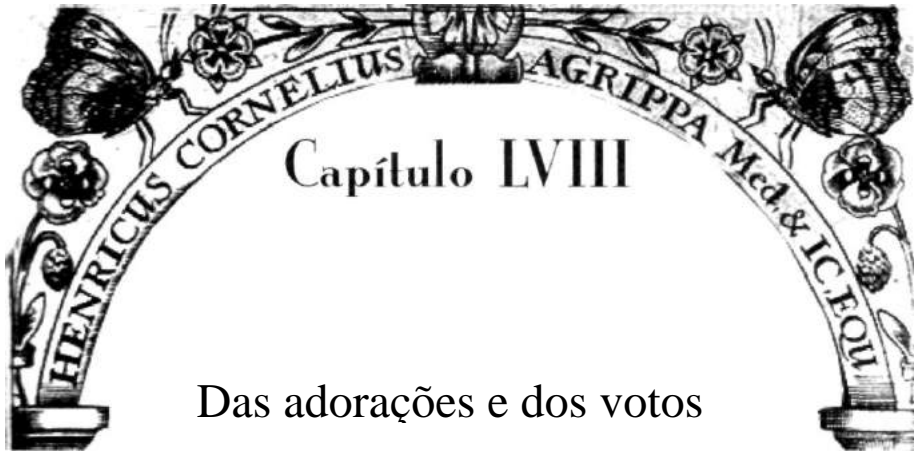
9... mas ainda no vale que cerca a cidade do lado norte, existe um certo lugar chamado Baaras, que produz uma raiz de mesmo nome. Sua cor é como a da chama, e quando a noite se aproxima emite uma certa luz como um raio; não é fácil arrancá-la, muitos tentam, mas ela escapa-lhes das

mãos, até que a urina de uma mulher, ou seu sangue menstrual, seja derramado sobre ela. Mesmo assim, a morte certa acontecerá para aqueles que a tocarem, a menos que a pessoa a pendure na mão e a arraste. Também há outro modo de arrancá-la sem correr perigo: cavar uma trincheira ao redor da raiz, até que a parte escondida dela esteja bem pequena; então amarrar um cão a ela; e, enquanto o cão faz força para seguir aquele que o amarrou, a raiz é arrancada, mas o animal morre imediatamente, como se tomasse o lugar do homem que desejava extrair a planta: depois disso, ninguém mais precisa ter medo de tomar a raiz nas mãos. Apesar de todo esse esforço para apanhá-la, a raiz só tem valor por uma qualidade: se ela for colocada perto de uma pessoa doente, afasta de imediato os demônios, que nada mais são do que espíritos maus que entram no corpo dos homens vivos e os matam, a menos que estes consigam algum tipo de ajuda (Josephus, *War of the Jews* 7.6.3 [Whiston, 667-8]).

Gerard a identifica como peônia, e lista variações da mesma história encontradas em Apuleio, Theophrastus, Plínio e Aelianus, observando que “semelhante história fabulosa é contada a respeito da mandrágora” (Gerard [1633] 1975, 2:380:983).

10. A montanha vulcânica Etna, na Sicília.

11. É possível especular que esse tormento era causado pelos gases venenosos invisíveis que envolvem os alpinistas imprudentes.



Adorações, votos, sacrifícios e oblações¹ são certos graus nas coisas sagradas para descobrir Deus; e essas coisas que principalmente provocam o poder divino, e alcançam uma comunhão indissolúvel e sagrada de Deus com as almas; pois, pelas orações proferidas com palavras verdadeiras e sagradas, de modo sensível e com afeição, conseguimos obter um grande poder; quando, pela aplicação delas a qualquer divindade, nós avançamos tanto que ele pode dirigir seu discurso e resposta por uma maneira divina, pela qual (como diz *Dionísio*)² Deus fala com os homens, mas poucos percebem. Mas, com frequência, o rei e profeta *Davi* percebe isso, quando afirma, “ouvirei o que o Senhor falará em mim”.³

A adoração, portanto, praticada de modo contínuo por um longo tempo e com frequência, aperfeiçoa o intelecto e torna a alma maior para o recebimento das luzes divinas, inflamando amor divino, produzindo fé, esperança e maneiras sagradas, purificando a alma de toda a contrariedade e do que é avesso a ela; e também repele diversos males, que de outra

maneira, naturalmente, atacariam. Assim canta *Ovídio*:

... com orações, Jove é tocado;
Muitas vezes vi, quando do alto
Ele enviaria horríveis relâmpagos, mas foi
Apaziguado com olíbano.

O homem volta a Deus por meio das orações pelas quais ele (diz *Platão* a *Fédon*)⁴ para os cavalos e entra nas câmaras de repouso, em que se alimenta de ambrosia e bebe néctar. Por isso, aqueles que desejam desfrutar alguma virtude, devem rezar e suplicar com frequência a ele que tem toda a virtude em si. A melhor oração não é aquela proferida em palavras, mas com um silêncio religioso⁵ e sincera cogitação oferecidos a Deus; e também aquela que com a voz da mente e palavras do mundo intelectual é oferecida a ele.

Um voto é uma afeição ardente de uma mente casta entregue a Deus, que, por meio da promessa, deseja aquilo que parece ser bom. Essa afeição (como testemunham *Jamblicus*⁶ e *Proclo*) une tanto a alma a Deus que a operação de Deus e da mente se torna uma; ou seja, de Deus como o artífice, e da mente como um instrumento di-

vino: toda a Antiguidade testemunha que, por meio de votos, às vezes milagres são realizados, doenças curadas, tempestades desviadas e outras coisas semelhantes acontecem. Assim, vemos que a maioria dos homens sábios de todas as nações - os bragmanni da Índia; os magos da Pérsia; os gimnosofistas do Egito; os adivinhos da Grécia⁷ e da Caldeia,⁸ que se superaram nos segredos divinos, aplicavam-se nos votos divinos, por isso realizaram muitas coisas maravilhosas.

Para a perfeição de um voto e de uma adoração (pois um voto não pode ser perfeito sem adoração; nem uma adoração sem o voto), há duas coisas de modo especial necessárias; a saber:

Em primeiro lugar, conhecimento da coisa a ser adorada e para a qual faremos o voto; de que maneira será feito; em que ordem; e por quais meios ela será venerada, pois existem vários cooperadores e instrumentos de Deus - os céus; astros; espíritos administradores; almas celestiais; e heróis, a quem devemos implorar como carregadores, intérpretes, administradores, mediadores; mas, antes de tudo, ele, que vai ao arquétipo Deus, que é o único termo supremo de adoração; as outras divindades são como passagens ao próprio Deus. Saiba, portanto, que as adorações e votos devem, com uma mente pia e pura, ser feitos principalmente àquele Deus único, o Pai supremo, Rei e Senhor de todos os deuses. Mas, quando eles são feitos aos deuses inferiores, a intenção termina neles. Assim, no que diz respeito a adorações e votos, quando são dirigidos a divindades inferiores, *Zoroastes* e *Orfeu* acreditavam que

defumações deveriam ser usadas; mas, quando são erigidos à majestade do Deus supremo, elas não devem ser utilizadas de modo algum. Também *Hermes* e *Platão* a proíbem. *Hermes* diz a *Tatius*:⁹ é como um sacrilégio quando orares a Deus queimar olíbano,¹⁰ e incensos parecidos; pois (diz *Porfírio*) eles não são agradáveis à oração. Pois não há nada material que possa ser encontrado que ao Deus imaterial não seja impuro.¹¹ Portanto, não é agradável a Deus nem a oração proferida em palavras nem a mental, se a mente estiver poluída com vício.

Em segundo lugar, também se requer uma certa assimilação de nossa vida com a vida divina, em pureza, castidade e santidade; com um desejo lícito daquilo que pedimos; pois por esse meio conseguimos obter a benevolência e a generosidade divinas; pois, a menos que, com as mentes purgadas, mereçamos ser ouvidos; e as coisas que pedimos mereçam ser feitas, é manifesto que os deuses não atenderão às nossas preces: o divino *Platão* afirma que Deus não pode ser alcançado por nossas preces ou dons para fazer coisas injustas;¹² por isso, não desejemos de Deus nada que consideramos incorreto desejar; pois utilizando apenas esse meio vemos que muitos são frustrados em seus votos e orações, pois eles não estão dispostos religiosamente e seus desejos e orações não são feitos para as coisas que agradam a Deus. Eles também não sabem discernir em qual ordem devem rezar nem pelas quais mediadores devem chegar a Deus; a ignorância desses fatos reduz nossas preces e súplicas a nada, e faz com que nossos desejos sejam negados.

Notas - Capítulo LVIII

1. Ofertas de sacrifícios, devoção ou agradecimentos a uma divindade.

2. Pseudo-Dionísio, o Aeropagita.

3. Salmos 85:8.

4. Platão se refere “àquele lugar além dos céus”, no qual:

“...habitam seres verdadeiros, sem cor ou forma, que não podem ser tocados; apenas a razão, a condutora da alma, pode vê-los; e todo o conhecimento verdadeiro é o conhecimento disso. ...E quando ela [a alma] assim também contempla e celebra tudo o que tem de ser verdadeiro, ela desce de novo entre os céus e volta para casa. E assim fazendo, seu condutor [a razão] atrela seus corcéis à manjedoura deles, e coloca ambrosia diante deles, e néctar para ser bebido (*Fédon* 247c-e Hamilton and Cairns, 494).

5. “Ó inefável, impronunciável, para ser louvado em silêncio!” *Divino Pymander de Hermes Mercúrio Trismegisto* 2.96 (Everard [1650, 1884] 1978, 17). Da prece de Hermes. A tradução de Scott da mesma passagem é mais difundida.

6. Ver Iamblicus, *On the Mysteries* 5.26, com referência aos vários tipos de oração e seus benefícios.

7. Os Hierofantes dos Mistérios.

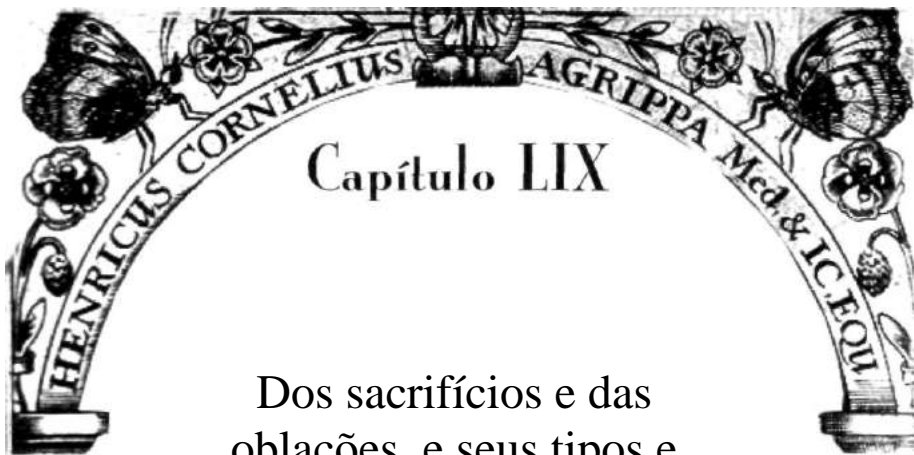
8. Nos tempos antigos, “caldeu” denotava “mago”, de modo particular um astrólogo, e foi quase esquecido que o nome se referia a um povo em um território geográfico.

9. Mas quando eles começaram a rezar, Asclépio sussurrou, “Diga-me, Tat, vamos propor a seu pai que acrescentemos em nossas orações, como os homens costumam fazer, um oferecimento de incenso e perfumes?” Trismegisto ouviu e, muito perturbado, disse: “Calma, calma, Asclépio; é a mais suprema impiedade pensar tal coisa com relação a Ele que é o único bem. Presentes como esses são inadequados para ele; pois ele é pleno de todas as coisas que existem, e nada lhe falta. Adoremos-lo com agradecimentos; pois palavras de louvor são as únicas ofertas que ele aceita” (*Asclépio*) Epílogo 41a [Scott, 1:373]. Ver também *Corpus Hermeticum* 5.10b, 11 [Scott, 1:165]).

10. “Embora o olíbano possa apaziguar os Deuses e as divindades iradas; ele não deve ser totalmente dado aos altares flamejantes” (Ovídio, *De medicamine faciei* [Sobre o tratamento da compleição] [Riley, 494]). A respeito das ofertas de incenso feitas pelos egípcios, condenada por Hermes no caso da divindade suprema, Plutarco escreve: “Além do mais, eles oferecem incenso ao sol três vezes ao dia: resina no nascer; mirra quando está no meio do céu; e o que eles chamam de Kephî, no pôr-do-sol”. (*Isis and Osíris* 52. Em *Moralia* [Goodwin, 4:112]), Kyphi, ou cyphi, era uma mistura de mel, vinho, uvas-passas, ciperácia, resina, mirra, aspalathus, seselis, almêcega, betume, erva-moura, canela, frutinhas de junípero grande e pequeno, cardamomo e cálamo (*ibid.* 80-1 [Goodwin, 136-8]). A tradução para o inglês de *Moralia*, da Harvard University Press, menciona junco doce em vez de erva-moura.

11. “Pois o Cosmo é uma massa de mal, assim como Deus é uma massa de bem” (*Corpus Hermeticum* 6.4 a. [Scott, 1:169]).

12. Para o homem bom, é glorioso, bom e lucrativo para a felicidade da vida; e perfeitamente adequado fazer sacrifícios e estar sempre em comunhão com o céu por meio da oração e ofertas, e todos os modos de adoração. Mas, para o homem mau, é exatamente o contrário. Pois o homem mau é impuro de alma; enquanto o bom é puro; e do que é poluído, nem o homem bom nem Deus podem aceitar um presente; por isso, todo esse esforço dedicado ao céu é um trabalho desperdiçado para o ímpio; e sempre frutífero para o pio (Platão, *As Leis* 4.716d-e [Hamilton e Cairns, 1307-8]).



Dos sacrifícios e das oblações, e seus tipos e modos

Tm sacrifício é uma oblação ao mesmo tempo sagrada pela oferta, e que santifica e torna sagrado o ofertante, a não ser que a irreverência ou outro tipo de pecado sejam um impedimento para ele. Assim, esses sacrifícios e oblações nos dão muita esperança e nos fazem membros da família de Deus, e afastam de nós muitos males que pairam sobre nossas cabeças; como confirmam os médicos dos hebreus dizendo que, quando matamos nossas criaturas vivas e dissipamos nossa fortuna em sacrifício, afastamos as maldades que pairam sobre nós.

Pois, assim como o sacerdote mortal sacrifica neste mundo inferior a alma da criatura irracional a Deus, separando o corpo da alma, também *Miguel*, o arcanjo, o sacerdote do mundo superior, sacrifica as almas dos homens,¹ separando a alma do corpo e não o corpo da alma, a menos que, por acaso, isso aconteça em fúria, êxtase e sono, e em lapsos da alma como esses, aos quais os hebreus chamam de morte do corpo.

Mas os sacrifícios e oblações devem ser oferecidos ao Deus superior; mas quando devem ser dirigidos aos poderes divinos secundários, isso deve ser feito da mesma maneira que ensinamos ao tratar das orações e votos.

Mas existem muitos tipos de sacrifícios: um deles é chamado oferta queimada, quando a coisa sacrificada é consumida pelo fogo; outro é uma oferta de infusão de sangue; existem também sacrifícios salutíferos, que são feitos para obter saúde; outros, pacificadores, para obtenção de paz; outros, de louvor, para a libertação de algum mal; ainda outros gratulatórios, para reverência e agradecimento divinos. Mas alguns sacrifícios não são feitos nem para a honra de Deus nem por boa vontade - esse tipo existia entre os hebreus - chamados sacrifícios de ciúme, que eram feitos apenas para descobrir adultério.

No passado havia entre os gentios o sacrifício da expiação, pelo qual as cidades eram purgadas da fome, peste ou outra horrível calamidade; os ritos consistiam em procurar o homem mais vil da cidade e conduzi-lo

ao local designado, segurando nas mãos queijo, bolachas e figos secos; depois açoitá-lo sete vezes com varas e reduzi-lo a cinzas junto com as mesmas varas, espalhando as cinzas no mar. *Lycophron* e *Hiponax* mencionam esses sacrifícios; também *Filóstrato* relata coisas semelhantes referente a *Apolônio* de Tyana, quando ele afastou a peste de Éfeso.

Existiam muitos tipos de sacrifícios e ofertas, como *Agonais*,² *Dapsa*,³ *Farreationes*, *Hecatombe*,⁴ *Hóstia*,⁵ *Hyacinthia*,⁶ *Armilustra*,⁷ *Janualia*,⁸ *Lucalia*, *Lupercais*,⁹ *Munychia*,¹⁰ *Novendinalia*,¹¹ *Nyctiluxa*, *Palatialia*, *Pastillaria*, *Popularia*, *Protervia*, *Scenopegia*, *Salitaurilia*, *Stata*, *Robigalia*,¹² *Fontanalia*,¹³ *Ormia*, *Parentalia*,¹⁴ *Inferiae*,¹⁵ *Consualia*,¹⁶ *Lampteria*, *Amburbia*,¹⁷ *Ambarvalia*,¹⁸ *Vinalia*,¹⁹ *Thyia*,²⁰ *Holocaustomata*,²¹ *Orgia*,²² *Latialia*,²³ *Dianetaurica*,²⁴ *Bacchanalia*,²⁵ *Trieterica*, *Liberalia*,²⁶ *Cocytia*, *Cerealia*,²⁷ *Thesmophoria*,²⁸ *Adonia*,²⁹ *Teonia*, *Laurentalia*,³⁰ *Opalia*,³¹ *Palilia*,³² *Quirinalia*,³³ *Vertumnalia*,³⁴ *Gynaecia*, *Panatheneae*,³⁵ *Quinquatria*,³⁶ *Diapalia*,³⁷ *Diasia*,³⁸ *Horma*, *Hormeae*, *Nemea*,³⁹ *Mytiraca*,⁴⁰ *Palogygia*.

E as ofertas deles eram próprias e diversas: um bode e um jumento eram sacrificados a *Bacchus*; uma leitoa a *Ceres*; um cavalo ao Sol; um veado e cães a *Diana*; um jumento a *Priapus*; um ganso a *Ísis*; um galo⁴¹ à Noite; uma cabra a *Faunus*; um touro a *Netuno*; uma cabra a *Minerva*; um touro a *Hércules*; uma criança⁴² a *Saturno*; uma leitoa com porcos a *Maja*,⁴³ um galo a *Esculápio*; além disso, eles faziam sacrifícios a *Hércules Gnídius*, com repreensões e xingamentos.

Havia também diversas ordens de sacerdotes, como

Sumo Sacerdotes, Flâmines,⁴⁴ Arquiflâmines,⁴⁵ Phylades, Sális,⁴⁶ Hierofantes;⁴⁷ e muitos outros nomes de religiões, superstições, sacrifícios, cerimônias, festivais, consagrações, dedicações, votos, devoções, expiações, juramentos, ofertas, obras de satisfação - pelos quais os gentios seduzidos faziam sacrifícios a falsos deuses e demônios.

Mas o verdadeiro sacrifício, que purga qualquer homem e o une a Deus, tem duas partes: uma, que o sumo sacerdote Cristo ofereceu para a remissão dos pecados, purificando todas as coisas pelo sangue de sua cruz; a outra, pela qual um homem se oferece limpo, imaculado, para um sacrifício vivo a Deus, como Cristo, o sumo sacerdote, se ofereceu, e nos ensinou a nos oferecer junto com ele, como ele foi ofertado, falando do sacramento de seu corpo e sangue, façam isso em minha memória;⁴⁸ ou seja, que devemos nos ofertar junto com ele, sendo mortificados pela paixão de seu corpo mortal e desertos no espírito.

A esse respeito *Porfírio* diz, “nos esforcemos para oferecer uma santidade de vida para um sacrifício; pois nenhum homem pode ser um bom sacerdote de Deus senão aquele que se oferece como sacrifício, erigindo a própria alma como uma imagem, e constituindo tanto a sua mente e entendimento em um templo no qual ele possa receber a luz divina”; mas sacrifícios eternos (como diz *Heráclito*) são curas certas da alma, instituída pelo médico supremo; pois o espírito mau possui um homem (como diz *Proclo*) até ele ser expiado por meio de sacrifícios; portanto, os sacrifícios são necessários para pacificar Deus e os poderes celestiais, e para expiar o homem, que tem tanto a imagem de Deus quanto do mundo.

Mas nosso senhor *Jesus* Cristo, o verdadeiro sumo sacerdote, concluiu todos os sacrifícios em pão e vinho apenas, como na substância primária da carne do homem, não mais sendo necessário o sacrifício de animais, nem de outras coisas, nem da efusão de sangue, no qual seremos purificados, sendo perfeitamente limpos no sangue dele.

Entre os egípcios existiam 666⁴⁹ tipos de sacrifícios; pois eles de fato designavam honras divinas e sacrifícios para cada estrela e planeta, pois eles eram animais divinos participando de uma alma intelectual e uma mente divina. Por isso, os egípcios afirmavam que quando oferecemos preces humildes às estrelas, elas nos ouvem e concedem dádivas celestiais, mais por sua livre vontade do que por um acordo natural.

E é isso que *Jamblicus* afirma,⁵⁰ os corpos celestiais e as divindades do mundo possuem certos poderes divinos e superiores em si; assim como também naturais e inferiores, que *Orfeu* chama de chaves para abrir e fechar,⁵¹ e por aqueles estamos presos às influências fatais, e por esses podemos nos livrar do destino. Desse modo, se qualquer infortúnio vindo de Saturno ou Marte paira sobre alguém, os magos comandam que ele não deve voar imediatamente para Júpiter ou Vênus, mas para Saturno ou Marte. Assim, quando *Psique* de Apuleio foi perseguida por *Vênus*, por igualá-la em beleza, foi forçada a importunar para obter o favor não de *Ceres*, nem *Juno*, mas da própria *Vênus*⁵²

Eles faziam sacrifícios a cada astro com as coisas pertencente a eles: ao Sol, com coisas solares e seus

animais, como o loureiro, o galo, o cisne, o touro; a Vênus com os animais dela, o pombo ou a tartaruga; e com suas plantas, a verbena, por exemplo, como canta *Virgílio*:

... traz a água

Com suave guirlanda, cercando o altar

Rodeando, queimando grandes ramos e olíbano

Que é forte e puro.

Além disso, o mago, quando confeccionava qualquer coisa, natural ou artificial, pertencente a algum astro, a apresentava depois como oferta religiosa e sacrifício ao mesmo astro, recebendo menos uma virtude natural da influência oportunamente recebida que uma divinamente confirmada e mais forte. Pois a oblação de qualquer coisa, quando oferecida a Deus da maneira certa, torna a coisa santificada por Deus pela oblação como sacrifício, tornando-se parte dela.

Sacrifícios brancos eram oferecidos para deuses celestiais e etéreos; negros, para os terrestres ou infernais; para os terrestres, sobre os altares; para os infernais, em fossos; para os aéreos e aquosos, coisas voadoras; brancas para estes, negras para aqueles.⁵³ Por fim, para todos os deuses e demônios, além dos terrestres e infernais, coisas voadoras eram oferecidas; mas para aqueles apenas animais quadrúpedes, pois os iguais se agradam. Dentre estes, apenas os que eram oferecidos aos celestiais e etéreos podiam ser ingeridos; sendo as extremidades⁵⁴ reservadas para Deus, mas não as outras partes.

Tudo isso foi expresso pelo oráculo de Apolo nos seguintes versos:

Um sacrifício tríplice aos deuses do alto,
 Animais brancos devem ser mortos para
 eles; para os abaixo
 Também tríplice; mas negros para eles;
 Com altares abertos os deuses celestiais
 São levados; com os deuses infernais se
 requer
 Covas cheias de alimentos negros e
 mirra;
 E eles não se satisfazem a não ser com
 um sacrifício
 Que é enterrado; mas os deuses do ar
 Se deliciam com mel e os mais claros
 vinhos,
 E nos altares que o fogo seja aceso,
 Requer, com sacrifício de coisas
 voadoras e brancas:
 Mas as divindades da Terra têm prazer
 Em que os corpos terrestres sejam
 defumados com olíbano
 E biscoitos oferecidos em reverência
 Mas para os deuses que governam o mar,
 tu debes
 Apresentar teus sacrifícios nas costas do
 mar,
 E sobre as ondas lançar o animal inteiro.
 Mas para as divindades celestiais
 Dá as extremidades, e depois consome
 com fogo;
 Aquilo que sobrar, tu podes, se desejares,
 Comer; e deixa o ar com espessos
 vapores
 E gotas de cheiro adocicado.

Desses sacrifícios *Porfírio* faz menção em seu livro das Respostas,⁵⁵ com o qual outros concordam. Pois eles dizem que tais sacrifícios são certos meios naturais entre os deuses e os homens; *Aristóteles* afirma que é natural no homem fazer sacrifícios para Deus. Eles são meios que favorecem a natureza de ambos, e representam coisas divinas analogicamente, e têm, com a divindade a quem são oferecidos, certas analogias convenientes - tão ocultas que o entendimento do homem não consegue concebê-las -, mas que Deus e as divindades requerem em particular para nossa expiação; com as quais as virtudes celestiais são agradadas e não executam a punição que nossos pecados merecem.

Esses sacrifícios são (como chamados por *Orfeu*) chaves que abrem o portão dos elementos⁵⁶ e dos céus; por meio deles um homem pode ascender aos supercelestiais; e as inteligências dos céus; e os demônios dos elementos podem descer a ele.

Os homens que são perfeitos e verdadeiramente religiosos não precisam dos sacrifícios; mas apenas aqueles que (segundo *Trismegisto*),⁵⁷ caindo em desordem, são feitos servos dos céus e das criaturas; aqueles que, por estar sujeitos aos céus, pensam, portanto, que podem ser corroborados pelo favor da virtude celestial, até que, voando mais alto, são absolvidos de sua presidência e se tornam mais sublimes.

Notas - Capítulo LIX

1. E Miguel quem pesa as almas em uma grande balança no julgamento final.
2. Antigos festivais romanos celebrados em 9 de janeiro, 17 de março, 21 de maio e 11 de dezembro, em honra a várias divindades. Ver *Ovídio, Fasti* 1, versos 317-36.

3. Latim: *daps* - um magnífico banquete por ocasião de um sacrifício.
4. Originalmente, um festival grego dedicado a Apolo, que acontecia no mês de verão Hekatombaion, consistindo em um sacrifício em massa de cem bois. Desde os tempos de Homero a palavra foi usada de modo mais geral, significando qualquer sacrifício numeroso e, nesse sentido, ele também foi praticado pelos romanos.
5. Latim: *hostia* - um sacrifício.
6. A morte de Hyacinthus, o belo jovem morto acidentalmente por Apolo, era celebrada em sua cidade nativa de Amyclae, com a Hyacinthia, o segundo mais importante dos festivais espartanos. Às vezes acontecia no início do verão durante o mês espartano Hecatombeus e durava três dias; os ritos passavam de lamentos a júbilo.
7. O Armilustrum (purificação das armas) era celebrado em 19 de outubro, em honra a Marte e aos 12 Salii Palatini, os dançarinos de Marte. Nessa data, os 12 *ancilia*, ou escudos sagrados, eram exibidos; acreditava-se que um deles caiu do céu durante o reinado de Numa.
8. Talvez o festival de Janus; celebrado em Roma em 1º de janeiro. O nome desse festival pode ter sido deslocado pelas Agonais de 9 de janeiro (ver nota 2 deste capítulo) e parece não ser conhecido pelos autores modernos.
9. Festival romano celebrado em 15 de fevereiro com o sacrifício de um bode, ou bodes, e um cão, na caverna chamada Lupercal, localizada abaixo do canto ocidental do Palatino, a principal das sete colinas da antiga Roma. Após o sacrifício, jovens vestindo apenas uma faixa feita da pele das vítimas corriam pelo Palatino açoitando a todos que encontrassem, mas principalmente as mulheres, com chicotes feitos de pele de bode. Ao que parece, tratava-se da combinação de um rito de fertilidade com a propiciação de uma divindade em forma de lobo.
10. Uma colina fortificada na península de Piraeus, perto de Atenas. No sopé ficava um porto com o mesmo nome; o mais oriental dos três portos que serviam a Atenas. Em Munychia ficavam os templos de Ártemis Munychia, em que aqueles acusados de crimes contra o Estado de Atenas podiam buscar refúgio. O festival dessa deusa da Lua, chamado Munychia, era celebrado no mês ateniense de Munychion (abril), com o sacrifício ritual de uma corça vestida como uma menina.
11. A Novendiale era um *feriae imperativae*, um festival romano designado pelo senado, magistrados ou sacerdotes para comemorar algum grande evento ou evitar um desastre. A Novendiale acontecia sempre que pedras caíam do céu.
12. Robigália, um festival romano celebrado em 25 de abril para impedir que o mofo (*robigo*) destruísse as colheitas. Uma procissão deixava a cidade atravessando o portão Flamino, cruzava a ponte Mílvia e parava no quinto marco da Via Cláudia, onde um cão e uma ovelha eram sacrificados à deusa (ou deus) Mofo. Ovídio explica que os sacrifícios aconteciam na “gruta do antigo Mofo”; os participantes vestiam roupas brancas, e as entranhas do cão e da ovelha eram lançadas ao fogo pelos *flamen quirinalis* (ver nota 44 deste capítulo), junto com vinho e incenso (*Fasti* 4, versos 905-42). Columella acrescenta o repulsivo detalhe de que o cão era um filhote ainda amamentando; e Plínio diz que o festival foi instituído por Numa no 11º ano de seu reinado.
13. Festival romano celebrado em 13 de outubro em honra a Fontus, filho de Janus, no qual as fontes eram adornadas com guirlandas. O nome do deus indica sua natureza - a personificação das águas correntes (*fons*).
14. Um festival público oficial romano em honra aos mortos; ou como Ovídio explica com mais precisão, “para a propiciação dos fantasmas”, que durava de 13 a 21 de fevereiro. O último dia tinha o nome “Ferália”. Durante o período do festival, todos os templos permaneciam fechados, os magistrados retiravam suas insígnias e as cerimônias de casamento eram proibidas. Ver Ovídio, *Fasti* 2, versos 533-70.
15. Os *inferi* eram os deuses do submundo. A palavra também era usada de maneira mais geral para descrever qualquer criatura no Hades, incluindo as almas que partiram.
16. O festival em honra ao antigo deus italiano da agricultura Consus era celebrado em Roma em 21 de agosto e também em 15 de dezembro. No primeiro dia, os *flamen quirinalis* e as Virgens Vestais ofereciam sacrifícios e corridas de mula aconteciam no Circo. Cavalos e mulas descansavam do trabalho e eram coroados com guirlandas. Várias diversões rústicas, como montar bois cobertos de óleo, aconteciam. Acreditava-se que o festival fora instituído por Rômulo.

17. Ambrubium era uma procissão solene do povo pela cidade de Roma, realizada em épocas de grande perigo ou para evitar uma calamidade.
18. Festival romano para proteger as colheitas, observado em 29 de maio. Um boi, uma ovelha e um porco (chamado *suovetaurilia*) dedicados em sacrifício a *Ceres* eram, antes, conduzidos pelas terras romanas pelos *Fratres Arvales* (Irmãos Arvales), uma irmandade de 12 sacerdotes. À medida que o *ager Romanus* aumentou de tamanho, essa procissão foi descontinuada.
19. Um festival romano dedicado a Júpiter em seu aspecto de protetor do vinho. Era dividido em duas partes: a *Vinália rustica*, que celebrava a colheita da uva em 19 de agosto; e a *Vinália urbana*, que acontecia em 21 de abril - o aniversário oficial de Roma -, quando o vinho feito da colheita do outono anterior era provado pela primeira vez.
20. Um festival grego dedicado a Dionísio, celebrado todos os anos nas cercanias da cidade de Elis. Thyia, filha de Castalius (ou Cephisseus), foi a primeira a oferecer sacrifícios a Dionísio. O nome Thyiades, frenéticas mulheres devotas de Dionísio, derivava dela.
21. Holocausto é uma palavra grega que significa “totalmente queimado”; ou seja, uma oferta em sacrifício completamente consumida pelo fogo.
22. Festival noturno de Dionísio na qual as mulheres bacchae dilaceravam um touro e comiam sua carne crua sob a chama bruxuleante de tochas. A palavra era usada de modo geral para designar qualquer rito de Dionísio, em particular o festival trienal que acontecia no alto do Monte Cithaeron. Ver Virgílio, *Eneida* 4, verso 302.
23. O *feriae Latinae* era celebrado todos os anos no Monte Alba, em honra a Júpiter Latialis (ou Latiaris), o deus protetor da região de Latium. Durante os dias de sua observância, um tratado sagrado era mantido, e todo o senado de Roma, junto com os altos magistrados, tomava parte nos ritos, que era presidido por um dos cônsules. A data da celebração variava de acordo com as circunstâncias políticas, por causa do tratado que o acompanhava.
24. Festival de Artemis Taurica, quando em Tauro todos os desconhecidos naufragados na costa eram sacrificados. Quando a deusa foi levada para Ática e venerada em Esparta, o rito foi suavizado - rapazes eram açoitados até que seu sangue respingasse o altar.
25. O nome em latim para a Orgia Dionisíaca. Ver nota 22 deste capítulo.
26. Festival da fertilidade observado em 17 de março, em honra à divindade italiana Líber Pater; identificado pelos romanos com Dionísio. Bolos de carne, mel e óleo eram oferecidos ao deus. Os jovens deixavam de lado suas togas de menino (*toga praetexta*) e adotavam as togas de homem (*toga libera*). Ver Ovídio, *Vasti* 3, versos 713-91.
27. Festival romano observado de 12 a 19 de abril, em honra a Ceres, durante o qual aconteciam jogos. Ver Ovídio, *Vasti* 4, versos 393-620, que é a melhor passagem dessa obra.
28. Antigo festival grego celebrado apenas pelas mulheres, em honra a Deméter, em datas diferentes em diversas Cidades-Estados. Em Atenas acontecia de 24 a 26 de outubro. As mulheres se abstinham de relações sexuais com seus maridos por nove dias antes dos ritos, e dormiam em camas espargidas com agnus castus, ramos de pinheiro ou outras plantas mágicas. Porcos eram jogados em covas, ou abismos naturais supostamente cheios de cobras venenosas. Após três dias de purificação ritual, algumas mulheres chamadas “Drawers” (*antletriai*) desciam às covas, assustavam as serpentes batendo palmas e recolhiam uma parte da carne de porco em putrefação. Quem pegasse um pouco dessa carne do altar de Deméter e espalhasse junto com as sementes nos campos teria uma boa colheita.
29. Festivais anuais em honra a Adonis, celebrados em Byblus, Alexandria, Atenas e em outros lugares. Em Alexandria, imagens de Adonis e Afrodite eram colocadas juntas, fingindo união, cercadas pelas frutas da estação, perfumes caros e bolos feitos na forma de coisas vivas. No dia seguinte, mulheres com cabelos despenteados e seios nus lançavam a imagem de Adonis ao mar e entoavam uma prece por um ano bom. Essa cerimônia, junto com a que acontecia em Atenas, ocorria no fim do verão. O festival em Byblus era conduzido na primavera.
30. Mais apropriadamente Larentalia; um festival romano em honra a Acca Larentia, em 23 de dezembro. Muitas histórias são contadas a respeito dessa mulher. Acreditava-se que ela amamentara Rômulo e Remo; ou que fora ganha por Hércules em um jogo de dados, e que transmitira para Roma a vasta fortuna do marido falecido, o rico etrusco Tarutius, com quem Hércules a aconselhou a se casar; ou ainda que fora a mãe de Lares, com quem era intimamente ligada. Ver Ovídio, *Fasti* 3, versos 55-8.

31. Festival romano observado no fim de dezembro.
32. Mais corretamente Parilia; um festival romano celebrado em 21 de abril em honra à deusa italiana Pales, guardiã dos rebanhos. Nessa data, os pastores pediam perdão por sua profanação acidental de locais sagrados e saltavam três vezes sobre uma fogueira de feno. Ver também a nota 19 deste capítulo sobre essa data.
33. Festival romano em 18 de fevereiro, em honra a Quirinus, o primeiro nome dado a Rômulo, depois que ele foi elevado ao grau de divindade.
34. Festival romano honrando o deus etrusco Vertumnus (ou Vortumnus), em 23 de agosto. Ele era o deus da vegetação em crescimento, e o festival marcava a mudança das estações.
35. Festival ateniense em honra a Atena Polias, observado em 28 e 29 do Hecatombaeon (por volta do meio de agosto). Havia uma Panathanea Menor celebrada a cada quatro anos. Nos tempos remotos havia uma grande procissão, na qual uma estátua de Atenas era ritualmente vestida com uma roupa cor de açafreão, chamada *peplus*. Em tempos posteriores, o festival incluiu jogos de ginástica, concursos de música e um concurso equestre. Um grande número de animais reunidos de todas as partes do império era sacrificado.
36. Festival romano em honra a Minerva, celebrado de 19 a 23 de março; assim chamado porque caía no quinto dia após as ides de março. Em tempos posteriores, o festival durava cinco dias, sendo que os quatro últimos eram devotados a espetáculos de gladiadores. Havia um Quinquatrus Menor, em 13 e 14 de junho, celebrado principalmente pelos flautistas. Ver Ovídio, *Fasti* 3, versos 809-50 e 6, versos 651-710.
37. Diipolia, o sacrifício de um boi a Zeus Polieus, realizado na Acrópole em Atenas todos os anos em junho. O sacerdote que matava o boi se afastava e se mantinha em exílio ritual por um determinado período; o boi usado era julgado, condenado e atirado ao mar; a pele dele era recheada com feno, presa a um arado e tratada como se estivesse viva. Ver Pausânias, *Guide to Greece* 1.24.4.
38. Festival grego de Zeus, realizado em fevereiro.
39. Nemeia era um vale na Argólia onde Hércules supostamente teria matado o leão da Nemeia. Havia um grande templo nemeu de Zeus na região, cercado por um bosque sagrado, onde aconteciam os jogos da Nemeia. O prêmio dos jogos era uma coroa feita de aipo.
40. Talvez a Matralia; um festival romano celebrado em 11 de junho, em honra à divindade italiana Mater Matuta, deusa da aurora, que em tempos remotos era associada ao nascimento. Somente mulheres casadas eram admitidas em seus ritos, e nenhuma que se casara mais de uma vez tinha permissão de coroar sua estátua com guirlandas. Em tempos posteriores, essa deusa foi associada ao mar e à navegação.
41. O galo comum de galinheiro, oposto ao galo de briga.
42. Havia uma tradição em que, nos tempos remotos, sacrifícios humanos eram oferecidos a Saturno.
43. Maia era adorada em Roma. Em 1º de maio, sacrifícios lhe eram oferecidos por um sacerdote de Vulcano, o que fez com que ela fosse considerada por alguns a esposa de Vulcano. Em tempos posteriores, ela foi confundida com Maia, filha de Atlas. Também era chamada pelo nome Majesta.
44. Um grupo de 15 sacerdotes em Roma, três Maiores e três Menores. Cada um era incumbido de supervisionar o culto a um deus específico. Dois dos Flâmines Menores são desconhecidos, mas os outros são:

Maiores	
Flâmine	Deus
Dialis	Júpiter
Martialis	Marte
Quirinalis	Quirinus
Menores	
Flâmine	Deus
Volturnalis	Volturnus
Palatualis	Pales
Furinalis	Furrina

Floralis	Flora
Falacer	Falacer
Pomonalis	Pomona
Volcanalis	Vulcano
Cerialis	Ceres
Carmentalis	Carmentis
Portunalis	Portunus

45. Os três Flâmines Maiores. Ver nota anterior.

46. Os Sálíos; dois grupos formados cada um por 12 sacerdotes dançarinos de Marte. Eram de nascimento nobre, usavam vestes militares e carregavam os escudos sagrados (*ancilia*) de Marte. No Quinquatrus (19 de março) e no Armilustrum (19 de outubro), que marcavam o início e o fim da estação de campanhas militares, eles saíam em procissão por Roma, realizando danças rituais acrobáticas e cantando em um antigo dialeto perdido. Os *Salii Palatini* (ver nota 983) sempre foram ligados a Marte, mas os *Salii Collini* (ou Agonenses) podem ter sido originalmente associados a Quirinus.

47. Ver nota 6, cap. LV, I. III.

48. Lucas 22:19.

49. Com certeza não é coincidência que esse número é o da Besta no Livro do Apocalipse 13:18.

50. “Pois os Deuses, de fato, dissolvem o destino; mas as últimas naturezas que procedem deles e são complicadas com a geração do mundo e com o corpo completam o destino.” (Jamblicus, *On the Mysteries* 8.7 [Taylor, 309]). A respeito de ficar preso ou se livrar do Destino, ver sec.8, capítulos 6-8 dessa obra em sua totalidade.

51. As chaves eram o símbolo de Plutão, como menciona Pausânias em *Guide to Greece* 5.20.3. Talvez Agrippa faça alusão ao hino órfico a Plutão:

As chaves da Terra a ti, rei ilustre, pertencem.
Seus portões secretos se destrancam, profundos e fortes.
(*Hinos de Orfeu* 17 [Thomas Taylor *the Platonist: Selected Writings*, 233]).

52. A jovem mortal Psique causou o ciúme de Vênus, que, por vingança, ordenou a seu filho Cupido que fizesse Psique se apaixonar pelo homem mais baixo e feio da Terra. Em vez disso, Cupido se apaixonou por ela. Eles viveram felizes em segredo por algum tempo, mas por curiosidade Psique violou a confiança de seu amante e ele a deixou. Ela vagou inconsolável e, por fim, se encontrou prisioneira no palácio de Vênus, e ali era atormentada. Com coragem, perseverou durante todo o infortúnio. Júpiter ficou com pena dela, devolveu-a a Cupido e a tornou imortal. A história é contada com graciosidade por Apuleio no capítulo 22 de *O asno de ouro*

53. Ou seja, aos deuses aéreos, aves brancas; aos deuses aquosos, aves negras.

54. Os ossos da coxa eram queimados em sacrifício aos deuses, como descreve Homero:

Depois de fazer suas orações e matar os bois e lhes retirar a pele, Separavam a carne das coxas e a envolviam em gordura, Dobrando em dois e espalhando pedaços de carne sobre elas, e como não tinham vinho para derramar sobre as ofertas queimadas, faziam uma libação de água e assavam todas as entranhas; mas, depois de queimar os pedaços da coxa e provar a carne, eles cortavam todo o restante em pedaços e assavam (*Odisseia* 12, versos 359-65 [Lattimore, 194]).

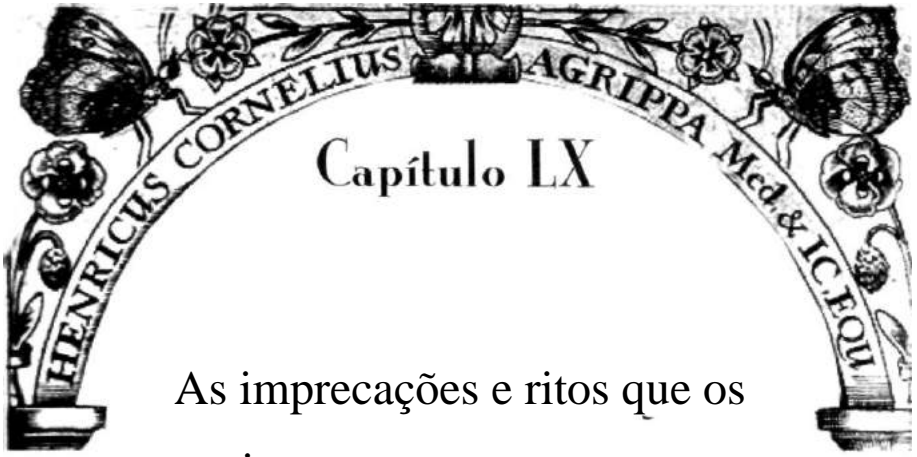
55. *De Philosophia ex oraculis hausta*. Muitos oráculos citados por Eusébio em *Proeparatio evangelica*, livro 21.

56. Ver nota 1 deste capítulo.

57. Talvez se refira a esta passagem:

Se, então, a parte racional da alma de um homem é iluminada por um raio de luz de Deus, para aquele homem a obra dos demônios é reduzida a nada; pois nenhum demônio e nenhum deus têm poder contra um único raio da luz de Deus. Mas, de fato, são poucos

esses homens; e todos os outros são levados e motivados, alma e corpo, pelos demônios, colocando seus corações e afetos nas obras dos demônios (*Corpus Hermeticum* 16.16 [Scott, 1:271]).



As imprecações e ritos que os antigos costumavam usar em sacrifícios e oblações

Vejamos agora quais imprecações eram associadas a oblações e sacrifícios; pois aquele que oferecia algum sacrifício a Deus dizia estas coisas, ou outras semelhantes: “Eu, teu servo, te ofereço e sacrifico essas coisas; confesso que tu és o autor de toda a santidade, e te rogo, santifica essa oblação e derrama sobre ela a virtude de teu altíssimo e excelentíssimo espírito, para que possamos obter aquilo que pedimos. E que essa coisa que agora, por meio dessa oblação, se torna tua, vivendo ou morrendo para ti, que também eu seja teu por meio dessa oblação e comunhão, por meio dessa coisa que venho a ti oferecer e sacrificar; e professo ser de tua família e de teus adoradores”.

Além dessas palavras, dizia-se na oferenda: “Assim como tenho o poder de matar este animal, se assim quiser, ou de salvá-lo, também tu tens o poder de levar-nos em tua ira ou de dar-nos em amor aquilo que desejamos”.

E, por último, quando para expiação, ou para se evitar qualquer mal, um sacrifício era feito, dizia-se: “Assim como esse animal morre em minhas mãos, também morrem em mim todos os vícios e toda a impureza; ou que seja aniquilado esse ou aquele mal ou desconforto”. Ou ainda: “Enquanto o sangue desse animal escorre de seu corpo, que todo vício e toda impureza saiam de meu corpo”.

Em sacrifícios colocados sobre o altar para serem queimados, dizia-se: “Enquanto essa oblação é consumida por esse fogo até nada dela sobrar, que todo mal também seja consumido em mim; ou que esse ou aquele mal seja repellido, evitado e consumido”.

Também era costume, enquanto se fazia uma imprecação, tocar o altar com as mãos daqueles para quem o sacrifício era feito, ou daqueles que desejassem participar, porque só a prece não fazia efeito, a menos que o suplicante tocasse o altar com as mãos, como se vê em *Virgílio*:¹

Aqueles que com essas palavras rezam, e
o altar tocam

Que o onipotente ouça.

E em outro trecho:²

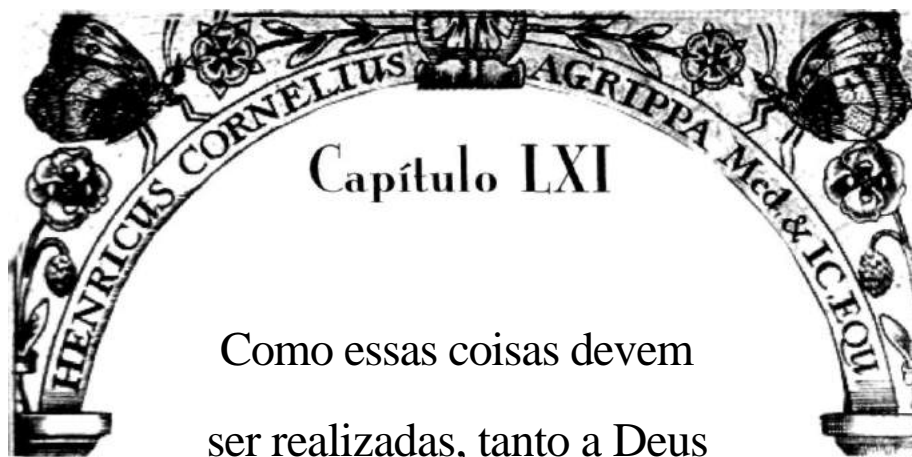
Eu toco os altares, e os fogos
intermediários,

E as divindades suplicam.

Notas - Capítulo LX

1. *Eneida* 4, linhas 219-20.

2. *Eneida* 12, linha 201.



Como essas coisas devem ser realizadas, tanto a Deus quanto às deidades inferiores



oda adoração, portanto, oblação ou sacrifício, deprecação, invocação, são diferenciados, ou por serem feitos somente a Deus ou a deidades inferiores, como anjos, astros, heróis. E com isso algumas regras devem ser observadas: Quando alguma oração é oferecida só a Deus para a obtenção de algum efeito, deve ser feita com a comemoração de alguma obra, milagre, sacramento ou promessa, tirados de algum ponto da Escritura. Se for, por exemplo, alguma deprecação para a destruição dos inimigos, que seja comemorado o fato de Deus ter destruído os gigantes no dilúvio,¹ e os construtores de Babel² na confusão das línguas, Sodoma e Gomorra³ na chuva de fogo, a hoste do Faraó⁴ no Mar Vermelho, e coisas assim. Adicione-se a isso algum malefício tirado dos Salmos ou que possa ser encontrado em outros lugares da Escritura.

De modo semelhante, quando deprecamos contra os perigos das águas, devemos comemorar a salvação de Noé no dilúvio,⁵ a passagem

dos filhos de Israel pelo Mar Vermelho,⁶ e Cristo caminhando sobre as águas,⁷ e salvando um barco do naufrágio,⁸ dando ordens ao vento e às ondas,⁹ e salvando *Pedro*¹⁰ quando ele afundava nas ondas do mar, e coisas assim.

Mas, se uma oração for necessária para a obtenção de milagres ou sonhos, seja ela a Deus, aos anjos ou heróis, muita coisa se pode tirar do Antigo Testamento, no qual se diz que Deus conversa com os homens, prometendo em diversas ocasiões presságios e revelações, além dos sonhos proféticos de *Jacó*,¹¹ *José*,¹² *Faraó*,¹³ *Daniel*,¹⁴ *Nabucodonosor*.¹⁵ E no Novo Testamento temos o Apocalipse, de *João*,¹⁶ e *Paulo*.¹⁷ E temos ainda os santos magos, como *Helena*, *Constantino*¹⁸ e *Carlos*,¹⁹ além dos profetas posteriores, como *Methodius*,²⁰ *Cyrellus*,²¹ *Joaquim*, *Merlim*,²² *Brígida*, *Mechtindis*, *Hildegardis*, aos quais as divindades, sendo invocadas com devoção, costumam nos oferecer revelações divinas.

Além disso, devemos invocar os nomes sagrados de Deus, mas de modo especial aqueles que são

significativos da coisa desejada, de alguma forma aplicável a ela. Por exemplo, para a destruição dos inimigos devemos invocar o nome da ira, da vingança, do medo, da justiça e da fortitude de Deus; para evitar qualquer perigo, precisamos invocar o nome da piedade, defesa, salvação, bondade e coisas do gênero.

É preciso também solicitar para os realizadores da coisa desejada, isto é, um anjo, astro, ou herói ao qual cabe tal ofício, mas observando que

nossa invocação sobre eles seja feita com o devido número, peso e medida, e de acordo com as regras definidas quanto aos encantamentos. Pois entre esses não há diferença, mas os encantamentos nos afetam a mente, dispondo de suas paixões em conformidade com certas deidades; já as orações são aquelas que se exibem a qualquer deidade por meio do culto e da veneração; e da mesma raiz também pode ser usado o modo de consagração, do qual falaremos em seguida.

Notas - Capítulo LXI

1. Gênesis 6:4-7.
2. Gênesis 11:5-7.
3. Gênesis 19:24.
4. Êxodo 14:28.
5. Gênesis 8:1.
6. Êxodo 14:22.
7. Mateus 14:25.
8. Mateus 8:23-6.
9. Mateus 8:26; 14:32.
10. Mateus 14:31.
11. Gênesis 28:12-5.
12. Gênesis 37:5-10.
13. Gênesis 41:17-24.
14. Daniel 2:19; 7; 8.
15. Daniel 2:31-5; 4:10-7.
16. Apocalipse 1:10.
17. 2 Coríntios 12:1-4.
18. O imperador Constantino teve uma visão em sonho de São Nicolau, que lhe disse que três homens que estavam prestes a morrer sob acusação de necromancia eram inocentes, e que se não fossem libertados desolariam a região. Constantino os libertou. Também sonhou com Cristo, que lhe apareceu com uma cruz na mão e ordenou ao imperador que fizessem um estandarte feito à semelhança dela. Ver nota 1, cap. XXXI, l. III.
19. Talvez Carlos Magno, que tem fama de não ter morrido, mas estar apenas adormecido.
20. Methodius, o Mártir, escreveu a respeito dos Sete Adormecidos. Ver nota 19, cap. LVIII, l. I.
21. São Cirilo, que no dia de sua posse (9 horas da manhã de 7 de maio, 368 d.C.) viu uma cruz flamejante no céu sobre Jerusalém que persistiu por várias horas e era mais brilhante que o Sol. Eles escreveu acerca desse fenômeno ao imperador Constantino, dizendo que fora visível a toda a cidade e dava prova da doutrina cristã.
22. Além de seus poderes proféticos, Merlim é outro daqueles dos quais se diz que não morreram, mas apenas adormeceram. Ver nota 9, cap. XIX, l. III.



De consagrações e de como fazê-las



consagração é a realização de experimentos pelos quais uma alma espiritual, sendo atraída por proporção e conformidade, é infundida na matéria de nossas obras de acordo com a tradição de arte mágica, preparada correta e devidamente, e nossa obra é vivificada pelo espírito de compreensão. A eficácia de concentrações é aperfeiçoada por duas coisas, de modo especial, a saber: a virtude do próprio consagrando e a virtude da oração em si.

Da própria pessoa se requer uma vida santificada e um poder de consagrar; a primeira, a natureza e o merecimento proporcionam; a segunda é adquirida por imitação e dignificação, das quais já falamos. É necessário, então, que aquele que sacrifique conheça esse poder em si, com uma fé firme e indubitável.

Essas são as coisas necessárias na oração. Há também um certo poder de santificar adicionado por Deus, por ele determinado para esse ou aquele fim (como lemos na Sagrada Escritura) ou instituído para essa ou aquela coisa, pela virtude do Espírito Santo, de acordo com a ordenação da

Igreja e existente em todo lugar. Ou, essa santidade está na própria oração, não por virtude de instituição, mas da comemoração de coisas sagradas, como letras sagradas, histórias, milagres, obras, efeitos, favores, promessas, sacramentos e outras coisas sacramentais que pareçam ser coerentes com a coisa a ser consagrada, ou modo apropriado, ou inapropriado, ou analógico.¹

Daremos agora alguns exemplos, para que se abra facilmente um caminho para a devida consideração do tema.

Ao se consagrar a água, a seguinte comemoração deve ser feita: do fato de Deus ter colocado o firmamento no meio das águas;² pois no meio do paraíso terrestre ele fez uma fonte sagrada, da qual, através de quatro rios, toda a Terra é regada;³ pois ele fez das águas um instrumento de sua justiça, na destruição dos gigantes, por meio do dilúvio sobre toda a Terra;⁴ e na destruição do exército do Faraó no Mar Vermelho;⁵ e conduzindo o povo a seco pelo meio do Mar Vermelho,⁶ e através do Jordão;⁷ e fazendo jorrar água milagrosamente de uma rocha;⁸ e fez brotar uma fonte de água viva da queixada de um jumento diante das

orações de *Sansão*.⁹ Ele designou as águas como instrumento de sua misericórdia,¹⁰ e da salvação para remissão dos pecados; e sendo o Cristo batizado no Jordão, ele purificou e santificou as águas;¹¹ e coisa semelhante se faz ao invocar os nomes divinos apropriados a tais coisas, como quando Deus é chamado de fonte viva, água viva e rio vivo.

Do mesmo modo, na consagração do fogo, que seja comemorado o fato de que Deus criou o fogo como instrumento de sua justiça para punição, vingança, purgação dos pecados; e quando vier julgar o mundo ordenará que adiante dele vá um fogo;¹² e ele apareceu a *Moisés* em uma sarça ardente,¹³ e conduziu os filhos de Israel em uma coluna de fogo,¹⁴ e ordenou que o fogo inextinguível fosse mantido no Tabernáculo da Aliança,¹⁵ não deixou que um fogo se apagasse debaixo da água.¹⁶ Também devemos usar nomes divinos como a oferenda em si, pois Deus é um fogo que consome, um fogo que derrete; e seus poderes são o brilho de Deus, a luz de Deus, o fulgor de Deus, e coisas assim.

Na consagração do óleo, devem ser comemoradas solenidades pertinentes, como no Êxodo o óleo da unção¹⁷ e doces perfumes, e nomes sagrados a ele devidos, como é, por exemplo, o nome *Cristo*, que significa Ungido, e outros assim, como no Apocalipse, quando menciona as duas oliveiras destilando óleo santificado em lâmpadas, queimando na presença de Deus.¹⁸

Na consagração de lugares, que se comemore o Monte Sinai, o Tabernáculo da Aliança, o Sanctum Sanctorum,¹⁹ o templo de *Salomão*, a

santificação do Gólgota por meio do mistério da paixão de Cristo e o campo que foi comprado com o sangue de Cristo; também o Monte Tabor, em que ocorreu a transfiguração e ascensão ao céu. Nomes sagrados também são usados, tais como o lugar, o trono, o tabernáculo, o altar, a sede e a morada de Deus, e outros assim.

Do mesmo modo devemos proceder na bênção de outras coisas, perscrutando as Escrituras Sagradas e se referindo a nomes divinos e à profissão de religião para coisas que parecem apropriadas a uma ou outra coisa.

Pode existir, por exemplo, um papel ou um livro contendo alguns dos mistérios que devemos comemorar, como as tábuas dos dez mandamentos dadas a *Moisés* no Monte Sinai, e a santificação da Lei, e dos profetas, e as Escrituras promulgadas pelo Espírito Santo: e que sejam comemorados os divinos nomes do testamento de Deus, do livro de Deus, do livro da vida, do conhecimento, da sabedoria de Deus, e de coisas do gênero.

Se uma espada, por exemplo, for consagrada, podemos nos lembrar do Segundo Livro dos Macabeus, da espada enviada de Deus²⁰ a *Judas Macabeu*, para os inimigos dos filhos de Israel; também nos profetas, como a espada de dois gumes;²¹ e no Evangelho, o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma.²² E na história de Davi um anjo foi visto ocultando uma espada ensanguentada;²³ e muitas histórias assim encontraremos os profetas, e no Apocalipse, bem como os nomes sagrados da espada de Deus, a vara de Deus, o cajado de Deus, a vingança de Deus, e coisas assim.

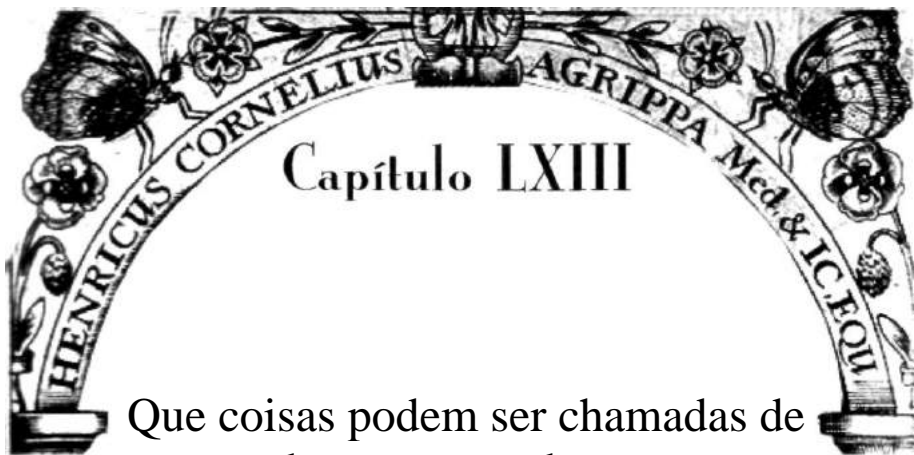
Que bastem, agora, o que foi exemplificado das reais consagrações e bênçãos: pelo que se pode entender facilmente consagrações e bênçãos pessoais.

Mas há ainda outra rito poderoso e eficaz de consagração e expiação, que é do tipo supersticioso, a saber: quando o rito de qualquer sacra-

mento for transmutado em outra coisa, a qual se pretende consagrar ou expiar, como o rito do batismo, da crisma, de funerais e outros desse tipo. Além disso, devemos saber que um voto, oblação e sacrifício têm certo poder de consagração, tanto real quanto pessoal, sendo as coisas ou pessoas prometidas ou oferecidas.

Notas - Capítulo LXII

1. Ou seja, intrinsecamente, extrinsecamente ou por analogia.
2. Gênesis 1:6.
3. Gênesis 2:10.
4. Ver nota 1, cap. LXI, l. III. Talvez uma referência específica a Gênesis 7:19.
5. Ver nota 4, cap. LXI, l. III.
6. Ver nota 6, cap. LXI, l. III.
7. Josué 3:17.
8. Êxodo 17:6.
9. Juízes 15:19.
10. Talvez João 3:5 ou I Pedro 3:20-1.
11. Mateus 3:16; Marcos 1:9.
12. Salmos 97:3.
13. Êxodo 3:2.
14. Êxodo 13:21.
15. Êxodo 27:20.
16. Talvez I Reis 18:38.
17. Êxodo 30:25.
18. Apocalipse 11:4.
19. O Santo dos Santos, a parte mais central do tabernáculo, em que ninguém pode entrar. “Todo o templo era chamado de *O Local Sagrado*; mas a parte no interior dos quatro pilares, em que ninguém era admitido, se chamava o *Santo dos Santos*” (Josephus, *Antiquities of the Jews* 2.6.4 [Whiston, 80]).
20. II Macabeus 15:15-6.
21. Talvez Salmos 149:6.
22. Lucas 22:36.
23. I Crônicas 21:27



Que coisas podem ser chamadas de sagradas, consagradas, e como assim se tornam entre nós e as deidades; e dos momentos sagrados

Cra, são chamadas sagradas aquelas coisas que são santificadas pelos próprios deuses ou seus demônios, sendo (como se pode dizer) dedicadas a nós pelos próprios

deuses. Nesse sentido, chamamos os demônios de sagrados, pois neles vive Deus, cujo nome, diz-se, eles ouvem. Quando se lê no Êxodo: “Eis que envio um anjo adiante de ti. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz; pois nele está o meu nome”.¹ Também os mistérios são chamados sagrados. Pois um mistério é aquilo que possui uma virtude santa e oculta, e é favorecido pelos deuses ou demônios ou dispensado pelo próprio Deus altíssimo; e os sagrados nomes e caracteres são aqueles de que já falamos. A cruz, por exemplo, é chamada de santa e misteriosa, tendo adquirido essa condição por meio da paixão de *Jesus* Cristo. Também, assim, algumas orações são chamadas de sa-

gradas e místicas, sendo instituídas pela devoção do homem, mas por revelação divina, como lemos no Evangelho, quando Cristo instituiu a Oração do Senhor, o Pai-nosso.²

Do mesmo modo, algumas confecções são chamadas de sagradas, nas quais Deus colocou a emanção especial de sua virtude, como lemos no Êxodo, sobre o doce perfume e óleo para unção,³ e que em nós há uma fonte sagrada e um unguento sagrado.

Há ainda outra espécie de santidade, que consiste em chamarmos de sagradas aquelas coisas que são dedicadas e consagradas pelo homem a Deus, tais como votos e sacrifícios, de que já falamos. Lemos em *Virgílio*:⁴

Mas César, com um triplo triunfo

À cidade de Roma, como grande devoto,

Dedicou aos deuses da Itália

Um voto imortal.

E *Ovídio* em suas *Metamorfoses*⁵ canta assim:

Chegou o dia em que o guerreiro que
vencera Cigno, Aquiles,
Ofereceu o sangue de uma novilha em
sacrifício, para Palas.
As vísceras queimaram no altar e o odor
Amado pelos deuses subiu aos céus.
O que sobrou entre os deuses foi
consumido, Enquanto do resto os
chefes se serviram.

De modo igual, as representações,
lembranças, ídolos, estátuas, imagens,
retratos feitos à semelhança dos deuses,
ou dedicados a eles, são chamados de
sagrados, como canta Orfeu em seu hino
a *Vênus de Lícia*.⁶

Os chefes protegidos pelas coisas
sagradas
De nossa nação, ergueram para a nossa
cidade
Uma estátua sagrada.

*E Virgílio:*⁷

Ó pai, cuida dos deuses domésticos, e
Segura-os em tuas santas mãos.

E o divino *Platão*, em seu 11º livro
das *Leis*,⁸ propõe que as imagens
sagradas e estatuas dos deuses sejam
homenageadas, não por si, mas porque
representam para nós os deuses, como os
antigos veneravam a imagem de Júpiter,
assim interpretando-a: pois nela, ele se
assemelha a um homem, o que significa
que ele tem uma mente que produz todas
as coisas por seu poder seminal; ele finge
sentar-se para que seu poder imutável e
constante seja expressado; tem as partes
superiores despidas, pois se manifesta às
inteligências e aos superiores; mas as
partes inferiores estão cobertas, porque
ele se esconde das criaturas inferiores;
segura o cetro na mão esquerda, porque
nessas partes do

corpo se encontra a mais espiritual
morada⁹ da vida, pois o criador do
intelecto é o rei e o espírito vivificante
do mundo; mas em sua mão direita ele
porta tanto uma águia quanto a vitória,
uma porque ele é o senhor de todos os
deuses, como a águia de todos os
pássaros; a outra porque todas as coisas
se sujeitam a ele.

De maneira semelhante,
reverenciamos também a imagem de um
cordeiro, porque representa Cristo, e a
imagem de uma pomba, porque significa
o Espírito Santo, e as formas de um leão,
boi, águia e um homem, significando os
Evangelistas,¹⁰ e coisas semelhantes, que
encontramos expressas nas revelações
dos profetas e em vários lugares da
Sagrada Escritura, além do que, tais
coisas conferem ao que é semelhante
revelações e sonhos, sendo chamadas,
portanto, de imagens sagradas.

Há também ritos sagrados e
observações sagradas, feitos para a
reverência dos deuses e para a religião,
ou seja, gestos de devoção, genuflexão,
descobrimento da cabeça, banhos,
esborrifos com água benta, perfumes,
expições exteriores, humildes
procissões, ornamentos exteriores para
louvores divinos, harmonia musical,
queima de velas de cera e luzes, repicar
de sinos, adorno de templos, altares e
imagens, em tudo o qual se requer
suprema e especial reverência e
atratividade. E para tais práticas são
usadas as mais belas e preciosas coisas,
como ouro, prata, pedras preciosas e
coisas assim: reverências essas e ritos
que são como lições e convites a coisas
sagradas espirituais, para a obtenção de
abundância dos deuses, como
verificamos no testemunho de
Prosérpina, nestes versos:

Quem as estátuas de bronze desprezam,
Os presentes amarelos de ouro, ou o
branco da prata?

Quem não se espantaria, e não diria que
estes

Vêm dos deuses?

Os sacerdotes também são
chamados santos, e os ministros dos
poderes divinos, e deuses, eles mesmos,
sendo consagrados, administram todas as
coisas sagradas e também as consagram,
como vemos em *Lucano*:

Os sacerdotes consagrados, a quem
grande poder

É concedido.

E *Virgílio* diz, acerca de *Helenus*, o
sacerdote de *Apolo*:¹¹

Ele reza pela paz dos deuses, e solta

As guirlandas de sua sagrada cabeça.

Esses rituais sagrados são como
certos acordos entre os deuses e nós,
exibidos com louvor, reverência ou
obediência, por cujos meios nós
recebemos, com frequência, algumas
virtudes maravilhosas de tal poder
divino, a quem essa reverência é
conferida; pois existem hinos sagrados,
sermões, exorcismos, encantações e
palavras, que são compostos e dedicados
ao louvor e aos serviços divinos dos
deuses, como diz *Orfeu* em um verso
composto para os astros:¹²

Com palavras santas, eu agora chamo os
deuses.

E a Igreja primitiva usava certas
encantações sagradas contra doenças e
tempestades, as quais, ou pronunciamos
rezando para alguns poderes divinos, ou
também às vezes levamos conosco,
escritas e penduradas no pescoço ou
amarradas a nós,

o que nos permite obter algum poder de
determinado santo muito admirado pelos
homens.

Por esse meio também há nomes
santos, figuras, caracteres e selos, os
quais os homens contemplativos, em
pureza de mente, por seus votos secretos,
devotam, dedicam e consagram ao culto
a Deus; coisas estas que, de fato, se
qualquer homem posteriormente
pronunciar com a mesma pureza da
mente com a qual elas foram instituídas,
realizará o mesmo tipo de milagres; além
do que, os modos e as regras passadas
pelo primeiro instituidor devem ser
observados, pois aqueles que ignoram
tais coisas perdem tempo e seu trabalho é
em vão.

Assim, não só com palavras
bárbaras, mas também hebraicas,
egípcias, gregas, latinas e os nomes de
outras línguas, sendo devotados a Deus e
atribuídos e dedicados à sua essência,
poder e operação, nós às vezes
realizamos maravilhas; tais nomes se
encontram em *Iamblichus*,¹³, *Osíris*,
Jcton, *Emeph*, *Ptha*, *Epies*, *Amun*; e
também em *Platão* e entre os gregos,
ὄν τὸν ταυτὸ,¹⁴ pois chamam *Júpiter* de
ζῆλον ἀπὸ το ζῆλον¹⁵ que significa viver,
pois ele dá vida a todas as coisas; do
mesmo modo Δία¹⁶ que significa através,
ou por, pois por ele todas as coisas foram
feitas; e ἀθάνατον¹⁷ que significa
imortal; e entre os latinos ele é chamado
de *Júpiter*, como um pai adjuvante, e
outros assim, e também certos nomes
devotados aos homens, como *Eutyichis*,
Sofia, *Teófilo*, ou seja, próspero, servo,
caro a Deus.¹⁸

De modo semelhante, certas coisas
materiais recebem não pouca santidade e
virtude por meio da consagração,
principalmente se feita por um sacerdote,
como vemos aqueles

selos de cera nos quais vem impressa a figura de cordeiros, receberem virtude pela bênção do sumo sacerdote romano, contra relâmpagos e tempestades, para que não possam ferir aqueles que os levam consigo, pois uma virtude divina é inspirada em imagens assim consagradas, e está nelas contida, como uma certa letra sagrada que tem a imagem de Deus.

Virtude semelhante recebem aquelas luzes de cera sagradas na Páscoa e na festa da Purificação da Virgem;¹⁹ também sinos, por consagração e benção, recebem virtude para afastar e restringir relâmpagos e tempestades, para que estes não molestem naqueles lugares no qual os sons são ouvidos; assim como o sal e a água, por meio de bênçãos e exorcismos recebem o poder de afastar espíritos maus.

E assim, nas coisas dessa espécie, também há momentos sagrados sempre observados pelas nações de toda religião com grande reverência, as quais devemos santificar pelos próprios deuses, ou são dedicadas a eles por nossos antepassados e anciãos, para a comemoração de alguns benefícios recebidos dos deuses e para graça perpétua. Assim, os hebreus recebiam seu sabá, e os pagãos seus dias santos, e nós os solenes dias de nossos ritos sagrados, sempre reverenciados com a mais alta solenidade.

Há também momentos contrários, que eles chamam de penitenciais e nós de dias negros, porque naqueles dias as comunidades sofriam golpes notáveis e calamidades, dos quais entre os romanos era o dia antes dos quatro nonos de agosto, pois nesse dia haviam sofrido

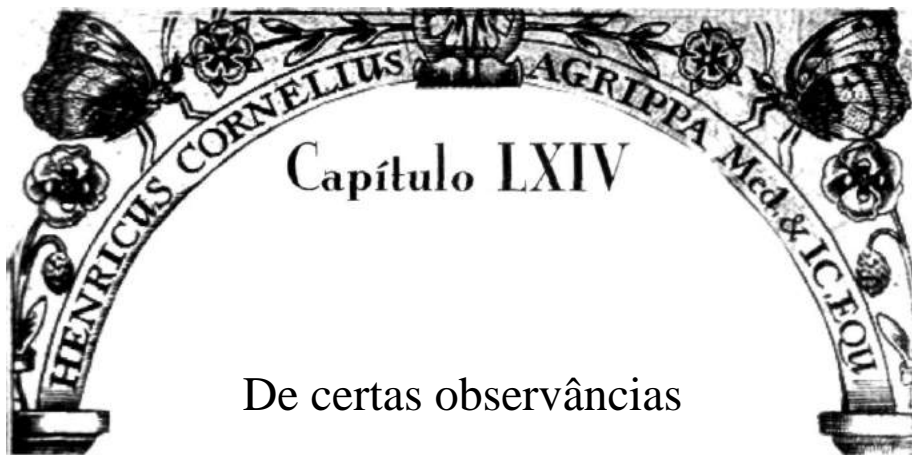
extraordinário golpe na batalha de Cana.²⁰ Também todos os dias postrídios²¹ são chamados de dias negros porque as batalhas mais comuns tinham mau resultado nessas ocasiões. Entre os judeus, por exemplo, os dias negros são o 17 de junho, pois nesse dia *Moisés* quebrou as tábuas, *Manassés* ergueu um ídolo²² no Sanctum Sanctorum, e as muralhas de Jerusalém foram derrubadas por seus inimigos; também o nono dia de julho é negro para eles, porque nesse dia ocorreu a destruição de ambos os templos. Por esse motivo, são chamados de dias egípcios, no passado seguido pelos egípcios; e toda nação pode assim facilmente fazer um cálculo dos dias felizes ou infelizes para elas.

E os magos propõem que esses dias santos e religiosos sejam observados não menos que os dias planetários e as disposições celestiais; pois afirmam que são muito mais eficazes, especialmente para obter virtudes espirituais e divinas, porque tais virtudes não vêm dos elementos e corpos celestiais, mas descendem do mundo inteligível e super celestial, sendo ajudadas pelos sufragios comuns dos santos, e não se deixam infringir por nenhuma disposição adversa dos corpos celestes nem são frustradas pelo contágio corruptível dos elementos, desde que não falte a firme crença nem a adoração religiosa, isto é, acompanhada de medo e tremor, pois isso cabe à religião; assim, esses dias são chamados de religiosos e sua violação é um pecado. Se os observarmos com cuidado, não precisamos temer mal algum, o que, do contrário, nos sucederá.

Notas - Capítulo LXIII

1. Êxodo 23:20-1.
2. Mateus 6:7-13; Lucas 11:1-4.
3. Ver nota 17, cap. LXII, l. III.
4. Virgílio *Eneida* 8, linhas 714-5.
5. *Em suas Metamorfoses* - E enquanto a sentinela zelosa vigiava as muralhas de Frígia, e outro vigia igualmente zeloso guardava as trincheiras de Argos, chegara um dia de festival, quando Aquiles, o conquistador de Cigno, prestava homenagem a Palas, com o sangue de uma bezerra, enfeitada com filetes. Tão logo colocara as entranhas sobre as chamas do altar, e o aroma, aceito pelas Divindades, subia aos céus, os ritos sagrados se serviram de sua parte, sendo o restante servido na mesa. (Ovídio *Metamorfoses* 12.3 verso 147 [Riley, 421]).
6. Não encontro esse hino nos Hinos de Orfeu (*Hymns of Orpheus*) de Taylor.
7. Essa citação não consta da edição inglesa. Eu a recuperei da *Opera* latina. Ver nota 6, cap. LIV, l. III.
8. “Alguns dos deuses de nosso culto são visíveis; há outros dos quais fazemos imagens, acreditando que, quando adoramos a imagem sem vida, nós ganhamos as abundantes graças do deus vivo que ele representa” (Platão, *Leis* 11.931 a [Hamilton & Cairns, 1481]).
9. O coração, que fica no lado esquerdo.
10. Ver tabela no fim do cap. VII, l. II.
11. “Helenus, então, sacrificou veados à maneira devida, e tentou obter uma bênção dos deuses, e soltou um filete de sua sagrada cabeça, e à tua porta, Febo, ele agora me [Enéas] conduz pela própria mão, cheia de muitas dúvidas religiosas...” (Virgílio, *Eneida* 3, c. linha 370 [Lonsdale & Lee, 121]).
12. *Hinos de Orfeu*, hino 6: “Às estrelas”, linha 1.
13. Iamblicus aborda os nomes bárbaros, sem na verdade citar nenhum deles, em *Sobre os Mistérios* 7.4.5. Os nomes dados por Agrippa não são bárbaros para Iamblicus, mas sim de deuses egípcios: Osíris, Tifão (?), Kneph (?), Ptah, Áfis, Amon. Ver nota de Thomas Taylor na página 289 de sua tradução de *Mistérios*.
14. ὄν τὸν ταυτὸν ON, TON, TAUTON.
15. ζῆνοα ἀπὸ το ζῆν ZENA APO TO ZEN.
16. Δία DIA.

O nome de Zeus ... também tem um excelente significado, embora difícil de compreender, pois na verdade é uma sentença que se divide em duas partes, pois alguns o chamam de Zena (ZHÓva), e usam metade do nome, enquanto outros que usam a outra metade o chamam de Dia (Aia); as duas palavras juntas significam a natureza do deus, e a função do nome, como dizíamos, é expressar a natureza. Pois ninguém é mais autor da vida para nós e para todos que o senhor e rei de tudo. Assim, estamos certos em chamá-lo de Zena ou de Dia, nomes que são um, embora divididos, indicando o deus por meio do qual todas as criaturas sempre têm vida (δί ὄν ζῆν ἀεὶ πῶσι τοῖδ ζῶσιν ὑπάρχει) (Platão, *Crátilo* 396 a [Hamilton & Cairns]).
17. ἀθάνατον ATHANATON, “não sujeito à morte, imortal.”
18. Os nomes de heróis e de homens em geral podem enganar, porque ambos costumam receber o nome de ancestrais, cujos nomes, como dizíamos, talvez nada tenham a ver com eles, ou sejam uma expressão de um desejo, como Eurychides (filho da boa fortuna), ou Sósias (o Salvador), ou Teófilo (o que ama Deus), e outros (Platão, *Crátilo* 387b [Hamilton & Cairns, 434]).
19. A Festa da Purificação da Virgem Maria, realizada em 2 de fevereiro, também chamada de Candelária por causa do grande número de velas distribuídas pelo papa e usadas na cerimônia.
20. Os romanos foram derrotados por Aníbal em Cannae, uma aldeia em Apúlia, em 216 a.C.
21. O dia seguinte.
22. Ver II Crônicas 33:7.



De certas observâncias religiosas, cerimônias e ritos de perfumadura, unções e coisas do gênero



Seja você quem for, portanto, que deseja operar nessa faculdade, deve em primeiro lugar implorar a Deus Pai, sendo ele um só, que seja digno de sua graça para tal coisa.

Esteja limpo, por dentro e por fora, em um lugar limpo, pois está escrito no Levítico, “Todo homem que se chegar às coisas sagradas... tendo sobre si imundície, aquela alma será eliminada diante de mim”.¹ Portanto, lave-se bem, e nos dias designados, de acordo com os mistérios do número, vista roupas limpas e abstenha-se de toda sujeira, poluição e luxúria; pois os deuses não dão ouvidos ao homem (como dizia *Porfírio*) que não se abstém por muitos dias de atos venéreos.

Não se deite com mulher poluída ou menstruada nem com mulher que tenha hemorróidas; não toque coisa alguma imunda; nem uma carcaça, pois, como dizia *Porfírio*, quem toca um corpo morto não pode se aproximar de oráculos, talvez

porque, em razão de alguma afinidade do mau cheiro funerário, a mente se corrompa e se torne inapta para receber influências divinas.

Lave-se, esteja ungido e perfumado, para então oferecer sacrifícios: pois Deus aceita o odor mais doce daquelas coisas que lhe são oferecidas por um homem purificado e bem disposto; e, junto com o perfume, ofereça sua oração e oblação, conforme canta o Salmista: “Suba à sua presença a minha oração, como incenso”.² Além disso, sendo a alma filha e imagem do próprio Deus, ela se delicia nesses perfumes e odores, recebendo-os pelas narinas e depois impregnando o homem corpóreo, e por meio do qual (como atesta *Jó*)³ os espíritos mais vivazes são às vezes emanados, não podem ser retidos no coração do homem, fervendo ou através de cólera ou de labor; daí alguns pensarem que a faculdade do olfato é o mais vivo e espiritual de todos os sentidos.

Além disso, perfumes, sacrifício e unção penetram em todas as coisas e abrem os portões dos elementos e

dos céus, pelos quais um homem pode ver os segredos de Deus, as coisas celestiais e aquelas coisas que estão acima dos céus, e também as que descem dos céus, tais como anjos e espíritos de abismos profundos, e locais fundos, aparições de lugares desertos, que chegam até você de forma visível e lhe obedecem; e pacificam todos os espíritos, e os atraem como ferro imantado, e os juntam aos elementos, e fazem os espíritos assumir os corpos: pois de fato o corpo espiritual é bastante adensado por eles, tornando-se mais corpóreo, vivendo pelos vapores, perfumes e odores de sacrifícios.

Além disso, tudo aquilo que você operar, faça-o com sincera afeição e desejo do coração, para que a bondade dos céus e dos corpos celestes recaia sobre você, cuja graça você obterá com mais facilidade; e também o devido lugar, tempo, profissão, costume, dieta, hábito, exercício e nome conduzem a fins maravilhosos, pois, por eles, o poder da natureza não só é mudado, mas também superado.

Pois um lugar afortunado, favorável, conduz à graça. Não foi sem causa que o Senhor falou com *Abraão*, dizendo-lhe que fosse à terra que ele lhe mostraria; e *Abraão* se levantou e viajou para o sul:⁴ do mesmo modo, Isaque foi a Gerar, onde semeou cento por um e ficou riquíssimo.⁵

Mais lugares que são congruentes entre si é algo que se deve descobrir de acordo com o momento da natividade. Quem não sabe isso, observe onde seu espírito se deleita, onde seus sentidos se tornam mais apurados, onde a saúde de seu corpo e sua força são mais vigorosas, onde seus negócios são mais bem-sucedidos, onde a maioria se compraz dele, onde

seus inimigos são derrotados, e saiba que essa região, esse lugar é preordenado por Deus e seus anjos para ele; e é também predisposto e preparado pelos céus. Portanto, reverencie esse lugar e mude-o de acordo com os seus momentos e negócios, mas evite sempre os lugares desfavoráveis.

Os nomes afortunados também tornam as coisas mais afortunadas; já os infortunados as deixam infelizes; por isso, os romanos levantavam seus soldados que estavam exaustos, para que os primeiros nomes dos soldados não caíssem em infortúnio; e ao cobrar tributos dos exércitos e colônias, escolhiam censores⁶ com bons nomes. Além disso, acreditavam que, se nomes infortunados mudasse para afortunados, os resultados também mudariam para melhor. Epidamnus,⁷ por exemplo, para evitar que os marinheiros que para lá singravam sofressem algum mal, teve o nome trocado para Dyrachius; pelo mesmo motivo passaram a chamar Maleoton,⁸ para evitar malefícios, de Beneventus; mas julgavam que era bom chamar Lacus de Lucrinus,⁹ pois o bem daquele nome era o do mais feliz de todos os lugares.

Escolha certo também as horas e os dias para as suas operações, pois não é à toa que nosso Salvador disse que há 12 horas no dia,¹⁰ e assim por diante, pois os astrólogos ensinam que os tempos e os momentos podem trazer uma certa fortuna aos nossos interesses; também os magos observam a mesma coisa, e, para concluir, todos os antigos sábios concordam que é de suma importância que em cada momento do tempo e disposição dos céus, tudo, natural e artificial, tenha recebido seu ser neste

mundo; pois se chega à conclusão de que o primeiro momento tem tão grande poder que todo o curso da fortuna depende dele e pode ser por ele previsto; e do mesmo modo, pelos sucessos da boa fortuna de tudo, acredita-se firmemente, e a experiência comprova, que o começo de tudo pode ser assim descoberto.

Sula, o astrólogo, previu que uma terrível destruição se aproximava de *Calígula*, que lhe pedira conselhos acerca de sua natureza;¹¹ *Metheon*, o astrólogo, também previu a calamidade das guerras que assolariam os atenienses, fazendo uma expedição contra os siracusanos;¹² e aos mesmos quando, prestes a partir para a Sicília, *Meson*, o astrólogo, previu uma grande tempestade. *Anaxágoras*, pelo conhecimento dos momentos do tempo, predisse em que dias uma grande pedra cairia do Sol; como de fato aconteceu em *Aegos*, um rio da Trácia;¹³ por outro lado, *L. Tarnucius Firmianus*, pelos atos e fortuna de Rômulo, descobriu tanto o momento de sua concepção quanto o da natividade; o mesmo homem descobriu também a natividade da cidade de Roma, marcando os sucessos e as fortunas daquela cidade;¹⁴ e *Maternus* relata¹⁵ que o princípio e a criação deste mundo foram descobertos pelos eventos das coisas.

Que os momentos muito podem fazer nas coisas naturais, pode-se ver pelos muitos exemplos; pois há árvores que, após o solstício, invertem suas folhas, como o álamo, o olmo, a oliveira, a limeira, o salgueiro branco;¹⁶ e os moluscos, caranguejos e ostras aumentam quando a Lua aumenta; e os mares no fluxo e refluxo observam os movimentos e os

momentos da Lua; e *Euripus* e *Euboea*¹⁷ não entram em fluxo e refluxo sete vezes com magnífica rapidez? E três dias em cada mês, o sétimo, oitavo e nono dia da Lua, ela se detém; e entre os trogloditas há um lago que três vezes por dia se torna amargo e salgado, e depois novamente doce;¹⁸ além disso, no inverno, quando todas as coisas murcham e secam, o poejo floresce; no mesmo dia, dizem, bexigas inchadas estouram e as folhas de uma espécie de salicácea¹⁹ e romãs se viram e contorcem; e todos sabem, e eu vi na França e na Itália, e conheço o modo de plantio, que uma nogueira, aparentemente seca o ano todo, no dia de São João²⁰ produz folhas e flores e frutas maduras: e esse milagre consiste na observação do momento da sementeira.

Além disso, os momentos certos podem propiciar um poder maravilhoso para coisas artificiais, como os astrólogos em seus livros de eleições e imagens não se cansam de afirmar; e por esse meio, lemos em *Plutarco* que havia uma imagem entre os peleneans feitas com tal zelo e arte que para qualquer lado que ela se voltasse, infligia todas as coisas de terror e grande perturbação, tanto que nenhum homem se atrevia a olhar, por medo. E lemos na vida de *Apolônio* que os magos da Babilônia haviam amarrado ao telhado de suas casas quatro pássaros de ouro, os quais chamavam de línguas dos deuses; e tinham o poder de conciliar as mentes da multidão com o amor e a obediência ao rei.²¹ Na Ilha de Chios havia o rosto de *Diana* colocado em um lugar alto, cujo semblante parecia triste a quem se aproximasse, mas, para os que saíam de perto, parecia

alegre: em Troas, os sacrifícios que eram deixados em volta da imagem de *Minerva* não putrefaziam.²²

No templo de *Vênus*, em Paphos, nunca chovia no pátio;²³ se alguma coisa fosse tirada da tumba de *Anteu*,²⁴ caíam chuvas do céu até que o objeto escavado fosse devolvido ao seu local; na tumba do rei de Ponto nasceu um loureiro do qual, se alguém quebrasse um galho e o levasse a bordo de um navio, as brigas não cessariam até que ele fosse jogado no mar.²⁵ Na Ilha de Borístenes, nenhum pássaro perturbava a casa de *Aquiles*; em Roma, nem moscas nem cães entravam no palácio de *Hércules*, no mercado de bois.²⁶ Em Olinto de Trácia havia um lugar no qual, se um besouro caísse, não conseguia sair, contorcendo-se até morrer.²⁷

Eu poderia citar inumeráveis exemplos, e ainda mais fantásticos que esses, que a Antiguidade relata terem sido feitos pela arte de imagens, e pela observação dos tempos e momentos; mas para evitar que alguém os ache obsoletos e os considere fábulas, apresentarei coisas novas, que ocorrem até hoje em alguns locais, e a elas adicionarei alguns fenômenos fantásticos artificiais.

Dizem que pela arte de imagens, acontece que, em Bizâncio, as serpentes não ferem e que as gralhas não voam por cima de áreas cercadas de muralhas; que em Creta não existem corujas noturnas; que em Nápoles nunca se ouviu gafanhotos; que, em Veneza, nenhuma espécie de mosca entra nas barbearias públicas; que, em Toledo, nos matadores públicos só se vê uma mosca o ano todo, e é de uma notável brancura.

E no livro anterior nós já declaramos tanto os modos quanto os

momentos pela observação dos quais essas coisas e outras semelhantes podem ser feitas; além disso, você deve observar, em especial, a virtude de discursos e palavras, pois por eles a alma se difunde até as substâncias inferiores, como pedras, metais, plantas, animais, e todas as coisas naturais, imprimindo nelas diversas figuras e paixões, impulsionando todas as criaturas, ou conduzindo-as e atraindo-as por certa afeição.

Cato, por sua vez, atesta que os bois cansados recuperam a força com certas palavras, e também com orações e palavras pode-se obter de *Tellus*,²⁸ a produção de árvores incomuns; também por esse meio, pode-se fazer árvores passarem para outros lugares e crescer em outro solo; nabos crescem mais se for pedido a eles, no momento do plantio, que sejam benéficos para as pessoas e suas famílias e vizinhos; o pavão também, se for elogiado, estende mais suas penas.

Mas, por outro lado, a experiência mostra que a erva manjeriço, se for semeada com xingamentos e vociferação, floresce mais; também uma espécie de lagosta cura queimaduras e escaldaduras se seu nome não for dito enquanto isso; e mais: indivíduos que praticam bruxaria matam árvores quando as elogiam, e do mesmo modo ferem milho já semeado e até crianças;²⁹ dizem, além do mais, que há grande poder nas execrações do homem, capaz de afastar e banir até os espíritos ímpios: *Eusébio* declara que por esse meio *Serapis*, dos egípcios, pronunciava frases curtas que expulsavam demônios, e ele também ensinava o modo como os demônios, assumindo as formas de animais brutos, aprisionavam os homens.

Para concluir, em todos os afazeres, ponha Deus diante de seus olhos, pois está escrito em Deuterônimo: “Buscarás ao Senhor, teu Deus, e o acharás”.³⁰ E lemos em Marcos: “Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco”,³¹ e em Mateus: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, nada vos será impossível”,³² também a fervorosa oração de um homem justo tem grande poder, pois *Elias* (como narra *Tiago*) era um homem como nós, sujeito a paixões, e rezou com toda a sinceridade pedindo que não chovesse sobre a Terra, e não choveu por três

anos e seis meses; e de novo ele rezou, e o céu mandou chuva, e a Terra produziu seus frutos.³³

Mas cuidado em suas orações para não pedir alguma coisa frugal ou que seja contra a vontade de Deus; pois Deus quer só o bem: tampouco use o nome de Deus em vão, pois será castigado aquele que usar o nome de Deus para banalidades; seja abstinente e dê esmolas, pois, como o anjo diz a Tobias, a oração é boa, acompanhada de jejum e de esmolas,³⁴ e lemos no Livro de Judite que o Senhor ouvirá nossas preces se perseverarmos em jejuns e em oração, aos seus olhos.³⁵

Notas - Capítulo LXIV

1. Levítico 22:3.
2. Salmos 141:2.
3. Jó 27:3.
4. Gênesis 12:1-9.
5. Gênesis 26:12.
6. Dois oficiais romanos que tinham o poder de tirar da lista dos cavaleiros romanos os nomes daqueles que haviam caído em desgraça.
7. Quando os romanos tomaram controle dessa cidade grega, associaram o nome dela ao termo latino *damnum* (dano, perda, injúria), que eles consideravam de má sorte, e o mudaram para *Dyrrachinus*.
8. *Maleventum*, assim chamada por causa de seu ar ruim, era uma das mais antigas cidades da Itália. Quando os romanos a colonizaram em 268 a.C, mudaram seu nome para *Beneventum* (ar bom).
9. Latim: *lucrum* - vantagem, lucro. Ver nota geográfica de *Lucrinus Lacus*.
10. João 11:9.
11. “Também Sula, o astrólogo, quando Caio [Calígula] pediu seu conselho e opinião sobre o horóscopo de sua natividade, disse-lhe claramente que, com certeza, a inevitável morte estava perto” (Suetônio, “Caio César Calígula”. Em *História dos Doze Césares*).
12. Os atenienses cercaram a cidade de Siracusa na Sicília durante a guerra de Peloponeso. Em 413 a.C, o exército ateniense foi totalmente destruído.
13. Os gregos afirmam com orgulho que Anaxágoras de Clazômenas, no segundo ano da 78ª Olimpíada [467 a.C], graças ao seu conhecimento de temas relacionados aos céus, previu que em determinado momento uma pedra cairia do Sol. E tal coisa de fato ocorreu, à luz do dia, em uma parte da Trácia, no Rio Aegos. A pedra pode ser vista hoje, tem o tamanho de um carro e parece queimada; na época, havia também um cometa visível no céu (Plínio 2.59 [Bostock e Riley, 1:88-9]).
14. Ver nota biográfica de *Firmanus Tarutius*.

15. Esses homens adivinhos, perfeitamente dignos e admiráveis, Petosiris e Nechepso, que se aproximavam dos próprios segredos da divindade, também nos legaram o mapa do nascimento do universo a fim de nos mostrar que o homem é feito à semelhança do Universo, de acordo com aqueles mesmos princípios pelos quais o universo rege a si mesmo; e é sustentado para sempre pelos mesmos fogos eternos (Firmicus Maternus, *Astrologia Antiga* [*Mathesos libri VIII*] 3 Proêmio, tradução de Jean Rhys Bram [Park Ridge, NJ: Noyes Press, 1975], 71).

16. *Salix alba*, também chamado de salgueiro Huntingdon.

17. Qualquer parte do litoral sujeita a marés violentas era chamada de Euripus, mas o nome era aplicado de modo especial ao estreito que separava Euboea da Beócia:

Há, contudo, algumas marés que possuem uma natureza peculiar, como em Tauromenian Euripus [Estreitos de Messina], em que o fluxo e refluxo é mais frequente que em outros lugares, e em Euboea, em que ele acontece sete vezes durante o dia e à noite. As marés intermitem três vezes por mês, a saber, no 7º, 8º e 9º dias da Lua (Plínio 2.100 [Bostock e Riley, 1:127]).

18. “No país dos trogloditas, o que eles chamam de Fonte do Sol, por volta do meio-dia fica fresca e muito fria; aos poucos vai esquentando e, à meia-noite, torna-se quente e salina” (Plínio 2.106 [Bostock e Riley, 1:134]). O nome troglodita era usado pelos geógrafos gregos para designar os povos primitivos que habitavam as cavernas - principalmente os que viviam na costa oeste do Mar Vermelho, no Baixo Egito e na Etiópia. Essa costa era chamada de Troglodítica.

19. Nesse caso, a *Salix cinerae* e a *Salix caprae*.

20. A véspera de São João era celebrada na véspera do solstício de verão, com canções, danças, saltos sobre fogueiras e queimação de guirlandas de flores. Ramos eram tirados de árvores vivas e pendurados em cima das portas das casas. Acreditava-se que a alma deixava o corpo daqueles que dormiam e vagava, motivo pelo qual as pessoas se sentavam acordadas a noite toda e celebravam.

21. Damis conta que entraram no grande salão [na Babilônia], cujo teto abobadado imita o céu e é cravejado de safiras de um azul-celestial, carregado de imagens de seus deuses, feitas em ouro e reluzindo do fundo, como se flutuassem no ar. O rei costuma reunir a corte nesse salão, e quatro pássaros com o pescoço curvo se dependuram no teto, simbolizando a bondade da retribuição, para admoestar o rei para não se exaltar acima da humanidade. Os magos que frequentam o palácio afirmam terem colocado as figuras lá, e as chamam de línguas dos deuses (Filóstrato, *Life and Times of Apollonius of Tyana* 1.25 [Eels, 25-6]).

22. Veja nota 23 abaixo.

23. “Há em Paphos um templo que celebra Vênus, em cujo pátio nunca chove; também em Nea, uma cidade de Troas, no local que cerca a estátua de Minerva, os restos de animais sacrificados nunca se putrefazem” (Plínio 2.97 [Bostock e Riley, 1:123]).

24. Anteu era um dos seguidores troianos de Enéas.

25. Na mesma região [Ponto] se encontra o porto de Amico, famoso porque o rei Bebryx foi morto lá. Desde o dia de sua morte, sua tumba é coberta por um loureiro, que recebeu o nome de “loureiro frenético”, devido ao fato de parte dele ter sido arrancada e levada a bordo de um navio, provocando inevitável discórdia e brigas, que só terminaram quando o galho foi jogado no mar (Plínio 16.89 [Bostock e Riley, 3:431-2]).

26. Talvez o templo de Hércules, que se erguia perto da Porta Trigêmea e continha uma estátua de bronze e um altar sobre o qual o próprio herói teria sido sacrificado. Todo ano, o pretor da cidade oferecia uma vaca jovem, que era depois comida pelas pessoas dentro do templo.

27. “Na Trácia, perto de Olinto, há um pequeno local, único onde esse animal não pode existir; daí a ter recebido o nome de ‘Cantharolethus’ [“Besouros proibidos”]” (Plínio 11.34 [Bostock e Riley, 3:34]).

28. Tellus era o nome romano para Gaea (Gaia), deus da Terra. Seu festival, a Fordicidia (ou Hordicidia), era celebrado em 15 de abril, com o sacrifício de vacas.

29. Quanto ao tema do elogio usado como maldição, ver Elworthy [1895] 1971, cap. 1.

30. Deuteronômio 4:29.

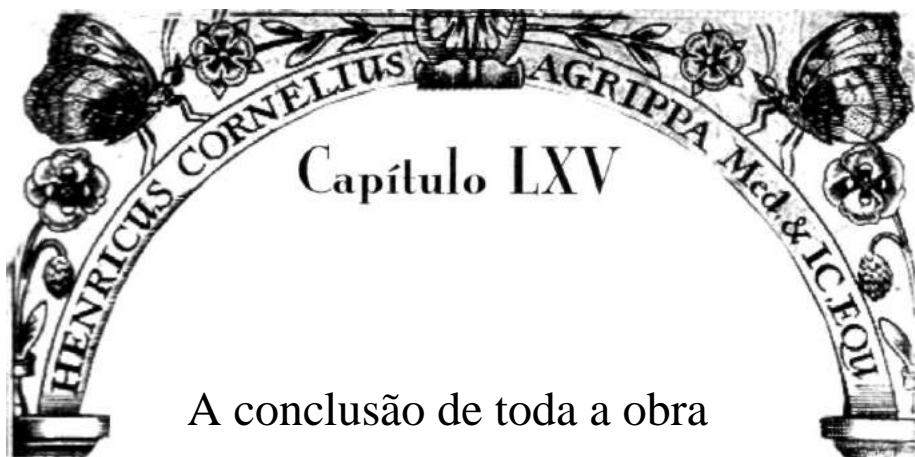
31. Marcos 11:24.

32. Mateus 17:20.

33. Tiago 5:16-8.

34. Livro apócrifo de Tobias 12:8.

35. Livro apócrifo de Judite 4:13.



A conclusão de toda a obra

Essas são as coisas que coletamos da tradição dos antigos para uma introdução à magia, compiladas neste livro com poucas palavras, porém suficientes para os que forem inteligentes; algumas dessas coisas são passadas em fragmentos, algumas até permanecem ocultas e deixadas para a busca por parte dos inteligentes, que contemplam de modo mais apurado essas coisas que estão escritas, se buscadas com perseverança, podem obter os completos rudimentos da arte mágica, além de experimentos infalíveis.

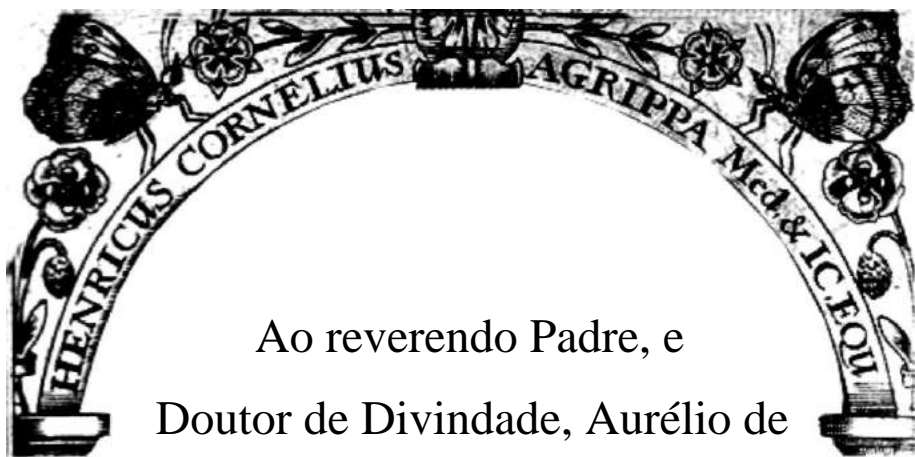
Pois passamos aqui essa arte de uma maneira que não possa ficar escondida dos prudentes e inteligentes, e que ao mesmo tempo não admita os homens perversos e incrédulos aos mistérios de tais segredos, mas que os deixem destituídos e assombrados, à sombra da ignorância e do desespero. Vocês, portanto, filhos da sabedoria e do aprendizado, estudem com diligência este livro, assimilando nossas dispersas intenções, que em diversos lugares propomos e que, se escondemos em um ponto, manifestamos em outro, para que se tornem visíveis a vocês, homens sábios; pois só para

vocês é que foram estas palavras escritas, vocês cuja mente não é corrompida, e sim regulada de acordo com a ordem correta de viver, em castidade, honestidade e com fé verdadeira, temor e reverência a Deus: vocês cujas mãos estão livres de pecado e maldade, cujos modos são gentis, sóbrios e modestos. Sim, vocês perceberão que esse conhecimento que é preservado para vocês e os segredos que se escondem por trás de muitos enigmas não podem ser percebidos senão pelos de intelecto profundo, o qual, uma vez obtido, toda a ciência do invencível discípulo da magia se insinua a vocês: e a vocês aparecerão essas virtudes que em épocas passadas *Hermes, Zoroastro, Apolônio* e outros, que realizavam milagres, obtiveram.

Mas quanto a vocês, invejosos, caluniadores, filhos da ignorância e tolos lascivos, não se aproximem de nossos escritos, pois eles são seus inimigos, e vocês estarão à beira de um precipício do qual podem cair para o abismo da amargura.

Aquele, portanto, que por incredulidade ou fraco intelecto não obtiver seu desejo, que não me culpe por sua falta gerada pela ignorância nem diga que eu errei ou escrevi

deliberadamente coisas falsas, ou que menti, mas que se acuse a si mesmo por não compreender nossos escritos; pois eles são de fato obscuros e cobertos dos mais diversos mistérios, o que pode facilmente levar muitos a errar e perder o juízo. Assim, que nenhum homem se zangue comigo, se a verdade dessa ciência vier revestida de muitos enigmas e se espalha por diversos lugares, pois nós não a escondemos dos sábios, e sim dos ímpios e profanos, e a transmitimos com palavras que devem cegar os tolos e, ao mesmo tempo, ser compreendidas com facilidade pelos sábios.



Ao reverendo Padre, e
Doutor de Divindade, Aurélio de
Aquapendente, frade agostiniano;
Henrique Cornélio Agrippa
manda saudações.¹



or essas cartas (reverendíssimo Padre!) que o senhor me enviou desde o segundo dia deste mês,² entendo sua candura para comigo, e grande saber, e de fato a curiosa procura por essas coisas que se escondem na escuridão; regozijo-me e me sinto abençoado por ter conhecido pessoalmente tal amigo, com quem posso aprimorar meus dons; e agora (que este manuscrito seja minha testemunha) considero-o entre um de meus melhores amigos.

Mas, ah, quem são seus líderes, aqueles que o senhor segue até a casa de *Dédalo*,³ de onde não há retorno, e do temível *Menois*, ousando passar pelas vigias e se entregando às irmãs do destino?⁴ Quem são seus mestres, com quem conversa sobre tão importantes coisas, ousando tornar uma divindade errante estável; pérfido, fiel e o mais fugaz⁵ de todos os deuses, ser

mais constante que *Adrastia*,⁶ cuidado para não ser enganado por aqueles que estão enganados.

Tampouco pode a leitura de livros direcioná-lo aqui, pois são apenas enigmas. Quantos grandes escritos feitos do poder irresistível da arte da magia, das prodigiosas imagens dos astrólogos, das monstruosas transmutações dos alquimistas, daquela abençoada pedra, com a qual, com toque de *Midas*, todos os metais eram transmutados em ouro ou prata; tudo banal, fictício e falso, por mais que praticado ao pé da letra. Tais coisas, porém, são transmitidas e escritas por grandes e importantes filósofos, e homens santos, cujas tradições quem se atreveria a chamar de falsas? Não, seria ímpio pensar que são mentiras.

Há, portanto, outro significado no que está escrito, velado sob diversos mistérios e ainda não explicado por nenhum dos mestres, e acredito

que nenhum homem pode obter só com a leitura de livros, sem um mestre habilidoso e fiel,⁷ a menos que divinamente iluminado, como poucos o são. Assim, é inútil para qualquer homem que busque os segredos da natureza se entregar apenas à leitura. Pois quem faz isso cai na armadilha e nos ardis dos espíritos exteriores, a quem se dá o direito de governar, e se torna um perigoso escravo, não conhecendo a si mesmo e se perdendo nos passos de seu rebanho, procurando fora o que tem dentro de si.

E é isso que eu gostaria que o senhor soubesse: que em nós está o operador de todas os efeitos maravilhosos, que sabe discernir e efetuar, sem pecado ou ofensa a Deus, aquilo que os monstruosos matemáticos, os prodigiosos magos, os invejosos alquimistas e nefastos necromantes fazem por meio de espíritos. Em nós, eu digo, está o operador dos milagres.

Nem as estrelas brilhantes do céu nem as
chamas do Inferno,

Mas sim o espírito que as faz, em nós
habita.

De tais coisas, porém, falarei com mais detalhes, mas em sua presença (pois essas coisas não devem ser escritas, mas apenas infundidas por algumas palavras sagradas, e face a face), quando então terei o prazer de vê-lo.

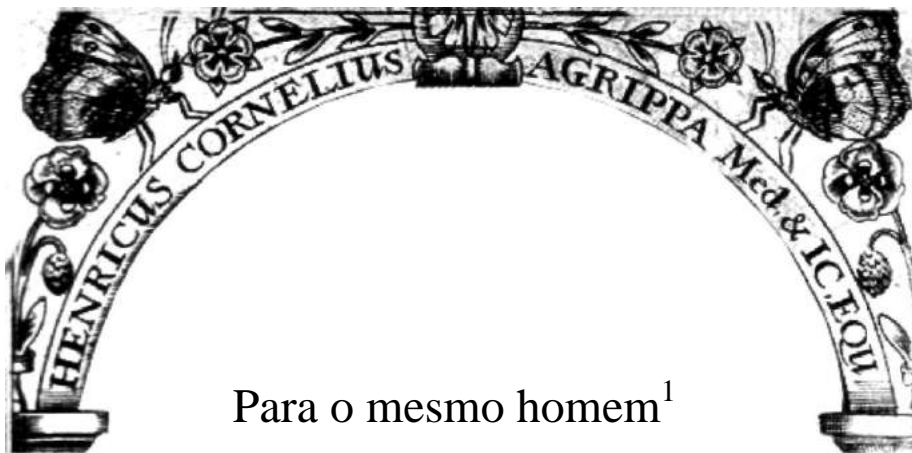
Agora, quanto aos livros que deseja de mim, alguns às vezes se encontravam sob minha custódia, mas agora não.⁸ E quanto aos livros meus que estão com o senhor, feitos em minha juventude e intitulados De Filosofia Oculta, os dois primeiros eram deficientes em muitas coisas, e o terceiro é totalmente imperfeito e contém apenas uma epítome de meus escritos. Mas (se Deus permitir) apresentarei e revisarei toda a obra, reservando a chave somente para os amigos mais íntimos, entre os quais sem dúvida se inclui o senhor.

Adeus, e prosperidade.

De Lião, XXIV de setembro, anno
Domini MDXXVII.

Notas - Ao Reverendo Padre

1. Na *Opera* latina, essa carta é representada no Epistolarum 5.14.
2. 2 de setembro, 1527.
3. Dédalo construiu o labirinto em Cnossos para prender o Minotauro. Ver sua nota biográfica.
4. Uma das três parcas: Cloto, Láquesis e Átropos.
5. Passageiro, transitório. Talvez uma referência à Fortuna.
6. Sobrenome de Nêmesis, deusa que distribui felicidade ou infelicidade aos mortais e mantém um equilíbrio. Ela era vista como uma deusa vingadora que cedo ou tarde cuidava do pecador indolente.
7. É uma premissa aceita em magia que o poder ou a iniciação (a mesma coisa, pois conhecimento é poder) só pode ser conferido do mestre ao discípulo. Entretanto, um discípulo pode ter como mestre um dos deuses, sendo, portanto, solitário, embora não sozinho.
8. Agrippa não podia registrar por escrito que possuía livros proibidos, embora os tivesse de fato.



Para o mesmo homem¹

Por suas cortesias cartas (reverendíssimo Padre!), vejo, com em um espelho, toda a sua mente, a qual abraço com o coração, e gostaria que o senhor soubesse que terá sempre o meu mais distinto apreço, e que sou o tipo de pessoa (escrevo com toda a sinceridade de meu coração) que jamais se esquece dos amigos. Sempre que de mim precisar, sendo seus desejos, aliás, nunca menos importantes que os meus, apressar-me-ei a encontrá-lo. Quando nos encontrarmos e conversarmos, sei que nossa amizade será indissolúvel e durará para sempre.

Agora, quanto à filosofia que o senhor quer conhecer, digo-lhe que consiste em conhecer o próprio Deus, o operador de todas as coisas, e em entrar nele (por meio de um contrato essencial e um vínculo), quando então o senhor será transformado e se tornará como Deus, como o Senhor falou com Moisés, dizendo: Vê que te constituí como Deus sobre o Faraó.² Essa é a verdadeira, grande filosofia oculta das obras maravilhosas.

A chave dele é o intelecto, pois, quanto melhor compreendermos as coisas do alto, com mais virtudes

seremos agraciados, maiores serão nossas obras, feitas com mais facilidade e eficácia. Mas estando o nosso intelecto incluído na carne corruptível, a menos que transcenda a carne e obtenha sua devida natureza, não pode se unir a tais virtudes (pois igual atrai igual), e sua busca pelos segredos ocultos de Deus e da natureza será infrutífera; pois não nos é fácil ascender aos céus. Como pode alguém que se perdeu na poeira mortal, e nas cinzas, encontrar Deus? Como pode apreender coisas espirituais aquele que é engolido pela carne e pelo sangue? Como o homem pode ver Deus e viver? Que fruto produzirá um grão de milho se antes não morrer?

Pois morrer precisamos, e digo morrer para o mundo, e para a carne, e todos os sentidos, e para todo o animal homem, se quisermos entrar no espaço dos segredos, não porque o corpo é separado da alma, mas porque a alma deixa o corpo: morte de que fala Paulo aos Colossenses: “Porque morrestes e a vossa vida está oculta, juntamente com Cristo, em Deus”.³ E em outro lugar ele fala com mais clareza de si mesmo: “Conheço um homem em Cristo que, há 14 anos, foi arrebatado até o terceiro céu, se no

corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe³;⁴ etc.

Digo que, por essa morte, preciosa à vista de Deus, devemos morrer, que acontece com tão poucos e talvez nem sempre. Pois alguns poucos a quem Deus ama são virtuosos e se tornam felizes. E primeiro serão aqueles que nascem de Deus, não da carne e do sangue. Em segundo lugar virão aqueles que são dignificados pela bênção da natureza e pelos céus no momento do nascimento. Os demais se empenham por méritos, e pela arte, do que falarei mais quando o vir.

Mas uma coisa eu aconselho, que não se engane a meu respeito, caso venha eu a me gabar de ter recebido tais coisas divinas, ou me alegue a qualquer momento tê-las, ou possa esperar que me sejam concedidas, pois eis que até então tenho sido um

soldado, consagrado com o sangue dos homens, tendo quase pertencido à Corte do Rei, comprometido com uma queridíssima esposa pelo vínculo da carne, exposto a todo o impacto da fortuna inconstante, e sendo atravessado em minha carne, no mundo e nas questões mundanas, sem, portanto, ter a capacidade de obter as sublimes dádivas do Deus imortal. Mas poderia ser considerado um orientador, que aguarda às portas e mostra aos outros o caminho a ser seguido.

Mas, quanto ao meu amor por você, engana-se um pouco: não vejo como você possa ser meu devedor, vendo que nada lhe dei senão quando estou pronto para servir, concedendo todas as coisas.

Portanto, adeus e prosperidade.

De Lião, XIX de novembro, anno Domini MDXXVII.

Notas - Para o Mesmo Homem

1. Ver *Opera* latina. Epistolarum 5.19.
2. Êxodo 7:1.
3. Colossenses 3:3.
4. 2 Coríntios 12:2.



Henrique Cornélio Agrippa envia saudações a um certo amigo da Corte do Rei.¹



s antigos faziam loucuras com este provérbio: levar corujas a Atenas;² mas não é menos loucura, e de grande impiedade, enviar diabos ao Inferno. Você sabe o que eu chamo de Inferno - aquela escola de vilezas, que com muito desgosto eu demonstrei, em outro lugar, ser a Corte. Mas jamais ouve uma ocasião tão justa para escrever e se indignar como agora; se fosse legal, eu trataria da questão como se deve, porém, como não posso fazê-lo, dar-lhe-ei os fatos dela.

Por isso, agora, ouça uma coisa que é ao mesmo tempo tola e ímpia: foi enviado da Alemanha um certo mestre dos espíritos, necromante, que possui poder sobre os espíritos, que como *Janes e Jambres*³ resistiram a *Moisés*, assim ele também deveria se opor a *César*;⁴ pois foram persuadidos pelo Pai das Mentiras de que ele podia prever todas as coisas futuras, revelar todos as deliberações secretas, manifestar até os pensamentos e, além do mais, que ele era dotado de um poder

tão grande que poderia trazer de volta os filhos do rei pelo ar, mesmo quando lemos que *Habacuque* foi carregado à cova dos leões,⁵ e fez como Eliseu quando cercado em Dotã,⁶ mostrar as montanhas cheias de cavaleiros e carruagens de fogo, e um grande exército; além disso, ele pôde encontrar e tomar os tesouros da Terra, e forçar quaisquer casamentos e afeições que desejasse, rompê-los, e curar, usando um medicamento estúgio, todas as doenças desesperadoras, como hidropisia e lepra nos ossos; e:

Quem sabiamente pode curar logo a complicada gota,

E conseguir a saúde mesmo dos desesperados.

Veja onde essas pessoas depositam sua fé; onde repousam sua esperança; eles, que tentam subjugar os elementos, os céus, o destino, a natureza, a providência, Deus e todas as coisas ao comando de um mago; e buscam preservar um reino dos demônios, os inimigos da preservação pública; dizendo em seus corações

com *Acazias*⁷ que não há um Deus em Israel; consultemos *Belzebu*, o deus de Acron, e como *Saul* falando com a bruxa,⁸ diz, os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se desviou de mim, e já não me responde; por isso te chamei.

Do que se desesperaram tanto de Deus, que julgaram necessário buscar a ajuda dos diabos? Por acaso isso não significa, segundo as palavras de *Judas*⁹ e *Pedro*,¹⁰ negar Deus e *Jesus Cristo*, nosso Senhor e salvador, que nos redimiu; trazendo assim destruição para eles mesmos? Será que eles não temem a ira do Senhor que será lançada sobre eles por espíritos maus? Não estão eles entregues a um senso réprobo, que deseja a certeza dos conselhos secretos do Diabo, o pai das mentiras, e esperam por vitória vinda de outro lugar que não do Senhor dos Exércitos?

E, além disso, à ousadia abominável desse operador de idolatria e sacrilégio, acrescenta-se o fato de que a mãe ortodoxa favorece essas coisas; e a autoridade de seu filho cristão fica, assim, acomodada; e os pilares da Igreja, bispos e cardeais fecham os olhos para isso, fortalecendo esse acontecimento abominável; e os nobres vis aplaudem essa operação de impiedade, como fazem os corvos com o trabalho do loto.

Que vilezas maiores cometeram o Faraó, *Balaque*, *Saul*, *Acabe* e sua *Jezabel*, *Acazias*, *Nabucodonosor*, *Baltazar*, *Senaqueribe* e outros adoradores de *Baal*?

O Faraó convocou seus magos contra *Moisés*;¹¹ e eles, condenados à terceira praga, confirmaram a existência do dedo de Deus,¹² mas o próprio rei, sendo obstinado mesmo

depois das dez pragas, morreu no Mar Vermelho;¹³ *Balaque*, o moabita, enviou *Balaão*, o feiticeiro, para amaldiçoar Israel,¹⁴ mas o próprio Deus transformou a maldição em bênção;¹⁵ *Balaque* foi amaldiçoado;¹⁶ o que dizem as respostas de *Samuel* e do profeta *Saul*? Não foi ele morto no monte Gibeá?¹⁷ *Acabe* e *Jezabel*, casados em maldade, confiaram nos profetas de *Baal*,¹⁸ e, de acordo com a palavra do Senhor, um espírito mentiroso saiu da boca de todos os profetas que prometeram prosperidade a *Acabe*, quando ele se voltasse contra *Ramote-Gileades*,¹⁹ mas *Acabe* caiu e *Jezabel* foi atirada aos cães, que a dilaceraram;²⁰ *Asa*, um rei de Judá, foi repreendido pelo profeta do Senhor, porque em sua doença não buscou ao Senhor, mas confiou na habilidade de seu médico.²¹ Não cometem, eles, agora, um pecado ainda maior, abandonando Deus, o salvador, e as virtudes saudáveis da natureza, e buscando a ajuda de Satã? *Acazias*²² fez isso no passado, e ouviu do profeta do Senhor, da cama que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás.

Lembremos exemplos de outros reis injustos, e também as histórias dos gentios. *Zoroastro*, *Diatharus*, *Croesus*, *Pompeu*, *Pyrrhus*, *Crasso*, *Nero*, *Juliano* - o que eles ganharam com seus magos e adivinhos, que com falsidade prometeram-lhes prosperidade? Não foram todos reduzidos a nada e não morreram em seus pecados? Assim também essas loucuras pecaminosas trarão destruição aos seus admiradores; e aquele em quem confiam de modo especial será o mais infeliz de todos os homens.

Eu não nego que existam ciências naturais, artes metafísicas,

genialidades ocultas que, sem ofender Deus, nem prejudicar a fé ou a religião, preservam reinos, derrotam inimigos, fazem prisioneiros, aumentam a riqueza, obtêm a boa vontade dos homens, expulsam doenças, conservam a saúde, prolongam a vida e restauram a força dos jovens: existem, também, intercessões religiosas sagradas, súplicas públicas, orações particulares de homens bons, pelas quais podemos não apenas aplacar a ira de Deus, mas também implorar que ele volte suas graças para nós.

Além disso, se existe uma determinada arte de prever o futuro e realizar milagres - que os antigos chamam *calomagia*²³ ou *teurgia*,²⁴ com certeza ela não é conhecida por esses tolos e escravos do Diabo; pois a habilidade de descobrir coisas por vir, pronunciar a verdade concernente a essas coisas que pairam sobre nossas cabeças e são ocultas, e do céu descem para os homens; e de realizar coisas que excedem o curso comum da natureza, pertence apenas a um homem de conhecimento profundo e perfeito e de vida e fé puras; e não a homens vãos e incultos.

Mas todas as criaturas servem àqueles que são inocentes, e aprenderam na lei do Senhor, em nome de sua fé, que aquilo que pedem, receberão: assim os corvos alimentaram *Elias*,²⁵ e, atendendo às suas preces, a Terra não deu frutos, o céu negou a chuva²⁶ e lançou fogo sobre os homens maus:²⁷ assim, os corvos serviram a *Eliseu*, os anjos lutaram por ele;²⁸ rios foram atravessados a pé enxuto;²⁹ os leões, deixando de lado sua ferocidade e desconsiderando a fome, não atacaram *Daniel*;³⁰ e a fornalha não queimou as crianças.³¹ Essas não são

obras de necromantes e feiticeiros nem de diabos, mas de homens fiéis e santos; pois é o espírito de Deus, e não os diabos, que os assiste.

Confesso que existem alguns (talvez muitos), mesmo em nossa época, que são muito sábios e possuem conhecimento, virtude e poder maravilhosos, dotados de uma conversa pura; e são tão prudentes e dispostos pela idade e força que podem muito bem ajudar o bem comum com seus conselhos e obras; mas os cortesãos menosprezam esses homens; como o fazem aqueles que estão distante dos propósitos deles; que trocam sabedoria por maldade, malícia por logro; conselho por engano; conhecimento por magia e malícia e prudência por perfídia.

A superstição toma o lugar da religião; e Deus é blasfemado em aflições; e a fé, fortalecida na fraqueza³² (como diz o Apóstolo), é desprezada: eles preferem invocar os espíritos maus. Todos os homens bons são vítimas da zombaria deles; a hipocrisia ousada é promovida; a verdade é considerada um crime; louvores e recompensas são reservados para tolices e vilezas.

Ó tolos e vis! Que, por tais artes estabeleceram um reino; e por elas poderosos impérios já caíram e foram derrotados por completo; dos quais falou em verdade *Jeremias*, caiu a coroa da nossa cabeça; ai de nós, porque pecamos;³³ eu espero que isso não se aplique a vocês.

Pois, em verdade, os números correspondentes às letras nessa citação - MCVI - quando reunidos expressam o ano MDXXIV,³⁴ no qual, de acordo com os relatos, seu rei foi preso em Papia.³⁵ Vocês não veem essas coisas e

ficam admirados, pois as consideravam impossíveis de acontecer?

E mesmo assim, vocês ficam orgulhosos, e obstinados em sua aflição. Vocês desprezam os profetas; e as ameaças de Deus são como contos de fada para vocês.

Prestem atenção! Vocês ainda verão e sentirão as grandes coisas de Deus sobre a Terra toda; e tremerão por causa da infelicidade que recairá sobre suas cabeças de repente: para onde fugirão? Fiquem com seus encantadores e a profusão de seus feiticeiros, se eles puderem beneficiá-los ou torná-los mais fortes. Será que aquele mago alemão,³⁶ que foi buscado, salvará vocês, tornando mentirosos os profetas e prevalecendo contra a ira do Senhor, salvando-os do mal?

Não, vis, *não*; a menos que o Senhor construa e mantenha as cidades e reinos, todos os guardiões trabalham e vigiam em vão. É obra exclusiva de Deus - não dos diabos, nem dos magos - suspender ou mudar a sentença dos profetas.

Mas se vocês, de todo o coração, se voltarem para a misericórdia d'Ele, e mudarem sua condição de homens maus, então poderão ser salvos do mal, como aconteceu a *Nabucodonosor* que, seguindo o conselho de *Daniel*, se redimiou dos pecados dando esmolas e das iniquidades se tornando piedoso com os pobres.³⁷ Ele evitou a iminente ira de Deus por algum tempo, até que, na corte da Babilônia, a atraiu para si de novo³⁸ por causa de um discurso orgulhoso.

Acabe, impiedoso, junto com sua *Jezebel*, a quem Deus ameaçou de morte pela boca de Elias, após se voltar para Deus, ouviu de novo a palavra do Senhor por meio do profeta,

visto que se humilha perante mim, não trarei esse mal nos seus dias.³⁹

Os ninivitas, que pelo edito dos reis e príncipes se arrependeram ao ouvir a pregação de *Jonas*, foram libertos da punição iminente.⁴⁰

Isaías apresentou a seguinte sentença a *Ezequias*: que ele deveria colocar sua casa em ordem porque iria morrer. *Ezequias* chorou e orou, e foi curado, e viveu mais 15 anos; pois assim o Senhor falou ao mesmo homem pelo mesmo profeta; ouvi tua oração e vi as tuas lágrimas; acrescentarei, pois, aos teus dias 15 anos. Livrar-te-ei das mãos do rei da Assíria, a ti e a esta cidade, e defenderei esta cidade.⁴¹ A conversão e oração desse rei devoto foram tão intensas que, embora ele tenha rezado apenas para si, obteve a bênção também para a cidade e seu povo.

É apenas o Senhor quem preserva o rei e que dá sabedoria ao filho do rei. Aqueles que buscam salvação devem correr para esse mestre, e não para magos e feiticeiros. Aqueles que desejam prosperidade devem temer o Senhor e buscar sua justiça.

Se a estabilidade de um reino for buscada, está escrito, os justos herdarão a terra;⁴² o justo será tido em memória eterna e não será jamais abalado.⁴³ Quando se busca a segurança, aquele que teme o Senhor não se atemoriza de más notícias, mas escarnecerá dos inimigos.⁴⁴ Se honra e riqueza são desejadas, na sua casa há prosperidade e riqueza.⁴⁵ Se louvor e favor, será abençoada a geração dos justos.⁴⁶ Se poder, o temente a deus será poderoso na Terra, e também sua descendência;⁴⁷ o seu poder se exaltará em glória.⁴⁸ Quando se procura casamento, e prosperidade da união, a

esposa daquele que teme o Senhor será como a videira frutífera; e os filhos, como rebentos da oliveira.⁴⁹ Se a saúde do corpo é buscada, o Senhor não permitirá que o seu Santo veja corrupção.⁵⁰

Por fim, abençoado em todas as coisas é o homem que teme o Senhor; que é imaculado no caminho; que não segue os conselhos dos injustos; que tem piedade dos pobres e necessitados. Pois, em um dia ruim, o Senhor o salvará e não o entregará nas mãos

dos inimigos. Todos os injustos verão; e serão atormentados; e rangerão os dentes e lamentarão; seu desejo perecerá.

Que isso seja suficiente para alertá-los. Pois eu não mais falarei sobre essa questão, evitando que a maldade do assunto me faça escrever mais do que o necessário.

Adeus.

De Paris, XIII de fevereiro, Anno MDXXVIII, segundo o calendário romano.

Notas - Henrique Cornélio Agrippa

1. Ver a *Opera* latina, Epistolarium 5.26.
2. Ver nota 20, cap. LIV, l. livro I.
3. Ver II Timóteo 3, 8, com referência ao Livro do Êxodo 7:11.
4. Imperador Carlos V
5. Livro Apócrifo Bel e o Dragão 36; ou Daniel 14:35.
6. Ver II Reis 6:13; 7:6.
7. II Reis 1:2.
8. I Samuel 28:15, em que Saulo fala como fantasma de Samuel, não com a bruxa.
9. Judas 14-5
10. 2 Pedro 2:1
11. Êxodo 7:11.
12. Êxodo 8:19.
13. Êxodo 14:28
14. Balaão. Números 22:6.
15. Números 23:20.
16. Balaque. Números 24:9.
17. Gibeá. II Samuel 31:4.
18. I Reis 16:31; II Crônicas 18:5.
19. II Crônicas 18:19-21.
20. II Reis 9:36.
21. II Crônicas 16:12.
22. II Reis 1:4.
23. Do grego (καλο): belo; a magia dos bons espíritos.
24. Do grego (θεόδ), deus; (εργόδ), trabalho. Magia de deus; magia branca, distinta de goettia, magia negra.
25. I Reis 17:6.
26. I Reis 17:1.
27. II Reis 1:10.
28. II Reis 7:6.
29. II Reis 2:8.
30. Daniel 6:22.
31. Daniel 3:25.
32. II Coríntios 12:9.

33. Lamentações de Jeremias 5:16.

34. O leitor dever resolver esse quebra-cabeça numerológico, pois eu não consegui.

35. Carlos V, rei da Espanha, tornou-se imperador da Alemanha com a morte de Maximiliano em 1519. Seu título foi disputado por Francisco I da França, e os dois entraram em guerra. No longo cerco de Pávia, na Itália, o exército de Carlos, que se encontrava na Espanha na época, aprisionou Francisco I. O cerco ocorreu em 1524, mas a captura foi feita em 24 de dezembro de 1525.

36. Seria Fausto? O conjurador alemão com certeza era muito ativo nessa época; entre outras coisas, ele lançava encantamentos em Martinho Lutero. O abade Tritêmio, em uma carta datada de 1507, se refere com desprezo a Fausto como um tolo que deveria ser açoitado, acrescentando que o mago fugira da cidade em vez de enfrentá-lo. Acredita-se que Fausto morreu por volta de 1525, mas a data não é exata; e um aluno de Agrippa, Johan Wierus, afirma que Fausto era um vagabundo bêbado que praticara e depreciara a bela arte da magia “de maneira vergonhosa, por toda a Alemanha, com terrível engano, muitas mentiras e grande efeito” até 1540 (*De praestigiiis daemonum*, Basel, 1563).

37. Daniel 4:27.

38. Daniel 4:30-1.

39. 1 Reis 21:29.

40. Jonas 3:6-10.

41. Isafas 38:1-6.

42. Salmos 37:29.

43. Salmos 112:6

44. Salmos 112:7

45. Salmos 112:3.

46. Salmos 112:2.

47. *Ibid.*

48. Salmos 112:9

49. Salmos 128:3.

50. Salmos 16:10.



A censura, ou retratação de Henrique Cornélio Agrippa, acerca da magia, após sua declamação da vaidade das ciências, e da excelência da palavra de Deus da magia em geral¹

Não é necessário que falemos aqui de Magia; pois ela é tão próxima e tem tanta afinidade com a Astrologia que aquele que professa magia sem astrologia nada faz, e está no erro.

*Suidas*² é da opinião de que a magia tem seu nome e forma original a partir dos maguseans. A opinião comum é que a origem é persa, com o

endosso de *Porfírio* e *Apuleio*, e que na língua persa o termo significa um sacerdote, sábio ou filósofo.

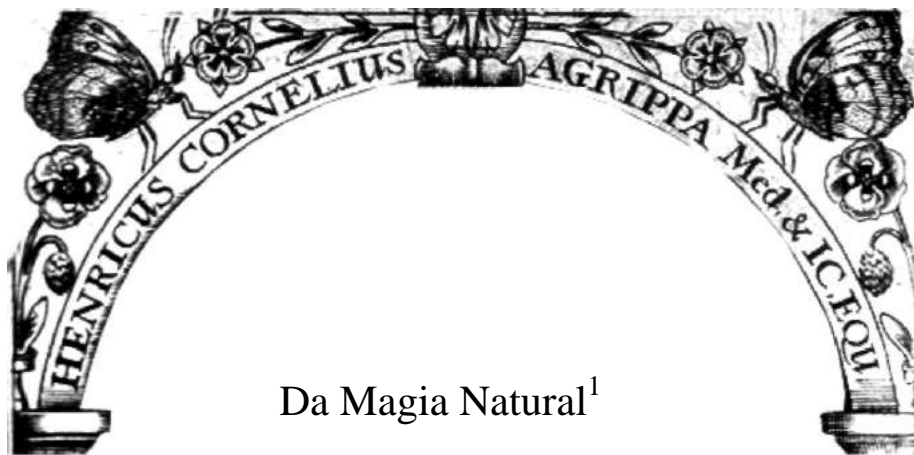
Magia, portanto, compreende toda a Filosofia, natural e matemática, e a elas juntam os poderes das religiões. Portanto, contém também goetia e teurgia,³ razão pela qual a Magia é dividida em duas partes: natural e cerimonial.

Notas - A Censura

1. Capítulo 41 de *De incertitudine et vanitate scientiarum*, de Agrippa.

2. Geralmente considerado o nome de um lexicógrafo grego do qual nada se sabe, e que escreveu um antigo dicionário de palavras gregas, tanto nomes quanto lugares, valioso, porque preserva boa parte da erudição e da cultura que, sem ele, estariam perdidas. Na verdade, *Suidas* é o nome do livro, não do autor, uma palavra com o significado latino de “fortaleza” ou “forte”. A obra sofreu tantas interpolações que se tornou impossível de datar.

3. Magia negra e branca.



Da Magia Natural¹



credita-se que a Magia Natural nada mais é do que o poder superior das ciências naturais, que, portanto, é chamado de supremacia da Filosofia natural; e a mais absoluta consumação disso, e aquela que é parte ativa da filosofia natural, que, com a ajuda das virtudes naturais, a partir de uma aplicação mútua e oportuna delas, realiza operações admiráveis, cuja magia principalmente os etíopes e indianos usaram - e a virtude das ervas e pedras e outras coisas era suficiente. Afirma-se que *Hierome* mencionou esse assunto a *Paulino*, quando disse que *Apolônio* era um mago, ou filósofo, como também os pitagóricos.² Assim eram os magos que foram adorar Cristo, levando presentes, quando ele nasceu. Os intérpretes dos caldeus expõem os filósofos dos caldeus, como *Hiarchas*³ entre os brâmanes; *Tespion*⁴ entre os gimnosofistas; *Buda*⁵ entre os babilônios; *Numa Pompílio* entre os romanos; *Zamolxides* entre os trácios; *Abbaris* entre os Hiperbóreos; *Hermes* entre os egípcios; *Zoroastro*, o filho de *Oromasus*,⁶ entre os persas.

Pois os indianos, etíopes, caldeus e persas se superavam nessa magia.

Com o que, portanto (como *Platão* relata em *Alcebíades*),⁷ os filhos dos reis persas eram instruídos, de modo que aprendiam a administrar e distribuir sua imagem à comunidade do mundo; e *Cícero* diz em seus livros *Da Adivinhação*⁸ que não havia ninguém entre os persas que desfrutava o reino, exceto aquele que aprendera magia.

A Magia Natural, portanto, é aquela que contempla os poderes de todas as coisas naturais e celestiais; e buscando com curiosidade sua solidariedade, revela publicamente os poderes ocultos na natureza, assim unindo as coisas inferiores como atrativos às dádivas das coisas superiores, por sua aplicação mútua; e daí surgem grandes milagres, tanto pelas artes quanto pela natureza, à qual a arte se torna assistente enquanto opera essas coisas.

Pois os magos, como os mais curiosos pesquisadores da natureza, fazem uso dessas coisas que são preparadas por ela, aplicando coisas ativas às passivas, produzindo, às vezes, efeitos antes do tempo ordenado pela natureza, que as pessoas comuns pensam se tratar de milagres aquilo que, de fato, são obras naturais, em que a prevenção do tempo apenas fica no

meio; como se alguém pudesse fazer brotar rosas em março; e amadurecer uvas, ou colher feijões, ou desenvolver a salsa em uma planta perfeita em questão de poucas horas; mais ainda, provocar coisas maiores, como nuvens, chuvas, trovões e animais de diferentes tipos, e muitas transmutações de coisas, muitas das quais *Roger Bacon* alegou ter realizado por simples magia natural.

A respeito dessas obras, escreveram *Zoroastro*; *Hermes*; *Eranthe*, rei da Arábia; *Zacarias*, o babilônio; *José*, o hebreu;⁹ *Bocus*; *Aaron*; *Zenoteus*; *Kiramides*; *Almadal*; *Thetel*; *Alchináus*; *Abel*; *Ptolomeu*; *Geber*; *Zahel*;

Nazabarub;¹⁰ *Thebib*; *Berith*; *Salomão*; *Astaphon*; *Hiparco*; *Alcmeon*; *Apolônio*; *Triphon*,¹¹ e muitos outros; muitos cujas obras ainda estão inteiras, e outros de quem fragmentos dos trabalhos ainda existem e chegaram às minhas mãos.

Alguns autores modernos também escreveram a respeito da Magia Natural, mas poucas coisas; entre eles estão *Albertus*; *Arnoldus de Villa Nova*; *Raimundus Lullie*; *Bacon* e *Apponus*, e o autor do livro a *Alfonsus*, lançado sob o nome de *Picatrix*, que mescla à Magia Natural muita superstição; o que também foi feito pelo resto.

Notas - Da Magia Natural

1. *De incertitudine et vanitate*, capítulo 42.

2. Pelo relato do mesmo autor [Filóstrato], entre as visitas de Apolônio à Arábia, encontramos seus estudos entre os persas. Somos informados de que ele proibiu Damis de se juntar aos Magos, embora Damis fosse seu único aluno e companheiro; e foi sozinho, à meia-noite, estudar entre eles, poupando seu amigo das práticas da magia da qual ele mesmo não gostava. E quando foi falar com Varda, o rei babilônio, afirma-se que disse estas palavras: “Minha filosofia é de Pitágoras de Samos, que me instruiu nos caminhos da veneração, e como conhecer os deuses, visíveis e invisíveis, e manter uma comunicação regular com eles.” (Eusébio, *Against the Life of Apollonius of Tyana by Philostratus* 11. Paráfrase minha).

3. Iarchus, líder dos brâmanes, mencionado em Filóstrato, *Life of Apollonius* 3. 16-51.

4. Thespion, líder dos gimnosofistas. Ver *Life of Apollonius* 6.10.

5. Buda seria mais apropriadamente localizado na Índia.

6. Oromasdes, ou Ahura-Mazda.

7. E aos 14 anos de idade ele é entregue aos professores reais: são quatro homens escolhidos, considerados os melhores entre os persas de uma determinada idade; e um deles é o mais sábio; outro, o mais justo; o terceiro, o mais moderado; e o quarto, o mais valente. O primeiro lhe ensina a magia de Zoroastro, o filho de Oromasdes, que é a veneração dos deuses; e também ensina os seus deveres reais. O segundo, que é o mais justo, lhe ensina a sempre falar a verdade; o terceiro, ou mais temperado, proíbe que qualquer prazer se torne seu mestre para que ele se acostume a ser um homem livre e um verdadeiro rei, mestre de si mesmo, em primeiro lugar, e não um escravo. O mais valente o treina a ser corajoso e destemido, dizendo que, se ele sentir medo, será reduzido a um escravo... (Platão, *Alcebiades I 122a*, tradução de Benjamin Jowet [1892] [Nova York: Random House, 1937], 2:755).

8. “E nenhum homem pode se tornar um rei da Pérsia se não for previamente iniciado na doutrina dos magos” (Cícero, *De divinatione* 1.41 [Yonge, 182]).

9. Flavius Josephus.

10. Ou seja, Naza, o árabe. Talvez o mesmo Norbar, o árabe, que supostamente compilou *Picatrix* (ver Thorndike, 2:813).

11. Talvez Typhon. Tertuliano menciona Typhon em uma lista de autores, ou praticantes, de magia, em seu *Treatise on the Soul*, capítulo 57. Houve um gramático romano, no tempo de Augusto, que se chamava Tryphoon, mas Agrippa não deve se referir a ele.



Da Magia Matemática¹



á ainda outros astutos imitadores da natureza e bravos inquisidores, os quais prometem conseguir, graças às influências dos céus, obtidas sem as virtudes

naturais, mas só pelo aprendizado matemático, produzir obras como as da natureza, tais como corpos que andam e falam, que não possuem virtudes animais: foi assim o caso da pomba de madeira de *Architas*,² que de fato voava, e da estátua de *Mercúrio*,³ que falava; e da cabeça de bronze⁴ feita por *Alberto Magno*, que, pelo que dizem, também falava.

Boécio, um homem de grande sabedoria e muito conhecimento, se destacava nessas coisas; é ele quem *Cassiodoro* descreve ao discorrer sobre tais coisas: “a ti foi permitido conhecer as coisas difíceis e demonstrar milagres: pela engenhosidade de tua

arte, os metais falam, *Diomedes* soa a trombeta em bronze, a serpente de bronze sibila, pássaros são feitos e, aqueles que não emitem sons, são ouvidos cantando uma doce melodia; pouco falamos, na verdade, daquele que tem o poder de imitar os céus”.

A respeito dessas artes, creio que também lemos em *Platão*, no 11º livro de suas *Leis*:⁵ há uma arte conferida aos homens mortais que lhes permite gerar certas coisas futuras, não por partilhar da verdade ou da divindade, mas apresentando certas representações de afinidade com elas. E os magos chegaram a esse ponto, sendo homens com coragem para fazer todas as coisas, principalmente aquela velha Serpente, a promotora de todas as ciências, que permite que, como macacos, imitem Deus e a natureza.

Notas - Da Magia Matemática

1. *De incertitudine et vanitate scientiarum*, cap. 43.
2. Ver nota biográfica de Architas.
3. Ver nota 11, cap. LII, l. III.
4. Ver nota 22, cap. I, l. II.
5. Ver nota 8, cap. LXIII, l. III.



Da Magia de Encantamento¹

Existe ainda um tipo de magia natural que é chamada encantamento; é feita com xícaras, poções de amor e vários outros medicamentos de feiticeiros. Acredita-se que *Demócrito* a praticava.

Por meio dela, filhos saudáveis e felizes podem ser gerados; outros dizem que é possível entender as vozes das aves, como relatam *Filóstrato* e *Porfírio* a respeito de *Apolônio*. *Virgílio* também² fala de certas ervas pômicas:

Eu, muitas vezes, observei Moeris se transformar em lobo e se esconder na floresta;

De sepulcros, o encantamento das almas que partiram.

E *Plínio* relata³ que um certo homem, *Demarchus Parrhasitus*, em um sacrifício humano que os árcades ofereciam a *Jupiter Lyceus*, provou as entranhas de um garoto sacrificado e se transformou em um lobo; daí porque *Agostinho* acredita⁴ que a transformação de homens em lobos recebeu o nome derivado de *Pan Lyceus* e *Jupiter Lyceus*.

O mesmo *Agostinho* relata que, enquanto estava na Itália, havia certas mulheres praticantes de magia, como

Circe, que, dando queijo aos viajantes, os transformavam em gado; e depois de carregarem a carga para elas, eram transformados em homens de novo; e que o mesmo aconteceu a um certo padre chamado *Prestantine*.⁵

Mas antes de considerar essas coisas tolices impossíveis, lembremos o que a Escritura diz a respeito de *Nabucodonosor*, o rei - como ele foi transformado em um boi,⁶ e viveu sete anos se alimentando de feno e, de repente, voltou a ser homem pela misericórdia de Deus. Após a morte do rei, seu filho *Evilmerodac* jogou o corpo aos abutres, para que não vivesse de novo aquele que foi transformado de animal em homem. Vemos mais acontecimentos desse tipo relatados no Êxodo, concernente aos magos do Faraó.⁷ Mas *Salomão* fala dos mesmos, magos ou feiticeiros, quando diz, “tu os amedrontaste, ó Deus! Porque fizeram coisas horríveis por encantamentos”.

Além do mais, esses magos não pesquisam apenas as coisas naturais, mas também aquelas que acompanham a natureza, como movimentos, números, sons, vozes, concertos,⁸ luzes, afeições da mente e palavras.

Assim, Psylli e Marsi⁹ atraíam serpentes; e outros as afastavam. Assim Orfeu reprimiu a tempestade dos Argonautas com um hino;¹⁰ e Homero relata em *Ulisses* que seu sangue foi contido com palavras. E na lei das Doze Tábuas,¹¹ uma punição era ordenada para aqueles que enfeitiçavam o milho. Sem dúvida, os magos produziam efeitos surpreendentes por meio de palavras, afeições e coisas semelhantes; não apenas sobre si mesmos, mas também sobre outras coisas.

Todas as coisas cujas virtudes naturais inatas são colocadas sobre outras coisas as atraem para si, ou as repelem, ou provocam qualquer outro efeito sobre elas, assim como a magnetita atrai o ferro; o azeviche afeta o joio; ou o diamante ou alho¹² une as coisas; de maneira que, por essa relação gradual e concatenada das coisas, não apenas dádivas naturais e ce-

lestiais, mas também intelectuais e divinas, podem, como *Jamblicus*, *Proclo* e *Sinésio* confirmam pela opinião dos magos, ser recebidas do alto. *Proclo*, em sua obra *De sacrifício e magia*,¹³ confessa: que pelo consentimento desse tipo de coisas, os magos podiam invocar divindades.

Alguns deles chegam a tal estado de loucura que, das diversas constelações, observando certos intervalos de tempo e uma certa regra de proporção, acreditam que a imagem dos deuses pode, por meio de um encantamento, receber o espírito da vida e intelecto, e assim responder àqueles que pedem conselhos e revelar os segredos da verdade oculta. Consequentemente, é manifesto que essa magia natural, às vezes, tende à goetia e teurgia, emaranhada nos ardis e erros dos maus espíritos.

Notas - Da Magia de Encantamento

1. *De incertitudine et vanitate scientiarum*, capítulo 44.

2. Ver nota 1, cap. XLI, l. I.

3. Ver nota 13, cap. XLV, l. I.

4. “Ele [Varro] também não acredita que Pan e Júpiter foram chamados Lycaei na história dos árcades por nenhuma outra razão que não a de sua transformação de homens em lobos; pois consideravam isso impossível para alguém sem poderes divinos” (Agostinho, *A cidade de Deus*, 18.17 [Healey, 2:191]).

5. Ver nota 14, cap. XLV, l. I.

6. Daniel 4:32. Mas Nabucodonosor apenas comia grama, como um boi - ou seja, ficou louco -; ele não foi transformado em um boi.

7. Êxodus 7:11-2; 8:7.

8. Harmonias musicais, canções.

9. Ver nota 16, cap. LVIII, l. I.

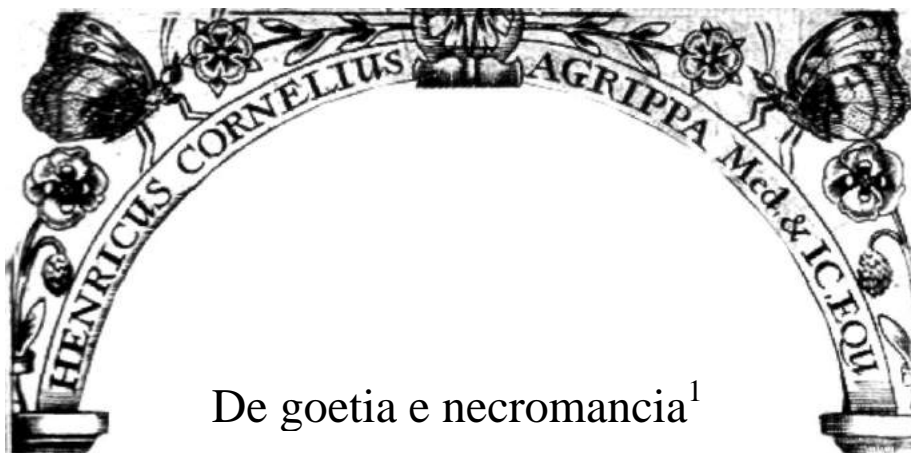
10. Ver nota 42, cap. XI, l. III.

11. As Doze Tábuas continham o primeiro código da lei romana. Foram compiladas da lei comum em 450 a.C. e colocadas no Fórum para que todos lessem. As Tábuas originais foram destruídas quando Roma foi incendiada pelos gauleses.

“E então, além disso, não lemos as seguintes palavras nas próprias leis contidas nas Doze Tábuas - ‘Qualquer pessoa que enfeitiçar a colheita, e em outra passagem ‘Qualquer pessoa que usar encantamento pernicioso?’” (Plínio 28.4 [Bostock e Riley, 5:281]).

12. Ver nota 2, cap. XIII, l. I.

13. Os antigos, contemplando essa relação mútua entre as coisas, usavam com propósitos ocultos tanto as naturezas celestiais quanto as terrenas, por meio das quais, por uma certa semelhança, deduziam virtudes divinas nesta terra inferior (Proclo, *De sacrificio et magia*, fragmento. Tradução para o latim, Ficinus [Veneza, 1497]; tradução para o inglês, Thomas Taylor. Em Jamblicus, *Life of Pythagoras* [Taylor, nota à p. 72 na p. 214]).



De goetia e necromancia¹



As partes da magia ceremonial são goetia e teurgia.

Goetia é desafortunada, feita pelo intercâmbio com espíritos impuros, consistindo de ritos de pérfidas curiosidades, encantamentos ilícitos e deprecações, e é rechaçada e execrada por todas as leis. Seus praticantes são aqueles que chamamos hoje em dia de necromantes e bruxos.²

Um povo invejado pelos deuses, tem a habilidade,

Gerada pelo Maligno, de a bel-prazer

Macular os próprios céus, e trazer desordem

Às coisas do céu e da Terra, e inverter os pólos,

E mudar o curso dos rios,

Derrubar montanhas e empurrar o céu

Para debaixo da Terra.

Esses são os indivíduos que invocam as almas dos mortos e que os antigos chamavam de *Epodi*,³ que enfeitiçam meninos,⁴ e os conduzem à fala do oráculo, e carregam consigo espíritos familiares, como lemos acerca de Sócrates e outros, que, como se lê, se alimentam em espelhos,

fingindo ser capazes de profetizar. E todos procedem de duas maneiras.

Alguns se empenham em invocar e comandar espíritos maus, adjuvando por meio de certo poder, principalmente de nomes divinos; pois uma vez que toda criatura teme e reverencia o nome daquele que a fez, não é de admirar que os praticantes de goetia, os infiéis, pagãos, judeus, sarracenos e homens de todas as seitas e sociedades profanas, para segurar os demônios, invocam o nome divino.

Há alguns que são ímpios ao extremo e se submetem aos demônios, sacrificam para eles e os adoram, tornando-se assim culpados de idolatria e da mais vil baixeza: crimes que, ainda que não obnoxios, os expõem a graves perigos. Pois mesmo os demônios controlados são capazes de nos enganar aonde quer que vamos.

Das seitas dos praticantes de goetia provêm todos os livros das trevas, que *Vulpianus*, o legislador, chama de livros que não devem ser lidos, recomendando que sejam destruídos,

o primeiro dos quais teria sido escrito por *Zabulus*, abordando artes ilícitas; depois, o de *Barnabás*,⁵ do Chipre; e hoje em dia usam-se livros com títulos falsos, sob os nomes de *Adão*,⁶ *Abel*,⁷ *Enoch*,⁸ *Abraão*,⁹ *Salomão*,¹⁰ também *Paulo*,¹¹ *Honório*,¹² *Cipriano*,¹³ *Alberto*,¹⁴ *Tomás*,¹⁵ *Jerônimo*,¹⁶ e de um certo homem de York,¹⁷ cujos artifícios *Alfonso*, rei de Castela, *Robert*, um inglês, *Bacon*¹⁸ e *Apponius*, e muitos outros homens de intelecto, porém, ingênuos, seguiram. Além disso, não só apregoam que homens e santos, e patriarcas, e os anjos de Deus, são os autores dessas execráveis opiniões, mas ainda afirmam que tais livros foram trazidos por *Raziel* e *Rafael*, os anjos de *Adão* e *Tobias*.

E esses livros logo se traem aos olhos daquele que os observa com cuidado, revelando as regras, ritos e costumes de seus preceitos, usando certas palavras e caracteres, uma ordem de extrusão, frases vazias, contendo nada mais que meros artifícios e imposturas, confeccionados em épocas posteriores, mais recentes, por homens ignorantes de toda a magia antiga, e artistas fracassados de uma arte perniciosa, de observações profanas misturadas com cerimônias da nossa religião, com muitos nomes desconhecidos e selos imiscuídos, com o intuito de aterrorizar e surpreender os simples e ignorantes.

Além disso, essas artes não parecem fábulas: pois, se tais coisas não existissem, e se por elas muitas coisas fantásticas e nocivas não fossem feitas, não haveria tantas leis estritas, divinas e humanas, criadas para lidar com elas ou para a eliminação delas.

E os praticantes de goetia usam somente os maus espíritos, já que os

bons dificilmente aparecem, aguardando a ordem de Deus, e só vêm para os homens puros de coração e de vida santa; mas os malignos são invocados com facilidade, favorecendo aquele que é falso e fingindo santidade; estes estão sempre prontos para enganar, com seus artifícios, para que possam ser venerados e adorados.

E como as mulheres são mais propensas a segredos, e menos cautelosas, e propensas a superstições, são mais fáceis de enganar, e se entregam mais prontamente a eles, realizando grandes prodígios. Os poetas cantam sobre *Circe*,¹⁹ *Medeia*²⁰ e outras desse tipo; *Cícero*, *Plínio*, *Sêneca*, *Agostinho* e muitos outros, bem como filósofos doutores católicos e historiadores, também as Escrituras atestam isso.

Pois nos livros dos Reis lemos que uma mulher que vivia em Endor invocou a alma de *Samuel*, o profeta,²¹ embora muitos não a interpretem como a alma do profeta, e sim um espírito ímpio, que assumira a forma dele. Entretanto, os mestres hebreus, *Agostinho* e *Simplicianus* não o negam, pois poderia ser o verdadeiro espírito de Samuel, que poderia facilmente ser invocado de seu corpo antes de um ano completo de sua partida, como também ensinam os praticantes de goetia. Também os magos necromantes supõem que tal coisa pode ser feita por certos poderes e vínculos naturais, como afirmamos em nossos livros de Filosofia Oculta.

Portanto, não era à toa que os antigos Pais, versados nas coisas espirituais, ordenavam que os corpos dos mortos fossem enterrados em lugar sagrado, e acompanhados de luzes e borrifados com água benta, e perfumados com olíbano, e incenso,

e expiados por orações enquanto continuassem acima do solo.

Pois, como dizem os mestres dos hebreus, todo o nosso corpo e animal carnal, e tudo em nós que depende da matéria da carne, estando em má disposição, é deixado para alimentar a Serpente, e, como diziam, a *Azazel*,²² que é o senhor da carne e do sangue, e príncipe deste mundo, que é chamada em Levítico de príncipe dos desertos, do qual se diz no Gênesis: “Comerás poeira todos os dias de tua vida”; e em Isaías: “Teu pão é a poeira, nosso corpo criado do pó da Terra, enquanto não for santificado, e elevado, não mais sujeito ao efeito da Serpente, mas de Deus”; um corpo espiritual feito de carnal, segundo as palavras de Paulo: “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual”.²³ E em outro lugar se afirma que todos ressuscitarão, mas nem todos serão

mudados porque muitos permanecerão para sempre como alimento para a Serpente.

Essa matéria imunda e horrenda da carne e alimento para a serpente nós eliminamos na morte, trocando-a por uma melhor e espiritual, que se manifestará na ressurreição dos mortos; e já aconteceu com aqueles que provaram dos primeiros frutos da ressurreição, e muitos já a alcançaram, pela virtude do divino Espírito, nesta vida, como *Enoch*, *Elias* e *Moisés*, cujos corpos se transformaram em uma natureza espiritual e não viram corrupção; tampouco ficaram suas carcaças à mercê da serpente. E essa foi a disputa do Diabo com o arcanjo Miguel a respeito do corpo de Moisés, que Judas menciona²⁴ em sua Epístola.

Quanto a goetia e necromancia, agora basta.

Notas - De goetia e necromancia

1. *De incertitudine et vanitate scientiarum*, cap. 45.

2. A seguinte citação é de Lucano *Pharsalia* 6, c. linha 458.

3. Do grego ἑπάρδω: aqueles que enfeitiçam por meio de encantações.

4. O uso de menino na pré-puberdade como veículo imaculado para a comunicação dos deuses é muito antigo. Começou na Babilônia e chegou ao Egito, onde ainda é praticado hoje. Por isso, Pitágoras dizia que as crianças eram amadas pelos deuses: “... ele observou que a divindade amava meninos, e assim, em tempos de grande seca, eles eram enviados pelas cidades para implorar que os deuses enviassem chuva, em consequência da persuasão de que o divino dá especial atenção às crianças...” (Iamblichus, *Life of Pythagoras* 10 [Taylor, 24]). A mesma noção pode ser vista em Cristo (Mateus 19,14).

Não posso deixar de dar exemplos que mostram a persistência e o amplo uso dessa forma de magia:

Pegue uma faca nova com cabo preto e faça com ela um círculo na terra; sente-se no círculo com um menino ou uma menina com menos de 9 anos de idade, e esfregue-lhe na mão esquerda azeite de oliva e o fundo preto de uma panela, e diga à criança que não olhe para fora do lugar ungido, e sussurre-lhe no ouvido: Eu te adjuro... para que apareças nessa criança e lhe dê uma resposta verdadeira a tudo o que ela te perguntar por mim, e tudo ela dirá três vezes (“*Babylonian Oil Magic*”, texto 3, tradução de S. Daiches [Londres, 1913]. IEm *Three Works of Ancient Jewish Magic*).

Pegue um prato novo e encha-o com óleo limpo de oásis e adicione ao prato, aos poucos, sem deixá-lo embaçado, para que fique totalmente claro; e pegue um menino, puro, que

ainda não tenha estado com mulher, tendo falado com ele antes, com o intuito de verificar se será útil como veículo. Se for útil, faça-o deitar-se de bruços; peça-lhe que abaixe a cabeça, em direção ao óleo, sete vezes, com os olhos fechados. Quando terminar, peça-lhe que abra os olhos e lhe pergunte o que você deseja saber...” (*Leyden Papyrus* 3.9-15, ed. Griffith e Thompson [Nova York: Dover, 1974, 35. Publicado originalmente como *The Demotic Magical Papyrus of London and Leiden* [Londres: H. Grevel and Co., 1904]).

Depois de algum tempo, um menino com cerca de 12 anos foi trazido, e o rito começou. Ele colocou a mão direita da criança sobre a sua e descreveu uma figura quadrada na palma, sobre a qual escreveu alguns caracteres árabes; enquanto secavam, ele escreveu em um pedaço de papel uma invocação aos seus espíritos familiares, que queimou com olíbano em uma fogueira aos seus pés. Por algum instante, uma nuvem de fumaça fragrante envolveu o bruxo e a criança assustada, sentada ao seu lado, mas já tinha desaparecido antes que os fantasmas se manifestassem. Então, pegando a mão do menino, ele despejou sobre ela um pouco de tinta e começou a murmurar rapidamente; seu semblante assumiu uma aparência de intensa ansiedade, e a teste começou a perspirar; de vez em quando, ele cessava as encantações, para perguntar ao menino se tinha visto algo; e recebendo resposta negativa, prosseguia com maior veemência que antes. Enquanto isso, o pequeno árabe olhava para o glóbulo de cinza em sua mão com uma expressão de fascínio, e por fim exclamou: “Eu os vejo agora!” (Warburton [1844] 1849, 1:100-1).

Warburton observou essa adivinhação no Cairo.

5. José Barnabás, um levita do Chipre que vendeu sua propriedade e deu o dinheiro aos discípulos de Cristo. Ver Atos 4,36-7.

6. Dizia-se que Adão era o co-autor, com Daniel, de dois livros de adivinhação astrológica de acordo com os dias do ciclo lunar, escritos no século XIV. Essa espécie de obra era chamada de *Lunarium*, ou Livro da Lua. As obras mágicas eram atribuídas a Adão porque ele foi o primeiro homem e, portanto, o único condutor por meio do qual a sabedoria dos anjos podia chegar às gerações futuras.

7. Jerônimo Torrella publicou uma obra intitulada *Opus praedarum de imaginibus astrologicis* (Das imagens astrológicas) em Valência, em 1496, na qual menciona um “antiquíssimo livro escrito por Abel, filho de Adão”, que o selou dentro de uma pedra, na qual permaneceu em segurança durante o dilúvio e foi posteriormente descoberto por Hermes (Thorndike, 4:580). Outra obra, a *Essentis essentiarum* (Essência das essências), atribuída a Tomás de Aquino, esclarece um pouco mais esse livro. Sobre o autor, escreve Thorndike:

Ele também viu o livro de Abel das maravilhosas imagens que foram preservadas durante o dilúvio, com os nomes das inteligências que regem os planetas. Dizia-se que as imagens transformavam outros metais em ouro e permitiam que um indivíduo se tornasse um rei ou prelado. Nosso autor, porém, só testou uma delas. Passavam cavalos logo de manhã para tomar água, os quais lhe perturbavam o sono. Ele fez uma imagem segundo as instruções de Abel e a enterrou na frente de sua casa, depois do que nunca mais passou cavalo algum.

8. Havia uma obra de magia atribuída a Enoch com 15 estrelas, 15 pedras, 15 ervas e 15 imagens que deviam ser gravadas nas pedras. Ver Thorndike, 3:139.

9. Um livro de Abraão, ou Abrão, é citado várias vezes por Firmicus Maternus em sua *Mathesis* (ver Thorndike, 1:537). Havia um mito segundo o qual Abraão era versado em astrologia e havia instruído Zoroastro nessa arte (*Ibid.*, 3:51).

10. O número de obras de magia supostamente escritas por Salomão é grande. Thorndike lista *Almandel*, *Ars notoria*, *Cephar Raziel*, *Clavícula*, *Experimentos*, *Idea et entocia*, *Jocalia*, *Novem candariis*, *Leitura das mãos*, *Pentágono*, *Filosofia*, *Quatuor* e *Umbris idearum*, e menciona outras também. Ver Thorndike, 2:1024, e todo o cap. 49. A essa lista se pode acrescentar o *Lemegeton*.

11. Paulo era considerado o suposto autor de *Arte paulina*, que foi “descoberta pelo apóstolo Paulo após ter sido arrebatado ao terceiro céu, e que lhe fora passada em Corinto” (Thorndike, 2:282). A *Arte paulina* é o nome do terceiro livro em uma coleção de cinco que compreende o *Lemegeton* de Salomão - tradução inglesa, British Museum Library, Sloane 2731.

12. Honório de Tebas, mago, mestre e autor de *O livro jurado de Honório*. Não deve ser confundido com o papa Honório III, suposto autor do *Grimório do Papa Honório III*.
13. Cipriano, bispo de Antioquia, nasceu pagão e foi criado como mago, mas se converteu ao Cristianismo por virtude da virgem Justina - pelo menos, esse é o relato em suas *Confissões*, que narra em detalhe suas obras de magia. Ver Thorndike, vol. 1, cap. 18.
14. Alberto Magno é conhecido como mago, principalmente por causa do *Livro dos Segredos*, que era atribuído a ele e que contém extratos de suas obras.
15. Como Tomás de Aquino fora aluno de Alberto Magno, não é de surpreender o fato de ter sido atribuído a ele um número de obras alquímicas, incluindo um comentário sobre *Turba philosophorum*, uma obra chamada *O lírio abençoado entre os espinhos* e outra intitulada *De essentiis essentiarum* (Da essência das essências). Ver Thorndike, 3:42, 65, 136.
16. São Jerônimo e o suposto autor de uma obra sobre pedras preciosas, preservada em um manuscrito de Berlim do século XII (Thorndike, 2:236). Nada mais encontro de específico que associe Jerônimo à goetia.
17. Robert of York. Ver nota biográfica.
18. Um número de espúrias obras alquímicas era atribuído a Roger Bacon, e, apesar da afirmação de Bacon em sua *Epístola de secretis operibus* de que a magia era, em essência, uma ilusão, há muitas referências à magia em suas obras. Um grimório chamado *A necromancia de Roger Bacon*, derivado do manuscrito Sloane 3885 do Museu Britânico e do manuscrito adicional 36674 (editado e traduzido por M. A. Macdonald [Gillete, NJ: Heptangle Books, 1988]), afirma em sua introdução que fora descoberto pelos irmãos franciscanos Robert Lombard e Roger Bacon, em seus estudos em Alexandria, Egito.
19. Ver Homero, *Odisseia* 10, linha 135 em diante.
20. Ver Ovídio, *Metamorfoses* 7.1, e Apolônio de Rhodes, *Argonautica* 3, c. linha 442 em diante.
21. 1 Samuel 28:7-20.
22. Ver nota 51.
23. 1 Coríntios 15:44.
24. Judas 9.



Da teurgia¹

Muitos pensam que a teurgia não é ilegal desde que tenha os auspícios dos anjos bons e de uma divindade, embora com frequência, ainda que, sob os nomes de Deus, seja obstringida² pelas falácias dos anjos maus e pelas maldades dos maus demônios.

Pois obtemos e atraímos para nós mesmos, não somente por meio de poderes naturais, mas também de certos ritos e cerimônias, os celestiais, e por intermédio deles virtudes divinas; tema, entre outros, abordado pelos antigos magos em muitos volumes. Mas a parte maior de todas as cerimônias consiste em observar limpeza e pureza, primeiro da mente, depois do corpo, e daquelas coisas que têm a ver com o corpo, como a pele, as roupas, as habitações, os recipientes, utensílios, oblações, sacrifícios, pureza esta que se dispõe à familiaridade e à contemplação de coisas divinas, e é muito necessária nas coisas sagradas, segundo as palavras de

Isaías, “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos”.³

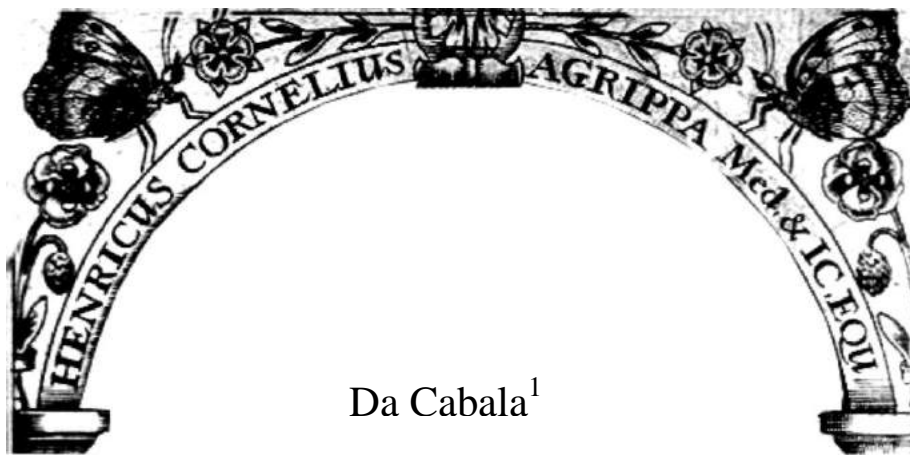
A impureza, infectando o ar e o homem, perturba a influência puríssima das coisas celestiais e divinas, e afasta os espíritos puros de Deus. Mas, às vezes, os espíritos impuros e poderes enganadores, que querem ser venerados e adorados como deuses, também precisam dessa pureza. Portanto, é preciso aqui ter muita cautela, como já explicamos em detalhes em nossos livros de Filosofia Oculta.

Quanto a essa teurgia ou magia de coisas divinas, Porfírio não mede palavras ao concluir que, por meio de consagrações teúrgicas, a alma de um homem pode ser preparada para receber espíritos e anjos, e ver Deus: mas nega veementemente que por esse meio podemos retornar a Deus.

A essa escola pertencem a Arte Almadel, a Arte Notarial, a Arte Paulina, a Arte das Revelações e muitas superstições parecidas, que são muito perniciosas porque parecem divinas aos olhos dos ignorantes.⁴

Notas - Da teurgia

1. *De incertitudine et vanitate scientiarum*, cap. 46.
2. Presa, obrigada a.
3. Isaías 1,16.
4. Vários sistemas de magia explicados nos livros com os mesmos nomes.



Da Cabala¹

Aqui, me veem à mente as palavras de *Plínio*,² quando afirmou que a facção da magia depende do fato de *Moisés* e *Latopea* serem judeus.

Essas palavras me fazem pensar na Cabala dos judeus, que os hebreus acreditam ter sido entregue a *Moisés* pelo próprio Deus no Monte Sinai; e então por grau de sucessão, sem a existência de linguagem escrita, foi, até a época de *Esdras*,³ transmitida a outros apenas de forma oral; assim como as opiniões de *Pitágoras* foram transmitidas de maneira formal por *Arquipo* e *Lisio*.⁴ *Arquipo* e *Lisio* - *Iamblichus* relata a história desses dois discípulos:

De repente, no entanto, os cilônios se tornaram tão hostis para com os homens, que ateando fogo a casa de *Milo*, onde os pitagóricos estavam reunidos, debatendo suas preocupações com a guerra; eles queimaram todos os homens, com exceção de dois

- *Arquipo* e *Lisio*. Pois, robustos e vigorosos como eram, escaparam da casa... Os dois pitagóricos que se salvaram eram tarentinos. *Arquipo* retornou a *Tarento*, mas *Lisio*,

odiando a negligência das cidades, foi para a Grécia, e se estabeleceu na Achaia do Peloponeso. Depois, se mudou para *Tebas*, estimulado por um ardente desejo de residir nessa cidade; e lá tinha como assistente *Epaminondas*, que chamava *Lisio* de pai. Em *Tebas* *Lisio* morreu (*Life of Pythagoras* 35 [Taylor, 128-9]).

Plutarco afirma que *Philolau* e *Lisio* foram os sobreviventes do incêndio na casa onde os pitagóricos estavam reunidos. Ele assim relata:

Philolau fugindo para a terra dos *lucanos* foi protegido por seus amigos, que partiram em sua defesa e derrotaram os *cilônios*; mas no que diz respeito a *Lisio*, por muito tempo ninguém sabia onde ele estava; até que *Gorgias* o *leonês*, velejando da Grécia para a Itália, contou a *Arceso* que encontrou e conversou com *Lisio* em *Tebas* (*On the Sign of Socrates* 13 [Goodwin, 2: 393]); que tinham escolas em *Tebas*, na Grécia, onde mantinham os preceitos de seus mestres em memória; usando a sabedoria e a memória deles em vez de livros.

Assim, alguns judeus, desprezando a literatura, consideraram a memória, as observações, e tradições orais, os meios pelos quais a Cabala

foi transmitida pelos hebreus, sendo recebida por nenhum outro meio além da audição.⁵ Essa arte (como é relatado) é muito antiga, mas entre os cristãos o nome só se tornou conhecido em tempos mais recentes.

Os hebreus nos apresentam uma ciência que se desdobra em duas: *Bresith*,⁶ à qual chamam Cosmologia; ou seja, a explicação dos poderes das coisas criadas, naturais e celestiais; e a exposição dos segredos da Lei e da Bíblia por razões filosóficas - o que, nesse caso, em nada se diferencia da magia natural que era, acreditamos, praticada com excelência pelo rei *Salomão*. Pois está escrito nas histórias sagradas dos hebreus que ele era versado em todas as coisas, desde o cedro do Líbano, até o hissopo que cresce na parede; também em animais, aves, criaturas que rastejam, e peixes - tudo isso indica que ele conhecia as virtudes mágicas da natureza. *Moisés*, o egípcio, entre os autores posteriores, seguiu o mesmo caminho em sua exposição a respeito do Pentáculos; também o fizeram muitos outros talmudistas.

A outra ciência é chamada *Mercara*,⁷ que concerne às contemplanções mais sublimes das virtudes divinas e angelicais; e aos nomes sagrados; selos; ser uma certa divindade simbólica na qual letras, números, imagens, coisas, nomes e a parte de cima dos elementos; linha; pontos e acentos significam coisas profundas e grande segredos.

Mercara é, por sua vez, dividida em Aritmancia, que também chamada *Notariacon*,⁸ abordando as virtudes angelicais, nomes e selos, e também as condições dos espíritos e almas; e Teomancia, que pesquisa os

mistérios da majestade divina e suas emanções, os nomes sagrados e os Pentáculos - mistérios que podem ser praticados com excelência e virtudes maravilhosas por aquele que os conhece; como por exemplo, prever todas as coisas futuras sempre que desejar; e comandar toda a natureza; exercer poder sobre demônios e anjos; e realizar milagres.

Foi por meio dessa arte, supõem os cabalistas, que *Moisés* demonstrou muitos sinais e transformou a vara em serpente;⁹ as águas em sangue;¹⁰ e infestou o Egito com rãs,¹¹ moscas,¹² piolhos,¹³ gafanhotos,¹⁴ lagartas,¹⁵ fogo e chuva de pedras,¹⁶ tumores e úlceras;¹⁷ e feriu todos os primogênitos¹⁸ humanos e animais; fez retirar-se os mares,¹⁹ conduzindo o povo através deles; fez jorrar água das rochas;²⁰ e trouxe Codornizes do céu;²¹ também atraíu perante seu povo nuvens e relâmpagos durante o dia e uma coluna de fogo²² à noite; e trouxe do céu a voz do Deus vivo²³ para o povo; e consumiu os arrogantes com fogo²⁴; e com a lepra os que murmuravam;²⁵ e destruição imediata e repentina a todos os que a mereciam, fazendo com que a terra se abrisse e os tragasse.²⁶ Além disso, ele alimentou o povo com pão que veio do céu;²⁷ pacificou serpentes;²⁸ curou os envenenados;²⁹ preservou das doenças a enorme multidão, e impediu que suas roupas se gastassem; e fez seu povo vitorioso sobre os inimigos.³⁰

Para concluir, por meio dessa arte de milagres *Josué* fez o sol se deter;³¹ *Elias* trouxe o fogo do céu³² sobre os inimigos e reviveu uma criança morta;³³ *Daniel* parou as bocas dos leões;³⁴ os três jovens entoaram canções na fornalha;³⁵ ainda através

dessa arte os judeus incrédulos afirmam que até Cristo realizou tantos milagres; *Salomão* também a conhecia muito bem; ele a empregava em encantamentos contra demônios e seres a eles associados; em conjurações; e contra doenças, como relatou *José*.⁶

Todavia, assim como não duvido que Deus revelou a *Moisés* muitos segredos escondidos sob as palavras da Lei, que não deveriam ser revelados ao homem profano comum, também reconheço que essa arte cabalística - da qual os hebreus falam com tanto orgulho, e que eu algumas vezes, de forma diligente e laboriosa, procurei - nada mais é do que uma mera rapsódia de superstição e uma certa magia teúrgica; mas se ela veio de Deus (como afirmam os judeus), e conduz à melhoria da vida, à saúde do homem, à veneração a Deus, e à verdade do entendimento; então aquele Espírito da Verdade³⁷, que deixou a sinagoga e veio nos ensinar toda a verdade, não teria se escondido de sua Igreja, que de fato conhece todas as coisas que são de Deus e cuja benção, batismo e outros mistérios da salvação são revelados e tornados perfeitos em todas as línguas.

Pois todas as línguas têm o mesmo poder igual; a mesma igual piedade; também não existe nenhum nome, no céu ou na Terra, pelo qual seremos salvos e pelo qual realizaremos milagres, além deste: *Jesus*, no qual todas as coisas estão resumidas e contidas.

Assim, os judeus, que são muito habilidosos em usar os nomes de Deus, pouco ou nada podem fazer depois do Cristo. Mas por experiência descobrimos e vemos que pela

revolução da arte (como eles a chamam), com frequência frases impressionantes, repletas de grandes mistérios, são extraídas das Escrituras sagradas; porém, elas nada mais são que um jogo de alegorias, que homens ociosos, se ocupando de todos os pontos, letras e números contidos nessa língua, simulam e disfarçam a seu bel-prazer. E embora eles afirmem que essas frases contêm grandes mistérios, nada podem provar nem demonstrar, mas nós podemos (conforme as palavras de *Gregório*) contestá-las com a mesma facilidade com que são afirmadas.

Rabanus o monge simulou muitas coisas usando o mesmo artifício, mas com caracteres e versos em latim (inserindo certas imagens) que, quando lidos por meio do delineamento das superfícies e imagens, declaram algum mistério sagrado, representando as histórias das coisas pintadas; que também podem, sem nenhuma dúvida, ser extraídas de escritos profanos, como sabem todos os que leram os Cantones de *Valeria Proba*, composto a partir dos versos de *Virgílio*, sobre Cristo.

Todas as coisas desse tipo são especulações de um cérebro ocioso, no que diz respeito à realização de milagres, suponho que nenhum de vocês seja tão tolo a ponto de acreditar que eles contêm qualquer arte ou ciência.

Portanto essa Cabala dos judeus nada mais é que uma superstição perniciosa, pela qual a seu bel-prazer, eles reúnem, dividem e transferem palavras, nomes e letras, espalhados pelas Escrituras sagradas; e, transformando uma coisa em outra,

dissolvem as ligações da verdade, dos discursos, das induções e parábolas; reconstruindo-as aqui e ali segundo suas próprias ficções; trazendo a palavra de Deus para suas loucuras, difamando as Escrituras e afirmando que essas ficções têm fundamento nelas. Eles caluniam a Lei de Deus, e pela suputação de palavras, sílabas, letra e números extraídos com insolência, ousam criar provas violentas e blasfemas para sua descrença.

Além do mais, orgulhosos dessas banalidades, eles se vangloriam de pesquisar e encontrar os inefáveis mistérios de Deus, e segredos, que estão acima das Escrituras, pelos quais eles também afirmam de modo insolente, e sem nenhum pudor, que podem profetizar, realizar milagres e outras maravilhas; mas aconteceu com eles, como ao cão de *Esopo*,³⁸ cão de Esopo - Um cão, cruzando um pequeno regato, com um pedaço de carne na boca, viu a própria sombra refletida nas águas límpidas; e acreditando ser outro cão que carregava um pedaço maior de carne, não podia deixar de pegá-lo; mas estava tão distante de conseguir qualquer coisa com esse propósito que, deixando seu pedaço de carne para caçar a sombra, perdeu o alimento: assim também, essas pessoas pérfidas e empertigadas, estando sempre ocupadas com as sombras das Escrituras, e com suas próprias vaidades; e praticando violência por sua artificial, mas supersticiosa Cabala, acabam por perder o pão da vida eterna e, alimentando-se

com palavras vãs, de fato destroem a palavra da verdade.

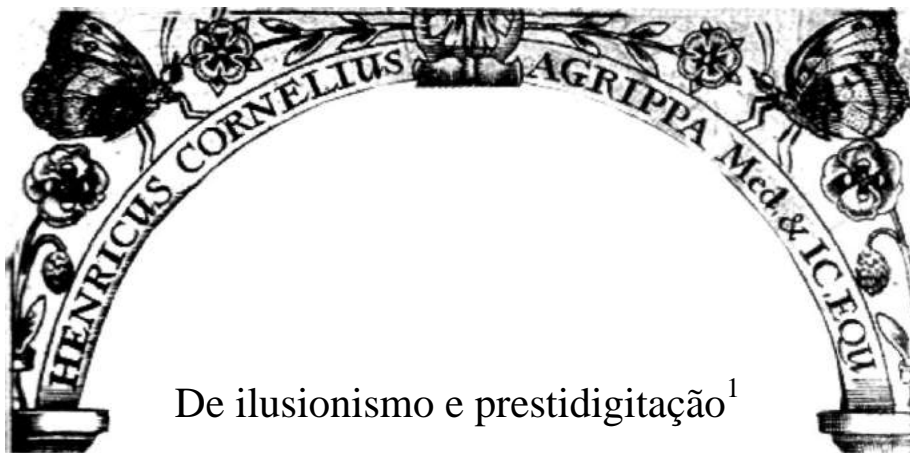
Desse fermento judaico da superstição cabalística surgiram (suponho) os hereges ofiomantes,³⁹ gnósticos e valentinianos,⁴⁰ que, junto com seus discípulos, simularam uma certa Cabala grega, pervertendo todos os mistérios da fé cristã; e por sua corrupção herege, extraindo-os das letras e números gregos, pelos quais constituíram um corpo de verdade (como o chamam), e ensinaram que sem esses mistérios das letras e números a verdade não pode ser encontrada no Evangelho, porque os escritos contidos nele são vários, e algumas vezes repugnantes a si mesmos, e repleto de parábolas; para que aqueles que veem não possam ver; aqueles que ouvem não possam ouvir; aqueles que entendem não possam entender; e que são expostos àqueles cegos e equivocados, de acordo com a capacidade da cegueira e erro deles; mas que a verdade sincera escondida sob essas coisas é transmitida apenas aos indivíduos perfeitos; não por meio dos escritos, mas pela tradição oral, e é essa a teologia alfabetária e aritmética que Cristo manifestou em particular a seus apóstolos;⁴¹ e da qual *Paulo* fala apenas aos perfeitos;⁴² pois como esses são os mistérios superiores, eles não são escritos, nem devem ser, mas devem ser mantidos em segredo entre homens sábios.

Mas não há homem sábio entre aqueles que não sabem como refrear os maiores monstros da heresia.

Notas - Da Cabala

1. *Cabalie - De incertitudine et vanitate scientiarum*, cap. 47.
2. palavras de Plínio - “Existe também outra seita, dos adeptos da arte da magia, que se origina de Moisés, Janes, e Lotapea - judeus por nascimento, mas milhares de anos depois de Zoroastro...” (Plínio 30.2 [Bostock e Riley, 5:425]). W.H.S. Jones afirma em sua nota a essa passagem (Cambridge: Harvard University Press, 1963, 8:285) que para “Lotapes” Plínio deveria ter escrito “Iotape” (escanear símbolo na p.702), que é igual a Yahweh, o nome judaico para Deus. Janes é um dos magos do faraó que enfrentou Moisés (Êxodo 7:11). O nome dele aparece em 2 Timóteo 3:8.
3. época de Esdras, ver 1 Esdras 8:1-7
4. *Arquipo e Lisio* - Iamblichus relata a história desses dois discípulos: De repente, no entanto, os cilônios se tornaram tão hostis para com os homens, que ateando fogo a casa de Milo, onde os pitagóricos estavam reunidos, debatendo suas preocupações com a guerra; eles queimaram todos os homens, com exceção de dois - Arquipo e Lisio. Pois, robustos e vigorosos como eram, escaparam da casa... Os dois pitagóricos que se salvaram eram tarentinos. Arquipo retornou a Tarento, mas Lisio, odiando a negligência das cidades, foi para a Grécia, e se estabeleceu na Achaia do Peloponeso. Depois, se mudou para Tebas, estimulado por um ardente desejo de residir nessa cidade; e lá tinha como assistente Epaminondas, que chamava Lisio de pai. Em Tebas Lisio morreu (*Life of Pythagoras* 35 [Taylor, 128-9]).
5. além da audição - Cabala vem da raiz hebraica (escanear símbolo na p. 703, nota 5), QBL: receber, aceitar, admitir; significa a tradição oral transmitida desde Moisés.
6. Bresith - ver nota abaixo.
7. Mercara - (escanear símbolo na p. 703, nota 7), BRASHITH (no princípio) é a primeira palavra do Antigo Testamento. Ma'asch bereshit é o nome dado ao primeiro capítulo do Gênesis, sobre o qual muitas surgiram muitas tradições esotéricas e especulações, (escanear símbolo na p. 703, nota 7) MRKBH (carruagem de fogo) é a fonte de Ma'asch merkabah, o nome dado ao primeiro capítulo de Ezequiel, que menciona a carruagem de Deus. Gershom Scholem escreve: Esses dois termos foram depois usados para descrever os assuntos relacionados a esses tópicos. Tanto o Mishuah quanto o Talmude (Hag. 2:1 e o correspondente Gemara nos Talmudes babilônico e de Jerusalém) mostram que no primeiro século da era comum, existiam tradições esotéricas nessas áreas; e severas limitações foram impostas à discussão pública de tais assuntos: “A história da criação não deve ser exposta perante duas pessoas; nem a capítulo sobre a Carruagem perante uma pessoa, a menos que seja um sábio e já tenha um entendimento independente do assunto.” (Scholem Kabbalah 1977, 11-2).
8. Notariacon - ver Apêndice VII.
9. Vara em serpente - Êxodo 7:10.
10. Águas em sangue - Êxodo 7:20
- II. Rãs- Êxodo 8:6.
12. Moscas - Êxodo 8:24.
13. Piolhos - Êxodo 8:17.
14. Gafanhotos - Êxodo 10:13.
15. Lagartas - Não existe tal praga, a menos que ela esteja associada à praga de gafanhotos. Mas Rashi declara de modo enfático que a praga de gafanhotos consistia apenas nesses insetos, e nenhuma outra espécie. Ver Rashi 1949, 2:89.
16. Fogo e chuva de pedras - Êxodo 9:23.
17. Tumores e úlceras - Êxodo 9:10.
18. Feriu todos os primogênitos - Êxodo 12:29.
19. Fez retirar-se os mares - Êxodo 14:21.
20. Água das rochas - Êxodo 17:6.
21. Codornizes do céu - Êxodo 16:13.
22. Coluna de fogo - Êxodo 13:21.
23. Voz do Deus vivo - Deuteronômio 5:24; Êxodo 19:19.

24. Os arrogantes com fogo - Números 16:35.
25. Com a lepra os que murmuravam - Números 12:10. Porém, Moisés afastou a lepra de Miriã; não deixou que ela se manifestasse.
26. Tragasse-os - Números 16:32.
27. Pão que veio do céu - Êxodo 16:15.
28. Pacificou as serpentes - Números 21:7.
29. Curou os envenenados - Números 21:9.
30. Sobre os inimigos - Êxodo 17:11.
31. O sol se deter - Josué 10:13.
32. Fogo do céu - 2 Reis 1:10.
33. Reviveu uma criança morta - 1 Reis 17:22.
34. Bocas dos leões - Daniel 6:22.
35. Fornalha - Canção dos Três Jovens Santos 28, em referência a Daniel 3:20-23.
36. Relatou José - Ver nota em “Da magia natural”.
37. Espírito da Verdade - Jesus Cristo, ganancioso, que derrubou o pedaço que trazia na boca e este imediatamente afundou, perdendo-se para sempre (*Fábulas de Esopo*, 118, tradução Croxall e L’Estrange [Londres: Frederick Warne, n.d.], p. 262).
38. *Cão de Esopo* - Um cão, cruzando um pequeno regato, com um pedaço de carne na boca, viu a própria sombra refletida nas águas límpidas; e acreditando ser outro cão que carregava um pedaço maior de carne, não podia deixar de pegá-lo; mas estava tão distante de conseguir qualquer coisa com esse propósito ganancioso, que derrubou o pedaço que trazia na boca e este imediatamente afundou, perdendo-se para sempre (*Fábulas de Esopo*, 118, tradução Croxall e L’Estrange [Londres: Frederick Warne, n.d.], p. 262).
39. Ofiomantes - Uma antiga seita de gnósticos que veneravam a serpente e acreditavam em uma trindade do Deus Universal, ou Primeiro Homem; sua concepção, o Segundo Homem; e um Espírito Santo feminino. Dela, o Terceiro Homem, Cristo, foi gerado Pelo Primeiro e Segundo Homens. Cristo se elevou com sua mãe e lançou uma centelha sobre as águas, de onde nasceu Ialdabaoth, o Demiurgo, que deu origem a seis poderes e com eles os sete céus. Quando o Homem, criado pelos seis poderes, venerou o Primeiro Homem, Ialdabaoth, com raiva, criou Eva para destruí-lo. Mas Sofia, ou Prunikos (a centelha), enviou a Serpente para libertar Adão e Eva do poder de Ialdabaoth. A raça humana então entrou em guerra contra Ialdabaoth - que é o significado secreto dos escritos do Antigo Testamento - até que o Espírito Santo enviou Cristo, unido a sua irmã Prunikos, para entrar no vaso puro: Jesus nascido de uma virgem, Ialdabaoth instruiu os judeus a matar Jesus Cristo, mas apenas Jesus morreu na cruz, porque Cristo e Prunikos já o haviam deixado. Cristo depois ressuscitou o corpo espiritual de Jesus durante 18 meses para ensinar seus discípulos. No céu, Cristo senta à direita de Ialdabaoth, a quem destituiu de glória; e recebe as almas dedicadas a ele.
40. Valentinianos - Ver a nota biográfica sobre Valentino.
41. Manifestou em particular a seus apóstolos - Mateus 13:11.
42. Apenas aos perfeitos - 1 Coríntios 2:6.



De ilusionismo e prestidigitação¹

Retornemos agora à Magia, parte da qual é uma arte de ilusionismo, ou seja, criar ilusões que são feitas segundo aparências apenas, pelas quais os magos

mostram fantasmas, e encenam muitos milagres fraudulentos, e provocam sonhos, o que eles fazem nem tanto por meio de goetia e imprecações, ou artimanhas de demônios, e sim com o auxílio de vapores, perfumes, luzes, poções de amor, colírios, ligações e suspensões, também com anéis, imagens, espelhos e drogas, além de instrumentos de arte mágica e um poder natural e celestial.

Muitas coisas também são feitas todos os dias com truques das mãos, do tipo que vemos nos palcos, e feitos por saltimbancos, a quem chamamos quirósofos.² Há livros específicos que tratam de tais artes, como os livros de prestidigitação de Hermes e alguns outros.

Lemos também a respeito de certo homem chamado *Paseton*,³ notável ilusionista, que oferecia um banquete aos seus convidados e, quando bem entendia, o fazia desaparecer, deixando todos se levantarem com fome, sede e iludidos. Lemos que

*Numa Pompílio*⁴ usava essas formas de ilusionismo, e também o douto *Pitágoras*⁵ às vezes recorria a este truque: escrevia coisas em um espelho, o qual, sendo colocado contra a Lua cheia, mostrava a todos que se colocassem por trás aquelas coisas representadas no globo lunar.

A essa categoria pertencem aqueles poetas que cantam as transmutações dos homens, também apregoadas pelos historiadores e por alguns adivinhos cristãos, e também registrado na Escritura. Assim, homens aparecem como jumentos ou cavalos,⁶ ou outros animais, com olhos fascinantes ou um semblante perturbado, fenômeno provocado por uma arte natural. Às vezes, tais coisas são feitas por espíritos bons e maus, ou pelo próprio Deus a pedido de um bom homem, como lemos na Escritura, quando Eliseu foi cercado por um exército do reio no que fortificava Dotã.⁷ Mas, aos olhos puros e aos que podem ser abertos por Deus, tais coisas não enganam; aquela mulher, por exemplo, que todos pensavam fazer parte de um gado, a *Hilário*⁸ nada mais pareceu que a verdadeira mulher que era.

Essas coisas, portanto, feitas somente de acordo com aparências,

são chamadas de ilusionismo. Mas as que são feitas pela arte de transmutação, ou translação, como no caso de *Nabucodonosor*,⁹ ou do milho levado a outro campo, pertencem à espécie da qual já falamos.

Mas dessa arte de ilusionismo, como dizia *Jamblichus*,¹⁰ essas coisas supostamente enfeitiçadas ou encantadas, além da imaginação, nada têm de verdade ou essência. Sua finalidade é apenas incitar a imaginação de acordo com a aparência, não deixando marcas nem sinais. Ora, pelo que foi dito, é evidente que a magia nada mais é que uma coletânea de idolatria, astrologia e medicina supersticiosa.

Existe ainda uma grande companhia de hereges fundada por mágicos na própria Igreja, que, como *Jannes* e *Jambres*, resistem a *Moisés*¹¹ e negam a verdade apostólica. O principal dentre eles foi *Simão*, o Samaritano,¹² a quem, por razão dessa arte, foi concedida em Roma, na época de *Cláudio César*, uma estátua com esta inscrição: A *Simão*, o santo deus. Suas blasfêmias são mencionadas por *Clemente*,¹³ *Eusébio*¹⁴ e *Irineu*.¹⁵

Desse *Simão*, como de muitas outras heresias, derivaram por sucessão os monstruosos Adoradores da Serpente,¹⁶ os imundos gnósticos,¹⁷ os ímpios valentinianos,¹⁸ cerdonianos,¹⁹ marcionistas,²⁰ montanistas²¹ e mui-

tos outros hereges, colocando-se contra Deus por lucro e vanglória, fazendo mal aos homens, enganando-os, e atraindo-os para a destruição e o erro, levando-os ao julgamento final de Deus.

Mas eu escrevi acerca de magia quando ainda era muito jovem, e três livros, os quais chamei de Filosofia Oculta, fruto de minha errônea curiosidade juvenil, ato do qual agora que sou mais maduro, estou disposto a me retratar, com esta explicação: Eu costumava perder muito tempo e dinheiro com essas frugalidades. Por fim, tornei-me sábio o suficiente para dissuadir os outros dessa destruição. Pois todos aqueles que, longe da verdade e do poder de Deus, no engodo de demônios, segundo a operação de espíritos ímpios, se embrenham em adivinhação e profecia, e praticam por meio de vaidades mágicas, exorcismos, encantações e outras obras demoníacas e erros de idolatria, produzindo ilusões e fantasmas que logo desaparecem, alegando ter o dom dos milagres, digo que, assim como *Jannes* e *Jambres*, e *Simão*, o Mago, estão destinados aos tormentos do fogo eterno. *Da Filosofia Oculta de Henrique Cornélio Agrippa*, Finis.

Notas - De ilusionismo e prestidigitação

1. *De incertitudine et vanitate scientiarum*, cap. 48.

2. Do grego χεῖρσοφοῦς: habilidoso com as mãos.

3. Lemos que o feiteiro Pasetes, por meio de certos encantamentos, fazia aparecer um suntuoso banquete, e logo depois fazia tudo sumir, a bel-prazer. Ele também costumava comprar coisas e contar o preço, e pouco depois o dinheiro retornava, em segredo, do vendedor para o comprador (Francesco Maria Guazzo, *Compendium Maleficarum* 1.3., tradução de E. A. Ashwin [Nova York: Dover, ([1698, 1929] 1988), 7].

4. Ver Agostinho, *Cidade de Deus* 7.35. A lenda de que Numa fora aluno de Pitágoras é mencionada por Lívio (História 1.17).

5. Alguns dos feitos maravilhosos atribuídos a Pitágoras são citados por Jamblicus em *Life of Pythagoras* 28.

6. Não é muito diferente do relato de São Vicente de Beauvais, em sua *Speculum majus*, Lib. XVIII, de uma mulher que, a pedido de um judeu, porque não cedia aos prazeres deles, foi transformada por uma bruxa em uma égua, assim sendo vista não só por todas as outras pessoas, mas também pelo próprio marido; e só São Macário, homem da mais rara santidade, não foi enganado pela ilusão, logo a identificando como a mulher que sempre fora (Nicolas Remy, *Demonolatry* 2.5. [Ashwin, 111]).

7. II Reis 6:18.

8. Muitos milagres são atribuídos a Santo Hilário, em *Vita St. Helarionius Eremitae*, de São Jerônimo.

9. Alusão à suposta transformação de Nabucodonosor em boi. Daniel 4,32.

10. Devemos dizer o mesmo, portanto, no que diz respeito a fantasmas. Pois, se eles não são verdadeiros, mas outras coisas sim, então, também no aparecimento dos espíritos eles parecem ser criaturas reais; ao mesmo tempo participam de falsidades e ilusões, do mesmo modo que as formas que se apresentam à visão em espelhos; e assim, em vão, atraem a mente para coisas que nunca acontecem em nenhum dos gêneros. Esses fantasmas, do mesmo modo, consistem em enganosas perversões. Pois aquilo que é uma imitação do ser, e uma obscura assimilação, se tornando causa de engano, não pertence a ninguém do gênero clara e verdadeiramente existente (Jamblicus, *On the Mysteries*) 2.10 [Taylor, 106]).

11. II Timóteo, 3:8.

12.

Em São Clemente de Roma também lemos muito a respeito de Simão Magus: que ele fez um homem novo do ar, a quem podia tornar invisível quando desejasse; que podia furar pedras como se elas fossem de barro; que dava vida às estátuas; quando lançado ao fogo, não foi queimado; que tinha dois rostos como outro Janus; podia se transformar em um carneiro ou bode; que voava pelo ar; que, de repente, produzia uma grande quantidade de ouro; que podia criar reinos e derrubá-los; que fazia uma foice ceifar sozinha - e ela ceifava dez vezes mais que as outras - e que, quando uma certa prostituta chamada Selene estava em uma torre, e uma grande multidão corria para vê-la, cercando a torre por completo, ele fez com que a mulher aparecesse simultaneamente em todas as janelas, se exibindo para todas as pessoas. Anastácio de Niceia diz: “Simão Magus fazia estátuas falarem; e quando foi lançado ao fogo, ele não se queimou; ele voava pelo ar e transformava pedras em pães. Ele assumia a forma de uma serpente e outros animais; tinha dois rostos; transformava-se em ouro; fazia aparecer todos os tipos de espectros em festivais; chamava muitas sombras para aparecer diante de si -afirmava que eram as almas dos que partiram. Simão fez os vasos de uma casa se moverem como que por vontade própria, sem que ninguém os carregasse” (Guazzo, *Compendium Maleficarum* 1.3 [Ashwin, 7-8]).

13. *Os Reconhecimentos* de pseudo-Clementines, uma tradução em latim feita por Rufus, por volta de 400d.C, de um texto grego chamado *Clementine Homilies*, que trata dos feitos de Simão Magus. Ver Thorndike, 1:17.

14. Ver *Ecclesiastical History* 2.13. 14. Eusébio cita Justino Martyr e Irineu, e apresenta algumas ideias próprias.

15. Ver *Against Heresies* 1.16.

16. Ver nota 39, em “Da Cabala”, livro III.

17. O termo é usado por Agrippa para indicar uma seita específica, da mesma maneira que é usado por Irineu (*Against Heresies* 1.29,30). No sentido mais amplo, todas as seitas aqui mencionadas são gnósticas, exceto o montanismo.

18. Ver nota biográfica sobre Valentino.

19. Um certo homem, todavia, de nome Cerdon, cujos primeiros impulsos foram derivados dos seguidores de Simão, que viveu por algum tempo em Roma, no tempo de Higinio XIX, ensinava que o Deus proclamado pela lei e os profetas não era o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, pois este último fora revelado e o outro era desconhecido; o primeiro também era justo, mas o outro era

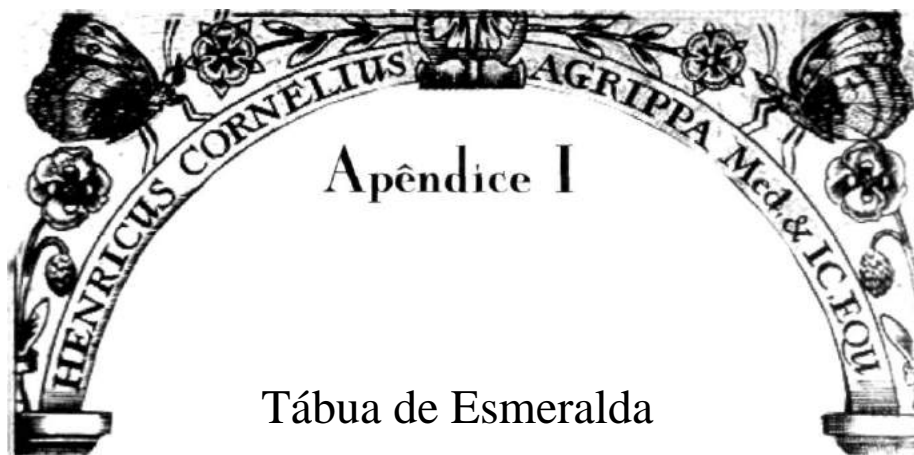
bom. Marcion, de Ponto, quando sucedeu a Cerdon no episcopado, reforçou esse ensinamento proferindo suas blasfêmias sem nenhum pudor (Eusébio, *Ecclesiastical History* 4.11, tradução de CF. Cruse [Londres: Bell and Daldy, 1866], 126-7). Aqui, Eusébio cita diretamente Irineu, *Against Heresies*, livro III.

20. E há Marcion, homem de Ponto, que ainda hoje (por volta de 150 d.C.) está vivo e ensina seus discípulos a acreditarem em um outro deus maior que o Criador. E ele, com a ajuda dos demônios, fez com que muitas nações proferissem blasfêmias e negassem que Deus é o criador deste Universo, afirmando que outro, maior que Ele, realizou obras maiores (Justino Martyr *First Apology* 26 [*Ante-Nicene Christian Library* 2:29 -30]).

21. O montanismo era um tipo de Cristianismo carismático do século II.

Existe certa vila de Misia, na Frígia, chamada Ardaba. Lá, segundo dizem, Montano, um desses homens recentemente convertidos quando Crato era pró-cônsul na Ásia (por volta de 156d.C), devido ao excessivo desejo de se tornar líder, deu ao adversário a oportunidade de se voltar contra ele. Foi tomado e envolvido por um tipo de frenesi e êxtase, delirando e falando coisas estranhas; proclamando que era contrário às instituições que prevaleciam na Igreja, transmitidas e preservadas desde seus primórdios (Eusébio, *Ecclesiastical History* 5.16 [Cruise, 184]).

Logo duas mulheres, Prisca e Maximilla, também começaram a profetizar. A perseguição de 177 d.C. espalhou o montanismo da Frígia por toda a Ásia Menor, Roma e até a Galha. A mensagem da seita era uma rígida adesão à moralidade asceta.



Tábua de Esmeralda



Tabula Smaragdina, ou

Tábua de Esmeralda, é uma curta obra alquímica atribuída pelos comentaristas medievais a Hermes Trismegisto. Aparece pela primeira vez nos escritos do árabe Jabir ibn Hayyan (ou Geber), que viveu no século VIII, mas acredita-se ser, na verdade, bem mais antiga (ver Burckhardt [1960] 1974, 196). Na época de Agrippa, havia em circulação muitos manuscritos da obra. Ortolano (ou Hortolanus), o alquimista, escreveu um comentário dedicado à Tábua de Esmeralda por volta de 1350 (Thorndike, 3:183). Vale observar que Trithemius faz referência total à Tábua em sua carta a Germano de Gonay, datada de 24 de agosto de 1505 (*Ibid.*, 4:348).

Hargrave Jennings, em sua introdução a uma tradução dos escritos herméticos de John Everard, conta a lenda da Tábua:

Em um tratado atribuído a Alberto Magno, lemos que a tumba de Hermes foi descoberta por Alexandre, o Grande, em uma caverna perto de Hebron. Nela foi encontrada uma laje de esmeralda, a

“Sara, a esposa de Abraão”, e que trazia inscrita em caracteres fenícios os preceitos do grande mestre acerca da arte de fazer ouro. Essa inscrição consistia em 13 sentenças e pode ser encontrada em várias obras de alquimia (*Divine Pymander* [Everard, viii-ix]).

O tema da Tábua de Esmeralda é a Grande Obra alquímica, ou, conforme descrita aqui, “a obra do Sol”. Isso pode ser considerado, em um sentido mais elevado, a morte material e o renascimento espiritual da alma, ou, no sentido menor, a transformação física do metal comum em ouro. Agrippa admite, no capítulo XIV, livro I, que participou de experimentos alquímicos e conseguiu criar ouro, mas não mais pelo peso que pela quintessência do ouro usado no experimento. Sem dúvida, porém, ele valorizava a Tábua mais como um repositório, em forma reduzida cifrada, dos grandes princípios herméticos, particularmente a segunda sentença, que resume toda a base filosófica do ocultismo na Idade Média em poucas palavras.

A versão da *Smaragdina* apresentada aqui se baseia em várias traduções do texto latino, a referência usada por Agrippa. Ao se compor

essa versão, foi levado em conta também o texto árabe. Ele difere do latino em alguns pontos de ênfase, mas não se julgou necessário desviar de maneira radical do sentido da versão latina. A principal variação entre os dois textos está na Sentença 10, que em árabe diz: “Assim, o microcosmo foi moldado do macrocosmo”. As palavras traduzidas como

“da operação do Sol” na Sentença 13 também podem significar “da obra de ouro” (*de operatione solis*), enfatizando a possível dupla interpretação.

Alguns tradutores combinam as Sentenças primeira e segunda, totalizando 12, mas eu preferi separar as duas para enfatizar que a referência à “verdadeira” na Sentença 1 se aplica à Tábua toda.



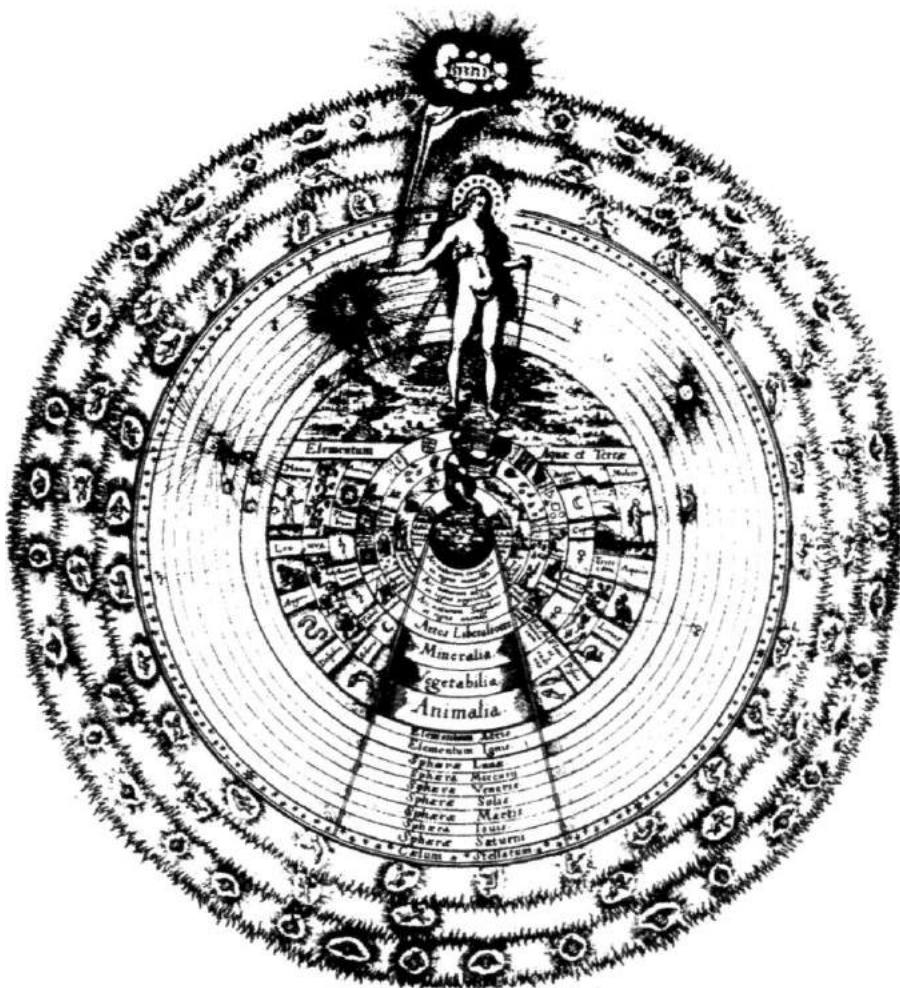
Hermes Trismegisto

Extraído de De divinatione et magicis praestigiis, de Jacques Boissard (Oppenheim, 1605)



Tábua de Esmeralda de Hermes Trismegisto

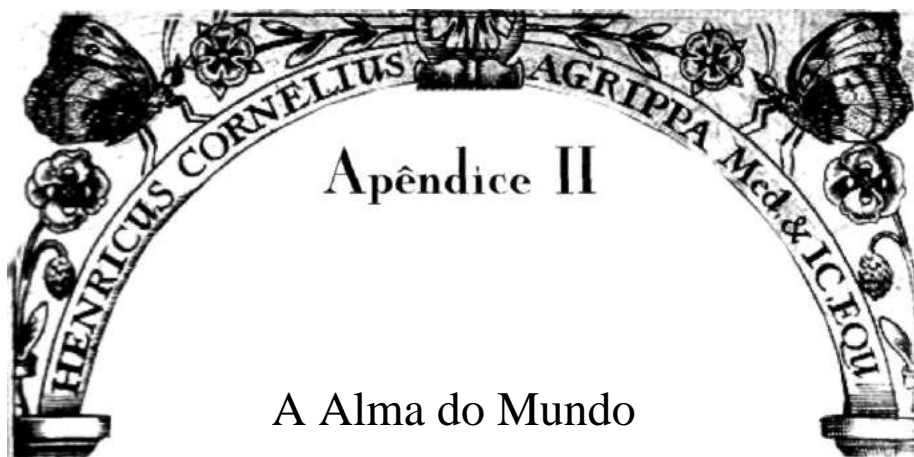
1. É verdadeira, sem falsidade e absolutamente certa.
2. Como é embaixo também é em cima; e como é em cima também é embaixo: realizar o milagre da coisa única.
3. Assim como todas as coisas se formaram de uma coisa, pelo pensamento de uma coisa, também todas as coisas nascem dela, e por escolha.
4. Seu pai é o Sol, sua mãe é a Lua, o Vento a carrega no ventre, sua ama é a Terra.
5. É a autora de toda a perfeição em todo o Mundo.
6. O poder é forte quando mudado em Terra.
7. Separe a Terra do Fogo, o sutil do grave, com delicadeza e cuidado.
8. Ascenda da Terra ao Céu e desça novamente à Terra, para unir o poder das coisas mais altas com o das coisas mais baixas; e assim, você obterá a glória de todo o mundo, e as sombras o deixarão.
9. Ela tem mais força que a própria força, pois vence todas as coisas sutis e penetra todos os sólidos.
10. Assim o mundo se moldou.
11. Daí procedem as maravilhas que aqui se encontram.
12. Eu sou, portanto, Hermes Trismegisto, possuindo as três partes da filosofia do mundo.
13. Aquilo que eu tinha a dizer da operação do Sol é perfeito.



Alma do Mundo

Extraído de Utriusque cosmi maioris scilicet et minoris metaphysica atque technica historia,

de Robert Fludd (Oppenheim, 1617)



A Alma do Mundo

Grande parte da magia se baseia na premissa, geralmente implícita, de que o Universo é um único ser vivo consciente, dentro de cujo corpo todas as coisas subsistem. Esse ser cósmico era visto como um deus e chamado pelos antigos de Alma do Mundo. Será útil examinarmos algumas das qualidades dessa deidade, uma vez que nos ajudarão a compreender a teoria de magia de Agrippa.

Nos tempos clássicos e medievais, “mundo” significava “universo”. Isso deve ser explicado, pois o conceito pode se perder na perspectiva astronômica moderna de vastas distâncias, incontáveis estrelas e planetas, galáxias em constante movimento e infinito vazio. Até a poucos séculos atrás, o Universo era visto como um círculo achatado de terra e mar e o arco do firmamento, no qual se moviam os pequenos discos do Sol e da Lua, os cinco pontos vagantes de luz chamados planetas e algumas centenas de pontos fixos chamados estrelas.

Uma visão maior das coisas não era algo inédito - alguns filósofos especulavam que a Terra era uma

esfera e que o Sol tinha um tamanho muito grande, embora nunca imaginassem o quanto - mas, para a maioria das pessoas cultas, “Terra” e “mundo” eram ideias concêntricas, mas não muito dessemelhantes em alcance.

A doutrina da Alma do Mundo é expressa pela primeira vez em sua forma clássica por Platão. Seus escritos se tornaram o fundamento de todas as referências subsequentes. Escritores de épocas posteriores às vezes encobrem a distinção entre Alma do Mundo e a Grande Mãe, a deusa da Terra; nem sempre são claros quanto à natureza exata da Alma. Mas, em Platão, três coisas são distintas e lúcidas.

Para Platão, como ele relata em *Timaeus*, o deus superior foi o Criador, o que é incognoscível, eterno e perfeito, a “melhor das causas”. O mundo, criado à sua imagem, é necessariamente belo, e a beleza do mundo é um espelho para o esplendor do Criador. Desejando trazer ordem ao caos da esfera visível para que “todas as coisas fossem como ele mesmo é”, de pura bondade e livre de todo ciúme, ele fez surgir uma cópia de si mesmo, tão exata quanto possível, para

daí gerar toda e qualquer coisa secundária. As características dessa “melhor das criações” foram determinadas por sua natureza essencial.

Ele fez o mundo inteligente porque a inteligência é mais bela que ininteligência. Ele deu ao mundo uma alma porque a inteligência não pode residir onde não há alma. Ele pôs a alma em um corpo porque “aquilo que é criado é, por necessidade, corpóreo, e também visível e tangível”.

O mundo é um e não muito porque o Criador é um, e o mundo é sua imagem. Para que este mundo fosse visível, ele o moldou de Fogo. Para que fosse tangível, formou-o da Terra. Mas esses dois elementos não podiam se unir sem um meio, no sentido aritmético. Se o mundo fosse planar, um meio bastaria, mas, como era sólido, dois meios seriam necessários. Água e Ar eram necessários. O Fogo é para o Ar como o Ar é para a Água, e o Ar é para a Água como a Água é para a Terra.

E por esses motivos, a partir desses elementos que são em número de quatro, o corpo do mundo foi criado e harmonizado por proporção, tendo, portanto, o espírito de amizade, e estando em si conciliado, seria indissolúvel pela mão de qualquer um senão o próprio criador (Platão, *Timaeus* 32c [Hamilton & Cairns]).

O Criador formou o mundo na mais perfeita das formas, a esfera, “que encerra em si todas as outras figuras”. A superfície foi confeccionada com maciez perfeita, sem olhos, uma vez que nada havia para se olhar além do mundo; sem ouvidos porque nenhum

som externo havia para se ouvir; sem nariz porque não havia ar externo para se respirar; sem boca porque o mundo era autossuficiente, “seus próprios dejetos fornecendo sua alimentação, e tudo o que ele fazia ou sofria ocorrendo em si mesmo e por si mesmo”; sem mãos, uma vez que o mundo “não tinha necessidade de pegar coisa alguma nem se defender contra ser algum”; sem pés porque o movimento do mundo era uma rotação circular, sendo o mais adequado para sua forma esférica e mais apropriado para a mente e a inteligência.

No centro do corpo do mundo o Criador colocou a alma, que é mais velha que o corpo. Isso é evidente, uma vez que a alma governa o corpo e o Criador jamais permitiria que o mais jovem dominasse o mais velho. A alma se difunde de um modo especial por todas as partes do mundo, e também pelo “ambiente exterior dele”, e é feminina, a amante do corpo do mundo. Ela é moldada a partir de proporções numéricas harmoniosas, cuja mistura o Criador cortou em um X e dobrou, formando um círculo duplo, fazendo girar cada uma das partes em direção oposta, o círculo exterior para a direita e o interior diagonalmente para a esquerda. O círculo interior ele subdividiu em sete círculos desiguais nos quais se movem os sete planetas.

Só após ter “moldado a alma segundo a sua vontade”, o Criador formou dentro dela o mundo material e uniu os dois, centro a centro. O corpo do mundo é visível, mas a alma é invisível. É sendo composta do igual e do diferente, constituindo-se em três, e dividida e unida na proporção devida, e em suas revoluções

voltando-se sobre si mesma, a alma, ao tocar qualquer coisa que tenha existência, seja ela dispersada em partes ou não dividida, é movida em todos os seus poderes a declarar a igualdade ou a diferença de tal coisa e de alguma outra, e quais individuais são as coisas relacionadas, e por quais são afetadas, e em que sentido e como e quando, tanto no mundo da geração quanto no mundo da existência imutável (*Ibid.* 37a).

Desejando fazer o mundo uma cópia mais perfeita possível de si, o Criador colocou em ordem os céus e os fez mover de acordo com o número, fazendo surgir assim o tempo como uma imagem movente de sua própria eternidade. O tempo é um modelo defeituoso da eternidade porque a eternidade não se move, mas “repousa em unidade”. Platão diz: “Ora, a natureza do ser ideal era eterna, mas conferir tal atributo em sua plenitude a uma criatura era impossível”. Entretanto, o tempo foi o mais próximo que o Criador pôde criar. “Foi moldado segundo o padrão da natureza eterna - para que a ela se assemelhasse o máximo possível, pois o padrão existe a partir da eternidade, e o céu criado tem existido, existe e existirá em todo o tempo. Essa foi a vontade e a ideia de Deus na criação do tempo” (*Ibid.* 38b).

Para marcar e medir os números do tempo, o Criador colocou os sete planetas nas sete divisões irregulares do círculo interior da Alma do Mundo. Ele fez os deuses do Fogo e os colocou, segundo a figura do mundo, em um círculo “e os fez seguir o movimento inteligente do supremo, distribuindo-os por toda a

circunferência do céu, que deveria ser um verdadeiro cosmo ou glorioso mundo, todo deles reluzente” (*Ibid.* 40a).

A Terra, que é a ama da humanidade e a primeira e mais velha dentre os deuses no interior do céu, foi colocada no centro do Universo sobre o eixo do mundo, para ser “guardiã e artífice da noite e do dia”. O Criador despejou os elementos misturados com que tinha feito a Alma do Mundo, mas diluiu a mistura para o segundo e o terceiro graus, e a dividiu em almas iguais em número às estrelas fixas. Para cada alma ele designou uma estrela. Os deuses celestiais pegaram os quatro elementos do mundo e confeccionaram corpos para essas almas residirem, “não com as correntes indissolúveis que as prenderiam, mas com prendedores pequenos demais para serem visíveis” (*Ibid.* 43a). Almas que viviam como homens justos regressavam às suas estrelas. Almas que faziam o mal desciam para os corpos de animais.

Aquilo que é mais perfeito nos homens, o intelecto e a razão, foi abrigado em um corpo esférico, a cabeça, em imitação da esfera perfeita do mundo. Mas o resto do corpo foi confeccionado para se adequar às exigências da vida física. O homem recebeu pernas para se mover em seis direções - para trás, para a frente; direita, esquerda; para cima, para baixo. O sétimo movimento perfeito, a rotação em torno de um lugar, lhe foi negado por causa da sua imperfeição.

Foi necessário descer até o homem, na gênese de Platão em *Timaeus*, para que fosse mostrado o elo entre o homem, a Terra, a Alma do Mundo e o supremo Criador. Em outro lugar, em suas *Leis*, Platão diz mais coisas

acerca da natureza da Alma do Mundo que merecem consideração.

Ele define a Alma de modo conciso, como algo que tem movimento próprio, e a identifica como o “primordial surgimento e movimento de tudo o que existe, existiu ou existirá, bem como de todos os seus opostos, uma vez que ela se revelou como a causa universal de toda mudança e movimento” (*Leis* 896 a [Hamilton & Cairns]). Ele acrescenta que ela é “a primeira de todas as coisas nascidas”, o que corrobora o que diz em *Timaeus*; e que a Alma - significando toda a alma, ou a Alma do Mundo - é a causa do bem e do mal; e que ela move os céus; e que as almas individuais, ou partes da Alma, nos corpos celestes são estimadas como deuses.

Agrippa conhecia melhor os escritos de Hermes Trismegisto que os de Platão, se nos basearmos na qualidade de suas citações em *Filosofia Oculta*. A doutrina da Alma do Mundo se afigura de modo proeminente na Hermética, em vários sentidos importantes.

Hermes enfatiza a distinção feita por Platão entre tempo, que é a duração do mundo, e eternidade, a duração do Criador.

O Cosmos é sempre vivo; pois foi feito imortal pelo Pai, que é eterno. “Sempre vivo” não é o mesmo que “eterno”. O Pai não foi feito por outro; se é que ele foi feito, o foi por si mesmo; mas é mais correto dizer que ele não foi feito, e sempre existiu. Mas o Cosmos está sempre sendo feito [*Corpus Hermeticum* 8.2 (Scott, 1:175)].

Ele estabelece um elo entre Deus e o homem mais diretamente que

Platão, dizendo de maneira sucinta: “Há estes três, portanto - Deus, Cosmos e Homem. O Cosmos é contido por Deus, e o homem é contido pelo Cosmos. O Cosmos é filho de Deus; o homem é filho do Cosmo, e neto, por assim dizer, de Deus” (*Ibid.* 10.14b [Scott, 197]).

Cosmos, ou o mundo, é uma esfera, como se vê em Platão, mas Hermes, usando uma metáfora, o chama de “cabeça”. As coisas que estão mais próximas da superfície externa dessa cabeça, sua “membrana cerebral”, têm mais alma que corpos, sendo, portanto, imortais. As coisas mais perto do centro têm mais corpo que alma, e são mortais. Essas são as coisas vivas abaixo do círculo da Lua. “Assim, o universo é composto de uma parte que é material e uma parte que é incorpórea; e como o corpo é feito com uma alma dentro, o Universo é um ser vivo” (*Ibid.* 10.11 [Scott, 195]).

Continuando com o tema, Hermes observa que o mundo está em constante fluxo, a cada dia suas partes mudam, não sendo mais vistas; o mundo, porém, como um todo, nunca se decompõe. Ele enfatiza que as formas que mudam são formas do mundo em si, não apenas nele contidas, mas dele separadas. “E o Cosmos assume todas as formas; ele não contém as formas como coisas nele contidas, mas o próprio Cosmos muda.”

Em tudo isso, Hermes concorda com Platão. Em outro ponto, parece discordar; mas esse conflito é apenas superficial. Platão diz com todas as letras que a Alma do Mundo, como a mais perfeita imagem de Deus, é perfeitamente boa (*Leis* 898c; *Timaeus* 30b). Hermes assume uma posição oposta: “Pois o Cosmos é

uma massa de malignidade, assim como Deus é uma massa de bondade” (*Corpus Hermeticum* 6.4a [Scott, 169]). Mais adiante, ele parece se contradizer, dizendo: “O Cosmos não é, na verdade, mau, mas também não é bom, como Deus é bom; pois é material, e sujeito a perturbação” (*Ibid.* 10.10b [Scott, 195]).

Não há um conflito de ideias nessas frases, mas apenas uma ênfase diferente. Platão está se referindo à Alma do Mundo, a parte incorpórea da criação, como o maior bem dentre as coisas criadas, mas não quer dizer, com isso, que seja igual em bondade a Deus, cuja bondade está além da compreensão humana. Ela é, na verdade, o maior bem, ou a maior bondade, a que se pode aplicar o termo. Hermes prefere enfatizar a vasta diferença entre Deus e mesmo a mais perfeita de todas as coisas criadas. Isso ele faz, considerando a parte material do mundo, que é passível de mudança. Chama-a de malignidade para indicar que até mesmo o maior bem criado é o mal em comparação com o bem de Deus. Depois ele modera sua posição, distinguindo a alma do corpo do mundo. Nesse sentido, a alma é eterna; não é maligna no sentido humano do termo. Sendo o corpo sempre mutável, nunca poderá ser bom, conforme se aplica o termo ao Deus eterno.

Embora Hermes seja citado como se fosse um autor histórico, é óbvio que essas duas passagens foram escritas por autores diferentes, sendo a primeira muito mais influenciada pela doutrina cristã. Uma vez que há uma harmonia filosófica única por trás dos escritos herméticos, não é estranho afirmar que partes do

corpus tenham sido escritas em épocas diferentes, por várias mãos. Menciono isso para que o leitor não pense que o óbvio me tenha passado despercebido.

A opinião do estudioso romano Varro acerca da Alma do Mundo, preservada no comentário de Agostinho em sua *Cidade de Deus*, é menos abstrata, mais coloquial, como se esperaria de um indivíduo popularizador de ideias. Varro divide a Alma do Mundo em três graus. O primeiro grau da Alma é insensível, sendo no mundo madeira, pedras e terra, equivalente no homem a unhas, ossos e pelos. O segundo grau é sensível, sendo no mundo o Sol, a Lua e as estrelas equivalentes, no homem, aos ouvidos, olhos, nariz, boca e tato. O terceiro grau é intelectual, no mundo o éter (que Agrippa chama de Espírito do Mundo ou quintessência), equivalente no homem à mente. Esse último e mais alto nível da Alma é chamado, no mundo, de deus, no homem de Gênio - isto é, o anjo da guarda.

A Terra era considerada por Varro uma deusa, a qual a Alma do Mundo, aqui abordada como um deus, interpenetrava, engravidava e tornava frutífera. Como diz Agostinho: “a parte da alma do mundo (dizem eles) ‘contida nela a torna divina’” (*Cidade de Deus*, 7.23 [Healey]). De acordo com Varro, a parte masculina do mundo é chamada de Tellus, cujo poder é produzir, e a parte feminina Tellumo, cujo poder é receber. Os sacerdotes romanos acrescentam outros dois conceitos, dividindo o mundo em quatro poderes ou deidades. São eles Altor, que segundo Agostinho (ou, Varro) vem de *alo*, nutrir, pois a terra nutre todas as coisas; e

Rusor, de *rursus*, que todas as coisas retornam à terra. Embora Agostinho não diga, seria lógico associar Altor a Tellus e Rusor a Tellumo, formando pares respectivamente de produção e crescimento, e recepção e decaimento. Tudo isso Varro relata a respeito das crenças de seus contemporâneos e dos sacerdotes. Mas em outros pontos ele apresenta visões próprias, registradas por Agostinho (7,24):

Pois Varro, como que envergonhado de tal postura, diz que Tellus é apenas uma deusa. Eles a chamam (diz ele) de a grande mãe, e sua insígnia é sinal da forma redonda da terra: as torres na cabeça simbolizam as cidades: os tronos em volta dela, sua eterna estabilidade quando tudo o mais se move: seus *galli*, sacerdotes, significam que aqueles que não têm semente [os que foram castrados] devem seguir a terra que tudo contém; seus movimentos violentos [danças] aconselham aos lavradores da terra que não permaneçam no ócio, pois ainda há trabalho a ser feito. Os címbalos significam os barulhos com os ferros do arado, etc, na lavoura; são feitos de bronze, pois era assim que se faziam tais instrumentos antes da descoberta do ferro. O leão manso significava que a terra mais bruta poderia, por meio da lavoura, se tornar fértil. E ele acrescenta, enfim, que ela era chamada de mãe terra, e de muitos outros nomes, o que a levava a ser associada a muitos deuses.

Nesse relato em segunda mão de Agostinho, como em outros escritores, às vezes há uma distinção vaga entre a face ativa, oculta, masculina da

Alma do Mundo, e sua face receptiva, manifesta e feminina. A isso se acrescenta a confusão entre o mundo ou Universo e a Terra material. E a confusão surge porque eles não são poderes e corpos separados, mas um todo único, misturado e interpenetrado.

Platão deixa claro que a Alma do Mundo não é masculina nem feminina em si, mas recebe essas polaridades sobre sua superfície desnuda, assim como um espelho não é vermelho nem verde, mas reflete a cor que passa por ele:

E o mesmo argumento se aplica à natureza universal que recebe todos os corpos - que deve ser sempre chamada de igual, pois, como ela sempre recebe todas as coisas, nunca se afasta de sua natureza e jamais, de modo algum e em tempo algum, assume uma forma como qualquer coisa que nela entre; ela é o recipiente natural de todas as impressões, sendo por elas movida e formada, e tendo diferente aparência de tempos em tempos por causa delas (Platão, *Timaeus* 50b).

Platão costuma falar da Alma do Mundo como feminina, por causa de sua relação com o Criador, que imprime formas sobre a Alma, formas estas que são seus filhos (ver *Timaeus* 50d).

É evidente que Agostinho, no mínimo, compreendia a distinção entre o mundo e a Terra, quando vemos este lúcido e conciso sumário que ele faz da doutrina da Alma do Mundo, com base em Platão:

Eles [os platônicos] concordam também nisso, que os corpos terrestres não podem ser eternos, e no

entanto acreditam que toda a terra, a qual eles consideram uma parte central de seu grande deus (embora não do superior), o mundo, é eterna. Seu maior Deus fez, então, outro deus, maior que todo o resto abaixo dele, isto é, o mundo, e eles acreditam que este seja uma criatura com uma alma intelectual por meio da qual vive, tendo suas partes constituídas dos quatro elementos, cuja ligação o grande Deus (para evitar que o outro pereça) fez indissolúvel e eterna... (*Cidade de Deus*, 13,17).

A divisão trina da Alma, por Varro, em um grau insensível, outro sensível e um intelectual, parece corresponder à divisão de Platão de três naturezas que se imprimem na Alma:

... a primeira é que está em processo de geração; a segunda, aquela na qual ocorre a geração; e a terceira, aquela da qual a coisa gerada é uma semelhança naturalmente produzida. E nós podemos comparar o princípio receptivo a uma mãe, e a fonte ou origem a um pai, e a natureza intermediária a uma criança, e podemos observar ainda que, se o modelo deve assumir toda variedade de forma, então a matéria na qual o modelo é confeccionado não será devidamente preparada, a menos que seja informe e livre da impressão de qualquer uma das formas que deverá receber de fora (*Timeu*, 50c-d).

O grau insensível de Varro é a natureza receptiva de Platão, seu grau intelectual é a fonte platônica de geração, e o grau sensível é a natureza platônica intermediária das coisas geradas. Assim, o Sol, a Lua e as

estrelas são filhos nascidos da mãe, a Alma do Mundo, gerados pelo pai, o Criador.

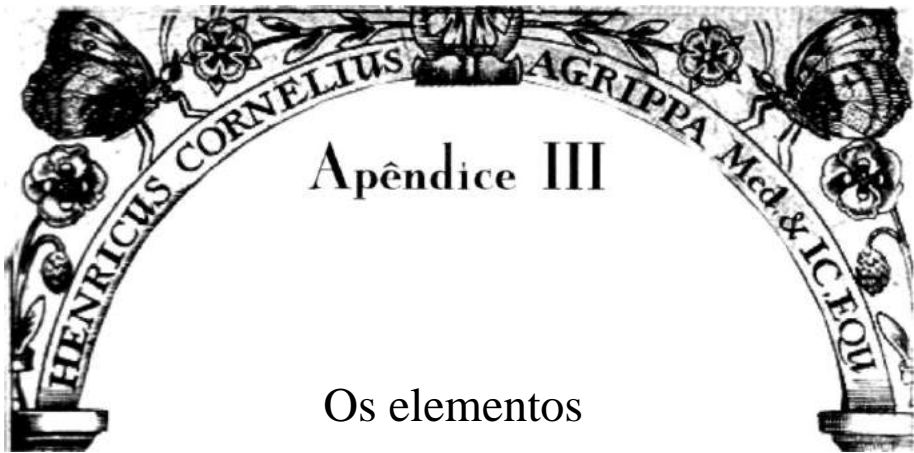
A afirmação de Varro de que o Sol, a Lua e as estrelas são os sentidos do mundo parece ser contradita por Platão, que explica que o mundo não tem sentidos (*Timeu*, 33-4). O motivo por que Platão nega com tanta veemência os sentidos do mundo é seu desejo de enfatizar que nada existe fora ou à parte do mundo. Os sentidos do mundo segundo Varro são voltados para dentro e parecem inspirados por considerações astrológicas. Se o Sol, a Lua e as estrelas devem guiar os destinos dos homens, precisam estar cientes do que os homens estão fazendo.

Implícita nessa noção de Varro se encontra uma separação entre os homens e a Alma do Mundo. Sua Alma do Mundo deve olhar para dentro para conhecer o que transpira na Terra. Platão teria dito que isso era desnecessário. A Alma do Mundo se difunde igualmente através de todo ponto em sua esfera, permitindo-lhe ter consciência das ações dos homens, como de seus próprios pensamentos - os quais, a propósito, não são como os pensamentos dos homens, mas, como nos diz Hermes, “mais poderosos e menos diversificados” (*Corpus Hermeticum*, 9.6 [Scott, 183]).

Para concluir, podemos mencionar a sobrevivência dessa doutrina até os tempos modernos. O que é a Mãe Natureza senão a “grande mãe” de Varro, a deusa de toda a Terra em seu princípio unificador e vivificador? Aquele que a engravida - o grau intelectual, segundo Varro, ou a fonte de geração, citada por Platão - é oculto,

raramente mencionado em sua mitologia popular e, no entanto, em constante atividade, como se nota em sua incessante fecundidade. Em tempos recentes, a ciência descobriu Gaia e a fez respeitável, defendendo a teoria de que a Terra física não formou a vida,

mas sim a vida formou a Terra, modificando seu clima, atmosfera e superfície. Essa teoria, nova no Ocidente, tem milhares de anos no Oriente, onde a deusa hindu Shakti, ou poder manifesto, se torna fecunda pela ação de Shiva, a consciência universal imutável.



Os elementos

Tesse exame dos elementos se baseia no tratado incompleto de Ocelo Lucano, *Da natureza do universo*, em *Sobre a geração e corrupção* de Aristóteles, e *Timaeus* de Platão. A maioria dos críticos modernos considera falsa a obra atribuída a Ocelo, acreditando que tenha se baseado em Aristóteles e sido escrita por volta de 150 a.C. Tal visão não é infundada. Entretanto, os escritores mais antigos afirmavam que a obra atribuída a Ocelo era genuína e que Aristóteles havia tirado dela muitas de suas ideias a respeito dos elementos. Nesta breve análise, qual obra foi composta primeiro não é importante; por isso, a opinião mais antiga, que Agrippa deve ter compartilhado, foi aqui adotada.

Nesta breve análise, qual obra foi composta primeiro não é importante; por isso, a opinião mais antiga, que Agrippa deve ter compartilhado, foi aqui adotada.

O filósofo pitagórico Ocelo Lucano afirma que a primeira coisa necessária para o mundo da geração existir é um fundamento primordial, uma base, ou matéria da qual todas as

formas ou qualidades das coisas são moldadas. Esse estrato subjacente não tem qualidades tangíveis em si. Ocelo diz que tem a mesma relação com a forma que o silêncio tem com o som, a escuridão com a luz, ou a água pura com o gosto: "... na matéria [o substrato intangível], todas as coisas anteriores à geração se encontram em capacidade, mas elas existem em perfeição quando são geradas e recebem sua devida natureza" ("On the Universe". In *Ocellus Lucanus*, tradução de Thomas Taylor [Los Angeles: Philosophical Research Society [1831], 1976], 11-2).

Seguindo Ocelo, Aristóteles enfatiza o detalhe de que esse primeiro fundamento das coisas não pode ser tangível em si.

Erram, no entanto, aqueles pensadores que postulam, além dos corpos que mencionamos, uma matéria única - e ainda corpórea e separável. Pois esse "corpo" de que falam não poderia existir sem uma "contrariedade perceptível". Esse "Ilimitado", que alguns pensadores identificam como o "real original", deve ser ou leve ou pesado, ou frio ou quente.... Nossa doutrina é que, embora exista uma matéria dos corpos perceptíveis (uma ma-14

téria da qual os assim chamados “elementos” surgem), ela não possui uma existência separada, mas está sempre comprometida com uma contrariedade (*Sobre a geração e a corrupção* 2.1 [McKeon]).

Quanto à opinião de Platão acerca dessa matéria primária, ver *Timaeus* 50b-d, citado no apêndice II, p. 923.

A segunda coisa necessária para um mundo de geração é a contrariedade, que Ocelo considera premente por dois motivos: que a mudança ocorra nas formas impressas em matéria primária passiva, e que poderes opostos não podem se juntar e anular - ou seja, a existência subjacente da contrariedade mantém os poderes opostos como quente e frio de se juntar e se neutralizar mutuamente, resultando em uma insipidez uniforme.

Essências, ou elementos, são a terceira coisa necessária para um mundo de geração. São eles Fogo, Ar, Água e Terra. Atribuídos a eles são os respectivos poderes de quente, úmido, frio e seco. Ocelo diz: “Mas as essências diferem dos poderes; pois as essências são corrompidas no local uma pela outra, e os poderes não se corrompem nem se geram, pois seus motivos são incorpóreos” (*On the Universe* [Taylor, 12]). Sobre essa distinção escreve Aristóteles: “... pois esses corpos [elementos] se transformam uns nos outros (não são imutáveis como Empédocles e outros pensadores afirmam, uma vez que uma ‘alteração’ teria sido impossível), enquanto as contrariedades [poderes] não mudam” (*Geração e corrupção* 2.1).

Dois desses poderes, quente e frio, são ativos e, como diz Ocelo,

“subsistem como causas e coisas de uma natureza efetiva...” (*On the Universe* [Taylor, 12]), enquanto os outros dois, seco e úmido, são passivos. Como Aristóteles explica: “Por outro lado, quente e frio, e seco e úmido, são termos dos quais o primeiro par implica poder de agir e o segundo par, susceptibilidade” (*Geração e corrupção* 2.2).

Esses quatro são os poderes primários, ou as contrariedades, dos tangíveis. Deles surgem outros 12, totalizando 16, todos os quais afetam o sentido do tato. Aristóteles explica:

Procuramos, enfim, “fontes originárias”, de corpo perceptível; e como “perceptível” equivale a “tangível”, e “tangível” é o sensível ao tato; é claro que nem todas as contrariedades constituem “formas” e “fontes originárias” de corpo, mas apenas aquelas que correspondem ao tato. Pois é conforme a contrariedade - uma contrariedade, aliás, de qualidades tangíveis - que os corpos primários são diferenciados. É por isso que nem a brancura (e a negritude) nem a doçura (e a amargura), nem qualquer qualidade pertencente a quaisquer outras contrariedades constituem um “elemento” (*Geração e corrupção* 2.2).

Os 12 poderes elementares secundários são, em pares: pesado, leve; raro, denso; macio, áspero; duro, mole; fino, grosso; e agudo, obtuso (ou quebradiço, viscoso). Todos esses, segundo Aristóteles, derivam da umidade e secura, e podem ser reduzidos aos quatro poderes primários, mas não além disso. “Pois o quente não é essencialmente úmido ou seco nem o úmido é essencialmente quente ou frio; tampouco são o frio e o seco formas derivativas um do outro ou

de quente e úmido. Por isso, devem ser quatro” (*Ibid.*).

Se esses quatro poderes primários forem combinados em pares, resultam então seis pares. Contudo, dois deles, quente-frio e úmido-seco, são compostos de contrariedades que nunca podem se juntar, porque os opostos se recusam a se copular em estável harmonia, pois, como diz Aristóteles: “é impossível que a mesma coisa seja quente e fria ou úmida e seca” (*Ibid.* 2.3). Os quatro pares estáveis se apegam aos elementos de acordo com as qualidades manifestas desses elementos. O Fogo é quente e seco. O Ar é quente e úmido. A Água é fria e úmida e a Terra é fria e seca.

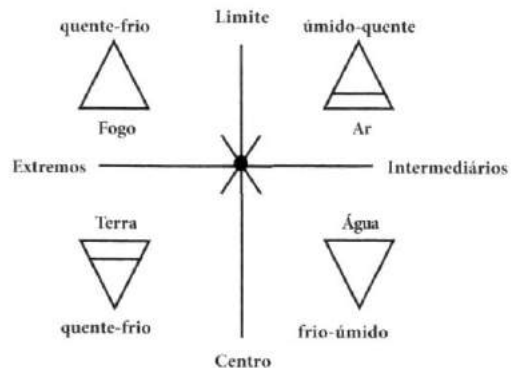
Ocelo atribui quatro dos poderes a cada elemento. O Fogo é quente, seco, raro e agudo. O Ar é molde, macio, leve e fino. A Água é fria, úmida, densa e obtusa. A Terra é dura, áspera, pesada e grossa. Entretanto, ao considerar os elementos de acordo com sua inter-relação, Ocelo concorda com Aristóteles, dizendo: “O Fogo, portanto, é quente e seco, mas o Ar é quente e úmido; a Água é úmida e fria, mas a Terra é fria e seca. Assim, o calor é comum ao Ar e ao Fogo; o frio é comum à Água e à Terra; a secura, à Terra e ao Fogo; e a umidade, à Água e ao ar” (*On the Universe* [Taylor, 14]).

Ocelo fala ainda da peculiaridade de cada elemento, dizendo: “o calor é a peculiaridade do Fogo, a secura da Terra, a umidade do Ar, e a frigidez da Água” (*Ibid.* 15). Aristóteles tem a mesma posição: “Todavia, sendo em número de quatro, cada um deles [cada elemento] é caracterizado por excelência por uma qualidade única: a Terra pela secura em vez do frio; a Água pelo frio em vez da

umidade; o Ar pela umidade em vez do calor; e o Fogo pelo calor em vez da secura” (*Geração e corrupção* 2.3).

Os elementos podem ser divididos em um número de pares contrastantes. Fogo e Ar expandem e sobem, e são, segundo Aristóteles, “formas do corpo se movendo em direção ao limite” (*Ibid.*). Em contraste, Terra e Água se contraem e caem, e são “formas do corpo que se move em direção ao centro” (*Ibid.*). Fogo e Terra formam o par de extremos, porque, na ordem natural dos elementos, o Fogo sobe ao topo e a Terra cai ao fundo. Aristóteles diz que eles são “os mais puros”. Água e Ar, por outro lado, formam o par de intermediários e são “mais como misturas”. Também “os membros de qualquer um dos pares são contrários àqueles do outro. A Água é contrária ao Fogo e a Terra ao Ar” (*Ibid.*). Isso significa que os poderes do Fogo, que são quente-frio, são contrários aos poderes da Água, que são frio-úmido, o mesmo acontecendo com o Ar e a Terra.

Esses pares podem ser ilustrados com um simples diagrama. Poderes contrários são indicados pelas diagonais:



Devemos fazer a pergunta: por que os elementos são em número de quatro? Embora seja tentador responder como o rei Lear ao Bobo, quando este lhe perguntou por que os planetas são em número de sete (“Porque não são oito”), há uma resposta mais útil, baseada em Aristóteles. Ele diz que todos os filósofos postulam um, dois, três ou quatro elementos. Aqueles que defendem a existência de um único elemento dizem que ele gera graças à ação da condensação e rarefação, ou frio e calor - portanto, na verdade, propõem dois elementos, e a coisa única de que falam é a matéria subjacente, ou “recipiente universal” de Ocelo. Outros, como Parmênides, que postulam dois elementos, os extremos Fogo e Terra, fazem dos intermediários Água e Ar as misturas. Já os que postulam a existência de três elementos simplesmente combinam os intermediários, e assim diferem muito pouco dos que afirmam que os elementos são em número de dois. Por fim, há os filósofos que desde o início dizem que há quatro elementos, como Empédocles - que os reduzem, porém, a dois, colocando todos os outros como opostos ao Fogo.

Aristóteles não considera por que ninguém postula cinco ou mais elementos. Talvez presuma que essa pergunta seja desnecessária. No entanto, a quintessência, ou éter, chamada por Agrippa de o Espírito do Mundo, às vezes é tratada como um quinto elemento, como o nome implica (*quine*: cinco), não sendo por acaso atribuída ao quinto sólido platônico, o dodecaedro, que, segundo Platão, “Deus usou na delineação do Universo com figuras de animais” (*Timaeus*, 55c).

Em *Epinomis*, Platão trata o éter como um dos elementos, colocando-o entre o Fogo e o Ar:

Ao lado do fogo, nós colocaremos o éter, presumindo que a alma forma dele criaturas que, assim como as outras espécies, têm no principal caráter de sua substância, embora em menor quantidade das outras espécies como veículos de união, e que depois do éter a alma cria outra espécie de criatura a partir do ar e uma terceira da água (*Epinomis*, 984b-c [Hamilton & Cairns]).

Entretanto, tal noção não parece compatível com o tom de *Timaeus*, e a própria autoria de *Epinomis* é duvidosa.

Aristóteles afirma que os elementos surgem um do outro, e cada elemento pode dar origem a qualquer outro elemento.

É evidente que todos eles podem, por natureza, se transformar uns nos outros, pois a transformação é uma mudança em contrários e a partir de contrários, e todos os “elementos” envolvem uma contrariedade em suas relações mútuas porque suas qualidades distintas são contrárias.... É evidente, portanto, que, se nós os considerarmos em geral, cada um é por natureza passível de surgir a partir de todos os outros... (*Geração e corrupção*. 2.4),

Como se poderia esperar, Ocelo concorda perfeitamente com a visão de Aristóteles.

Ocelo e Aristóteles dividem as transformações de elementos em três grupos.

A primeira espécie de transformação ocorre entre elementos que têm um poder em comum. Essa é a mais rápida e fácil mudança, pois só

um elemento precisa ser convertido ou vencido para se transformar no elemento que o contém. É a mudança mais frequente na natureza.

O Fogo (quente-seco) se transforma em Ar (úmido-quente) se a secura no Fogo for vencida pela umidade. O ar (úmido-quente) se transforma em Água (frio-úmido) se o calor no Ar for vencido pelo frio. A Água (frio-úmido) se transforma em Terra (seco-frio) se a umidade da Água for vencida pela secura. A Terra (seco-frio) se transforma em Fogo (quente-seco) se a frieza da Terra for vencida pelo calor.

Aristóteles diz: “É evidente, portanto, que a transformação de corpos simples será cíclica; e esse método cíclico de transformação é o mais fácil porque os elementos consecutivos contêm fatores complementares intercambiáveis” (*Geração e corrupção*, 2.4). Por “consecutivos”, ele se refere aos elementos em sua ordem natural de separação, um acima do outro. E por “fatores complementares”, implica o poder partilhado em cada par.

Embora esteja implícito, Aristóteles não afirma se esse ciclo de transformação flui em ambas as direções. Ocelo é mais explícito nesse ponto:

Assim, quando a umidade no ar derrota a secura no fogo, mas a frigidez na água, o calor no ar, a secura na terra, a umidade na água, e vice-versa, quando a umidade na água derrota a secura na terra, o calor no ar, a frigidez na água e a secura no fogo, a umidade no ar, então são efetuadas as mutações e gerações dos elementos de um em outro (*On the Universe* [Taylor, 15]).

O Fogo (quente-seco) se transforma em Terra (seco-frio) se o calor do Fogo for vencido pelo frio. A Terra (seco-frio) se transforma em Água (frio-úmido) se a secura da Terra for vencida pela umidade. A Água (frio-úmido) se transforma em Ar (úmido-quente) se a frieza da Água for vencida pelo calor. O Ar (úmido-quente) se transforma em Fogo (quente-seco) se a umidade do Ar for vencida pela secura.

A *segunda espécie* de transformação ocorre entre elementos sem quaisquer poderes em comum. Aristóteles diz que, embora isso seja possível, é mais difícil porque envolve a mudança de mais qualidades e leva, por isso, mais tempo.

O Fogo (quente-seco) se transforma em Água (frio-úmido) quando o calor do Fogo é vencido pelo frio e a secura do Fogo é vencida pela umidade. O Ar (úmido-quente) se transforma em Terra (seco-frio) quando a umidade do Ar é vencida pela secura e o calor do Ar é vencido pelo frio.

A Água (frio-úmido) se transforma em Fogo (quente-seco) quando o frio da Água é vencido pelo calor e a umidade da Água é vencida pela secura. A Terra (seco-frio) se transforma em Ar (úmido-quente) quando a secura da Terra é vencida pela umidade e quando o frio da Terra é vencido pelo calor.

A *terceira espécie* de transformação ocorre quando dois elementos se combinam para formar um único terceiro elemento. Nas duas espécies anteriores, nós estávamos considerando um único elemento, o qual se transformava em outro quando um ou ambos de seus poderes eram convertidos. Aqui estamos tratando dois

elementos unidos de modo que um poder em um elemento anule, ou, como diz Ocelo, “corrompa” um poder no outro, deixando apenas um único par de poderes, que combinam como um único elemento.

Fogo (quente-seco) mais Água (frio-úmido) se transformam em Terra (seco-frio) quando a umidade do Ar e o frio da Terra passam, mas se transformam em Água (frio-úmido) quando o calor do Ar e a secura da Terra passam.

Ar (úmido-quente) mais Terra (seco-úmido) se transformam em Fogo (quente-seco) quando a umidade do Ar e o frio da Terra passam, mas se transformam em Água (frio-úmido) quando o calor do Ar e a secura da Terra passam.

Não é possível formar um único elemento novo combinando dois elementos consecutivos dessa maneira, porque o resultado será ou poderes contrários, que não podem coexistir, ou um poder único, que em si não constitui um elemento. Por exemplo, se os elementos consecutivos Fogo (quente-seco) e Ar (úmido-quente) forem combinados, e a secura do Fogo e a umidade do Ar passarem, restará o calor do Fogo e o calor do Ar, o que não é um elemento e sim um único poder; se o calor do Fogo e o calor do Ar passarem, restará a secura do Fogo e a umidade do Ar, poderes contrários que não podem coexistir; se o calor do Fogo e a umidade do Ar passarem, restará a secura e o calor, que constituem Fogo; se a secura do fogo e o calor do Ar passarem, restará calor e umidade, que constituem Ar.

Na verdade, transformar dois elementos consecutivos em um terceiro elemento requer que mais de um

poder em cada um passe. Por exemplo, para transformar Fogo (quente-seco) e Ar (úmido-quente) em Água (frio-úmido), a secura do Fogo deve passar, e também o calor do Ar, e, além disso, o calor do Fogo deve ser convertido em frio. Aristóteles considera isso possível, mas como se trata da classe mais envolvida de transformação, é a menos comum.

Em sua abordagem dos elementos, Aristóteles faz uma rápida referência à opinião de Platão de que nem todos os elementos podem ser transformados em outros, descartando-a com um breve comentário: “Ora, já foi comprovado que eles devem sofrer transformação recíproca” (*Geração e corrupção*, 2.5). Mas ele não se dá ao trabalho de citas as razões de Platão. Como o parecer de Platão é, no mínimo, tão importante quanto o de Aristóteles, não pode ser ignorado desse jeito, e sim receber a devida consideração.

A maior parte do que Platão tem a dizer acerca dos elementos está em seu *Timaeus*. Ele começa especulando quanto ao porquê dos elementos serem necessários, e conclui que a tangibilidade do mundo assim o exigiu:

Ora, aquilo que é criado é necessariamente corpóreo, e também visível e tangível. E nada é visível quando não há fogo, nem tangível sem solidez; e nada é sólido sem terra. Por isso, Deus, no princípio da criação, fez o corpo do Universo consistido de fogo e terra (*Timaeus*, 31b).

Tendo chegado a esses extremos, ele diz que é necessário existir uma terceira coisa que funcione como elo entre eles, como uma espécie de meio

numérico. “E o melhor elo é aquele que faz a mais completa fusão de si com as coisas que ele combina, e a proporção é mais bem adaptada para efetuar tal união” (*Ibid.* 31c). Um meio ou elemento unificador, porém, não é suficiente.

Se a estrutura universal tivesse sido criada como uma superfície apenas, sem profundidade, um único meio bastaria para unir-se a si mesmo com os outros elementos, mas como o mundo deve ser sólido, e os corpos sólidos são sempre compactados não por um meio, mas por dois, Deus colocou a Água e o Ar no meio entre o Fogo e a Terra, e os fez com a mesma proporção até quanto fosse possível - como o Fogo é para o Ar, o Ar é para a Terra, e como o Ar é para a Água, a Água é para a Terra - e assim ele uniu e moldou um céu visível e tangível (*Ibid.* 32a-b).

Para compreender o que Platão diz, será melhor recorrermos a Proclo e seu *Comentário sobre o Timaeus*. Primeiro, Proclo desconsidera aqueles que atribuem apenas um poder a cada elemento; ou seja, calor ao Fogo, frio ao Ar, umidade à Água e secura à Terra. “Pois é impossível que as coisas sejam co-adaptadas entre si quando possuem os poderes mais contrários, a menos que tenham algo em comum” (*Comentário sobre o Timeu*, citado em uma extensa nota por Taylor em Ocelo *On the Nature of the Universe* [Taylor, 34]).

Após descartar a teoria dos elementos com um único poder, ele ataca aquela que postula que elementos são baseados em dois poderes, citando especificamente Ocelo e seu tratado *Da natureza*.

O primeiro ponto enfatizado é que a teoria dos dois poderes resulta em elementos que são igualmente hostis e harmoniosos entre si:

Que tipo de mundo, portanto, subsistirá daí? Que ordem haverá nas coisas que não têm qualquer arranjo e são alheias, e nas que são aliadas e co-arranjadas? Pois as coisas que são em igual grau hostis e em paz acabarão por se dissolver e constituir comunhão. Mas, sendo essa comunhão também dissolvida e implantada, o Universo não poder existir mais do que não existir (*Comentário sobre o Timaeus* [Taylor, 35]).

Seu segundo ponto é que, no sistema de dois poderes de Ocelo e Aristóteles, aqueles elementos naturalmente mais distantes um do outro, Fogo e Terra, não recebem a atribuição dos poderes mais contrários, como é lógico de se esperar. Que o Fogo e a Terra são os elementos mais contrários é algo que se pode observar na natureza. “Como, enfim, ela dispôs os movimentos desses elementos, uma vez que o fogo é o mais leve e tende para o alto, enquanto a terra é o mais pesado e tende para baixo? Mas de onde vieram os movimentos daqueles que são mais contrários, se não da natureza?” (*Ibid.*, 35). Entretanto, diante dessa oposição natural, esses filósofos atribuíram os poderes mais contrários ao Ar (úmido-seco) e à Terra (seco-frio), e ao Fogo (quente-seco) e à Água (frio-úmido).

E isso pode levar alguns a se surpreenderem com Aristóteles, que, ao discorrer sobre o movimento, coloca a terra como o elemento mais contrário ao fogo; mas, quando fala dos poderes, ele pensa que as mais

remotas das naturezas semelhantes são mais amistosas [Fogo (quente-seco) e Terra (seco-frio) compartilham do poder da *secura*] que aquelas que são próximas, quando movidas por movimentos mais contrários [Fogo (quente-seco) e Água (frio-úmido) e Ar (úmido-quente) e Terra (seco-frio) são separados só por um elemento], (*ibid.*, 36)

O terceiro ponto enfatizado, pertinente à citação de Platão, é que, se aceitarmos que os elementos são sólidos, não é possível que se unam apenas por um meio. “Portanto, aqueles que afirmam tais coisas não falam sob um ponto de vista matemático nem físico, mas caem inevitavelmente no erro, em ambos os aspectos. Pois as entidades físicas são derivadas das matemáticas” (*ibid.*).

Isso parece obscuro, mas na verdade é muito simples. Como existem três dimensões de espaço - comprimento, largura e altura - e os sólidos existem no espaço, eles têm relação numérica com números cúbicos ($2 \times 2 \times 2 = 8$), assim como as superfícies planas, com apenas duas dimensões de comprimento e largura, são relacionadas a números quadrados ($2 \times 2 = 4$). Os dois menores cubos, 8 ($2 \times 2 \times 2$) e 27 ($3 \times 3 \times 3$), que possuem grande importância nas doutrinas pitagórica e platônica, têm *dois* meios, que são 12 e 18. Portanto, 8 está para 12 como 12 está para 18, e 12 está para 18 como 18 está para 27. Cada número é maior que o número precedente, por sua metade.

A importância desses números fica evidente quando os relacionamos com os três poderes de cada elemento que Proclo extrai de Platão. Ele diz:

Timaeus [o suposto narrador de *Timaeus*], ou qualquer outro que o siga, não atribui apenas um nem dois poderes aos elementos, mas três; ao Fogo, a saber, tenuidade das partes, agudeza e facilidade de movimento; ao Ar, tenuidade das partes, Obtusidade e facilidade de movimento; à Água, densidade das partes, Obtusidade e facilidade de movimento; e à Terra, densidade das partes, Obtusidade e dificuldade de movimento. Mas essa ordem é para que cada um dos elementos possa ter dois poderes, cada qual comum ao elemento colocado ao seu lado, e um poder diferente, assim como se demonstra nos números e figuras matemáticas, sendo esse poder diferente assumido desde um dos extremos; e também a ordem é para que a terra, de acordo com todos os poderes, possa subsistir opostamente ao fogo; e para que os extremos tenham dois meios, e as quantidades continuadas duas; o último tendo sólidos como meios, mas o primeiro, poderes comuns (*ibid.*, 36-7).

Essa relação fica mais clara se observarmos esta simples tabela:

\triangle sutil - agudo - rápido	$2 \times 2 \times 2 = 8$
\triangleleft sutil - obtuso - rápido	$2 \times 3 \times 2 = 12$
∇ denso - obtuso - rápido	$3 \times 3 \times 2 = 18$
∇ denso - obtuso - lento	$3 \times 3 \times 3 = 27$

Após afirmar sua posição quanto à origem dos elementos e sua relação, Platão repete a opinião comum e aceita de que todos os quatro elementos são mutáveis:

Em primeiro lugar, nós vemos que aquilo que agora chamamos de água, por condensação, suponho, se torna pedra e terra, e esse mesmo

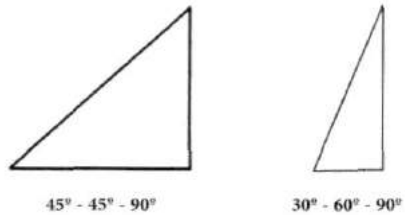
elemento, quando derretido e disperso, passa para o vapor e para o ar. O ar, por sua vez, quando inflamado, torna-se fogo, e depois, quando condensado e extinguido, passa mais uma vez para a forma de ar, e novamente, o ar, coletado e condensado, produz nuvem e névoa - e delas, em compressão ainda maior, flui água, e da água surgem a terra e pedras mais uma vez - e assim a geração parece ser transmitida de um para outro em um círculo (*Timaeus*, 49c).

Essa, no entanto, não era a opinião de Platão. Ele crê que os elementos, como as coisas mais básicas, devem se formar a partir da mais simples e elegante forma geométrica, o triângulo:

Em primeiro lugar, como todos podem ver, Fogo e Terra e Água e Ar são corpos. E todo tipo de corpo possui volume, e todo volume deve necessariamente ser limitado por superfícies, e toda superfície retilínea é composta de triângulos, e há dois tipos originais de triângulos, ambos compostos de um ângulo reto e dois ângulos agudos; um deles tem em cada extremo da base metade de um ângulo reto dividido, com lados iguais, enquanto no outro o ângulo reto é dividido em partes desiguais, tendo lados desiguais (ibid. 53c-d).

A primeira figura referida é o triângulo isóscele de 45-45-90 graus, do qual só existe um. A segunda figura é o triângulo escaleno, que, segundo Platão, “existe em um número infinito”. Dessa miríade, Platão escolhe para os elementos o triângulo escaleno, que para ele é o mais belo.

“Ora, aquele que consideramos o mais belo de todos os muitos triângulos - e não precisamos falar dos outros - é aquele do qual o dobro forma um terceiro triângulo, que é equilátero” (ibid. 54a). Essa é a descrição do triângulo de 30-60-90 graus. Portanto, os blocos geométricos constituintes dos elementos são:



Essas formas deveriam ser familiares a todos, uma vez que estão incluídas em todos os instrumentos para desenho geométrico de uso escolar.

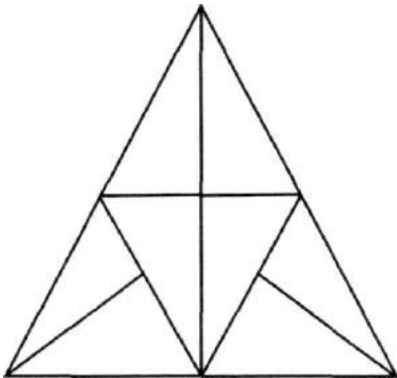
Platão esclarece:

Agora é hora de explicar o que foi dito antes, de modo obscuro. Era errado imaginar que todos os quatro elementos pudessem ser gerados por um ou outro ou mudados em um ou outro; essa era, afirmo, uma suposição errônea, pois são gerados dos triângulos que escolhemos quatro tipos - três daquele que tem os lados desiguais, só o quarto do triângulo isósceles. Assim, eles não podem ser todos resolvidos uns nos outros, um grande número de corpos pequenos se combinando em alguns pequenos, ou o contrário. Mas três deles podem ser resolvidos e compostos desse modo, pois todos surgem de um, e quando os corpos maiores são decompostos, muitos corpos pequenos deles surgem, assumindo figuras próprias. Ou

novamente, quando muitos corpos pequenos são dissolvidos em seus triângulos, pelo seu número total eles podem formar uma grande massa de outro tipo. E assim se resume sua passagem de um para outro, (ibid. 54c-d).

Dos dois triângulos mencionados, Platão constrói os cinco sólidos regulares, que por esse motivo são chamados de sólidos ou corpos platônicos. Platão os descreve como sendo as formas sólidas que distribuem em partes iguais e semelhantes todo o círculo no qual se encontram inscritas. Isso equivale a dizer que elas são simétricas em toda dimensão, no raio de seus pontos centrais.

O triângulo de 30-60-90 graus é combinado em grupos de seis, cada qual formando um único triângulo equilátero, assim:

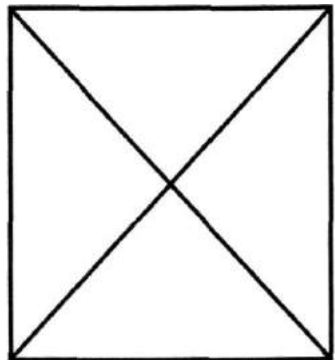


Quatro desses triângulos equiláteros compõem o tetraedro. Oito deles formam o octaedro. Vinte formam o icosaedro. A esses corpos, Platão atribui os três elementos que podem ser transformados um no outro, a saber, Fogo, Ar e Água. Ao Fogo é dado o tetraedro, porque dos três ele é o mais móvel, o menor e mais

agudo. Ao Ar, como intermediário dos três, é atribuído o octaedro, que é o segundo em mobilidade, tamanho e agudeza. A Água é dado o icosaedro, por ser este o menos móvel, o maior e o mais obtuso ou menos penetrante.

De todos esses elementos, aquele que tem menos bases deve ser necessariamente o mais móvel, pois precisa ser o mais agudo e penetrante em todos os sentidos, e também o mais leve, já que é composto do menor número de partículas semelhantes; e o segundo corpo tem propriedades semelhantes em um segundo grau; e o terceiro corpo, no terceiro grau (ibid. 56b).

O triângulo de 45-45-90 graus é combinado em grupos de quatro, cada qual formando um único quadrado, assim:



Seis desses quadrados compõem o cubo, ao qual Platão atribui aquele elemento não sujeito à transformação, Terra.

À Terra, então, atribuamos a forma cúbica, pois a terra é o mais imóvel dos quatro e o mais plástico de todos os corpos; e aquele que possui as mais estáveis bases deve necessariamente ser de tal natureza. Ora,

dos triângulos que escolhemos a princípio, aquele que tem dois lados iguais possui também, por natureza, bases mais firmes do que aquele que tem lados desiguais; e das figuras compostas que se formam umas das outras, o quadrângulo equilátero plano [quadrado] tem necessariamente uma base mais estável que o triângulo equilátero, tanto no todo quanto nas partes (ibid. 55e).

O quinto sólido regular, o dodecaedro, é composto de 12 pentágonos. Platão diz muito pouco acerca desse corpo, apenas: “Havia ainda uma quinta combinação usada por Deus na delineação do Universo com figuras de animais” (ibid. 55c). O dodecaedro era visto com reverência pelos pitagóricos, e Eudemos chegou a dizer que o próprio Pitágoras o teria descoberto, além de outros quatro corpos regulares (ver Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos* 8.19). Na verdade, o tetraedro, octaedro e cubo com certeza já eram conhecidos muito antes da época de Pitágoras pelos egípcios, mas Pitágoras talvez tenha descoberto o dodecaedro e o icosaedro.

Ao dodecaedro os antigos atribuíam o Éter, a Quintessência (quinta essência) ou o Espírito do Mundo. O dodecaedro tem uma união mística com o cubo, e portanto com a Terra, por meio da geometria. Se uma linha for dividida em proporção extrema e média, toda a linha e o segmento terão as medidas respectivas das bordas de um cubo e dodecaedro inscritos concentricamente em uma única esfera. Jamblicus fala do Hípaso de Pitágoras, que, “por ter divulgado e descrito o método de formar uma

esfera a partir de 12 pentágonos, pereceu no mar, como uma pessoa ímpia...” (*Life of Pythagoras*, 18). Quem estiver curioso a respeito desse método, a propósito, deve consultar o décimo livro dos *Elementos*, de Euclides.

Baseando-se nessas formas subjacentes, Platão assim descreve as transformações dos quatro elementos:

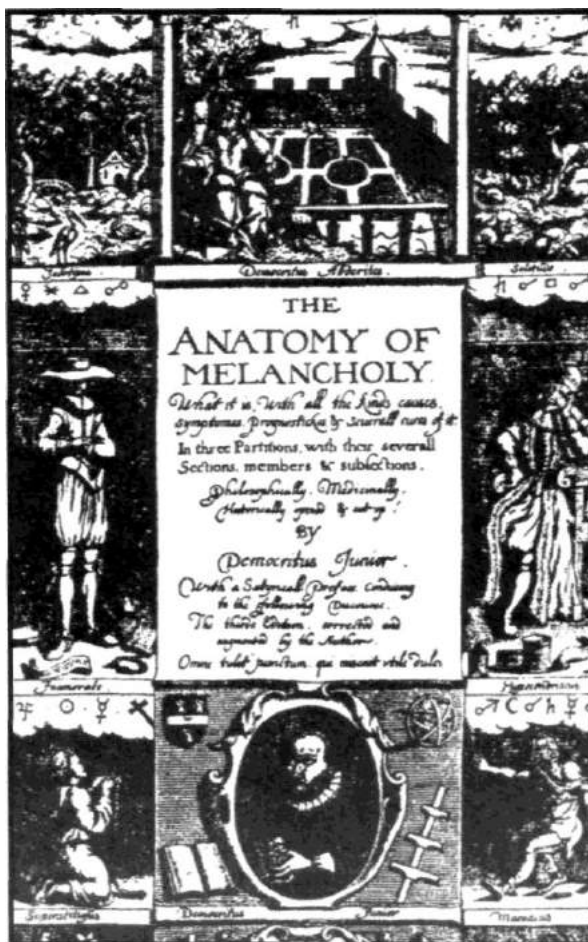
A Terra, ao se encontrar com o Fogo e ser dissolvida pela agudeza dele, aconteça essa dissolução no fogo em si ou talvez em alguma massa de ar ou água, é levada para lá e para cá até que suas partes, se encontrando e se harmonizando mutuamente, se tornem terra de novo, pois nunca podem assumir qualquer outra forma. Mas a Água, quando dividida pelo Fogo ou pelo Ar, ao se restaurar pode se converter em uma parte Fogo e duas partes Ar, e um único volume de Ar dividido se torna dois volumes de Fogo. Mais uma vez, quando um corpo pequeno de Fogo está contido em um corpo maior de Ar ou de Terra, e ambos estão se movendo, e o Fogo em luta é vencido e decomposto, então dois volumes de Fogo formam um volume de ar, e quando o ar é vencido e cortado em pequenos pedaços, duas partes e meia de ar se condensam em uma parte de água (*Timaeus*, 56d-e).

Por sua natureza, o Fogo, sendo mais móvel, agudo e penetrante, corta os outros elementos em triângulos componentes, que ou se dispersam ou são assimilados no Fogo. Em um grau menor, isso se aplica também ao Ar em relação à Água. O mais ativo

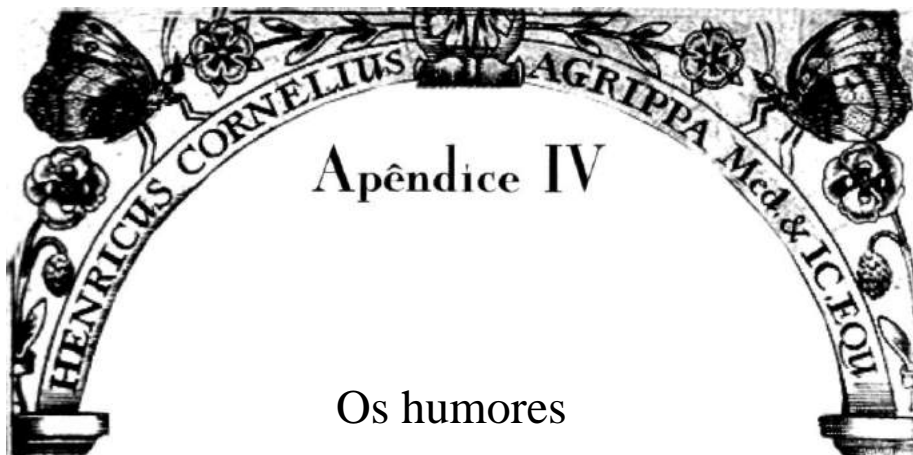
supera naturalmente o mais passivo. Para que a conversão dos elementos flua na direção oposta, do Fogo para o Ar, do Ar para a Água, pedaços pequenos e fracos do elemento mais ativo devem ser cercados e dominados por um volume maior do elemento mais passivo, que poderá, então, decompô-lo, e assimilar suas partes no caso do Ar e da Água, ou dispersá-lo no caso da Terra. A Terra pode ser decomposta pelos elementos mais ativos ou cercar e decompor uma quantidade menor de um elemento mais

ativo, dominando-o, mas a Terra nunca assimila nem é assimilada por outros elementos.

Essa discórdia fundamental entre Platão e Aristóteles quanto a serem todos os elementos convertíveis, ou apenas alguns, nunca se resolveu nos séculos posteriores, e é responsável por grande parte da confusão acerca das propriedades dos elementos. De um modo geral, a visão de Aristóteles ganhou maior apoio e permeou a Medicina e alquimia árabe, chegando à Europa na Idade Média.



Página-título de *The Anatomy of Melancholy*, de Robert Burton (Oxford, 1628)



Apêndice IV

Os humores



palavra “humor” deriva do latim *humorum*, que significa um fluido ou uma umidade. É nesse sentido que Shakespeare usa o termo em suas linhas tão citadas de *Júlio César*:

Estará Brutus doente, e será físico
Caminhar desprotegido e sugar os
humores da úmida manhã? O quê!
Estará Brutus doente, e se esgueirá
da segurança de seu leito para
confrontar o vil contágio da noite, e
desafiar o reumático e insalubre ar,
Agravando assim sua doença?

(Ato 2, seq. 1, linhas 261-7).

No mesmo sentido, Ben Jonson define humor em sua peça *Every Man Out of His Humour*.

O humor, por definição,
É uma qualidade do ar e da água;
E guarda em si essas duas propriedades
De umidade e fluidez: pois, para
demonstrar,
Que seja derramada água no chão. Ela o
molhará e escorrerá.
Do mesmo modo, o ar espremido por
uma corneta ou trombeta

Flui instantaneamente, e deixa atrás
Uma espécie de orvalho, quando então se
conclui
Que tudo aquilo que tiver fluidez e
umidade
Sem poder a si próprio conter
É humor. Portanto, em todo corpo
humano
A cólera, melancolia, fleuma e sangue
Pela razão de escorrerem continuamente
Em alguns são parte e não continentes
Recebem o nome de humores.

- A indução O autor mais citado na língua inglesa em relação ao tema dos humores, Robert Burton, também recorre à fonte da palavra logo no início de seu exame dos humores, em *Anatomy of Melancholy*: “Um humor é um líquido ou parte fluídica do corpo, nele compreendido, e para sua preservação...” (1.1.2.2.). Burton já fez a transição do fluido geral, ou vapor, para o fluido dentro do corpo, ou suco. Qualquer suco vegetal ou animal poder ser chamado de humor.

Agrippa se refere aos humores em um sentido médico mais estreito, derivado dos ensinamentos de Hipócrates e seus discípulos.

De acordo com esse sistema, existem dois tipos: inatos e adquiridos. Os inatos, com os quais todos nascemos e que são necessários para sustentar a vida, são em número de quatro, baseados nos quatro elementos de Fogo, Ar, Água e Terra. São chamados de humores primários, ou cardeais, e possuem os nomes de bile amarela ou cólera, sangue, fleuma e bile negra ou melancolia. Ninguém jamais conseguiu descrevê-los de maneira mais sucinta que Robert Burton, por isso apresento aqui sua descrição:

O sangue é um humor quente, doce, temperado e vermelho, preparado nas veias que levam o quilo até o fígado, feito das partes mais temperadas desse mesmo quilo, cuja função é nutrir todo o corpo, dar força e cor, sendo dispersado pelas veias por todas as partes do corpo. E dele são gerados os espíritos no coração, os quais são comunicados pelas artérias às outras partes.

Pituíta, ou fleuma, é um humor frio e úmido, produzido da parte mais fria do quilo (ou suco branco que vem da comida digerida no estômago), no fígado; sua função é nutrir e umedecer os membros do corpo que, assim como a língua, se movem, não se deixando secar demais.

A cólera é quente e seca, produzida das partes mais quentes do quilo, e acumulada na bÍlis: ajuda o calor natural e os sentidos, e serve para evacuar excrementos.

A melancolia, fria e seca, grossa, preta e amarga, produzida da parte mais feculenta da alimentação e purgada do baço, é uma espécie de rédea para os outros dois humores

quentes, sangue e cólera, preservando-os no sangue e nutrindo os ossos. Esses quatro elementos têm certa analogia com os quatro elementos e com as quatro idades do homem (*Ibid.* 1.1.2.2).

Os espíritos que Burton relaciona com o sangue compõem, junto aos humores, a categoria das partes contidas no corpo, em contraste às partes que contêm, tais como o coração, o fígado, ossos, etc. Burton define espírito como “um vapor muito sutil, que é exprimido a partir do sangue, e o instrumento da alma para executar todas as suas ações; um elo ou meio comum entre o corpo e a alma, como alguns preferem definir...” (*Ibid.*) Há três espíritos no corpo.

Os naturais são produzidos no fígado, e dali dispersados pelas veias para executar as ações naturais. Os espíritos vitais são feitos no coração dos naturais, e pelas artérias são transportados a todas as outras partes. Se os espíritos cessam, a vida cessa, como em uma síncope ou desmaio. Os espíritos animais, formados a partir dos vitais, são levados ao cérebro e difundidos pelos nervos entre os membros subordinados, dando sentido e movimento a todos eles (*Ibid.* 1.1.2.2).

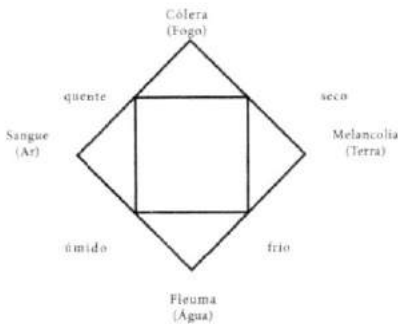
As “quatro idades do homem” referidas por Burton são, provavelmente, infância, juventude, maturidade e velhice, embora talvez ele tivesse em mente a Idade do Ouro, da Prata, do Bronze e do Ferro da humanidade. É fácil atribuir os humores a ambas as formas de idade, bem como a muitas outras divisões quádruplas do homem e da natureza.

Por exemplo, John Wycliff, escrevendo por volta de 1380, afirmou: “O sangue é o mais gentil dos humores, que responde ao amor de Deus, enquanto os outros humores no homem respondem a outros três amores”.

A relação entre os humores e os elementos é direta. Cada humor compartilha dos dois poderes de um dos elementos, de acordo com o esquema elemental de Aristóteles (ver Apêndice III):

Fogo (quente-seco) - Cólera
 Ar (úmido-quente) - Sangue
 Água (frio-úmido) - Fleuma
 Terra (seco-frio) - Melancolia

Com o diagrama abaixo, compreende-se melhor:



Cada triângulo do quadrado maior tem um elemento e um humor em seu ápice, e dois poderes contribuintes na base.

De acordo com as teorias médicas dos antigos gregos, em particular Avicena, e a partir deles, dos árabes, quando os humores se encontram em equilíbrio, o corpo goza de saúde perfeita. Cada humor verifica os efeitos prejudiciais dos outros humores, resultando em uma harmonia em todas as partes. A doença surge quando esse equilíbrio é perturbado. Platão define a situação nestes termos:

Ora, todos nós podemos ver como se originam as doenças. Há quatro naturezas das quais o corpo é compactado - terra e fogo e água e ar - e o excesso antinatural destes, ou a mudança de qualquer um deles de seu lugar natural para outro, ou, como existe mais de um tipo de fogo e dos outros elementos, a tomada de qualquer um deles de um tipo errado, ou alguma outra irregularidade semelhante, produz desordens e doenças. Pois quando qualquer deles é produzido ou transformado de modo contrário à natureza, as partes que antes eram frias esquentam, e as que eram secas ficam úmidas, e as leves se tornam pesadas, e as pesadas, leves; ocorre toda espécie de mudança (*Timaeus*, 82a).

Platão descreve alguns dos humores adoentados que surgem quando os humores cardeais caem em desequilíbrio, como o “fleuma ácido”, que ocorre quando “uma secreção de bile preta e ácida é... misturada pelo poder do calor com alguma substância salgada” (*ibid.*, 83c), e o “fleuma branco”, que é:

... formado pela liquefação de carne nova e fresca na presença de ar, se inflado e encerrado em líquido que forme bolhas, as quais são invisíveis separadamente por causa do diminuto tamanho, mas juntas adquirem uma massa que é visível e tem uma coloração branca, derivada da formação de espuma... (*Ibid.* 83d).

Desordens nos humores cardeais resultam em desordens na alma, que é ligada ao corpo e afetada pelo estado deste:

Pois quando o fleuma ácido e salgado e outros humores biliares e amargos vagam pelo corpo e não encontram uma saída, mas são comprimidos e misturam seus vapores com os movimentos da alma, sendo com ela mesclados, eles produzem todo tipo de doença, em número maior ou menor, e em todo grau de intensidade, e sendo levados aos três lugares da alma, onde podem agredi-la com severidade, criam infinitas variedades de mau temperamento e melancolia, precipitação e covardia, bem como de esquecimento e estupidez (*Ibid.* 86e-87a).

Desses desequilíbrios, que em termos práticos existem, em algum grau, em todas as pessoas, uma vez que nenhum ser humano é perfeito, surgem os quatro temperamentos do homem, o sanguíneo (correspondente ao sangue), o colérico (cólera), o fleumático (fleuma) e o melancólico (melancolia). Os dramaturgos da era elisabetana, como Shakespeare e Jonson, davam grande valor a esses tipos humanos. O homem admirável e feliz era aquele cujos humores viviam em harmonia. Um homem fora de seu humor tornava-se alvo de toda espécie de censura social e era considerado ridículo, sendo isso visto como um resultado natural e inevitável de sua falta de visão. Tal criatura não era tratada com piedade nem compreensão. A imagem perfeita do temperamento melancólico é Jaques, em *As You Like It*, de Shakespeare. O temperamento colérico é exemplificado em Hotspur, em *Ricardo II*. Já Bottom, em *Sonho de uma noite de verão*, é um tipo fleumático de alma. O personagem sanguíneo mais substancial de Shakespeare é o gentil Falstaff, em *Henrique*

IV: parte I e As alegres comadres de Windsor.

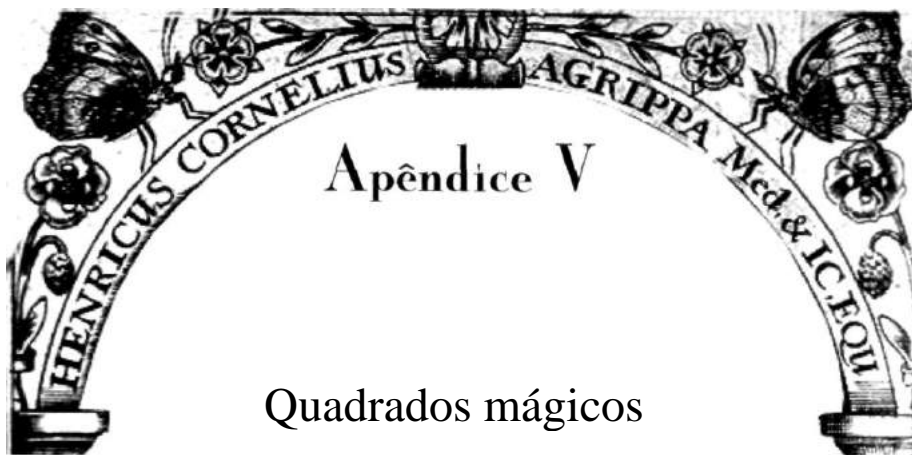
A pessoa colérica tem pavio curto, é competitiva, precipitada, audaciosa, ríspida, corajosa, ativa e tem o rosto ruborizado. Na astrologia, o planeta correspondente a essa disposição é Marte. O indivíduo sanguíneo é otimista, ativo, gentil, justo, alegre, bom e companheiro e tem compleição rosada. Seu planeta é Júpiter. Já o fleumático é lento, estólido, passivo, metódico, letárgico e tem o rosto pálido. Seu astro é a Lua. O melancólico é triste, mal-sucedido, desafortunado, insatisfeito, servil e tem compleição escura. Seu planeta é Saturno.

Devemos dar uma atenção especial à melancolia, porque era separada e recebia maior atenção por parte de alguns escritores, incluindo Agrippa. Por um lado, era a mais vil e feia de todos os temperamentos. Por outro lado, era vista como algo relacionado à inspiração divina que se apossava dos oráculos do mundo antigo. Francis Yates (*Occult Philosophy in the Elizabethan Age*, cap. 6) localiza essa segunda interpretação no 13º dos *Problemas*, obra atribuída a Aristóteles, em que a melancolia é descrita como sendo um humor, ou temperamento, de heróis e grandes homens. De acordo com essa teoria, o frenesi heroico, combinado com a bile negra, produz o gênio. Agrippa discorre sobre essa visão no capítulo LX, I. I.

Ainda com exemplos tirados de Shakespeare, o personagem que mais bem ilustra a loucura heroica da melancolia é Hamlet. Embora ele e Jaques sejam ambos possuídos pelo mesmo humor, são homens completamente diferentes. Hamlet é grande

alma envolvida em grandes eventos. Jaques é alma pequena - até se poderia dizer atrofiada - envolvida em futilidade, cujo único alívio está nas crises de “humor negro”. Mas a grandeza de Hamlet e outras melancolias heroicas é uma grandeza perigosa e te-

mível, beirando o desastre. Nenhum homem de humores equilibrados - Próspero, por exemplo, em *A tempestade* - assumiria por livre e espontânea vontade um gênio melancólico. É um dom, e uma maldição, dos deuses.



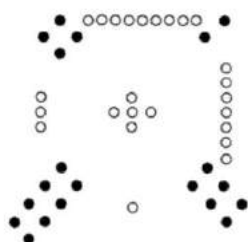
Quadrados mágicos

Um quadrado mágico em sua forma mais pura pode ser definido como uma série de números consecutivos começando com 1, disposto em uma grade quadrada de modo que cada fileira, coluna e diagonal desta tenha soma igual. Na série 1 a n , n é a base, raiz, módulo ou ordem do quadrado - sendo "ordem" o termo mais comum. Por exemplo, um quadrado de nove câmaras (1 a 3) é chamado de quadrado de ordem 3.

rastejou para fora do Rio Lo com o quadrado desenhado no casco. De acordo com o *I Ching*, "o Lo ofereceu a escrita da qual os sábios se aproveitaram". Em um comentário a respeito dessa frase, James Legge diz: "Ao sábio herói, ela sugeriu 'a Grande Planície, um documento interessante, porém místico, do mesmo clássico, 'de física, astrologia, adivinhação, moral, política e religião', o grande modelo para o governo do reino" (*I Ching*, traduzido por James Legge [Nova York: Dover, [1889] 1963], 17-8).

O quadrado mais antigo é o de ordem 3 *Lo Shu* (pergaminho de Lo) da China, que é usado nos manuscritos do *I Ching*, nesta forma:

Logo se vê que, quando os pontos são transformados em números, o



Lo Shu

Segundo a lenda, ele foi revelado ao imperador Yu por volta de 2200 a.C., quando uma tartaruga divina

4	9	2
3	5	7
8	1	6

resultado é um quadrado da ordem 3:

Os antigos chineses usavam esse símbolo para ilustrar a unidade dos princípios elementais. Na magia deles, como na ocidental, os números pares são passivos e femininos, enquanto os números ímpares são ativos e masculinos. Os números 4 e 9 representam o elemento Metal; o 3 e 8, Madeira; o 1 e 6, Água; e o 2 e 7, Fogo. O 5 central representa o elemento Terra. Cada um dos elementos nas células exteriores do quadrado tem um número ímpar e um par para a união do *yin* (feminino) com o *yang* (masculino).

A primeira aparição do Lo Shu como verdadeiro quadrado mágico ocorre perto do fim da dinastia Chou (951-1126). Sem dúvida, ele é mais antigo, podendo ser um produto das especulações numéricas e astrológicas dos antigos babilônios. Onde quer que surgissem quadrados mágicos, costumavam ser usados em ciências ocultas em todo o mundo, por séculos. Na Índia, eles aparecem inscritos em placas de prata como amuletos. Conjectura-se que os árabes, usando-os já no século IX com acessórios para a Astrologia, aprenderam os quadrados com os indianos e os transmitiram por meio de sua escrita mística e astrológica para o Ocidente. Um quadrado mágico aparece em uma obra hebraica de *Abraham ben Esdras*, datada do século XI. Skeat dá vários exemplos de quadrados mágicos da Malásia em sua *Malay Magic* (Skeat [1900] 1967, cap. 6, seção 12, 555-8); entretanto, não há como sabermos como seriam os quadrados malaios ou seu lugar de origem.

No início do século XIV, Manuel Moschopulus (apelido que significava “pequeno bezerro”),

um comentarista e gramático bizantino, escreveu um tratado devotado aos quadrados mágicos. Se levarmos em conta o fascínio perene do abade Trithemius por mensagens cifradas e enigmas, não é improvável que Agrippa conhecesse essa obra.

Não existem quadrados de ordem 2, e sim apenas um quadrado de ordem 3 que pode ser permutado 8 vezes. À medida que a ordem aumenta, o número de quadrados possíveis e suas permutações sobe de maneira marcante. Há 880 quadrados de ordem 4 com 7.040 formas possíveis. As permutações destes não foram calculadas.

O termo permutação é usado aqui em referência ao modo como qualquer quadrado pode ser tombado, invertido, refletido ou mudado de qualquer outra maneira, dando a impressão, a princípio, de que um novo quadrado foi feito. Sob um exame mais apurado, descobre-se que a estrutura essencial do quadrado permutado não mudou.

Há três classes de quadrados mágicos, cada uma das quais devendo ser tratada separadamente, uma vez que possui métodos distintos de construção.

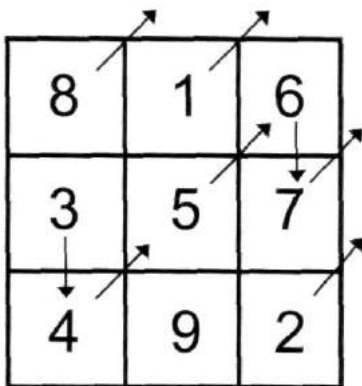
Quadrados ímpares

Quadrados ímpares são aqueles com uma ordem, ou raiz, ímpar. Os quadrados ímpares usados por Agrippa são de ordem 3, ordem 5, ordem 7 e ordem 9. Todos podem ser construídos com o uso das mesmas técnicas. Há várias maneiras populares de fazer quadrados ímpares. Descreveremos primeiro o modo mais comum, para mostrar como ele se relaciona à técnica usada por Agrippa.

Quadrados ímpares de qualquer ordem podem ser feitos com estes simples passos:

1. Construa a grade.
2. Coloque o número 1 na célula do meio da fileira de cima.
3. Coloque os números seguintes em ordem ao longo da diagonal subindo para a direita, exceto:
 - a. Quando chegar à fileira de cima, escreva o próximo número na fileira de baixo *como se estivesse sobre a fileira de cima*.
 - b. Quando chegar à coluna direita oposta, coloque o próximo número na coluna esquerda oposta *como se estivesse fora da coluna direita*.
 - c. Quando chegar a uma célula já preenchida, desça um quadrado e continue para cima e para a direita em diagonal, como antes.

Essas regras são difíceis de seguir no abstrato, mas se tornam simples quando aplicadas de forma gráfica a um quadrado:

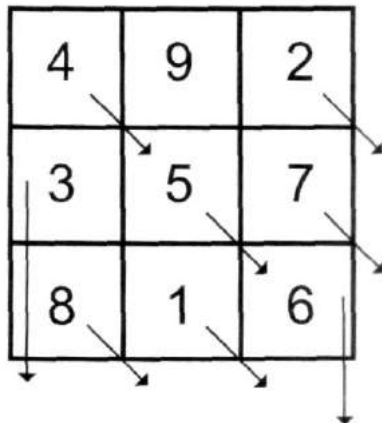


É mais simples pensar no quadrado como se estivesse dobrado ao mesmo tempo em um cilindro

horizontal e vertical, de modo que tanto a borda esquerda e a direita quanto a borda de cima e a de baixo se toquem. Quando cada anel diagonal de células nesse cilindro duplo é preenchida, os números caem para o anel seguinte até o quadrado ficar completo.

Agrippa usa uma técnica um pouco diferente, mas a essa relacionada, para fazer quadrados ímpares, produzindo um conjunto diferente de quadrados a partir daqueles produzidos pelo método citado, exceto, claro, no caso do quadrado de ordem 3, que apenas se reflete pelo método de Agrippa.

Ele começa colocando o número 1 na célula imediatamente abaixo da célula do meio do quadrado. Em seguida, ele escreve os números em ordem diagonal para baixo e à direita, levando-os da fileira de baixo de volta para a de cima, e da coluna direita de volta para a da esquerda, como já foi descrito no primeiro método. Mas, quando chega a uma célula preenchida, Agrippa pula *para baixo dois* quadrados. Com isso, chegando à parte mais baixa do quadrado, ele retorna ao topo:



Quadrado de Saturno de Agrippa

Pode-se logo ver que o quadrado de Saturno de Agrippa é um reflexo de baixo para cima (reflexo em lago) do quadrado de ordem 3, desenvolvido pelo primeiro método. Uma permutação é inevitável, pois só existe um quadrado da ordem 3. Entretanto, quando os dois métodos são aplicados ao quadrado de ordem 5 de Marte, o resultado é diferente. Eis um quadrado da ordem 5 gerado pelo primeiro método:

17	24	1	8	15
23	5	7	14	16
4	6	13	20	22
10	12	19	21	3
11	18	25	2	9

Pelo método de Agrippa, se descermos e formos para a direita a partir da célula *abaixo* da célula do centro, pulando para baixo dois quadrados, o resultado é este:

11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

Quadrado de Marte de Agrippa

Observe que os números nas fileiras do quadrado de Agrippa formam as diagonais de cima/esquerda indo para baixo/direita no primeiro quadrado de ordem 5; as diagonais de cima/esquerda para baixo/direita de Agrippa são as de baixo/esquerda para cima/direita no primeiro quadrado; e as colunas em ambos os quadrados contêm os mesmos números, mas em ordem diferente.

A mesma técnica é usada por Agrippa para gerar o quadrado da ordem ímpar 7 de Vênus e da ordem 9 da Lua.

Quadrados pares duplos

Quadrados pares duplos são aqueles que, quando divididos em quatro partes iguais por uma cruz através do centro, geram quatro quadrados de uma ordem, ou raiz, par. Os quadrados pares duplos usados por Agrippa são o quadrado da ordem 4 de Júpiter e da ordem 8 de Mercúrio.

Plate 1.

The Magic Tables Seals & Characters of the Planets their Intelligence & Spirits

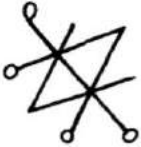


The Table of Saturn in his Compass

4	9	2
3	5	7
8	1	6

The same Table in Hebrew

ב	ט	ד
ז	ה	ו
ח	א	ק

The Seal of Saturn *Of the Intelligence of 2* *Of the Spirit of 2*

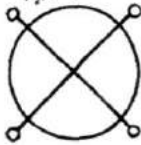

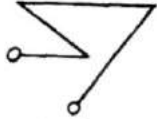
The Table of Jupiter

4	14	13	1
9	7	6	12
3	11	10	8
16	2	5	15

In Hebrew

א	טו	י	ד
יכ	ז	ו	ט
ח	יא	ה	ה
יג	כ	ו	יז

The Seal of Jupiter *Of the Intelligence of 4* *Of the Spirit of 4*

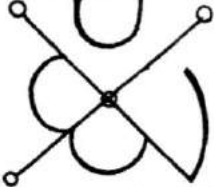
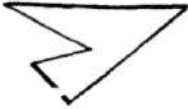

The Table of Mars

11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

In Hebrew

ג	כ	ז	כד	יא
יז	ה	כה	ב	ד
ט	טז	יג	ח	יז
כב	יד	א	ה	י
יה	כ	ט	י	כג

The Seal of Mars *Of his Intelligence* *Of his Spirit*

Designed by P. Barrett

Printed by Lockington, Allen & Co.

Engraved by J. M. G. S.

Quadrados mágicos de Saturno, Júpiter e Marte

Extraído de The Magus, de Robert Barrett (Londres, 1801)

Essa classe de quadrado é a mais fácil de construir. Agrippa usou o mesmo método aplicado hoje em dia. As regras são:

1. Construa a grade.
2. Coloque números consecutivos nas células, começando com 1 no canto inferior esquerdo e atravessando para a direita, para depois retornar à esquerda e começar a segunda fileira; assim por diante até o canto superior direito.
3. Inverta todos os números diagonais com seus opostos através da intersecção no centro.

O quadrado de ordem 4 de Júpiter é construído desta maneira:

13	14	15	16
9	10	11	12
5	6	7	8
1	2	2	4

	14	15	
9			12
5			8
	2	3	

4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

Esse é, em essência, o mesmo quadrado que vemos na famosa gravura de Albrecht Dürer chamada *Melencholia I*. Dürer girou o quadrado de Agrippa sobre si mesmo, então intercambiou as colunas exteriores:

4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

Agrippa

16	3	2	13
5	10	11	8
9	6	7	12
4	15	14	1

Dürer

Dürer inverteu o quadrado para obter o número 1514 na fileira de baixo, que é o ano em que foi feita a

gravura. Por que ele intercambiou as colunas exteriores não sabemos com certeza, mas talvez tenha sido para disfarçar o fato de que o seu quadrado e o de Agrippa eram o mesmo. Em sua obra, Dürer plagiou, sem escrúpulos, os trabalhos de muitos outros artistas.

Karl Anton Nowotny afirma que não há dúvida de que o quadrado de Júpiter de Dürer “foi tirado de um tratado sobre quadrados mágicos, sua relação com a astrologia e sua influência mágica em talismãs” (“A construção de certos selos e caracteres na obra de Agrippa de Nettesheim”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 12 [1949], 46). Ele diz ainda que “uma versão” desse tratado aparece junto a um manuscrito da Cracóvia do século XV de *Picatrix*, e que outra versão com texto diferente e com os quadrados “um tanto distorcidos” aparece no *Archidoxis Magica*, supostamente de Paracelso.

É possível, porém, que a inspiração de Dürer tenha sido Agrippa, não o manuscrito *Picatrix* nem o *Archidoxis Magica*. A *Filosofia Oculta* foi escrita em 1509 e circulou por muitos anos em forma manuscrita. Como Agrippa e Dürer eram intelectuais alemães contemporâneos -Dürer morreu em 1528, Agrippa em 1535 -, é sensato presumir que tenham conversado acerca de questões do oculto, principalmente por que o tema era uma paixão dos dois.

Francis Yates defende a noção - segundo ela, “comprovada” por vários estudiosos - de que a gravura de Dürer foi baseada em uma versão manuscrita do cap. LX, l. I da *Filosofia Oculta* (Yates [1979] 1983, pt. 1, cap. 6). Lembremo-nos de que no referido

capítulo Agrippa postula três espécies de melancolia, as quais vê como um tipo de possessão, baseando-se nos três níveis da alma: imaginativo, racional e mental. Daí a gravura *Melancholia I*, que representa o primeiro tipo, ser chamada de melancolia imaginativa. Se isso for verdade, podemos supor que um conjunto de três gravuras foi planejado por Dürer, que infelizmente nunca se concretizou.

O outro quadrado par duplo é construído exatamente da mesma maneira que o quadrado de Júpiter, com a pequena diferença de que no quadrado de Mercúrio as diagonais devem se estender através de cada um

57	58	59	60	61	62	63	64
49	50	51	52	53	54	55	56
41	42	43	44	45	46	47	48
33	34	35	36	37	38	39	40
25	26	27	28	29	30	31	32
17	18	19	20	21	22	23	24
9	10	11	12	13	14	15	16
1	2	3	4	5	6	7	8

	58	59			62	63	
49			52	53			56
41			44	45			48
	24	35			38	39	
	26	27			30	31	
17			20	21			24
9			12	13			16
	2	3			6	7	

dos quatro quadrados surgidos da divisão. O intercâmbio de números ainda ocorre em torno do ponto central do quadrado grande:

8	58	59	5	4	62	63	1
49	15	14	52	53	11	10	56
41	23	22	44	45	19	18	48
32	34	35	29	28	38	39	25
40	26	27	37	36	30	31	33
17	47	46	20	21	43	42	24
9	55	54	12	13	51	50	16
64	2	3	61	60	6	7	57

Agrippa's Mercury Square

Quadrados pares simples

A terceira classe de quadrados mágicos é chamada de par simples, porque, quando o quadrado é dividido em quartos por uma cruz através da interseção central, cada quadrado surgido é de uma ordem, ou raiz, ímpar. De todos os quadrados usados por Agrippa, só o quadrado do Sol, que é da ordem 6, cai nessa categoria. Essa é a mais esdrúxula das três classes de quadrados construídos, e a menos elegantes, porque exige uma certa manipulação.

Agrippa começou tratando o quadrado de ordem 6 como um par duplo. Primeiro, ele construiu uma grade e a preencheu com números consecutivos, começando do 1 no canto inferior esquerdo e atravessando da fileira de baixo para a direita, depois continuando do mesmo modo até a próxima fileira mais alta, e assim por diante até chegar à célula final. Como nos quadrados pares du-

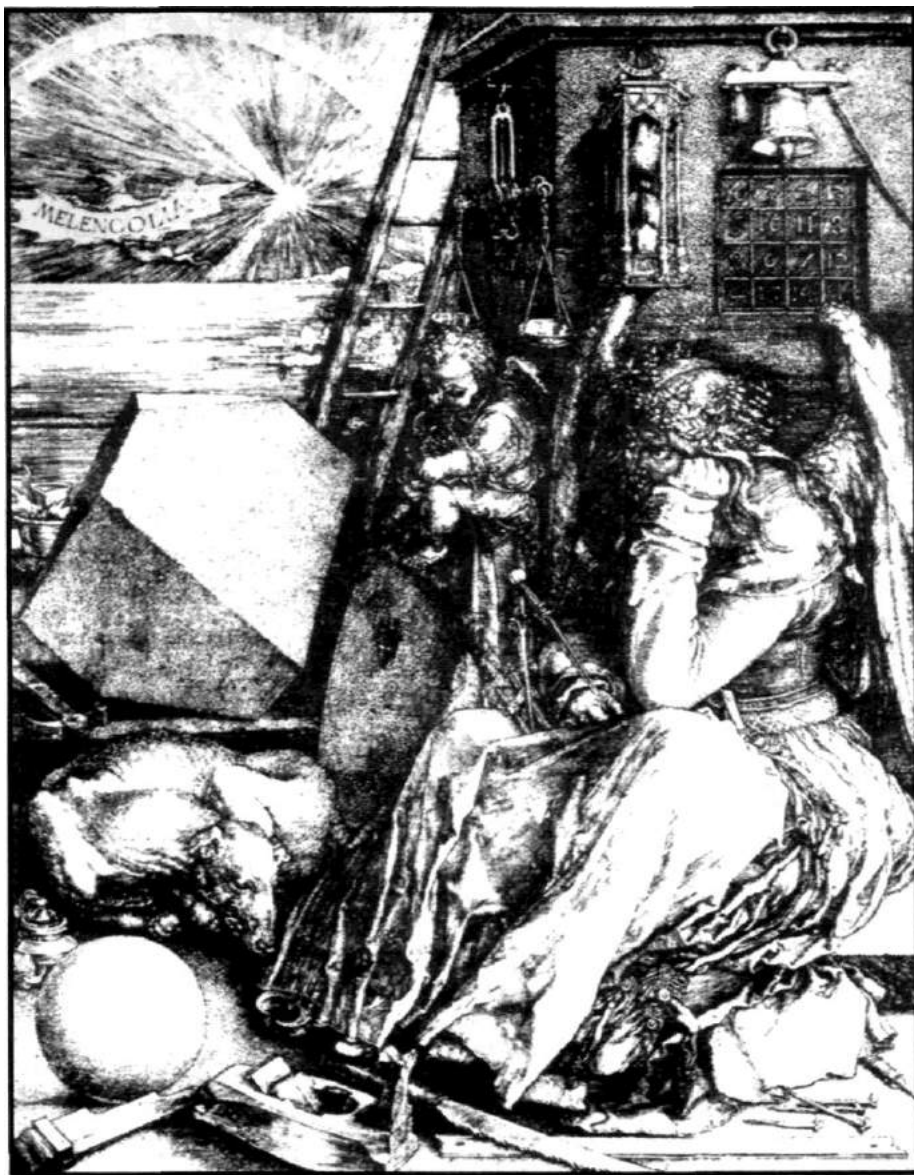
31	32	33	34	35	36
25	26	27	28	29	30
19	20	21	22	23	24
13	14	15	16	17	18
7	8	9	10	11	12
1	2	3	4	5	6

	32	33	34	35	
25		27	28		30
19	20			23	24
13	14			17	18
7		9	10		12
	2	3	4	5	

6	32	33	34	35	1
25	11	27	28	8	30
19	20	16	15	23	24
13	14	22	21	17	18
7	29	9	10	26	12
36	2	3	4	5	31

plos, ele inverteu as diagonais primárias em torno do ponto central da grade:

No entanto, a inversão das diagonais secundárias dos quadrados



Melancholia I

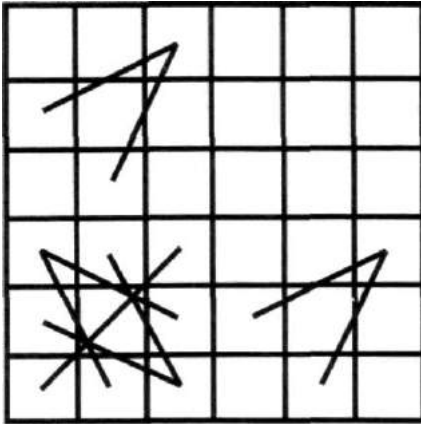
Gravura de Albrecht Dürer

produzidos em torno do ponto central não resulta em um quadrado mágico. Para fazer as substituições finais necessárias, parece que Agrippa se baseou na estrutura do quadrado mais simples, o Lo Shu, ou quadrado de ordem 3 de Saturno.



Selo de Saturno

Tratando o primeiro quadrado - o inferior esquerdo - como de ordem 3, ele sobrepôs o padrão do selo de Saturno, que se baseia na estrutura numérica do quadrado de Saturno. Foi necessário girá-lo 90 graus para que a linha traçando a diagonal do quadrado de Saturno batesse com a diagonal percorrendo o quarto do quadrado do Sol:



Baseando-se no selo de Saturno como padrão, Agrippa fez duas inversões, cada uma envolvendo três pares de números. Os números abaixo dos pontos do ângulo que aponta para cima do selo de Saturno, ele inverteu da esquerda para a direita (reflexo em espelho) com os números correspondentes no quadrado no canto inferior direito. Os números abaixo dos pontos do ângulo que aponta para baixo, ele inverteu de cima para baixo (reflexo em lago),

com seus correspondentes no quadrado superior esquerdo. Não foi necessário inverter os números abaixo da linha diagonal, pois já haviam sido invertidos:

6	<u>32</u>	3↑	<u>34</u>	<u>35</u>	1
7↑	11	<u>27</u>	<u>28</u>	8	<u>30</u>
<u>19</u>	14↑	16	15	<u>23</u>	<u>24</u>
<u>18</u>	20↓	22	21	<u>17</u>	<u>13</u>
25↓	29	10←	9→	26	<u>12</u>
36	<u>5</u>	33	<u>4</u>	<u>2</u>	31

Quadrado do Sol de Agrippa

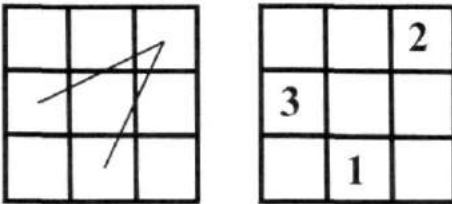
No diagrama acima, os números sublinhados não foram movidos na grade. Pequenas setas indicam a direção da inversão dos pares refletidos.

6	2↑	<u>33</u>	<u>34</u>	<u>35</u>	1
<u>25</u>	11	9↑	<u>28</u>	8	<u>30</u>
13↑	<u>20</u>	16	15	<u>23</u>	<u>24</u>
19↓	17	22	21	14→	<u>18</u>
<u>12</u>	29	27↓	<u>10</u>	26	7→
36	32↓	4←	3→	<u>5</u>	31

Agrippa invertido

Se Agrippa tivesse preferido inverter os números sob o ângulo apontando para cima do selo de Saturno, *de cima para baixo*, em vez de esquerda para a direita, invertendo também os números sob os pontos do ângulo apontando para baixo, *esquerda para a direita*, em vez de cima para baixo, o resultado teria sido este quadrado, que também é mágico:

O motivo pelo qual Agrippa escolheu a primeira dessas duas possibilidades, se de fato usou esse método, não é claro, a menos que, quando refletido nos quadrados superior esquerdo e inferior direito, cada ângulo do selo de Saturno traça a posição dos três primeiros números no quadrado de Saturno:



Além das características básicas que fazem um quadrado ser mágico, alguns quadrados possuem outras qualidades que foram observadas pelos matemáticos. Um quadrado mágico é considerado simétrico, ou associado, com a soma de seus números esconsos relacionados $n + 1$, onde n é a ordem do quadrado. Números esconsos relacionados são pares opostos entre si em relação ao centro do quadrado. Por exemplo, no quadrado da ordem 4 de Júpiter, os números 7 e 10 são esconsos relacionados em volta do centro. A soma deles ($4 + 1 = 17$) satisfaz a exigência de um quadrado associado, assim como a soma de todos os pares esconsos relacionados.

Todos os quadrados de Agrippa são associativos, exceto o do Sol. Na verdade, não existem quadrados mágicos da classe de pares simples.

Outro tipo especial de quadrado é chamado de pandiagonal. Um quadrado mágico pandiagonal é aquele cujas diagonais quebradas somam $1/2 n (n + 1)$, sendo na ordem do quadrado. Em outras palavras, as diagonais quebradas são tão mágicas quanto as diagonais sólidas. Os diagramas abaixo mostram o que significam diagonais quebradas:

a	c	b	
c	b		a
b		a	c
	a	c	b

	e	f	d
d		e	f
f	d		e
e	f	d	

Estrutura pandiagonal do quadrado da ordem 4

Não há quadrados diagonais da classe de pares simples, e o quadrado solitário da ordem 4^2 não é pandiagonal. Dos 880 quadrados da ordem 4, 48 são pandiagonais. Há exatamente 3.600 quadrados pandiagonais de

ordem 5, mais de 38 milhões de ordem 7, e mais de 6,5 bilhões de ordem 8. Nenhum dos quadrados de Agrippa é pandiagonal. Sob o ponto de vista de ocultismo prático, isso é uma pena, pois os quadrados pandiagonais têm a qualidade de, ao mudar fileiras e colunas em torno do centro, permitir que qualquer número possa ser feito para ocupar qualquer célula. No começo do século XX, o professor Kielhorn descobriu esse quadrado pandiagonal da ordem 4 em uma inscrição jainista do século XII, em Khajuraho, Índia:

7	12	1	14
2	13	8	11
16	3	10	5
9	6	15	4

Quadrado jainista

Descobre-se logo, por experiência, que a soma de qualquer diagonal quebrada equivale a 34, o que satisfaz a exigência de um quadrado pandiagonal. Ao mesmo tempo, note que o quadrado jainista não é associado. Por exemplo, a soma do par esconso relacionado 1 e 6 não é $4 + 1 = 17$.

Quadrados mágicos já foram feitos com números não consecutivos e com números primos. Um quadrado mágico duplo é mágico por seus números e pelos *quadrados* desses números. Um quadrado mágico triplo é mágico por seus números, seus quadrados e seus *cubos*. Um cubo mágico é composto de camadas de

quadrados mágicos dispostos de modo que a soma de cada grau, fileira, coluna e diagonal cúbica (ou diâmetro) seja o mesmo número. A diagonal de cada quadrado individual não precisa ser mágica para satisfazer as exigências de um cubo mágico (ver coluna ao lado).

Há também estrelas mágicas nas quais a soma dos números localizados nos interstícios dos raios são iguais, e círculos mágicos nos quais os números são dispostos magicamente em raios em torno de um

Superior

24	16	2
17	3	22
1	23	18

Meio

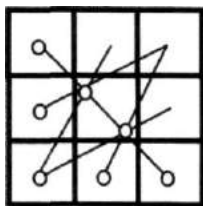
8	21	13
19	14	9
15	7	20

Inferior

10	5	27
6	25	11
26	12	4

Cubo mágico com números não consecutivos

ponto central. Benjamim Franklin, além de seu famosos interesse pelos quadrados mágicos, também construiu um círculo mágico com muitas propriedades interessantes. Há geometrias mágicas ainda mais elaboradas; por exemplo, anéis mágicos, esferas mágicas e octaedros mágicos, que transmitem as propriedades mágicas de números até a quarta dimensão, mas já não pertencem ao tema deste tratado:

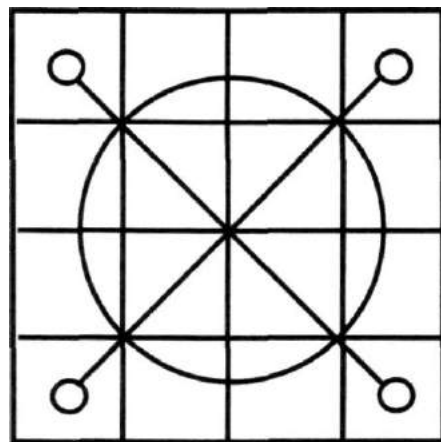


Selo de Saturno dentro do quadrado de Saturno

Compreendendo a formação dos quadrados de Agrippa, podemos examinar os selos dos planetas relacionados a esses quadrados.

É óbvio que o selo de Saturno se baseia na estrutura numérica do quadrado de Saturno. O ângulo apontando para cima traça os números 1, 2, 3; a diagonal cobre 4, 5, 6; e o ângulo apontando para baixo toca 7, 8, 9.

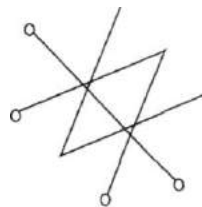
Não é claro o propósito, se existe algum, dos pequenos círculos nos pontos do selo. Na edição de Freake, sete círculos são representados, dois dos quais ausentes dos pontos do ângulo apontando para baixo. Na *Opera* latina de Agrippa, impressa na Alemanha por volta de 1600, o selo aparece assim:



Selo de Júpiter dentro do quadrado de Júpiter

moveram de sua posição consecutiva. Os números tocados pela cruz são os que foram invertidos em torno do ponto central do quadrado:

Note mais uma vez que todas as células no quadrado são cobertas por alguma parte do selo.

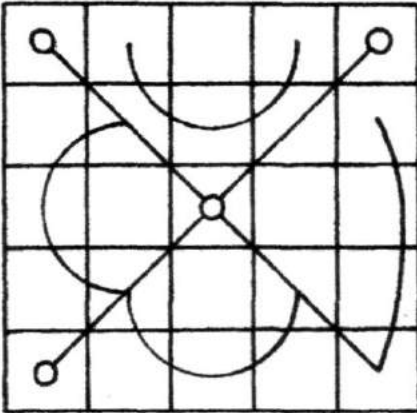


Selo de Saturno na Opera latina

Os pequenos espaços triangulares gerados pela diagonal deslocada podem ter inspirado Freake a colocar círculos nas interseções do selo. Pessoalmente, creio que os pequenos círculos não possuem nenhum significado oculto, tendo apenas uma função decorativa.

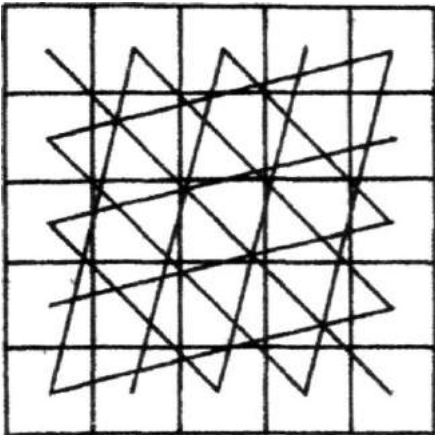
O selo de Júpiter segue a mesma estrutura matemática que o de Saturno, ecoando em sua forma o método de formar do quadrado de Júpiter. Os números tocados pelo círculo são aqueles, na grade original, que não se

Com o selo de Marte, o castelo de cartas que estamos construindo cai. Não só não há uma relação óbvia entre o selo e a estrutura numérica do quadrado de Marte, mas também as linhas do selo nem ao menos tocam todas as células no quadrado. Parece que foi usado um método totalmente diferente no desenho deste selo:



Selo de Marte dentro do quadrado de Marte

É possível construir um selo de Marte desenhado de um modo semelhante ao selo de Saturno. Teria esta aparência:



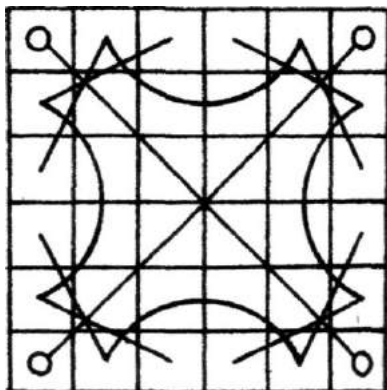
Selo hipotético de Marte dentro do quadrado de Marte

A diagonal do quadrado de Marte que vai do canto superior esquerdo ao inferior direito traça os números consecutivos de 11 a 15 no quadrado, e a crescente a ela atrelada cobre a distância entre os números 15 e 16, sugerindo uma aplicação de estrutura. O significado dos três semicírculos é menos claro. Nowotny baseia a construção dos quadrados ímpares sobre um tabuleiro de xadrez e diz que cada um desses semicírculos define três quadrados da mesma cor, mas, se fosse assim, o único semicírculo no alto do selo traçaria uma cor de quadrados e os outros dois semicírculos, a cor oposta. Quanto aos números ímpares de Marte e Vênus, ele admite que, “além das linhas inerentes no diagrama, figuras simbólicas são desenhadas sobre o esquema em tabuleiro de xadrez, indicando a natureza do planeta” (Nowotny 1949, 52).

Sem dúvida, há uma dinâmica entre o selo de Marte e o selo de Vênus. Na astrologia, Marte (♂ ou ♂) é o cônjuge de Vênus (♀), e ambos são formados das primeiras propriedades elementais do Sol (☉ ou ☉) e da Terra (♁ ou +). Os quadrados mágicos de Marte e Vênus são ambos da classe ímpar, com uma estrutura idêntica. Os selos parecem ter sido formados com um único método, mas qual seria não se sabe. Talvez se baseie nas letras hebraicas correspondentes a números no quadrado, com uma chave de palavras em vez de uma chave numérica; ou talvez sua estrutura seja simbólica.

Se o selo de Marte for examinado simbolicamente, o semicírculo logo sugere a Lua, e o longo arco no lado direito, a lâmina da foice de Saturno.

As duas protusões podem lembrar testículos, invocando o mito de Urano, que foi castrado por seu filho, Cronus, identificado com Saturno.

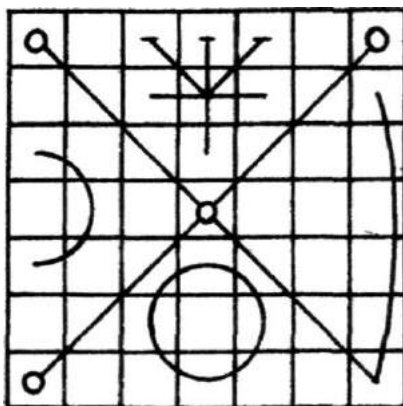


Selo do Sol dentro do quadrado solar

O selo de Sol é semelhante em construção aos selos de Júpiter e Mercúrio, expressando de uma maneira clara a estrutura do quadrado mágico do Sol. A grande cruz central cobre os números que se invertem em torno do ponto central do quadrado. A cruz menor no quadrado inferior esquerdo pode ser sobreposta sobre o selo de Saturno (ver ilustração pág. 957), ecoando o método de formação do quadrado do Sol com o selo de Saturno, como guia. Observe que cada célula no quadrado é tocada por alguma parte do selo.

O selo de Vênus, assim como seu selo companheiro de Marte, é completamente diferente em estrutura, e provavelmente também em conceito, dos outros selos:

A mesma grande cruz e foice que aparecem no selo de Marte estão presentes aqui, junto ao meio-círculo ou crescente. Mas as duas protuberâncias cedem lugar a um círculo e uma figu-

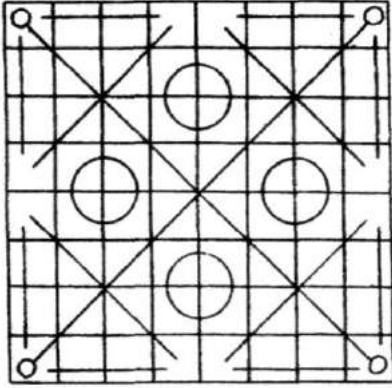


Selo de Vênus dentro do quadrado solar

ra com cinco ramificações. Simbolicamente, pelo menos, esta última pode representar a letra V de Vênus combinada com uma cruz de braços iguais (Æ), símbolo da Terra. Além da crescente da Lua e do círculo do Sol, estão presentes os três elementos primários dos quais todos os cinco planetas inferiores são construídos: ♀ = ☉ mais +; ♂ = mais ☉; ♃ = ☉ mais +; ♄ = + mais ☉; e ♀ = ☉ mais ☉ mais +. Nesse sentido, o selo de Vênus engloba todos os sete planetas, e na verdade, 7 é o número de Vênus.

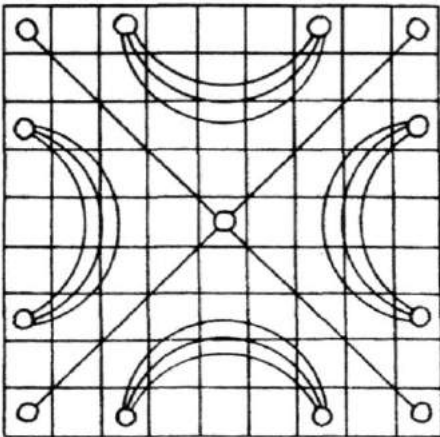
Pouco se precisa dizer do selo de Mercúrio, uma vez que expressa de modo perfeito o método de gerar o quadrado de Mercúrio da grade de números consecutivos. Há aí uma extensão do selo de Júpiter, muito semelhante em termos de estrutura:

O selo da Lua deveria ser do mesmo estilo que os selos de Marte e de Vênus, se considerássemos apenas sua estrutura mágica, que é da classe ímpar. No entanto, o companheiro astrológico da Lua é o Sol, e, se os selos da Lua e do Sol forem comparados, serão observadas as semelhanças. Ambos têm a cruz grande e, mais



Selo de Mercúrio dentro do quadrado de Mercúrio

importante, quatro semicírculos, ou crescentes, dispostos de forma simétrica em volta do centro, com as pontas voltadas para dentro. As crescentes do selo do Sol são simples, enquanto as da Lua são triplas, talvez para tocarem mais células no quadrado. Claro que Hécate tem três faces, uma para a fase crescente, outra para a cheia e outra para a minguante da Lua. Há 13 círculos pequenos no selo e 13 luas no ano lunar:



Selo da Lua dentro do quadrado lunar

Os selos menores, ou sigilos, dos espíritos individuais e das inteligências dos sete planetas são formados localizando-se as letras hebraicas de cada nome, com base nos valores numéricos dessas letras, em suas respectivas células no quadrado mágico do planeta ao qual o nome se associa, e depois desenhando-se uma linha de letra a letra, em ordem.

As letras de cada nome ligado a um planeta totalizam um dos números significativos no quadrado mágico de tal planeta. Esses números se baseiam na ordem do quadrado, no número total de células, na soma de cada fileira e na soma do quadrado. Por exemplo, os números significativos de Saturno são 3, 9, 15 e 45. O Espírito de Saturno é Zazel, ou em hebraico זזל, ZAZL, cuja soma numérica é $7+1 + 7 + 30 = 45$. Valores numéricos podem ser manipulados cabalisticamente quando necessário, por meio da técnica de *Aiq Beker*, uma grade de nove câmaras em que cada uma comporta três letras hebraicas consideradas numericamente intercambiáveis (22 letras mais 5 formas finais somam 27 caracteres). No exemplo de Zazel, *lamed* (valor 30) cai na mesma câmara de *Aiq Beker* que *gimel* (valor 3) - portanto ל, L, é colocado no quadrado de Saturno na célula ocupada por 3 (ver apêndice VII: Cabala Prática).

Os sigilos podem ser disfarçados por meio de truques simples, porém eficazes, de girá-los ou refleti-los após terem sido extraídos dos quadrados. Sem uma mínima compreensão de como os sigilos foram criados, é impossível relacioná-los de forma direta aos quadrados.

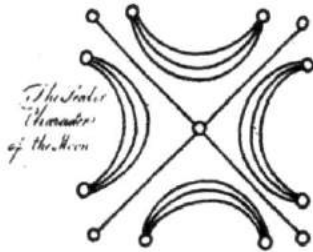
The Magic Tables Seals & Characters of the Planets their Intelligences & Spirits

The Table of the Moon in her Compass

37	78	29	70	21	62	13	54	5
6	38	79	30	71	22	63	14	46
47	7	39	80	31	72	23	55	15
16	48	8	40	81	32	64	24	56
57	17	49	9	41	73	33	65	25
26	58	18	50	1	42	74	34	66
67	27	59	10	51	2	43	75	35
36	68	19	60	11	52	3	44	76
77	28	69	20	61	12	53	4	45

Table of the 3 in Hebrew Notes

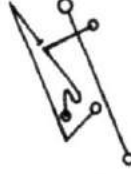
ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע
ו	ע	ש	ל	ו	ע	ש	ל	ו	ע



*The Seals
Characters
of the Moon*



*Character of the
Spirit of 3*



*of the Spirit of the spirits
of the Moon*



*of the Intelligence of the Intelligences
of the Moon*

Samuel Dal

Pub. by Lockman & Co.

Quadrado mágico da Lua

Extraído de *The Magus*, de Francis Barrett (Londres, 1801)

Embora seja relativamente simples desenhar a maior parte dos sigilos quando se conhece a grafia hebraica dos nomes, alguns são muito difíceis. Como todas as fontes dos quadrados de Agrippa estão corrompidas, incluindo a *Opera* latina, a tradução de Freaque e o *Magus* de Barret - a fonte consultada com maior frequência -, a tarefa se torna quase impossível. Mesmo os textos modernos de ocultistas bem respeitados, como Israel Regardie, estão repletos de erros. Na verdade, nunca vi um tratado sobre os quadrados, selos e sigilos que não contivesse erros. Este apêndice pode ser a primeira apresentação completa e correta de todos os sigilos de Agrippa nos cinco séculos que se passaram desde que a obra foi escrita.

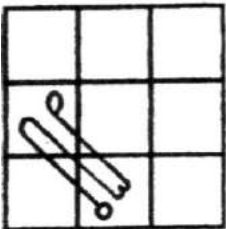
As seguintes apresentações numéricas dos nomes restaurados e amostra gráfica dos sigilos localizados em seus respectivos quadrados serão úteis, principalmente para o ocultista ativo:

Saturno

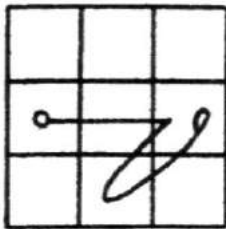
Inteligência: Agiel; AGIAL, אגיאַל
 A G I A L
 1+ 3+ 10+ 1+ 30 = 45

Espírito: Zazel; ZAZL, זאזל

Z A Z L
 7+ 1+ 7+ 30 = 45



Agiel



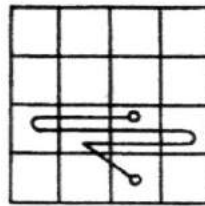
Zazel

Observemos que, no caso de Agiel, como não há *yod* (valor 10) no quadrado, de acordo com Aiq Beker, é usada *aleph*. Do mesmo modo, *lamed* (30) se torna *gimel* (3).

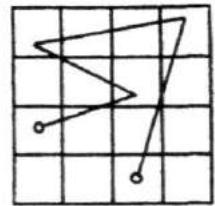
Júpiter

Inteligência: Johphiel; IHPHIAL, יהפּיאל
 I H Ph I A L
 10+ 5+ 80+ 10+ 1+ 30 = 136

Espírito: Hismael; HSMAL, חסמאל
 H S M A L
 5+ 60+ 40+ 1+ 30 = 136



Johphiel



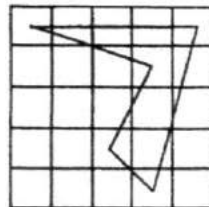
Hismael

No sigilo de Johphiel, as duas letras *yod* e *aleph* são duplicadas na célula única que contém o número 11.

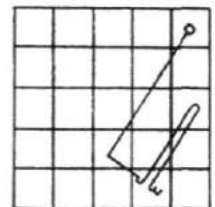
Marte

Inteligência: Graphiel; GRAPHIAL, גראפּיאל
 G R A Ph I A L
 2+ 200+ 1+ 80+ 10+ 1+ 30 = 325

Espírito: Barzabel; BRTzBAL, ברצבאל
 B R Tz B A L
 2+ 200+ 90+ 2+ 1+ 30 = 325



Graphiel



Barzabel

Novamente, no sigilo de Graphiel, *yod* e *aleph* são duplicadas na célula que comporta o número 11. As três pequenas protuberâncias no sigilo de Barzabel enfatizam que a célula que contém o número 2 é tocada três vezes.

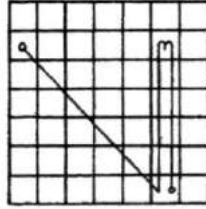
Sol

Inteligência: Nachiel; NKIAL; נכיאל

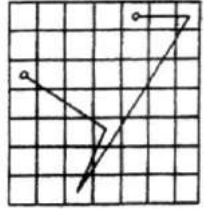
N K I A L
50 + 20 + 10 + 1 + 30 = 111

Espírito: Sorath; SORTH; סורה

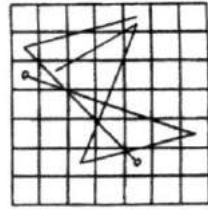
S O R Th
60 + 6 + 200 + 400 = 666



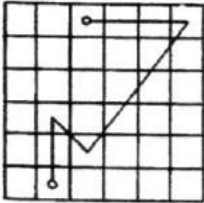
Hagiel



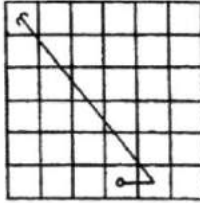
Kedemel



Bne Serafim



Nachiel



Sorath

O sigilo da Nachiel é difícil de desenhar, pois o último segmento leva à célula de 3 em vez da célula de 30. A protuberância dupla no começo do sigilo do Sorath indica duas letras ocupando a mesma célula.

Vênus

Inteligência: Hagiel; HGIAL; הגיאל

H G I A L
5 + 3 + 10 + 1 + 30 = 49

Espírito: Kedemel; QDMAL; קדמאל

Q D M A L
100 + 4 + 40 + 1 + 30 = 175

Inteligências: Bne Serafim; BNI

ShRPhiM; בני שרפים

B N I Sh R Ph I M
2 + 50 + 10 + 300 + 200 + 80 + 10 + 600 = 1252 (!)

O sigilo do Bne Serafim se baseia na suposição errônea de que a soma dos números no quadrado de Vênus é 1252, quando na verdade é 1225. Tanto na *Opera* latina quanto na tradução de Freake, a soma de 1252 é apresentada. Obviamente, em algum ponto os dois dígitos foram trocados. Um erro semelhante ocorre na linha acima na tabela no cap. XXII, l. II, em que a soma de uma fileira no quadrado de Vênus foi dada como 157, em vez do correto 175. Esse erro também aparece tanto na edição latina quanto na inglesa.

O estranho é que o nome Bne Serafim tem uma soma numérica de 1252, e esse nome é usado no desenho do sigilo. Isso sugere que o erro original foi de Agrippa e que ele associou o nome Bne Serafim ao quadrado de Vênus, na crença errônea de que a soma do quadrado era 1252. É difícil imaginar como tal engano poderia ter acontecido, uma vez que o quadrado de Vênus está correto. Seria interessante consultar a versão manuscrita da *Filosofia oculta* para ver se o erro aparece lá também.

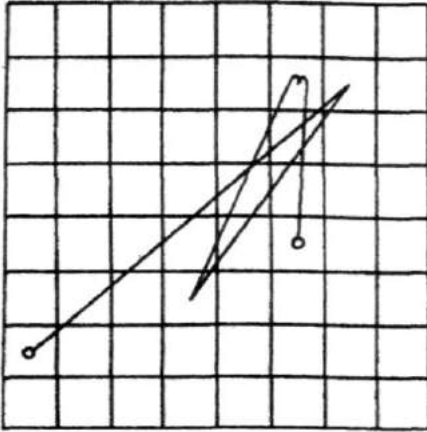
Mercúrio

Inteligência: Tiriél; **טיריאל**

T I R I A L
 90 + 10 + 200 + 10 + 1 + 30 = 260

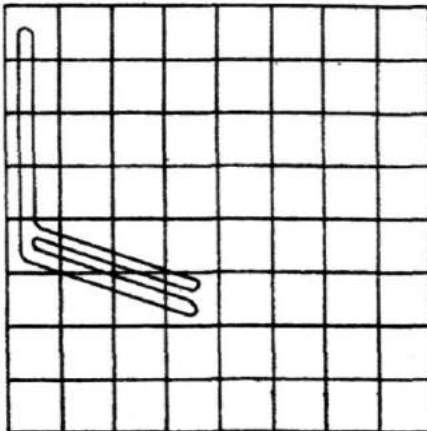
Espírito: Taphthartharath;

ThPhThRThRth; **תפתרתרת**
 Th Ph Th R Th R Th
 400 + 80 + 400 + 200 + 400 + 200 + 400 = 2080



Tiriél

A protuberância dupla no sigilo de Tiriél indica *yod* e *aleph* juntas na célula contendo o número 11.



Taphthartharath

Lua

Inteligência:⁷.

Espírito: Hasmodai; **השמוראי**

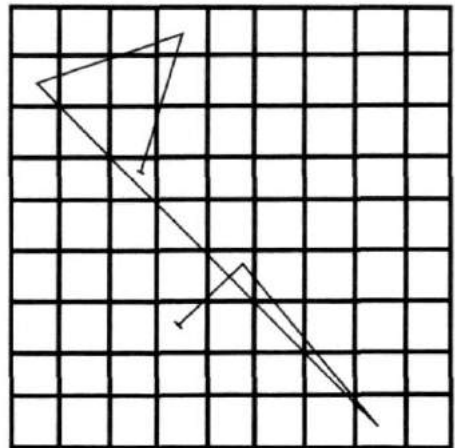
Ch Sh M O D A I
 8 + 300 + 40 + 6 + 4 + 1 + 10 = 369

Espírito dos Espíritos: Schedbarschemoth
 Scharatathan; ShDBRShHMAaTh

ShRThThN; **שר ברשהמעת שרתתן**
 Sh D B R Sh H M Aa Th
 300 + 4 + 2 + 200 + 300 + 5 + 40 + 70 + 400 +
 Sh R Th Th N
 300 + 200 + 400 + 400 + 700 = 3321

Inteligência da Inteligência: Malcha
 betharsithim hed beruah shehakim;
 MLKA BThRShIThIM AaD BRVCh
 ShChQIM; **בתרשתם צר ברוה שהקים**
מלכא

M L K A B Th R Sh I Th
 40 + 30 + 20 + 1 + 2 + 400 + 200 + 300 + 10 + 400
 I M Aa D B R V Ch
 10 + 600 + 70 + 4 + 2 + 200 + 6 + 8
 Sh Ch Q I M
 300 + 8 + 100 + 10 + 600 = 3321

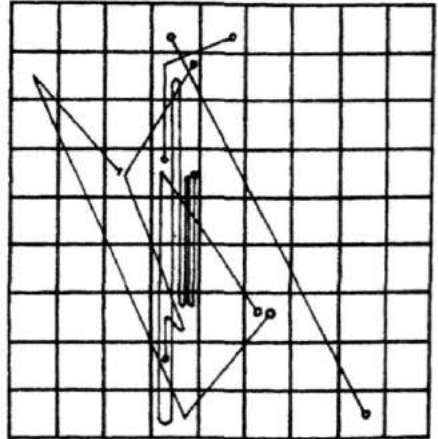


Hasmodai

No sigilo de Hasmodai, as letras *shin* (valor 300, reduzido por *Aiq Beker* para 30) e *mem* (valor 40) são combinadas na célula contendo o número 70.

No sigilo de Schedbarschemoth Schartathan, que poderia ser mais bem escrito como Shad Barschemoth Schartathan, a segunda letra *shin* (valor 300, reduzida por *Aiq Beker* para 30) e a *he* (valor 5) são duplicadas na célula contendo o número 35.

No sigilo da Inteligência da Inteligência, parece que *kaph* (valor 20) e *aleph* (valor 1) da primeira palavra foram duplicadas na célula contendo o número 21, uma vez que essa parte do sigilo tem apenas três pontos, e não há palavras de três letras no nome. Em razão da extrema complexidade da figuras, são possíveis variações, mas essa parece ser a forma mais precisa.



Malcha betharsithim hed beruah schehakim

magicamente significativos desde que a soma das letras no nome seja equivalente a um dos números significativos nos quadrados. Os nomes de Deus que têm ligação numérica com planetas específicos por meio de seus quadrados têm sigilos próprios que Agrippa não desenhou, mas que podem ser imediatamente derivados usando-se as técnicas empregadas anteriormente.

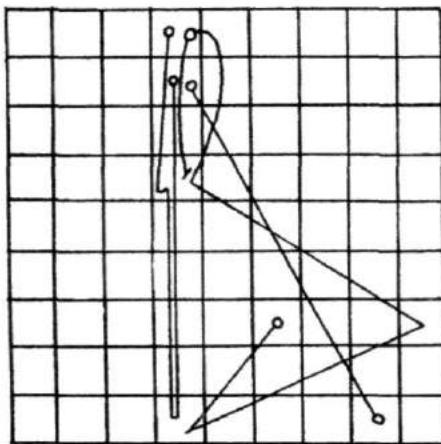
Eis uma apresentação numérica dos nomes divinos dos planetas:

Saturno

- 3 Ab; AB; אב (1 + 2 + 3)
- 9 Hod; HD; הדר (5 + 4 = 9)
- 15 Iah; IH; ייה (10 + 5 = 15)
- 45 Jeová estendido; IVD HA VAU HA; הדר (10+ 6 + 4 + 5 + 1+6 + 1 + 6 + 5 + 1=45)

Júpiter

- 4 Aba; ABA; אבא (1 + 2 + 1 = 4)
- 16 _; HVH; הוה (5 + 6 + 5 = 16)
- 16 _j AHI; אהי (1 + 5 + 10 = 16)
- 34 El Ab; AL AB; אל אב (1 + 30 + 1 + 2 = 34)



Schedbarschemoth Schartathan

Muitos outros nomes podem ser aplicados aos quadrados para produzir sigilos únicos, que serão

Marte

5 He; H; ה (5)

25 _; IHI; ייה (10 + 5 + 10 = 25)

65 Adonai; ADNI; TH (1 + 4 + 50 + 10 = 65)

Sol

6 Vau; V; ו (6)

6 He estendido; HA; אה (5 + 1 = 6)

36 Eloah; ALH; אלה (1 + 30 + 5 = 36)

Vênus

7 _; AHA; Nn>S(1+5 + 1 = 7)

Mercúrio

Asboga, oito estendido; AZBVGHV;

אזבונה ([1 + 7 = 8] + [2 + 6 + 8] + [3 + 5 = 8])

64 Din; DIN; דיין (4 + 10 + 50 = 64) 64

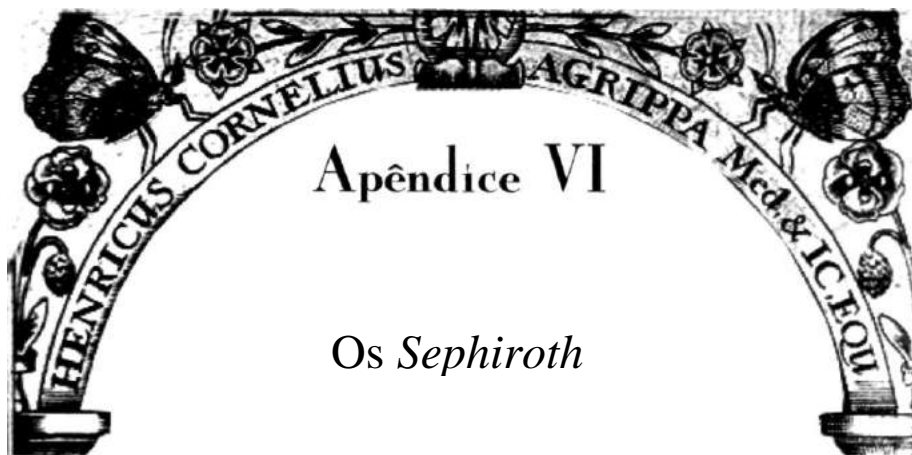
Doni; DNI; דיני (4 + 50 + 10 = 64)

Lua

9 Hod; HD; הדר (5 + 4 = 9)

81 Elim; ALIM; אליים (1 + 30 + 10 + 40 = 81)

Os nomes marcados com um traço são possivelmente aqueles dos quais Agrippa não conhecia a pronúncia latina correta. O primeiro nome de Mercúrio, Asboga, é descrito como oito estendido. Gershom Scholem (*Kabbalah*, 1977, 19) diz que isso ocorre porque a soma de cada par de letras é 8. A quarta letra, vau, foi indevidamente omitida tanto do texto latino quanto do inglês, destruindo o sentido da palavra. Aqui, o erro foi corrigido.



É impossível dar um resumo das ideias que compõem a cabala especulativa (*Kabbalah iyunit*), uma vez que são envolventes e extensas demais para um tratamento sucinto; mas é necessário abordar a doutrina das emanações citada por Agrippa no capítulo X, l. III, para que os leitores que não são estudantes de cabala tenham alguma noção do que ele está falando.

Em seus esforços para obter o mais alto e perfeito conceito de Deus, os mecubalistas despiram a divindade de todas as qualidades que, segundo eles, não podiam fazer parte do Deus primordial porque cada uma era limitada por sua definição e, portanto, imperfeita. Negavam à divindade um nome, um rosto, uma forma e até um propósito. Tudo o que poderia ser concebido foi removido dessa compreensão negativa de um Deus existente antes ou separado do mundo criado. O resultado eles chamavam de *Ain Soph* (אין סוף), cujo significado literal seria “que não termina”, ou seja, ilimitado.

Tendo alcançado esse protótipo, que não difere da aristotélica Causa de Todas as Causas, eles se viram em

um dilema. O *Ain Soph* não pode ser concebido de maneira alguma, por pessoa alguma, nem mesmo por meio da mais profunda meditação mística. Mais desconcertante, sendo desprovido de qualidades, o *Ain Soph* não tem o menor envolvimento com o mundo das coisas limitadas. O autor de uma antiga obra cabalística chamada *Ma'arekhet ha-Elohut* (ver Scholem, *Kabbalah* 1977, 1:3:89) defende uma posição nada insensata de que, como o *Ain Soph* não é citado na Bíblia nem na lei oral, seria absurdo referir-se a esse *deus absconditus* como Deus; o título pertenceria a um ser que era acessível à meditação e à oração. Tal visão, porém, era bastante impopular.

Em termos filosóficos, a percepção suprema de Deus como um ser (ou não-ser) sem limite que engloba todas as coisas de uma maneira indiferenciada é inescapável. Também é logicamente necessária a existência de um criador supremo, ou causa primeira. Para explicar o processo de criação pelo qual um Deus que não pode mudar nem diminuir criou o mundo de seres imperfeitos limitados a partir de sua própria substância, e ainda dentro dela, ele devia ter o

recurso de uma série de agentes chamados *Sephiroth*, termo hebraico para safira, cuja lucidez é comparada à radiância de Deus.

Esses *Sephiroth*, em número de dez, agem como veículos, ou antes vasos, que transmitem a contínua emanção do Ain Soph em estágios sucessivos, descendo até o próprio mundo da criação. Não devem ser vistos como separados de Deus, pois nada há que Deus não seja - pelo contrário, eles são os instrumentos inerentes com os quais o mundo é moldado, feito da substância da divindade e, no entanto, pelo menos em forma, cada um diferenciado para sua tarefa específica. Como eles podem ao mesmo tempo ser um com Deus e distinguíveis entre si é uma das visões mais difíceis de compreender na filosofia da cabala; e em diferentes períodos de sua história, eles têm sido considerados de modo diversificado como a própria essência de Deus e como seres separados, incapazes de conceber a divindade ou se aproximar d'Ele senão pela prece.

O processo de emanção em si foi comparado à concepção de uma criança que não diminui a substância do pai de modo algum, mas transmite suas qualidades. Outra metáfora considera os dez *Sephiroth* como espelhos de cores diferentes que sucessivamente captam e refletem a luz de uma única chama. A chama em si não diminui, embora algo pareça sair dela. Essa imagem surgiu para evitar qualquer sugestão de que no ato da criação algo saiu de Deus. Como Deus é perfeito, e deve permanecer sempre perfeito, ele não pode jamais ser menos do que tudo.

Pois se dizia que a mesma emanção não procedia para fora, mas ocorria dentro, nas profundezas de uma espécie de vórtice no coração do *Ain Soph*. Assim, todo o Universo permanece dentro de Deus, e não pode se separar dele e diminuir sua majestade. Os *Sephiroth* são considerados várias expressões da divindade única, e cada um recebe um nome diferente de Deus para enfatizar essa unidade na diversidade, quase sugerindo que eles não são mais do que estados divinos da mente, ou divinos pontos de vista.

Por que um Deus que engloba todo o Universo em potencial desejaria criar algo imperfeito é um ponto que nunca recebe a devida atenção. A resposta clássica é que ele fez tudo por amor, mas como Scholem ressalta: “a afirmação encontrada em muitos livros de que Deus quis revelar a medida de Sua bondade é um mero expediente nunca desenvolvido de forma sistemática” (Kabbalah 1977, 1:3:91). Igualmente insatisfatória é a sugestão de que Deus, por algum motivo, teve a necessidade de criar o mundo, pois que necessidade pode existir para um ser onipotente, autossuficiente? Por fim, a pergunta por que o Universo foi feito é considerada na Cabala um dos mistérios incognoscíveis.

Aceitando-se que o impulso de criar simplesmente surgiu, então se tornou necessário postular uma força criativa ou instrumento separado do impassível *Ain Soph*, mas intimamente ligado a ele. E é *Kether*, o primeiro *Sephiroth*, a “vontade infinita” (*ha-razon ad ein-sof*) que a mente do homem jamais pode alcançar. Existe no equilíbrio dinâmico com o *Ain*

Soph, sempre dele saindo e a ele retornando, uma imagem em espelho de sua fonte. Com frequência, *Kether* era identificado com o *Ain Soph* nos textos da Cabala, tão ligados são os dois. Ele é o aspecto externo do *Ain Soph*, tão elevado que mal pode ser descrito como um dos *Sephiroth*; e, de fato, a lista dos *Sephiroth* às vezes começa com o segundo, *Chokmah*.

Na antiga Cabala, *Kether* era o mais alto objeto de oração, a fonte suprema de vida e das demais nove emanções, portanto, Deus. Na Cabala mais recente, há uma distinção entre a vontade primordial de se manifestar e *Kether*, permanece sempre a qualidade mais exaltada, além da concepção humana.

De *Kether* emanam, sucessivamente, os outros nove vasos, cada um saindo do precedente, formando uma escada entre o universo infinito e o material. Esse processo ocorre fora do tempo e do espaço, com a separação entre cada emanção e a seguinte se passando no “cintilar de um olho”, um momento imensuravelmente breve, que é, na verdade, mais uma abstração que uma divisão de tempo.

Os *Sephiroth* são chamados de vasos porque eles contêm a radiância uniforme de Deus, que é obscurecida e colorida por suas peles mais ásperas. Os diferentes graus de ocultação fazem com que cada vaso pareça diferente dos outros, mas isso é uma ilusão causada pelas limitações da mente humana, que explodiria se visse a plena glória dessa radiância, desprotegida ainda que por um breve instante.

Ligando um *Sephiroth* ao seguinte, há um caminho, ou canal, por meio do qual a luz do *Sephiroth* flui em

estado contínuo em ambas as direções, de Deus para o mundo e do mundo para Deus. Uma interrupção do fluxo de retorno para cima é chamada de “quebra dos canais” (*shevirat hazinnorot*), e é causada pelo pecado. Esses canais podem ser comparados a tubos ocios que conectam esferas radiantes transparentes, que brilham em diversas cores. Por meio desses canais é possível para a mente engajada em meditação subir de um vaso para o seguinte, experimentando a luz de Deus com uma pureza cada vez maior. A chegada a um *Sephiroth* possibilita a subida para o mais próximo, uma vez que a mente é condicionada para suportar a terrível glória da luz em estágios insuportáveis.

O símbolo bidimensional dos dez *Sephiroth* ligados por canais é chamado de a *Árvore dos Sephiroth*. A primeira das duas ilustrações é tirada do frontispício do livro *Porate Lucis*, do judeu convertido ao Cristianismo Paulus Ricius, publicado em Augsburg, Alemanha, em 1516. Ela mostra 16 caminhos, ou canais, um dos quais bifurcado. A *Árvore* continuou evoluindo e ficando cada vez mais complexa à medida que mais associações lhe eram acrescentadas, sendo a principal a aplicação do alfabeto hebraico a um sistema de 22 canais, com o intuito de equilibrar os dez números do *Sephiroth*. Essa versão, dada por Athanasius Kircher em seu *Oedipus Aegyptiacus*, publicada em Roma em 1652, é, em essência, a mesma usada pelos cabalistas nos tempos modernos, com exceção de alguns detalhes.

Sem dúvida, a associação mais importante com os *Sephiroth* é a série de dez nomes divinos, pois nos lem-

bram de que os *Sephiroth* nada mais são que nomes de Deus. Como escreve Scholem: “O Deus que ‘invocou’ Seus poderes para se revelarem de-lhes nome e, pode-se dizer, chamou a Si mesmo por nomes apropriados” (ibid, 99). Esses são os “dez nomes que não podem ser apagados”, em comparação com os quais todos os outros nomes de Deus são meros epítetos. Na antiga Cabala, as palavras em si reveladas à humanidade por Deus são de suma importância. Elas substituem qualquer outro artifício usado de modo especulativo para obter algum vislumbre da verdade. O poder, a verdade em si, se encontra nas letras e palavras reveladas por Deus.

Os nomes divinos são acompanhados por nomes descritivos do *Sephiroth*, que também são nomes de Deus. No *Ain Soph*, a divindade não tem nome. Os títulos descritivos dos *Sephiroth* representam a qualidade e a quantidade da luz universal que se manifesta por meio dos graus de obscuridade impostos pelos vasos. Mais de um nome pode ser aplicado a um único *Sephirah*, quando necessário para sugerir sua apropriada natureza. Os títulos dos *Sephiroth* são, em grande parte, baseados no versículo bíblico 1 Crônicas 29,11. Também se refletem no Pai-Nosso, em Mateus 6,9-13.

Bem menos importância filosófica têm as outras estruturas ocultas aplicadas aos *Sephiroth*, tais como a hierarquia dos anjos, as esferas dos céus, os elementos, os espíritos bons e maus individuais, os profetas hebreus e assim por diante. São todos acréscimos posteriores feitos à Árvore quando sua forma começou a se solidificar. Entretanto, são extremamente úteis sob o ponto de vista da

Cabala prática. A santidade dos *Sephiroth* é usada para dar autoridade e poder aos elementos específicos em obras mágicas.

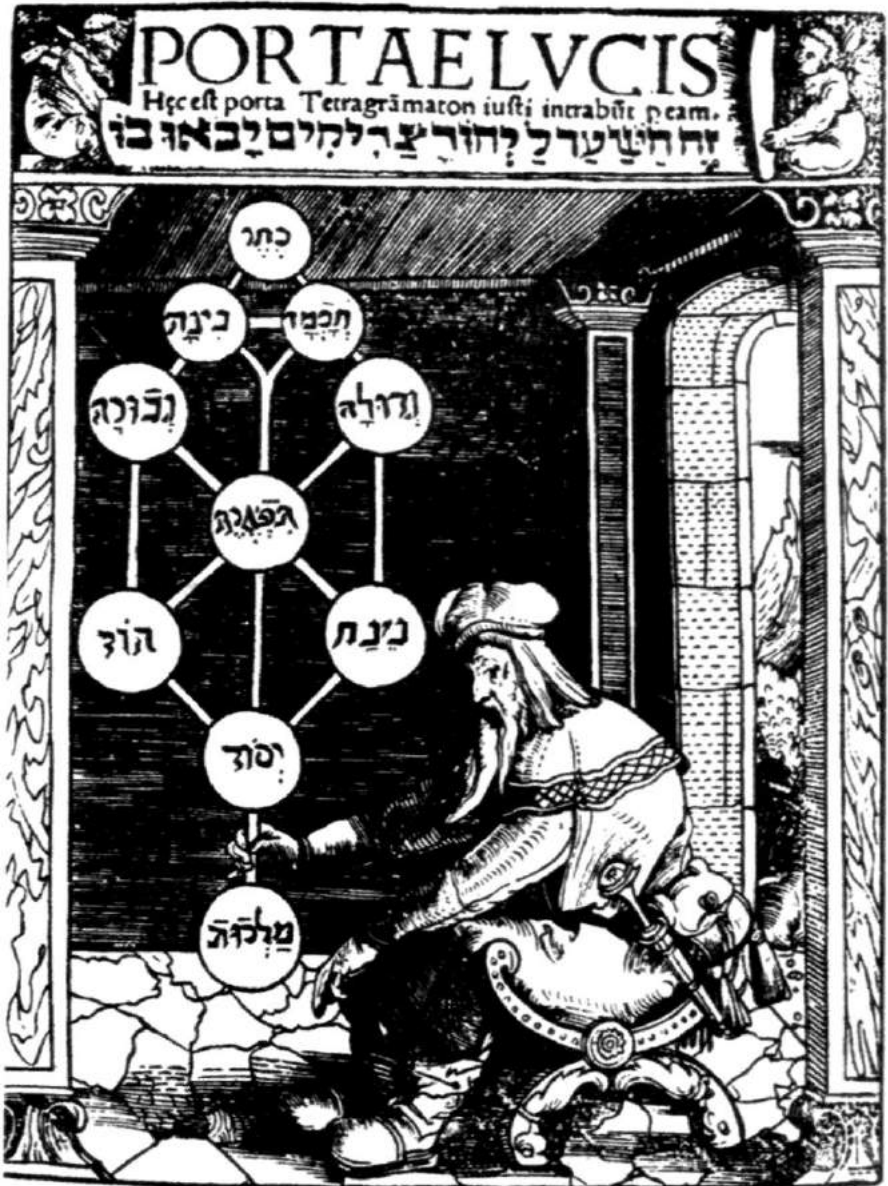
Várias divisões dos *Sephiroth* foram feitas com o intuito de ajudar a compreender seu significado. Eles foram separados em cinco superiores e cinco inferiores, os poderes ocultos e os manifestos; nessa mesma base foi feita uma divisão entre três superiores e sete inferiores, estes sendo comparados aos sete dias da criação; foram divididos em três triângulos, o mais alto dos quais (*Kether, Chokmah, Binah*) era ligado ao intelecto, o mediano (*Chesed, Geburah, Tiphareth*) à alma, e o mais baixo (*Netzach, Hod, Yesod*) à natureza.

A Árvore também foi dividida em três pilares: o Pilar Direito (*Chokmah, Chesed, Netzach*) da Misericórdia, o Pilar Mediano (*Kether, Tiphareth, Yesod, Malkuth*) da Temperança e o Pilar Esquerdo (*Binah, Geburah, Hod*) da Severidade. O lado direito da Árvore é considerado masculino e o esquerdo, feminino. Deve-se ressaltar que a Árvore dos *Sephiroth* é quase sempre representada vista por trás. Lembre-se de que *Chokmah* está do lado direito da Árvore, e *Binah* do lado esquerdo, e assim você evitará o erro comum de confundir os lados.

Existe um 11º *Sephirah*, que não é de fato um *Sephirah*, e se chama *Daath*. Apareceu pela primeira vez no século XIII, como mediador entre as influências de *Chesed* e *Binah*, e é considerado o aspecto manifesto de *Kether*. Localizado no Pilar Mediano entre e pouco abaixo de *Chokmah* e *Binah*, ele tem as mesmas qualidades de equilíbrio que os outros *Sephiroth* do Pilar Mediano.

O motivo de *Daath* não ser considerado realmente um Sephirah é a injunção estrita e explícita no *Sepher Yetzirah*: “Dez é o número dos inefáveis *Sephiroth*, dez e não nove, dez e não onze”

(*Sepher Yetzirah*) 1.3 [Westcott, 15]). Embora *Daath* seja um conceito muito útil, poucos são os cabalistas que se atrevem a violar esse decreto claro, contido no mais antigo e sagrado texto cabalístico.



A árvore dos Sephiroth

Extraído de *Portae Lucis*, de Paulus Ricius (Augsburg, 1516)

KETHER**Número**

Um.

Títulos

Kether, KThR כתר Coroa.

Authiqa, AaThIQA עתיקה O Antigo ou o O Velho.

Authiqa Qadisha, AaThIQA QDIShA, עתיקה קישה O Mais Sagrado Antigo.

Authiqa De-Authiquin, AaThIQA DAaThIQIN עתיקה רעתיקין O Antigo dos Antigos.

Authiq Iomin, AaThIQ IVMIN עתיקומין O Antigo dos Dias.

Temira De-Temirin, TMIRA טמירא ממירא רממירין dos Escondidos.

Nequdah Rashuna, NQVDSH

RASHvNH, נקודה ראשונה O Ponto Primordial.

Nequdah Peshutah, NQVDSH PShVTH, נקודה פשוטה O Ponto Sutil. (MacGregor Mathers apresenta uma grafia diferente do nome, NQVDSH

PShVTh, נקודה פשוטה

Risha Havurah, RISHa HVVRH, רישה הוורה A Cabeça Branca.

Rom Meolah, RVM MAaLH, רום מעלה Altura Inescrutável.

Arikh Anpin, ARIK ANPIN, אריך אנפין O Vasto Semblante (Macrorosopus).

Adam Auilah, ADM AaILAH, אדם צילאה O Homem Celeste.

Nome divino

Eheieh, AHIH, אהיה Eu Sou.

Arcanjo

Metatron, MTTRVN, ממטרון.

Ordem angelical

Chaioth ha-Qadesh, ChIVTh HQDSh, חיות הקדש Seres Vivos Sagrados.

Arquidemônios

Satanás e Moloch.

Ordem demoníaca

Thamiel, Os Dois Competidores.

Esfera celeste

Rashith ha-Gilgalim, RAShITH HGLGLIM, ראשית הגלגלים Primum Móbile.

Parte do homem

Cabeça.

CHOKMAH**Número**

Dois.

Títulos

Chokmah, ChKMH, חכמה Sabedoria.

Ab, AB, SN O Pai.

Abba, ABBA, אבא O Pai Supremo.

Nomes divinos

Jah, IH, יה

Jehovah (Jeová, Javé), IHVH, יהוה O Senhor.

Yod Jehovah, IHVH, ייִהוה (dado por Agrippa, cap. X, l. III, e na tabela no fim do cap. XIII, l. II).

Arcanjo

Ratziel, RTzIAL, רציאל.

Ordem angelical

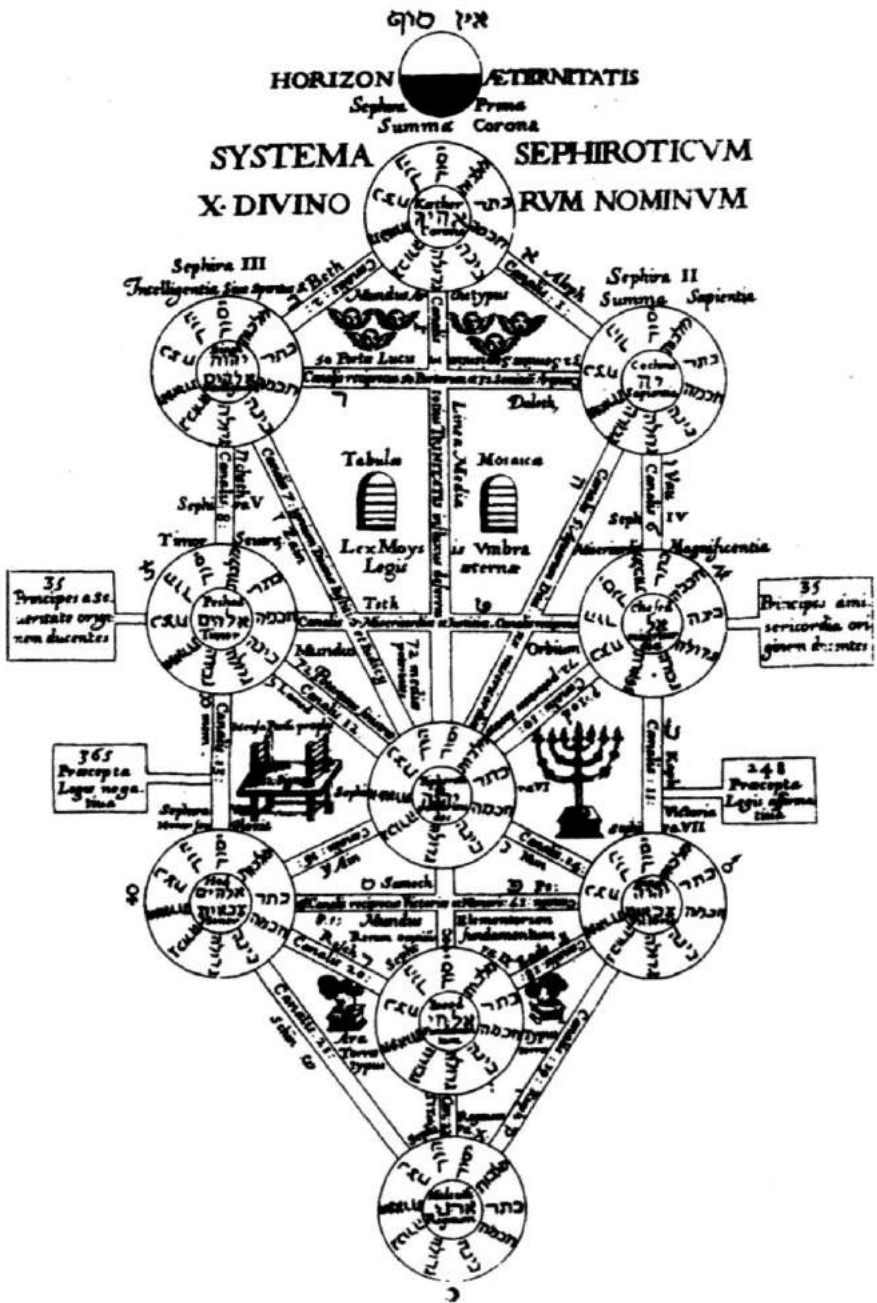
Auphanim, AVPNIM, אופני As Rodas.

Arquidemônio

Beelzebub (Belzebu).

Ordem demoníaca

Ghogiel, Os Impedidores.



Árvore Sefhiróthica

Extraído de Oedipus Aegyptiacus, de Athanasius Kircher (Roma, 1652)

Esfera celesteMasloth, MSLVTh, **מסלות**Zodíaco (também na grafia MZLVTh, **מזלות**).**Parte do homem**

Cérebro.

BINAH

Número

Três.

TítulosBinah, BINH, **כִּינָה** Inteligência.Ama, AMA, **אִמָּה** A Mãe.Aima, AIMA, **אִמָּה** A Grande Mãe Produtiva.**Nomes divinos**Elohim, ALHIM, **אֱלֹהִים** Senhor.Jehovah Elohim, **יְהוָה אֱלֹהִים** O Senhor Deus. Em termos mais estritos, o nome divino é IHVH, **יהוה** pronunciado Elohim (ver Scholem, Kabbalah 1977, 108).Jehovah, ou Jeová, junto a *he*, HIHVH, (dado por Agrippa, cap. XVII, l. III).**Arcanjo**Tzaphkiel, TzPQIAL, **צִפְקִיאל**.**Ordem angelical**Aralim, ARALIM, **אֲרָאִלִים** Os

Tronos.

Arquidemônio

Lucifuge.

Ordem demoníaca

Satariel, os Escondedores.

Esfera celesteShabbathai, ShBThAI, **שַׁבְּתַאי**

Saturno.

Parte do homem

Coração.

CHESD

Número

Quatro.

TítulosChesed, ChSD, **חסד** Amor.Gedulah, GDVLH, **גְּדוּלָה**

Grandeza.

Nome divinoEl, AL, **אל** O Poderoso.**Arcanjo**Tzadkiel, TzDQIAL, **צִדְקִיאל**.**Ordem angelical**Chasmalim, ChShMLIM, **חַשְׁמַלִּים**

Os Reluzentes.

Arquidemônio

Ashtaroth.

Ordem demoníaca

Agshekeloh, Os Golpeadores ou Quebradores.

Esfera celesteTzadekh, TzDQ, **צִדְקָה** Júpiter.**Parte do homem**

Braço direito.

GEBURAH**Número**

Cinco.

TítulosGeburah, GBVRH, **גְּבוּרָה** Força.Din, DIN, **דִּין** Julgamento ou

Severidade.

Pachad, PChD, **פַּחַד** Medo.**Nomes divinos**Eloh, ALH, **אלה** O Todo-poderoso.

Elohim Gibor, ALHIM GBVR, אלהים גבור Deus das Batalhas, Agrippa apresenta a grafia ALHIM GIBR, אלהים גיבר.

Arcanjo

Khamael, KMAL, כמאל.

Ordem angelical

Serafim, ShRPIM, שרפים As Serpentes Flamejantes.

Arquidemônio

Asmodeus.

Ordem demoníaca

Golohab, Os Incendiários ou Os Chamejantes.

Esfera celeste

Madim, MADIM, מאדים Marte.

Parte do homem

Braço esquerdo.

TIPHARETH

Número

Seis.

Títulos

Tiphareth, ThPARTh, תפארת Beleza.

Rahamim, RChMIM, רחמים Compaixão.

Melekh, MLK, מלך O Rei.

Zauin Anpin, ZVIR ANPIN, אנפין

זויד, O Semblante Menor (Microprosopus). Esse título também se aplica aos *Sephiroth* combinados de 4 a 9.

Nomes divinos

Eloah Va-Daath, ALVH VDAaTh, אלה ורצת Deus Manifesto.

Elohim, ALHIM, אלהים Deus.

Arcanjo

Rafael, RPAL, רפאל.

Ordem angelical

Malachim, מלכים MLKIM, Reis. Ginsburg ([1863] 1970) dá Shimanim, ShNANIM, שנאנים Multidões (ver Salmos 68,17).

Arquidemônio

Belphegor.

Ordem demoníaca

Tagiriron, Os Disputadores.

Ordem celeste

Shemesh, ShMSh, שמש Sol.

Parte do homem

Peito.

NETZACH

Número

Sete.

Títulos

Netzach, NTzCh, נצה Firmeza ou Vitória.

Nomes divinos

Jehovah (Jeová) Sabaoth, IHVH TzBAVTh, יהוה צבאות Senhor das Hostes.

Arcanjo

Haniel, HANIAL, האניאל.

Ordem angelical

Elohim, ALHIM, אלהים. Deuses, Ginsburg ([1863] 1970) dá Tarshishim, ThRShIShIM, תרשישים, Os Brilhantes (ver Daniel 10,6).

Arquidemônio

Baal.

Ordem demoníaca

Gharab Tzerek, Os Vorazes.

Esfera celeste

Nogah, NVGh, נוגה Vênus.

Parte do homem

Perna direita.

HOD

Número

Oito.

Títulos

Hod, HVD, הוד Esplendor.

Nome divino

Elohim Sabaoth, ALHIM
TzBAVTh, אלהים צבאות Deus das
Hostes.

Arcanjo

Miguel, MIKAL, מיכאל.

Ordem angelical

Beni Elohim, BNI ALHIM,
בני אלהים Filhos de Deus.

Arquidemônio

Adrammelech.

Ordem demoníaca

Samael, Os Falsos Acusadores.

Esfera celeste

Kokab, Mercúrio בוכב.

Parte do homem

Perna esquerda.

YESOD

Número

Nove.

Títulos

Yesod, ISVD, יסוד A Fundação.

Yesod Aalam, ISVD AaVLM עולם
יסוד Fundação Eterna do Mundo.

Nomes divinos

Shaddai, ShDI, שדי, O Todo-
poderoso.

El Chai, AL ChI, אל חי Vivente
Poderoso.

Arcanjo

Gabriel, GBRIAL, גבריאל.

Ordem angelical

Querubim, KRBIM, כרובים. Os
Fortes. Ginsburg ([1863] 1970) coloca
aqui os Ashim, ASHIM, אשים. Agrippa
soletra KRVBIM, ברובים.

Arquidemônio

Lilith, A Sedutora.

Ordem demoníaca

Gamaliel, Os Obscenos/ As
Obscenas.

Esfera celeste

Levanah, LBNH, לבנה Lua.

Parte do homem

Órgãos genitais.

MALKUTH

Número

Dez.

Títulos

Malkuth, MLKVTh, מלכות O
Reino.

Atarah, AaTRH, צמרה O
Diadema. Ver Provérbios 12,4.

Shekinah, ShKINH, שבונה

A Glória Manifesta de Deus.

Kallah, KLH, בלה, A Noiva (do
Microprosopus)

Malkah, MLKH, מלכה A Rainha.

Nomes divinos

Adonai, ADNI, אדני Senhor.

Adonai Malekh, ADNI MLK, מלך

אדני TK Senhor e Rei.

Adonai he-Aretz, ADNI HARTz,

אדני הארץ, Senhor da Terra.

Arcanjo

Metatron, MTTRVN, מטטרון, em seu aspecto manifesto. O anjo geralmente citado é Sandalphon, SNDLPVN, סנרלפון, mas Sandalphon é o anjo da Terra.

Ordem angelical

Ashim, ASHIM, אשים Almas de Chama: ver Salmos 104,4. Agrippa soletra AISHIM, אישים Aishim, Homens de Deus, que me parece preferível.

Arquidemônio

Nahema. A Estranguladora de Crianças.

Ordem demoníaca

Nahemoth, Os Dolorosos.

Esfera celeste

Aulam Yesodoth, AaVLM ISVDTh, עולם יסודות, Os Elementos. Às vezes, incorretamente dado como Cholem Yesodoth,

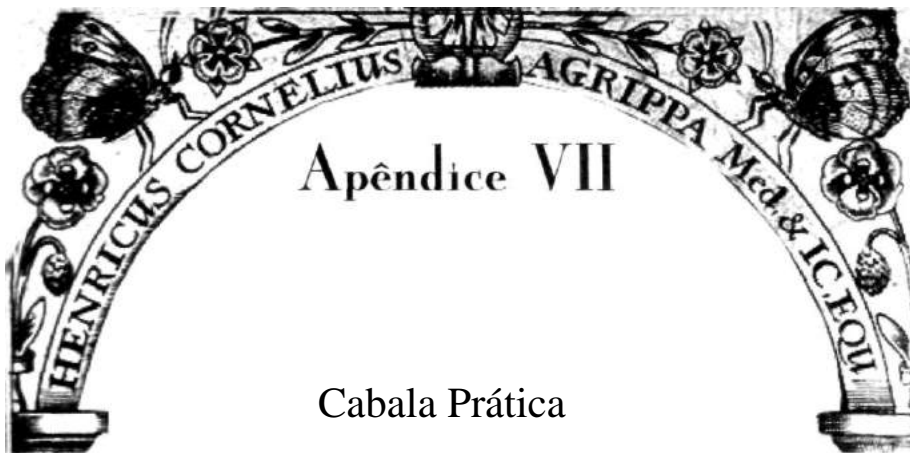
ChVLM ISVDVTh, הולם יסודות, O Quebrador das Fundações.

Parte do homem

O corpo todo.

Há vários sistemas conflitantes de demônios e ordens demoníacas na literatura da Cabala. O que apresentamos aqui é a citada por S. L. MacGregor Mathers na introdução de sua tradução de Knorr von Rosenroth, *Kabbalah Unveiled* (Mathers [1887] 1962), prancha oposta à p. 30.

O arquidemônio de Malkuth, Nahema, é uma das quatro rainhas-demônio. Ela costuma ser confundida com Lilith nos escritos cabalísticos. Lilith regia Roma, Agrath (ou Agrat) regia Salamanca, Rahab (ou Mahalath) regia o Egito, e Nahema regia Damasco. Esses quatro lugares simbolizam, respectivamente, norte, oeste, sul e leste.



Apêndice VII

Cabala Prática

Por conveniência, as especulações esotéricas do judaísmo conhecidas como a Cabala podem ser divididas em duas classes: Cabala especulativa (*Kabbalah iyyunit*), que trata das doutrinas filosóficas abstratas da natureza de Deus, do Universo e do homem; e a Cabala prática (*Kabbalah ma'asit*), que envolve práticas mágicas com o intuito de produzir resultados específicos. Essas classes não são totalmente separadas e costumam se mesclar, mas podem ser consideradas independentes quanto ao objetivo. A primeira busca uma transformação da alma de acordo com a vontade de Deus, e é mística; a segunda busca uma transformação do mundo segundo a vontade do homem, e é mágica.

Quando a Cabala começou a tomar forma como um sistema metafísico, as técnicas para fazer encantamentos, amuletos e talismãs foram nela absorvidas. Todas elas envolviam os poderes mágicos das letras do alfabeto hebraico, particularmente as que apareciam nas palavras da Tora, ou escrita sagrada. Um mago

judeu usava o título de Baal Shem, בעל, Mestre do Nome, que se referia à sua habilidade para manipular os nomes de Deus para fins mágicos. É significativo o fato de tal nome ser de origem babilônica, pois aponta para as raízes da magia judaica na demonologia da Babilônia.

Como a magia judaica depende tanto da manipulação de palavras e letras, as técnicas pelas quais isso é feito foram chamadas, em si, de Cabala prática. No entanto, esse uso é muito estreito, uma vez que as técnicas são empregadas também em especulações abstratas e meditações em Deus.

Basicamente, o significado das letras hebraicas deriva de seu valor numérico. Cada letra representa um ou mais números, como se pode ver na tabela do alfabeto hebraico, e, por meio de vários sistemas, esses valores numéricos estão inter-relacionados. Foram listadas já 72 técnicas (ver Scholem, *Kabbalah*, 1977, 2:10:341), mas a matéria abordada por Agrippa cai nas três categorias de *gematria*, *notarikon* e *temurah*.

Alfabeto Hebraico

Ordem	Letra	Transliteração	Valor	Final	Nome	Significado	Tipo
1.	א	A	1		Aleph	Boi	Mãe
2.	ב	B,V	2		Beth	Casa	Dupla
3.	ג	G,Gh	3		Gimel(Chimel)	Camelo	Dupla
4.	ד	D,Dh	4		Daleth	Porta	Dupla
5.	ה	H	5		He	Janela	Simples
6.	ו	o,u,v	6		Vau	Prego	Simples
7.	ז	Z	7		Zayin (Zain)	Espada	Simples
8.	ח	Ch	8		Cheth (Heth)	Cerca	Simples
9.	ט	T	9		Teth	Cobra	Simples
10.	י	I,Y	10		Yod	Mão	Simples
11.	כ	K,Kh	20	500 ך	Kaph (Caph)	Punho	Dupla
12.	ל	L	30		Lamed	Boi-Aferroar	Simples
13.	מ	M	40	600 ם	Mem	Água	Mãe
14.	נ	N	50	700 ן	Nun (Noum)	Peixe	Simples
15.	ס	S	60		Samekh (Samech)	Suporte	Simples
16.	ע	Aa, Ngh, O	70		Ayin (Hain)	Olho	Simples
17.	פ	P, Ph	80	800 ף	Pe (Phe)	Boca	Dupla
18.	צ	Tz	90	900 ץ	Tzaddi (Tzad ou Tsadé)	Gancho	Simples
19.	ק	Q, K		100	Qoph (Coph)	Ouvido	Simples
20.	ר	R		200	Resh (Resch)	Cabeça	Dupla
21.	ש	S, Sh		300	Shin	Dente	Mãe
22.	ת	T, Th		400	Tau	Cruz	Dupla

Gematria, גמטריא, do grego γεωμετρία (geometria), e não - como afirma erroneamente Ginsburg e, baseando-se nele, Mathers, de γράμμα (um caractere escrito) - no sentido mais restrito usado aqui, é a regra segunda a qual uma palavra ou grupo de palavras recebe significado de acordo com o valor numérico total das letras envolvidas. Uma palavra pode ser ligada a outra que tenha o mesmo valor. Por exemplo, o nome do anjo Metatron, מטטרון, e o nome de Deus, Shaddai, שדי, totalizam cada um 314, permitindo que um represente o outro cabalisticamente pelo sistema de *gematria*. Isso explicaria o que se lê em Êxodo 23,21. Do mesmo modo, uma frase pode representar uma palavra, ou uma palavra uma frase, ou uma frase outra frase, desde que seus totais numéricos sejam iguais.

Notarikon, נטריוקון, do latim *notarius*, um taquígrafo da antiga Roma que abreviava palavras usando letras únicas, é a regra pela qual as letras iniciais das palavras em uma frase são combinadas para formar uma palavra, ou palavras, com significado relativo. Às vezes, as letras finais ou do meio também são usadas. Por exemplo, a frase de Deuteronômio 30,12: “Quem subirá por nós aos céus?”, מי יעלה לנו השמימה, cede letras do começo de cada palavra que forma a palavra usada para circuncisão, מילה, e as do fim de cada palavra dessa mesma frase formam a palavra Jeová, יהוה. Com isso, considerava-se confirmado o decreto de Deus que a circuncisão era o caminho para a salvação. Inversamente, com o *notarikon*, as letras individuais em uma palavra podem se tornar as letras iniciais em uma frase ou sentença. A primeira

palavra na Bíblia, Berashith, בראשית pode ser expandida na sentença *Berashith Rahi Elohim Sheyequehelo Israel Torah*: אלהים שיקבלו ישראל תורה בראשית ראה

“No princípio, Deus viu que Israel aceitaria a Lei.”

Temurah, תמורה, permutação, também chamado de Tziruph, צירוף, combinação, é a regra pela qual as letras são relacionadas e trocadas. Por determinada técnica, o alfabeto hebraico se dobra no meio sobre si mesmo para formar 11 pares de letras. Com algumas transposições, 22 grupos de pares são feitos, compondo a “Tabela de Combinações de Ziruph”, dada por Agrippa no fim do cap. XXV, l. III. Cada grupo tem seu nome derivado das quatro primeiras letras, que em hebraico se lê da direita para a esquerda. Por exemplo, a fileira superior da tabela mostra o grupo chamado *Albath*, אלבאת,

Será mais fácil compreender o método de Ziruph se os grupos forem escritos numericamente, com cada letra substituída em seu lugar no alfabeto hebraico. A seguir, uma exposição numérica da Tabela de Ziruph, e também da Tabela Racional de Ziruph, mostrando sua estrutura:

10 20 9 8 7 6 5 4 3 2 1 21 22 11 12 13 14 15 16 17 18 19	Akbas (19.)	21 20 19 18 17 16 15 14 13 12 1 22 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	Aklay (10.)
21 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 22 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20	Arbak (20.)	22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12	Almak (11.)
11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 22 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21	Ashbar (21.)	2 22 21 20 19 18 17 16 15 14 1 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13	Amnal (12.)
11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22	Athbash (22.)	3 2 22 21 20 19 18 17 16 15 1 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14	Anmas (13.)

Também:

21 19 17 15 13 11 9 7 5 3 1 22 20 18 16 14 12 10 8 6 4 2	Abgad (23.)	4 3 2 22 21 20 19 18 17 16 1 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15	Asan (14.)
11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 22 21 20 19 18 17 16 15 14 13 12	Albam (24.)	5 4 3 2 22 21 20 19 18 17 1 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16	Aaphas (15.)
		6 5 4 3 2 22 21 20 19 18 1 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17	Aphza (16.)

ZIRUPH RACIONAL

12 11 10 9 8 7 6 5 4 3 1 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 2	Abgath (1.)*	7 6 5 4 3 2 22 21 20 19 1 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18	Azkap (17.)
13 12 11 10 9 8 7 6 5 4 1 14 15 16 17 18 19 20 21 22 2 3	Agdab (2.)	8 7 6 5 4 3 2 22 21 20 1 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19	Akraz (18.)
14 13 12 11 10 9 8 7 6 5 1 15 16 17 18 19 20 21 22 2 3 4	Adhag (3.)	9 8 7 6 5 4 3 2 22 21 1 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20	Arshak (19.)
15 14 13 12 11 10 9 8 7 6 1 16 17 18 19 20 21 22 2 3 4 5	Ahod (4.)	10 9 8 7 6 5 4 3 2 22 1 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21	Ashthar (20.)
16 15 14 13 12 11 10 9 8 7 1 17 18 19 20 21 22 2 3 4 5 6	Avzah (5.)	11 10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22	Athbash (21.)*
17 16 15 14 13 12 11 10 9 8 1 18 19 20 21 22 2 3 4 5 6 7	Azcho (6.)	21 19 17 15 13 11 9 7 5 3 1 22 20 18 16 14 12 10 8 6 4 2	Abgad (22.)*
18 17 16 15 14 13 12 11 10 9 1 19 20 21 22 2 3 4 5 6 7 8	Achto (7.)		
19 18 17 16 15 14 13 12 11 10 1 20 21 22 2 3 4 5 6 7 8 9	Atich (8.)		
20 19 18 17 16 15 14 13 12 11 1 21 22 2 3 4 5 6 7 8 9 10	Aikat (9.)		

ZIRUPH

Os pares de números nos grupos acima foram escritos de cima para baixo, em vez de lado a lado, como Agrippa escreveu as letras correspondentes, para refletir a dobra do Os pares de números nos conjuntos acima foram escritos de cima para baixo e não lado-a-lado, pois Agrippa

escreveu as letras correspondentes para refletir o dobramento do alfabeto hebraico de volta sobre si mesmo. Letras transpostas fora de sua posição normal são representadas por números em negrito. O nome de cada grupo está soletrado em nosso alfabeto, à direita. Como apêndice ao Ziruph, há dois grupos mencionados por Ginsburg em sua abordagem do tema ([1863]) 1970, 137). O primeiro está no fim da Tabela Racional de Ziruph, dada por Agrippa.

Observe que alguns dos pares são necessariamente repetidos. Por exemplo, na Tabela de Ziruph, o par AL, **18**, que aparece no primeiro lugar do primeiro grupo, chamado *Albath*, também aparece no 12º grupo, *Albach*. Observe também que o primeiro (*Abgath*) e o 21º (*Athbash*) grupos na Tabela Racional de Ziruph aparecem na Tabela regular de Ziruph, formando respectivamente o segundo e o 22º grupos.

O uso das combinações de Ziruph é claro. Em cada par específico, letras em pares são consideradas como cabalisticamente relacionadas e trocáveis. Substituindo as letras nos pares, novas palavras podem ser criadas; também as somas numéricas podem ser manipuladas. Isso é feito com o intuito de gerar um *insight* para mais especulações ou fornecer provas para convicções já existentes.

Também na categoria de temurah caem as três Tabelas de Comutações chamadas de Direita (ou Certa), Aversa e Irregular. A Tabela Direita (Certa) tem seu nome derivado da fileira superior de letras, que é escrita do jeito hebraico normal, da direita para a esquerda. Sua estrutura é tão simples que nem precisa de comentá-

rios. Na segunda fileira, a letra *aleph*, **18**, move-se de seu lugar para o fim do alfabeto; na terceira fileira, *aleph*, **18**, e *beth*, **2**, passam para o fim; e assim por diante, descendo pela tabela até a fileira inferior, o alfabeto é completamente transposto, exceto a letra *tau*, **17**. De modo semelhante, na Tabela Aversa, assim chamada porque a fileira superior é escrita em ordem reversa, da esquerda para a direita, as letras passam do fim do alfabeto para o começo até ele ser completamente transposto, exceto pela letra *aleph*, **18**.

A Tabela Irregular Aversa é mais complexa e exige uma exposição numérica, fornecida na página seguinte. Assim como as tabelas Direita e Aversa, a Irregular tem uma simetria bilateral em torno do eixo, desde o canto inferior esquerdo até o superior direito. Cada fileira e coluna contêm o alfabeto hebraico completo. As letras que foram desenhadas em tamanho maior na tabela original são mostradas aqui em negrito. Se a estrutura da tabela for examinada, ver-se-á que essas são as letras que precisaram ser movidas em variância com o padrão geral, para que fosse preservado o alfabeto completo nas fileiras e colunas. Elas representam rupturas no sistema. Isso fica claro quando os pares em negrito em cada fileira são invertidos.

Por que a tabela Irregular é também chamada de Aversa, eu não sei, pois o alfabeto está escrito em sua sequência correta nos quatro lados do quadrado, em quatro direções diferentes, sendo a fileira superior da direita para a esquerda - mas talvez eu não tenha compreendido corretamente o uso desse termo na tabela anterior.

O método de usar tabelas de comutações deve ser inferido - uma vez que eu não encontrei descrição dele em lugar algum - a partir da necessidade de se substituir uma letra por outra. A coluna exterior direita que tem o alfabeto em sua sequência normal pode ser usada como uma chave pela qual poderiam ser inseridas as letras de uma palavra ou sentença que se deseja transmutar. Haveria, assim, 21 variações possíveis. Repito que isso é apenas uma conjectura de minha parte.

Inserida na categoria de temurah, mas importante demais para ser considerada sozinha, está a cabala das nove câmaras, ou *Aiq Beker*, אק בכר, assim chamada a partir das seis primeiras letras que a constituem. O alfabeto hebraico é escrito em nove células de uma grade por dois pares de linhas paralelas que intersectam em ângulos retos, resultando em três letras em cada célula (22 letras + 5 formas finais = 27 letras). O modo de colocar as letras fica mais fácil de compreender no diagrama:

Qualquer letra tem uma ligação oculta, podendo, portanto, ser trocada com as outras letras em sua célula na grade. Por exemplo, a letra *he*, ה, pode ser substituída ou pelas letras *nun* נ ou a forma final de *kaph*, ך. De modo semelhante, seus valores podem ser trocados em computações ocultas. Agrippa usa o *Aiq Beker* extensivamente, extraindo seus sigilos para os espíritos e inteligências dos planetas a partir dos quadrados mágicos no cap. XXII, l. II. O *Aiq Beker* e o sistema de escrita secreta nele baseado são descritos por Agrippa no cap. XXX, l. III.

Outra técnica cabalística para formar palavras com significado mágico é o de escrever versículos da Tora um sobre o outro, e depois extraindo palavras das colunas verticais de letras. O uso mais importante desse artifício envolve Êxodo 14,19-21, em que cada versículo contém 72 letras.

300	30	3	200	20	2	100	10	1
ש	ל	ג	ך	כ	ב	ק	י	א
Sh	L	G	R	K	B	Q	I	A
600	60	6	500	50	5	400	40	4
ם	ם	ו	ך	נ	ה	ת	מ	ד
M.f.	S	V	K-f	N	H	Th	M	D
900	90	9	800	80	8	700	70	7
ץ	צ	ט	ך	פ	ח	ן	ע	ז
Tz-f.	Tz	T	P-f.	P	Ch	N-f.	Aa	Z

Tabela irregular aversa

22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
21	12	1	22	20	19	18	17	16	15	14	13	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2
20	13	2	1	22	21	19	18	17	16	15	14	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3
19	3	13	2	1	22	21	20	18	17	16	15	14	12	11	10	9	8	7	6	5	4
18	14	4	3	2	1	22	21	20	19	17	16	15	13	12	11	10	9	8	7	6	5
17	4	14	5	3	2	1	22	21	20	19	18	16	15	13	12	11	10	9	8	7	6
16	15	5	6	4	3	2	1	22	21	20	19	18	17	14	13	12	11	10	9	8	7
15	5	16	7	6	4	3	2	1	22	21	20	19	18	17	14	13	12	11	10	9	8
14	16	6	8	7	5	4	3	2	1	22	21	20	19	18	17	15	13	12	11	10	9
13	6	17	21	8	7	5	4	3	2	1	22	9	20	19	18	16	15	14	12	11	10
12	17	7	10	9	8	6	5	4	3	2	1	22	21	20	19	18	16	15	14	13	11
11	7	18	13	10	9	8	6	5	4	3	2	1	22	21	20	19	17	16	15	14	12
10	18	8	14	12	11	9	7	6	5	4	3	2	1	22	21	20	19	17	16	15	13
9	8	19	15	13	12	11	10	7	6	5	4	3	2	1	22	21	20	18	17	16	14
8	11	9	16	14	13	12	19	10	7	6	5	4	3	2	1	22	21	20	18	17	15
7	20	10	17	15	14	13	12	11	9	8	6	5	4	3	2	1	22	21	19	18	16
6	10	15	18	16	20	14	13	12	11	9	8	7	5	4	3	2	1	22	21	19	17
5	19	21	11	17	16	15	14	13	12	10	9	8	7	6	4	3	2	1	22	20	18
4	9	12	20	11	18	17	16	15	14	13	10	21	8	7	6	5	3	2	1	22	19
3	22	11	12	21	15	10	9	19	8	18	7	17	6	16	5	14	4	13	2	1	20
2	1	22	9	19	10	20	11	8	18	7	17	6	16	5	15	4	14	3	13	12	21
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22

The Cabala

Fig. A

א	י	ק
ב	כ	ר
ג	ל	ש
ד	מ	ת
ה	נ	ך
ו	ס	ם
ז	ע	ז
ח	פ	ף
ט	צ	ץ

Fig. B

דחזנסאנאל

Fig. C

א"ט ט"ז

Fig. D

א"ו י"ג

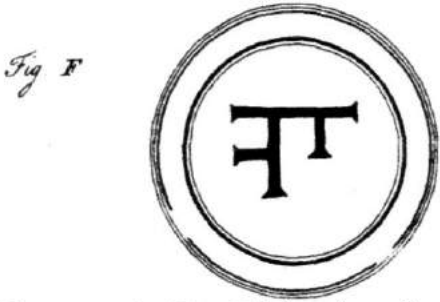


Fig. F The Cabalistic Character of the Spirit Michael as Composed out of the above Tables A B C D

Cabala de nove câmaras

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)

Os Schemhamphoras:

Êxodo 14,19 -

ויסע מלאך האלודים חהלך לפני מתנה
 ישראל וילך מאחריהם ויסע עמור הענן
 מפניהם ויעמר מאחריהם:

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
I	M	H	H	L	K	L	P	N	I	M	Ch
Z	B	R	Q	A	L	V	H	L	I	L	H
L	H	I	M	T	I	V	L	K	I	H	V
25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
N	H	I	Sh	R	A	L	V	I	L	K	M
Th	A	R	A	I	V	K	Sh	Ch	H	V	N
H	A	Th	H	I	M	B	R	V	Ch	Q	D

Êxodo 14,20 -

ויבא בין מתנה מצרים ובין מתנה ישראל
 ידה הענן וחהשך וראך את הלילה ולא קרב
 זה אל זה כל הלילה:

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	Ch	R	I	H	M	V	I	S	Aa	Aa	M
N	Aa	H	I	H	I	V	L	A	R	Sh	I
I	M	Aa	Z	H	K	L	H	L	I	L	H

Êxodo 14,21 -

ויש משה את ידו על הים וילך יתה
 את הים ברוח קרים עזה כל הלילה וישם
 את הים לחרבה ויבקעו המים:

49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
V	D	H	Aa	N	N	M	P	N	I	H	M
H	N	Ch	M	N	I	B	V	M	I	R	Tz
V	I	Sh	M	A	Th	H	I	M	L	Ch	R

O primeiro versículo está escrito da maneira normal, da direita para a esquerda; o segundo, da esquerda para a direita abaixo do primeiro; e o terceiro, da direita para a esquerda abaixo do segundo. Cada coluna de três letras, lidas para baixo nas colunas, resulta em um dos 72 nomes de Deus que costumam ser chamados de Os Schemhamphoras, que adquirem um caráter sagrado adicional com o acréscimo dos sufixos divinos El, Al, ou Yah. Isso é descrito por Agrippa no fim do cap. XXV, l. III, e o resultado é mostrado na tabela dos Schemhamphoras que acompanha o mesmo capítulo. Por questão de clareza, a transliteração em nosso alfabeto é fornecida a seguir:

61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72
V	I	Aa	M	D	M	A	Ch	R	I	H	M
M	H	N	Ch	M	N	I	B	A	B	I	V
B	H	V	I	B	Q	Aa	V	H	M	I	M

Agrippa substitui H, ה por Ch, ח e Ch, ח por k כ. Eu mudei a grafia usada por Agrippa para combinar as letras dos textos do Êxodo na Bíblia hebraica e as fontes da Cabala que consultei. Não tenho certeza se a grafia de Agrippa está errada ou, o que é mais provável, ela segue as letras de sua cópia do hebraico. O leitor que quiser restaurar a grafia dos nomes como eles aparecem na edição inglesa deve fazer as devidas substituições.

Embora Agrippa não mostre isso na tabela, as quatro fileiras de letras hebraicas são associadas às quatro letras do Tetragrammaton, IHVH, que podem ser escritas no lado direito da tabela, do alto para baixo. Como as letras do nome

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
V	I	S	Aa	M	L	A	K	H	A	L	H
H	L	I	L	H	L	K	H	Z	L	A	H
V	I	T	M	Sh	H	A	Th	I	D	V	Aa

divino são ligadas aos quatro elementos [yod = Fogo; primeiro *he* - Água, *vau* - Ar, segundo *he* = Terra), é possível, graças a essa chave, atribuir os 72 nomes aos elementos e aos signos do zodíaco que se relacionam aos elementos em trios.

Cada fileira da tabela contém 18 nomes, divisíveis em três grupos de seis nomes cada. Começando no lado direito de cada fileira e lendo para a esquerda, o primeiro grupo recebe o signo cardinal de seu elemento, o segundo grupo, o signo fixo, e o terceiro grupo, o signo mutável. Os nomes de cada grupo são ligados, em ordem, com os quinários de cada signo.

Ressalto que essa atribuição dos Schemhamphoras ao zodíaco é nova para mim. Nunca a vi em nenhum outro lugar, mas parece ser uma extensão lógica da tabela de Agrippa.

O ocultista francês do século XIX Lenain, em sua obra *La Science Cabalistique* (1823), atribui os nomes aos quinários, mas comete o erro, parece-me, de colocar os nomes um após outro em ordem ao redor do firmamento sem considerar suas associações elementais.

Esta é a lista corrigida dos nomes com uma transliteração das letras hebraicas em nosso alfabeto, a numeração dos nomes, suas associações elementais e a minha atribuição deles aos signos do zodíaco:

Trio do Fogo

1. Vehuiah, VHV + IH, Fogo, Áries 1° - 5^a
2. Yeliel, ILI + AL, Fogo, Áries 6° - 10°
3. Sitael, SIT + AL, Fogo, Áries 11° - 15°
4. Aulemiah, AaLM + IH, Fogo, Áries 16° - 20°

5. Mahasiah, MHSh + IH, Fogo, Áries 21° - 25°
6. Lelahel, LLH + AL, Fogo, Áries 26° - 30°
7. Akaiah, AKA + IH, Fogo, Leão 1° - 5°
8. Kahathel, KHTh + AL, Fogo, Leão 6° - 10°
9. Heziel, HZI + AL, Fogo, Leão 11° - 15°
10. Eladiah, ALD + IH, Fogo, Leão 16° - 20°
11. Laviah, LAV + IH, Fogo, Leão 21° - 25°
12. Hahauah, HHAa + IH, Fogo, Leão 26° - 30°
13. Yezalel, IZL + AL, Fogo, Sagitário 1° - 5°
14. Mebahel, MBH + AL, Fogo, Sagitário 6° - 10°
15. Hariel, HRI + AL, Fogo, Sagitário 11° - 15°
16. Haquemiah, HQM + IH, Fogo, Sagitário 16° - 20°
17. Leviah, LAV + IH, Fogo, Sagitário 21° - 25°
18. Keliel, KLI + AL, Fogo, Sagitário 26° - 30°

Trio da Água

19. Levoiah, LVV + IH, Água, Câncer 1° - 5°
20. Paheliah, PHL + IH, Água, Câncer 6° - 10°
21. Nelakel, NLK + AL, Água, Câncer 11° - 15°
22. Yiaiel, III + AL, Água, Câncer 16° - 20°
23. Melahel, MLH + AL, Água, Câncer 21° - 25°
24. Chahuiah, ChHV + IH, Água, Câncer 26° - 30°
25. Nethahia, NThH + IH, Água, Escorpião 1° - 5°
26. Haaiah, HAA + IH, Água, Escorpião 6° - 10°

27. Yerathel, IRT_h + AL, Água, Escorpião 11° - 15°
28. Sheahiah, ShAH + IH, Água, Escorpião 16° - 20°
29. Riyel, RII + AL, Água, Escorpião 21° - 25°
30. Aumel, AV_M + AL, Água, Escorpião 26° - 30°
31. Lekabel, LKB + AL, Água, Peixes 1° - 5°
32. Vehsheriah, VShR + IH, Água, Peixes 6° - 10°
33. Yechoiah, IchV + IH, Água, Peixes 11° - 15°
34. Lehachiah, LHCh + IH, Água, Peixes 16° - 20°
35. Kevequiah, KVQ + IH, Água, Peixes 21° - 25°
36. Menadel, MND + AL, Água, Peixes 26° - 30°

Trio do Ar

37. Aniel, ANI + AL, Ar, Libra 1° - 5°
38. Chaumiah, ChAaM + IH, Ar, Libra 6° - 10°
39. Rehauel, RHAA + AL, Ar, Libra 11° - 15°
40. Yeizel, IIZ + AL, Ar, Libra 16° - 20°
41. Hahahel, HHH + AL, Ar, Libra 21° - 25°
42. Mikael, MIK + AL, Ar, Libra 26° - 30°
43. Vevaliah, VVL + IH, Ar, Aquário 1° - 5°
44. Yelahiah, YLH + AL, Ar, Aquário 6° - 10°
45. Saeliah, SAL + IH, Ar, Aquário 11° - 15°
46. Auriel, AaRI + AL, Ar, Aquário 16° - 20°
47. Aushaliah, AaShL + IH, Ar, Aquário 21° - 25°
48. Miahel, MIH + AL, Ar, Aquário 26° - 30°
49. Vehuel, VHV + AL, Ar, Gêmeos 1° - 5°

50. Daniel, DNI + AL, Ar, Gêmeos 6° - 10°
51. Hachashiah, HChSh + IH, Ar, Gêmeos 11° - 15°
52. Aumemiah, AaMM + IH, Ar, Gêmeos 16° - 20°
53. Nanael, NNA + AL, Ar, Gêmeos 21° - 25°
54. Neithel, NITH + AL, Ar, Gêmeos 26° - 30°

Trio da Terra

55. Mabehiah, MBH + IH, Terra, Capricórnio 1° - 5°
56. Poïel, PVI + AL, Terra, Capricórnio 6° - 10°
57. Nememiah, NMM + AL, Terra, Capricórnio 11° - 15°
58. Yeilel, IIL + AL, Terra, Capricórnio 16° - 20°
59. Harachel, HRCh + AL, Terra, Capricórnio 21° - 25°
60. Metzerele, MTzR + AL, Terra, Capricórnio 26° - 30°
61. Umabel, VMB + AL, Terra, Touro 1° - 5°
62. Yehahel, IHH + AL, Terra, Touro 6° - 10°
63. Aunuel, AaN_V + AL, Terra, Touro 11° - 15°
64. Mechiel, MchI + AL, Terra, Touro 16° - 20°
65. Damebiah, DMB + IH, Terra, Touro 21° - 25°
66. Menaqel, MNQ + AL, Terra, Touro 26° - 30°
67. Aiauel, AIAa + AL, Terra, Virgem 1° - 5°
68. Chebuiah, ChBV + IH, Terra, Virgem 6° - 10°
69. Raahel, RAH + AL, Terra, Virgem 11° - 15°
70. Yebemiah, IBM + IH, Terra, Virgem 16° - 20°

- 71. Haiahel, HII + AL, Terra, Virgem 21° - 25°
- 72. Moumiah, MVM + IH, Terra, Virgem 26° - 30°

As sete tabelas de Transposições Numéricas dadas no fim do capítulo XXV, l. III aparecem incompletas à primeira vista, mas um exame de sua estrutura mostra que estão, na verdade, completas, que tabulam os diferentes pares de letras em hebraico que podem ser usadas para significar os mesmos números (o uso de letras para números é explicado no cap. XIX, l. II). Uma vez que diferentes pares de letras têm o mesmo valor numérico, elas têm uma ligação oculta, podendo, assim, ser trocadas.

Tabela de Unidades

					1
				1+1	2
				2+1	3
			2+2	3+1	4
			3+2	4+1	5
		3+3	4+2	5+1	6
		4+3	5+2	6+1	7
	4+4	5+3	6+2	7+1	8
	5+4	6+3	7+2	8+1	9
5+5	6+4	7+3	8+2	9+1	10

11-19 por Unidades

5+6	4+7	3+8	2+9	1+10
6+6	5+7	4+8	3+9	2+10
	6+7	5+8	4+9	3+10
	7+7	6+8	5+9	4+10
		7+8	6+9	5+10
		8+8	7+9	6+10
			8+9	7+10
			9+9	8+10
				9+10

A sexta tabela mostrando os pares de 1100-1300 é desenhada de uma maneira um pouco diferente das outras tabelas. Pode ser facilmente mudada para ser compatível em estrutura com as outras tabelas. Por que Agrippa a desenhou assim, eu não sei. A última tabela não contém informações novas, e pode ter sido acrescentada apenas como uma chave para se compreender o significado das tabelas anteriores.

Tabela de Dezenas

					10
				10+10	20
				20+10	30
			20+20	30+10	40
			30+20	40+10	50
		30+30	40+20	50+10	60
		40+30	50+20	60+10	70
	40+40	50+30	60+20	70+10	80
	50+40	60+30	70+20	80+10	90
50+50	60+40	70+30	80+20	90+10	100

É mais fácil entender as estruturas dessas tabelas convertendo as letras aos seus valores numéricos:

110-190 por Dezenas

50+60	40+70	30+80	20+90	10+100
60+60	50+70	40+80	30+90	20+100
	60+70	50+80	40+90	30+100
	70+70	60+80	50+90	40+100
		70+80	60+90	50+100
		80+80	70+90	60+100
			80+90	70+100
			90+90	80+100
				90+100

Antes de concluir os comentários a respeito da Cabala prática, devemos fazer uma breve observação das tabelas no fim do capítulo XXVII, l. III, para descobrir os nomes dos anjos bons e maus dos planetas e dos signos do zodíaco.

Essas duas tabelas são formadas escrevendo as cartas do alfabeto hebraico nas fileiras do alto para baixo. Quando o alfabeto acaba, começa

Tabela de Centenas

						100
					100+100	200
					200+100	300
				200+200	300+100	400
				300+200	400+100	500
		300+300	400+200	500+100		600
		400+300	500+200	600+100		700
	400+400	500+300	600+200	700+100		800
	500+400	600+300	700+200	800+100		900
500+500	600+400	700+300	800+200	900+100		1000

1100-1300
por Centenas

700 + 400	800 + 300	900 + 200
800 + 400	900 + 300	
900 + 400		

Chave

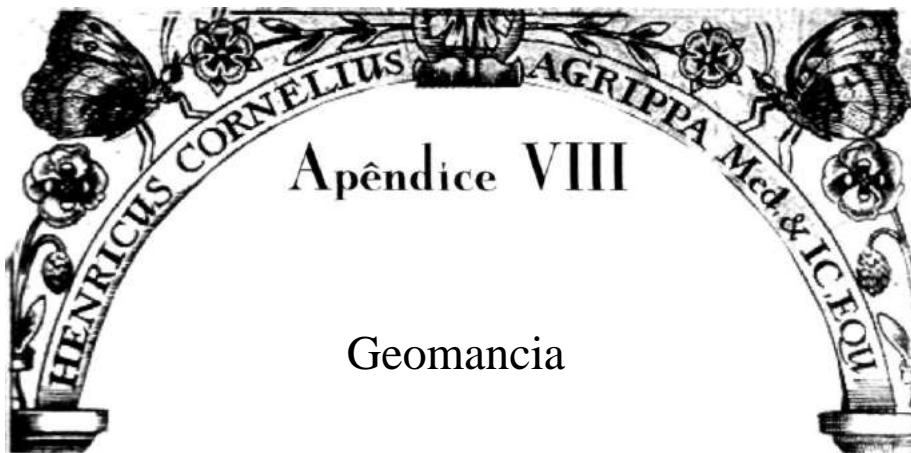
5	10	10	10	10
5	6 + 4	7 + 3	8 + 2	9 + 1
50	100	100	100	100
50	60 + 40	70 + 30	80 + 20	90 + 10
500	1000	1000	1000	1000
500	600 + 400	700 + 300	800 + 200	900 + 100

de novo na célula seguinte. Na tabela dos planetas, as letras são escritas da direita para a esquerda em cada fileira sucessiva. No entanto, na tabela do zodíaco, as letras são escritas da direita para a esquerda a cada segunda fileira começando do alto, e ao mesmo tempo da esquerda para a direita em cada segunda fileira começando da seguinte após a mais alta.

Qualquer nome ou palavra podem ser convertidos no nome de um anjo, encontrando-se as letras do nome ou da palavra individualmente no alfabeto que percorre o lado da

tabela sendo usada, e lendo-se através da tabela até a letra correspondente na coluna sob o planeta, ou signo do zodíaco, no qual o nome angelical deve ser baseado. Os anjos bons são extraídos lendo-se nas letras do nome da direita para a esquerda - a direção natural da escrita hebraica. Os anjos maus são encontrados lendo-se nas letras da esquerda para a direita.

Por exemplo, se você quer encontrar o anjo mau de Escorpião baseado no nome raiz de Ham, חמ , deve localizar a letra H no alfabeto subindo pelo lado esquerdo da tabela do zodíaco, e depois olhar para o outro lado, na coluna acima do signo de Escorpião, na linha do mal. A letra correspondente para M do nome raiz é L. Portanto, o nome do anjo mau é Aul, AaL, אול . Como sempre, as vogais devem ser acrescentadas para tornar os nomes pronunciáveis. Instruções quanto ao uso dessas tabelas são dadas por Agrippa no capítulo XXVII, I. III.



GGeomancia é um termo geral que aborda qualquer forma de adivinhação que emprega, ou deriva, da terra. Havia um número de métodos antigos (ver cap. LVII, l. I), mas aquele que Agrippa descreve é a técnica clássica de adivinhar por meio de 16 figuras geradas quando se faz uma série de buracos em solo fino e macio ou na areia. O tratamento que Agrippa dá ao tema na *Filosofia Oculta* é, no mínimo, sucinto demais, no capítulo XLVIII do livro II, que é um dos capítulos mais curtos em toda a obra. Entretanto, ele era bem versado no assunto e escreveu um tratado à parte dedicado à geomancia que serviu como um dos livros-textos básicos para geomantes de gerações futuras.

Esse ensaio é mencionado no cap. XIII de *De incertitudine et vanitate scientiarum*, em que, ao se referir a obras de geomancia de Haly, Gerard de Cremona, Bartolomeu de Parma e Tundinus, ele diz, comparando com seu tratado: “Eu também escrevi uma geomancia muito diferente das demais, mas não menos supersticiosa e falaciosa, ou, se preferirem, até ‘mendaz’” (citado por Thorndike,

5:8:131). Isso foi escrito antes de 1526, mas depois de *Filosofia oculta*, e aparece na *Opera* latina e na coletânea de seis obras do oculto extraídas da *Opera* e traduzidas para o inglês sob o título de *Henry Cornelius Agrippa, His Fourth Book of Occult Philosophy*.

Na verdade, o *Quarto livro* (... *Fourth Book*...) é apenas um dos seis tratados, uma produção espúria e inferior, muito semelhante em qualidades aos grimórios medievais. *De geomancia* parece ser uma obra genuína, seu estilo e conteúdo servem de guia - combinando perfeitamente com o tom e a atitude de Agrippa em *Filosofia Oculta*. Como o método de geomancia descrito no livro é o de Agrippa, e difere dos outros métodos, e como a obra é difícil de decifrar sem um guia, eu apresento aqui a técnica de Agrippa.

Ele começa declarando duas opiniões quanto à fonte da eficácia dessa forma de adivinhação. A primeira, dos antigos, é que ela deriva dos espíritos terrestres:

... portanto, para eles a projeção dos pontos dessa arte deve ser feita com signos na Terra, sendo essa arte adequada para esse elemento da Terra... e, portanto, eles usavam primeiro

of Geomancy.

<i>The greater Fortune.</i> * * * * * <hr/> <i>Via.</i> * * * *	<i>The lesser Fortune.</i> * * * * * <hr/> <i>Populus.</i> * * * * * * * *	<i>Solis.</i> ○
<i>Acquisitio.</i> * * * * * * <hr/> <i>Puella.</i> * * * * * * *	<i>Lætitia.</i> * * * * * * <hr/> <i>Amisio.</i> * * * * * * * * *	<i>Lunæ.</i> ☾
<i>Conjunctio.</i> * * * * * * <hr/> <i>Puer.</i> * * * * * * *	<i>Albus.</i> * * * * * * * * * <hr/> <i>Rubens.</i> * * * * * * * * *	<i>Jovis.</i> ♃
<i>Carcer.</i> * * * * * <hr/> <i>Ω Dragons head.</i> * * * * * * *	<i>Tristitia.</i> * * * * * * * <hr/> <i>Ω Dragons taile.</i> * * * * * * *	<i>Veneris.</i> ♀
		<i>Mercurii.</i> ♁
		<i>Martis.</i> ♂
		<i>Saturni.</i> ♄

Figuras geomânticas com os respectivos planetas

Extraído de Henry Cornelius Agrippa, His Fourth Book of Occult Philosophy (Londres, 1655)

certos sagrados encantamentos e deprecações, com outros ritos e observações, provocando e atraindo espíritos dessa natureza. (“De geomancia”, no *Quarto livro de filosofia*, 1-2)

A segunda opinião, compartilhada pelo próprio Agrippa, é que a eficácia vem do forte desejo na alma do adivinho, e por conseguinte “não importa onde ou como esses pontos são projetados...” (ibid, 2). Quanto à questão de qual é a fonte próxima do poder na adivinhação por leitura de sorte para revelar as coisas ocultas, vale a pena uma releitura do capítulo LIV, l. II, em que o tema é explicado em detalhes.

Em seguida, ele cita as 16 figuras apresentadas em *Filosofia Oculta*. A atribuição dos planetas entre as figuras é igual; não há desacordo entre os geomantes quanto aos planetas. Mas a distribuição dos signos do zodíaco entre as figuras é completamente diferente, como mostra a tabela comparativa (ver página seguinte).

Uma vez que parece não haver um consenso quanto à numeração das figuras, eu as coloquei em ordem de acordo com os planetas a elas associados. A primeira coluna mostra as figuras em si; a segunda, seus nomes em latim; a terceira, seus planetas; a quarta, seus signos na tradução inglesa da *Filosofia Oculta*; a quinta, os signos na *Opera* latina; a sexta, as atribuições de Agrippa em *De geomancia*, que são feitas de um modo que cada signo está atrelado ao seu planeta regente, com exceção da Cabeça e da Cauda do Dragão; a sétima, as atribuições vulgares ou comuns dos signos dadas por Agrippa em *De geomancia*, por questão de completez;

a oitava, os signos dados por Gerard Cremonensis em sua obra *Geomancia astronômica*, que é outro dos tratados que compõem o Quarto livro de filosofia oculta *Fourth Book of Occult Philosophy*.

Nosso autor descreve seu método, ordenando o zodíaco às figuras em *De geomancia*, que eu citarei aqui, principalmente porque me permite corrigir um erro no texto de Turner que gera confusão:

E essas são as comparações infalíveis das figuras, de daí podemos facilmente discernir a igualdade de seus signos; portanto, as Fortunas Maior e Menor têm o signo de Leão, que é a casa do Sol; Via e Populus têm o signo de Câncer, que é a casa da Lua; Aquisitio tem como signo Peixes, e Laetitia, Sagitário, ambas a casa de Júpiter; Puella tem o signo de Touro, e Amissio de Libra, que são as casas de Vênus; Coniunctio tem como signo Virgem, e Albus, o signo de Gêmeos, as casas de Mercúrio; Puer e Rubeus têm como signo Áries e Escorpião, as casas de Marte; Carcer tem o signo de Capricórnio, a Tristitia, Aquário, as casas de Saturno; a Cabeça do Dragão e a Cauda do Dragão são, portanto, divididas, a Cabeça para Capricórnio e a Cauda adere a Escorpião... (Turner [1655] 1978,4).

A forte semelhança entre as atribuições zodiacais de Gerard e aquelas na *Filosofia Oculta* levam-me a crer que Agrippa usou Gerard como fonte antes de ter desenvolvido seu total entendimento de geomancia. Mais tarde, quando estruturou suas opiniões, ele não se deu ao trabalho de incluí-las em sua edição da revista de *Filosofia Oculta*.

Podemos mencionar de passagem que a atribuição dos signos do zodíaco usados no sistema Golden Dawn de geomancia, que é uma das mais comuns hoje em dia, é idêntica à atribuição de Agrippa de acordo com os planetas regentes, a não ser pelo detalhe de que os signos de Vênus estão invertidos, bem como os de Júpiter.

Embora não pareça lhe dar muita atenção, Agrippa descreve o método usual de adivinhação geomântica, começando com uma explicação de como gerar as figuras:

E agora falaremos da maneira de projetar ou dispor essas figuras, que é a seguinte: colocamos os pontos de acordo com seu curso em quatro linhas, da direita para a esquerda, e em quatro cursos: isso resultará, portanto, em quatro figuras feitas em quatro linhas cardeais, de acordo com a marcação par ou ímpar em toda linha... (*Ibid.*,5).

Essa não é uma descrição muito lúcida, mas devia ser típica. Gerard Cremonensis descreve o mesmo processo:

Cabe, portanto, fazer quatro linhas desiguais, com os pontos voltados casualmente para baixo; e juntar esses mesmos pontos; e a partir dos pontos que estiverem juntados, os quais permanecem na cabeça das linhas (como se faz em geomancia), extrair uma figura... (“Geomancia astronômica”, no *Quarto livro*, 155).

Não importava de fato se as descrições fossem claras ou não, pois todos já sabiam como gerar as figuras geomânticas.

Pegue uma vara e faça com ela quatro séries aleatórias de buracos

Figuras geomânticas

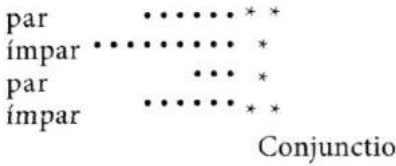
Figuras		Planetas	Signos do zodíaco				
			Filosofia oculta		De geomancia		Guard de Cremona
Formas	Nomes		inglesa	latina	Agrippa	Comum	
	Carcer	♃	♋	♋	♋	♋	♋
	Tristitia	♃	♌	♌	♌	♌	♌
	Aquisitio	♄	♍	♍	♍	♍	♍
	Laetitia	♄	♎	♎	♎	♎	♎
	Puer	♂	♍	♍	♍	♌	♎
	Rubeus	♂	♎	♎	♌	♏	♎
	Fortuna Major	☉	♌	♌	♏	♎	♌
	Fortuna Minor	☉	♎	♎	♏	♎	♎
	Puella	♀	♎	♎	♎	♏	♎
	Amissio	♀	♎	♎	♎	♎	♌
	Conjunctio	♀	♏	♏	♏	♎	♏
	Albus	♀	♏	♏	♎	♏	♏
	Via	♃	♏	♏	♏	♏	♏
	Populus	♃	♋	♋	♏	♌	♋
	Caput Draconis	♁	♏	♏	♋	♎	♏
	Cauda Draconis	♁	♎	♎	♌	♋	♎

<i>Geomantic Characters.</i>		<i>Planets</i>
<i>Figura</i>	 <i>Terra</i> <i>Populus</i>	
 <i>Coniunctio</i>	 <i>Aëus</i>	
 <i>Amisio</i>	 <i>Puella</i>	
 <i>Fortuna Major</i>	 <i>Fortuna Minor</i>	
 <i>Hemus</i>	 <i>Fœus</i>	
 <i>Aporetio</i>	 <i>Letitio</i>	
 <i>Carcer</i>	 <i>Tristitia</i>	
<i>Dragonis</i> <i>Head</i>	 <i>Caput Dragonis</i>	
<i>Dragonis</i> <i>Tail</i>	 <i>Cauda Dragonis</i>	

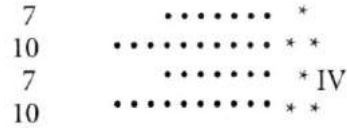
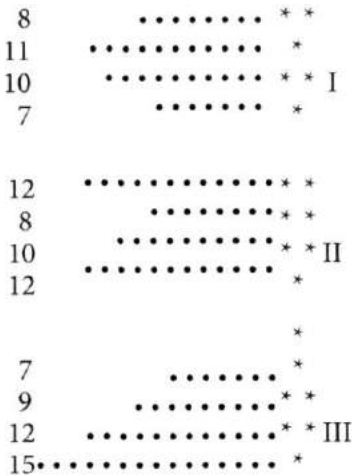
Caracteres geomânticos

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)

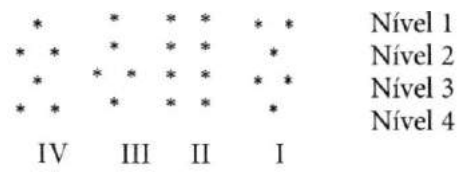
em linhas paralelas no chão, indo da direita para a esquerda, parando cada série sempre que achar apropriado; isto é, quando os espíritos da Terra lhe mandam parar. Em seguida, conte os buracos em cada linha. Um número ímpar de buracos gera um ponto, ou estrela, sobre a figura geomântica, um número par de buracos gera duas estrelas. Por exemplo:



Na forma comum de geomancia que Agrippa descreve primeiro, é necessário gerar quatro figuras, que são chamadas de quatro *Matres*, ou Mães. Estas, por sua vez, dão origem a todas as outras figuras geradas. É por isso que Agrippa fala de “quatro cursos”; isto é, quatro grupos de quatro séries de buracos, resultando em quatro figuras. Em uma adivinhação hipotética, essas séries podem ser feitas na areia:



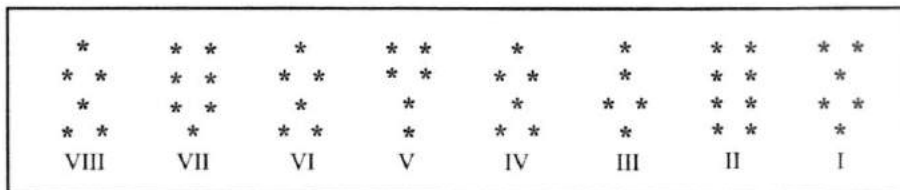
Essas Mães são escritas da direita para a esquerda em uma fileira horizontal:



Das Mães nascem as Filhas, ou Filiae, por combinação dos elementos de cada fileira horizontal das Mães da direita para a esquerda, e empilhando-as de cima para baixo, para constituir cada Filha. O nível 1 gera a primeira Filha, o nível 2, a segunda, o nível 3, a terceira e o nível 4, a quarta. As Filhas são escritas à esquerda das Mães, também da direita para a esquerda:

Dessas quatro *Matres* são produzidas quatro outras figuras secundárias, que se chamam *Filiae*, ou Que Sucedem, juntadas desta maneira; ou seja, marcando as quatro *Matres* de acordo com sua ordem, colocando-as conforme o curso, uma depois da outra; e o que resultar de toda linha forma a figura das *Filiae*, cuja ordem é descendente a partir dos pontos superiores através tanto dos intermediários quanto dos inferiores... (“De geomancia”. No *Quarto livro*, 6).

A partir dessa fileira de oito figuras, como Agrippa as denomina, “oito casas do céu”, são geradas mais quatro figuras que Agrippa não denomina, mas que em outra referência são chamadas de Sobrinhos. Cada So-

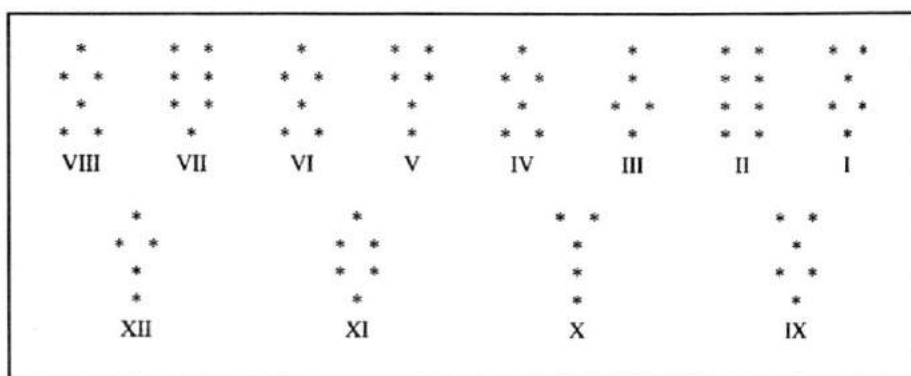


brinho é feito pela combinação de duas adjacentes Mães ou Filhas, cujos pontos são adicionados em cada um dos quatro níveis para dar totais ímpares ou pares. Um total par gera dois pontos no mesmo nível do Sobrinho descendente, e um total ímpar um ponto. Agrippa diz:

... e as demais casas são encontradas da seguinte maneira; ou seja, da

primeira e segunda deriva a nona; da terceira e quarta, a décima; da quinta e sexta, a décima primeira; e da sétima e oitava a décima segunda: pela combinação ou junção de duas figuras de acordo com a regra do número par ou ímpar nos pontos restantes de cada figura (*Ibid.*, 7).

Isso pode ser representado, continuando com o exemplo:



Mais duas figuras são geradas pela combinação dos Sobrinhos, da mesma maneira, são chamadas de *Coadjuctrices* ou *Testes* - isto é, Testemunhas. Do par de Testemunhas, uma única 15ª figura é feita, também por

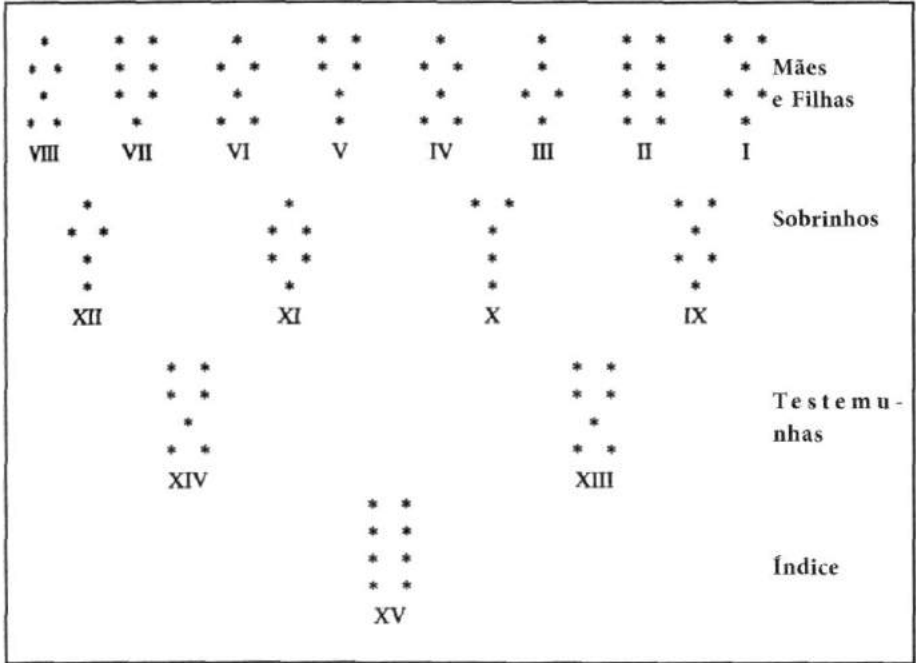
combinação, chamada de Índice por Agrippa, e de Juiz por outros. Assim descreve este procedimento:

Do mesmo modo, se produzem das quatro últimas figuras, ou seja, da nona, décima, décima primeira e

décima segunda, duas figuras que são chamadas de Coadjutrizes ou Testes; das quais também uma é

constituída, chamada de Índice de toda a figura, ou coisa gerada... (ibid, 7).

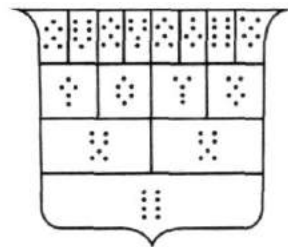
O mesmo exemplo demonstra:



Todas essas figuras são usadas em adivinhação, mas muito mais importantes que as outras são as Testemunhas e o Índice, que, sendo o foco de todo o trabalho, concentram em si uma potência oculta.

Havia um mapa-padrão no qual eram inseridas as 15 figuras geomânticas de uma adivinhação. Tinha o mesmo propósito que o mapa astrológico usado na astrologia moderna, proporcionando uma estrutura que determinava claramente as figuras em sua devida relação, para que fossem lidas com facilidade. A versão desse mapa dada por Agrippa é rudimentar, mas um exemplo mais refinado e possivelmente usado pelos adivinhos com a nobreza durante a Renascença

é representado por Robert Fludd, em uma prancha em sua obra *Utriusque cosmi historia* (Oppenheim, 1619), que mostra vários métodos principais de adivinhação, entre eles a geomancia. Um exemplo apareceria no mapa, desta maneira:



Stephen Skinner, em seu útil livro *The Oracle of Geomancy* (Prism, 1977, 350-2), explica com propriedade



Métodos de adivinhação mostrando o mapa geomântico
 Extraído de Tomus Secundus de supernaturali, naturali, praeternaturali et contranaturali
 microcosmi historia, de Robert Fludd (Oppenheim, 1619)

que, por causa da estrutura inerente das figuras e seu modo de geração, só há oito figuras possíveis que podem ocorrer no Índice, um erro cometido em algum lugar no mapa.

Agrippa não tinha muito entusiasmo por essa geomancia convencional: “E esta que descrevemos é a

maneira comum observada por geomantes, que não rejeitamos nem exaltamos...” (“De geomancia”. No *Quarto livro*, 8). Ele apresenta um sistema próprio de geomancia astrológica no qual 12 das figuras geomânticas são inseridas nas 12 casas do zodíaco de acordo com o mapa

astrológico-padrão do dia. Com cada figura também entra seu respectivo planeta. O adivinho pode, então, desenhar com base tanto no significado das figuras quanto das casas, dando à adivinhação uma sutileza maior.

Assim como as *Matres* anteriores formam os quatro Ângulos de uma casa, a primeira o primeiro Ângulo, a segunda o segundo Ângulo, a terceira o terceiro Ângulo, e a quarta o quarto Ângulo; também as *Filiae* oriundas das *Matres* constituem as quatro casas Que Se Sucedem; a primeira a segunda casa, a segunda a décima primeira, a terceira a oitava, e a quarta a quinta casa; o resto das casas, que são *Cadentes*, devem ser calculadas de acordo com a regência de sua triplicidade; isto é, constituindo a nona a partir da primeira e quinta, e a sexta a partir da décima e da segunda, da sétima e décima primeira a terceira, e da quarta e oitava a décima segunda (ibid).

Para aqueles que nada sabem de astrologia, uma breve explicação é necessária. Cada signo do zodíaco tem uma divisão no círculo do firmamento de 30 graus, em que é associado. Para os astrólogos antigos, a casa de um signo significava simplesmente seu lugar natural. A primeira casa ficava no lugar de Áries, a segunda casa no lugar de Touro e assim por diante. Não precisamos considerar aqui as elaborações posteriores dos astrólogos quanto ao uso das casas.

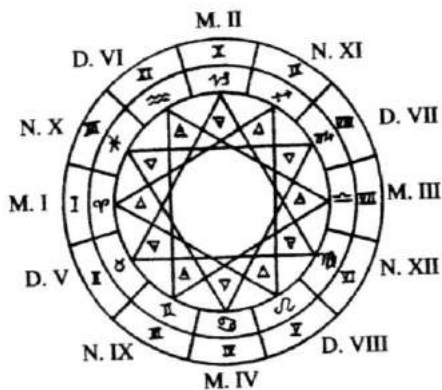
Se uma cruz grande é desenhada sobre o anel das casas de horizonte a horizonte e do meio do céu à parte inferior do meio do céu, ela dividirá o anel em quatro seções iguais, tocando em sentido horário a primeira,

décima, sétima e quarta casas, que por esse motivo são chamadas de os ângulos, ou casas angulares. As casas que as seguem no movimento normal anti-horário dos planetas são, contando em sentido horário, a segunda, décima primeira, oitava e quinta, chamadas por esse motivo de casas que se sucedem. O segundo grupo de casas depois dos ângulos, de novo respectivamente, são a terceira, décima segunda, nona e sexta, chamadas de casas cadentes.

Pelo sistema de Agrippa, as quatro Mães, geradas da maneira já descrita, são colocadas nas casas angulares em ordem, começando com a primeira casa e procedendo em sentido horário até a décima, sétima e quarta casas. As quatro Filhas, também geradas da maneira usual, são colocadas nas casas que se sucedem em sentido horário, começando com a segunda, depois a décima primeira, a oitava e, por fim, a quinta.

O método para gerar os quatro Sobrinhos pode ter sido inventado por Agrippa - pelo menos não o vi descrito por nenhum escritor antes dele. Baseia-se nos trios elementais que dividem o zodíaco e suas casas correspondentes em quatro grupos de três, cada um alocado a um elemento. Isso é representado em gráfico por quatro triângulos equiláteros com igual espaço entre si, centrados no eixo da Terra. Como as Mães e Filhas ocupam dois pontos em cada triângulo, as figuras para as casas cadentes, os pontos não ocupados, são formadas pela combinação das outras duas figuras em cada triângulo.

Este diagrama simples nos ajudará a compreender melhor:



O anel exterior mostra as casas, o anel interior, os signos zodiacais a elas associados; os símbolos elementais indicam os trios; os exteriores, as figuras geomânticas e os números romanos ao lado, sua ordem de geração. Agrippa não afirma explicitamente em qual ordem os Sobrinhos são gerados. Embora isso talvez esteja implícito na sequência de sua descrição, eu preferi representar a numeração dos Sobrinhos no diagrama seguindo o mesmo padrão que ele dá para as Mães e Filhas.

Estando as figuras geomânticas inseridas nas casas do mapa, é simples agora colocar os signos e planetas, como descreve Agrippa:

... a figura que estiver na primeira casa lhe dará o signo ascendente, mostrado pela primeira figura; com isso feito, você atribuirá os signos às suas devidas casas, de acordo com a ordem dos signos. Então, em cada casa você colocará os planetas de acordo com a natureza da figura; a partir daí, desenvolverá seu julgamento de acordo com a significação dos planetas nos signos e casas em que eles se encontram, e também de acordo com seus aspectos entre

eles, e com o lugar do solicitador e da coisa solicitada; e você julgará de acordo com as naturezas dos signos ascendentes em suas casas, e com as naturezas e propriedades das figuras que foram colocadas nas várias casas, bem como a mistura de outras figuras de seus aspectos... (ibid, 8).

Em outras palavras, a figura que forma a primeira Mãe, sendo colocada na primeira casa, ou ascendente, determina qual signo do zodíaco será colocado naquela casa, de acordo com a relação já dada entre as 16 figuras geomânticas e os signos do zodíaco. Como a ordem do zodíaco é invariável, os outros signos são escritos em sucessão em sentido anti-horário nas casas seguintes. Por exemplo, se a figura da primeira Mãe for a Fortuna Maior, o signo zodiacal na primeira casa será Leão, de acordo com o sistema de atribuição de signos pelos planetas regentes dado por Agrippa em *De geomancia*; mas seria Aquário, de acordo com o sistema derivado de Gerard de Cremona e citado em *Filosofia Oculta*. De qualquer forma, uma vez que o signo ascendente esteja estabelecido, os outros são inseridos em sentido anti-horário na ordem começando por aquele signo: I - Leão, II - Virgem, III - Libra, e assim por diante.

Os planetas são colocados nas casas de um modo ainda mais simples, de acordo com as figuras geomânticas a eles associadas. A relação entre as figuras e os planetas é inquestionável e nunca varia. Se a Fortuna Maior estiver na primeira casa, ela sempre recebe o SAol, e o mesmo se aplica ao resto.

O mapa, então, é lido de maneira astrológica, com a mistura dos

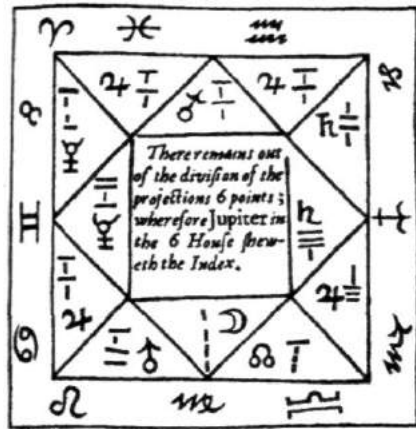
significados das figuras geomânticas. As posições do solicitador e do objeto solicitado, mencionadas por Agrippa, são determinadas a partir dos significados das casas. A posição do objeto solicitado depende de sua natureza: se for uma questão de dinheiro, provavelmente seria pela segunda casa; se for de comunicação, a terceira casa; e assim por diante. Parece natural localizar o solicitador na primeira casa. Na leitura de um mapa geomântico, não é necessário procurar nenhuma posição astrológica, mas é essencial compreender os planetas, signos, casas e aspectos de astrologia.

Resta apenas a origem do Índice, ou Juiz, e o mapa está completo. As Testemunhas não são consultadas. O Índice é encontrado contando-se os buracos feitos na areia na geração das quatro Mães, dividindo por 12, depois contando o número dos restantes em sentido anti-horário a partir da primeira casa. Sempre que a conta termina, a figura naquela casa é considerada o Índice. Se nada restar após a divisão, o Índice é a figura na 12ª casa.

Mas agora nós lhe revelaremos o segredo de toda a arte, para descobrir o Índice na figura subsequente, que é assim: você numera todos os pontos que estão contidos nas linhas das projeções e os divide por 12: e o que resta será projetado do Ascendente pelas várias casas, e a casa sobre a qual cair uma unidade final, tal figura lhe dará um julgamento eficaz da coisa solicitada; juntamente com as significações dos julgamentos supramencionados. Mas se, em cada parte, forem iguais ou ambíguas, então só o Índice lhe dará a certeza da coisa solicitada (*Ibid.*, 8-9).

Lembre-mos de que Agrippa começa a contar a partir da primeira coisa contada, não da segunda, como é a prática moderna. Em outras palavras, se houvesse um restante de três, o Índice seria a figura geomântica na terceira casa, não na quarta.

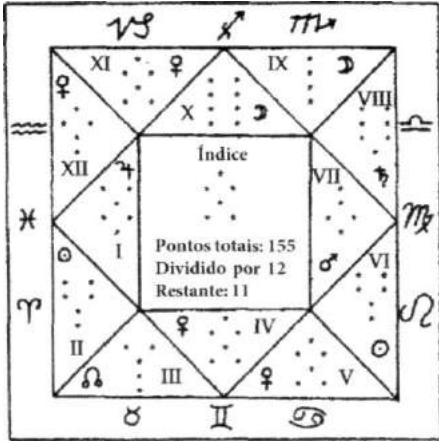
Seguindo o princípio de que as questões obscuras são mais fáceis de entender com exemplos do que com descrição, continuarei com o exemplo da adivinhação geomântica iniciado antes, estendendo-o para o sistema astrológico da Agrippa.



Mapa geomântico de Agrippa Extraído de Henry Cornelius Agrippa, Fourth Book of Occult Philosophy (Londres, 1655)

No alto da coluna seguinte aparece o quadrado usado na Renascença. Os triângulos representam as casas, que eu numerei. Dentro deles estão inseridas as figuras geomânticas, signos e planetas de acordo com o sistema de Agrippa de planetas regentes. As Mães e Filhas são as mesmas que aquelas antes obtidas. Elas se combinam, de acordo com seus trinos elementais, para formar os Sobrinhos nas casas cadentes. O signo ascendente é localizado pela primeira

Mãe e colocado na primeira casa com os outros signos seguindo em ordem anti-horária. As figuras geomânticas aderem às casas, não aos signos. O Índice é determinado contando-se o número total de pontos nas 16 fileiras que geraram as quatro Mães, dividindo por 12 e contando a partir do ascendente em sentido anti-horário; ou, em outras palavras, onde estiver o restante, a figura na casa do mesmo número é o Índice.



Gerard de Cremona, em sua *Geomancia astronómica*, também dá um sistema de adivinhação astrológica por meio de figuras geomânticas, e é possível que Agrippa tenha originado seu sistema baseando-se em Gerard, mas modificando-o para se adaptar à sua mente analítica.

Gerard começa, encontrando o signo zodiacal a ser colocado na primeira casa, perfurando quatro fileiras de pontos para formar uma única figura geomântica:

É expediente, portanto, fazer quatro linhas desiguais, pelos pontos marcados casualmente; e juntar esses pontos; e dos pontos que não se



Mapa geomântico de Gerard de Cremona de Henry Cornelius Agrippa, His Fourth Book of Occult Philosophy (Londres, 1655)

juntam, que permanecem na cabeça das linhas (como se faz em geomancia), extrair uma figura; e o signo do zodíaco que responde a essa figura [na atribuição de Gerard: ver a tabela], colocar para o Ascendente, por questão da palavra. (“Geomancia astronómica”. No *Quarto livro*, 155)

Os demais signos seguem em ordem anti-horária em volta das 12 casas.

Gerard atribui os planetas às casas individuais, do mesmo modo que Agrippa localiza o Índice:

É necessário, depois, fazer quatro linhas como curso para cada planeta, por pontos perfurados casualmente; e do mesmo modo para a Cabeça do Dragão, assim como foi feito para o Ascendente, e dividir esses pontos por doze; e o que restar acima de doze, ou o décimo segundo mesmo, se não restar um número maior, reter, e o planeta para o qual a projeção foi feita, colocar naquela Casa da qual o número superabundante será; ou seja, se restarem 12,

que o planeta seja colocado na décima segunda Casa; se restarem dez, na décima Casa; se um, na primeira Casa; se dois, na segunda Casa, e assim por diante. E é preciso sempre começar do Sol, e depois da Lua, em seguida de Vênus e Mercúrio, e de Saturno, Júpiter e Marte, e da Cabeça do Dragão e da Cauda do Dragão... (*Ibid.*, 157).

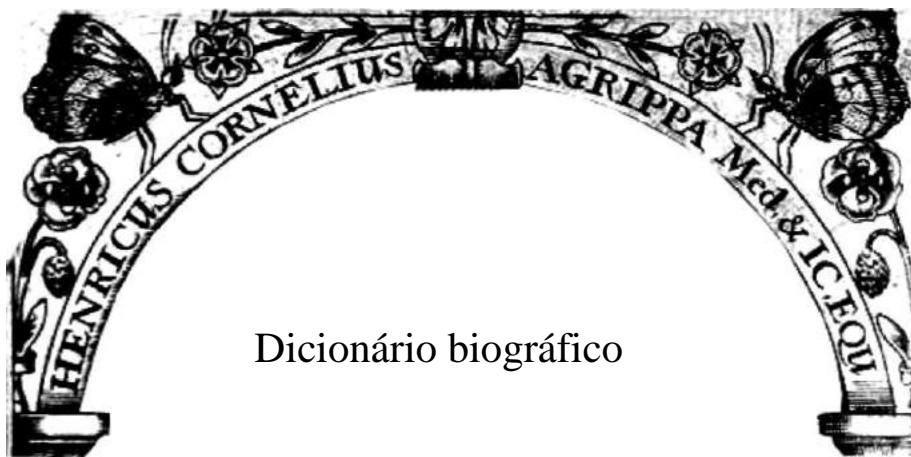
No sistema de Gerard, nove figuras são derivadas separadamente, cada uma perfurando-se quatro fileiras de pontos da areia; a primeira estabelece a posição dos signos do zodíaco em relação às casas, as outras oito, as posições dos planetas e a Cabeça e a Cauda do Dragão. Como a Cabeça e a Cauda do Dragão estão sempre em posição oposta no círculo das casas, basta estabelecer o lugar da Cabeça do Dragão, e a Cauda está a 180° em torno do círculo de casas.

Skinner, a propósito, não deve ter compreendido isso, pois, ao descrever o sistema de Gerard, incorretamente diz que as figuras geomânticas devem ser feitas na areia tanto para a Cabeça quanto para a Cauda do Dragão - na verdade, ele as representa em seu diagrama (*Oracle of Geomancy*, 313) em um aspecto trino (!), que destrói a integridade do mapa. A importância das direções de Gerard é que elas resultam em um

mapa astrológico que pode ser lido de maneira astrológica. Nenhuma figura geomântica é de fato escrita no mapa, e este é lido estritamente de acordo com suas relações planetárias, zodiacais e de casas. Gerard diz: "... tampouco devemos aqui considerar as Testemunhas, ou o Juiz, ou qualquer outra coisa que pertença à geomancia..." (*ibid.*, 156).

Em comparação, podemos ver que, dos dois sistemas, o de Agrippa oferece a complexidade adicional do significado atribuído às figuras geomânticas atuando no contexto das casas astrológicas, enquanto o de Gerard tem simplicidade e elegância recomendáveis, uma vez que não aparecem figuras geomânticas, cada planeta é escrito apenas uma vez, e a Cabeça e a Cauda do Dragão são representadas com exatidão, distantes entre si em 180° no mapa.

De fato, por causa da frequente ocorrência múltipla de um único planeta - no exemplo acima, Vênus aparece quatro vezes, e tanto a Lua quanto o Sol, duas -, mal se pode ler os aspectos de uma maneira legítima no sistema de Agrippa, que poderia ser caracterizado, em termos não muito elogiosos, como um estranho híbrido de geomancia e astrologia. Por essa razão, é passível de ser anátema entre os astrólogos, que preferem, é claro, o sistema de Gerard.



Dicionário biográfico

Aaron (Aarão): Autor de um livro “da natureza das ervas e pedras” (*Book of Secrets*) [Best & Brightman, 40]), junto a Evax, chamado de o *Livro dos Minerais* (*Ibid.*, 48). Essa obra é citada muitas vezes no *Book of Secrets* e também por Alberto Magno em seus escritos. É desconhecida, mas presume-se que tenha sido uma obra judaica ou árabe.

Abaris: (século VI ou VII a.C.) Filho de Seuthea. Foi um sacerdote de Apolo que teria saído de Hiperbórea (a região norte do Cáucaso), ou da Cítia, para escapar de uma peste em sua terra natal. Viajou pela Grécia curando os doentes com encantações, realizando milagres e prevendo o futuro, e salvou a cidade de Esparta de uma peste. A lenda diz que ele carregava como emblema uma flecha de ouro que lhe fora dada pelo deus Apolo e que o transportava no ar; além disso, não comia comida terrestre. Heródoto comenta: “Quanto à história de Abaris, que teria sido hiperbóreo e viajado com sua flecha por todo o mundo sem comer uma única vez, deixarei passar em silêncio. Uma coisa, porém, é certa: se existem os hiperbó-

reos, devem existir as hipernoções” (*História* 4 [Rawlinson, 215]). Suidas atribui quatro obras a Abaris: Oráculos citas, um poema sobre a visita de Apolo a Hiperbórea, uma coletânea de fórmulas expiatórias e uma teogonia em prosa. Tais escritos não existem mais e são considerados espúrios. Jamblichus relata que Abaris se atraía por Pitágoras por causa da semelhança do grego com Apolo, e que ele deu a Pitágoras sua flecha mágica de presente. Pitágoras mostrou a Abaris sua “coxa dourada”, garantiu ao cita que era de fato o deus encarnado na Terra para curar as doenças da humanidade e lhe ensinou vários mistérios, incluindo adivinhação por números. Ver Jamblichus, *Life of Pythagoras*, cap. 19.

Abbaris: Ver Abaris.

Abenezra: (1092-1167) Abraham Ben Meir Ibn Esdras, conhecido como

Abenezra, um filósofo judeu nascido em Toledo. Na primeira metade de sua vida, ele conquistou a reputação de poeta na Espanha, sua terra natal. Por volta de 1140, começou a viajar, passando pela África do Norte, Egito, Itália, França e Inglaterra, parando às vezes por alguns anos para escrever. Ele pertencia à escola filosófica

judaica baseada em ideias gregas, que na época vivia em conflito com a escola mística que deu origem à literatura da Cabala. Suas visões eram neoplatônicas, e ele acreditava na astrologia. Abenezra produziu escritos em matemática e astronomia, bem como uma gramática hebraica e um comentário da Bíblia. **Abraham:** Ver Abenezra.

Abu-Maaschar: (805-885) Astrônomo árabe nascido em Balkh, que viveu e trabalhou em Bagdá e morreu em Wasid, na Ásia Central. Ele afirmava que o mundo fora criado quando os sete planetas se encontravam em conjunção no primeiro grau de Áries e que, quando se encontrassem alinhados novamente no grau final de Peixes, se acabaria - uma visão que parece ter sua origem na doutrina estoica:

Os estoicos dizem que os planetas, retornando ao mesmo ponto de longitude e latitude que cada um ocupava quando o Universo surgiu, em períodos fixos de tempo, provocam uma conflagração e destruição das coisas, e que o Universo se renova e volta à mesma condição... (*Nemesius Denatura hominus* 38. Em *Tetrabiblos*, Ptolomeu [Robbins, 15, n.3]).

Três das principais obras de Abu-Maaschar foram impressas mais ou menos na época em que Agrippa escrevia sua *Filosofia Oculta: De Magnis conjunctionibus* (Augsburg, 1489), *Flores astrologia* (Augsburg, 1488) e *Introductorium in astronomian* (Veneza, 1506). As ilustrações dos espíritos astrológicos que aparecem no *Astrolabium planum*, de Pietro d'Abano, publicado por Johannes Angelus em

1488, são tiradas de um manuscrito de Albumazar, na Biblioteca do Vaticano.

Aetlius: Ver Espartiano.

Africanus, P. Cornelius Scipio Aemilianus, Minor (P. Cornélio Scipio Emiliano Africano, o Jovem:

(?185-129 a.C.) O filho mais jovem de P. Cornélio Scipio Africano, filho mais velho de Africano, o Grande. Um bom soldado e líder de homens - lutou em sua primeira guerra quando tinha 17 anos -, também foi um estudioso. Talvez seja mais lembrado pela captura da cidade de Numância na Espanha, em 133 a.C. Tinha sido nomeado cônsul no ano anterior, com o propósito de terminar a guerra na Espanha. Vítima de intriga política, foi assassinado nos próprios aposentos enquanto preparava um discurso, talvez por Fúlvio Flaco.

Alberto Magno: (? 1206-1280) Também chamado de Alberto de Colônia, nasceu em Laninggen, na Suábia, vindo de uma família nobre de Bollstadt. Estudou em Pádua, onde aprendeu as obras de Aristóteles, e se tornou irmão dominicano em 1223, em cuja qualidade lecionou Teologia em Colônia. Em 1245, foi para Paris para obter o doutorado e lá ficou por algum tempo, lecionando. Em 1260, tornou-se bispo de Regensburg, mas abriu mão do posto três anos depois, para pregar. Em tom de escárnio, os detratores se referem a ele como o “macaco de Aristóteles”, mas seus admiradores lhe deram o título de “Doctor Universalis” e “o Grande”. Tomás de Aquino foi seu aluno. Suas numerosas obras de filosofia ocuparam 36 volumes, quando foram impressas em Paris em 1890. Foi daí

que *The Book of Secrets* (O Livro dos Segredos), às vezes erroneamente atribuído a Alberto, foi parcialmente extraído. A obra a que se refere Agrippa é a *Speculum astronomiae*, atribuída a Alberto. Para uma discussão a respeito da autenticidade dessa obra, ver o artigo de Lynn Thorndike em *Speculum* 30 (1955), 413-33.

Albumasar: Ver Abu-Maaschar.

Alchindus: Ver Alkindi.

Alcino: (século II) Filósofo platônico que escreveu a Epítome das doutrinas de Platão.

Alcmaeon: (viveu em 500 a.C.) Médico e cientista natural de Cróton que foi aluno de Pitágoras. Ele foi o primeiro a dissecar animais e a operar no olho humano. Escreveu várias obras filosóficas e médicas, das quais só existem fragmentos.

Alexandre de Afrodísia: (século II) Chamado de Expositor. Nasceu em Afrodísia, Caria. Aluno de Aristocles de Micenas, foi para a Atenas no fim do século II e se tornou o líder do Liceu, no qual lecionou filosofia peripatética. Sendo o mais destacado comentarista das obras de Aristóteles, seus escritos são volumosos. Muitos foram traduzidos para o latim durante a renovação cultural na Idade Média, embora outras tenham permanecido em grego e árabe. Além de seus comentários, ele escreveu obras originais, mais notadamente *De fato*, que examina o livre-arbítrio, e *De anima*, que argumenta contra a imortalidade.

Alexandre da Macedônia: (356-323 a.C.) Chamado de o Grande. Filho de Filipe II. Em sua juventude, foi instruído por Aristóteles. Aos 16 anos, recebeu a coroa e imediatamente par-

tiu em conquista da maior parte do mundo conhecido. Belo, corajoso, fisicamente poderoso e habilidoso em combate, inteligente e honesto, ele tinha um temperamento irritável e era facilmente inflamado pelo álcool; não dispunha da prudência que lhe teria transformado em um grande governante. Talvez a história mais conhecida dele seja a do nó de Gordium. Havia uma fábula de que quem conseguisse desatar o nó seria o conquistador da Ásia. Segundo a maioria dos relatos, Alexandre cortou o nó com sua espada, um ato contrariamente caracterizado como sábio, pois representa uma transcendência zen do pensamento, e bruto, uma amostra de barbarismo. Plutarco conta uma história diferente. Ele teria apenas deslizado o nó do jogo da carroça ao qual estava atado, retirando o pino que o segurava. Seu legado mais duradouro foi a fundação da grande cidade de Alexandria, na foz do Rio Nilo, em 331 a.C. Na idade prematura de 32, ele morreu de febre na Babilônia, a qual pretendia transformar na capital do mundo.

Alfarrábio: (?870-950) Muhammad ibn Tarkhan ibn Uzlagh Abu Nasr al-Farabi, filósofo árabe nascido em Wasij, perto de Farab, no Turquistão. Quando jovem, viajou a Bagdá, na época o centro intelectual do mundo, onde aprendeu árabe e estudou Matemática, Filosofia e Medicina. Estabeleceu-se na corte de Hamdanid Saif Addaula, de quem recebia uma pequena pensão. Morreu em Damasco, enquanto viajava na companhia de seu patrono. Os escritos de al-Farabi a respeito de Aristóteles formaram a base para o sistema filosófico de Avicena, e é provável que Averróis

também tenha se inspirado em suas obras, mas a grande aclamação dirigida a Avicena levou os estudiosos posteriores a ignorar al-Farabi.

Al Ghazali: (1058-1111) Abu Hamid ibn Muhammad al-Ghazali, filósofo e teólogo árabe que escreveu profusamente (69 obras) sobre uma vasta gama de temas intelectuais. Sua obra mais importante é *Tahafut al-Falashifah* (Destrução dos filósofos).

Algazel: Ver Al Ghazali.

Alkindi: (804-873) O filósofo árabe Abu Yusuf Ya'qub Ibn Ishaq ul-Kindi, mais conhecido como Alkindi, ou simplesmente Kindi. Nasceu em Kufa, onde seu pai era governador, e estudou em Bosra e Bagdá. Permanecendo em Bagdá, ele obteve uma posição no governo para se sustentar e encontrou tempo para escrever mais de 200 obras em todas as áreas das ciências. Além disso, traduziu Aristóteles. Roger Bacon lhe dava altíssimo valor, só ficando em segundo lugar após Ptolomeu na questão da óptica. Ele é referido com honra como “O Filósofo dos Árabes”.

Almadel: O nome do mago medieval mencionado pelo abade Johann Trithemius em sua *Antipalus maleficiorum* (c. 1500), como o autor de uma edição de a *Chave de Salomão*. Também o nome do quarto livro da coletânea manuscrita conhecida sob o nome coletivo de *Chave menor de Salomão* ou *Lemegeton*; aplicado de modo específico à tábua de cera nele descrita.

Alpharus: Ver Alfarrábio.

Alfonso: Ver Picatrix, o Espanhol.

Ambrósio: (?340-397) Bispo de Milão. Cidadão de Roma, nasceu em Treves, de uma família rica e influente, e foi

educado para uma vida política por seu pai em Roma. Em 374, quando os partidos ariano e ortodoxo da Igreja entravam em conflito pelo bispado vago de Milão, Ambrósio fez um discurso a eles que foi tão bem recebido que acabou sendo eleito por aclamação como o único ocupante apropriado para a Sé. Favorecendo o lado ortodoxo, ele passou o resto da vida travando uma guerra doutrinai com os arianos e os pagãos. Foi um administrador competente e um diplomata eloquente, de princípios inabaláveis. Seus escritos consistem em comentários, sermões, discursos funerários e cartas, mas ele é mais lembrado por seus hinos, que formaram um padrão para épocas posteriores.

Ammonius Saccas: (século III d.C.) Filósofo grego que fundou a escola neoplatônica em Alexandria. Ganhou o sobrenome por causa de seu trabalho, que consistia em carregar sacos de milho em Alexandria, sua cidade natal. De humildes origens cristãs, ele ensinou a homens célebres, como Longino, Herennius, Plotino e Orígenes. Na metade da vida, ele abandonou a fé em que fora criado, trocando-a pela filosofia, e não deixou nenhuma obra escrita - pelo menos, é o que afirma Porfírio (conforme citado por Eusébio, *História eclesiástica* 6.19.6). Eusébio afirma que Ammonius permaneceu cristão por toda a vida e escreveu duas obras: *A harmonia de Moisés e Jesus* e *Harmonia dos quatro Evangelhos* (*Ibid.*). Parece ter havido um segundo filósofo cristão com o mesmo nome. É a esse homem que Eusébio se refere. Os dois costumam ser confundidos. Ammonius provavelmente morreu em 243, com mais de 80 anos.

Amphion: Filho semimítico de Zeus e da princesa de Tebas Antíope, que o deixou exposto, junto a seu irmão gêmeo, Zethus, no topo do Monte Cithaeron, por medo da ira de seu pai, Nycteus. Os meninos foram encontrados e criados por pastores. Hermes se interessou por Amphion e lhe deu uma lira, também lhe ensinando a tocá-la. Zethus, que se tornou um homem de grande força, ocupou-se de cuidar dos rebanhos e da caça. Quando Antíope foi expulsa de Tebas pela maldade e crueldade do usurpador rei Lico e sua esposa Dirce, ela se revelou aos filhos, que retornaram a Tebas e se vingaram do casal. Mestres da cidade, eles começaram a fortificar a muralha. Zethus levou grandes pedras ao lugar, zombando da falta de força física de seu irmão; em resposta, Amphion tocou sua lira de modo que as pedras, por magia, dançavam para fora da terra e assumiam seu lugar na muralha, sozinhas.

Anasarchus: Ver Anaxarco.

Anaxágoras: (500-428 a.C.) Filósofo grego de Clazômenas, Jônia. Aos 20 anos, abandonou sua propriedade e foi para Atenas a fim de se dedicar à filosofia. Péricles foi seu aluno. Em 450 a.C, ele foi acusado de impiedade, mas a eloquência de Péricles o salvou. Retirou-se para Lampsacus, onde morreu. Ele propunha a teoria de uma única causa superior independente da matéria, que considerava ser a mente.

Anaxarco: (século IV a.C.) Filósofo grego nascido em Abdera, da escola de Demócrito. Acompanhou Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), em suas campanhas pela Ásia. Um de seus alunos foi Pírron, o cético. Alexandre tinha grande estima por Anaxarco, e o

filósofo usava essa boa vontade para, às vezes, lembrar o rei de sua humanidade. Certa vez, quando Alexandre contemplava a possibilidade de se elevar à categoria de divindade, Anaxarco apontou para um dedo que o rei cortara recentemente e disse: “Vê o sangue de um mortal, não um deus”. Quando Nicocreon, o tirano de Salamis em Chipre, visitou Alexandre em Tiro, o filósofo o insultou, provavelmente se recusando a ajoelhar-se aos seus pés. O tirano nada podia fazer enquanto Anaxarco estivesse sob a proteção de Alexandre; mas o filósofo teve o infortúnio de naufragar perto da costa do Chipre após a morte de Alexandre, e caiu no poder de seu inimigo, que o torturou até a morte, socando-o com um grande pilão. Essa história é contada por Cícero. Alguns escritores posteriores acusam Anaxarco de ser lisonjeador de Alexandre, mas talvez confundam o filósofo com Cleon de Sicília, ou se enganem por causa das calúnias dos peripatéticos, que eram rivais filosóficos dos Céticos.

Anaxilau: (século I a.C.) Médico e filósofo nascido em Larissa, na Tessália. Em 28 a.C, ele foi banido da Itália por Augusto por praticar magia. A acusação surgiu por causa de sua habilidade em filosofia natural, com a qual ele aparentemente produzia efeitos fantásticos que os ignorantes consideravam ser o resultado de artes mágicas.

Anglicus, Robertus: (c. 1260) Escritor e tradutor inglês que escreveu um comentário sobre a *Esfera* de Sacrobosco em 1271, um *Tractatus quadrantis* em 1276 e *Cânones para o astrolábio*, que foi impresso por volta de 1478. Lynn Thorndike sugere que Robert da

Inglaterra (*Robert of England*) pode ser Robert de York (Thorndike, 4:520). Agrippa, porém, fala de “um certo homem de York” - possivelmente Robert - e “Robert, um inglês”, separadamente, em seu capítulo de Goetia, a partir de sua *Incertitudine et vanitate scientiarum*, p. 695. É possível, embora menos provável, que Robert um inglês seja Robert de Chester, um estudante de astronomia e geometria que traduziu o Alcorão em 1143, os Julgamentos do astrólogo Alkindi mais ou menos na mesma época e um tratado de alquimia escrito por “Calid, rei do Egito” em 1144. De acordo com Robert, esta última seria obra de Hermes Triplex, que reinou no Egito depois do dilúvio.

Anselme: Ver Anselmi.

Anselmi, Georgio: (? 1400-1450) Ou Georgius de Anselmis, ou Jorge Anselmo, de Parma, médico e filósofo, filho e neto de médicos. Pouco se sabe dele, exceto que teve quatro filhos e foi considerado um dos reformadores dos estatutos do colégio dos médicos de Parma, em 1440. Segundo escritores de épocas posteriores, ele era respeitado como um dos mais doutos cidadãos de Parma, habilidoso em filosofia, nas artes liberais e medicina. Seus escritos sobre harmonia musical costumavam ser citados por Franchino Gaffuri, que escreveu a respeito do mesmo assunto cerca de 50 anos mais tarde. Anselmi também recebeu o crédito de ter escrito uma obra de medicina em quatro volumes, chamada *Theoremata radicalia*, um tratado astrológico chamado *Astronomia*, consistindo em uma série de explicações sucintas de máximas astrológicas, e uma obra de magia cha-

mada *Opus de magia disciplina*, em cinco partes. Nessa última obra, ele defende a magia e declara que um filósofo pode ser um mago se usar a magia apenas para o bem. Ele tira a palavra *magus* do persa antigo e diz que é equivalente ao termo grego *sacerdos*, ou sacerdote. A primeira parte cita as categorias de magia, a parte 4 é dedicada às imagens mágicas para os signos do zodíaco e outros corpos celestes; e a parte 5 trata de receitas e antídotos para venenos.

Antíoco Soter: (século III a.C.) Rei da Síria, 280-261 a.C. Era filho de Seleucus Nicator, e talvez seja mais lembrado até hoje por sua paixão e subsequente casamento com sua madrastra, Estratonice, a qual o pai lhe entregou voluntariamente.

Apion: (século I d.C.) Gramático grego que nasceu em Oásis Magna, no Egito, e estudou em Alexandria. Ensinou retórica em Roma durante os reinados de Tibério e Cláudio. Quando Calígula chegou ao poder, ele retornou à Alexandria, mas foi enviado de volta a Roma em 38 d.C. para queixar-se dos judeus diante de Calígula, em nome de Alexandria. Isso culminou em sua obra contra os judeus, ao que Josephus respondeu com *Contra Apion*. Ele também escreveu um resumo dos poemas homéricos, um dicionário homérico e uma obra sobre o Egito, em cinco volumes.

Apolônio de Tiana: (século 1º d.C.) Filósofo pitagórico nascido em Tiana, viajou muito por Nínive, Babilônia, Tibete e Índia e teve muitos milagres atribuídos à sua autoria. Conquistou as boas graças de Vespasiano, mas foi acusado posteriormente por Domiciano de incitar insurreição. Diz-se

que fugiu da prisão por meio da magia e que proclamou a morte de Domiciano no momento em que ela ocorreu, embora estivesse fisicamente distante. A maior parte de sua vida, como registra seu biógrafo Philostratus (Filóstrato), corresponde aos relatos do Evangelho da vida de Cristo - uma circunstância que despertou a ira dos Pais da Igreja contra sua memória. Parece provável que os autores dos Evangelhos tenham baseado suas narrativas, em grande parte, nas fábulas que cercavam Apolônio. Uma obra espúria, *Nuctemeron*, traz o nome dele e é reproduzida por Eliphaz Levi em sua *Magia transcendental*. Levi teria usado essa obra em sua famosa evocação do espírito de Apolônio em Londres, em 1854. A verdadeira história do *Nuctemeron* eu não fui capaz de determinar. Cecco d'Ascoli, em sua *Sphera*, menciona o *Livro da arte mágica* e a *Facção angélica*, de Apolônio. Há também um livro chamado *Flores de ouro*, de sua autoria, e outro intitulado *Os segredos da natureza* (ver Thorndike, 2:43, 282).

Apolônio de Perga: (?262-?200 a.C.) Filósofo grego da escola Alexandrina, nativo de Perga, do qual quase nada se sabe. Sua mais famosa obra, *Das seções cônicas*, em oito volumes, é em parte altamente original e lhe rendeu o nome de Grande Geômetra. Ele também escreveu, entre outras obras matemáticas, *Do espelho incandescente*. Embora tenha se perdido, tal obra é mencionada por escritores antigos.

Apolônio de Rhodes: (viveu em 100 d.C.) Poeta e gramático nascido em Alexandria, Egito. Ensinou retórica em Rhodes e mais tarde se tornou bibliotecário-chefe da famosa biblioteca de Alexandria. Seu poema

Argonáutica ainda existe, mas a maioria de suas outras obras se perdeu.

Appious: Ver Apion.

Apponus: Ver Petrus.

Apuleio, Lúcio: (século II d.C.) Nasceu em Madaura, Numídia; estudou em Cartago e Atenas, e depois viajou pelo Oriente em busca de conhecimento oculto e iniciação. Quando se casou com uma mulher mais velha e rica de Alexandria, a família dela o acusou de usar bruxaria para enfeitiçá-la. A defesa bem-sucedida em seu julgamento foi perpetuada sob o título de *De magia*. A história do *Asno de ouro* foi baseada em uma obra anterior, a *Metamorfose* de Lúcio de Petra. Em uma fase posterior de sua vida, Apuleio se tornou um sacerdote dos mistérios de Ísis em Cartago e também dava aulas de Filosofia.

Aquino, Tomás de: (?1227-1274) Teólogo e filósofo católico, filho de pais nobres, nasceu em Roccasecca, o castelo de seu pai, conde de Aquino, no território de Nápoles. Sua educação inicial foi no mosteiro de Monte Cassino, e ali seus colegas o chamavam de Boi Tolo; depois foi estudar na Universidade de Nápoles. Aos 16 anos, ele recebeu a influência dos dominicanos, para profundo desgosto de sua família, e assumiu o hábito dessa ordem aos 17. Seus superiores o enviaram para Colônia, para ser instruído por Alberto Magno. Em 1245, quando Alberto foi chamado a Paris, Tomás o acompanhou, e logo se distinguiu por suas habilidades de retórica. Em 1257, foi nomeado doutor em Teologia e começou a escrever, viajar e lecionar em Paris, Roma e Londres. As honrarias que a Igreja tentou lhe conferir foram recusadas

- ele negou o arcebispado de Nápoles e a abadia de Monte Cassino. Em janeiro de 1274, foi convocado a Lião pelo papa Gregório X, para resolver uma disputa entre a Igreja Grega e a Latina, mas adoeceu e morreu na viagem. Dante implica, com malícia, que ele foi envenenado por Carlos de Anjou (*Divina Comédia: Purgatório* 20.69). As principais obras de Tomás de Aquino são *Suma teológica* e *Summa catholicae fidei contra gentiles*. Escreveu também comentários acerca de Aristóteles, Boécio e Dionísio, o pseudo-areopagita. É conhecido pelos títulos de Doutor Angélico e Doutor Universal.

Aratus: (século III a.C.) Poeta nascido em Soli (posteriormente Pompeiópolis), na Cilícia, ou, segundo outras versões, Tarso. Passava a maior parte de seu tempo na corte de Antígono Gonatas, rei da Macedônia. Escreveu dois poemas astronômicos: *Diosemeia*, que fala de sinais astronômicos climáticos e dos efeitos do clima sobre os animais, e *Phaenomena*, que introduz as constelações e descreve os momentos em que surgem e se põem: 19 boreais (Ursa Maior, Ursa Menor, Bootes, Dragão, Cefeu, Cassiopeia, Andrômeda, Perseu, Triangularum, Pégaso, Delfim, Auriga, Hércules, Lira, Cigno, Águila, Seta, Corona, Serpentário), 13 centrais (Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes e as Plêiades) e 12 austrais (Órion, Cão, Lepus, Argo, Cetus, Erídano, Peixe Austral, Ara, Centauro, Hidra, Crater e Corvo). O estilo desses poemas era muito admirado pelos gregos e romanos. Ovídio diz, com sua costureira hipérbole: "... com o Sol e a Lua, Aratus sempre

existirá" (Amores 1.15, linha 16 [Riley, 299]).

Archyta: Ver Archytas.

Archytas: (viveu em 400 a.C.) Nativo de Tarento, filósofo, matemático e general. Nessa última condição, ele serviu sua cidade sete vezes e foi, em todas as suas campanhas, vitorioso. Da escola pitagórica de filosofia, ele fundou uma seita própria. Sua habilidade em invenções mecânicas, particularmente sua andorinha de madeira voadora, era a admiração de sua época. Diz-se que Platão e Aristóteles teriam se baseado nele. Durante uma viagem pelo mar Adriático, ele se afogou.

Árion: (século VII a.C.) Músico grego de Methymna, em Lesbos. Permaneceu por muitos anos na corte de Periander, tirano de Corinto, até sentir o impulso de viajar, quando foi à Itália e à Sicília, onde se tornou famoso e rico tocando citara. Enquanto retornava de navio a Corinto, ele foi roubado pelos marinheiros, que lhe mandaram escolher entre se matar no tombadilho ou pular na água. Árion escolheu a segunda alternativa, mas antes pediu que lhe deixassem tocar sua harpa na proa do navio. Maravilhados diante da perspectiva de um concerto gratuito do melhor músico e cantor do mundo, os marinheiros concordaram. Enquanto Árion tocava, a doçura de sua música atraiu um cardume de delfins, e quando finalmente, em seus trajes de músico, ele pulou na água, um delfim o carregou em segurança de volta a Corinto. O caso foi revelado a Periander, que puniu os perplexos marujos quando aportaram. Essa história é contada em detalhes por Heródoto e

mencionada por Pausânias, que descreve ter visto uma estátua de bronze de Árion montada sobre um delfim em Tainaron (Guide to Greece, 2.15.7 [Levi, 2:95]). Árion também tem a fama de ser o inventor da poesia ditirâmbica e do nome “ditirambo”.

Aristófanes: (?444-?380 a.C.) Dramaturgo cômico e poeta grego. Muito pouco se sabe de sua vida pessoal. Seu pai, Filipo, era proprietário de terra em Egina. Aristófanes era ateniense, embora seus direitos de cidadania tivessem sido questionados mais de uma vez por seu inimigo, Cleon. Diz-se que era “quase um menino” quando sua primeira comédia, *Os banqueteiros*, foi produzida em 427 a.C. Segundo Suidas, Aristófanes escreveu 54 peças (ou 44, dependendo na leitura do texto). Seus três filhos, Filipo, Araros e Nicostratus, foram todos poetas cômicos. Araros levou ao palco duas peças póstumas de seu pai. Em suas comédias, Aristófanes exhibe o desprezo que sente pela moderna decadência de Atenas, como a vê, provocada pelos males da guerra do Peloponeso e exacerbada pelas corrosivas especulações dos sofistas, ambas as coisas servindo para comprometer o patriotismo e a religião. Sua arma é a ferina sátira pessoal contra os líderes de sua época, só possível em uma verdadeira democracia. Onze de suas comédias ainda existem.

Aristóteles: (384-322 a.C.) Filósofo grego nascido em Estagira, uma cidade em Calcíde, Macedônia (hoje Estarar, no Golfo de Strimon). Seu pai, Nicômaco, foi médico do rei da Macedônia, Amintas II, e também escreveu várias obras de ciência natural. Em 367 a.C, ele foi a Atenas para estudar Filosofia e se tornou aluno

de Platão dois anos depois; naquela cidade, ele também se destacou. Platão o chamava de o “intelecto de sua escola” e sua casa, de a casa do “leitor”. Aristóteles estudou com Platão até a morte do mestre, em 347 a.C, quando então viajou a Atarneus e se casou com Pítia, a filha adotiva do príncipe Hérmias. Quando seu sogro foi morto pelos persas, ele partiu para Mítilene e em 342 aceitou o convite do rei Filipe da Macedônia para ser tutor de seu filho Alexandre, na época com 13 anos de idade. Os quatro anos que Aristóteles passou ensinando Alexandre são em grande parte responsáveis por quaisquer virtudes que o conquistador possa ter exibido mais tarde.

Voltando a Atenas em 335 a.C, Aristóteles presidiu o Liceu, por recomendação do Estado, e logo reuniu um grande número de alunos. Ele dava aula duas vezes por dia: de manhã, temas esotéricos para um público seletivo; e à noite, questões exotéricas a um grupo maior. Sua escola logo se tornou a mais famosa em Atenas. Ele lecionou por 13 anos, até que, em 312 a.C, a morte de Alexandre permitiu que a desconfiança e o ressentimento fomentados contra ele se expressassem. Ele era suspeito de ser simpatizante excessivo da Macedônia, mas, como seu comportamento estivesse acima de qualquer reprovação, foi acusado em 323 a.C. de impiedade pelo hierofante Eurímedon. Antes de ser julgado, Aristóteles fugiu de Atenas e se refugiou em Eubeia, cidade hereditária da família de sua mãe. Naquele mesmo ano, ele morreu de complicações no estômago - provavelmente câncer ou úlcera hemorrágica. Seu tipo físico não era de

impressionar, ele tinha pouca estatura e era frágil, com olhos pequenos e uma constante expressão sarcástica. Um balbúcio na fala não colaborava para melhorar essa impressão. Ainda assim, ele se tornou o maior filósofo no mundo ocidental, rivalizado apenas por seu velho mestre, Platão, que, apesar de rumores contrários, Aristóteles sempre teve na mais alta estima.

Aristoxeno: (fim do século IV a.C.) Filósofo e músico grego de Tarento, que foi discípulo de Aristóteles em Atenas. De seu caráter, nós nada sabemos, exceto pelo fato de ele ter ficado profundamente irritado quando Teofrasto foi nomeado líder dos peripatéticos após a morte de Aristóteles. Cícero (*Tusculanarum disputationum* 1.10) diz que Aristoxeno considera a alma uma harmonia do corpo (ver *Fédon*, de Platão). Suidas menciona que ele escreveu 453 obras sobre todos os assuntos abertos à literatura. Só *Elementos de harmonia* sobreviveu. É um tratado de música em três volumes.

Arnoldas: Vila Nova.

Artephius: (século XII) Escritor de alquimia e filosofia hermética que morreu no século XII, mas do qual se fala que teria vivido mais de mil anos graças à sua arte, e o qual seria na realidade Apolônio de Tiana, com um nome falso. No prefácio de um de seus livros, *De vita propaganda* (A arte de prolongar a vida), ele afirma que escreveu o documento quando tinha 1.025 anos de idade. Outra obra que circulou sob seu nome foi *A Chave da Suprema Sabedoria*. Outra ainda tratava do “caráter dos planetas, da significância dos cantos dos pássaros,

de coisas passadas e futuras, e da Pedra Filosofal” (Spence [1920] 1968, 36). Girolamo Cardano (1501-1576) menciona essas obras e dá sua opinião de que elas foram escritas como uma piada, visando à credulidade dos aspirantes a alquimista.

Asclepiades: Poeta lírico que teria inventado o metro que leva seu nome (*Metrum Asclepiadeum*). Nada se sabe dele. Não deve ser confundido com Asclepiades de Samos, um poeta bucólico do século III que era amigo de Teócrito. Talvez Agrippa tenha confundido o primeiro Asclepiades acima com Asclepiades, o médico, nativo de Bitínia, nascido em 124 a.C, que foi a Roma como retórico, mas fez sucesso como curandeiro. Seu tratamento consistia em dieta, exercício, massagem, compressas frias e vinho, que, se nem sempre curava os pacientes, pelo menos não os matava tão rápido quanto as práticas médicas de seus concorrentes. Em consequência disso, ele conquistou grande fama.

Ascoli, Cecco d': (1257-1327) O

nome popular de Francesco Degli Stabili, matemático e astrólogo italiano nascido perto de Ancona. Em 1322, tornou-se professor de astrologia na Universidade de Bolonha. Entrou em conflito com a Igreja quando publicou um controverso tratado sobre o uso e a intermediação de demônios e, para fugir à punição, partiu para Florença. Mas seus escritos não ortodoxos, bem como seus ataques públicos à *Divina Comédia* de Dante, selaram seu destino. Ele morreu na fogueira em Florença. Sua obra mais conhecida, *Acerba*, é um poema enciclopédico de astrologia, meteorologia, influências estelares,

fisionomia, vícios e virtudes, minerais, o amor pelos animais, problemas morais e físicos e teologia. Foi impresso muitas vezes, tendo alcançado 20 edições em 1546. A melhor edição é a de Veneza, datada de 1510. A primeira apareceu em Brescia, por volta de 1473.

Asculus: Ver Ascoli.

Atanásio: (293-373) Bispo de Alexandria. Nasceu naquela cidade. Nada se sabe do início de sua vida. Em 326, ele assumiu seu posto e, depois de alguns anos tranquilos, envolveu-se na controvérsia ariana, opondo-se a qualquer concessão com aquele partido. Seus princípios de ferro o levaram a ser expulso da Sé nada menos que cinco vezes no decorrer de sua vida, mas ele sempre conseguiu reassumir o bispado. É mais conhecido por seu *Discurso contra os arianos* e suas *Orações*, ambas as obras escritas durante períodos de exílio.

Ateneu: (século III) Gramático grego de Naucratis, Egito, que é lembrado por sua *Deipnosophistae* (Banquete dos cultos), uma coletânea de anedotas em 15 volumes, abordando uma grande variedade de temas.

Atenodoro de Canaã: (?74 a.C. -7d.C.) Nascido em Canaã, perto de Tarso, esse filósofo foi amigo de Estrabo, que escreveu a respeito dele. Ensinou a Augusto em Apolônia, Epiro, quando o futuro imperador era menino, e o seguiu a Roma em 44 a.C. Dizem que ele instruiu o imperador a recitar o alfabeto antes de agir com raiva. Já idoso, voltou a Tarso para remodelar a constituição da cidade. Nenhuma de suas obras sobreviveu. Não deve ser confundido com Atenodoro (?120-?50 a.C.), o guardião da biblioteca de Pérgamo.

Aussônio Décimo Magno: (?310-?390) Poeta romano nascido em Burdigala (Bordeaux). Ensinou gramática e retórica em sua terra natal e teve a boa sorte de ser nomeado tutor de Graciano, filho do imperador Valentiniano. Em 379, Graciano o fez prefeito de Latium, Lúbia e Gália, e, em 383, promoveu Aussônio a cônsul. Após a morte de Graciano naquele mesmo ano, ele se afastou da vida pública e, em 390, retornou a Burdigala. Acredita-se que tenha sido cristão. Muitos de seus escritos ainda existem, a maioria consistindo em pequenas obras poéticas. Agrippa se refere às suas *Epístolas*, uma coletânea de 25 cartas, algumas em verso e outras em prosa.

Averróis: (1126-1198) Abu al-Walid Muhammad ibn-Rushd, filósofo árabe nascido em Córdova, que estudou Teologia, Direito, Matemática, Medicina e Filosofia com os melhores professores da época, e passou os últimos anos de sua vida em vários encargos judiciais na Espanha e no Marrocos, e também como médico. Por algum tempo, ele gozou de grande favor; de repente, como reação por suas visões de pensamento livre, foi banido para um local perto de Córdova. Reconquistou o clamor pouco antes de sua morte, que mais ou menos coincidiu com o fim do poder muçulmano e preeminência cultural. Ele ganhou sua maior reputação entre os estudiosos cristãos por seus comentários a respeito de Aristóteles. Eles não percebiam que estes eram baseados em dois séculos de sabedoria anterior e atribuíram todo esse discernimento ao próprio Averróis. Não me é claro por que Agrippa o chama de babilônio, a menos que o termo denote um astrólogo.

Avicebron: Ver Ibn Gabriol.

Avicena: (980-1037) Abu 'Ali al-Husain ibn 'Abdallah ibn Sina, filósofo árabe nascido em Afshena, no distrito de Bokhara (atual Uzbequistão). Sua mãe era nativa de Afshena, seu pai era persa por nascimento e trabalhava como coletor de impostos. Quando Avicena era ainda muito jovem, a família se mudou para a cidade de Bokhara (atual Bucara, no Uzbequistão), que era um centro muçulmano de aprendizado e cultura, na época. Aos 10 anos de idade, o garoto superou seu mestre e surpreendeu os vizinhos com sua memorização do Alcorão completo e uma coletânea de poemas árabes. Aprendeu aritmética com um morador local e começou os *Elementos* de Euclides com um estudioso vagante, mas logo dispensou seus professores, preferindo o estudo solitário de Aristóteles e dos outros filósofos gregos. Aos 16 anos de idade, ele ajudava os doentes sem cobrar para aprender medicina prática. Quando deparava com uma pergunta para a qual não tinha resposta, ia à mesquita e rezava a noite toda até o amanhecer, estimulando a mente com taças de vinho. A *Metafísica* de Aristóteles continuava impenetrável até o dia em que ele encontrou um comentário de al-Farabi, que esclareceu o significado da obra imediatamente.

Quando Avicena curou o emir local de uma doença perigosa em 997, ganhou acesso à biblioteca real dos samânides, mas, depois que a biblioteca foi destruída por um incêndio que Avicena foi acusado de causar, ele começou a vagar de cidade em cidade, encontrando emprego por algum tempo como médico de oficiais importantes, o que lhe dava a

oportunidade de escrever. Ele tinha paixão pelo vinho e por mulheres e intercalava seus estudos com aventuras sensuais. Em Hamadan (atual Irã), foi promovido ao posto administrativo de vizir, mas nem as tribulações da vida política o fizeram parar de escrever.

Levado pelos tumultos da guerra à cidade de Isfahan, Avicena passou os últimos 12 anos de sua vida a serviço de Abu Ya'far Ala Addaula, como médico e conselheiro, e chegou a acompanhar o príncipe em suas campanhas. Ele morreu em Hamadan após adoecer de cólica na marcha militar até aquela cidade e, em seu leito de morte, arrependeu-se de seu estilo de vida devasso, deu todos os seus bens aos pobres e libertou seus escravos.

Cerca de cem obras são atribuídas a Avicena, variando em tamanho de algumas páginas a vários volumes. Ele deve sua reputação na Europa ao seu *Cânion de medicina*, traduzido para o latim por Gerard de Cremona, que foi usado como texto médico em algumas universidades francesas até o ano de 1650. Ele também escreveu um livro sobre animais, que foi traduzido por Michael Scot, além de livros de teologia, filologia, matemática, astronomia, física, música, filosofia e alquimia.

Bacon, Roger: (?1214-?1294) Filósofo e químico inglês nascido perto de Ilchester, Somerset. Estudou em Oxford e depois foi a Paris, onde mostrou desprezo pela indolência e credulidade dos estudiosos da época. Voltando a Oxford por volta de 1250, ele entrou na ordem franciscana e começou um sério estudo particular de línguas e alquimia. Começaram a correr rumores de que ele lidava com as artes negras. A peça *Friar Bacon and*

Friar Bungay, escrita por Robert Green em 1589, dá um relato interessante dessas histórias.

A Bacon se atribui a invenção do telescópio e da pólvora, além de ter previsto muitas das invenções modernas (em seu tratado *De secretis operibus naturae*). Por volta de 1257, ele foi expulso de Oxford e colocado sob supervisão da Igreja em Paris, proibido de escrever para publicar; mas em 1265, o papa Clemente IV pediu que Bacon lhe enviasse um tratado de ciências. Bacon respondeu com *Opus majus*, *Opus minus* e *Opus tertium*. Em 1278, porém, seus livros foram condenados por Jerônimo de Ascoli, o futuro papa Nicolau IV, e Bacon foi mandado para a prisão por 14 anos, sendo libertado alguns anos antes de sua morte. *Opus minus* continua, ou pelo menos pretendia conter, um tratado de alquimia especulativa e prática, não mais existente.

Basilio, o Grande: (?330-379) Nascido em Cesareia, Capadócia, de uma família eminente, estudou em Constantinopla e Atenas com seu amigo e colega de aula, Gregório Nazianzeno. Juntos, eles compilaram uma antologia dos escritos de Orígenes, a *Philocalia*. Basílio viajou pela Síria e Arábia estudando os mais famosos santos eremitas, aprendendo a mortificar o corpo e aumentar o entusiasmo de sua piedade. Posteriormente, tornou-se o diretor de um convento em Ponto, no qual se encontravam sua mãe e irmã. Em 370, ele foi escolhido bispo de Cesareia e deflagrou um vigoroso ataque contra a facção ariana da Igreja, além de reformar as ordens monásticas do Oriente.

Basilius: Ver Basílio, o Grande.

Bede: (672-735) Historiador e teólogo inglês. Aos 7 anos de idade, foi levado ao mosteiro de Wearmouth e Jarrow, que consistia em duas estruturas separadas por cinco ou seis milhas de distância, sob a mesma abadia, para ser criado e educado. Sua vida foi tranquila, um modelo para a grande maioria de vidas naquela época. Em 731, ele escreveu: “Desde aquela época, passei toda a minha vida dentro daquele mosteiro, devotando todos os meus esforços ao estudo das Escrituras; e em meio à observância da disciplina monástica e ao dever diário de cantar na igreja, sempre foi minha alegria aprender ou ensinar ou escrever” (nota autobiográfica em *Ecclesiastical History of the English Nation*).

Em 691, ou no ano seguinte, ele foi ordenado diácono; em 702, ou no ano seguinte, padre. Ele visitou Egbert em York em 733, mas parece que nunca saiu da Inglaterra. Entretanto, suas obras tiveram enorme influência, abrangendo mais ou menos a soma do conhecimento humano na Europa Ocidental. Seu livro mais lido foi o *Ecclesiastical History*, que lhe conquistou o título “Pai da História Inglesa”. Ele também foi chamado de Venerável Bede, por respeito por sua piedade e cultura.

Boco, Cornélio: Escritor de uma epigrafia citada por Plínio no livro 37 de sua *História Natural*. Nada se sabe do autor do livro.

Boécio, Anício Manlio Severino: (?480-524) Filósofo e estadista romano, que se tornou cônsul em 510 e viu seus dois filhos chegarem à mesma posição em 522. Tornou-se alvo de

intriga política e foi acusado de traição contra Teodorico, o Grande. Seus únicos crimes parecem ter sido justiça e misericórdia. Teodorico o jogou na prisão, e ali ele viveu por muitos anos antes de ser executado. Enquanto esteve lá, escreveu *A Consolação da Filosofia*, uma obra filosófica e teológica em cinco volumes que teve um sucesso estrondoso na Idade Média. Boécio foi um homem de grande cultura, o que atestam seus contemporâneos.

Quando Gunibald, rei dos borgonheses, visitou Roma, Boécio lhe mostrou um relógio de água e um relógio de sol que ele havia construído. O monarca ficou tão impressionado que, a pedido de Teodorico, Boécio os duplicou para Gunibald. Em séculos posteriores, ele foi considerado um mártir e lhe foram atribuídos erroneamente escritos cristãos. Gibbon o tinha em mais alta conta, chamando -o de: “o melhor dos romanos que Cato ou Túlio poderiam reconhecer como conterrâneos” (Gibbon [1776-88] 1830,39:145).

Brendan: (século VI) Também chamado Brandon ou Brandan. Nativo de Clonfert, foi abade de um mosteiro beneditino fundado por ele mesmo em Clonfert, no leste de Galway, Irlanda, por volta de 558. Nada se sabe de sua vida.

Ele é tema de uma célebre saga medieval, que trata de suas viagens pelo Atlântico até a terra prometida dos santos, depois chamada de Ilha de São Brendan. Tradicionalmente datada em 565-573, foi traduzida para o latim, francês, inglês, saxão, flamengo, galês, bretão, escocês e gaélico, e teve tanta fama que a Ilha de São Brendan

foi considerada como fato geográfico pelo menos até 1721, quando a última de uma longa série de expedições partiu à sua procura. Mais recentemente, a lenda tem sido citada como evidência de que os irlandeses viajaram ao Novo Mundo antes dos vikings, mas essa teoria deverá se mostrar tão quimérica quanto a ilha em si. Não deve ser confundido com seu contemporâneo irlandês, São Brendan de Birr.

Brígida, Santa: Brígida (ou Bridget ou Brigid), uma deusa da Irlanda que era filha do deus Dagda e padroeira dos ferreiros, médicos e poetas. Ela é associada aos fogos de purificação. Seu festival, Imbolc, acontece em 1º de fevereiro. Como era comum, a Igreja a absorveu e converteu-a em santa, cujas datas são citadas como ?452-523 (ou 436-523). Santa Brígida teria nascido em Faughart, no condado de Louth, filha de um príncipe de Ulster. Ela era chamada de Santa Brígida Taumaturga por causa de seus milagres, cuja lista se estendia por 25 capítulos. Na Inglaterra, ela é venerada como St. Bride.

Briggita: Ver Brígida.

Caio César: (12-41) Mais conhecido como Calígula, apelido que lhe fora dado pelas tropas romanas, quando ele era criança. Começou seu reinado muito bem, mas sofreu uma doença em 38 d.C. que resultou em sua loucura, levando-o a extravagâncias, como se autodeclarar deus em vida e nomear seu cavalo cônsul. Para o bem do povo romano, foi assassinado.

Calígula: Ver Caio César.

Cassiodoro, Flávio Magno Aurélio: (?490-585) Nascido de uma família síria assentada em Scyllacium em

Bruttü, por volta de 507, graças à influência de seu pai, tornou-se questor (na época, uma espécie de secretário) de Teodorico, o Grande, e continuou em posições administrativas até 540, quando se retirou, na condição de monge. Sua paixão era a promoção de ensinamentos clássicos, que ele sentia estarem ameaçados pela crescente onda de barbarismo. Com essa finalidade, ele estabeleceu dois mosteiros e encarregou seus monges de copiar e traduzir manuscritos. Como seu contemporâneo Boécio, ele gostava de construir brinquedos científicos, como o relógio de água e o relógio de sol. A maior parte de seus escritos históricos e teológicos sobreviveu.

Cato Censório, Marco Pórcio: (234-149 a.C.) Nascido em Tusculum (antiga cidade que ficava perto da atual Frascati, Itália), esse escritor e político romano foi criado na fazenda de seu pai, em território sabino (Itália central). O estilo de vida prático e frugal que ele lá aprendeu permaneceria com ele pelo resto da vida. Costumava criticar os romanos por sua extravagância. Após se destacar como soldado, ele foi eleito censor em 184 a.C. e continuou vigoroso na política até o fim, sendo um dos principais promovedores da Terceira Guerra Púnica com seu lema *Delenda est Carthago* (abaixo Cartago). Escreveu *De re rustica*, um tratado de agricultura, ainda existente.

Celso, A. Cornélio: (século I d.C.) Pouco resta ainda das obras desse escritor romano, exceto *De Medicina*, um tratado médico em oito volumes que teve grande estima na Idade Média e na Renascença.

Chaeremon de Alexandria: (século I d.C.) Filósofo e gramático estoico foi o guarda dos livros sagrados da biblioteca de Alexandria, que ficavam separados no templo de Serapis. Na qualidade de escriba sagrado (ιεροΥπαυuaTeúç)> ele tinha o dever de expor o significado desses escritos místicos. Devia pertencer à mais alta posição do sacerdócio. Em 49 d.C., ele foi chamado a Roma para ser o tutor do jovem Nero, futuro imperador. Em seus livros, ele explica os ensinamentos ocultos do Egito como culto de natureza simbólica. Entre tais obras se incluem uma *História do Egito*, um tratado sobre *Cometas*, uma obra de *Astrologia egípcia* e uma de *Hieróglifos*. Dessas, só restam fragmentos. Seu relato do sistema do sacerdócio egípcio é citado por Porfírio em seu *De Abstinência* 4.6. Não deve ser confundido com o Chaeremon que acompanhou Hélio Galo em uma expedição pelo interior do Egito por volta de 26 a.C. (ver *Geografia*, de Estrabo, último volume).

Chalcidus: (século VI) Filósofo platônico que traduziu o *Timaeus* de Platão para o latim e acrescentou um volumoso comentário.

Carlos da Boêmia: (1316-1378) Filho de João de Luxemburgo, sucedeu ao trono quando seu pai foi morto na batalha de Crecy, lutando ao lado dos franceses.

Chiramis: Ver Kiranus.

Crisipo: (280-207 a.C.) O terceiro dos grandes filósofos estoicos nasceu em Soli, Cilícia, filho de Apolônio de Tarso. Ainda jovem, foi roubado de sua herança e partiu para Atenas, onde estudou com Cleanto, e talvez com Zenão. Em uma fase posterior de sua

vida, ele combinou os ensinamentos desses dois homens em um sistema unificado e os defendeu com suas habilidades retóricas contra os ataques do meio acadêmico da Idade Média, levando Diógenes Laércio a escrever: “Se os deuses usam dialética, só pode ser a de Crisipo” (*Vidas dos filósofos*, l. 7). Diz-se que ele compôs 705 obras (alguns afirmam 750), das quais só restam fragmentos.

Chyrannis: Ver Kiranus.

Chyrannides: Ver Kiranus.

Cicclus: Ver Ascoli.

Cipriano, Táscio Cecílio: (?200-258) Bispo de Cartago. Acredita-se que nasceu em Cartago de uma rica família patrícia, teve a melhor educação clássica disponível na época e depois se tornou professor de retórica. Pagão, ele tinha prazer em confundir os argumentos dos cristãos, até Cecílio (ou Ceciliano), um presbítero em Cartago, o converter, em 246. Em seu batismo, ele adotou como seu o nome desse amigo. Sua energia em ajudar os pobres com sua riqueza pessoal, sua piedade e seus brilhantes dons retóricos lhe renderam o ofício de bispo em 248 (ou 249).

A perseguição do imperador Décio em 250 e 251 o obrigou fugir para salvar a vida. Quando Galo assumiu o poder em 251, Cipriano voltou a Cartago, mas quando o sucessor de Galo, Valeriano, reforçou a perseguição, ele foi banido para a cidade de Curubis, na África Proconsular, em 257, onde ficou 11 meses. Chamado de volta a Cartago, foi decapitado na planície em frente à muralha da cidade em 14 de setembro de 258, obtendo a duvidosa honraria de ser o primeiro bispo africano martirizado.

Ciro, o Velho: (século VI a.C.) Fundador do império persa. O rei da Média, Astíages, sonhou que crescia uma videira do ventre de sua filha grávida, Mandane, e cobria com suas folhas toda a Ásia. Ele consultou os magos, que interpretaram o sonho como significando que seu neto governaria a Ásia e seu lugar. Alarmado, Astíage mandou matar o bebê, mas, graças à bondade do pastor Mítradates e sua esposa Espaco, que cuidou do bebê, Ciro foi criado como pastor e acabou realizando a profecia de seu nascimento. Diz-se que *Spaca* é um termo na língua média que significa “cadela”, e que foi traduzido para o grego *cyno*. Heródoto, que conta essa história em detalhes, apresenta uma explicação para o mito da cadela, dizendo que, quando o jovem Ciro reencontrou seus pais:

“... ele falou da esposa do pastor que o tinha criado e a cobriu de elogios; em tudo o que ele falava de si aos pais, mencionava Cyno - Cyno era tudo. E assim aconteceu que seus pais, ouvindo a palavra e desejando convencer os persas de que havia uma providência especial na preservação de sua vida, espalharam a história de que Ciro fora amamentado por uma cadela. Essa foi a origem do boato” (Heródoto, *História* 1 [Ra-wlinson,48]).

Claudiano, Cláudio: (fim do século IV d.C.) O último poeta latino clássico, egípcio pagão, provavelmente nativo de Alexandria, filho de pais romanos. Em ou antes de 395, ele viajou a Roma e logo ganhou a patronagem de Stilicho, general e ministro de Honório, jovem governante do Império

Ocidental (entre 395 e 423). Sendo poeta da corte, suas obras consistem basicamente de panegíricos a respeito das ações de seu patrono. Seus poemas se distinguem por uma surpreendente elegância e julgamento artístico. Presume-se que morreu com Stilicho em 408, uma vez que não se tem notícias dele depois de 404, mas é apenas conjectura.

Cleanto: (?301-232 a.C.) Filósofo estoico nascido em Assos, antiga cidade grega no litoral norte do atual Golfo de Edremit, na Turquia. Originalmente pugilista, ele chegou a Atenas quase sem um centavo, onde frequentou as aulas de Crato, o Cínico, e depois de Zenão, o Estoico. Ganhava a vida lá carregando água à noite. Sua inércia e resistência paciente lhe renderam o apelido de “o Asno”. Entretanto, após a morte de Zenão em 263 a.C, ele passou a ser suficientemente estimado até se tornar diretor da escola estoica.

Sempre recusou doações em dinheiro e continuou se sustentando com o trabalho manual. Quando teve uma úlcera no estômago, foi aconselhado a fazer um jejum. Logo se curou, mas ainda se recusava a comer. Quando lhe perguntaram por quê, Cleanto disse que, como já estava a meio caminho da morte, não se incomodaria em dar passos atrás. E, agindo assim, morreu de fome. Uma grande parte de seu poema filosófico, o *Hino a Zeus*, foi preservado nos escritos de Stobaeus. Nele, Cleanto representa o sol como a morada de Deus e o fogo vivificante do Universo. Alguns fragmentos de suas obras foram registrados por Cícero, Sêneca e Diógenes Laércio.

Clearco de Soli: (viveu em 300 a.C.) Um aluno de Aristóteles que escreveu numerosas obras sobre uma grande variedade de temas. Nenhuma sobreviveu.

Croesus: (reinou em 560-546 a.C.) Último rei da Lídia, famoso por sua riqueza. No início de seu reinado, ele dominou todas as nações vizinhas. Em seguida, ele consultou o oráculo em Delfos para saber se deveria guerrear contra os persas. O oráculo respondeu que, se ele marchasse contra os persas, derrubaria um grande império. Croesus imediatamente reuniu um exército e marchou contra as tropas de Ciro, jamais pensando que talvez o oráculo se referisse ao seu império, e não ao persa. Após uma batalha indecisa em Sinope, Ciro cercou Sardis e capturou Croesus vivo. A princípio, planejava matá-lo na fogueira, mas, por estranho que pareça, os dois ficaram amigos. Croesus viveu mais tempo que Ciro e ainda acompanhou Cambises em sua expedição contra o Egito.

Cusanus, Nicolaus: (1401-1464) Também chamado de Nicolau de Cusa. Um cardeal e teólogo da Igreja Católica, ele foi o filho de um pescador de Cusa (ou Kues) no arcebispado de Treves. Quando criança se mostrou muito promissor, o que fez com que um nobre patrono pagasse por sua educação na Universidade de Pádua, onde ele estudou Direito. Quando ele perdeu seu primeiro caso, abandonou as leis e entrou para a ordem sagrada, ascendendo rapidamente na hierarquia da Igreja. De 1440-1447, ele serviu na Alemanha como núncio do Papa. Em reconhecimento, o papa Nicolau V ordenou-o cardeal em 1448

e o designou bispo de Brixen em 1450. No ano seguinte, ele foi enviado novamente à Alemanha e aos Países Baixos para checar abusos eclesiásticos e restaurar o senso de pobreza, caridade e obediência das instituições monásticas. O papa Pio II tinha muito apreço por ele e o tornou governador de Roma durante a ausência do Papa em 1459.

Suas obras mais importantes são filosóficas. Em *De docta ignorantia* e *De conjecturis libri duo* (ambas de 1440), ele defende a ideia de que todo o conhecimento humano é conjectura, que a sabedoria conduz ao reconhecimento da ignorância e que Deus pode ser compreendido em um exaltado estado de consciência. Suas crenças foram sustentadas um século depois por Giordano Bruno, que o chamava de “divino Cusanus”.

Cusaus: Veja Cusanus.

Dagoberto I: (?607-639). Rei dos francos.

Damigeron: (200 a.C.) Também chamado Amigeron. Mago famoso. Tertuliano o apresenta junto a outros magos lendários em sua *De Anima* (200 d.C.). Seu lapidário em prosa constituiu a base para a obra pseudo-órfica *Lithica*, um poema de 770 linhas sobre a magia das pedras, bem como o lapidário de Marbod, *Liber lapidum*. “Um importante lapidário helenista é atribuído a Damigeron. Alguns fragmentos do texto original grego estão preservados no segundo livro das coletâneas médicas de Aetius, o texto na íntegra só existe ainda em uma tradução latina...” (Evans [1922] 1976, 20). O texto latino completo do lapidário é dado por Evans no apêndice A de sua obra. Pelo que pude

entender, a obra costuma ser atribuída a Evax, um escritor latino que viveu na época de Tibério, mais provavelmente seu tradutor do grego.

Dárdano: (século I a.C.) Filósofo estoico que, junto com Mnesarco, dirigia a escola estoica em Atenas. Era contemporâneo do filósofo acadêmico Antíoco de Ascalon.

Dédalo: Escultor e arquiteto grego mítico. Escritores de períodos posteriores o representam como um ateniense que descendia da casa real de Erechtheus. Ele ensinou suas artes mecânicas ao filho de sua irmã, Perdix, e, quando viu que a habilidade do menino superava a dele, matou-o por inveja. Condenado à morte por seu crime, fugiu para Creta, onde conquistou a amizade do rei Minos, construindo para ele um homem de bronze para repelir os Argonautas.

Quando a esposa do rei, Pasife, se apaixonou por um touro, Dédalo fez uma vaca de madeira sobre a qual ela se deitava e satisfazia a paixão. O resultado dessa indiscrição foi o monstro meio homem meio touro, chamado Minotauro, para o qual Dédalo construiu o labirinto. Furioso pela participação de Dédalo na infidelidade da mulher, Minos atirou-o na prisão. Pasife o libertou e ele fugiu de Creta com seu filho Ícaro, em asas construídas de penas e cera. Ícaro voou muito perto do sol e a cera derreteu, e ele caiu no mar (Ver Ovídio *Metamorfoses* 8.3 e *Ars Amatoria* 2, c. linha 92).

Os gregos atribuíam a Dédalo a serra, o machado, o compasso do geômetra e outras ferramentas, bem como as estátuas de madeira toscas, chamadas *daidala*, encontradas em

toda a Grécia, cujas origens se perderam na antiguidade. Sua idade e mistério lhe renderam um poder mágico. Pausânias descreve várias delas (*Guide to Greece* 9.3.2).

Deiotarus: (?116-40 a.C.) Tetrarca da Galácia que apoiava os romanos em suas guerras na Ásia contra Mitradates. Em recompensa, Pompeu lhe deu parte do leste de Ponto em 64 a.C, e o senado acrescentou a Armênia Menor e a maior parte da Galácia por volta de 51 a.C., conferindo-lhe o título de rei. Quando César chegou ao poder, por algum tempo ele foi privado de seus títulos e acusado de insubordinação. Cícero o defendeu com sucesso em 45 a.C. Após a morte de César, Deiotarus se aliou a Marco Antonio, reconquistando seus territórios. Desertando Marco Antonio no momento certo, e graças ao subsequente assassinato de um tetrarca rival, ele ganhou a Galácia.

Demócrito: (?460-?355 a C.) Filósofo grego nascido em Abdera (perto da foz do presente Rio Nestos), na Trácia. Dizem que ele cegou a si mesmo para facilitar a meditação, mas é mais lembrado como o defensor da teoria dos átomos. Nascido já rico, gastou toda a sua fortuna em suas extensas viagens e estudos, e morreu na idade avançadíssima, e mal acreditável, de 105 anos.

Deodoro Siculus: (século I a.C.) Historiador grego do qual se sabe muito pouco. Nasceu em Agyrium, na Sicília. Entre 60 e 57 a.C, viajou no Egito e, mais tarde, viveu em Roma. Ele afirma que passou 30 anos viajando pela maior parte da Europa e Ásia coletando material para sua obra

Biblioteca Histórica, mas essa vanglória costuma ser desacreditada. A *História*, em 40 livros, cobria desde as mais antigas lendas até o início da guerra de César, na Gália. É repleta de repetições e contradições, mas é valiosa porque preserva elementos de fontes anteriores que, do contrário, estariam perdidos. Só os livros 1-5 e 11-20 ainda existem, embora ainda sejam encontrados fragmentos dos livros perdidos. Os primeiros cinco tratam da histórica mítica dos egípcios, assírios, etíopes e gregos.

Diatharus: Ver Deiotarus.

Dio Cássio: (?155-?235) Ou, mais corretamente, Cássio Dio. Historiador romano nascido em Niceia (Ásia Menor), filho de um senador romano, recebeu a melhor educação possível e viajou com seu pai à Cilícia, governada por ele. Após a morte do pai (por volta de 180), ele foi a Roma e se tornou senador, condição na qual ele pleiteava processos legais nos tribunais. Em 194, tornou-se pretor e foi nomeado governador de Pérgamo e Smirna em 218. Por volta de 220, quando retornou a Roma, tornou-se cônsul, um ofício que ele exerceria uma segunda vez em 229. Pouco depois dessa data, retirou-se para Niceia. A data de sua morte é incerta. Ele escreveu uma biografia de Arriano, uma obra sobre sonhos e presságios de Septimius Severus (ambas perdidas) e um história de Roma em 80 livros, dos quais os livros 36-54 estão relativamente intactos. O restante só existe em fragmentos.

Diomedes: Filho de Tideu e Deipile, foi rei de Argos. Partiu com 80 navios na expedição grega contra Troia e foi o herói mais corajoso no exército

grego, depois de Aquiles. Junto como seu companheiro Ulisses, ele levou de Troia o paládio mágico. Era venerado como um ser divino na Itália, onde fizeram estátuas dele em Turi, Argipipa, Metaponto e outros lugares.

Dionísio: Um homem convertido ao Cristianismo por Paulo, em Atenas: Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre ele estava Dionísio, o areopagita...” (Atos 17,34). Uma série de escritos teológicos supostamente compostos por um desconhecido platônico e gnóstico cristão do século V foram atribuídos a Dionísio e constituíram a base da teologia mística do monasticismo ocidental. As obras abordam questões como a essência divina, anjos, espíritos sagrados, cerimônias, hierarquia sacerdotal, e assim por diante. Seus títulos são *Da hierarquia celestial*, *Da hierarquia eclesiástica*, *Dos nomes divinos* e *Da teologia mística*. Uma coletânea de dez cartas também é atribuída a ele. É da primeira dessas obras que derivam as conhecidas ordens de anjos: Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos. Cristo é colocado no topo dessa hierarquia.

Dionísio, o Velho (Ancião): (430-367 a.C). Tirano de Siracusa. Ele derrotou os cartagineses e subjugou as cidades gregas na Itália, fazendo de si mesmo o grego mais poderoso antes da época de Alexandre. Diz-se que morreu por comer e se faltar demais, mas segundo alguns relatos sua morte foi apressada por seus atendentes médicos, sob ordem de seu filho.

Dioscórides: (século I) Chamado Pedacius (ou Pedanius). Médico grego de Anazarba, na Cilícia (região em

torno da atual Adana, sul da Turquia), que serviu como cirurgião militar nos exércitos de Nero. Em 77-78 d.C., ele compilou uma obra descrevendo as virtudes de mais de 400 plantas e drogas em cinco livros, chamada *De Materia Medica*. Ela se tornou a obra-padrão do assunto, até o século XVII. Também incluía muito material a respeito das virtudes mágicas das pedras. Outras obras foram atribuídas a Dioscórides, mas provavelmente são espúrias. A *Materia Medica* foi traduzida para o inglês como *The Greek Herbal of Dioscorides*, por John Goodyer (1655).

Ênio, Quinto: (239-170 a.C.) Antigo poeta latino, nascido em Rudiae, Calábria. Era cidadão grego de Roma e serviu no exército romano. Em 204, ele chegou à patente de centurião enquanto lutava na Sardenha, durante a Segunda Guerra Púnica. Cato, o Velho, o observou e o levou de volta para Roma. Ênio alegava ser descendente de Messapus, um dos lendários reis de sua terra natal, e tinha um caráter nobre, orgulhoso e justo que atraía a admiração dos romanos. Logo conquistou a amizade dos grandes homens da cidade, em particular Scipio, o Velho, e Fulvius Nobilior. Por meio da influência do filho de Nobilior, Ênio se tornou cidadão de Roma.

Para ganhar a vida, ele dava aulas de grego aos jovens romanos ricos e traduzia e adaptava peças romanas para o latim, principalmente as tragédias de Eurípidés; mas se tornou mais célebre por seus *Annales*, um poema narrativo épico baseado no destino nacional romano. Foi essa obra que lhe conquistou o título popular mencionado por Horácio, *alter Homerus* (um segundo Homero) - ver Horácio, *Epístolas* 2.1, linha 50.

Ele é considerado o pai da poesia latina. Hoje só existem fragmentos de suas obras. Cícero se lembra dele, em seus últimos dias, com afeição: “Aos 70 anos de idade, porém, Ênio, que viveu todo esse tempo, carregava os dois fardos considerados os mais pesados: pobreza e velhice, e os levava como se parecesse apreciar a condição” (*De senectate* 5 [Yongel]).

Epicteto: (século 1º d.C.) Filósofo estoico, nativo de Hierápolis, na Frígia. Era um escravo de Epaphroditus, liberto, e um dos favoritos de Nero. Depois que Epaphroditus lhe deu a liberdade, ele continuou vivendo e ensinando em Roma até Domiciano banir os filósofos da cidade. Ele se estabeleceu, então, em Nicópolis, Epiro. Embora o imperador Adriano o tivesse em mais alta estima, ele nunca voltou a Roma. Diz-se que era coxo e residiu em um chalé humilde em Nicópolis, vivendo na pobreza até a morte. Mais interessado na vida que na filosofia, ele vivia de acordo com suas convicções, e era tão valorizado que sua lâmpada de barro foi vendida por 3 mil após sua morte. Não escreveu nada. Arriano, um de seus alunos, compilou a obra *Enchiridion*, a partir das palestras de Epicteto quando idoso, e coletou-as em oito livros, quatro dos quais infelizmente se perderam.

Epimênides: (viveu 600 a.C.) Chamado de o Expiador, esse semimítico sacerdote, profeta e poeta nasceu em Phaestus, Creta, mas costuma ser mais associado à cidade cretense de Cnossos. Diz-se que teria dormido em uma caverna por 57 anos (segundo Pausânias, 40), que vivera em ótima forma até a idade de 154, 157 ou 229 anos, e que teria purificado Ate-

nas por meio de ritos mágicos, quando a cidade foi assolada pela peste por volta de 596 a.C. Essa última façanha pode ter uma base histórica, e é relatada em uma forma, por Platão.

Provavelmente já ouviram falar de Epimênides, um indivíduo inspirado, nascido nesta cidade [Cnossos -mas ver acima] e relacionado à minha família, que visitou Atenas dez anos antes das Guerras Persas, sob a recomendação do oráculo [de Delfos], e ofereceu certos sacrifícios ordenados pelo deus [Apolo], além de dizer aos cidadãos, que estavam alarmados diante das preparações dos persas, que o inimigo não viria ainda por dez anos, e, quando viesse, iria embora sem realizar seu propósito, após sofrer mais que causar danos (Leis 1.642d-e [Hamilton & Cairns]).

A data fornecida por Platão (guerras persas, por volta de 500 a.C.) é cerca de um ano após a data citada por Aristóteles, que associa as pestes a uma tentativa do nobre ateniense Cylon de assumir o controle político do Estado. Suidas faz a afirmação interessante de que Epimênides era capaz de viajar fora do corpo. Alguns fragmentos de poesia são atribuídos a Epimênides, mas muitos de seus escritos místicos se perderam.

Esopo: (viveu em 600 a.C.) Famoso fabulista que nasceu na Frígia. Dizem que morreu nas mãos dos invejosos cidadãos de Delfos, que o jogaram de um penhasco:

E eles maquinaram um plano para matá-lo,
Mas não se atreveriam a atacá-lo na
presença dos estrangeiros

Que se encontravam, então, na cidade. Observando, por fim, que um dos servos de Esopo fazia as malas E os outros se preparavam para partir, Eles foram ao templo de Apolo, lá apanharam uma taça de ouro E a colocaram na bagagem de Esopo. Esopo, nada sabendo da traição, partiu de Delfos;

Mas não estava longe quando os traidores correram em seu encalço, E com grande comoção e barulho o pegaram.

E enquanto o levavam, Esopo lhes perguntou: Senhores, por que me levais? Ao que eles responderam: És um ladrão de ornamentos celestiais Blasfemo e sacrílego Pois despiste e roubaste o Templo de Apolo....

E então o seguraram e jogaram do alto de uma colina. E foi assim que Esopo morreu, miseravelmente...

(*Caxton's Aesop* [Cambridge: Harvard University Press, 1967], 68, 71).

Várias pestes assolaram Delfos, e a conselho do oráculo, o povo pagou uma compensação ao parente mais próximo de Esopo, quando então as epidemias cessaram. A história de sua vida costuma ser atribuída ao monge do século XIII Maximus Planudes, mas pode ser encontrada antes, no Egito do século I.

Eudamus: (século IV a.C.) Filósofo Peripatético, nativo de Rhodes, um dos alunos mais importantes de Aristóteles. Ele editou muitas das obras

de Aristóteles, uma das quais tem seu nome. Simplício o chamava de o mais genuíno dos companheiros de Aristóteles.

Eudoxus: (século IV a.C.) Nascido em Cnido, uma antiga cidade grega na atual região sudoeste da Turquia, foi um célebre médico, geômetra, legislador e astrônomo. Estudou com Platão em Atenas, mas foi dispensado por seu professor e viajou ao Egito, onde passou 16 meses com os sacerdotes de Heliópolis. Após ensinar física por algum tempo, ele retornou a Atenas, com alunos seus, e em uma fase posterior de sua vida estabeleceu um observatório astronômico em sua cidade natal.

Estrabo diz que foi Eudoxus quem descobriu que deveriam ser acrescidas três horas ao ano de 365 anos. Vitruvius atribui a Eudoxus a invenção do relógio de sol. Aristóteles escreve:

Eudoxus achava que o prazer era o bem, pois via todas as coisas, tanto racionais quanto irracionais, culminando nele, e porque em todas as coisas o objeto de escolha é aquilo que é excelente, e o maior objeto de escolha é o bem maior;... Seus argumentos tinham mais crédito por causa da excelência de seu caráter que pelos argumentos em si; diziam que ele tinha um notável autocontrole, e por isso mesmo, não se pensava que ele dizia aquilo como um amigo dos puros prazeres, mas sim porque era a verdade. (*Ética a Nicômaco* 10.2.1172b, tradução de W. D. Ross [McKeon, 1094]).

Poucos de seus escritos ainda existem. O *Phaenomena* de Aratus é um poema baseado em uma obra astronômica em prosa de Eudoxus.

Fragmentos de Eudoxus são preservados nos escritos no astrônomo Hiparco.

Eurípides: (480-406 a.C.) Poeta dramático grego, nascido na ilha de Salamis, no Saronic Gulf, bem no dia da vitória naval grega sobre a frota persa de Xerxes, que aconteceu no estreito entre a ilha e a costa. Embora o dramaturgo cômico Aristófanes retratasse a mãe de Eurípides como uma vendedora de ervas de dúbia honestidade, não há razão para acreditar que ele fosse de origem nobre. Quando jovem, ele era o servidor de vinho em festivais, um cargo que exigia sangue nobre. Estudou retórica com Proculus, que cobrava muito caro e procurava alunos nobres.

Um oráculo previu que um dia ele seria coroado com guirlandas sagradas. Interpretando erroneamente a previsão, seu pai mandou o menino treinar para ser atleta. Ele venceu os jogos em Elêusis e Thesean, mas não foi aceito nos jogos olímpicos por causa da pouca idade. Perdendo interesse pela ginástica, ele experimentou a pintura, sem grande sucesso, e depois estudou Filosofia com Anaxágoras e se tornou amigo íntimo de Sócrates. A primeira peça a levar seu nome foi produzida em 455 a.C; só em 441 a.C, ele ganhou o primeiro prêmio e realizou a profecia do oráculo. Continuou a exibir peças até 408 a.C, quando deixou Atenas e foi desfrutar a hospitalidade da corte do rei Arquelaus.

Os rumores contados acerca do poeta são questionáveis. Diz-se que ele saiu de Atenas por causa da infidelidade de sua mulher e do subsequente ridículo que incorreu; que passou a odiar todas as mulheres; que tinha um

comportamento pessoal pervertido; e que teria sido atacado violentamente por cães atirados contra ele por poetas rivais e invejosos. Eurípides morreu na Macedônia, na corte de seu patrono real. Ele é o suposto autor de 75 peças, das quais 18 ainda existem.

Eusébio: (?260- ?340) Bispo de Cesareia e historiador eclesiástico, chama a si mesmo de Eusebius Pamphili, por devoção ao seu professor Pamphilus. Eusébio nasceu na Palestina. Apegou-se à escola de Pamphilus, na Cesareia, na qual estudou a Bíblia e os escritos de Orígenes. Quando seu professor foi morto durante as perseguições de Diocleciano em 309, ele fugiu para Tiro e depois para o Egito. Tornou-se bispo de Cesareia entre 313e315e recebeu a oferta do patriarcado de Antioquia em 331, mas não aceitou.

O homem mais culto de sua época, e amigo do imperador Constantino, Eusébio foi um poder a favor da moderação na Igreja durante um período de devoção fanática. Suas obras mais notáveis são *Chronicon*, um livro histórico antigo; *Praeparatio Evangelica*, contendo muitos extratos valiosos de escritores clássicos; e *História Eclesiástica*, que contém a história do Cristianismo dos tempos de Cristo até o ano 324 d.C

Evax: Um nome mencionado oito vezes no *Livro dos Segredos*, sete das quais em companhia de Aaron. Existe uma referência ao *Livro dos Minerais* de Aaron e Evax. Pode-se conjecturar que os dois autores tenham sido encadernados em um único volume. O nome Evax era associado, em alguns manuscritos, ao autor ou ao tradutor de uma obra em latim do século VI,

De virtutibus lapidum (Do poder das pedras). Ele também era associado a um lapidário posterior, em versos latinos, de Marbod (1035-1123). Ver a nota biográfica de Damigeron.

Firmanus Tarutius: (século I a.C.) Matemático e astrólogo que era amigo de Varro e contemporâneo de Cícero. Foi a pedido de Varro que ele projetou um horóscopo de Rômulo, trabalhando em retrospecto, a partir dos eventos, para encontrar a data de nascimento e também da fundação de Roma.

Firmianus: Ver Firmanus.

Flaco, Fúlvio: (século II a.C.) Nomeado cônsul com P. Cornelius Scipio Aemilianus Africanus II em 134 a.C, ele partiu imediatamente para a Sicília para acabar com a revolta dos escravos, chamada de Guerra Servil, enquanto Africanus lutava na Espanha. Foi derrotado por Eunus, líder dos escravos.

Francisco, São: (1182-1226) De Assis, o fundador da ordem franciscana de frades.

Fulgentius, Fabius Planciades: (fim do século V) Gramático latino que nasceu e viveu no norte da África. Além do fato de ser um cristão com inclinações neoplatônicas, não se sabe muito dele. Ainda existem quatro obras que levam seu nome. Aquela a que Agrippa se refere é provavelmente *Mythologiarum libri III ad Catum Presbyterum*, uma mitologia em três livros dedicados a Catus, um presbítero de Cartago. Ela relata 75 mitos em uma forma sucinta e os explica de maneira alegórica, de acordo com as doutrinas místicas dos estoicos e neoplatônicos.

Galeno, Cláudio: (130-?200) Médico grego nascido em Pérgamo, uma importante cidade localizada em Bérpamo, atual Turquia. Quando ele tinha 17 anos, seu pai teve um sonho que o levou a treinar Galeno para a medicina. Cerca de 150 obras foram ou escritas por ele ou a ele atribuídas, fazendo de Galeno o mais influente autor médico de todos os tempos.

Geber: (século VIII ou IX) Esse autor de numerosas obras latinas de alquimia geralmente é considerado o mesmo que Abu Abdallah Jaber ben Hayyam (Haiyan) ben Abdallah al-Kufi, um árabe ao qual se atribui uma obra histórica árabe do século X, a *Kitab-al-Fihrih*, além de 500 outros tratados, a habilidade na arte de fazer ouro e prata e a fama de ter preparado o fabuloso elixir alquímico. Entretanto, há fortes suspeitas de que as obras latinas de Geber sejam traduções do Jaber árabe. M. P. E. Barthelot (*Chimie au Moyen Age, Paris, 1893*) tinha certeza de que os ensaios eram pelo menos árabes, traduções feitas entre os séculos IX e XII. A mais famosa entre as obras latinas é a *Summa perfectionis magisterii* (Suma de perfeição) e *De investigatione perfectionis* (Investigação da perfeição dos metais). Também atribuídas a Geber são *De inventione veritatis*, *Liber fornacum*, *Testamentum Geberi regis Indiae* e *Alchemia Geberi*.

A noção de que Geber seria nativo sabeu de Harran, Mesopotâmia, vem de um artigo sob seu nome escrito por d'Herbelot na *Biblioteque Orientale*. A outra opinião, de que ele era mouro espanhol, vem de uma única referência feita por Alberto Magno a um Geber "de Sevilha", provavelmente o

árabe Jabir ben Aflah, nativo de Sevilha, do século XI, que escreveu sobre astronomia e trigonometria.

Gellius, Aulus: (século II) Gramático romano. Escreveu *Noctes Atticae* (Noites de Atenas), assim intitulado porque foi composto em uma casa de campo perto de Atenas, durante as longas noites de inverno. É uma coletânea aleatória de extratos em 20 livros de escritores gregos e romanos a respeito de História, Antiguidade, Filosofia e filologia, com observações e comentários de Gellius. O oitavo livro se perdeu, mas o resto ainda existe.

Germa: Não encontrei nenhuma referência a Germa, o Babilônio. O termo “Babilônio” parece ter sido usado por Agrippa como sinônimo de “astrólogo”. Nesse sentido, parece se aplicar a Averróis no livro II, capítulo II. Havia uma cidade na Pérsia chamada Germabad.

Graco, Tibério Semprônio: (século II a.C.) Tribuno e cônsul romano, mais bem lembrado por ter sufocado a revolução da Sardenha em 176 a.C. Ele se casou com Cornélia, filha de P. Scipio Africanus, o Velho, e teve com ela 12 filhos. Sua filha, também chamada Cornélia, casou-se com P. Scipio Africanus, o Jovem.

Gregório Nazianzeno: (329-389) Chamado de Teólogo, esse Pai da Igreja Oriental nasceu na Capadócia. Inclinado ao Cristianismo por influência de sua mãe, ele estudou Gramática, Matemática, Retórica e Filosofia em Atenas e Alexandria, e foi discípulo de Orígenes e Atanásio. Recebeu o batismo na casa de seu pai em Naziânco em 360 e queria levar uma vida contemplativa, afastada, como mon-

ge. Mas o violento choque doutrinai entre as facções ariana e ortodoxa da Igreja o afetou. Em 372, ele foi nomeado, contra sua vontade, bispo de Sasima, e por volta de 378 foi para a Constantinopla para cuidar dos vestígios debilitantes da facção ortodoxa, uma tarefa que ele realizou com zelo e muito sucesso. A ascensão de Teodósio em 380 assegurou o triunfo de sua causa. Pouco depois, ele se afastou para uma vida reclusa de composição literária, que finalmente pôde desfrutar. Suas obras consistem em poemas, epístolas e discursos.

Gregório, o Grande, São: (?540-604) Nascido em Roma, de uma família rica, ele recebeu a melhor educação disponível e se destacou em gramática, retórica e dialética. Começou uma carreira política e foi prefeito de Roma em 573, mas pouco depois abandonou a vida pública, usou sua riqueza para estabelecer seis mosteiros na Sicília e um em Roma, e em seguida se retirou no último, como monge. Em 578, ele foi enviado como embaixador da Igreja à corte de Constantinopla e, em 586, tornou-se abade do mosteiro de Santo André.

Após a morte de Pelágio II em 590, Gregório foi eleito papa, muito contra a sua vontade. Ele foi o primeiro monge a se tornar papa, e pode ser chamado de o primeiro dos papas medievais, pois foi por iniciativa dele que o papado ganhou seu grande poder político. Severo contra os pagãos, hereges e clérigos que violavam as regras da Igreja, ele se mostrava estranhamente leniente para com os judeus. Por sua condição de monge, ele defendeu muito a vida monástica e foi acusado de esvaziar os cofres da Igreja com excessiva caridade aos

necessitados. Entretanto, sob sua habilidosa gestão, a riqueza da Igreja aumentou e o poder do papado foi estabelecido.

Gulielmus: Ver Guilherme de Paris.

Hadrianus, Publius Aelius: (76-138)

Mais conhecido como Adriano, nasceu em Itália, na Hispania Baetica (alguns dizem, Roma). Quando tinha cerca de 10 anos, seu pai morreu e ele ficou sob os cuidados de seu parente, Ulpius Trajanus, futuro imperador Trajano. Passou cinco anos em Roma e depois embarcou para uma carreira militar na Espanha, mas logo foi chamado de volta a Roma por seu guardião, que o nomeou para sucessivos postos políticos.

Trajano tinha certas dúvidas a respeito de Adriano, por causa de alguns rumores acerca de sua extravagância, mas, após se tornar imperador, foi levado a considerar melhor seu protegido, por influência de sua esposa, a imperatriz Plotina, que arrumou um casamento para Adriano com Vibia Sabina, neta de Trajano. Em 101, Adriano foi questor, em 105 tribuno e em 106 pretor. Serviu com distinção em campanhas militares e ocupou significativos postos políticos em diferentes partes do Império. Trajano estava providenciando para que Adriano fosse seu sucessor e, quando o imperador morreu, em 117, Plotina escondeu a notícia da morte até providenciar uma adoção póstuma de Adriano por Trajano para assegurar sua subida ao trono. Mas isso nem seria necessário. Adriano foi aclamado pelo exército e pelo senado.

Seu subsequente reinado foi um dos períodos mais felizes na história romana. Em vez de tentar estender o

Império por meio da guerra, ele fortaleceu suas fronteiras e aprimorou as obras públicas e as estruturas sociais. Continuou a tradição de construir, iniciada por Augusto e repetida por Trajano. Entretanto, era do tipo temperamental, podendo ser sério ou jovial, cruel ou gentil, mesquinho ou generoso, impulsivo ou precavido, afetuoso ou desconfiado, dependendo dos surtos de humor. Mais temido que amado, ele era muito inteligente, dono de paixões fortes e deturpadas e altamente supersticioso. Apesar de todos os seus defeitos, ele presidiu uma Idade de Ouro em Roma e deixou monumentos perenes de sua energia e de seu gênio.

Hama, rabino: Ver Hamai.

Hamai, rabino: (fim do século XII)

Conhecido como Hamai Gaon, pseudônimo de um cabalista que teria pertencido à escola de Isaque, o Cego, que floresceu em 1200. Duas obras sobre Cabala que levam o nome dele são *Sepher ha-Yihud*, “provavelmente a respeito do Tetragrammaton” (*Jewish Encyclopedia*), e *Safer ha’lyyun*, da existência e unidade de Deus.

Helena, Flávia Júlia: (?247-?327)

Santa cristã, mãe de Constantino, o Grande. Nasceu em Drepanum, uma cidade no Golfo de Nicomédia (extremo leste do mar de Marmara, Turquia), que seu filho, posteriormente, chamaria de Helenópolis, em homenagem à mãe. Segundo lendas, ela teria descoberto o sepulcro de Jesus e a verdadeira cruz em Jerusalém. Essa fábula surgiu porque Constantino foi o primeiro governante cristão a fazer extenso uso da cruz como símbolo. Diz-se que o corpo dela foi colocado na abadia de Hautvilliers perto de Reims,

que era o centro de seu culto, mas ela também era popular na Inglaterra. Ela é representada em trajes reais, usando uma coroa e carregando ou um modelo do santo sepulcro ou uma grande cruz ou os três pregos que traspassaram Cristo. A festa de Santa Helena é em 18 de agosto.

Henina, rabino: Vários rabinos com esse nome são mencionados no *Talmude*, *Midrash*, *Zohar* e contos folclóricos judaicos, particularmente Rav Hanina, que, com Rava Oshaya, “se sentava toda véspera do Sabá e estudava o *Sepher Ytzira* (Livro da Criação), e os dois criaram para si mesmos um bezerro de três anos, que depois comeram” (do *Talmude*, como citado por Patai 1980, 239).

Heráclito: (?540-?475 a.C.) Filósofo grego nascido em Éfeso, de pais nobres. Pouco se sabe dos eventos de sua vida. Ele recusou o cargo de magistrado-chefe, que era seu por direito, cedendo-o ao seu irmão. É evidente que tinha considerável poder - ele obrigou o usurpador Malancomas a abdicar, e, de tempos em tempos, intervinha nas questões de Éfeso. Entretanto, era por natureza arrogante, mal-humorado e solitário, e seu comportamento lhe rendeu o apelido de “aquele que xinga”. Também era chamado de o “Obscuro”. No fim da vida, ele se retirou para as montanhas para viver como eremita, comendo ervas, mas foi levado para a cidade quando ficou doente e, logo depois, morreu.

Fundamentada na escola jônica, a filosofia de Heráclito é surpreendentemente moderna. Ele afirmava que todas as coisas se encontram em um estado de constante fluxo e mudança; que os sentidos são “más

testemunhas” porque transmitem a ficção de um universo estático e, portanto, não podem ser confiados; que todas as coisas crescem a partir de uma espécie de condensação de um fogo claro, fluido, primordial; e que a verdadeira liberdade só é alcançada pela subordinação do indivíduo à harmonia da lei cósmica. A única obra de Heráclito ainda existente é *Da Natureza*, que expressa suas visões. Fragmentos também foram preservados nos escritos de filósofos gregos posteriores, como Platão.

Hermano de Wied: (1477-1552) Educado por seu pai, Frederico, conde de Wied, para entrar na Igreja, ele se tornou eleitor e arcebispo de Colônia em 1515. A princípio hostil à reforma protestante que assolava a Europa na época, uma disputa com o papado o fez mudar de aliança, e dali em diante ele se empenhou em promover uma reforma ordeira dentro do clero, dando o exemplo com reformas em sua própria diocese em 1536. Quando seus esforços fracassaram, ele convidou Martin Bucer, um amigo de Lutero, para vir a Colônia em 1542. No entanto, a vitória do imperador Carlos sobre Guilherme, duque de Cleves, e a hostilidade dos cidadãos de Colônia acabaram com os esforços de Bucer. Hermano foi chamado diante do papa Paulo III em 1546, deposto e excomungado. Ele retornou a Wied, onde viveu o restante de sua vida.

Hermippus: (século II a.C.) Natural de Smirna, esse historiador e filósofo Peripatético grego foi discípulo de Calímaco de Alexandria e é lembrado principalmente por seus escritos biográficos. Ele escreveu uma mono-

grafia a respeito dos *Discípulos de Isócrates* e é mencionado por Ateneu.

Heródoto: (484-?425 a.C.) Historiador grego nascido em Halicarnassus, Ásia Menor, de uma família proeminente. Viajou muito entre 464 e 447 a.C. Em 457, deixou Halicarnassus para fugir da tirania de Ligdamis e passou a residir em Samos, mudando de aliança, portanto, da Pérsia para a Grécia. Ajudou a fomentar uma rebelião contra Ligdamis, e quando Halicarnassus se declarou membro da confederação ateniense, Heródoto voltou à sua cidade natal por um curto período de tempo. Em 447 a.C., o clima político mudou de novo e ele foi viver em Atenas. Sua obra literária foi tão bem recebida pelos atenienses que o povo lhe conferiu a grande soma de dez talentos em reconhecimento de seu mérito. Sempre inquieto, em 444 a.C. ele viajou com os colonizadores atenienses até a nova cidade de Turi, em Lucania, Itália. Pouco se sabe do resto de sua vida. Por volta de 430 a.C., ele voltou a Atenas, mas passou a maior parte de seu tempo trabalhando em seu grande livro, o que lhe conferiria o título de Pai da História.

Hesíodo: (século VIII a.C.) Poeta grego nascido em Ascra, Beócia. Escreveu *As Obras e os Dias* e a *Teogonia*. Hesíodo representa a escola beócia de poesia, que era simples e didática, ao contrário da escola jônica, representada por Homero, que era heroica.

Hieronimus, Eusebius Sophonius: (?340-420) Mais conhecido como São Jerônimo. Nasceu em Strido, uma cidade na fronteira entre Dalmácia e Panônia (atual região noroeste da Iugoslávia), filho de pais cristãos. Foi a

Roma, onde estudou lei da filosofia, Gramática e Retórica, depois viajou muito. Em Antioquia, uma doença grave mudou sua vida. Ele apreciava muito os clássicos, mas jurou a Deus que a partir de então os renunciaria em favor das Escrituras. Adotando uma vida de eremita em Calcis em 374, ele começou a estudar hebraico. Tais estudos o levaram a traduzir as Escrituras, que se tornaram a edição vulgata da Bíblia usada pela Igreja de Roma. Em 382, foi chamado a Roma pelo papa Damaso para ajudar na disputa teológica que assolava Antioquia. As senhoras de Roma eram atraídas por ele e o procuravam para ouvir seus ensinamentos, o que despertou a ira dos homens.

Quando Damaso morreu, em 384, Jerônimo achou conveniente deixar Roma e rumar para o leste. As mulheres o seguiram, determinadas a se tornar freiras. Com o dinheiro de Paula, uma viúva rica, ele ergueu três conventos e um mosteiro em Belém. O tempo todo ele afirmava, veementemente, que não aceitava dinheiro nem presentes, não apreciava as sedas finas, as pedras preciosas reluzentes ou ornamentos de ouro, e não se deixava afetar pelas mulheres, exceto quando elas se distinguiam por fazer jejum e penitência.

No fim de sua vida, ele se envolveu em outra controvérsia da Igreja e irritou tanto seus adversários que estes atacaram seu mosteiro com tropas. Ele fugiu e se escondeu por dois anos, temendo pela própria vida. Voltou a Belém em 418, mas morreu dois anos depois, após uma longa doença debilitante. Jerônimo não parecia ter a piedade que assinalava tantos Pais da

Igreja. Lutero dizia, a respeito dele: “Ele não ensina acerca da fé, ou do amor, ou da esperança, ou das obras da fé”.

Higino: Nada se sabe da vida desse escritor. Às vezes ele é confundido com o gramático Caio Júlio Higino, um liberto de César Augusto, mas que deve ter vivido muito tempo depois. Ele escreveu dois livros, ainda existentes: *Fabularum liber*, uma série de lendas mitológicas curtas com uma genealogia introdutória de divindades; e *Poeticon astronomicon libri IV*. Esta segunda contém a descrição das constelações citadas por Agrippa no capítulo XXVII, l. II.

Hilarius: Ver Hilário.

Hilário, Santo: (?300-367) Bispo de Pictavium (Poitiers) e um eminente doutor da Igreja do Ocidente, era chamado de *malleus Arianorum* (martelo dos arianos) e de “Atanásio do Ocidente”. Nascido em Poitiers de uma família eminente, ele recebeu uma excelente educação para aquela época, incluindo um pouco de grego. Seu estudo dos textos bíblicos o fez trocar o neoplatonismo pelo Cristianismo. Em 353, embora ainda fosse casado, ele foi eleito bispo de Poitiers e imediatamente providenciou a excomunhão do bispo ariano de Arles. Pelo resto de sua vida, manteve uma campanha rigorosa contra o arianismo, embora às vezes fosse acusado por membros da facção ortodoxa de ser muito leniente em seus ataques doutrinários contra os arianos (demonstrando o fanatismo furioso da época).

Hildegardes: (1098-1179) Filha do conde de Spanheim, ela teve revelações que o Espírito Santo lhe

mandou escrever em um livro. O livro foi mostrado ao papa Eugênio III, que mandou o bispo de Verdun e São Bernardo de Clairvaux investigar o trabalho. A Igreja considerou as revelações genuínas. Por fim, elas preencheram três volumes, e a santa também escreveu numerosas outras obras místicas e 145 cartas a várias figuras de destaque e governantes. Dessas revelações, ela diz:

Da infância até hoje, estando eu com 70 anos de idade, tenho recebido sem cessar visões e revelações divinas. Nessas comunicações divinas, parece que sou carregada no ar a regiões longínquas, distantes, e vejo em minha mente as maravilhas que me são mostradas. Não as vejo com meus olhos físicos nem ouço o que é dito com meus ouvidos físicos, nem as descubro por intermédio de meus sentidos físicos; tampouco elas me veem em meu pensamento, ou em sonhos, transe ou êxtases; mas as vejo com os olhos abertos, enquanto estou acordada, às vezes à noite e às vezes de dia. O que vejo, vejo em minha alma; e o que ouço, ouço em meu eu interior (citado por Brewer 1901,324).

Hildegardis: Ver Hildegardes.

Hiparco: (?190-?120 a.C.) Astrônomo grego nascido em Niceia, Bitínia (atual Iznik, Turquia). Ele introduziu muitas inovações espetaculares, entre as quais um método de representar os céus sobre um plano, a noção de longitude e latitude em geografia terrestre e o uso de uma tabela de cordas semelhante a senos. Suas observações práticas eram muito mais precisas que as de seus antecessores, permitindo-lhe descobrir a precessão

dos equinócios, a distância entre a Terra e o Sol e a Lua, o comprimento exato do mês lunar, e a compilar um catálogo de mais de 850 astros, que foi preservado no *Almagest* de Ptolomeu. Infelizmente, todos os seus escritos se perderam, exceto *In eudoxi et Arati Phaenomena*, um comentário do *Phaenomena* de Aratus.

Hipócrates: (?460-?375 a.C.) O mais famoso médico grego da história, chamado de o Pai da Medicina, nasceu na Ilha de Cós, no Mar Egeu. Da família dos Asclepiádes, dizia-se que ele era descendente direto não apenas de Esculápio, mas de Hércules, pelo lado da mãe. Seu pai, Heráclides, e o médico Heródico de Selimbria o treinaram em Medicina. Górgias e Demócrito lhe ensinaram Filosofia. Ele viajou muito e praticou suas artes de cura em Atenas, e talvez também na Trácia, Tessália, Delos e Cós, em diferentes períodos. Foi em Larrisa, na Tessália, que ele morreu de velhice - a idade exata não se sabe - diz-se 85, 90, 104 e até 109 anos. De todas essas, a primeira parece ser a mais provável.

Tanto Platão quanto Aristóteles fazem referência a ele. Uma lenda diz que ele acabou com uma peste em Atenas, fazendo fogueiras por toda a cidade. Descendente de uma linhagem de curadores sacerdotes, ele foi o primeiro a separar a Medicina da religião, e também da Filosofia, introduzindo no lugar de ambas remédios naturais e observação prática.

Oitenta e sete obras levam seu nome. Dessas, talvez 12 sejam genuínas. Algumas autoridades acreditam que nenhuma tenha sido de fato escrita por Hipócrates, mas que possam ter sido compostas por seus descendentes.

Hipponax: (viveu em 540 a.C.) Esse poeta grego e inventor da paródia nasceu em Éfeso. Quando foi expulso de sua cidade natal pelos tiranos, ele foi viver em Clazômenas. Um homem de baixa estatura, feio, porém poderoso, tornou-se alvo de ridículo dos irmãos Bupalus e Athenis, que fizeram uma estátua grotesca representando-o. Em retaliação, Hipponax os destruiu em sua poesia satírica, o que, segundo Suidas, os teria levado ao suicídio. Hipponax dirigia sua cáustica astúcia contra todos - seus conterrâneos jônicos, seus próprios pais e até os deuses. Só restam fragmentos de suas obras. Na mesma época viveu um filósofo de Samos, geralmente chamado de Hippon, para distingui-lo do poeta.

Homero: (século IX a.C.) Poeta grego a quem se atribui a autoria dos épicos *Íliada* e *Odisseia*. Ninguém sabe ao certo onde ou quando ele nasceu, mas se acredita que viveu antes de Hesíodo, e Smirna (atual Izmir, na Turquia) é a mais plausível das sete cidades antigas onde ele teria nascido. Segundo uma lenda, ele era cego e pobre. Os 33 *Hinos Homéricos* não foram escritos por Homero, e sim por seguidores de seu estilo, que eram chamados de homéridas. Houve uma época em que os gregos estudavam Homero com o mesmo fervor com que os calvinistas liam a Bíblia. Ele é o poeta mais influente de todos os tempos.

Horapolo Nilous: (c. 400 d.C.) O nome é uma combinação de Hórus e Apolo. Nilous pode ser uma referência à cidade egípcia do mesmo nome ou ao próprio Rio Nilo. Ele foi um gramático grego que viveu no Egito durante o reinado de Teodósio I (378-

395). Segundo Suidas, ele escreveu comentários sobre Sófocles, Alceu e Homero, e uma obra a respeito de locais consagrados aos deuses. Photius atribui a ele uma obra histórica das fundações da cidade de Alexandria e de suas antiguidades, e o chama de dramaturgo. Uma obra que leva seu nome, os *Hieróglifos*, em dois volumes, alega ser uma tradução do egípcio para o grego por Filipo, do qual nada se sabe. Sua autenticidade pode ser questionada, e alguns afirmam que ela seria do século XV - entretanto, por evidência intrínseca, parece transmitir uma tradição viva dos símbolos hieroglíficos. Foi muito estudada na Renascença como uma fonte de emblemas místicos.

Hrabanus Maurus Magentius: (?776-856) Também chamado Rábano, ou Rhabanus, e às vezes incorretamente citado como Santo Rábano. Arcebispo de Mainz, nasceu em Mainz, filho de pais nobres. Foi à escola em Fulda, em que recebeu as ordens de diácono em 801; depois estudou em Tours com Alcuin, que o chamava de Maurus, por causa de São Mauro. Entre 804 e 814, ele dirigiu a escola em Fulda com grande habilidade, e compôs seu *Excerptio* da gramática prisciana, que se tornou o livro-texto-padrão medieval. Ordenado padre em 814, ele se tornou abade em Fulda em 822 e serviu nessa idade por 20 anos, tentando depois se afastar da vida pública. Mas esse afastamento durou pouco - em 847, ele foi persuadido a se tornar arcebispo de Mainz, onde permaneceu até sua morte. Suas obras são numerosas e incluem comentários das Escrituras e *De institutione clericorum*, obra na qual ele aborda as visões de Agostinho e de Gregório,

o Grande, a respeito dos deveres clericais.

Jamblichus: (século IV) De acordo com seu biógrafo, Eunapius, esse filósofo neoplatônico nasceu em Cálcis, Coele-Síria, de uma família rica e proeminente, e estudou filosofia a princípio com Anatólio, depois com Porfírio. Ele reunia muitos discípulos de diversas nações e vivia com eles em Cálcis, em irmandade, talvez em uma tentativa de imitar a irmandade de Pitágoras. Segundo seus contemporâneos, ele teria poderes milagrosos, mas o próprio Jamblichus negava tal afirmação.

O imperador Juliano o considerava o equivalente intelectual de Platão e dizia que ele daria todo o ouro na Lídia por uma epístola de Jamblichus. A maior parte de seus escritos se perdeu. O que resta são cinco livros de uma obra maior em dez volumes sobre filosofia pitagórica, o primeiro dos quais é uma biografia de Pitágoras; e *Dos mistérios dos egípcios, caldeus e assírios*, que Proclo atribuía a Jamblichus e que certamente é de sua escola. Jamblichus morreu durante o reinado de Constantino - segundo Fabrício, antes de 333 d.C.

Iarchas: Líder dos brâmanes da Índia, que hospedou Apolônio de Tiana em sua viagem pelo país e o iniciou perto das "águas de Tântalo". Quando recebeu Apolônio, Iarchas estava sentado em um trono alto, feito de bronze preto e decorado com imagens douradas. Passou a relatar a Apolônio detalhes da origem de sua família e incidentes de suas viagens que ele recebera por meio do poder da visão oculta. Ele confessou a Apolônio que em uma vida anterior ele já fora rei, e

no decorrer da visita do sábio realizou vários milagres, tais como expulsar um demônio que possuía um homem, restaurar a visão aos cegos e mobilidade aos aleijados. Antes de Apolônio ir embora, Iarchas lhe deu sete anéis mágicos, que tinham os nomes dos sete planetas, os quais Apolônio usaria em variados dias da semana.

Ibn Gabirol, Salomão Ben Judá: (?1021-?1058) Poeta e filósofo judeu nascido em Málaga, uma cidade na costa sul da Espanha. Seus pais morreram quando ele era criança. Ele recebeu o apoio de Samuel ha-Nagid (ou Nagdilah), primeiro-ministro da Espanha e patrono das artes, com quem brigava frequentemente. Aos 16 anos, ele já estava compondo poemas e foi o primeiro a popularizar as métricas poéticas árabes em hebraico. Sua poesia é romântica em estilo e abordagem. Os estudiosos do século XII o conheciam como Avicebron (também Avencebrol e Avicebrol) por meio da tradução para o latim de sua obra filosófica, *Fons vitae* (Fonte de vida), que investiga a natureza dos seres criados, a vontade divina e o intelecto sob a perspectiva do neoplatonismo, ao mesmo tempo trazendo tons cabalísticos. Essa obra influenciou a filosofia de Duns Scotto.

Íon: (século V a.C.) O rapsodista, ou cantor de poemas, de Éfeso (antiga cidade do Golfo de Kusada, costa leste da Turquia). Foi contemporâneo de Sócrates, e Platão o usa como exemplo da perspicácia do filósofo antigo em seu diálogo do mesmo título.

Irineu: (século II d.C.) Bispo de Lião (Lyons), ele nasceu por volta de 130 em ou perto de Smirna, na Ásia Me-

nor. Pouco se sabe do início de sua vida. Em 177, ele era presbítero da igreja em Lião. Naquele ano ou no ano seguinte, viajou a Roma para defender a seita montanista e, ao retornar, se tornou bispo de Lião. Gregório de Tours diz que nesse curto período de tempo ele converteu todos os cidadãos de Lião ao Cristianismo (*Historia Francorum* 1.29). Sua moderação em lidar com várias seitas justificava seu nome *Eirenaios* (Pacificador). Sua principal obra, *Contra as Heresias*, sobreviveu intacta em uma tradução latina, a partir do texto original grego. Foi produzida por volta do ano de 180 e é composta de cinco livros. Os dois primeiros descrevem e criticam as seitas heréticas e os outros três expõem as visões de Irineu acerca do verdadeiro Cristianismo. Gregório de Tours descreveu seu martírio sob o regime de Sétimo Severo (que governou entre 193-211), mas a data de sua morte é incerta.

Isaac de Holanda: (início do século XV) Um alquimista que trabalhava com seu filho na fabricação de esmaltes e pedras artificiais. Paracelso dava muito valor às suas pesquisas. Isaac escreveu dois livros: *De triplici ordine elixiris et lapidis theoria* e *Opera mineralia Joannis Isaaci Hollandi, sive de lapide philosophico*. A última é considerada mais importante, apresentando com ilustrações o método para mudar metal básico em *Sol* e *Lua*.

Isaac, o Judeu: Ver Isaac de Holanda. É possível também que, ao dizer “Isaac, o Judeu”, Agrippa se refira a Isaac Ben Salomão Israel, um escritor e filósofo médico.

Januário, São: (fim do século II) Também chamado de São Gennaro. O

santo padroeiro de Nápoles. Diz-se que foi bispo de Benevento e teria sofrido uma morte de mártir em 19 de setembro de 309. Durante a perseguição de Diocleciano e Maximiano, ele foi atirado em uma fornalha por Timóteo, governador de Campanha, mas saiu de lá sem um ferimento. Insistente, Timóteo o jogou para os animais selvagens na arena. Os animais se abaixaram aos pés dele. Quando mais uma vez condenou Januário à morte, o governador ficou cego. A misericórdia do santo restaurou-lhe a visão. Timóteo, porém, estava decidido a ver o fim de seu mais resiliente adversário e mandou decapitá-lo com a espada.

Séculos depois, quando os restos mortais do santo foram levados a Nápoles, o Monte Vesúvio imediatamente entrou em erupção. Há várias outras fábulas interessantes relacionadas a Januário, mas ele é mais bem conhecido pelo milagre da liquefação de seu sangue seco, preservado em dois vasos de vidro na igreja de São Gennaro, junto à cabeça do santo, que foi doada por Carlos II, duque de Anjou, em 1036. Não resisto a citar aqui uma anedota divertida contada por Brewer:

Quando Murat era rei de Nápoles, o sangue não liquefazia; o francês, então, colocou dois canhões de frente para a igreja de São Gennaro e disse ao bispo que a explodiria a menos que ele realizasse o “milagre”. O bispo protestou, dizendo que não podia ser feito; mas, vendo que Murat falava a sério, ele produziu a liquefação, como de costume (Brewer 1901,184).

Jarchus Brachmanus: Ver Iarchas.

Jerônimo: Ver Hieronymus.

Joaquim de Flores: (?1145-1202) Recebeu esse nome por causa do mosteiro de San Giovanni Fiore, do qual era abade. Enquanto visitava lugares santos em Constantinopla, quando ainda era jovem, seus companheiros foram mortos pela peste. Isso o impeliu a adotar uma vida ascética e de devoção como monge. Em 1177, ele foi abade do mosteiro de Corazzo, perto de Martirano, mas saiu para fundar sua própria “ordo Florensis” com a ajuda e aprovação do papa Inocêncio III.

Joaquim era um extremo asceta e místico por natureza, que escreveu um grande número de obras proféticas proclamando três eras do mundo, a do Pai, a do Filho e a do Espírito, a última começando em 1260. Sua real influência começou após sua morte, quando surgiram inúmeros comentaristas e seguidores de suas obras. Eram chamados de Espirituais e proclamavam São Francisco como o iniciador da Era de Joaquim do Espírito. Em 1260, um conselho em Arles condenou os escritos de Joaquim e de seus seguidores, mas seus defensores persistiram. Joaquim era tido em alta estima por homens como Roger Bacon, Arnaldo de Vila Nova e Dante.

Joviano: Ver Jovianino.

Joviniano: (fim do século IV) Monge romano. Tudo o que se sabe dele está contido no ataque de São Jerônimo contra suas opiniões heterodoxas, *Adversum Jovinianum Libri II* (393), que diz que Joviniano vivia uma vida pia e ascética em Roma em 388, quando sofreu uma herética mudança de

visão e se tornou sensualista e epicurista. Foi condenado por um sínodo romano, sob o bispo Siricius, em 390, e mais tarde excomungado em Milão. Escrevendo em 406, Jerônimo dizia que Joviniano já havia morrido. O único crime de Joviniano deve ter sido o de não gostar do asceticismo fanático de seu século. Não deve ser confundido com o imperador romano do mesmo nome, que morreu cerca de quatro décadas depois.

Judas Macabeu: (século II a.C.) O primeiro grande líder da revolta dos Macabeus contra a tentativa de Antíoco IV, cujo sobrenome era Epífanes, rei da Síria (que governou entre 175 e 164 a.C.), de empurrar à força a religião grega aos judeus. A revolta começou em 168 a.C., quando Matatias, o pai de Judas, se recusou a oferecer sacrifício pagão no altar. Forçado a fugir para as montanhas com seus cinco filhos, ele logo montou um grande contingente de rebeldes para segui-lo. Quando morreu, em 166 a.C., Judas assumiu seu lugar.

Não dando grande importância à revolta dos judeus, Antíoco Epífanes marchou com seu exército até a Pérsia, para levantar dinheiro de impostos, e ordenou ao segundo em comando, Lísias, que dominasse a Judeia, levasse seus habitantes como escravos e destruísse Jerusalém. Lísias e seus generais nobres escolhidos a dedo sofreram uma série inusitada de derrotas. Por exemplo, em 165 a.C., Judas derrotou um contingente de 60 mil soldados de infantaria e 5 mil da cavalaria comandados pelo inapto Lísias, e só com 10 mil rebeldes.

Nesse meio tempo, as coisas não iam muito bem para Antíoco na Pérsia.

Ele tentou saquear um rico templo de Diana na cidade de Elimais. Para sua surpresa, os persas resistiram. Quando, por fim, ele suspendeu o cerco, eles perseguiram seu exército em retirada e o dizimaram. Mais ou menos nessa época, o rei ficou sabendo dos eventos na Judeia. O duplo choque lhe provocou uma doença e ele morreu.

Antíoco V, chamado de Epátor (governante entre 164 e 162 a.C.), subiu ao trono com apenas 9 anos de idade, sob a tutela de Lísias, e imediatamente decidiu atacar a Judeia e vingar a humilhação do pai. Foi mais bem-sucedido que Lísias e causou a Judas uma amarga e rara derrota. O jovem rei cercou o templo de Jerusalém, e Judas manteve uma forte resistência. Ficando sem provisões, porém, o rei fez as pazes com os rebeldes e saiu às pressas para defender sua coroa contra o usurpador Filipe, que fora um dos generais de seu pai na Pérsia.

Judas morreu em batalha contra a força superior de Báquides, o general de Demétrio Soter que assumiu o poder em 162 a.C. e cruelmente mandou matar à espada Lísias e Antíoco, com 11 anos de idade.

Juliano, o Apóstata: (331-363) Imperador romano, sobrinho de Constantino, o Grande. Nasceu em Constantinopla e viajou a Atenas em 355, onde estudou Literatura e Filosofia gregas. Mais tarde, naquele mesmo ano, ele recebeu o título de César do imperador Constâncio e foi enviado para lutar contra os germanos na Gália. Teve grande sucesso e conquistou o amor de suas tropas. Em Paris, em 360, eles o proclamaram imperador.

Constâncio marchou contra Juliano em 361, mas morreu a caminho da

Cilícia, deixando Juliano como líder indisputado do império. Imediatamente ele proclamou sua apostasia da fé cristã e se declarou pagão. Entretanto, tolerava o Cristianismo e talvez não enfurecesse tanto os antigos escritores cristãos se não tivesse permitido aos judeus reconstruírem o templo em Jerusalém. Em 362, ele atravessou o Rio Tigre para guerrear contra a Pérsia, mas sofreu um ferimento fatal com uma flecha e morreu no campo de batalha.

Seus escritos incluem os *Discursos*, as *Cartas*, uma sátira contra os Césares, chamada *O banquete*, e uma sátira contra Antioquia, chamada *Misopogon*. Sua obra *Contra os Cristãos* se perdeu.

Justino, o Mártir: (?114-?165) Esse antigo Pai da Igreja nasceu em Flavia Neapolis, Samaria (atual Nablus, Jordânia), filho de pais pagãos, e cresceu estudando filosofia grega. Seguindo suas próprias palavras, ele passou por uma conversão mística quando, enquanto meditava sozinho em um campo vazio à beira-mar, ele olhou e viu um misterioso velho andando atrás dele. Os dois começaram a conversar sobre Filosofia, e o velho, usando um método de argumento não diferente de Sócrates, convenceu Justino de que o conhecimento Filosófico era fútil e que o verdadeiro conhecimento devia ser obtido por meio dos profetas de Cristo.

Após ter dito essas e muitas outras coisas, que não há tempo para mencionar no presente, ele foi embora, pedindo que eu as seguisse; e não o vi desde então. Mas logo uma chama se acendeu em minha alma; e um amor pelos profetas, e por

aqueles homens que são amigos de Cristo, tomou conta de mim. E enquanto eu ponderava suas palavras em minha mente, percebi que só essa filosofia era segura e benéfica (*Dialogue of Justin with Trypho, a Jew* 8 [*Ante-Nicene Christian Library*, 2:96]).

Ele continuou usando seu manto de filósofo, e vagava por toda parte em busca de convertidos à fé cristã, ficando muito tempo em Roma, onde estabeleceu sua escola. Os filósofos pagãos não o recebiam de bom grado, e seu discípulo Tatiano chega a afirmar que um deles, o filósofo cínico Crescentius, foi quem acusou Justino, resultando em seu martírio.

As mais importantes de suas obras ainda existentes são a *Primeira* e a *Segunda Apologia*, o *Diálogo com Trifo* e o *Discurso* e o *Discurso hortativo* aos gregos.

Kiramides: Ver Kiranus.

Kiranus: Ou Cirano, o suposto autor de um livro que é mencionado como uma fonte no primeiro parágrafo do *Livro dos Segredos* e parece ter sido bem conhecido na Antiguidade. Thorndike descreve a obra como “um livro de data e autoria incertas, geralmente chamado de *Kiranides* de Kiranus, rei da Pérsia” (Thorndike 1929, 2:46:229). O livro apareceu em tradução para o inglês em 1685 sob o título de *The Magick of Kirani King of Persia, and of Harpocraton*.

Lactâncio, Lúcio Célio Firmiano: (viveu em 300 d.C.) Há muita confusão em manuscritos a respeito da verdadeira forma de seu nome. É comum citar Cecílio em vez de Célio, e os últimos dois nomes são frequentemente

invertidos. Pai da Igreja, nascido na África (ou talvez Itália, em Firmo) por volta de 260, ele estudou na África com Arnóbio e ensinou retórica em Sicca, onde sua fama se tornou tão grande que ele foi convidado por Diocleciano para se estabelecer na Nicomédia. No início do século IV, ele se tornou cristão e foi convidado por Constantino para ir a Treves, na Gália, por volta de 310, para ser o tutor de seu filho, Crispo. Morreu por volta de 330 ou 340 em Treves.

Melhor estilista que teólogo, seus escritos foram atacados por conter heresia não intencional. Sua principal obra é *Divinatum Institutionum*, em sete volumes, uma introdução ao Cristianismo. Também escreveu *De opificio dei sive de formatione hominis*, uma obra pré-cristã demonstrando a providência de Deus a partir da adaptabilidade e beleza do corpo humano; *De ira dei*, um tratado contra o epicurismo; e *De mortibus persecutorum*, na qual são descritos os julgamentos de Deus contra aqueles que perseguiram a Igreja. Esta última se tornou muito popular e serviu de modelo para muitos outros escritores.

Lazarillus: Ver Lazzarelli.

Lazzarelli, Ludovico: (? 1450? 1500) Poeta de San Severino, perto de Nápoles, que se tornou discípulo do mago errante e profeta Giovanni Mercúrio. Ele se autointitulava “Ludovicus Enoch Lazarellus Septempedanus, antes poeta, mas agora, por renascimento, o filho da verdadeira sabedoria” (Thorndike, 6:44:438). Em sua *Carta de Enoch*, ele descreve como seu mestre Giovanni Mercúrio andou a cavalo pelas ruas de Roma no dia 11

de abril de 1484 com uma coroa de espinhos, sendo posteriormente examinado por um colégio de cardeais.

Lazzarelli estudou Alquimia com João Ricardo de Branchiis, da Borgonha, que começou a instruí-lo em 1495. Seu *Tractatus de alchimia* contém seu tratado de alquimia, um soneto alquímico, uma receita secreta para o elixir inventado por seu professor João Ricardo em 1495 em Sienna, um tratado de Raymond Lull e várias tábuas alquímicas. Ele é mais lembrado por sua *Crater Hermetis*, um diálogo de renascimento místico que foi editado e publicado por Jacques Lafevre d’Etaples em Paris, em 1505, junto com o *Pimander* e *Asclepius*. *Crater* foi reimpressa em 1522, e em tradução francesa em 1557.

As datas de nascimento e morte citadas vêm de Francisco Lancillotti, escrevendo em 1765, e devem ser consideradas meras aproximações. É possível que Lazzarelli tenha vivido alguns anos até o século seguinte.

Linus: A personificação mítica de um tipo de canto grego, ou cântico de lamentação, mencionado por Homero. De origem semítica, o nome deriva das palavras ai lanu (ai de nós). Várias histórias surgiram em torno desse nome.

Linus seria um belo rapaz, de tipo físico semelhante a Jacinto e Adônis, que gostava da vida natural, o filho secreto de uma musa (Calíope, Psamate ou Calcíope) e Apolo, que foi abandonado para morrer, alimentado pelas ovelhas e por fim destroçado por cães. Pausânias conta essa lenda sem citar a criança em *Guia a Grécia* 1.43.5. Um pouco mais adiante, ele dá outra versão, dessa vez

mencionando o nome do herói: “A lenda é que Linos é o filho de Urânia e Amphimarus, filho de Poseidon, e o mais glorioso músico de sua época, mas Apolo matou Linos porque era seu rival no canto” (*Ibid.*, 9.29.3 [Levi, 1:369]). Outra lenda conta que Linos era o professor de música de Herácles, e foi morto por seu aluno quando o repreendeu. Isso é mencionado por Pausânias (9.29.3) e também por Apolodoro (*Bibliotheca* 2.4.9).

Linus teria sido o inventor de métodos musicais, o compositor de profecias e lendas, e diz-se que ele adaptou as letras fenícias introduzidas por Cadmo à língua grega. Ele pode ser considerado um dos muitos deuses moribundos da vegetação.

Lívia Drusila: (?57 a.C - 29 d.C.) Mulher de grande beleza e visão política. Casou-se com Tibério Cláudio Nero e teve com ele dois filhos, o futuro imperador Tibério e Druso, do qual estava no sexto mês de gravidez quando se divorciou do primeiro marido para se casar com César Augusto em 38 a.C. Diz-se que ela teria envenenado dois netos de Augusto para abrir caminho para Tibério - e até o próprio Augusto. Quando Tibério se tornou imperador, ela tentou controlar o governo, mas descobriu que seu filho tinha uma vontade mais forte do que ela calculara. Ele a afastou das questões públicas e passou a demonstrar um frio ódio por ela. Quando Lívia jazia em seu leito de morte, ele não a visitou, não participou de seus ritos funerários e proibiu que ela fosse consagrada quando o senado fez a proposta, demonstrando que não era completamente destituído de sentimento religioso.

Lívio Andrônico: (?284-?204 a.C.) O mais antigo e dramaturgo poeta romano foi um grego nascido em Tarento. Quando os romanos capturaram sua cidade em 272 a.C, ele foi levado a Roma como escravo e passou a fazer parte da casa de M. Lívio Salinador, do qual ganhou a parte latina de seu nome. Posteriormente, ganhava a vida ensinando grego e latim, tendo aperfeiçoado sua segunda língua e traduzindo obras gregas, como a *Odisseia*. Quando ele produziu uma peça grega em latim no ano de 240 a.C, mudou o rumo do drama romano, efetivamente matando a forma nativa de Roma. Ele continuou produzindo peças gregas e atuando nelas por trinta anos. Cícero e Horácio não tinham uma opinião muito favorável de seus talentos, e ele parecia não ter muita originalidade. Entretanto, Andrônico estabeleceu o padrão para Plauto, Ênio e todos os outros escritores latinos de comédias e tragédias, garantindo assim que o drama romano nunca mais fosse apenas uma sombra pálida do grego.

Lívio, Tito: (59 a.C. - 17 d.C.) Historiador romano nascido em Patavium (atual Pádua). Passou a maior parte da vida em Roma, onde seu talento literário lhe conquistou a patronagem do imperador Augusto. Foi Tito Lívio que induziu o imperador Cláudio a explorar seus talentos como escritor. Casou-se e foi pai de dois filhos, um menino e uma menina. Quase no fim da vida, ele retornou a Patavium, onde morreu. Durante a vida, ele desfrutou considerável poder político na corte e grande fama pessoal, mas a única obra de sua autoria ainda existente é a *História de Roma*, que o próprio Lívio chamava de *Anais*, em 142

volumes que cobriam desde a fundação da cidade de Roma até a morte de Druso em 9 a.C. Trinta e cinco livros sobreviveram até hoje, intactos; todos exceto dois dos outros são representados por epítomes confiáveis.

Lombardo, Pedro: (?1100-?1160) Mais conhecido na Idade Média como *Magister Sententiarum* (Mestre das Sentenças). Nasceu em Novara, filho de pais obscuros, e foi educado em Bolonha. Viajou para a França apenas com uma carta de recomendação, acabou se estabelecendo como professor em Paris e obteve uma cadeira de Teologia na escola catedrática de St. Victor. Em 1159, ele se tornou bispo de Paris, e provavelmente continuou nesse posto até sua morte, embora haja uma controvérsia quanto a uma possível remoção por ter sido acusado de simonia - venda de objetos espirituais, como indulgências.

Sua grande obra *Sententiarum libri quatuor* é uma coletânea das opiniões dos Pais da Igreja. O primeiro livro trata de Deus; o segundo, do Universo criado; o terceiro, da encarnação, da obra da redenção e das virtudes; e o quarto, dos sete sacramentos e de escatologia. Tornou-se extraordinariamente popular, constituindo-se no texto escolar teológico-padrão, originando numerosos comentários - mais de 180 só na Inglaterra.

Lucanus, M. Annaeus: (39-65) Mais conhecido como Lucano, esse poeta romano nasceu em Córdoba, Espanha. Viajou a Roma ainda muito jovem e estudou com os melhores professores, logo exibindo um talento precoce que despertou o ciúme de Nero, que o proibiu de recitar sua poesia. Lucano conspirou contra o

imperador, mas depois se revelou um homem vil, quando se tornou informante mediante a promessa de perdão e denunciou a própria mãe e outras pessoas envolvidas na conspiração. Nero se mostrou igualmente vil, voltando atrás em sua palavra e ordenando a morte de Lucano. A única obra existente desse poeta é *Pharsalia*, que descreve a luta entre César e Pompeu em dez livros. É uma obra inacabada.

Lucas Paciulus: (fim do século XV) Também conhecido como Lucas de Burgo, matemático e frei menorita italiano, que foi amigo íntimo de Leonardo da Vinci e viajou com ele em 1499 de Milão a Veneza, onde os dois se ocuparam de estudos matemáticos antes de se mudarem para Florença. A principal obra de Paciulus é *Summa de arithmetica geometria proportioni et proportionalita*, publicada em 1494. Ela é importante por seu uso sistemático de símbolos e teve forte influência de outro Leonardo - Leonardo de Pisa, um matemático italiano que viveu cerca de três séculos antes. Paciulus também escreveu um tratado de contabilidade, publicado em Veneza em 1495.

Lucrécio, Caro: (?95-?51 a.C.) Poeta romano, autor de *Da Natureza das Coisas*, publicado por volta de 56 a.C., no qual fala da superstição e discursa sobre o mundo natural. Pouco se sabe de sua vida. De acordo com uma explicação acrescida por São Jerônimo à *Crônica de Eusébio*, ele ficou louco ao beber uma poção de amor e compôs o poema em seus períodos de lucidez, cometendo suicídio aos 44 anos. Essa história, no entanto, pode ser uma calúnia.

Lullie: Ver Lully.

Lully, Raymond: (?1235-1315) Também chamado Ramon Lull, ou Raimond Lulle, ou Raymund Lull. Nascido em Palma, Maiorca, esse visionário cristão levava uma vida de Cortesão, escrevia poemas de amor e viveu o que mais tarde ele mesmo chamaria de uma vida dissipada com a riqueza herdada de seu pai até 1266, quando recebeu cinco vezes uma visão do Cristo crucificado. Convertido, ele se dedicou por nove anos ao estudo da língua árabe e de temas místicos, com o intuito de cumprir o grande esquema que concebera de converter os muçulmanos e de resgatar o santo sepulcro. Temendo por sua sanidade, sua esposa confiou todo o seu patrimônio à administração de um oficial.

Após trabalhar como professor de árabe e de filosofia, e escrever e argumentar sobre suas ideias em Maiorca, e depois em Paris, em 1291, ele finalmente viajou a Tunis, onde pregou o Cristianismo por um ano antes de ser aprisionado e expulso. Por muito tempo, ele se contentou em dedicar-se a vários projetos na Europa, como, por exemplo, estabelecer colegas missionários e ensinar línguas orientais nas universidades, mas teve um sucesso limitado. Em 1305, foi a Bougie, na África, para pregar, e mais uma vez foi preso por seis meses. Após ser libertado, sua persistência começou a se mostrar frutífera. Algumas de suas propostas foram adotadas, pelo menos em princípio, no Concílio de Vienne em 1311. Lully viajou mais uma vez até Bougie para converter os muçulmanos, aparentemente determinado a morrer como um mártir. E nisso

teve sucesso. Os cidadãos de Bougie o apedrejaram do lado de fora das muralhas da cidade, em 29 de junho de 1315, até ele morrer. Lully deixou numerosas obras místicas, filosóficas e literárias, mas os tratados de alquimia atribuídos a ele são considerados espúrios.

Lycophron: (nascido c. 320 a.C.) Poeta e gramático grego nascido em Cálcis, Eubeia, filho de Sócles, foi adotado mais tarde por Lico de Régio, e quando jovem passou considerável tempo com o filósofo Menedemus. Ptolomeu Filadelfo o encarregou de arrumar as comédias coletadas para a biblioteca de Alexandria por volta de 285-83 a.C. Ovídio diz que ele foi morto por uma flecha (*Íbis* linhas 529-30). Escreveu 20 tragédias, todas perdidas, e um tratado *De comédia*, também perdido, mas lembrado graças a um poema ainda existente de 1.474 linhas chamado *Alexandra* (ou *Cassandra*), que é repleto de cultura arcana e conquistou ao poeta o apelido de “O Obscuro”.

Macrobio, Ambrósio Aurélio Teodósio: (fim do século IV) Gramático grego. Sua *Saturnalia* é uma série de discussões supostamente ocorridas durante as Saturnais. É composta de sete livros e contém muita informação folclórica curiosa. Ele também escreveu *Commentarius ex Cicerone in Somnium Scipionis*, um comentário de um sonho de Scipio relatado por Cícero em *De Republica*, no qual Macróbio fala da constituição do Universo segundo os neoplatônicos. Era muito popular na Idade Média.

Magno: Ver Alberto.

Maimônides, Moisés: (1135-1204) Rabino Moisés ben Maimon, também

chamado Rambam por uma extração de letras de seu nome. Filósofo judeu nascido em Córdoba, que na época desfrutava o primor da ciência, filosofia e arte cultivado por seus governantes árabes. Ele aprendeu hebreu e cultura judaica com o pai e se beneficiou com o clima de descoberta e pensamento livre que permeava a cidade. Em 1148, quando Córdoba foi capturada por uma seita mais fanática e intolerante do Islã, começaram as perseguições, e depois de dez anos de dificuldades, Maimônides levou sua família a Fez.

O período em Fez (1160-1165) marcou o início de suas atividades literárias. Suas fortes visões contra a assimilação judaica começaram a atrair uma atenção hostil. Em 1165, ele teve a prudência de sair de Fez e se assentar no Cairo, onde alcançou grande proeminência na corte e dentro da comunidade judaica. O número de seus discípulos crescia, e as pessoas o consultavam por sua sabedoria. O naufrágio de seu irmão Davi, somado à perda de uma carga de pedras preciosas que seriam usadas em comércio, acabou com a fortuna de sua família, e Maimônides foi obrigado a ganhar a vida como médico. Tamanho foi seu sucesso que ele se viu na posição de recusar o pedido de Richard I para se tornar médico da corte na Inglaterra.

A parte mais avançada de sua vida foi feliz, quando ele se casou e teve um filho, Abraão (em 1186). Nesses últimos anos, ele quis evitar controvérsias e escreveu sem parar. Dele, se dizia: “De Moisés a Moisés nunca existiu outro como Moisés”, o que testificava a veneração que lhe era dirigida. Sua grande obra é *Moreh nebulim* (Guia dos perplexos),

escrita em 1190. Ele também escreveu numerosas outras obras e comentários.

Marcelo, M. Cláudio: (?268-208 a.C.) Chamado de Espada de Roma por ter dado a Aníbal sua primeira derrota, Marcelo foi cônsul cinco vezes. Ele é mais lembrado por seu bem-sucedido cerco a Siracusa, onde venceu a ingenuidade mecânica de Arquimedes com típica força bruta romana e um bloqueio prolongado. Após matá-lo em batalha, Aníbal deu ao general romano um funeral com plenas honras.

Marco, o Valentiniano: (século II d.C.) Também chamado de Marco, o Gnóstico, nativo do sul da Gália, cuja grande influência se estendeu até a Ásia Menor. Irineu (*Contra heresias* 1.7.2) o chama de mágico porque ele enchia os cálices eucarísticos com água e, por meio de encantamentos, eles ficavam de cor púrpura e vermelha, como que tingidos com o sangue de Cristo. Também diz que os iniciados nos mistérios de Marco realizavam um casamento espiritual em uma câmara nupcial especialmente construída, na qual, por meio de certas invocações, eles se uniam a Deus “de acordo com a semelhança das coisas do alto”.

Margaret da Áustria: (1480-1530) Nasceu em Bruxelas, filha do arquiduque Maximiliano da Áustria, futuro imperador Maximiliano I, que a prometeu em casamento, quando ela tinha 2 anos de idade, ao filho de Luís XI, que se tornaria Carlos VIII. O rei francês se separou dela em 1489 e seu pai começou a procurar outro pretendente. Em 1497, ela se casou com João, herdeiro do trono de Castela e Aragão, mas o marido morreu poucos meses depois. Sem desanimar, ela

se tornou esposa de Felisberto II, duque de Savoy, em 1501. Este também morreu apenas três anos depois. Em 1507, Maximiliano a encarregou da guarda do sobrinho dela, Carlos, futuro imperador Carlos V. Ela se tornou regente da Holanda no mesmo ano e governou, com grande habilidade e prudência, até a morte.

Foi Margaret que arrumou para Agrippa o posto de arquivista e historiógrafo do imperador Carlos V em 1528, ganhando dele a lealdade que ele expressa em sua carta a Hermano de Weid, no início de seu segundo livro. A morte de Margaret limitou a influência de Agrippa na corte.

Mário, C. Caio: (155-86 a.C.) Sete vezes cônsul de Roma, ele se distinguiu por sua habilidade na guerra e sua grande crueldade. Conflitos políticos o obrigaram a fugir de Roma após uma sentença de morte em 88 a.C. Foi capturado nos pântanos perto de Minturnae em Lácio (perto da cidade atual de Minturno) e teve a execução ordenada pelos magistrados. Um soldado gaulês (ou cimbro) recebeu a ordem de cumprir a sentença. Plutarco pode contar melhor a história:

A sala não era muito clara, particularmente aquela parte escura em que estava deitado, de onde os olhos de Mário, dizem, pareciam lançar chamadas contra ele, e uma voz alta dizia, no escuro: “Atreves-te a matar Caio Mário?” O bárbaro imediatamente fugiu e, deixando a espada no local, saiu gritando: “Não posso matar Caio Mário”. A princípio, todos ficaram atônitos, e logo começaram a sentir pena e remorso, e raiva de si mesmos por ter feito um decreto tão injusto e ingrato contra um homem

que havia preservado a Itália, e a quem seria muito ruim não ajudar (“Caio Mário”. Em *Lives* [Dryden, 519]).

Mário fugiu para Cartago e, por fim, conseguiu retornar por algum tempo ao poder em Roma.

Marciano Mineu Félix Capela: (início do século V) Escritor latino, nativo de Madaura, na África. Deve ter sido rico e praticado Direito em Cartago. Seu *Satiricon*, ou *De nuptiis Philologiae et Mercurii et de septem artibus liberalibus libri novum*, é uma curiosa espécie de enciclopédia alegórica em nove volumes, em um mistura de prosa e verso. Os dois primeiros livros falam do casamento entre Mercúrio e a ninfa Filologia, e os outros sete tratam das artes liberais: gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, astronomia e música. Cada arte é personificada como uma cortesã de Mercúrio e Filologia. Essa obra era muito popular na Idade Média.

Maternus, Julius Firmicus: (século IV d.C.) Astrólogo nascido na Sicília, provavelmente em Siracusa, em uma família próspera e emergente. Lá, ele recebeu a educação de um cavaleiro e ganhou um conhecimento da literatura grega que, posteriormente, usaria em seus escritos. Em suas próprias palavras, ele trabalhou como advogado e detestou tanto que abandonou a profissão, chamando-a de “a ocupação de roubar, ou melhor, de banditismo” (*Matheseos* 4.3 [Bram, 117]). Ele é lembrado por duas obras, *Matheseos libri VIII* (c. 334), o último e mais completo tratado de astrologia existente desde o mundo antigo, e *De errore profanarum religionum*

(c. 346), um ataque contra as religiões de mistérios sob o ponto de vista cristão. Isso sugere que Maternus passou por uma conversão na década entre as duas obras, se elas foram de fato escritas pela mesma pessoa.

Maximiliano I: (1459-1519) Imperador alemão, filho do imperador Frederico III e Leonora, filha de Eduardo, rei de Portugal. Em 1477, casou-se com Maria, filha de Carlos, o Corajoso, duque da Borgonha, e se empenhou em defender as terras da esposa contra os franceses. O resultado foi favorável em 1479, mas a morte de Maria em 1482 enfraqueceu sua posição e exacerbou seus problemas na Holanda, comprometendo sua autoridade. Em 1485, ele foi escolhido rei dos romanos (isto é, rei germano). O casamento com Bianca Maria Sforza em 1494 lhe proporcionou os fundos necessários para alimentar suas guerras mesquinhas e esquemas grandiosos, como por exemplo expulsar os turcos da Europa.

Em 1505, ele atingiu o ápice de seu poder, voltando os olhos para o título de imperador; mas só em 1508 partiu para Roma e foi coroado. Quando Veneza se recusou a deixá-lo passar, ele se declarou imperador romano eleito, gesto que teve o apoio do papa Júlio II. Uma guerra com Veneza era inevitável. E não foi um sucesso. Maximiliano se desentendeu com o papa logo depois e pensou seriamente em se fazer papa. Nada aconteceu de concreto nesse sentido, mas o fato serve para mostrar como funcionava sua mente. Sua vida foi cheia de empreitadas militares e políticas mal concebidas e executadas. Mais prematuro que tolo, ele falava seis línguas e tinha boa compreensão das artes e das

ciências. Escreveu livros, alguns dos quais ilustrados por Albrecht Dürer, mas nenhum de singular mérito.

Mechthild de Magdeburg: (1207-1294) Santo alemão que escreveu um livro chamado *Das Fliessende Licht der Gottheit* (A luz fluídica do divino), uma obra mística baseada nos ensinamentos de Joaquim de Flores.

Mechtindis: Ver Mechthild.

Melampus: O primeiro mortal agraciado com poderes proféticos, o primeiro médico e o indivíduo ao qual se atribui o estabelecimento do culto de Dioniso na Grécia. Em frente à sua casa havia um carvalho contendo um ninho de serpentes. Quando os pais morreram, Melampus ficou com pena dos filhotes e os criou. Uma noite, enquanto ele dormia, as serpentes foram até ele e lhe lambeiram os ouvidos. Depois disso, ele descobriu que conseguia entender a língua dos pássaros. Duas obras gregas, ainda existentes, levam seu nome: *Divinatio ex palpitatione* e *De naevis oleaceis in corpore*, as quais, se acredita, foram escritas por um morador de Alexandria no século III a.C.

Metódio, São: (?825-885) Monge nativo de Tessalônica. Viajou com seu irmão Cirilo para cristianizar os povos da Morávia, a pedido do rei Rastilav, por volta de 863. Os dois estabeleceram um seminário com a aprovação do papa João III, causando discórdia entre os membros do clero. Os dois irmãos santos são comemorados juntos pela Igreja Romana, em 9 de março.

Milo: Tito Ênio Milo Papiniano (século I a.C.). Participou de uma revolta política contra César e foi morto em 48 a.C. em uma batalha perto de

Turi, em Lucania, uma região no sul da Itália.

Mithradates VI: (131-64 a.C.) Rei de Ponto, chamado de o Grande. Subiu ao trono em 120 a.C, com 11 anos de idade, e imediatamente precisou tomar medidas extremas para não ser envenenado ou assassinado de outra maneira por sua mãe. Diz-se que teria se acostumado com o uso de antídotos. Forçado finalmente a fugir para as montanhas, ele retornou em 111 a.C. para reivindicar a coroa, jogando a mãe na prisão e executando seu irmão mais novo.

Ele liderou três guerras contra Roma, com notável sucesso. Sofrendo perdas contra a extraordinária habilidade bélica de Pompeu em 66 a.C, ele acabou sendo derrubado pela traição de suas tropas e aliados. Tentou se envenenar em 64 a.C, mas era tão imune a todos os tipos de venenos populares que seu corpo se recusou a morrer. Em meio à frustração, ele foi obrigado a ordenar a um mercenário gaulês que o despachasse com uma espada.

Muitas histórias se desenrolaram em torno dele. Mithradates era famoso por seu amor pela arte e pelos estudos, por seu domínio de 22 línguas, sua grande força e habilidade marcial para matar, suas práticas de magia, sua invulnerabilidade aos venenos e sua grande capacidade para comer e beber. Talvez seja inevitável que alguns livros que tratam de magia natural sejam atribuídos a ele.

Mithridites: Ver Mithradates.

Moisés, o Egípcio: Ver Maimônides.

Museus: Poeta e profeta grego semimítico que viveu na época de Hércules em Elêusis, onde presidia os ritos místicos de Deméter. Diz-se que

era filho e discípulo de Orfeu, e que teria originado a poesia religiosa na Ática. O mais famoso texto atribuído a Museus é dos *Oráculos*, que eram consultados pelos antigos. Heródoto os menciona três vezes e conta a história do “anunciador de oráculos”, Onomácrito:

“... que apresentou as profecias de Musaeus em ordem... Foi banido de Atenas por Hiparco, filho de Pisístrato, porque inseriu em meio aos escritos de Musaeus uma profecia de que as ilhas próximas a Lemnos desapareceriam, um dia, no mar. Lasus de Hermíona o pegou no ato. Por isso, Hiparco o expulsou, embora até então os dois fossem amigos íntimos (*History* 7 [Rawlinson, 356-7]. Ver também 8 [Rawlinson,460] e 9 [Rawlinson,495]).

Pausânias faz uma breve referência a ele em um contexto geográfico: “O Museu é uma pequena colina defronte a Acrópole, dentro da antiga muralha circular, onde dizem que Mousaios costumava cantar, e onde ele morreu de velhice e foi enterrado...” (*Guide to Greece* 1.25.6 [Levi, 1:72-3]). A Museus também se atribui a autoria de hinos purificadores, tratados em prosa, uma *Titanomachia*, contendo a guerra dos Titãs, e uma *Teogonia* a respeito da genealogia dos deuses.

Nectanebus II: (século IV a.C.) Também conhecido como Nekhtnebf, último soberano nativo do Egito e último rei da 30ª Dinastia, listado por Manetho em sua *História do Egito*. Ele governou entre 360 e 343 a.C, assumindo o poder durante uma revolta militar contra seu predecessor, Teos,

em meio a uma expedição contra a Pérsia que contava com a habilidade de um contingente de mercenários gregos. Nectanebus não aproveitou a vantagem de suas oportunidades e, quando o rei persa Artaxerxes III Ochus subjugou o Egito em 343 a.C, fugiu primeiro para Mênfis e depois para a Etiópia.

Aqui termina o registro histórico do rei, mas a história prossegue em lenda, em *A vida de Alexandre*, supostamente de Callisthenes, escrita por volta de 200 d.C. De acordo com essa ficção romântica, Nectanebus foi um grande mago que governava todos os outros reis pelo uso de magia simpática. Ele confeccionava figuras pequenas de soldados e navios de guerra representando seus exércitos e os exércitos do inimigo, depois recitava palavras de poder e fazia com que os seus modelos vencessem os outros. Quando, um dia, percebeu por sua magia que a maré do destino se voltara contra ele e que os deuses do Egito favoreciam seus inimigos, ele raspou a cabeça e fugiu para Pelia, na Macedônia, onde passou a ganhar a vida como médico e vidente. Quando Olímpia, esposa do rei Filipe da Macedônia, estava para dar à luz Alexandre, o Grande, Nectanebus atrasou o parto até que os aspectos astrológicos estivessem mais favoráveis.

Nicrocreon: (século IV a.C.) Rei de Salamis, Chipre, durante o período da campanha asiática de Alexandre, o Grande (330 a.C). Após a morte de Alexandre, ele ajudou Ptolomeu contra Antígono, e, como recompensa, Ptolomeu lhe entregou o comando de todo o Chipre. Cícero diz que ele executou o filósofo Anaxarcho

mandando bater-lhe com um pilão até a morte, para se vingar de um insulto que dele recebera, quando o filósofo gozava da proteção de Alexandre.

Nicômaco: (século I) Esse filósofo pitagórico era chamado Geraseno, em função do lugar onde nascera, Gerasa, na Arábia Pétreia. Nada se sabe de sua vida pessoal. Ele escreveu uma obra sobre a vida de Pitágoras e um tratado místico sobre a decania, ambos perdidos. Duas de suas obras sobreviveram: *Introdução à aritmética*, um relato metafísico da teoria e das proporções dos números, que foi usada como livro-texto até a Renascença; e *Manual de harmonia*, que representa a mais antiga autoridade da teoria pitagórica da música.

Nicolau de Cusa: (1401-1464) Cardeal e teólogo da Igreja católica, filho de um pescador de Cusa (ou Kues) no arcebispado de Treves. Quando menino, ele se mostrou promissor, levando um nobre patrono a pagar por sua educação na Universidade de Pádua, na qual se formou em direito. Quando perdeu seu primeiro caso, abandonou o direito e entrou para uma ordem religiosa, alçando-se rapidamente na hierarquia da Igreja. Entre 1440 e 1447, ele serviu na Alemanha como delegado papal. Em reconhecimento por seus serviços, o papa Nicolau V o nomeou cardeal em 1448 e bispo de Brixen em 1450. Em 1451, ele foi mandado de volta à Alemanha e à Holanda para averiguar abusos eclesiais e restaurar a pobreza, a castidade e a obediência das instituições monásticas. O papa Pio II o respeitava tanto a ponto de nomeá-lo governador de Roma durante a ausência do papa em 1459.

Seus escritos mais importantes são filosóficos. Em *De docta ignorantia* e *De conjecturis libri duo* (ambos de 1440), ele afirma que todo conhecimento humano é conjectura, que a sabedoria está no reconhecimento da ignorância e que Deus pode ser apreendido por intuição em um estado exaltado de consciência. Suas crenças foram defendidas um século depois por Giordano Bruno, que o chamava de “divino Cusanus”.

Numa Pompílio: (fim do século VIII a.C.) O segundo rei de Roma que, segundo Tito Lívio, reinou entre 716 e 673 a.C.

Numênio de Apameia: (século II d.C.) Filósofo grego de Apameia, Síria, que foi o precursor dos neoplatônicos. Seguiu os ensinamentos de Pitágoras e Platão, os quais ele chamava de “Atticizing Moisés”, e teve forte influência dos gnósticos valentinianos e dos filósofos judeu-alexandrinos. Proclo, em seu *Comentário sobre Timeu de Platão*, diz que Numênio acreditava em uma trindade de deuses, os quais chamava de “pai”, “criador” e “aquele que é criado”. O primeiro é pura inteligência, o segundo é o criador do mundo (shakti) e o terceiro é o mundo. Seu objetivo era sincretizar os ensinamentos ocultos dos brâmanes, judeus, magos e egípcios. Muitos fragmentos de seus escritos são preservados em *Praeparatio evangelica*, de Eusébio.

Orígenes: (186-?254) Esse Pai da Igreja cristã nasceu em Alexandria e foi educado com esmero por seu pai, que era um cristão devoto. Mais tarde, ele estudou com Clemente de Alexandria e se tornou professor de gramática para ter o que comer e se vestir. Sua

vida era duramente ascética. Quando ele despertou a ira do bispo com suas opiniões inortodoxas, foi obrigado a sair do Egito e, por fim, excomungado. Estabeleceu-se na Palestina, onde se tornou professor. Gregório Taumaturgo foi um de seus alunos e deixou em seu *Panegírico* um relato sobre o estilo de ensinar e o retrato de Orígenes, o homem. Orígenes era altamente habilidoso na língua hebraica, como se verifica em seu *Hexapla*, um comentário do Antigo Testamento e uma comparação de seis versões do texto. Infelizmente, só restam fragmentos dessa obra. Seu trabalho mais importante é *De principiis*, que foi preservado em uma versão faltosa em latim de Rufino.

Orfeu: Uma figura mítica, primeiro poeta grego, considerado o filho de Egeu, rei da Trácia, e da musa Calíope. Seu mestre era o deus Apolo. Muitos antigos o consideravam uma figura histórica, mas, na opinião de Aristóteles, ele nunca existiu. A coletânea de poemas que leva seu nome representa as falsificações de gramáticos cristãos e filósofos alexandrinos; entretanto, alguns dos fragmentos são mais antigos e talvez antecedam a Platão. Orfeu é mais conhecido como o autor do poema do século IV de 770 linhas intitulado *Lithica* (grego: *lithos* - pedra), cujo narrador, um certo Teodamas, descreve os usos mágicos de 30 diferentes pedras ao autor, que ele conhece enquanto Orfeu está prestes a fazer um sacrifício no altar do Sol.

Orus Apolo: Ver Horapolo.

Ostanes: (século III) Chamado de Ostanos, o Medo, alquimista que teria sido o mestre do pseudo-Demó-

critico, o qual escreveu a obra de alquimia *Physica et mystica*. O nome Ostanés é associado a uma obra que trata de uma matéria divina capaz de curar todas as doenças - uma antiga referência ao elixir da vida. São Cipriano chama Ostanés de “chefe” dos magos. O nome aparece nos escritos de Tertuliano e Agostinho, bem como no *Papiro de Leiden*.

Parisiensis: Ver Guilherme de Paris.

Patriarca, Nicéfora: (morreu em 828) Foi secretário de Estado do imperador Constantino V Copronimo. Entrou para um mosteiro e mais tarde chegou ao patriarcado de Constantinopla, em 806. Ele escreveu uma *História bizantina*.

Paulo, o Eremita: (229-342) O primeiro eremita da Igreja, que viveu no fundo de uma caverna, em uma localidade do Baixo Egito. Segundo a história, quando Santo Antônio tinha 90 anos de idade, teve uma visão mística que lhe disse que ele não era o único eremita, como achava ser, mas que havia outro, mais velho e mais santo que ele. Apoiando-se em seu cajado, Antônio foi em busca desse homem tão piedoso. Andou por três dias e recebeu direções primeiro de um hipocentauro, depois de um sátiro e por fim de um lobo, que o levaram às profundezas de uma caverna. Lá, ele encontrou Paulo, o Eremita, à beira da morte, sob o peso de seus 113 anos.

Enquanto os dois conversavam, um corvo apareceu com um filão de pão. Paulo revelou que foi alimentado por aquele pássaro nos últimos 60 anos. Sabendo que ia morrer logo, e não querendo que Antônio testemunhasse sua morte, Paulo pediu ao homem mais jovem que saísse e fosse buscar

o manto de Atanásio, em um convento nas imediações, onde ficava guardado. Ao voltar, Antônio viu a alma de Paulo ser levada ao céu por anjos e encontrou o corpo do santo ajoelhado, em posição de oração. Antônio estava fraco demais por conta da idade e do jejum, e não podia cavar uma sepultura; mas sua deficiência foi compensada por Deus, que enviou dois leões para enterrar Paulo. Após o trabalho deles, Antônio os abençoou, e os leões foram embora com a cabeça baixa, em luto. Essa história encantadora é contada por São Jerônimo em *Vida de Paulo, o primeiro eremita do Egito*, obra escrita por volta de 375.

Paulino, Merópio Pôncio Anício:

(?353-?431) Também chamado Paulo Levita, Paulus Warnefridi e Paulus Casinensis. Nascido de uma família nobre lombarda em Friuli, Itália, quando jovem foi secretário do rei lombardo Desidério e educou a filha do rei, Adelperga. Mais tarde (781), ele se tornou monge em Monte Cassino, onde ganhou a atenção e admiração de Carlos Magno. Teve grande importância na renascença carolíngia. Suas principais obras são: *Historia gentis Langobardorum* e *Historia romana*, que foi composta a pedido da princesa Adelperga. Além destas, ele compilou uma coletânea de homílias (*Homiliarium*) a pedido de Carlos Magno, escreveu muitas cartas, poemas, epigramas e uma história dos bispos de Metz.

Pausânias: (século II a.C.) Geógrafo grego, nativo de Lídia. Ele viajou por grande parte do mundo antigo e escreveu um relato do que viu no Peloponeso e no norte da Grécia. É notável o fato de que Pausânias realmente

visitou e viu os lugares e as coisas de que escreve, em vez de apenas copiar descrições de autores mais antigos. Além disso, ele fornece muitas informações curiosas a respeito de fontes, rios, montanhas e templos e relata lendas populares de locais com um sério sentimento religioso. Foi a sua descrição do portão do Leão e da muralha em volta da Acrópole em Micenas (2.16.4) que levou à descoberta, por parte do arqueólogo Heinrich Schliemann, dessa cidade perdida. Escrito em dez volumes durante o reinado de Marco Aurélio, a *Descrição da Grécia* é chamada de “pista para o labirinto” das ruínas da Grécia.

Pedro, o Cruel: (1333-1369) Rei de Castela, filho de Alfonso XI e Maria, filha de Alfonso IV de Portugal. Subiu ao trono com 16 anos de idade, enquanto ainda era controlado pela mãe. Por coerção dela e dos nobres que a apoiavam, ele se casou, embora relutante, com Blanche de Bourbon em 1354, mas quase imediatamente abandonou a esposa em troca de uma série de amantes. É ao período dele que pertence a história da cinta. A história provavelmente se origina na *Crônica* de Lopez de Ayala, que havia lutado contra Pedro e tinha uma opinião negativa dele. Pedro mandou prender e matar sua esposa.

Em 1356, ele ganhou poderes políticos plenos e começou a governar com mão de ferro, não confiando em ninguém exceto nos judeus que ele empregava como coletores de impostos e nos maometanos que constituíam sua guarda pessoal. Quanto aos inimigos, ele matava. Inepto e covarde em combate, seu poder foi sustentado por algum tempo pelo Príncipe Negro, mas quando esse aliado o

deixou, desgostoso com ele, Pedro foi logo deposto pelo próprio irmão, Henrique, que o assassinou no acampamento de Bertrand du Guesclin, em 23 de março de 1369.

Petillius, L.: (século II a.C.) Em 181 a.C. os livros do rei Numa, o legendário segundo rei de Roma que estabeleceu as formas e cerimônias da religião romana, teriam sido encontrados em uma escavação na propriedade de um certo L. Petillius, que por sua vez os passou a Q. Petillius Spurius, na época pretor. Q. Petillius Spurius os examinou e constatou que eram compostos de 12 (ou 7) volumes em latim de direito eclesiástico e o mesmo número de volumes em grego sobre filosofia. Ele convenceu o senado de que as obras em grego deveriam ser queimadas sem serem lidas. Os livros em latim foram preservados. Diz-se que toda a história de como foram encontrados é falsa. Em 176, Q. Petillius Spurius foi morto em batalha contra os lígures.

Pedro de Apono: (1250-1316) Mais conhecido como Pietro d'Abano, ou na forma anglicizada Peter de Abano. Nascido perto de Pádua, Itália, estudou Filosofia e Medicina em Paris, onde lecionou na Universidade e era considerado um “segundo Aristóteles”. Retornando a Pádua para lá se assentar, ele ganhou fama como médico. Sua paixão por astrologia o levou a ser acusado da prática de magia, e ele foi acusado de fabricar dinheiro com o ar e possuir a Pedra Filosofal. Na primeira vez que foi levado diante da Inquisição, foi absolvido, mas na segunda vez foi condenado postumamente, pois morreu durante o julgamento.

Em seus escritos, ele apresenta os sistemas de Averróis e de outros filósofos e médicos árabes. Conta-se que ele teria aprendido as sete artes liberais de sete espíritos que ele guardava em vasos de cristal. O *Heptameron*, ou *Elementos mágicos*, é um grimório atribuído a ele que era bem conhecido na Idade Média. Diz-se que tal obra teria sugerido a Boccaccio o nome para o seu *Decameron*. O abade Trithemius, professor de Agrippa, provavelmente faz referência a ela quando fala de uma *Clavícula* feita por Abano, em *Antipalus maleficiorum* (c. 1500).

Falaris (Phalaris): (século VI a.C.) Governante e nativo de Agrigentum, Sicília. Aparentemente, ocupou cargos importantes em sua cidade, daí chegando a uma posição de autoridade absoluta. Seu governo (570-554 a.C.) foi proverbial em termos de crueldade, mesmo naqueles tempos remotos: “Falaris, cruel em espírito, que queimava suas vítimas em seu touro de bronze, é conhecido para sempre por sua odiosa infâmia, e as liras sob as copas das árvores não lhe dão as boas-vindas, como o fazem com seus tons suaves mesclados aos cânticos gorjeadores de meninos” (Píndaro, *Pythian Odes*, linha 96, tradução de John Sandys [Londres: William Heinemann, 1915], 167).

Ele é mais lembrado pelo touro de bronze, no qual torturava e matava as vítimas, a começar pelo desafortunado inventor do touro, Perillus: “Falaris também queimou no touro os membros do cruel Perillus; o infeliz inventor foi o primeiro a provar sua obra” (Ovídio *Ars Amatoria* 1, linha 654 [Riley, 403]). O tirano foi morto em uma revolta popular de seus próprios seguidores.

Pherecydes: (século VI a.C.) Filósofo grego e teólogo de Siros, uma ilha no mar Egeu. Tinha a fama de ter estudado os livros secretos dos fenícios e viajado pelo Egito. Com seu conhecimento oculto, ele se tornou professor de Pitágoras (Iamblichus, *Life of Pythagoras* 2) e talvez tenha sido responsável pela crença desse último na imortalidade e transmigração das almas. Uma de suas obras que assinala suas visões ainda existia no período alexandrino. Ele morreu de morbus pediculosus (doença de piolhos). Não deve ser confundido com o historiador do século V a.C, que escrevia em prosa, Pherecydes de Atenas, talvez o erro cometido por Agrippa.

Philo Judaeus (Filon, o Judeu): (início do século I d.C.) Filósofo judeu provavelmente nascido na Alexandria, Egito, por volta de 15 a.C, onde viveu toda a sua vida. Pouco se sabe dele. Jerônimo diz que ele vinha de uma família sacerdotal proeminente. Tinha um irmão, Alexandre, que era chefe dos coletores de impostos, o que indica que sua família era poderosa e rica. Em 40 d.C, ele viajou de Alexandria a Roma como líder de uma delegação judaica, a fim de obter a isenção para os judeus da necessidade de venerar o imperador Calígula como deus. Eusébio, Jerônimo e outros Pais da Igreja dizem que, na época de Cláudio, ele conheceu São Pedro em Roma, mas não há evidências desse encontro.

O trabalho da vida de Philo foi uma tentativa de conciliar a filosofia dos gregos, pela qual ele tinha grande respeito, com os ensinamentos nos livros de Moisés, com o qual ele era comprometido por fé e sangue. Ele fez isso

escrevendo comentários a respeito das Escrituras, particularmente o *Pentateuco*, interpretando de forma alegórica histórias da Bíblia e extraindo delas preceitos filosóficos em harmonia com a especulação metafísica grega. Produto de sua época, Philo dominava com perfeição o grego, mas sabia muito pouco o hebraico; e Clemente de Alexandria o chamava, inclusive, de pitagórico. Ele é autor de numerosas obras ainda existentes.

Picatrix, o Espanhol: *Picatrix* é o nome de um dos mais notórios grimórios da Idade Média. É uma tradução de um livro árabe chamado *O objetivo dos sábios*, atribuído a al-Maggriti (isto é, o homem de Madri), um matemático hispano-árabe do século XII. A obra foi traduzida pelo rei Alfonso de Castela, em 1256, e depois para o latim, alcançando grande circulação em manuscrito. O imperador Maximiliano I (1459-1519) tinha uma cópia em sua biblioteca.

O abade Trithemius atribui o nome Picatrix ao escritor do livro, em seu *Antipalus maleficiorum*, como o faz Rabelais em *Pantagruel*, e parece que o livro e seu criador eram confundidos. S. L. MacGregor Mathers, em sua introdução a *The Sacred Magic of Abramelin the Mage* (Mathers 1975 [1900], xvi) assim se refere à obra: “Provavelmente o mesmo que Gio Peccatrix, o Mago, autor de muitos Manuscritos de Magia”. Casanova, que gostava de brincar de magia, tinha uma cópia de Picatrix em sua biblioteca.

O conteúdo do livro é hermético e gnóstico, enquadrado em uma complexa hierarquia espiritual. Um de seus mais interessantes elementos é

sua atribuição de figuras antropomórficas às 36 decanias do zodíaco.

Pirro: (318-272 a.C.) Rei de Epiro e o mais ousado, se não o mais imprudente, líder militar de sua época. Desde os 2 anos de idade, quando ficou sob a proteção do rei Glaucias, após a queda de seu pai, sua vida foi uma longa lista de intrigas políticas e campanhas militares. Glauco restaurou ao menino o trono de Epiro quando ele tinha 12 anos. Ele foi expulso do reino aos 17, encontrou aliados no Egito ao se casar com a filha da esposa de Ptolomeu e reconquistou o trono em 295 a.C, quando tinha 23 anos. Ele liderou uma campanha na Macedônia em 291 a.C, cujo resultado foi se tornar co-regente por alguns meses em 286 a.C. Quando foi forçado a sair por causa de intrigas políticas, ele decidiu declarar guerra a Roma. Isso resultou em sua famosa “vitória pírrica” perto de Heraclea em 280 a.C, na qual ele perdeu um número de oficiais e suas melhores tropas que quase correspondia ao número que ele derrotou entre os romanos. Alguém o ouviu dizer, enquanto observava o campo: “Outra vitória assim, e eu voltarei a Epiro sozinho”.

Depois de uma campanha de relativo sucesso contra Roma, Pirro foi combater os cartagineses na Sicília. Saiu vitorioso, apesar da rebelião de suas tropas gregas, retornou à Itália em 276 a.C. e, dessa vez, foi derrotado pelos romanos. Invadiu a Macedônia em 273 a.C. e lá foi coroado rei pela segunda vez. Atacou Esparta, mas foi rechaçado, até que o destino quis que ele resolvesse se aventurar contra Argos. Uma mulher de Argos derrubou uma telha em

sua cabeça, quando ele se retirava da cidade, e ele caiu do cavalo; com isso, ficou à mercê das espadas dos soldados. E assim morreu o maior guerreiro desde Alexandre.

Pitágoras: (século VI a.C.) Filósofo grego, nativo de Samos. Viajou muito pelo Egito e pelo Oriente, adquirindo conhecimento do oculto. Dizia-se que ele possuía o dom da profecia, e ele acreditava na reencarnação e ensinava que o divino podia ser acessado pelo poder místico dos números. Em Crotona, Itália, ele estabeleceu uma irmandade bastante firme de 300 homens unidos por juramentos e comprometidos a buscar a perfeição da alma por meio de práticas ascéticas e filosóficas. O trabalho deles era feito em segredo e a admissão à irmandade era muito difícil. Pitágoras controlava todos os aspectos da vida de seus seguidores, prescrevendo dieta, exercícios e meditação para gerar harmonia interior e autocontrole.

Com o tempo, o poder político da irmandade ficou tão grande que a população de Cretona se revoltou contra eles e incendiou o edifício em que se reuniam, matando muitos, incluindo talvez o próprio Pitágoras. Outros relatos dizem que ele fugiu para Tarento e de lá para Metaponto, onde fez greve de fome até morrer. Pitágoras não escreveu livro algum, mas seus discípulos preservaram fragmentos de seus ensinamentos, os quais exerceram uma influência profunda em filósofos posteriores, como Platão.

Piteas: (século IV a.C.) Navegador grego de Massilia (Marselha), na Gália. Ele escreveu uma obra, *Do oceano*, relatando suas descobertas em

uma viagem da Grã-Bretanha a Thule (talvez a maior das Ilhas Shetland) e uma segunda, *Periplus*, na viagem de Gardira (Cadiz) até o Tanais (talvez o Rio Don, que deságua no mar de Azov). Ele menciona que, em Thule, o dia e a noite duram, cada um, seis meses, levando algumas pessoas a especular que estivesse falando da Islândia. Ele diz ainda que nesses mares do norte não há distinção entre ar, terra e água, todos formando uma massa gelatinosa (gelo) que torna o progresso impossível. É uma pena que suas obras (ou sua obra - alguns afirmam que ele só fez uma viagem e escreveu um único tratado) tenham desaparecido, pois ele foi um notável astrônomo, o primeiro a compreender as marés, e realmente visitou os lugares dos quais escrevia. O que se sabe dele provém principalmente de um extrato de Políbio citado por Strabo.

Platão: (427-347 a.C.) Filósofo grego nascido em Atenas, filho de Aríston, descendente de Crotus. Sua mãe, Perictione, era parente de Sólon, por descendência. Seu nome original era Arístocles, mas, graças à largura de sua peito, passou a ser chamado de Platão. Ele também tinha testa alta e ombros largos. Quando jovem, competia com sucesso nos jogos, na categoria de lutador, e passava o resto do tempo escrevendo poesia, que, pelo que se conta, ele teria queimado quando ouviu Sócrates falar pela primeira vez.

Aos 20 anos de idade, Platão procurou Sócrates na floresta chamada Academus, onde o filósofo mais velho ensinava a seus seguidores, e permaneceu com ele até sua morte, em

399 a.C. Depois disso, Platão viajou muito, indo ao Egito, à Sicília e à Baixa Itália, e, segundo relatos menos confiáveis, à Ásia, onde conversou com os sábios hebreus, babilônios e persas. Segundo uma história, Dionísio, o Velho, tirano da Sicília, entregou Platão ao embaixador espartano, Polis, que o vendeu como escravo em Egina, ganhando a liberdade pelas mãos de Anicersis de Cirene.

Voltando a Atenas por volta de 389 a.C., ele ensinou Filosofia sem ser remunerado no ginásio da Academia e em seu jardim em Colonus. Logo se tornaria o mais influente professor na Grécia, tendo como alunos Xenócrates da Calcedônia, Aristóteles, Heráclides, Licurgo, Isócrates e muitos outros grandes homens. Ele também aceitava mulheres como discípulas. Viajou à Sicília duas vezes em missão política para se encontrar com Dionísio, o Jovem, mas teve pouco sucesso como embaixador. Seus *Diálogos*, que ainda existem intactos, são um soberbo monumento à sua busca perene por uma verdade perfeita, mística, sobre qual pudesse basear a vida humana.

Ele morreu com a pena nas mãos e desejou que seu jardim fosse sua escola. Acabou sendo herdado pelos neoplatônicos, que celebravam os aniversários de Platão e Sócrates com festivais.

Plínio Cecílio Segundo, Caio: (61-113) Mais conhecido como Plínio, o Jovem, filho da irmã de Plínio, o Velho, Plínia e de C. Cecílio, nascido em Novum Comum (atual Como). Quando era jovem, seu pai morreu e o tio se tornou seu guardião. O autor de *História natural* incentivou seu

sobrinho ao estudo das cartas do primeiro. Aos 14 anos, o jovem Plínio escreveu uma tragédia grega. Ele estudou eloquência com Quintiliano e, aos 19 anos, começou a falar no Fórum. Logo compareceria como advogado legal diante do senado e no tribunal do Centunvirato. Ainda jovem, ele serviu como tribuno militar na Síria. Foi pretor em 93 e cônsul em 100. Por volta de 103, tornou-se pretor da província de Pontica, onde serviu por dois anos.

Plínio, o Jovem, era rico e generoso, possuía uma natureza gentil, moderada, mas tinha fraca saúde física. Casado duas vezes, não teve filhos. Entre seus amigos, ele prezava muito Tácito, Suetônio e Marcial, e era conhecido como um dos homens mais doutos de sua época. É lembrado principalmente por suas *Cartas*, as quais ele parece ter escrito com um olho voltado para publicação futura, em especial aquelas escritas ao imperador Trajano. Ainda existe também um discurso seu estendido em honra do imperador, o *Panegírico de Trajano*.

Plínio Segundo, Caio: (?23-79) Mais conhecido como Plínio, o Velho, esse historiador natural nasceu em Novum Comum (Como), no norte da Itália, onde posteriormente estabeleceu propriedade. Seu pai o levou a Roma por volta de 35 d.C. para ser educado. Sob influência de Sêneca, ele começou a praticar advocacia. Aos 23 anos, serviu na Baixa Germânia como oficial da cavalaria e viajou muito por essa região. Ele usou o que aprendeu para escrever uma história das guerras germânicas em 20 livros.

Retornando a Roma, ele voltou a trabalhar como advogado, tendo um

sucesso apenas moderado, e aparentemente passou o maior período do reinado de Nero (54-68) em retiro, na sua propriedade, estudando e escrevendo. Ele lia livros, ou pedia que lessem para ele, quase sem parar, e sempre fazia anotações. Após sua morte, seu filho herdou 160 volumes de notas para a *História natural*, escrita em ambos os lados das folhas.

Durante o reinado de Vespasiano, Plínio retornou a Roma e ao serviço do Estado, mas sua verdadeira ocupação sempre foi a de escrever. Ele morreu enquanto observava a erupção do Monte Vesúvio em 79 (ver Plínio, o Jovem, *Epístolas* 6.16). De suas muitas obras, só sua *História natural* ainda existe, mas foi seu melhor trabalho, abrangendo todo o espectro da ciência humana da época.

Plotino: (204-270) O maior filósofo neoplatônico nasceu de pais romanos em Licópolis, no Egito. Ele frequentou as aulas de Amônio Sacas, o fundador da escola neoplatônica, em Alexandria até 242, quando aproveitou a oportunidade de acompanhar o imperador Gordiano III em sua expedição contra a Pérsia para estudar filosofia persa e indiana. Com seu recém-adquirido conhecimento, ele estabeleceu uma escola bem-sucedida em Roma, em 244, e teve logo muitos alunos ávidos de aprender, entre os quais Porfírio, a quem ele confiou a edição de seus escritos filosóficos. Porfírio editou os 54 livros de Plotino em seis *Enéadas*, ou grupos de nove livros. Após a morte de Plotino, criaram-se histórias em torno dele, atribuindo-lhe inspiração divina e o poder de realizar milagres.

Plutarco: (?46-?120) Esse escritor grego de ensaios populares nasceu em Chaeronea, na Beócia (não muito longe a leste do Monte Parnasso, Grécia central), de uma família amável e estável de quatro gerações. Quando jovem, frequentou a escola do filósofo Amônio, em Delfos, na qual aprendeu Matemática e Filosofia. Ainda muito jovem, foi nomeado pela cidade como negociador de contendas com as Cidades-Estado vizinhas. Foi a Roma em busca de fama e fortuna, e provavelmente dava palestras públicas a respeito de temas filosóficos. Ele próprio escreve que vivia tão ocupado com negócios públicos e palestras privadas de filosofias que não tinha tempo de aperfeiçoar seu conhecimento de latim.

Plutarco defendia as doutrinas de Platão e atacava as de Epicuro com igual entusiasmo. Parece haver motivo para se duvidar da história de Suidas, segundo a qual ele teria sido elevado ao posto de cônsul por Trajano, e a lenda medieval de que ele se encarregou da educação do jovem Adriano é ainda mais questionável. É provável que tenha retornado a Roma durante o reinado de Domiciano e, depois, expulso, quando esse imperador mandou expulsar todos os filósofos da cidade, no ano de 89. De qualquer forma, Plutarco voltou à sua terra natal, Chaeronea, onde abriu uma escola. Viajou muito por toda a Grécia, mas nunca mais voltou a Roma. Ocupou o posto de arconte em sua cidade e tornou-se sacerdote de Apolo em Delfos, no ano de 95.

Seus escritos nos dizem que ele teve quatro filhos homens com sua esposa Timoxena e que em determinada

época foi iniciado nos mistérios de Dioniso. Plutarco é lembrado por sua obra *Vidas paralelas*, 46 biografias de gregos e romanos famosos dispostas em pares com o propósito de comparação. Algumas de suas biografias originais se perderam. Ele também é conhecido por uma coleção de 60 ensaios sobre uma grande variedade de temas, sob o título geral de *Moralia*. Alguns desses ensaios são considerados espúrios. Os escritos de Plutarco são ricos em informações de costumes religiosos, superstições e magia.

Pompeu, Magno: (106-48 a.C.) Começou sua carreira militar em 89 a.C, sob a tutela de seu pai Pompeu Strabo, e defendeu a causa dos aristocratas contra os Marianos, lutando com grande sucesso sob o comando de Sula. Ele se tornou cônsul em 71 a.C. e continuou com seus triunfos militares. Quando foi banido do senado, aliou-se com César e formou com ele e Crasso o primeiro triunvirato. Era inevitável que um homem tão ambicioso procurasse poder maior. Quando Pompeu e César se encontraram em Farsália para decidir quem governaria o império, Pompeu foi totalmente derrotado. Ele fugiu para o Egito, onde foi assassinado.

Pontano, Joviano: (1426-1503) Estudioso e poeta italiano, nascido em Cerreto, em Spoleto. Quando ainda era menino, seu pai foi assassinado, privando-o de sua herança. Sem dinheiro algum, ele foi para Nápoles e logo conquistou a proteção de Alfonso, o Magnânimo, rei de Aragão, que fez de Pontano seu conselheiro. Ele estabeleceu uma academia de homens eruditos em Nápoles que sobreviveu ainda muito tempo após sua morte.

Suas obras incluem *Urânia*, um tratado de astronomia; *Eridanus*, uma série de elegias; *De conjugali amore*; *De hortis Hesperidum*, um poema didático sobre laranjeiras; e uma história das guerras de Ferdinando I e João de Anjou.

Porfírio: (?233-?304) Nascido em Tiro, ou talvez Batanea, na Síria. Estudou gramática e retórica com Cássio Longino. Seu nome original era Malco (rei), motivo pelo qual seu professor o chamava de Porphyrius (vestido em púrpura), pois púrpura era a cor real. Em 262, ele viajou a Roma e estudou com Plotino com tamanho empenho que abalou seu equilíbrio mental, começando a sonhar com o suicídio como um meio de escapar da prisão da carne.

Só depois de cinco anos de uma vida tranquila na Sicília, ele conseguiu recuperar seu equilíbrio mental. Retornando a Roma, após a morte de Plotino, empenhou-se em difundir logo a doutrina de seu mestre. Em uma fase mais tardia de sua vida, Porfírio se casou com uma viúva que tinha sete filhos. Nada se sabe de sua morte. Sua grande obra, *Adversus Christianos*, não existe mais. Ele também escreveu sobre as célebres vidas de Plotino e Pitágoras, um tratado de vegetarianismo chamado *De abstinentia*, e numerosas outras obras.

Probo, Valério: (século I) De Berytus (hoje Beirute), um gramático romano que escreveu críticas de autores clássicos por meio de notas nas margens ou sinais. Publicou pouca coisa, mas suas palestras ficaram parcialmente preservadas nas anotações de seus alunos. O comentário sobre Virgílio, *Scholia in Bucolica et Georgica*,

que leva seu nome, provavelmente foi escrito muito tempo depois. Entretanto, ele é o autor de *De notis*, um fragmento de uma obra maior, perdida, que traz listas de abreviações usadas em escritos oficiais e históricos.

Proclo: (412-485) Chamado de *Diádoco* (o Sucessor), porque era considerado o defensor natural dos ensinamentos de Platão. Nascido em Bizâncio, ele estudou em Alexandria e Atenas. Era um asceta extremista e um místico e venerava não só seus deuses, mas também os de outras nações. Proclo estudou os mistérios órficos e caldeus e foi iniciado em teurgia, ou alta magia, por Asclepegenia, filha de Plutarco, que na época era o mais perfeito expoente dessa sabedoria, que chegara a ela por sua descendência de Nestório. Proclo alegava ser capaz de falar com os deuses, e Marino dizia que ele tinha o poder de chamar chuva, parar terremotos e curar os doentes. Sua maior inspiração foi a de sincretizar a sabedoria de Platão com a de Orfeu, Pitágoras e Aristóteles.

Ptolomeu, Cláudio: (100-178) Mais conhecido apenas como Ptolomeu, esse célebre matemático, astrônomo e geógrafo grego nasceu em Ptolemais, no Egito. Pouco se sabe de sua vida. Ele observou os céus por 40 anos em Canopus, cerca de 24 quilômetros a leste de Alexandria, e morreu com 78 anos de idade. As datas de seu nascimento e morte não são certas, mas ele mesmo registra que suas primeiras observações feitas para sua grande obra astronômica, o *Almagest*, foram em 127, enquanto a última foi feita em 151, o que permite que as datas sejam mais ou menos determinadas. Sua

filosofia pode ser descrita como aristotélica.

Em tempos antigos, ele era quase idolatrado. Hephaestion de Tebas o chamava de “o divino Ptolomeu” (*Catalogus codicum astrologorum Graecorum* 8.2). Além do *Almagest*, que contém um catálogo das estrelas, ele escreveu *Tetrabiblos*, um tratado astrológico em quatro volumes; a *Geografia*, uma descrição do mundo conhecido; o *Centiloquium*, uma coletânea de aforismos astrológicos; *Das aparições das estrelas fixas*; *De música*, em três volumes; além de outras obras de natureza mais técnica.

Rabanus: Ver Hrabanus.

Robert de York: (início do século XIV) Frade e teólogo dominicano inglês que “vasculhara os teoremas ocultos da medicina mais secreta com tanto zelo que conquistou a admiração sincera dos mais doutos médicos” (Thorndike, 3:105). Robert era chamado de Perscrutador e a ele são atribuídas duas obras: *Correctorium alchimyae* e *De impressionibus aeris*, entre outras. Ver Thorndike, 3:6 - particularmente n. 3, p. 104. Ver também nota biográfica de Robert Anglicus.

Rufus de Éfeso: (fl. 100 d.C.) Um célebre médico grego e escritor de medicina que viveu durante o reinado de Trajano (98-117). Nasceu em Éfeso, a principal de 12 cidades jônicas situadas na costa da Ásia Menor (perto da atual Selcuk, Turquia). Ele tinha grande interesse por anatomia e fez numerosos experimentos com animais vivos. Infelizmente, os resultados dessa área de seus estudos só sobreviveram na forma de uma lista de nomes anatômicos. Não sendo seguidor de

nenhum escola exclusiva, ele tentou conciliar e unir o sistema de humores de Hipócrates, o método de sintomas gerais de Themison e o sistema pneumático baseado na operação da alma universal de Ateneu. Foi o primeiro a descrever os sintomas da peste bubônica, em um fragmento de seus escritos preservado nas *Coletâneas de Oribásio*. Um número de obras de Rufus ainda existe.

Sardanapalus: (século IX a.C.) O último rei do império assírio de Nínive foi proverbial por sua luxúria, efeminação e licenciosidade (ver Dante, *Divina Comédia: Paraíso* 15.107). Passava o tempo nos recessos de seu palácio, vestindo roupas femininas e cercado por suas concubinas. Quando o sátrapa de Média e o sumo sacerdote dos caldeus se rebelaram contra o governo dele, ele surpreendeu o mundo, abandonando seus modos decadentes e se revelando um general ousado e bem-sucedido. Por duas vezes, derrotou o exército rebelde e resistiu a um cerco em Nínive por dois anos. Quando ficou evidente que não poderia obter a vitória, ele reuniu suas concubinas e esposas, juntou seus tesouros e posses em uma imensa pilha, ateou fogo e morreu no meio das chamas. A queda do império teria ocorrido em 876 a.C. Essa história, contada por Ctesias, é preservada na obra de Deodoro Sículo. Ver também a tragédia *Sardanapalus*, de Byron.

Saxo Grammaticus: (?1150-?1206) Historiador e poeta dinamarquês. Foi criado para ser clérigo e entrou para o serviço do arcebispo de Absalom por volta de 1180. Absalom o convenceu a escrever uma história dos reis da Dinamarca, *Gesta Danorum* (ou

História Danica), que ele começou em 1185. Absalom morreu em 1201, e a história, terminada em 1208, foi dedicada a seu sucessor, o arcebispo Andreus. Foi muito lida durante a Idade Média em manuscrito e publicada pela primeira vez em Paris em 1514. Saxo tinha uma educação limitada e senso crítico inadequado. Conjetura-se que tenha nascido na Zelândia por causa de seus firmes elogios aos zelandeses, mas nada se sabe de sua vida pessoal.

Scot, Michael: (1175-1235) Um astrólogo e mago nascido na Escócia. Estudou em Oxford e Sorbonne, aprendeu árabe em Toledo e passou a fazer parte da corte de Ferdinando II da Sicília, na condição de astrólogo. O papa Honório III o tinha em alta estima, bem como seu sucessor, Gregório IX. Ambos pediram ao arcebispo de Canterbury que providenciasse um benefício para Scot. Diz-se que Scot introduziu as obras de Aristóteles na Inglaterra, quando se estabeleceu lá em 1230. Sua melhor obra conhecida sobre fisionomia, *De physiognomia et de hominis procreatione*, foi reimpressa muitas vezes. Uma lenda, de que ele seria um poderoso mago se espalhar. Dante o menciona no *Inferno*: “O outro era Miguel Escoto [Michael Scot], que conhecia muito bem o jogo da ilusão mágica” (*Inferno*, 20 [Norton, 133]). Dizia-se também que ele foi montado em um cavalo-demônio negro como enviado ao rei da França, e quando o cavalo bateu o casco, todos os sinos de Notre Dame começaram a tocar:

Um mago de tão temível fama Que, na caverna de Salamanca, Sua varinha mágica no ar ele agitou, Os

sinos repicaram em Notre Dame! (W. Scott "Lay of the Last Minstrel" 2:13).

Scotus, John Duns: (?1265-1308)

Também conhecido como John Scot (Escoto) e Joannes Scotus Duns. Teólogo franciscano e escolástico, talvez nascido em Duns, Berwickshire, que possivelmente estudou em Merton College, Oxford. Ele era escolado em todos os ramos de conhecimento, particularmente matemática, e conquistou o título de *Doctor Subtilis* graças à sua engenhosidade dialética quando palestrava como professor de Filosofia na Universidade de Paris em 1307. Defendeu, com vigor e grande sucesso, a doutrina da Imaculada Conceição contra os dominicanos tomistas.

Em 1308, Duns Scotus foi enviado a Colônia para fundar uma universidade e morreu lá, naquele mesmo ano, de apoplexia. Segundo uma tradição, ele teria sido enterrado ainda vivo. Suas obras são *De modis significandi sive grammatica speculativa*, uma gramática filosófica; *Quaestiones*, questões de lógica; *De rerum principio*, uma obra de metafísica; e *Opus Oxoniense*, um comentário sobre as *Sententiae*, de Pedro Lombardo. Os seguidores de Duns Scotus eram chamados de Dunsmen, ou Dunses, e em épocas posteriores passaram a ser malvistas, de onde teria surgido o termo pejorativo em inglês moderno "dunce" (burro).

Sêneca, Lúcio Ênio (?4 a.C. - 65 d.C.)

Filho do famoso retórico romano Marco Ênio Sêneca. Esse filósofo romano nasceu em Córdoba, Espanha, de uma rica e distinta família de cavaleiros. Quando criança, foi levado a

Roma por uma tia e recebeu uma educação voltada para uma carreira no senado. Em 32 d.C, ou pouco depois, ele se tornou questor, e logo ganhou reconhecimento como escritor e orador. Em 41, suas perspectivas sofreram um abalo, quando ele foi banido para Córsega por causa de um suposto adultério; mas em 49 foi chamado de volta e se tornou tutor de Nero, recebendo, no ano seguinte, a pretoria.

Ele se tornou um cúmplice um tanto hesitante dos crimes de Nero, apresentando a explicação do imperador ao senado pelo assassinato de Agripina (59 d.C). Três anos depois, Sêneca tentou se retirar em Campânia, a fim de fugir das intrigas da corte, mas em 65 foi acusado de conspiração e forçado a cometer suicídio. Os escritos ainda existentes de Sêneca são numerosos demais para listarmos. Eles incluem obras de filosofia, história natural, muitas cartas, uma sátira e dez tragédias designadas mais para leitura que para encenação.

Sereno, Q. Samônio: (início do século III)

Erudito escritor romano. Sua obra *De medicina praecepta* é um poema incompleto sobre medicina contendo informações curiosas, antigos remédios e fórmulas mágicas - como o encantamento Abracadabra - e foi muito usado na Idade Média. Sereno foi assassinado durante um jantar no ano de 212.

Sérvio Mauro (ou Mário) Honorato:

(fim do século IV d.C.) Gramático latino do qual pouco se sabe. Ele é representado por Macróbio em sua *Saturnalia* como um pagão. Não fosse seu *Comentário* sobre Virgílio, Sérvio seria esquecido, mas o *Comen-*

tário é reconhecido como a mais importante obra latina da espécie. Nela são preservadas informações culturais e muitos costumes da vida romana, os quais, do contrário, estariam perdidos. Outras obras de Sérvio são *In secundam donati editionem interpretatio*, uma coletânea de notas da gramática de Hélio Donato; *De ratione ultimarum syllabarum ad aquilinum líber*, um estudo de fins métricos; e *Ars de centum metris*, um tratado de métricas poéticas.

Simeão Ben Yohai, rabino: (século II d.C.) De acordo com a tradição talmúdica, esse estudioso judeu criticou Roma e foi obrigado a se esconder em uma caverna por 12 anos com seu filho, o rabino Eliezer, esperando a morte do imperador Antonino (que governou entre 138 e 161). Nesse período, ele ditou e Eliezer escreveu o *Zohar*. A história tem alguns aspectos interessantes. Diz-se que os dois andavam nus por medo de que suas roupas se desgastassem. Para cobrir a vergonha, eles se enterravam na areia até o pescoço o dia inteiro, só vestindo as roupas para rezar.

Sinésio: (?373-?414) Recebeu o sobrenome de O Filósofo. Nascido em Cirene (uma antiga cidade na Líbia), de pais ricos, quando jovem viajou a Alexandria, onde se tornou neoplatônico e discípulo de Hipata. Em 397, foi escolhido como embaixador por sua cidade natal para ir a Constantinopla e solicitar do imperador Arcádio uma redução de impostos. Ficou lá três anos, escrevendo e, com certeza, aprendendo um pouco de política, antes de ter sua petição atendida. Nesse período (403), casou-se em Alexandria.

Em 410, foi popularmente escolhido para ser bispo de Ptolemais. Como ele era mais neoplatônico que cristão, não ficou muito entusiasmado, mas acabou aceitando o posto que lhe jogavam, embora com reservas filosóficas - recusava-se a aceitar a doutrina da Igreja sobre a criação da alma, a ressurreição literal ou o apocalipse, e teve permissão de continuar casado. Sua gestão como bispo foi turbulenta, porém bem-sucedida. A data de sua morte não é conhecida e pode ter sido, na verdade, em 430. Muitas de suas obras sobreviveram, incluindo uma grande coleção de cartas, 12 hinos neoplatônicos e uma obra alquímica na forma de um comentário sobre o pseudo-Demócrito.

Sócrates: (469-399 a.C.) Filósofo grego nascido em uma localidade próxima a Atenas. Seu pai fazia estátuas e a mãe era parteira. Por algum tempo, ele seguiu o ofício do pai e também serviu como hoplita - soldado de infantaria fortemente armado - nas guerras de Atenas, nas quais se destacou. Em 406 a.C., ele se tornou membro do senado. Não se sabe quando começou a se dedicar totalmente à Filosofia, uma vez que nunca abriu uma escola nem deu palestras formais ou escreveu livros, preferindo perambular pela praça do mercado e nos ginásios, falando de filosofia a quem quisesse ouvir.

Em aparência, ele era robusto e durão, mas com traços elegantes. Andava descalço tanto no verão quanto no inverno e usava as mesmas roupas simples sem se incomodar com o clima ou com a companhia. Isso o transformava em alvo de piadas dos dramaturgos atenienses.

Odiado pelos homens de poder, porque era totalmente incorruptível, destemido e sempre falava e agia de acordo com seus princípios; ele sofreu uma série de acusações falsas, entre as quais a de corrupção da juventude de Atenas e de desprezar os deuses (ver Xenofonte, *Memorabilia de Sócrates* 1.1). Se ele tivesse bajulado seus acusadores, teria escapado da condenação, mas preferiu falar com orgulho, sendo sentenciado a beber veneno preparado com cicuta. Morreu sem dor, com 70 anos, sem o menor medo da morte, cercado por muitos de seus amigos.

Solino, Caio Júlio: (fl 210) Historiador latino que escreveu, ou antes compilou, a *Collectanea rerum memorabilium*, uma história geográfica do mundo antigo em 57 capítulos. Nenhuma parte dela é original. A parte maior foi tirada diretamente da História natural de Plínio e da geografia de Pompônio Mela. Nada se sabe a respeito de Solino, mas pela dedicatória na *Collectanea* a Oclatinius Adventus, que foi cônsul em 218 d.C., pode-se julgar que o autor viveu na primeira parte do século III. No século VI, a *Collectanea* foi revisada com o título de *Polyhistor*, e é por esse nome que Solino às vezes é erroneamente chamado. A obra se tornou muito popular na Idade Média. Duas adaptações em verso hexâmetro circularam sob os nomes dos autores Teoderico e Pedro Diácono.

Sófocles: (495-406 a.C.) Dramaturgo grego que nasceu no vilarejo de Colonus, bem a noroeste de Atenas. Recebeu a melhor educação da época e se destacou a ponto de receber o prêmio de uma guirlanda em música e ginástica. Quando jovem, era

admirado tanto por sua beleza física quanto por sua habilidade na dança. Em 468 a.C., competiu em um concurso de drama contra Esquilo, mais velho que ele, que se sentiu tão humilhado por ser derrotado por um novato que passou o resto da vida em retiro, na Sicília. Depois desse episódio, Sófocles não teve rivais à sua altura até 441 a.C., quando foi derrotado no concurso de drama por Eurípidas. A mais antiga de suas tragédias ainda existente foi *Antígona*, escrita no ano seguinte. No total, sete peças sobrevivem de um possível total de 130.

Há várias versões de sua morte. Segundo uma delas, ele teria se engasgado com uma uva; outra diz que ele perdeu o fôlego de um modo fatal enquanto recitava *Antígona*; uma terceira história diz que ele sentiu tamanha alegria por obter uma vitória com uma de suas tragédias que morreu.

Sorano, Quinto Valério: (século I a.C.) Pouco se sabe a respeito desse escritor romano. Em 82 a.C., ele foi *tribunus plebis* (tribuno do povo), um ofício na administração romana criado para proteger os interesses dos plebeus contra os patrícios. Estudioso linguístico e antiquário, ele era citado com frequência por Varro. Cícero o menciona em seu *De oratore* (3.43) e em *Brutus* (cap. 169). Foi feita uma tentativa de se identificar Valério Solano com Valério Edito (c. 100 a.C.), que escrevia epigramas, muitos dos quais eróticos, baseados em modelos gregos, mas essa associação é incerta.

Spartianus, Aelius: (início do século IV) Um dos seis *Scriptores Historiae*

Augustae que escreveram a chamada *História augusta*, uma coleção das vidas dos imperadores romanos, desde Adriano até Carino, cobrindo o período de 117-284, que foi composta durante os reinados dos imperadores Diocleciano (284-305) e Constantino (306-337), com interpolações posteriores. Spartianus foi responsável pelas biografias de Adriano, Aelius Verus, Didius Julianus, Sétimo Severo, Pescennius Niger, Caracala e Geta.

Statius, Publius Papinius: (?61-?96) Poeta romano em Neápolis (Nápoles), filho do distinto gramático Papinius Statius. Ele foi com o pai a Roma quando o último se tornou professor de Domiciano, futuro patrono do jovem Statius. O poeta era especialmente habilidoso na composição extemporânea e na recitação pública de suas obras: “Multidões se formam para ouvir sua voz doce, e os tons melodiosos de *Thebais*, quando Statius alegre a cidade, marca o dia para sua recitação” (Juvenal, *Sátiras* 7, c. linha 82).

Por três vezes, ele ganhou o prêmio anual de poesia no festival em Alba, que foi instituído por Domiciano, mas quando perdeu no concurso Capitolino quinquenal em 94, ele retornou envergonhado a Neápolis com sua esposa Cláudia, onde permaneceu até o fim da vida. Entretanto, ele parece ter vivido em conforto e feliz até o fim, com muito pouco do que se queixar. Suas obras ainda existentes são *Thebais*, um épico a respeito dos sete contra Tebas, em 12 volumes; *Achilleis*, um épico inacabado sobre a vida de Aquiles; e *Silvae*, 32 poemas em cinco livros.

Sula, L. Cornélio: (138-78 a.C.) Sobrenome, Félix. Soldado e político romano talvez mais lembrado por ter sido o primeiro a usar o *proscriptio*, uma lista de mortos, na história romana. Morreu de um rompimento de um vaso sanguíneo enquanto sofria de uma mórbida infestação de piolhos, mal conhecido em termos médicos como *morbus pediculosus*.

Tácito, Caio (ou Públio) Cornélio:

(?55-?120) Historiador romano. O dia e o local de seu nascimento são desconhecidos, mas deve ter sido por volta de 55 d.C., em uma família respeitável, uma vez que ele mesmo escreve (*Histórias* 1.1) que fora notado e promovido pelo imperador Vespasiano, mais tarde exaltado por Tito, e mais uma vez favorecido por Domiciano. Sua prosperidade continuou sob o regime de Nerva e Trajano. Foi incumbido, junto a seu amigo íntimo, Plínio, o Jovem, de perseguir Mário em 99. Não há registros de sua morte. Suas obras e supostas datas são *Diálogo sobre os oradores* (77), *A vida de Agrícola* (97), *Germânia* (99), *Histórias* (116) e os *Anais* (118). **Tales:** (?636-?546) Filósofo jônico nascido em Mileto (uma cidade localizada na costa oeste da Turquia, perto da foz do Rio Menderes). Ele é famoso por ter previsto um eclipse solar no reinado do rei lídio Alíates, e diz-se que estudou no Egito. Seu nome está no topo da lista dos Sete Sábios da Antiguidade.

Tarquino Prisco, Lucias (Lúcio): (658-578 a.C.) Rei de Roma, chamado o Ancião. Seu pai, Demarato, fugiu das intrigas políticas em Corinto, estabeleceu-se na Etrúria e casou-se com uma mulher etrusca, deixando

sua vasta riqueza para seu primogênito, Lucumo, que, apesar de sua afinidade com a nobreza por meio da esposa e do dinheiro, era excluído da política local. Descontente, ele partiu para Roma em uma charrete, com sua esposa ao lado. Foi nessa viagem que ocorreu o episódio da água mencionado por Agrippa. Tarquino foi um grande guerreiro e construtor, e a ele se atribui o crédito de ter construído o sistema de esgotos romano, o Circo Máximo, o Fórum e o templo do Capitólio. Ele foi assassinado com 80 anos de idade.

Teófrasto: (?372-287 a.C.) Filósofo grego de Eresus, em Lesbos, estudou em Atenas com Platão e depois com Aristóteles, a quem sucedeu como presidente do Liceu. Aristóteles deixou sua biblioteca particular e os manuscritos originais de suas obras a Teófrasto. Ele escreveu muitos livros, em especial: *Da história das plantas*, em 10 volumes; *Das causas das plantas*, dos quais oito volumes ainda existem; e *Das pedras*.

Teopompo: (Theopompos, ou Techel, ou Rechel, ou Cehel) Escritor judeu conhecido principalmente por uma obra a respeito dos poderes mágicos de certas imagens gravadas em pedras preciosas ou semipreciosas. Tomás de Cantempe cita uma tradução para o latim desse texto no 14º livro de *De natura rerum* (Da natureza das coisas), escrito entre 1228 e 1244. Thorndike (2:53:390) conjectura que Thetel é o mesmo escritor que Zethel (Zachel, Zahel, Zehel, Zael, Zoel ou Zebulis), cujo nome aparece em numerosos tratados antigos de astrologia, alguns dos quais listados por Alberto Magno em sua *Speculum astronomiae*. Zethel

também é mencionado como autoridade astronômica por Michael Scot (Thorndike, 2:322), Cecco d'Ascoli (*Ibid.*, 959) e Giovanni da Fontana (*Ibid.*, 4:171). Para uma lista de manuscritos atribuídos a Thetel, ver Thorndike 2:53, apêndice 2.

Terenciano Mauro: (fim do século II) Original da Maurítânia, foi um poeta romano que escreveu um poema incompleto em quatro livros, chamado *De literis, syllabis, pedibus, metris* (Sobre letras, sílabas, pés, metros), que se baseou em uma obra de Césio Basso dedicada a seu amigo, o imperador Nero. Do tratado de Basso, nada resta senão alguns fragmentos. Terenciano foi usado como fonte por escritores de épocas posteriores, para prosódia.

Terpander: (século VII a.C.) De Anfissa, em Lesbos, ele é considerado o pai da música clássica grega. Segundo Strabo, foi o primeiro a usar a cítara de sete cordas, instrumento que até então só tinha cinco cordas. Terpander viajou a Esparta atendendo a um mandato do oráculo em Delfos e, com sua música, aplacou uma sedição que estava se formando. Na primeira celebração registrada do festival de Karneia em Esparta, em 676 a.C., ele ganhou o primeiro prêmio na competição de música. A ele se atribui uma variedade de inovações, incluindo a introdução de vários novos ritmos e uma nova divisão da ode, e ele ficou famoso por suas canções de bebedeira. Poucos fragmentos de sua poesia sobreviveram.

Teucro: Fundador semimítico e primeiro rei de Troia, suposto filho do deus do Rio Scamander e da ninfa Idaeia. Nada conseguiu descobrir

acerca do matemático babilônico com o mesmo nome mencionado por Porfírio.

Themistius: (século IV) Filósofo nativo da Paflagônia, viajou primeiro a Constantinopla, depois a Roma, gozando das graças de seis imperadores sucessivos. Foi nomeado prefeito de Constantinopla por Teodósio em 384 e se tornou tutor de Arcânio, o filho do imperador, em 387. Libânio e Gregório Nazianzeno eram seus amigos e correspondentes, o último tendo chamado Themistius de o “rei dos argumentos”. Ele escreveu 36 discursos, um dos quais se perdeu, e morreu por volta de 390.

Tibério Cláudio Nero César: (42 a.C. - 37 d.C.) Imperador de Roma após a morte de Augusto em 14 d.C. até a sua própria, que teve uma gentil assistência, em 37 d.C.

Tibulo, Álbio: (54-18 a.C.) Poeta romano. Suas Elegias são curtos poemas de amor em quatro livros. Os primeiros dois sem dúvida são dele mesmo; o terceiro é de outro autor, embora lhe seja atribuído; e o quarto é de autoria parcial de Tibulo, a outra parte é de outro. Horácio era amigo do poeta e deixou uma imagem dele: “Você nunca foi corpo sem alma. Os deuses lhe concederam beleza, riquezas e a arte de desfrutá-las” (Horácio, *Epístolas*, 1.4 [Translation Publishing, 1961], 375).

Timóteo: (446-357 a.C.) Nativo de Mileto, esse célebre poeta e músico desfrutou de pouco sucesso inicial por causa de sua paixão por inovações. Uma vez, quando foi vaiado ao sair do palco, Eurípidés lhe disse para não se preocupar, pois logo ele teria o público aos seus pés, o que se

comprovou pouco tempo depois - os efésios lhe pagaram mil peças de ouro por seu hino a Ártemis. Diz-se que ele teria aumentado o número de cordas na lira (cítara), segundo Pausânias, acrescentando quatro às sete existentes; mas, segundo Suidas, foram duas às nove existentes.

Tirésias: Vidente cego semimítico, de Tebas. Duas histórias narram sua cegueira. Uma diz que ele viu Atena se banhando e a deusa borrifou água em seus olhos, tirando-lhe a visão. A mãe de Tirésias, Cariclo, recorreu à misericórdia de Atena, que, se compadecendo, concedeu a ele o poder de compreender a fala dos pássaros e lhe deu um cajado mágico de ouro para ajudá-lo a andar.

Segundo a outra história, Zeus e Hera estavam discutindo quem tinha mais prazer no ato do amor, o homem ou a mulher. Decidiram perguntar a Tirésias, porque ele fora de ambos os sexos, um prodígio que aconteceu da seguinte maneira: enquanto caminhava pelo Monte Cithaeron (alguns dizem Monte Cilene), Tirésias viu duas cobras juntas, macho e fêmea. Ele golpeou as duas, matando a fêmea; e imediatamente se transformou em uma mulher. Sete anos mais tarde, ele mais uma vez viu duas cobras e as golpeou com seu cajado, dessa vez matando a cobra macho, o que o fez voltar à sua forma masculina.

Tirésias ficou do lado de Zeus na disputa e concordou que as mulheres tinham nove vezes mais prazer no sexo que os homens. Hera ficou zangada, dizendo que “os árbitros eram sempre cegos, e o deixou assim para sempre. Nenhum deus pode contestar as ações de outro deus, mas o Pai

todo-poderoso, condoído com a situação, e para compensar, deu a Tirésias o poder de prever o futuro, para que ele encontrasse um pouco de honra na sua punição” (Ovídio, *Metamorfoses*, 3, p. 61 © Madras Editora Ltda., São Paulo, SP).

Tobit ben Korra: (836-901) Matemático e astrônomo árabe em Bagdá, parte do grande avanço do aprendizado árabe iniciado no século VII pela força unificadora de Maomé. Ele trabalhou no observatório construído em Bagdá em 829 pelo califa al-Mamum e é lembrado por sua teoria errônea da trepidação dos equinócios, que tenta explicar a precessão dos equinócios como uma libração, ou oscilação rítmica, da eclíptica - uma noção sugerida por Theon de Alexandria, que escreveu um comentário sobre o *Almagest*, de Ptolomeu.

Tobit também é lembrado por sua tradução dos *Elementos*, de Euclides, e por sua fórmula para obter números amigáveis - pares de números cujos fatores acrescidos equivalem ao outro, e vice-versa. O menor par é 220 e 284. Números amigáveis eram conhecidos pelos pitagóricos, que lhes atribuem propriedades místicas. Tobit é a fonte das estrelas fixas de Agrippa, listadas no capítulo XXXI, l. II, e capítulo XXXII, l. I.

Trajano, Marco Úlpio: (52-117) Nascido em Itálica, Espanha. Seu pai começara como legionário comum, chegando por fim ao posto de governador da Ásia. O pai treinou o filho em seus princípios de austeridade e disciplina militar. Trajano viajou muito por todo o império como soldado e conquistou uma boa reputação. Quando Nerva substituiu

Domiciano (assassinado) como imperador em 96, Trajano se tornou delegado consular na Alta Germânia. Necessitando de um forte aliado militar, Nerva adotou Trajano como filho no ano seguinte e, em 98, morreu, deixando Trajano como imperador.

Seus poderes militares asseguravam o completo domínio do exército, e sua simplicidade e honestidade lhe conquistaram o amor do povo. Embora sem deixar que seu poder fosse ameaçado, ele restaurou a honra e a segurança do senado. Sua esposa, Plotina, era tão simples e benevolente quanto o marido. Não havia uma corte real, nem pompa imperial nem intrigas durante seu reinado. A vitória militar na guerra dos Dócios, ao longo do Danúbio, trouxe sete anos de paz.

Em 113, Trajano se empenhou em estender o Império para o Leste. Embora ele tivesse impressionantes vitórias, a campanha foi um fracasso, encorajando o levante dos judeus, que só foi aplacado por Adriano. Adoecendo em 117, Trajano retornou de barco à Itália e morreu em agosto, em Selinus, na Cilícia.

Trithemius, Johannes: (1462-1516) Adivinho, historiador e mago alemão, nascido em Tritenheim, perto de Trier, no Rio Moselle. Seu nome de nascimento era Heidenberg, mas, de acordo com o costume de sua época, ele adotou o nome de sua cidade natal. Quando tinha apenas 1 ano de idade, seu pai, um vinhateiro, morreu, e a mãe se casou com um homem que o tratava mal. Isso pode talvez explicar sua precocidade e misticismo. Ele afirmava que, quando ainda era criança, um anjo lhe apareceu em um sonho e lhe mandou escolher entre duas

tábuas com letras inscritas nelas. Quando escolheu uma, o anjo lhe prometeu atender às suas preces, e sumiu. Desde aquele dia, ele teve fome de conhecimento e aprendeu sozinho a ler alemão em apenas um mês. Sua necessidade de aprender se tornou voraz. Ele ia em segredo à casa de um vizinho à noite que lhe ensinava latim à luz de velas. Como era infeliz em casa, viajou primeiro a Trier e depois a Heidenberg, onde recebeu instrução, nas artes secretas, de um misterioso estranho.

Em 1482, ele decidiu voltar a Trittenheim, mas foi pego por uma borrasca no caminho e teve de procurar abrigo no mosteiro beneditino de São Martino em Sponheim. Lá, de repente, ele resolveu se tornar monge. Tal resolução foi tão feliz que, em 1485, ele foi nomeado abade, contra sua vontade, com apenas 23 anos.

Imediatamente, Trithemius começou a consertar os edifícios em decadência e a reconstruir a biblioteca, que por negligência dos monges tinha se resumido a um total de apenas 48 livros. Nos 23 anos seguintes, ele aumentou o número de volumes para 2 mil. Os livros abordavam todos os assuntos. A fama da biblioteca atraía estudiosos de toda a Europa, e estudantes, como Agrippa e seu contemporâneo, Paracelso, vinham estudar temas esotéricos, tais como alquimia e magia natural. Membros de famílias reais, até o próprio imperador Maximiliano I, consultavam Trithemius, graças à sua erudição.

Sua influência sobre a arte e a ciência da época é incalculável - só se pode conjecturar, por exemplo, o quanto ele influenciou os escritos cabalísticos de Reuchlin ou as proporções

neoplatônicas do artista Dürer. Agrippa estava com Trithemius quando escreveu o primeiro manuscrito da *Filosofia oculta* em 1509-10, que ele dedicou ao seu professor.

Inevitavelmente, Trithemius foi acusado de feitiçaria, acusação que ele negaria com veemência a vida toda. Há uma fábula segundo a qual ele teria chamado o fantasma de Maria, a esposa falecida do imperador Maximiliano. Embora ela não pudesse falar, o imperador a reconheceu por causa de uma verruga que tinha no pescoço, e lhe asseguraram que o espectro não era um demônio disfarçado dela. O dramaturgo inglês Christopher Marlowe (1564-1593) usou uma versão dessa história em sua peça *Doctor Faustus* (ato 3, sc. 2, linhas 63-73).

Em 1506, Trithemius renunciou a seu posto em Sponheim e foi nomeado logo depois abade do mosteiro de S. Jakob em Würzburg, onde permaneceu durante a última década de sua vida. A Trithemius são atribuídas cerca de 70 obras, as mais importantes das quais, em termos de magia, são: *Steganographia*, sobre cifras e alfabetos mágicos; *De septem secundeis*, anjos planetários que regem o ciclo das eras; e *Veterum sophorum sigilla et imagines magicae*, uma série de descrições de talismãs e imagens mágicas.

Túlio, Sérvio: (século VI a.C.) O sexto rei de Roma governou entre 578 e 534 a.C. Sua mãe era escrava da esposa de Tarquino Prisco. Túlio nasceu e foi criado no palácio real como filho do rei e desposou sua filha. Quando os filhos do rei assassinaram Tarquino, em uma tentativa de garantir o trono, que parecia cair nas mãos de seu escravo favorito, Túlio escondeu a morte do rei

até que tivesse obtido controle total do governo. Regente sábio e moderado, ele sempre teve o apoio do povo. Tem o crédito de ter estabelecido a constituição e as instituições civis de Roma. Foi assassinado por L. Tarquino Prisco e sua própria filha, Aruns.

Valentino: (século II d.C.) O mais proeminente líder de uma seita gnóstica. Nasceu no Baixo Egito e foi criado e educado em Alexandria. Por volta de 135, foi a Roma como cristão ortodoxo e candidato ao bispado de Roma, mas, quando foi indicado para o posto, começou a revelar suas visões heréticas - ou talvez tenha sido a expressão de tais visões que tenha negado sua colocação. Por volta de 160, ele saiu de Roma e viajou ao Chipre, onde seu rompimento com a Igreja se tornou irrevogável. O gnosticismo valentiniano tinha um sistema elaborado de 30 éons e partilhava com outras seitas gnósticas uma profunda reverência pelo princípio criativo feminino. É descrito em detalhes por Irineu, em sua *Adversus hereses*.

Varro, Terêncio: (116-28 a.C.) Esse célebre escritor era chamado de “o mais douto dos romanos”. Sem dúvida, ele foi um dos mais prolíficos, compondo 490 livros, dos quais só dois ainda existem: *De re rustica libri III*, um tratado de agricultura; e *De língua latina*, um tratado gramatical repleto de informações culturais curiosas e do qual só seis, dos 24 livros, ainda existem. Grande parte de seu *De cultu deorum* chegou até nós graças às copiosas referências feitas por Agostinho em sua *Cidade de Deus*.

Vaughan, Thomas: (1622-1666) Alquimista inglês e filósofo místico, nascido de uma antiga família galesa em

Newton St. Briget, perto de Scethroby-Usk, Brecknockshire. Ele se graduou em Oxford em 1642 e, em seguida, dedicou-se com grande fervor à arte da alquimia em Newton, na fazenda de seu irmão gêmeo, o poeta Henry Vaughan, e em vários locais de residência em Londres. Sir Robert Murray financiou suas pesquisas. Segundo relatos dele mesmo, Vaughan conseguiu descobrir o fabuloso elixir, como ele o descreve, “um óleo com o qual fiz milagres” (Waite 1888, ix). Ele morreu “quando estava operando forte mercúrio, e parte entrou-lhe no nariz, matando-o” (*Ibid.*, viii). Sob o pseudônimo de Eugenius Philalethes, ele escreveu *Anthroposophia theomagica*, *Anima magica abscondida*, *Magia Adamica* e *Coelum terrae*, todos em 1650, quando se encontrava sob a poderosa influência dos escritos de Agrippa. Na verdade, ele quase deifica Agrippa, tamanhos são seus elogios. Os escritos posteriores de Vaughan incluem *Aphorismi magic eugeniani* (1651), *The Fame and Confession of the Fraternity of R.C.* (1652) e *Aula lucis* (1652).

Verres, Caio: (?120-43 a.C.) Um magistrado romano inescrupuloso cujo interesse maior na vida era ser o cãozinho fiel de algum homem poderoso, obter dele um cargo político e depois pilhar os infelizes cidadãos que estivessem sob seu domínio, finalmente comprando e conspirando para não ser perseguido, traíndo seu antigo mestre. Em 82 a.C., ele foi questor de Carbo e membro do partido mariano. Desertou Carbo e se aliou a Sula, que lhe deu de presente terras em Beneventum e, mais importante, segurança contra a perseguição por seus crimes de desfalque.

Em 80 a.C, ele se tornou questor de Dolabella, governador da Cilícia, que ele ajudou a pilhar. Quando Dolabella foi julgado em 78 a.C, Verres o traiu em troca de perdão. Em 74 a.C, por meio de exorbitantes subornos e sua associação com Sula, Verres se tornou pretor de Roma e vergonhosamente abusou de sua autoridade para fins políticos. Enviado como governador a Sicília, a província mais rica de Roma, ele extorquiu tanto dinheiro e deixou a população tão empobrecida que se diz que o povo sofreu mais com ele que nas guerras anteriores.

Incapazes de aguentar mais, os sicilianos imploraram a Cícero que processasse Verres por seus crimes diante do Senado. Cícero concordou. Verres se vangloriava, dizendo que havia roubado tanto dinheiro da Sicília que poderia gastar três quartos de tudo em suborno e ainda continuar rico. Escolheu Hortêncio, o melhor advogado romano, para defendê-lo e tentou fazer com que Cícero fosse substituído por Cecílio, muito menos habilidoso. Os sicilianos rejeitaram a artimanha. Felizmente o juiz e pretor da cidade, Acílio Glábrio, era um homem honesto. Ele empregou um processo técnico de direito romano chamado *divinatio*, no qual os judicantes, sem ouvir evidência, determinavam quem seria o promotor. Cícero continuou. A última esperança para Verro era prorrogar o julgamento até o ano seguinte, quando seus amigos estariam no poder. Mas, empenhado até a alma, Cícero coletou evidências e apresentou o processo em um único discurso, *Divinatio in Q. Caecilium*, e em uma subsequente declaração do caso. A

defesa foi pega despreparada. Verres fugiu para Marselha com tanta pilhagem quanto conseguiu carregar. Cícero acabou publicando o restante do discurso que planejara para o julgamento, mas que não tivera tempo de apresentar.

Em 43 a.C, Verres foi proscrito por M. Antônio, que também cobiçava parte de seus tesouros roubados. E assim terminou a vida de uma dos mais repulsivos romanos lembrados pela história.

Vila Nova, Arnoldas de: (?1235-1313) Também chamado Arnoldus de Villanueva, Arnoldus Villanovanus ou Arnaud de Villeneuve. Um alquimista espanhol, astrólogo e médico que conquistou uma considerável reputação em Paris, mas foi obrigado a fugir para a Sicília, para escapar da ira da Igreja. Por volta de 1313, foi chamado a Avignon em sua condição de médico para tratar do papa Clemente V, que estava doente; mas ele morreu a bordo do navio antes de completar a viagem. Muitos escritos alquímicos foram atribuídos a ele, embora de autenticidade questionável. Foram coletados e publicados em Lião em 1504, junto com uma biografia de sua vida.

Vitelo: (século XIII) Também escrito como Witelo ou Vitellio, filósofo natural polonês que escreveu a obra *Optics*, por volta de 1270. Nela, ele tenta resolver o problema de Aristóteles: “Por que é que quando o Sol passa por espaços quadriláteros, como em trabalhos de vime, por exemplo, não produz figuras de forma retangular, e sim circular?” (Problems 15.6.911b [Hett, 1:333]. Ele foi o primeiro a propor a noção de que os

arco-íris são causados por refração através de gotas de chuva, em vez do reflexo delas, refutando a visão apregoada por Aristóteles em sua *Meteorologia*. O trabalho de Vitelo baseia-se, em grande parte, no filósofo árabe Alhazen, que morreu em 1038.

William de Paris (Guilherme de Paris): (?1180-1249) Também chamado de Guilherme de Auvergne. Ele se graduou em Teologia na universidade de Paris. Quando era diácono da Igreja, foi a Roma para apelar por uma eleição disputada, impressionou tanto o papa que ganhou o posto de bispo. De 1228 até sua morte, foi bispo de Paris. Durante esse período, concedeu aos dominicanos sua primeira cadeira de teologia naquela cidade e participou de um ataque contra o *Talmude*. Sua principal obra é *De universo*, que trata de magia, adivinhação, demônios, astrologia e as virtudes ocultas.

Xanthus: (século V a.C.) Filósofo da Calcedônia. Seguiu Platão até a Sicília em 361 a.C. Quando Platão morreu (347 a.C), ele se apegou a Aristóteles e se tornou o diretor da Academia em Atenas de 339 a 314 a.C. Sua filosofia segue intimamente a de Platão, mas ele acreditava que os números ideais e os números matemáticos são os mesmos, uma noção mágica que, em essência, era sustentada pelos pitagóricos, atraindo a crítica de Aristóteles em sua *Metafísica* (13.1, 9). Só os títulos de suas obras sobreviveram, mas é citado e referido com frequência.

Zacarias, o Babilônio: Autor de um antigo lapidário usado por Plínio como uma fonte para o livro 37 de sua *História natural*. Fora isso, ele e sua obra são desconhecidos.

Zamolxides: Ver Zamolxis.

Zamolxis: Também chamado Zalmoxis ou Gebeleizis. Deus dos Getae, uma tribo da Trácia que habitava o sul da foz do Rio Danúbio. A cada cinco anos, os Getae escolhiam um homem para levar mensagens ao deus e o jogavam para o alto, quando então ele caía sobre lanças apontadas para cima e seguradas pelas mãos dos membros da tribo. Era considerado um bom augúrio se o homem morresse. Heródoto conta essa história e acrescenta:

Ouvi dizer dos gregos que habitam as praias do Helesponto e do Ponto que Zalmoxis era na realidade um homem que vivia em Samos e fora escravo de Pitágoras, filho de Mnesarchus. Após obter a liberdade, ele ficou rico, saiu de Samos e retornou à sua terra natal. (Heródoto, *História* 4 [Rawlinson, 233])

Zalmolxis teria construído uma câmara subterrânea secreta, na qual se escondeu por três anos; e então de repente e milagrosamente saiu para dar crédito à sua doutrina da imortalidade. Quanto a isso, Heródoto comenta, cético: “Pessoalmente, nem ponho muita fé nessa história de Zalmolxis e sua câmara subterrânea nem desacredito totalmente dela: mas creio que Zalmolxis viveu muito antes da época de Pitágoras” (*Ibid.*). Platão o menciona brevemente como uma pessoa habilidosa em magia: “Pois se, como ele declara, você já tem esse dom da temperança, nesse caso não precisa de encantamento algum, seja de Zalmolxis ou de Abaris, o Hiperbóreo, e eu posso lhe dar a cura da cabeça imediatamente” (Carmides

158-b [Jowett, 104]). Dizem que Zalmolxis é idêntico a Sabazius, o Dioniso de Trácia. Mnaseas de Petra o identificava com o deus Cronus.

Zenotenus: Ver Zenothemis.

Zenothemis: Autor de um lapidário usado como uma fonte de referência por Plínio em sua *História natural*. Nada se sabe do autor ou de sua obra.

Zoroastro: (séc. VII a.C.) Também chamado Zaratustra (iraniano) ou Zardusht (persa). O fundador da religião dos magos, nascido na parte norte do atual Irã. Nada se sabe ao certo de sua vida pessoal. Ele foi responsável por abolir o culto sensual dos deuses e definir Deus como os dois princípios opostos abstratos - Aúramasda, o Sábio Senhor, e Arimã, o Espírito Maligno. Plínio comenta: “Sabemos que Zoroastro foi o único ser humano que riu no mesmo dia em que

nasceu. Ouvimos falar também que seu cérebro pulsava com tanta força que repelia qualquer mão que se colocasse sobre ele, um presságio de sua visão futura” (Plínio 7.16 [Bostock e Riley, 2:155]). Ele também afirma: “Dizem que Zoroastro viveu 30 anos no deserto, comendo queijo, preparado de uma maneira tão peculiar, que se tornou insensível aos avanços da idade” (Plínio 11.97 [Bostock e Riley, 3:85]).

Uma coletânea de aforismos metafísicos chamados de *Oráculos caldeus de Zoroastro* era muito popular na Idade Média, e com certeza Agrippa conhecia pelo menos alguns deles. Segundo Franz Cumont, a literatura atribuída a Zoroastro na biblioteca de Alexandria chegava a dois milhões de linhas, mas nenhum desses textos sobreviveu.



Dicionário geográfico



Acaia: Terra na costa norte de Peloponeso.

Aegos-Potamos: Pequeno rio que desaguava no Helesponto (atual Dardanelos), atravessando a região trácia e Chersonesus (atual península de Galípoli). Há uma pequena cidade ao lado do rio com o mesmo nome.

Agra: Uma das antigas divisões (demus) da Ática, ficava às margens do Rio Ilissus, cuja fonte era na descida do Monte Hymettus, não muito longe da região sudeste de Atena. Agra continha um templo a Ártemis Agrotera.

Alcomeneum: Talvez Orchomenus. Ver nota separada.

Alexandria: Porto no Baixo Egito bem a oeste do delta do Nilo. Fundada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C, serviu como capitólio sob o governo dos Ptolomeus.

Amathus: Ou Amathunstis, antiga cidade na costa sul de Chipre (atual Limassol) que se orgulhava de um célebre templo a Afrodite, a qual, por

consequente, também levava o nome de Amathusia.

Apúlia: A região na costa sudeste da Itália. O calcanhar da bota da Itália era chamado pelos romanos de Calábria, distinto de Apúlia, que formava fronteira ao sul.

Arábia Feliz: A Arábia era dividida pelos antigos em três partes: Arábia Pétreia - atual Sinal, Israel e oeste da Jordânia; Arábia Deserta - interior e parte norte da Arábia Saudita, leste da Jordânia e Iraque; e Arábia Feliz - sudoeste da Arábia Saudita e Iêmen. A designação “feliz” é derivada das terras baixas férteis ao longo da costa do Mar Vermelho.

Aracinto: Montanha na costa sudoeste de Etólia, perto de Pleuron (próximo ao atual Mesolongion, Grécia central). Escritores de épocas posteriores erroneamente identificavam a montanha na fronteira da Beócia e Ática, associando-a ao herói Amphion: “eu canto os cânticos que, sempre que chamava para casa seus rebanhos, Amphion de Dirce costumava cantar no Aracinto de Ática”

(Virgílio *Éclogas* 2, linha 24 [Longsdale e Lee, 14]).

Arcádia: A região montanhosa no meio do Peloponeso, Grécia.

Argo: Cidade em Argolis, Peloponeso (atual Argos). Era célebre pelo culto a Hera. Seu templo, chamado Heraeum, ficava entre Argos e Micenas.

Ariana: As províncias ao leste do antigo império persa (atual região central e leste do Irã).

Arícia: Antiga cidade de Lácio, no sopé do Monte Albano, na Via Ápia, a cerca de 25 quilômetros da antiga Roma. Perto da cidade havia um templo e um bosque consagrado a Diana.

Arpina: Antigo lugar em Elis, perto do Rio Alfeu (não muito longe da atual Olimpia, no Peloponeso, Grécia).

Arrephina: Talvez Arpina. Ver nota separada.

Asculum: Principal cidade de Piceno, uma região central da Itália (atual Ascoli Piceno).

Ática: A áspera região triangular na Grécia, aos arredores de Atenas, que se estende ao sul do monte Parnis.

Aventinum: Monte Aventinus, uma das sete colinas sobre as quais a antiga Roma foi construída. Sustentava o templo de Diana e, por esse motivo, Marcial a chamava de *Collis Dianae*.

Azoto: Cidade livre dos filisteus perto do litoral (atual Ashdoed, em Israel).

Bactria: Província do império persa, a sudoeste da nascente do Rio Oxus (atual Amu-Dar'ya), que o dividia da província persa de Sogdiana, na marge nordeste. Ocupava a parte

nordeste do atual Afeganistão. Agrippa a chama de “Ilha Bractia”, mas não é mencionada por Ptolomeu, que a agrupa em meio a Casperia e Serica (Tetrabiblos 2.3 [Robbins, 147, 159]).

Bastarnia: Região na costa norte do Euxino (Mar Negro), entre os Rios Tiras (atual Dniester) e Borístenes (Dnieper), estendendo-se até o sul, na embocadura do Danúbio. Era lá que vivia a tribo germânica guerreira que enfrentava com frequência os romanos na Macedônia até serem permanentemente expulsos para o norte do Danúbio em 30 a.C. Corresponde, em termos aproximados, ao sul da Ucrânia.

Beócia: Distrito na antiga Grécia, localizado no que é hoje a região central do país. Tebas era sua cidade principal.

Berecinto: Monte Berecinto, uma montanha na Frígia que era consagrada a Cibele, de onde ela recebeu o nome de Cybele Berecynthia.

Bitínia: Distrito da Ásia Menor (Turquia) na costa sul do Pontus Euxinus (Mar Negro) entre Paflagônia, ao leste, e Mísia, a oeste.

Bizâncio: Cidade no Bósforo (Trácia), defronte à entrada para o Euxino (Mar Negro). O imperador Constantino mudou o nome da cidade para Constantinopla em 330 (atual Istambul, Turquia).

Borístenes: Ou Borysthenis, uma cidade na foz do rio do mesmo nome (atual Dnieper, na Ucrânia).

Calábria: Península na região sudeste da Itália; formava parte de Apúlia.

Caldeia: Província babilônica na região que hoje é a área sudeste do Iraque. Em um sentido mais amplo, o termo se aplica a toda a Babilônia.

Caledônia: Nome romano para o norte da Grã-Bretanha, ainda usado em um sentido poético para se referir à Escócia.

Callichoros: Talvez Calycadnus. Ver nota separada.

Calycadnus: Rio em Cilícia Tracheia (atual Goksu na costa sul da Turquia); no entanto, não fica sequer perto da Paflagônia.

Cannae: Vilarejo em Apúlia localizado a nordeste de Canusium (perto da atual Andria, Itália). É famoso como o local da vitória do general cartaginês Aníbal sobre o exército romano em 216 a.C.

Capadócia: Uma região montanhosa da Ásia Menor, com boa pastagem para cavalos (era localizada mais ou menos no centro da atual região leste da Turquia, no Lago Tuz).

Cartago: Grande cidade na costa norte da África (perto da atual Tunísia) que, em determinada época, rivalizava com Roma em poder e riqueza. Controlava a região correspondente à atual Tunísia, que era chamada de Carcedônia.

Cáspia: Região dos caspii (caspianos), tribos citas que habitavam as costas sul e sudoeste do Mar Cáspio. Estrabo os localiza na costa oeste; Heródoto e Ptolomeu, na costa sul.

Catana: Ou Catina, cidade na costa leste da Sicília, no sopé do Monte Etna (atual Catania).

Céltica: Uma das três partes nas quais Júlio César dividiu a Gália.

Corresponde às regiões central e oeste da França.

Chonia: Distrito no sul da Itália em volta da cidade de Chone. Diz-se que incluía a parte sudeste da região habitada pelos lucanos e leste de Bruttium (o calcanhar da Itália). Há quem pense que seu povo tinha alguma ligação com os Chaones de Epiro, norte da Grécia.

Chrysa: Cidade na costa da Troia, perto de Tebas (ficava ao sul da Ilha de Bozcaada, Turquia, não muito longe da antiga Troia). Havia ali um templo de Apolo Smintheus.

Cilícia: A parte da costa sul da Ásia Menor (Turquia) que se projeta no Mar Mediterrâneo, defronte à Ilha de Chipre, estendendo-se a leste até a atual cidade de Maras.

Ciméria: Os cimerianos eram um povo mítico que habitava o extremo oeste do oceano, envoltos em brumas e escuridão. Houve um povo real com o mesmo nome que vivia à margem do Rio Palus Maeotis (Mar de Azov).

Cinto (Cynthus): Montanha na Ilha de Delos (a oeste da Ilha maior de Mikonos, no mar Egeu). Apolo e Ártemis teriam nascido ali.

Cirenaica: Distrito no Norte da África, localizado na costa do Mediterrâneo entre Marmaridae, a leste, e Syrtis Major (golfo de Sidra), a oeste. Parte nordeste da atual Líbia.

Cirene: Principal cidade de Cirenaica, uma região no norte da África (atual Shabat, Líbia).

Cithaeron: Monte Cithaeron, cordilheira cujo pico mais alto era consagrado a Cithaeronian Zeus, e o local do festival se chamava *Daedala*. Era

situado nas fronteiras entre Ática, Beócia e Mígaris (mais ou menos entre as regiões atuais de Thivai e Megara, na Grécia).

Citera: Uma ilha ao sudoeste de Lacônia (atual Kithira, ao sul de Peloponeso). Havia uma cidade no interior com o mesmo nome. A ilha foi colonizada pelos fenícios, os quais trouxeram o culto a Afrodite. Por esse motivo, a deusa era chamada de Citerea ou Cythereis.

Cita: Uma grande região ao norte do Ponto Euxino (Mar Negro), fazendo fronteira a oeste com as montanhas Cárpatos e a leste com o Rio Tanais (atual Don). Corresponderia, mais ou menos, ao extremo sul da Rússia europeia.

Claros: Ver Clarus.

Clarus: Pequena cidade na costa da Jônia perto de Colophon (extremo leste do golfo de Kusada, Turquia). Era conhecida por seu templo e oráculo de Apolo, que recebeu o sobrenome de Clarus.

Clazômenas: Uma importante cidade na Ásia Menor, localizada no Golfo de Smirna (atual Golfo de Izmir, Turquia).

Cnidus (Cnido): Ver Gnidus.

Cólquida: Região da Ásia na costa leste do Euxino (mar Negro) que corresponde à atual região oeste da Geórgia, antiga União Soviética.

Comagena: Ver Commagene.

Commagene: Distrito na região nordeste da Síria, notável na antiguidade por suas terras férteis para agricultura.

Crotona: Cidade no extremo sul da Itália (ainda existente). Uma cidade grega fundada em 710 a.C, floresceu como o lugar que Pitágoras escolheu para estabelecer sua escola.

Crustumerium: Antiga cidade sabina em Lácio, localizada nas montanhas à nascente do Rio Alia, não longe do Rio Tibre (cerca de 17 quilômetros a norte de Roma).

Cynops: Talvez Cinópolis, uma cidade do Médio Egito localizada em uma ilha do Nilo. Era uma das principais sedes do culto a Anúbis. Havia também uma cidade do mesmo nome no delta do Nilo.

Delos: A menor das Ilhas Cíclades. Segundo uma lenda, ela foi erguida do mar por Posêidon, ficando à deriva até que Zeus a amarrasse com correntes adamantinas para ser o local onde nasceriam Apolo e Ártemis (fica logo a oeste de Mikonos).

Delfos: Pequena cidade em Fócis (Grécia central), famosa como sede do oráculo de Apolo. Homero a menciona sob seu nome original, Pito. Era considerada o centro do mundo e chamada de “umbigo da Terra”. Dentro do templo de Apolo havia uma rachadura que exalava fumaças tóxicas. A pitonisa se sentava sobre esse local, em um tripé, e recebia o dom da profecia sempre que respirava os vapores. Não há o menor traço dessa rachadura em tempos modernos.

Díndimo: Ou Dindyma, ou Dindyorum, uma montanha na Frígia perto da cidade de Pessino (atual Murat Dagi, perto da cidade de Usak, na região Centro-Oeste da Turquia). Era consagrada a Cibele, que recebia, por isso, o nome de Dindymene.

Dotan: Cidade na região central da Palestina. É identificada com a atual Tell Dotan, localizada cerca de 96 quilômetros ao norte de Jerusalém.

Dotham: Ver Dotan.

Éfeso: Principal das 12 cidades jônicas na costa da Ásia Menor (era localizada no atual golfo de Kusada, Turquia). Para além de suas muralhas se encontrava um famoso templo de Ártemis.

Elam: Região das montanhas Zagros, no oeste do Irã.

Elêusis: Cidade na Ática que ficava a noroeste de Atenas, na costa perto da fronteira com Megara. Possuía um templo de Deméter e era o local das eleusínias, festival em homenagem a essa deusa e à deusa Perséfone.

Elis: Região na costa oeste de Peloponeso, onde Zeus era adorado em Olímpia, perto de Pisa, com um festival exuberante a cada quatro anos.

Enna: Também chamada Henna, antiga cidade fortificada na Sicília, considerada o centro da ilha. Um célebre templo de Deméter se localizava lá. Aos visitantes era mostrado um prado em que se dizia que Plutão teria escondido Perséfone e uma caverna na qual os dois teriam desaparecido debaixo da terra.

Epidamnus: Cidade na Ilíria, Grécia (atual Durres, na costa da Albânia).

Epidaurus: Cidade em Argolis (em Peloponeso) no Sinus Saronicus, que governava o distrito litorâneo chamado Epidauria, independente até os tempos romanos.

Epidaurus Limera: Cidade na costa leste de Lacônia (no lado leste da extremidade sul de Peloponeso). Não

deve ser confundida com Epidaurus em Argolis.

Epiro: Noroeste da Grécia.

Ercta: Também chamada Ercte, ou Hiercte (atual Monte Pellegrino), uma montanha perto de Palermo, na costa norte de Sicília. Teve participação na primeira Guerra Púnica como posição fortificada para os cartagineses.

Esparta: Ver Lacedemônia.

Etna: Montanha vulcânica na região nordeste da Sicília.

Etrúria: Região central da Itália (atual Toscana), o coração do império etrusco, que foi uma grande potência antes da ascensão de Roma.

Fenícia: Nação que fazia comércio marítimo e ocupava um trecho de cerca de 16 quilômetros de largura ao longo da costa leste do Mar Mediterrâneo (litoral do atual Líbano e Síria).

Fregellanus: Uma importante cidade em Lácio que, em tempos antigos, era a região da Itália central ao sul do Tibre. Foi destruída por Optimus em 125, quando se envolveu em uma revolta contra Roma.

Frígia: Região da Ásia Menor (Turquia) que fazia fronteira com Mísia, Lídia e Caria a oeste; Lícia e Pisídia ao sul; Bitínia ao norte; e Lacônia e Galácia ao leste, a última das quais era às vezes considerada parte da Frígia (correspondendo mais ou menos à região centro-oeste da Turquia).

Getúlia: Grande região no interior do norte da África que corresponde à atual região central da Argélia.

Gilboa: Montanha no extremo norte de uma cadeia de colinas em Samoria (atual Jelbun, Israel).

Gnidus: Ou Cnidus (Cnido), célebre cidade lacedemônia na costa oeste da Ásia Menor (Turquia), localizada na ponta do promontório sul de Sinus Ceramicus (Golfo de Kerme).

Gordiana: Gordiaea, Gordyaei, Gordyene ou Corduene, um distrito montanhoso no sul da Armênia Maior, entre Arsissa Palus (Lago Van, na Turquia) e os Montes Gordyaei. Localiza-se na atual área central da Turquia e Armênia.

Grinia: Ou Grynium, antiga cidade fortificada na costa de Sinus Elaiticus (atual Golfo de Candarli, Turquia). Era famosa por seu templo e oráculo de Apolo Grynaeus.

Heliópolis: Duas antigas localidades tinham o nome de Heliópolis: (1) na Síria, principal sede do culto a Baal, cuja imagem era o Sol, o qual os gregos identificavam com Apolo e Zeus (localizada no atual Líbano, não muito longe do leste de Zegarta); (2) e no Baixo Egito (logo a nordeste da atual Cairo). Era a essa cidade que a fênix retornava para renascer.

Helesponto: Estreito ligando o Mar Egeu ao Mar de Marmara, atual Turquia.

Hermópolis Magna: Uma das mais antigas cidades no Egito, era a sede principal do culto a Anúbis e o local sagrado de sepultamento da íbis, o pássaro-símbolo de Thoth (Hermes). A cidade era localizada na margem oeste do Nilo, logo abaixo da fronteira com o Alto Egito (não longe ao sul da atual El Minya).

Hiperbórea: Região mítica onde o Sol nascia e se punha uma vez por ano,

habitada por um povo abençoado que adorava Apolo e vivia até mil anos. Originalmente, devia ser uma referência às selvas da Tessália, mas à medida que o conhecimento de geografia se expandia, ela começou a ser atribuída mais para uma área norte, na própria costa do Oceano Hiperbóreo. O termo “hiperbóreo” passou a significar “extremo norte”, podendo, nesse sentido, aplicar-se a qualquer coisa.

Hircânia: Província do antigo império persa localizada na costa sudeste do Mar Cáspio.

Homolium: Cidade na Tessália, no sopé do Monte Ossa. Ficava no local da atual Lâmia.

Hypaepa: Cidade na Lídia, na inclinação sul do Monte Timolus, perto da margem norte do Caister (não longe da atual Tiro, oeste da Turquia).

Ida: Duas montanhas tinham esse nome: (1) em Creta, onde Zeus foi criado até a idade adulta; (2) em Mísia, Ásia Menor (localizada cerca de 16 quilômetros ao sul dos confins mais remotos do Golfo de Edremit, noroeste da Turquia). Foi o cenário do estupro de Ganimedes e do julgamento de Páris, e era a antiga sede do culto a Cibele, que por isso era chamada também de *Idaea Mater*.

Idália: Cidade e Chipre (atual Dali) que era consagrada a Afrodite. A deusa recebia o sobrenome de Idália.

Idumeia: Forma grega de Edom, da Bíblia, que na época dos romanos se estendia ao longo do leste do Mediterrâneo, desde o Hebron ao norte até Arábia Pétreia ao sul (corresponde à atual região sul de Israel).

Imbros: Uma ilha no norte do Mar Egeu (atua Imroz). Era a sede do culto aos Cabiri, divindades místicas identificadas com Hephaestus. Outra cidade também chamada Imbros se localizava ao leste da ilha.

Judeia: Nome romano para a Palestina, que nas Escrituras era chamada Canaã. Corresponde mais ou menos ao atual Israel.

Lacedemônia: Outro nome para a cidade de Esparta, principal cidade de Peloponeso (Grécia) e capital de Lacônia.

Lácio: Região central da Itália.

Lacônia: Região sudoeste do Peloponeso.

Lemnos: Uma das maiores ilhas no Mar Egeu (atual Limnos). Havia duas cidades, Mirian (Mirina), na costa oeste, e Hephaestia, ou Hephaestias, na costa noroeste, a segunda tendo recebido o nome do deus a qual era consagrada. Hephaestus teria caído em Lemnos quando Zeus o agarrou pelo calcanhar e o jogou do alto do céu. Em tempos remotos, a ilha tinha um vulcão chamado Mosychlus.

Leucádia: Também chamada Leucas (ainda existente), uma ilha no Mar Jônico.

Lócris: Região da Grécia entre o Golfo de Corinto e a costa defronte à Ilha de Eubeia. Os nativos eram divididos em povos do leste e do oeste, os últimos sendo uma colônia dos primeiros. Homero só menciona os habitantes do leste, enquanto Thucydides chama o povo do oeste de rude e bárbaro.

Lucania: Região no sul da Itália, no lado oeste de Sinus Tarentinus (Golfo de Tarento).

Lucrinus Lacus: Originalmente uma baía profunda na costa de Campanha (atual Golfo de Pozzuoli, Itália), foi separada do mar por uma violenta atividade vulcânica em tempos pré-clássicos e se tornou um lago de água salgado, famoso por seus leitos de ostras. Em 1538, uma montanha vulcânica chamada Mounte Nuovo se ergueu do lado e o destruiu.

Lícia: Um distrito na costa sudoeste da Ásia Menor que abrangia a projeção semicircular entre o atual Golfo de Antália, Turquia, e a Ilha de Rhodes.

Lídia: Distrito ocupando a costa média da parte oeste da Ásia Menor (oeste da Turquia). Mísia ficava ao norte e Caria ao sul na península, dividindo-a em três regiões.

Ligúria: Região montanhosa no noroeste da Itália que, em tempos remotos, tinha uma extensão consideravelmente maior que a província atual com o mesmo nome. Sua fronteira norte era o Rio Pó.

Macedônia: Uma região que cobria o norte da atual Grécia, terra natal de Alexandre, o Grande.

Maeotis Palus: O mar interno (atual Mar de Azov) na fronteira entre Europa e Ásia. Os antigos tinham apenas ideias vagas de seu tamanho e forma. As tribos citas que habitavam suas praias eram chamadas de Maeotae.

Magnésia: Distrito na parte leste da Tessália, na Grécia. Tinha a forma de

um trecho montanhoso estreito ao longo da costa delimitada a oeste pela planície tessália (ele compreendia a terra a leste de uma linha entre a atual Larisa e Volos).

Malea: Um promontório a sudeste de Lacônia entre os golfos de Argolis e Lacônia (atual Cape Malea). Era uma passagem temida pelos marinheiros. Ali existia um templo de Apolo Maleates. Agrippa parece confundir esse local com o promontório sul da ilha de Lesbos, que também se chamava Malea.

Maleoton: Ver Maleventum.

Maleventum: Antiga cidade em Samnium na Via Ápia. Os romanos lhe deram outro nome, após a terem conquistado e colonizado: Beneventum (atual Benevento, Itália).

Mallois: Ver Malea.

Mantiana: Mantiana Palus, também chamada Arsissa Palus (atual Lago Van, Turquia), um grande lago no sul da Armênia Maior.

Mareotis: Um lago na costa oeste do Egito separada do Mediterrâneo apenas por um estreito trecho de terra sobre o qual se erguia a cidade de Alexandria. O lago servia de porto para a cidade.

Mares da Ásia Menor (Turquia):

Euxino (Mar Negro), Propontis (Mar de Marmara) e talvez o Maeotis Palus (Mar de Azov).

Marmarica: Distrito no norte da África localizado entre Cirenaica a oeste e o antigo Egito a leste. Corresponde à parte noroeste do atual Egito.

Média: Uma província populosa, fértil, do império persa que ficava a

sudoeste do Mar Cáspio, na extremidade noroeste do atual Irã.

Megarís: Pequeno distrito da Grécia entre Sinus Corinthiacus (Golfo de Corinto) e Sinus Saronicus.

Mênfis: Antiga cidade egípcia na margem oeste do baixo Nilo (não muito longe, ao sul da atual Cairo).

Meotis: Ver Maetois Palus.

Meroe: Antes de se tornar distrito da Etiópia, Meroe abrangia as terras entre o Nilo Azul, o Nilo e o Rio Arbar e era quase cercada por água a tal ponto que o chamavam de ilha. A cidade do mesmo nome, sua capital, ficava no extremo norte da margem leste do Nilo (perto de Ed Damer, no Sudão).

Metagonitis: A costa norte de Mauritània Tingitana (atual Marrocos). O nome Metagonium aplica-se a um único promontório nesta costa.

Metana: Uma antiga cidade em Troezenia, distrito a sudeste de Argolis, que ocupava a extremidade peninsular do Peloponeso, na Grécia. A cidade ficava defronte à Ilha de Egina, no sopé de uma montanha vulcânica.

Micenas: Uma antiga cidade em Argolas, cerca de 9,5 quilômetros a nordeste de Argos, no Peloponeso (atual Mikinai). Durante o reinado de Agamenon chegou ao ápice de sua glória e foi a cidade de maior proeminência na Grécia.

Mileto: Uma cidade na costa da Ásia Menor defronte à embocadura do Rio Meandro (atual Menderes).

Minturnae: Cidade no Lácio, perto da embocadura do Rio Liris, onde a cidade italiana de Minturno existe hoje.

Nárnia: Cidade no Rio Nera que flui para o Tibre (atual Narni, Itália).

Nasamonía: Os habitantes dessa cidade eram um povo belicoso da Líbia que viviam na costa de Syrtis Major (Golfo de Sidra). Foram expulsos para o sul, embrenhando-se na África, pelos colonizadores gregos e romanos que vieram para a Cirenaica.

Naucratís: Uma cidade grega no delta do Nilo que foi fundada por volta de 550 a.C. Era o único lugar no antigo Egito onde os gregos tinham permissão de se estabelecer e fazer comércio.

Naxos: A maior das Ilhas Cíclades no Mar Egeu. Nos tempos clássicos, era associada às lendas de Dioniso, chamada as vezes de Dionísias, provavelmente por causa do excelente vinho produzido lá.

Naziânco: Cidade na Capadócia que se encontrava na estrada de Archelais até Tiana. Sua localização exata não é conhecida. Era a cidade natal do pai da Igreja Cristã, Gregório Nazianzeno.

Neo: Nome romano da ilha de Ios, localizada ao sul de Naxos, no grupo das Sporades. Diz-se que a tumba de Homero está localizada lá.

Nervi: Cidade litorânea da Ligúria (perto da atual Gênova, Itália).

Nise: Ver Nisa.

Norvegia: Noruega.

Numância: Principal cidade de Celitbéria, uma região central da Espanha nos tempos romanos. Ficava em uma colina baixa, mas muito íngreme, e só podia ser acessada por

uma única trilha, tornando desnecessárias as muralhas fortificadas. Os celtíberos a usavam como fortaleza contra os romanos. Foi sitiada e, depois de grande dificuldade, destruída por Scipio Africanus, o Mais Jovem, em 133 a.C.

Numídia: Terra na costa norte da África que corresponde à atual região nordeste da Argélia.

Nisa: Também Nyssa, a terra lendária onde Dioniso teria sido alimentado pelas niseidas, ou ninfas de Nisa. Havia uma meia dúzia de lugares com esse nome no mundo antigo, nenhum deles na Arábia. Agrippa provavelmente quer fazer uma referência à antiga cidade descoberta por Alexandre, o Grande, no Vale Peshavar, da atual província fronteiriça ao noroeste, o Paquistão. Até o século atual, uma seção da comunidade Kafir alegava ter origem grega - bem como os antigos habitantes do lugar - e entoava hinos ao deus que provinha de Gir Nysa (a montanha de Nisa), identificado como Koh-i-Mor.

Oásis: Dois oásis a oeste do Nilo eram considerados propriedades dos egípcios: (1) Oásis Maior (Kharga Oásis no Egito); (2) Oásis Menor (Bahariya Oásis no Egito). O Oásis Maior era um dos nomes do Alto Egito, enquanto o Oásis Menor era do Médio Egito. Quando o termo Oásis é usado sozinho, geralmente a referência é ao Menor. Um oásis mais famoso que esses dois era o de Amon (Siwa no Egito), assim chamado porque continha o santuário oracular do deus Amon. Em tempos antigos, ficava na Líbia, e continuou politicamente independente do Egito até os tempos

dos Ptolomeus. Alexandre, o Grande, visitou esse oráculo, que o louvava como o filho de Júpiter Amon.

Ocriculum: Uma cidade importante na Úmbria perto do cruzamento dos rios Nera e Tibre (atual Otricoli).

Olynthus: Cidade da Macedônia em Calcídice, que ficava na boca do Golfo Toronaic, mais voltado para o interior (localizado na extremidade do golfo, equidistante das duas penínsulas que cercam o Golfo Toronaic da Grécia).

Orchenia (Orquênia): Região mencionada por Ptolomeu em *Tetrabiblos* 2.3 (Robbins, 143, 159) sob o signo de Leão. Não se sabe a que região é feita tal referência, mas deve ser algum lugar no Oriente Médio, pois se agrupa com outros lugares como Idumeia, Síria, Judeia, Fenícia, Arábia Feliz e Caldeia.

Orchestus: Ver Orchomenus.

Orchomenus: Cidade na parte noroeste da Beócia na costa sudeste do Lago Copais (menos de 16 quilômetros a nordeste da atual Levadhia, Grécia central).

Oxiana: Referência às terras dos Oxiani, povo que habitava a margem norte do Rio Oxus (atual Amu-Dar'ya), que corre para o norte até Oxiana Palus (mar Aral). Corresponde mais ou menos ao Uzbequistão, na antiga União Soviética.

Paflagônia: Região no meio da costa norte da Ásia Menor (Turquia), ocupando a protuberância suavemente arredondada da costa até o Euxino (Mar Negro). A oeste ficava a Bitínia e a leste, Ponto.

Pamphylia: Seção arqueada e estreita na costa sul da Ásia Menor (Turquia) que ficava em Sinus Pamphylius (golfo de Antalia). Fazia fronteira a oeste com a Lícia e a oeste com a Cilícia.

Paphos: A velha Paphos, uma cidade do Chipre situada perto da costa oeste da ilha, mas não na costa em si. Era a principal sede do culto a Afrodite. Outra cidade do mesmo nome, chamada Nova Paphos, ficava mais no interior. Todos os anos, o sacerdote do templo de Afrodite conduzia uma grande procissão da Nova até a Velha Paphos.

Papia: Ver Pavia.

Pártia: Região interior ao sul da parte sudeste do Mar Cáspio que ocupava a protuberância nordeste do atual Irã. Parte do império persa que era habitada por uma raça de guerreiros conhecidos por sua habilidade no manuseio do arco e montados a cavalo.

Patara: Uma das principais cidades de Lícia, ficava em um promontório do mesmo nome 9,6 quilômetros a leste da embocadura do Rio Xanthus (aproximadamente 24 quilômetros a oeste da atual Castelorzzone, Turquia). A cidade possuía um oráculo de Apolo que dava respostas somente no inverno.

Patrai: Cidade em Acaia (atual Patrai, Grécia).

Pavia: Cidade no Norte de Itália, não muito longe, ao sul de Milão.

Perga: Antiga cidade de Pamphylia, localizada cerca de 16 quilômetros a leste de Adália, ou Attalia (atual Antalia), na costa sul da Ásia Menor

(Turquia) no Golfo de Antalia. Era famosa como sede do culto a Ártemis. Em uma colina perto da cidade ficava um templo muito antigo da deusa, no qual era realizado um festival anual. As moedas de Perga têm a imagem da Ártemis e de seu templo.

Pérsia: Irã.

Pessinuntium: Ver Pessinus.

Pessinus: Ou Pessino, uma cidade na Ásia Menor na inclinação do Monte Díndimo, ou Agdistis, na parte sudoeste da Galácia (perto da atual Usak, Turquia). Era a principal sede do culto a Cibele, que recebia o sobrenome de Agdistis. Seu exuberante templo ficava em uma colina fora da cidade e continha uma estátua de madeira (ou pedra), que foi levada para Roma para satisfazer um oráculo em um dos livros sibílicos.

Phalaeisiae: Cidade na Arcádia ao sul de Megalópolis em Peloponeso.

Phaliscia: Phalaeisiae.

Pharai: Antiga cidade na região oeste de Acaia, um das 12 cidades acaianas. Havia nela um oráculo de Hermes. Talvez a cidade se situasse cerca de 16 quilômetros a sudoeste da atual Patrai.

Pharis: Ver Pharai.

Pharsalia (Farsala): O território da cidade de Pharsalus, na Tessália (atual Farsala, Grécia), sobre o qual foi travada a decisiva batalha de 48 a.C. entre Júlio César e Pompeu. César foi o vitorioso.

Phazania (Fazania): Distrito no interior da Líbia, correspondente ao atual Fezzan.

Pireus: Talvez Pyrrhi Castra, um lugar fortificado no norte da Lacônia (sudeste de Peloponeso), onde Pirro provavelmente acampou durante sua invasão do país.

Pisa: Capital de Pisatis, que era a região média de Elis, Peloponeso (não ficava longe da atual Olimpia).

Ponto: Região norte da Ásia Menor (Turquia) na costa do Ponto Euxino (mar Negro) a leste de Paflagônia. O Euxino em si costumava ser chamado de Ponto. Ovídio dá esse nome à costa do Euxino entre as embocaduras dos Rios Istar (Danúbio) e Monte Haemus (costa leste das atuais Romênia e Bulgária).

Praeneste: Atual Palestrina. Uma das mais antigas cidades em Lácio, era ligada a Roma por uma estrada chamada de Via Prístina. Seus habitantes afirmavam que ela fora fundada por Telegono (Telêmaco), filho de Ulisses. Possuía um templo muito famoso e antigo da deusa Fortuna, com um oráculo que era chamado de sorte prístina (*Praenestinae sortes*). Nos tempos do império, o templo da Fortuna foi ampliado a proporções enormes, e a cidade se tornou popular como estação de férias para os nobres ricos. O oráculo continuou a ser consultado até os tempos cristãos, quando Constantino e depois Teodósio o proibiu.

Praeneste: Praeneste.

Proconeso: Ilha no Mar de Propontis (atual Ilha de Marmara, no Mar da Marmara, Turquia).

Prosená: Ver Prosymna.

Prosymna: Antiga cidade em Argolis, norte de Argos, no Peloponeso. Possuía um templo de Hera (Juno).

Ramote-Gileades: Cidade no leste da Palestina, possivelmente localizada na atual Tell Ramit, cerca de 1,6 quilômetro ao sul de Er Ramtha, perto da fronteira entre Jordânia e Síria.

Reate: Cidade no Lácio, Itália (atual Riete).

Reatum: Ver Reate.

Samos: Ou Samus, uma das ilhas no Mar Egeu. Um templo de Hera, chamado Heraeum, foi construído 3,2 quilômetros a oeste da cidade de Samos, que ficava no lado sudeste da ilha. Esse templo era o principal centro para o culto a Hera entre os gregos jônicos.

Sarmatia: Uma grande extensão de terra que vai desde a atual Polônia, atravessando o sul da Rússia, até o leste, no Rio Volga. Era habitada principalmente pelos citas e, ao oeste, pelos germanos.

Seres: Terra no extremo leste do bicho-da-seda. Para Ptolomeu (fonte de Agrippa), indicava o noroeste da China e Tibete.

Sicília: Atual Sicília, com o mesmo nome.

Soracte: Montanha na Etrúria perto do Tibre, cerca de 38 quilômetros de Roma. O pico coberto de neve era visível desde a cidade antiga.

Sutrium: Antiga cidade da Etrúria, cerca de 64 quilômetros a noroeste de Roma (atual Sutri).

Taenarum: Promontório na Lacônia que forma a ponta sul do Peloponeso

(atual Cabo Tainaron). Existia ali um templo de Posêidon. Ao norte, havia uma cidade com o mesmo nome.

Tamiraca: Segundo Smith (1862, 852), “uma cidade e promontório da Sarmatia europeia, na parte mais interior de Sinus Carcinites, que também era chamada de Sinus Tamyrares”. Infelizmente, Smith não menciona onde Sinus Carcinites era localizado - algum lugar na costa norte do Mar Negro, talvez perto da atual Yeysk, no Mar de Azov.

Tarento: Antiga cidade grega na costa do Sul da Itália (atual Tarento, com o mesmo nome). Foi capturada por Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica em 212 a.C.

Tauris: Pequena ilha próxima à costa de Ilíria, no Mar Adriático, entre Pharos (atual Hvar, próximo à costa da Jugoslávia) e Córçira (atual Kerkira ou Corfu).

Taurus: Montanha de altura moderada, supostamente íngreme e com florestas no topo. É localizada na cordilheira Taurus, no sul da Turquia (atual Aladag).

Tebas (Thebais): Alto Egito.

Tebas: Várias cidades antigas levavam esse nome, sendo duas delas mais importantes que as outras: (1) Thebae no Egito, capital de Tebas (Alto Egito). Ficava na margem leste do Nilo (atual Luxor) e tinha a fama de ser a cidade mais antiga do mundo. Homero a chamava de “cidade dos cem portões”. (2) Thebae na Grécia, uma antiga cidade na Beócia que ficava em uma planície a sudeste do Lago Helice (atual Thivai). Mais conhecida como o cenário de *Os sete contra Tebas*,

era uma cidade próspera, ferozmente independente, com sete portões construídos em uma muralha quase circular com 14,4 quilômetros de circunferência. Dicaearchus (c. 300 a.C.) diz que era um escuro, com boa água e lindos jardins no verão, mas muito frio no inverno.

Tegea: Cidade na Arcádia (não muito longe, ao sul da atual Trípoli, Grécia). Em determinado período, era dividida em quatro tribos, cada qual tinha uma estátua de Apolo Agyieus, que era venerado na cidade.

Tegyra: Talvez Tegea. Ver nota separada.

Tenedos: Pequena ilha no Mar Egeu, próxima à costa de Troa, perto da embocadura do Helesponto, localizada cerca de 9,6 quilômetros da Ilha de Lesbos e aproximadamente 6,4 quilômetros da costa. Era célebre em tempos antigos por suas belas mulheres e tinha a fama de ser o posto para onde os gregos levaram sua frota a fim de convencer os troianos a aceitarem o cavalo de madeira.

Terásia: Pequena ilha logo a oeste de Tera (atual Tira), no Mar Egeu. Originalmente parte de Tera, foi separada da ilha maior por um acidente geológico.

Terma: Cidade na Macedônia (no local da atual Thessaloniki).

Tibre: Uma das cidades mais antigas do Lácio, localizada 25,6 quilômetros a nordeste de Roma. Nos tempos do império, era uma estação de férias muito procurada, na qual os nobres ricos de Roma construam suntuosas vilas. Havia ali um bosque sagrado e

um templo à Sibila, ou ninfa, Albunea, ou Albuna, que dava oráculos.

Trácia: Região entre o Ponto Euxino (Mar Negro) e a Macedônia. Era maior em extensão que a parte da Grécia que leva hoje esse nome, abrangendo também a área entre o Euxino e o Propontis (Mar de Marmara).

Treveris: Augusta Trevirorum (Trier, Alemanha), que tem extensas ruínas romanas.

Trezenium: Ver Troezenia.

Tritones: Ver Tritonis Palus.

Tritonis Palus: Também Tritonitis Palus (latim: *palus* - pântano, brejo), um lendário rio e lago na antiga costa da Líbia. Segundo um relato, Atena nasceu no Lago Tritonis, filha de uma ninfa do mesmo nome e de Posêidon: daí seu sobrenome: Tritogenia. Antigos escritores gregos identificavam o Lago Tritonis com o atual Golfo de Gabes, na Tunísia. Posteriormente, ele foi associado com o grande lago de água salgada que existe no interior (Shott el Djerid). Em tempos antigos, esse lago tinha um rio que desembocava nele, mas as dunas do deserto do Saara dificultam essa identificação. Alguns escritores davam uma localização diferente, identificando o lendário rio com o Rio Lathon, em Cirenaica. Apolônio de Rhodes chegou até a transferir o nome para o Nilo.

Troa: A terra em volta da antiga cidade de Troia, na Ásia Menor.

Troezenia: Região na parte sudoeste de Argolis, no Peloponeso, defronte à Ilha de Calauria (atual Poros). Uma cidade chamada Troezena existia a

curta distância do mar, no interior. Em tempos remotos, Troezena era chamada de Poseidonia, por causa do culto a Posêidon.

Troglodytice: Terra dos *trogloditas*, ou habitantes das cavernas, referindo-se especialmente às tribos bárbaras que viviam na costa oeste do mar Vermelho, na costa no Alto Egito e na Etiópia.

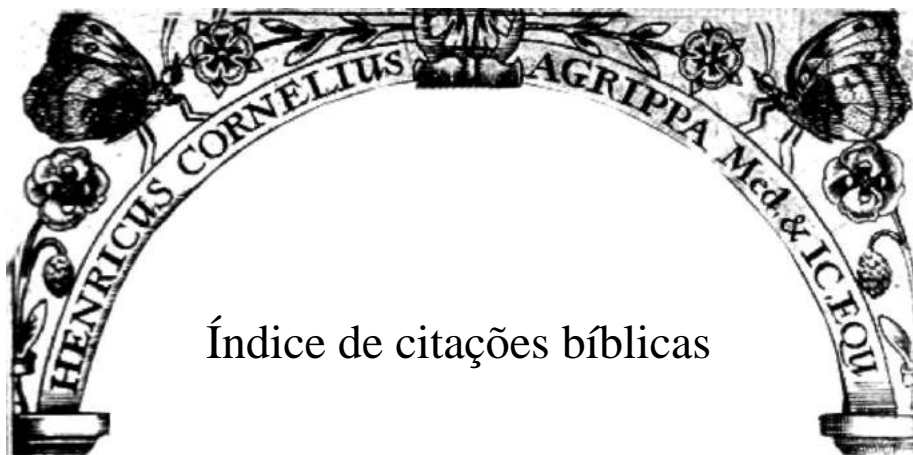
Troia: Também chamada de Ílion, antiga cidade na parte norte de Mísia, Ásia Menor (não muito longe a su-

deste da embocadura do atual Dardanelo, Turquia). Troia foi conquistada e destruída pelos gregos, constituindo o tema da *Ilíada* de Homero.

Turingia: Antigo distrito da Germânia que ficava na parte sudoeste da antiga Alemanha Oriental.

Toscana: Ver Etrúria.

Úmbria: Distrito da Itália central que, na Antiguidade, era mais vasto que a localidade com o mesmo nome hoje em dia, estendendo-se até as costas do Atlântico.



Índice de citações bíblicas

Teste índice inclui tanto as citações diretas quanto as alusões feitas por Agrippa a questões específicas na Bíblia e nos Apócrifos, bem como referências bíblicas presentes apenas nas notas. Quando tive alguma dúvida quanto à localização exata de uma citação, deixei indicado nas notas com a palavra “talvez”.

Apocalipse

1:4
 1:10
 1:11
 1:12
 1:16
 2:14
 4:5
 4:6-7
 4:8
 5:1
 5:6
 7:1-2.15
 7:3
 7:5-8
 8:1
 8:2
 9:11
 10:4
 11:4
 11:9-12

12:1
 12:3
 12:7
 12:9
 12:10
 13:13
 13:16
 13:18
 15:1
 15:7
 16:1
 17:1
 17:3
 17:9
 17:10
 20:10
 21:12
 21:14
 21:19-20

Atos

1:3
 1:3.12
 1:11
 1:26
 2:4
 4:12
 4:36-7
 7:14
 8:27-40
 12:7-10
 16:16
 17:34

19:13-6

20:4

28:3-6

Bel e o Dragão (apócrifo)

36

Cântico das três crianças**(apócrifo)** 28

29-68

35-65

54-60

Cântico dos cânticos

7:5 7:9

1 Crônicas

21:27

2 Crônicas

16:12

18:5

18:19-21

33:7

Colossenses

3:3

3:17

1 Coríntios

2:6

3:16

6:17

12:4-13

13:1

13:13

15:32

15:44

2 Coríntios

6:15

12:1-4

12:2

12:9

Daniel

2:19

2:31-5

3:19

3:20-30

3:25

4:10-7

4:27

4:30

4:32

6:16-9

6:22

6:23

7:2-7

8:16

9:21

9:25

10:13

10:14

10:20-1

12:1

14:31-39

14:32-5

14:35

Deuterônômio

1:4

3:11

4:19-20

4:24

4:29

4:47

5:24

8:2

9:2

13:7

15:1

17:3

27:3

32:6

32:8

32:22

32:39

33:14

33:29

Eclesiastes

3:19

3:20-1

4:8-12

Eclesiástico (apócrifo - Bíblia católica)

Prólogo

3:30

16:26

17:17

24:3.9

24:5

Enoch (apócrifo)

6:7-8

8:1

40:9

70:2

Efésios

2:2

4:11

6:17

1 Esdras

8:1-7

2 Esdras

2:18

4:1

7:32

Ester

1:10

5:1

Êxodo

3:2

3:3

3:11

3:14

4:2-7

7:1

7:10

7:11-2

7:20

7:22

8:6

8:7

8:17

8:19

8:24

9:10

9:23

10:13

12:2-7

12:29

13,2

13:21

14:19-21

14:22

14:28

15:11

15:27

16:5

16:13

16:15

17:6

17:11

17:14

19:1-16

19:19

20:8-11

20:9

20:24

21:2

22:8

22:30

23:10

23:11

23:19

23:20-1

24:16

25:18

26:1

26:7

27:20

28:4-8-36

28:15-20

28:29

30:25

30:34

31:15

31:18

33:2

33:11

33:23

34:28-9

34:30

35:2

Ezequiel

1:1

1:5-14

1:10

1:15-20	4:24
1:21	5:1
1:26-8	5:24
1:27	6:4-7
3:15	6:14-6
5	7:10-1
9	7:12
15:8	7:13
28:13	7:19
34:25-8	8:1
48:31	8:21
48:35	9:26
Esdras	10
3:1-4	11:5-7
3:10	11:6-7
4:13	12:1-9
7:14	13:9
Filipenses	14:1
4:13	14:18
Gálatas	14:23
3:13	15:2
Gênesis	15:17
1:1	17:1
1:3	17:5
1:6-8	17:12
1:20-24	18
1:21-24	18:3
1:27	18:6
1:31	18:23-32
2:2	19:24
2:5	21:29
2:6-7	21:30
2:7	24:2
2:9	25:6
2:10-4	26:7
2:19	26:12
2:24	26:24
3:8	28:11-8
3:13	28:12-5
3:14	28:22
3:17	29:18-28
3:22	30:14-6
4:14	31:41
4:15	32:24-8
4:19	32:30

32:31
 33:21
 37:5-10
 37:28
 39:2-21-23
 41:17-24
 41:32
 41:46
 42:16
 46:27
 48:15-6
 49:5
 49:24
 49:28
 50:10
Hebreus
 1:14
 4:12
 11:21
 12:29
Isaías
 1:16
 4:1
 6:1-7
 6:6
 7:14
 9:6
 11:2
 11:4
 11:9
 11:15
 13:21-2
 14:14
 17:5
 19:4
 24:21
 29:1
 29:4
 30:2
 33:7
 34:11-14-5
 34:14
 37:38
 38:1-6
 40:12

41:23
 43:10
 45:12
 48:12
 51:20
 53:1
 53:3
 63:16
 65:25
Jeremias
 7:14
 7:18
 15:9
 18:17
 25:11
 25:18
 44:17-26
 48:10
 51:44
Jó
 1:2
 2:13
 3:5
 5:19
 5:23
 6:15-7
 17:12
 24:16-7
 25:5
 27:3
 28:22
 33:23
 33:29
 37,7
 40:15-24
 41:1
João
 1:1
 1:1-14
 1:14
 2:5
 2:6
 3:5
 3:14
 4:14

4:52
5:2-4
5:7
6:70
8:12
11:9
11:49-51
12:31
13:25
14:30
15:16
16:11
19:31
20:11
20:25 21:2
21:20
I João 5:19
Jonas
1:7-15
1:17
3:4
3:6-10
Josué
1:1
3:17
4:5
4:19
6:2
6,3-4
10,12-3
13,6
15,8
18,6
21
24:15-27
Judas
9
14-5
Judite (apócrifo - Bíblia católica)
4:13
Juízes
1:7

2:13
3:9-10
3:14
6:1-11-34
6:17
9:2
9:4
9:5
11:24
12:14
13:3-21
13:6-8
13:18
14:5-6
14:12-17
15:19
16:8
16:19
19:22
36:40
Lamentações
5:16
Levítico
4:6
6:12-3
12:2-6
12:6-91
14:4-7
14:7
14:7
15:13
15:19
16:8
19:31
20:27
21
21:20
22:2-8
22:3
23:8
23:24
23:34
23:36
23:41
23:42

25:9
25:10 26:18

Lucas

1:36
1:59-64
3:23
7:47
8:2
9:49
10:1
10:19 10:20
10:39 10:40
11:1-4
11:41
15:4
15:8
16:9
16:13 16:17
16:19-26
16:22
17:12-9
21:15 21:18
22:19 22:36
23:44-5
23:46 23:54
24:21

II Macabeus (apócrifo - Bíblia católica)

12:26
12:39-45
15:15-6

Malaquias

3:1
3:16

Marcos

1:9
5:30
11:24
15:42

Mateus

1:7
2:2
2:7
2:14-5
3:16
4:1
4:2
4:8
5:3-11
5:22
5:43-4
6:7-13
6:9-13
6:12
7:6
7:22
8:23-6
8:28
8:31
9:22
9:28-9
10:2-6
10:30
12:24
12:45
13:10
13:10-4
13:11
14:20
14:25
14:31
14:32
15:19
15:36
15:37
16:16-7
17:20
18:22
19:14
19:18-21
19:28
19:29
20:9
22:25-6

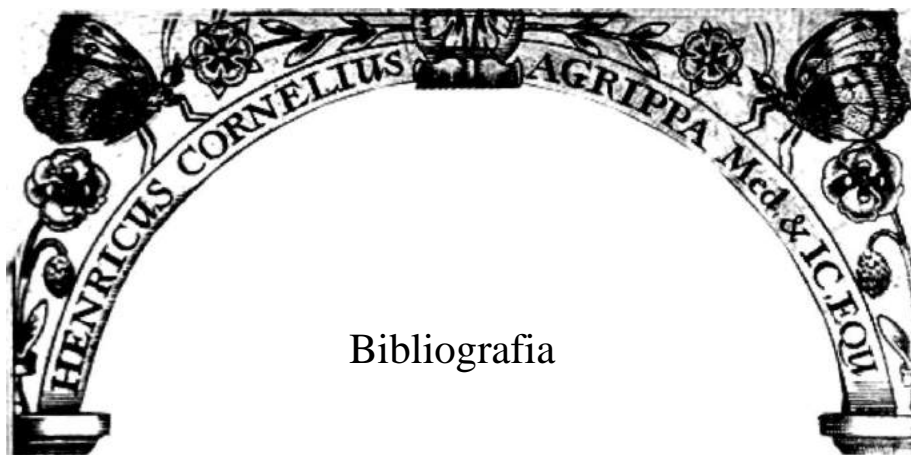
23:13-29
25:15
25:33-41
25:40
25:42
26:52
27:46
28:1
Miqueias
5:5
Neemias
12:35
13:1
Números
1:5-16
6:27
8:2
11:16
11:24
11:25
12:10
12:14
13:4-15
13:29
16:32
16:35
17:2-5
18:21
19:11
21:7
21:9
21:33
22:4
22:6
22:28
23:1
23:20
24:9
24:20
25:11
26:11
26:55
28:11
28:17
29:1
29:12

29:17
29:32
33:9
Oseias
2:18
I Pedro
3:20
II Pedro
1:5-7
1:21
2:1
Provérbios
1:8
1:17
3:16
3:18
6:6
6:16-9
6:31
9:1
11:22
15:11
17:12
19:12
23:5
23:6
23:32
26:16
26:25
27:20
28:22
28:24
30:15
30:26
30:28
30:31
I Reis
3:5-15
3:12
5:15
7:25
10:1
11:1
11:5
11:17
16:31

17:1	7:17
17:6	8:3
17:22	8:6
18:38	9:13
18:44	9:17
19:4-8	10:8
19:5-8	11:4
19:8	12:6
20:29	16:10
21:9-10	18:9
21:29	18:10
22:20-2	22:16-7
22:22	23:4
II Reis	25:5
1:2	26:3
1:4	33:2
1:10	34:7
2:8	34:15
2:11	35:5-6
2:15	37:29
2:24	40:2
4:32-5	44:9
4:35	45:3
5:10-4	47:9
5:14	51
5:18	55:23
7:6	59:7
8:1	72:9
9:25-6	78:49
9:36	79:12
17:34-5	82:1
17:31	82:6
18:4	85:8
20:6	88:11
20:9-11	90:10
23:13	91:1
25:25	91:9-12
Romanos	91:11
7:23	91:13
9:22	91:14
11:36	92:8
Salmos	97:3
1:4	103:5
5:12	104:1
6:32,38,51,102,130,143	104:4
7:13	104:6

104:19
104:21-3
104:35
109:6
110:1
112:2
112:3
112:6
112:7
112:9
119:11
119:164
120:134
128:3
128:3
141:2
144:1
148:1
148:4
149:6
I Samuel
5:1-7
10:1-20-7
10:10-3
13:14
16:10-3
16:13
16:23
17:17-8
17:34-5
17:46
19:20
23:9-11
27:10
28:7
28:7-20
28:11
28:15

30:7-8
30:29
II Samuel 21:9
31:4
Sofonias
1:5
Tiago
3:17
5:16-8
II Timóteo
3:8
Tobias (apócrifo - Bíblia católica)
1:1
3:8
4:7
5:4
5:4-16
5:4-6
5:16
8:2-3
8:3
11:4
12:8
12:9
12:15
Zacarias
1:14
3:9
4:2
4:10
4:11
4:14
8:19
9:17
13:4
Causa primeira



Bibliografia

ADDIS, W. E. *The Documents of the Hexateuch*. 2 vols. Londres: David Nutt, 1892.

AGRIPPA VON NETTESHEIM, Heinrich Cornelius. *Opera*. 2 vols. Hildesheim e Nova York: Georg Olms Verlag, 1970. Uma reimpressão em fac-símile da edição de Lião, datada pelo editor de 1600 (?). Embora seja estranho, as tábuas da Cabala não aparecem nessa obra, o que limita sua utilidade.

_____. *Three Books of Occult Philosophy*. Traduzidas do latim por I. F. [Londres: 1651]. Londres: Chthonios Books, 1986. Fotocópia em fac-símile da edição londrina de 1651. Usei-a como base para o texto da atual edição.

Allen, Richard Hinckley. *Star Names. Their Lore and Meaning*. Nova York: Dover Publications, 1963. Uma reimpressão de *Star-Names and Their Meanings*, publicada por G. E. Stechert, 1899.

ANDREWS, W. S. *Magic Squares and Cubes*. Nova York: Dover Publications, 1960. Reimpressão da segunda edição de Open Court Publishing, de 1917. O livro é composto de ensaios que apareceram entre 1905 e 1916 no periódico matemático *The Monist*, escrito por Andrews e outros.

Angus, S. *The Mystery-Religions* [Londres: 1925]. Nova York: Dover Publications, 1975. Publicado originalmente por John Murray sob o título *The Mystery-Religions and Christianity*. Um livro útil, mas o autor tem uma tendência a moralizar.

ANTHON, Charles. *A Classical Dictionary*. Nova York: Harper and Brothers, 1843. Um volume grande que aborda uma vasta gama de assuntos com considerável profundidade.

_____. *A Latin-English and English-Latin Dictionary* [1849]. Nova York: Harper and Brothers, 1868.

The Apocrypha (edição autorizada). Oxford: Univ. Press, s.d.

Apolônio de Rhodes. *The Voyage of Argo*. Tradução de E. V Rieu [1959]. Harmondsworth: Penguin Books, 1985.

APULEIO, Lúcio. *The Golden Asse*. Tradução de William Adlington [1566], s.d. Reimpressão da edição de 1639. O editor não dá o nome, a data nem qualquer outra informação a respeito dessa edição.

AQUINO, Tomás de. *Introduction to Saint Thomas of Aquinas*. Ed. Anton C. Pegis. Nova York: Random House, 1948. Uma seleção dos escritos básicos com uma breve introdução e sem índice. Edição da The Modern Library.

_____. *Summa contra gentiles*. Londres: Burns, Oats and Washbourne, 1928.

ARISTÓFANES. *The Eleven Comedies*. Nova York: Liveright Publishing Company, 1943. Esse texto teve uma tradução anônima do grego e foi publicado em 1912 pela Athenian Society, apenas para assinantes.

ARISTÓTELES. *The Basic Works*. Vários tradutores. Compilado por Richard McKeon, a partir da edição da Oxford Univ. Press, por WD. Ross. Nova York: Random House, 1941. Peca pela falta de um índice.

_____. *Problems*. Tradução de E. S. Forster. Vol. 7 de *The Works of Aristotle*. Oxford: Clarendon Press, 1927. Não é uma obra original de Aristóteles, embora leve seu nome.

_____. *Problems*. 2 vols. Tradução de W S. Hett. Cambridge: Harvard Univ. Press, vários anos.

ARNOLD, T. W. *The Little Flowers of St. Francis of Assisi*. Tradução do italiano. Londres: Chatto and Windus, 1908. Uma coletânea de fábulas populares que se desenvolveram em torno da memória do santo.

Ars Notoria. Tradução de Robert Turner [1657]. Seattle: Trident Books, 1987.

AGOSTINHO, Santo. *City of God*. 2 vols. Tradução de John Healey [1610]. Londres: J. M. Dent and Sons, 1957. Contém alguns dos comentários originais de Joannes Vives. Infelizmente sem índice, tornando seu uso difícil.

BACON, Francis. *Essays* [1597]. Filadélfia: Henry Altemus Company, s.d.

BALL, W W R. *Mathematical Recreations and Essays* [1892]. Londres: Macmillan, 1905. Essa obra excelente contém um capítulo sobre os quadrados mágicos, a melhor abordagem curta que eu já li.

BARHAM, Richard Harris. *The Ingoldsby Legends, or Mirth and Marvels* [1840]. Londres: Richard Bentley and Son, 1879. As *Legends* (lendas) foram publicadas anonimamente, o que é uma pena, pois dão muito crédito ao autor.

BARING-GOULD, Sabine. *The Book of Werewolves* [1865]. Nova York: Causeway Books, 1973. Talvez a melhor abordagem do tema disponível em língua inglesa.

BARRETT, Francis. *The Magus, or Celestial Intelligencer* [Londres: 1801]. Nova York: Samuel Weiser, s.d. Edição numerada, limitada, contendo o texto em fac-símile e pranchas coloridas do original. Um belo livro. Quase um plágio total da tradução inglesa de 1651 de James Freake da *Filosofia oculta*.

BEDE. *A History of the English Church and People*. Tradução de Leo Sherley-Price. Harmondsworth: Penguin Books, 1965.

BEST, Michael R. e Frank H. Brightman. *The Book of Secrets of Albertus Magnus*. Londres: Oxford Univ. Press, 1974. Anexado ao título principal está *The Book of the Marvels of the World*.

BLOFELD, John. *I Ching*. Nova York: E.R Dutton, 1968. Mais acessível que a pesada tradução de Legge.

BOER, Charles. *The Homeric Hymns*. Chicago: The Swallow Press, 1970.

BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia* [523]. Tradução de H. R. James. Londres: George Routledge and Sons, s.d.

BREWER, E. Cobham. *A Dictionary of Miracles*. Londres: Chatto and Windus, 1901.

_____. *Dictionary of Phrase and Fable* [1870]. Londres: Cassell and Company, s.d.

BROWNING, Robert. *Complete Poetic and Dramatic Works*. Boston e Nova York: Houghton Mifflin Company, 1895.

BUDGE, E. A. Wallis. *Amulets and Talismans*. Nova York: University Books, 1968. Publicados originalmente em 1930 sob o título de *Amulets and Superstitions*. Uma coletânea útil por causa de suas muitas ilustrações e pranchas.

_____. *The Book of the Dead*. Nova York: University Books, 1970. Uma tradução do papiro egípcio de Ani. Reprodução da edição de 1913.

_____. *Egyptian Magic* [Londres: 1901]. Nova York: Dover Publications, 1971. Uma visão geral de um tema muito complexo, mas bastante aprazível.

_____. *The Gods of the Egyptians* [Londres: 1904]. 2 vols. Nova York: Dover Publications, 1969. Uma abordagem completa da mitologia egípcia. Talvez a melhor obra de Budge.

BULFINCH, Thomas. *Mythology*. Nova York: Random House, s.d. Essa edição da Modern Library contém, do mesmo autor, *Age of Fable* (1855), *Age of Chivalry* (1858) e *Legends of Charlemagne* (1863), que com o decorrer dos anos passaram a ser consideradas partes de uma única obra. Até hoje, um dos melhores livros sobre o tema.

BURCKHARDT, Titus. *Alchemy* [1960]. Tradução do alemão feita por William Stoddart. Baltimore: Penguin Books, 1974. Não é um livro particularmente bom, mas o estudo geral mais acessível de alquimia.

_____. *Mystical Astrology According to Ibn' Arabi*. Tradução do francês feita por Bulent Rauf. Gloucestershire: Beshara Publications, 1977. Uma abordagem muito sucinta, mas que contém informações úteis e básicas.

BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy* [1621]. 3 vols. Londres: J. M. Dent and Sons, 1961. A quantidade de informações culturais interessantes nessa vasta obra é surpreendente. Um livro grandioso, fruto do trabalho de uma vida.

BUTLER, E. M. *Ritual Magic* [1949]. Hollywood: Newcastle Publishing Company, 1971.

Este é um bom estudo acadêmico dos manuscritos e livros mágicos.

BYRON, George Gordon. *The Poetical Works*. Londres: Oxford Univ. Press, 1926.

CÉSAR, Júlio. *The Conquest of Gaul*. Tradução de S. A. Handford [1951]. Harmondsworth: Penguin, 1967. Alguns homens fazem tudo bem. Se César não tivesse passado tanto tempo conquistando o mundo, ele teria sido um excelente escritor.

Canadian Oxford Atlas. Toronto: Oxford Univ. Press, 1951. Útil porque traz muitos lugares antigos e tem uma clara apresentação topográfica.

CARY, M., A.D. Nock et al. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1949. A qualidade do texto nesse livro é decepcionante. Isso fica evidente quando o comparamos com a obra muito superior, *Classical Dictionary*, de Smith.

Chambers Encyclopaedia. 10 volumes. Londres: W. e R. Chambers, 1868. Esta obra é particularmente importante na área de botânica. As gravuras são excelentes. Os editores não tinham decidido, como se faz nos tempos modernos, que todas as lendas e fábulas deveriam ser omitidas por não terem base científica.

CHARLES, R. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1913.

CHAUCER, Geoffrey. *The Works*. Ed. F. N. Robinson. Boston: Houghton Mifflin, 1961.

CÍCERO. *De senectute, de amicitia, de divinatione*. Tradução de W. A. Falconer. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1959.

_____. *The Treatises of M. T Cicero*. Tradução de C. D. Yonge. Londres: Bell and Delay, 1872.

CIPRIANO. *The Writings*. Tradução de Ernest Wallis. Em *The Ante-Nicene Fathers*. Buffalo: Christian Literature Company, 1886. Cipriano é parte do vol. 5 dessa coleção.

COHEN, A. *Everyman's Talmud*. Nova York: Schocken Books, 1975. Um estudo geral dos temas contidos no *Talmude* com muitas citações.

CROWLEY, Aleister. *Magick in Theory and Practice* [Londres: 1929]. Nova York: Dover Publications, 1976. O melhor livro de Crowley, com a possível

exceção de seu *Book of Thoth*, o tarô que ele desenhou usando a artista Lady Frieda Harris como seu instrumento.

CROXALL, Samuel e Roger L'Estrange. *The Fables of Aesop*. Londres: Frederick Warne, s.d. Contém todas as fábulas de Croxall e 50 fábulas adicionais da tradução de L'Estrange.

CRUDEN, Alexander. *A Complete Concordance to the Holy Scriptures* [1736]. Boston: Gould, Kendall and Lincoln, 1847. Uma condensação da edição original.

D'ABANO, Peter. *Heptameron: or, Magical Elements*. No *Quarto Livro Oculto de Filosofia*. Londres: Askin Publishers, 1978.

DAUCHES, Samuel. *Babylonian OH Magic in the Talmud and in Later Jewish Literature*. [Londres: 1913]. Em *Three Works of Ancient Jewish Magic*. Londres: Chthonios Books, 1986. A obra é reimpressa em fac-símile nessa coleção, sob o título de *Ancient Jewish Oil-Magic*. Trata das técnicas de adivinhação.

DANTE ALIGHIERI. *The Divine Comedy*. Tradução de Charles Eliot Norton [1891]. Boston: Houghton Mifflin Company, 1941. Uma tradução clara em prosa, embora árida.

_____. *The Divine Comedy*. Tradução de Laurence Grant White. Nova York: Pantheon Books, 1948. Uma versão em verso ilustrada com gravuras de Doré.

DAVID-NEEL, Alexandra. *Initiations and Initiates in Tibet*. Tradução de Fred Rothwell. Nova York: University Books, 1959. Muitas visões de magia tibetana, antes da chegada dos chineses, observada em primeira mão pela autora.

_____. *Magie and Mystery and in Tibet* [Paris: 1929]. Tradução do francês. Nova York: Dover Publications, 1971. O título original é *Mystiques et magiciens du Thibet*. Uma reimpressão da edição inglesa de Claud Kendall, Nova York, 1932. Não é mencionado o nome do tradutor, a menos que seja Kendall.

DEE, JOHN. *A True and Faithful Relation of What Passed for Many Years between Dr. John Dee and Some Spirits* [1659]. Ed. Meric. Casaubon. Glasgow: The Antonine Publishing Company, 1974. Uma edição em fac-símile limitada da edição londrina original de 1659. Casaubon pegou uma seção dos meticulosos registros de Dee de seus trabalhos mediúnicos com Edward Kelly e outros médiuns e os imprimiu.

DE GIVRY, Emile Grillo. *Illustrated Anthology of Sorcery, Magie and Alchemy* [1929]. Tradução do francês feita por J. Courtenay Locke [1931]. Nova York: Causeway Books, 1973. O melhor de todos os livros ilustrados de ocultismo, graças à sua excelente estrutura e às meticulosas referências. Uma edição também foi publicada pela Dover, mas a da Causeway é superior.

D'OLIVET, Fabre. *Golden Verses of Pythagoras* [1813]. Tradução do francês por Nayan Louise Redfield [1917]. Nova York: Samuel Weiser, 1975. Extensas e entediantes rumações sobre os versos pitagóricos, úteis porque trazem os versos em grego, no francês de D'Olivet e em inglês.

Dryden, John. *The Best of Dryden*. Ed. Louis I. Bredvold. Nova York: Ronald Press Company, 1933.

ELIADE, Mircea. *Shamanism* [Paris: 1951]. Princeton Univ. Press, 1972. Edição revisada. Publicado originalmente pela Librairie Payot sob o título de *Le chamanisme et les techniques archaïques de l'estase*. Obra excelente.

ELWORTHY, Frederick. *The Evil Eye* [Londres: 1895]. Nova York: Collier Books, 1971. Um clássico que é notável por suas numerosas ilustrações de objetos e símbolos mágicos.

Encyclopaedia Britannica. 11ª edição. 28 vols. mais índice. Nova York: Cambridge Univ. Press, 1910-11. Alguém me disse uma vez que a 11ª edição da *Encyclopaedia* era a única a possuir algum valor. Concorde. Ainda era um instrumento de estudos útil enquanto estava em mãos britânicas, mas, após chegar à América, perdeu seu propósito.

EPICETETO. *The Enchiridion*. Tradução de Thomas W. Higginson [1948]. Indianápolis: Bobbs-Merrill, 1980. Essa obra é um compêndio das ideias de Epicteto feito por Flavius Arrian, um de seus alunos, que registrou uma série de palestras feitas pelo grande filósofo estoico por volta do ano 125 em Nicópolis.

EURÍPIDES. *The Complete Greek Tragedies*. Vols. 3 e 4. Ed. David Grene e Richmond Lattimore. Univ. of Chicago Press, 1960.

EUSÉBIO. *Against the Life of Apollonius of Tyana Written by Philostratus*. Tradução de F. C. Conybeare, em *Philostratus*. Vol. 2. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1969. O tratado aparece como apêndice em *Life of Apollonius*, de Filóstrato.

_____. *The Ecclesiastical History*. 2 vols. Tradução de Kirsopp Lake (vol. 1) e J.E.L. Oulton (vol. 2). Cambridge: Harvard Univ. Press, vários anos.

_____. *The Ecclesiastical History of Eusebius Pamphilus*. Tradução de C. F. Cruse. Londres: Bell and Daldy, 1866. Uma das edições da Bohn Classical Library.

Evan, Joan. *Magical Jewels of the Middle Ages and the Renaissance* [1922]. Nova York: Dover Publications, 1976. Reimpressão da edição da Clarendon Press (Oxford) de 1922.

EVELYN, John. *John Evelyn's Diary* (condensado). Ed. Philip Francis. Londres: Folio Society, 1963.

EVERARD, Doutor John. *The Divine Pymander of Hermes Mercurius Trismegistus* [1650]. Traduzido do árabe. San Diego: Wizards Bookshelf, 1978. Uma reimpressão da edição de 1884 de Hargrave Jennings.

Filóstrato. *The Life of Apollonius of Tyana*. 2 vols. Tradução de F. C. Conybeare [1912]. Cambridge: Harvard Univ. Press, vários anos. As *Epístolas de Apolônio* e o tratado de Eusébio, *Against the Life of Apollonius*, aparecem como apêndices no fim do segundo volume.

_____. *Life and Times of Apollonius of Tyana, Rendered into English from the Greek of Philostratus the Elder*. Tradução de Charles P. Eelss. Stanford, CA: Stanford Univ. Press, 1923.

Fiske, N. W. *Manual of Classical Literature* [1836]. Filadélfia: W. S. Fortescue, 1843. Uma referência útil, mas a disposição do livro é ruim, dificultando a pesquisa.

Flammel, Nicholas. *Alchemical Hieroglyphics* [1889]. Tradução de Eirenaeus Orandus [1624]. Gillette, NJ: Heptangle Books, 1980. Uma reimpressão da edição de W. Wynn Westcott de 1889.

Franck, Adolphe. *The Kabbalah* [Paris: 1843]. Tradução anônima do francês. Nova York: Bell Publishing, 1940. O título original é *La kabbale: ou la philosophie religieuse des Hebreux*. O mais lido dentre os livros mais velhos de Cabala.

GALENO. *On the Natural Faculties*. Tradução de Arthur John Brock. Pensilvânia: The Franklin Library, 1979.

GASTER, Moses. *The Sword of Moses* [Londres: 1896]. Em *Three Works of Ancient Jewish Magic*. Londres: Chthonios Books, 1986. Uma reprodução em fac-símile da tradução original e comentário de Gaster, junto ao texto original em hebraico. Trata de nomes mágicos.

_____. *The Wisdom of the Chaldeans* [1900]. Em *Three Works of Ancient Jewish Magic*. Londres: Chthonios Books, 1986. Publicado originalmente no exemplar de dezembro de 1900 da *Proceedings of the Society of Biblical Archaeology*. Trata dos anjos dos sete planetas.

GERARD, John. *The Herbal or General History of Plants* [1633]. Revisado por Thomas Johnson. Nova York: Dover Publications, 1975. Uma reimpressão em fac-símile, enorme e bela, obra maravilhosa.

GESENIUS, William. *Hebrew and Chaldee Lexicon*. Nova York: John Wiley and Sons, 1890. Com adições e correções de Samuel Prideaux Tregelles. Uma obra excelente.

GIBBON, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* [1776-1788]. Londres: Joseph Ogle Robinson, 1830. Uma edição conveniente, embora nada compacta, de um volume dessa obra enorme.

GINSBURG, Christian D. *The Essenes* [1864] e *The Kabbalah* [1863]. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1974. Duas obras encadernadas juntas.

GODWIN, Joscelyn. *Robert Fludd*. Boulder: Shambhala, 1979. Uma visão geral de Fludd, notável por muitas ilustrações tiradas de outros livros.

GOLDSMITH, Oliver. *A History of the Earth and Animated Nature* [1774].

Londres: Thomas Nelson, 1849. Uma obra útil apenas porque Goldsmith preservou muitas das fábulas e da cultura antiga referente a animais. Claro que é completamente inconfiável como fonte de não formações factuais.

GRANT, Kenneth. *Cults of the Shadow*. Nova York: Samuel Weiser, 1976. Um exame das principais figuras no ocultismo ocidental no século presente e dos cultos que se desenvolveram em torno delas.

GRAVES, Robert. *The Greek Myths*. 2 vols. Harmondsworth: Penguin Books, 1957. Excelente. Graves é um daqueles estudiosos que fazem você desejar que a vida humana pudesse ser prolongada em casos especiais meramente por motivos profissionais. Ele partilha dessa distinção com Thomas Taylor.

_____. *The White Goddess* [1948], Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1973.

GREEN, Robert. *Friar Bacon and Friar Bungay*. Em *Elizabethan Plays*. Ed. Arthur H. Nethercot, Charles R. Baskervill, e Virgil B. Heltzel. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1971. A peça provavelmente foi escrita por volta de 1592, talvez antes de *Doctor Faustus* de Marlowe.

GREGÓRIO TAUMATURGO. *Writings* (Escritos). Tradução de S. D. F. Salmond. Em *The Ante-Nicene Fathers*. Buffalo: The Christian Literature Company, 1886. Os escritos de Gregório, que não são extensos, formam parte do vol. 6 dessa coleção.

GRIFFITH, F. L. e Herbert Thompson. *The Leyden Papyrus* [Londres: 1904]. Nova York: Dover Publications, 1974. Título original: *Demotic Magical Papyrus of London and Leiden*. O texto está em condições muito fragmentadas, o que dificulta a leitura.

Grimm's Complete Fairy Tales. Nova York: Nelson Doubleday, s.d. Os contos de fada foram publicados pelos irmãos Grimm Jacob e Wilhelm na Alemanha em 1812e 1815. Não há indicação nessa edição de quem realizou a tradução.

Grimoire of Pope Honorius III. Tradução de B. J. H. King. Sut Anubis Books, 1984.

Este certamente não é o verdadeiro grimório do papa Honório, o qual é descrito por Idries Shah, em detalhes, em seu *Secret Lore of Magic*, e por A.E. Waite, em seu *Book of Cerimonial Magic*. Sustenta alguns dos mesmos símbolos, mas pouco ou nada do texto. O que é original é difícil de adivinhar, especialmente porque o editor não diz nada sobre o problema, mas talvez Idries Shah descreva precisamente esta edição quando diz que, durante o séc. XIX, falsos trabalhos sustentam este título, impresso para levar o iletrado a pensar que esta diante do verdadeiro grimório, o qual no momento quase foi impossível de se obter (Ver *Secrets Lore of Magie*, capítulo 14 [Londres : Abacus, 1972], 253-4).

GUAZZO, Francesco Maria. *Compendium Maleficarum* [1608]. Tradução de E. A. Ashwin. Nova York: Dover Publications, 1988. Uma reimpressão da edição de 1929 de John Rodker, Londres, editada por Montague Summers.

HAMILTON, Edith. *Mythology* [1940]. Nova York: Mentor Books, 40ª impressão, s.d. É surpreendente como essa coletânea de mitos é útil -quase sempre você encontrará nela o que está procurando, o que consiste no teste final de qualquer livro de referência.

HANSEN, Harold A. *The Witch's Garden*. Tradução de Muriel Crofts. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1983. Publicado em dinamarquês em 1976 sob o título *Heksens Urtegard*.

Heródoto. *The History*. Tradução de George Rawlinson [1858]. Nova York: Tudor Publishing, 1947. Essa edição é difícil de usar porque os parágrafos não são numerados.

HESÍODO. *Hesiod and Theogonis*. Tradução de Dorothea Wender. Harmondsworth: Penguin Books, 1973. Contém a *Theogonia* e *As Obras [os trabalhos] e os Dias* de Hesíodo.

HINNELLS, John R. *Persian Mythology*. Nova York: Hamlyn Publishing, 1973. Um livro ilustrado de mitologia persa.

HIPÓCRATES. *Writings* (Escritos). Pensilvânia: The Franklin Library, 1979. O tradutor dessa edição não é mencionado. Ela apareceu originalmente em um dos *Great Books of the Western World* publicados pela Enciclopédia Britânica.

HOMERO. *The Iliad*. Tradução de Richmond Lattimore. Univ. of Chicago Press, 1976.

_____. *The Odyssey*. Tradução de Richmond Lattimore. Nova York: Harper and Row, 1977. Essas traduções de Homero são maravilhosas. É difícil imaginar algo que as supere.

_____. *The Odyssey of Homer, with the Hymns, Epigrams, and Battle of the Frogs and Mice*. Tradução de Theodore Alois Buckley Nova York: Harper and Brothers, 1872. Essa edição é útil porque reúne todos os fragmentos popularmente atribuídos a Homero, além da mais antiga biografia dele, atribuída a Heródoto.

HONE, Margaret E. *The Modern Text Book of Astrology*. Londres: L. N. Fowler, 1975. O melhor livro-texto básico do assunto.

HORÁCIO. *Complete Works*. Introdução de J. Kendrick Noble. Tradutor não mencionado. Translation Publishing, 1961.

HORAPOLO Nilous. *The Hieroglyphics of Horapollo Nilous* [1840]. Tradução de Alexander Turner Cory. Londres: Chthonios Books, 1987. Uma reimpressão da edição londrina original de 1840.

HOW, W W e J. Wells. *A Commentary on Herodotus*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1928. Os mapas são úteis.

HUGHES, Merritt Y. *John Milton: Complete Poems and Major Prose*. Indianápolis: Odyssey Press, 1975. As notas nessa edição são excelentes.

JAMBlichus. *Life of Pythagoras*. Tradução de Thomas Taylor [1818]. Londres: John M. Watkins, 1926. Há muito material pitagórico útil no apêndice da obra.

_____. *On the Mysteries of the Egyptians, Chaldeans, and Assyrians*. Tradução de Thomas Taylor [1821]. Londres: Stuart and Watkins, 1968. Talvez o texto mais importante de ocultismo neopitagórico.

ISHMAEL, rabino. *The Measure of the (Divine) Body Shiur Qoma*. Do *Book of the Angelic Secrets of the Great One (Sefer Raziel Hagadol)*. Em *Book of Enoch*, vol. 3. Los Angeles: Work of the Chariot, 1970. Essa obra também é conhecida como *Proportion of the Height*. A editora não fornece nenhuma informação além do que eu cito. Shiur Qoma é o termo hebraico para “medida da altura”, mas isso não é dito de maneira explícita. A obra trata dos nomes e das medições das várias partes do corpo de Deus.

JACOBI, Jolande. *Paracelsus: Selected Writings* [Zurique: 1942]. Tradução do alemão feita por Norbert Guterman. Princeton Univ. Press, 1973. As muitas xilogravuras que ilustram essa seleção são atraentes, embora sem tanta relevância ao texto.

JOSEPHUS, Flavius. *The Works of Flavius Josephus*. Tradução de William Whiston. Londres: George Routledge and Sons, s. d.

Justino, o Mártir. *The Writings*. Em Ante-Nicene Christian Library. Vários tradutores. Edimburgo: T and T. Clark, 1867.

Juvenal. *The Satires*. Tradução de Lewis Evans. Nova York: Hinds, Noble and Eldredge, s.d.

Keightley, Thomas. *The World Guide to Gnomes, Fairies, Eives and Other Little People*. Nova York: Avenel Books, 1978. Título original: *The Fairy Mythology*, 1880.

King, Edw. G. *The Poem of Job*. Nova York: Cambridge Univ. Press, 1914. Uma bela versão do livro de Jó em sua métrica original, com acentos.

Klibansky, Raymond; Erwin Panofsky; e Fritz Saxl. *Saturn and Melancholy*. Londres: Nelson, 1964. Contém informações úteis sobre os humores.

Knight, Gareth. *A Practical Guide to Qabalistic Symbolism*. 2 volumes em 1. Nova York: Samuel Weiser, 1980. Obra boa como referência rápida ao simbolismo e correspondências com a Cabala que prevalecem no moderno ocultismo ocidental.

KRAMER, Heinrich e James Sprenger. *The Malleus Maleficarum* [1486]. Tradução do latim feita por Montague Summers. Nova York: Dover Publications, 1971. Uma reimpressão da edição de 1928 de John Rodker, Londres. Como eu disse nas notas, um livro maligno.

LACTÂNCIO. *The Writings*. Tradução de William Fletcher. Em Ante-Nicene Christian Library. Edimburgo: T. and T. Clark, 1871. Lactâncio ocupa os volumes 21 e 22 dessa coleção.

Larousse Encyclopedia of Mythology. Nova York: Prometheus Press, 1960.

Legaza, Laszb. *Tao Magic: The Chinese Art of the Occult*. Nova York: Pantheon Books, 1975. Uma apresentação ilustrada desse tema interessante.

Legge, James. *The I Ching* [1899]. Nova York: Dover Publications, 1963.

Lemegeton: Clavícula Salomonis: or The Complete Lesser Key of Solomon the King. Com uma transcrição e notas tipografadas por Nelson e Anne White. Pasadena: The Technology Group, 1979. Essa obra consiste em uma fotocópia pobre do manuscrito 2731 do Museu Britânico, que é um manuscrito inglês do *Lemegeton*, acompanhado de uma transcrição quase ilegível, cheia de erros descuidados e desnecessários. Os cinco livros do manuscrito, que são na verdade cinco obras separadas, são intitulados *The Goetia*, *The Theurgia Goetia*, *The Pauline Art*, *The Almadel of Solomon* e *The Artem Novem*.

LENAGHAN, R. T. ed. *Caxton's Aesop* [1484]. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1967. A edição de Caxton contém uma biografia de Esopo tirada da tradução latina do humanista italiano Rinuccio da Castiglione de Arezzo. Ela difere um pouco da versão grega do monge bizantino do século XIII, Maximus Planudes, considerada por muito tempo a fonte original.

LEVI, Eliphas. *Transcendental Magic*. Tradução de A. E. Waite [Londres: 1896]. Nova York: Samuel Weiser, 1979. Contém *Nuctameron of Apollonius of Tyana*.

LIDDELL, Henry George e Robert Scott. *Greek-English Lexicon* (condensado) [1871]. Oxford Univ. Press, 1976.

LÍVIO, Tito. *The Early History of Rome*. Tradução de Aubrey de Selincourt [1960]. Harmondsworth: Penguin Books, 1982. O primeiro dos cinco livros da *História*, de Lívio.

_____. *The History of Rome*. Tradução de D. Spillan e Cyrus Edmond. Nova York: Hinds, Noble and Eldrege, s.d. Contém os livros 1 e 2 da *História*.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. *Poetical Works*. Londres: Ward Lock and Company, s.d.

LUCANO. *Pharsalia*. Tradução de Robert Graves. Londres: Cassell, 1961. Uma tradução viva e fácil de ler, mas o livro não tem notas suficientes nem índice. *Pharsalia*. Traduzido por H.T. Riley. Londres: Henry G. Bohn, 1853. Todas são suas notas que as tornam especialmente valiosas.

LUCRÉCIO. *On the Nature of Things*. Prosa traduzida por John Selby Watson. Versos traduzidos por John Mason Good. Londres: George Bell and Sons, 1901. A edição da Bohn's Classical Library.

_____. *On the Nature of Things*. Tradução de H. A. J. Munro. Nova York: Washington Square Press, 1965.

MACDONALD, Michael-Albion. *De Nigromancia of Roger Bacon*. Gillette, NJ: Heptangle Books, 1988.

Uma edição do museu Britânico Mss. Sloane 3885 e Adicional 36674. A introdução do manuscrito afirma que ele foi descoberto em Alexandria pelos irmãos religiosos Robert e Roger Bacon Lombard.

MAIER, Michael. *Laws of Fraternity of the Rosie Crosse* [1618]. Los Angeles: Philosophical Research Library, 1976.

O trabalho original em latim, intitulado *The Miss Aurea*, foi traduzido para o Inglês em 1656 e dedicado a Elis Ashmole.

Este é um dos textos básicos do momento Rosacruziano, ainda que o próprio Maier nunca tenha afirmado ser um Rosacruziano.

MAIMÔNIDES, Moisés. *The Guide for the Perplexed*. Tradução do árabe feita por M. Friedlander. Nova York: Dover Publications, 1956. Reimpresso a partir da edição da Routledge Kegan Paul de 1904.

MANETO. *History of Egypt*. Tradução de W. S. Waddell Cambridge: Harvard Univ. Press, 1964. Essa obra é encadernada sob a mesma capa de edições anteriores do *Tetrabiblos* de Ptolomeu.

MANHAR, Nurho de. *Zohar* [1900-14]. San Diego: Wizards Bookshelf, 1980. Essa é uma tradução incompleta do hebraico, publicada originalmente na revista teosófica mensal *The Word*. Interrompe-se em Lekh Lekha (Gênesis 17,27). Na margem, a paginação do Cremona folio, o *Grande Zohar*, foi acrescentada com o propósito de referência, como se encontra na edição em cinco volumes da edição Soncino inglesa de 1933.

MANN, A. T. *The Round Art*. Nova York: Mayflower Books, 1979. Um dos melhores textos originais de astrologia moderna, notável por suas atraentes ilustrações coloridas e o útil glossário e índice.

MARGARET DE NAVARRO. *Heptameron*. Tradução do francês feita por Arthur Machen. Londres: George Routledge and Sons, s.d. Margaret pretendia escrever um *Decameron*, imitando Boccaccio, mas o plano foi interrompido por sua morte.

MARLOWE, Christopher. *The Tragical History of the Life and Death of Doctor Faustus*. Em *Elizabethan Plays*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

MATERNUS, Firmicus. *Ancient Astrology Theory and Practice*. Tradução de Jean Rhys Bram. Park Ridge, NJ: Noyes Press, 1975. A obra peca pela falta de um índice. O título em latim é *Matheseos*.

MATHERS, Samuel Liddell MacGregor. *The Greater Key of Solomon* [1889]. Chicago: The DeLaurence Company, 1914. Uma versão composta, baseada em sete manuscritos da biblioteca do Museu Britânico: um do século XVI,

em latim; um em italiano e cinco em francês. Infelizmente, Mathers achou apropriado expurgar as passagens mais diabólicas.

_____. *The Kabbalah Unveiled* [1887]. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1962. Uma tradução de parte da obra latina de Knorr von Rosenroth, *Kabbala Denudata* (Sulzbach, 1677; Frankfurt, 1684), que por sua vez é uma tradução da parte do *Zohar*. Essa edição teve enorme influência nos ocultistas de língua inglesa por volta da virada do século.

_____. *The Book of the Goetia, or the Lesser Key of Solomon the King* [1903]. Califórnia: Health Research, 1976. Essa obra goética, que costuma ser atribuída a Aleister Crowley, mas que deve ter sido elaborada por Mathers, abrange o primeiro livro da coleção que leva o nome de *Lemegeton* ou *Lesser Key of Solomon the King*. Embora a página título afirme que a obra foi compilada de “numerosos manuscritos em hebraico, latim, francês e inglês”, é na verdade uma cópia direta do primeiro livro, chamado *Goetia*, do manuscrito Sloane 2731, do Museu Britânico, que é uma edição completa da *Chave menor*. Assim, nenhum conhecimento escolástico específico era necessário, além da habilidade para ler inglês.

_____. *The Book of the Sacred Magic of Abramelin the Mage* [Londres: 1900]. Nova York: Dover Publications, 1975. Uma tradução de um manuscrito francês na Bibliothéque de l’Arsenal, que afirma ter sido escrito por Abraão, o Judeu, a seu filho mais novo, Lameque, em 1458, para lhe passar a operação mágica descrita em detalhes no texto. Sem dúvida, a mais importante contribuição de Mathers, contendo uma técnica verdadeiramente efetiva para transformação pessoal.

MAUSS, Marcel. *A General Theory of Magic*. Tradução de Robert Brain. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1972. Útil por sua descrição da história das teorias mágicas, mas não por suas conclusões.

MCINTOSH, Christopher. *The Devil’s Bookshelf* Northamptonshire: Aquarian Press, 1985. Apesar do título promissor, a obra é uma abordagem fraca dos apenas mais famosos grimórios, e não contém nada de original.

MCKENZIE, John L. *Dictionary of the Bible*. Nova York: Macmillan, 1976.

MEAD, G. R. S. *Orpheus* [1896]. Londres: John M. Watkins, 1965.

METÓDIO. *The Writings*. Em *The Ante-Nicene Fathers*. Buffalo: Christian Literature Company, 1886. Metódio ocupa parte do volume 6 dessa coleção.

MORLEY, Henry. *The Life of Henry Cornelius Agrippa*. 2 volumes. Londres: Chapman and Hall, 1856. Até recentemente essa era a única biografia extensa de Agrippa em inglês. Talvez não seja crítica o suficiente por contar com as cartas de Agrippa como sua fonte principal - claro que as cartas de Agrippa só retratariam uma figura favorável dele.

MURRAY, Margaret A. *The God of the Witches* [1931]. Londres: Oxford Univ. Press, 1979.

_____. *The Witch-Cult in Western Europe* [Londres: 1921]. Oxford: Clarendon Press, 1967.

Murray's Classical Atlas. Ed. G. B. Grundy [1904]. Londres: John Murray, 1959.

MYER, Isaac. *Qabbalah* [Filadélfia: 1888]. Nova York: Samuel Weiser, 1974. Uma bela edição dessa obra clássica, que foi uma importante fonte de informação sobre a Cabala nas primeiras décadas do século XX.

MYLONAS, George E. *Eleusis and the Eleusinian Mysteries*. Nova York: Princeton Univ. Press, 1974.

NASR, Seyyed Hossein. *An Introduction to Islamic Cosmological Doctrines*. Boulder: Shambhala, 1978. Como indica o título, a obra é uma visão geral dos grandes estudiosos muçulmanos do passado.

NAUERT, Charles G. *Agrippa and the Crisis of Renaissance Thought*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1965.

ODEBERG, Hugo. *Book of Enoch by R. Ishmael ben Elisha the High Priest*. Nova York: Cambridge Univ. Press, 1928.

OESTERREICH, Traugott K. *Possession and Exorcism* [1921]. Tradução do alemão feita por D. Ibberson. Nova York: Causeway Books, 1974. Título original: *Possession: Demonical and OTHER*. Essa é uma obra definitiva sobre possessão demoníaca. Foi a fonte de referência para a obra de ficção de Peter Blatty, *O exorcista*.

Orígenes. *The Writings*. Volume 4 de *The Ante-Nicene Fathers*. Buffalo: Christian Literature Publishing Company, 1885. Contém *De principiis*, *Against Celsus* e várias cartas.

OVÍDIO, *Fasti*. Tradução de sir James G. Frazer [1923]. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1989.

_____. *The Fasti, Tristia, Pontic Epistles, Ibis, and Halieuticon of Ovid*. Tradução de Henry T. Riley. Londres: George Bell and Sons, 1881.

_____. *The Heroides, The Amours, The Art of Love, The Remedy of Love, and Minor Works*. Tradução de Henry T. Riley. Londres: George Bell and Sons, 1883.

_____. *The Metamorphoses*. Tradução de Henry T. Riley. Londres. George Bell and Sons, 1884.

_____. *Tristia and Ex ponto*. Tradução de A. L. Wheeler. Cambridge: Harvard Univ. Press, vários anos. *Oxford English Dictionary, Compact Edition*. 2 vols. Oxford Univ. Press, 1971.

PAGALS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. Nova York: Vintage Press, 1981.

PAPUS. *The Qabalah* [1892]. Northamptonshire: Thorsons Publishers, 1977. Publicados junto com a clássica abordagem oculta da Cabala feita

pelo ocultista do século XVIII, Dr. Gerard Encausse (Papus), encontram-se muitos fragmentos de outros escritores, entre os quais a atribuição dos 72 nomes de Deus às quinas do zodíaco por Lenain.

PATAI, Raphael. *Gates to the Old City*. Nova York: Avon Books, 1980.

_____. *The Messiah Texts*. Nova York: Avon Books, 1979. Uma apresentação das lendas judaicas a respeito do Messias.

Pausânias. *Guide to Greece*. Tradução de P. Levi. 2 vols. Harmondsworth: Penguin, 1971.

PEARCE, Alfred John. *The Text-Book of Astrology* [1879]. Washington: American Federation of Astrologers, 1970. É uma reimpressão da segunda edição. Contém uma riqueza de informações, mas é mal organizado.

Pepys, Samuel. *The Diary*. 2 vols. Londres: J. M. Dent, 1906. A edição da Everyman Library.

PÍNDARO. *The Odes of Pindar*. Tradução do grego feita por John Sandys. Londres: William Heinemann, 1915.

PLATÃO. *The Collected Dialogues*. Ed. Edith Hamilton e Huntington Cairns. Vários tradutores. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1973. Um texto excelente, mas deveria conter *Alcibiades*.

_____. *The Dialogues of Plato*. 2 vols. Tradução de Benjamin Jowett. Nova York: Random House, 1937. Publicado pela primeira vez pela Mamillan Company em 1892. Contém todos os diálogos que em séculos passados eram atribuídos a Platão.

PLÍNIO, o Velho. *Natural History*. 10 vols. Os volumes 1 - 5 e 9 foram traduzidos por H. Rackhan; vols. 6-8 por W. H. S. Jones; vol. 10 traduzido por D. E. Eichholz. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1938-1986.

_____. *The Natural History of Pliny*. 6 vols. Tradução de John Bostock and H. T. Riley. Londres: Henry G. Bohn, 1855-7. Só os dois primeiros dos 32 livros da História Natural foram traduzidos por Bostock. O restante é obra de Riley, e excelente, embora um pouco mais prolixo que a recente edição da Harvard University Press, com a qual eu comparei linha por linha. As notas de Riley são de grande valia.

Plínio, o Jovem. *The Letters*. Tradução de Betty Radice. Harmondsworth: Penguin Books, 1963.

Plotino. *The Enneads*. 7 vols. Tradução de A. H. Armstrong. Cambridge: Harvard Univ. Press, vários anos. Uma tradução excelente.

_____. *Plotinus: The Ethical Treatises* (vol. 1), *Being the Treatises of the First Ennead with Porphyry's Life of Plotinus, and the Preller-Ritter Extracts Forming a Conspectus of the Plotinian System*, traduzido do grego por Stephen MacKenna. Londres: Philip Lee Warner, editora da Medici Society, 1917.

_____. *Plotinus: Psychic and Physical Treatises* (vol. 2), *Comprising the Second and Third Enneads*, traduzido do grego por Stephen MacKenna. Londres: Philip Lee Warner, editora da Medici Society, 1921.

_____. *Plotinus: On the Nature of the Soul* (vol. 3), *Being the Fourth Ennead*, traduzido do grego por Stephen MacKenna. Londres e Boston: Medici Society, Limited, 1924.

_____. *Plotinus: The Divine Mind* (vol. 4), *Being the Treatises of the Fifth Ennead*, traduzido do grego por Stephen MacKenna. Londres e Boston: Medici Society, Limited, 1926.

Esses quatro volumes, suplementados pela tradução de B. S. Page da sexta e última Enéada, apareceram como um da série de Grandes Livros publicada pela Enciclopédia Britânica. A tradução de McKenna sofre, quando comparada, como eu fiz, com a tradução superior de Harvard. Não há muita clareza. Eu preferiria usar a de Harvard nas notas, mas não consegui a permissão.

PLUTARCO. *Moralia*. 16 vols. Vols. 1-5 tradução de F. C. Babbitt; vol 6, de W. C. Helmbold; vol 7, de P. H. De Lacy e B. Einarson; vol. 8, de R. A. Clement e H. B. Hoffleit; vol. 9, de E.L. Minar Jr. F. H. Sandbach e W. C. Helmbold; vol. 10, tradução de H. N. Fowler; vol. 11, de L. Pearson e F. H. Sandbach; vol. 12, de H. Cherniss e W. C. Helmbold; vol. 13, partes 1 e 2 de H. Chernisse; vol. 14 de P. H. DeLacy e B. Einarson; vol. 15 de F. H. Sandbach. Cambridge: Harvard Univ. Press, vários anos. Esta coleção é composta de todas as obras de Plutaco, exceto *Lives* (Vidas).

_____. *Plutarch's Essays and Miscellanies: Comprising all this Works Collected Under the Title of "Morais"*, traduzidos do grego por várias mãos, corrigido e revisado por William W Goodwin, 5 vols. Londres: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent and Co., 1974-8. Esta edição foi publicada pela primeira vez em 1684-94, reeditada em 1704 e revisada e corrigida em 1718. A última edição formou a base para essa tradução, que abrange a segunda metade de uma coleção em dez volumes intitulada *Plutarch's Lives and Writings*, editada por A. H. Clough e William W Goodwin, com uma introdução de Ralph Waldo Emerson.

_____. *Plutarch's Moralia: Twenty Essays*. Tradução de Philemon Holland [1603]. Londres: J. M. Dent and Sons, s.d. A edição da Everyman Library, consistindo em 20 ensaios extraídos da tradução de Holland de *Moralia*.

_____. *The Lives of the Noble Grecians and Romans*. Tradução de John Dryden. Nova York: Modern Library, s.d. Embora Dryden tenha o crédito da tradução na página título, o verdadeiro trabalho de tradução foi feito por outra pessoa. Uma reimpressão da edição revisada de 1874 de Arthur Hugh Clough e William W. Goodwin (ver acima).

Porfírio. *Epistle to Anebo*. Em *On the Mysteries*. Tradução de Thomas Taylor [1821]. Londres: Stuart and Watkins, 1968. Essa obra aparece como

prefácio em *On the Mysteries* de Jamblichus e é muito curta. Ela forma a estrutura da obra de Jamblichus, que foi escrita em resposta a questões levantadas na carta.

_____. *On the Life of Plotinus and the Arrangement of His Work*. Em Plotinus: *The Ethical Treatises*. Tradução de Stephen MacKenna. Londres: Philip Lee Warner, 1917. Essa obra de Porfírio prefacia as *Enéadas*.

POUGH, Frederick H. *A Field Guide to Rocks and Minerals*. 4ª edição. Boston: Houghton Mifflin, 1976.

PROCLUS. *Proclus: Alcibiades I*. Tradução de William O'Neill. The Hague: Martinus Nijhoff, 1965. Esse comentário de Proclo no *Primeiro Alcibiades* é, sem dúvida, mais importante que o próprio diálogo.

PTOLOMEU. *Almagest*. Grandes Livros do Mundo Ocidental, vol. 16. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1980.

_____. *Tetrabiblos*. Tradução de F. E. Robbins. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1980.

RABELAIS, François. *The Works of Mr. Francis Rabelais*. Nova York: Rarity Press, 1932. A tradução não é identificada, mas parece ser de sir Thomas Urquhart (livros 1-3, 1653 e 1693) e Peter Anthony Motteux (livros 4-5, 1693-4).

RASHI. *The Pentateuch and Rashi's Commentary*. 5 vols. Tradução de R. Abraão Ben Isaías, R. Benjamin Sharfman, Harry M. Orlinsky e R. Morris Charner. Brooklyn: S. S. and R. Publishing Company, 1949. Essa magnífica edição oferece uma tradução linear do texto e comentário, além do original em hebraico.

REGARDIE, Israel. *The Golden Dawn* [1937-40]. St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 1982. Esse é o livro mais importante já escrito a respeito de magia. Regardie é, na verdade, o editor. Ele coletou os documentos de trabalho da Ordem Hermética da Golden Dawn, uma sociedade secreta vitoriana dedicada à prática de magia. É difícil ter certeza de quem realmente escreveu os documentos. O poeta W.B. Yeats parece ter participado deles. S. L. MacGregor Mathers costuma ser considerado o autor primário; mas em suas outras obras Mathers não exibe criatividade alguma. Aleister Crowley, que publicou os documentos pela primeira vez em seu periódico *The Equinox*, não escreveu nenhum deles. Talvez os rituais fossem de fato a escrita de anjos, ou dos "Chefes Secretos", como Mathers os chamava. Independentemente de seu valor oculto prático, o livro é uma monumental obra de arte. Isso ainda não foi levado em conta pela crítica literária convencional.

Remy, Nicolas. *Demonolatry* [1595]. Tradução de E. A. Ashwin. Londres: John Rodker, 1930. Ele contém muitas citações interessantes de obras clássicas e medievais, bem como relatos em primeira mão de julgamentos de bruxas.

Robinson, James M. *The Nag Hammadi Library*. Vários tradutores. São Francisco: Harper and Row, 1981. Os escritos gnósticos.

Rotllin, Charles. *The Ancient History* [Paris: 1730-38]. 2 vols. Cincinnati: Applegate and Company, 1855. Contém grande quantidade de material, mas não é muito confiável em termos de fatos. Útil como fonte de lendas e fábulas.

Rose, H. J. *Religion in Greece and Rome*. Nova York: Harper and Brothers, 1959. Publicado originalmente em dois volumes separados, *Ancient Greek Religion* (1946) e *Ancient Roman Religion* (1948).

SAINT-GERMAIN, Comte C. de. *The Practice of Palmistry* [Chicago: 1897]. Nova York: Samuel Weiser, 1970. Uma exposição muito clara e completa da leitura de mãos. O autor não deve ser confundido com o alquimista do século XVIII, cujo nome ele adotou.

Sale, George. *The Koran* (O Alcorão). Tradução do original em árabe. Londres e Nova York: Frederick Warne, 1887.

SCHOLEM, Gershom. *Kabbalah*. Jerusalém: Keter Publishing, 1974.

_____. *On the Kabbalah and Its Symbolism* [1965]. Nova York: Schocken Books, 1977. Essa é a melhor introdução que eu já li da filosofia da Cabala.

_____. *Zohar* [1949]. Nova York: Schocken Books, 1978. Passagens selecionadas do *Zohar*.

SCOTT, Walter. *Hermetica* [1924]. 4 vols. Boston: Shambhala, 1985. Todos os escritos herméticos estão contidos no primeiro volume.

SCOTT, sir Walter. *Scott's Poetical Works*. Filadélfia: G. and G. Evans, 1859.

SEZNEC, Jean. *The Survival of the Pagan Gods* [Londres: 1940]. Tradução do francês feita por Barbara F. Sessions. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1972. Apresenta os deuses da Grécia e de Roma por meio da arte renascentista. Útil por causa de suas muitas ilustrações.

SHAKESPEARE, William. *The Complete Works*. Ed. W. J. Craig. Londres: Oxford Univ. Press. Edição da Oxford Índia Paper, de 1954.

SKEAT, Walter William. *Malay Magic* [Londres: 1900]. Nova York: Dover Publications, 1967.

SKINNER, Stephen. *The Oracle of Geomancy*. Califórnia: Prism Press, 1986. Útil como guia para as obras existentes que tratam do assunto, mas não contém nada original e reproduz numerosos erros.

SELIGMANN, Kurt. *The History of Magic*. Nova York: Pantheon Books, 1948. Publicado originalmente sob o título superior de *The Mirror of Magic*. Depois de DeGivry, este é o melhor livro ilustrado de magia.

SMITH, William. *A New Classical Dictionary*. Rev. and corrigido por Charles Anthon. Nova York: Harper and Brothers, 1862. Embora algumas

partes estejam desatualizadas, a utilidade dessa obra não pode ser ignorada. Ainda é o melhor livro do gênero.

SÓFOCLES, *The Complete Greek Tragedies*, vol. 2. E. David Grene e Richmond Lattimore. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1960.

SPENCE, Lewis. *An Encyclopaedia of Occultism* [Londres: 1920]. Nova York: University Books, 1968. Uma grande obra que contém farto material. Infelizmente, Spence não teve o cuidado de identificar suas fontes.

SPENSER, Edmund. *The Works*. Ed. R. Morris. Londres: Macmillan and Company, 1910. Edição The Globe.

STURLUSON, Snorri. *The Prose Edda* (condensado). Tradução de Jean J. Young. Cambridge: Bowes and Bowes, 1954. A obra original de Sturluson consiste em três partes, das quais a maior parte da segunda e toda a terceira - que não tratam de mitologia nórdica - são omitidas.

SUETÔNIO. *History of Twelve Caesars*. Tradução de Philemon Holland [1606]. Londres: George Routledge and Sons, s.d.

SUMMERS, Montague. *The Werewolf* [1923]. Nova York: Bell Publishing Company, 1966.

Sworn Book of Honorius the Magician. Tradução do latim feita por Donald J. Driscoll. Gillette, NJ: Heptangle Books, 1983. Essa edição do grimório é um composto dos manuscritos Sloane 313 e Royal 17 - A xlii, do Museu Britânico, o segundo dos quais uma transcrição posterior incompleta do primeiro em latim e inglês, com material adicional não contido no Sloane 313.

TÁCITO. *Complete Works*. Tradução de Alfred John Church e William Jackson Brodribb. Nova York: Random House, edição da Modern Library, 1942.

TASSO, Torquato. *Jerusalem Delivered* [Parma: 1581]. Tradução do italiano feita por Edward Fairfax [1600]. Nova York: P. F. Collier and Son, 1901.

TAYLOR, Thomas. *Ocellus Lucanus* [1831]. Los Angeles: Philosophical Research Society, 1976.

_____. *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*. Ed. Alexander Wilder. Nova York: J. W. Bouton, 1875.

_____. *Thomas Taylor the Platonist: Selected Writings*. Ed. Kathleen Raine e George Mills Harper. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press. Contém a edição de Taylor dos hinos órficos, além de outras traduções importantes.

TERTULIANO. *The Writings. Vols. 3 e 4 de The Ante-Nicene Fathers*. Buffalo: Christian Literature Publishing Company, 1885.

TEÓCRITO. *Theocritus, Bion and Moschus*. Tradução de A. Lang. Londres: Macmillan, 1907. Uma tradução em prosa.

THEON DE SMYRNA. *Mathematics Useful for Understanding Pluto*. Tradução de Robert e Deborah Lawlor da edição grega/francesa de 1892 de J. Dupuis. San Diego: Wizards Bookshelf, 1979.

THOMAS, William e Kate Pavitt. *The Book of Talismans, Amulets and Zodiacal Gems* [1914], Hollywood: Wilshire Book Company, 1970.

THORNDIKE, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science*. 8 vols. Nova York: Columbia Univ. Press, 1923-1958. Os volumes 1 e 2 são os mais importantes. Os comentários sobre Agrippa aparecem no volume 5.

_____. *The Sphere of Sacrobosco and Its Commentators*. Chicago: Univ. of Chicago Press. Thorndike oferece uma tradução para o inglês de *Sphere* e uma versão em inglês do comentário de Robertus Anglicus, o que torna esse livro útil para a maior parte dos nativos de língua inglesa que não leem latim. Infelizmente, ele não prosseguiu com o plano até os outros comentaristas. Há muita matéria nessa obra sobre astrologia antiga.

Three Works of Ancient Jewish Magic. Londres: Chthonios Books, 1986. Uma reimpressão em fotocópia de *Sword of Moses*, traduzido do hebraico por M. Gaster (Londres, 1896); *The Wisdom of the Chaldeans*, traduzido por M. Gaster (1900); e *Babylonian OH Magic in the Talmud and in Later Jewish Literature*, traduzido por S. Daiches (Londres: 1913). A última obra é intitulada *Ancient Jewish Oil-Magic* nessa coleção.

TIBULLUS. *The Poems of Catullus and Tibullus*. Tradução do latim feita por Walter K. Kelly. Londres: George Bell and Sons, 1884.

TRITHEMIUS, Johannes. *The Steganographia*. Livro 1 traduzido do latim por Fiona Tait e Christopher Upton; livro 3 e parte do 4 traduzidos pelo Dr. Walden. Edimburgo: Magnum Opus Hermetic Sourcebooks, 1982. A obra é incompleta, omitindo totalmente o livro 2 com suas complexas rodas de espíritos. É uma pena que uma obra de tamanha importância não tenha sido publicada em sua integridade.

TURNER, Robert. *Henry Cornelius Agrippa His Fourth Book of Occult Philosophy* [1655]. Londres: Askin Publishers, 1978. Uma reimpressão em fac-símile contendo o apócrifo *Quarto livro*; o tratado de Agrippa *De Geomancia*; o *Elementos mágicos* de Pedro de Abano; *Geomancia Astronômica*, de Gerard de Cremona; *Isagoge* ou *An Introductory Discourse of the Nature of Such Spirits as are exercised in the sublunary Bound* por Geo. Pictorius Villinganus; e o primeiro livro de *Arbatel of Magick*, também chamado *Isagoge*. Todas essas obras aparecem no fim do primeiro volume da *Opera* latina de Agrippa.

VAUGHAN, Thomas. *The Magical Writings of Thomas Vaughan*. Ed. Arthur Edward Waite. Londres: George Redway, 1888.

Virgílio. *The Works of Virgil*. Tradução de James Lonsdale e Samuel Lee. Londres: Macmillan and Company, 1885. Edição The Globe.

Waite, Arthur Edward. *The Alchemical Writings of Edward Kelly* [Londres: 1893]. Nova York: Samuel Weiser, 1976. Traduzido da edição de Hamburgo de 1676.

_____. *The Book of Ceremonial Magic* [Londres: 1911]. Secaucus, NJ: Citadel Press, 1961.

_____. *The Holy Kabbalah* [1929]. Secaucus, NJ: University Books, 1975. A melhor obra de Waite, ainda um dos melhores livros de Cabala já escritos.

_____. *The Turba Philosophorum, or Assembly of the Sages* [Londres: 1896]. Nova York: Samuel Weiser, 1976. Tradução de Waite desse antigo texto alquímico latino.

WARBURTON, Eliot. *The Crescent and the Cross* [1844]. Nova York: P. Putnam, 1849. Um livro de viagem descrevendo as experiências do autor no Oriente Médio, principalmente no Egito e na Síria.

WARD, J. S. M. *Signs and Symbols of Freemasonry* [1928]. Nova York: Land's End Press, 1969. Essa obra contém uma riqueza de imagens simbólicas que vão muito além do título. Ela aborda os significados da postura e dos gestos humanos, preservados em pintura, escultura e outras artes.

WESTCOTT, W Wynn. *The Chaldean Oracles of Zoroaster* [1895]. Northamptonshire: Aquarian Press, 1983.

_____. *Sepher Yetzirah* [Londres: 1887]. Nova York: Samuel Weiser, 1980. Esta edição do mais antigo texto da Cabala tem grande importância na história da magia, pois Westcott foi um dos pais fundadores da Ordem Hermética da Golden Dawn.

WILHELM, Helmut. *Change: Eight Lectures on the I Ching*. Traduzido do alemão por Cary F. Baynes. Nova York: Pantheon Books, 1960.

WOODROFFE, John. *Sakti and Sakta* [1918]. Madras: Ganesh and Company, 1969.

YATES, Frances A. *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age* [1979]. Londres: Ark Paperbacks, 1983.

_____. *Theatre of the World*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1969. Os dois primeiros capítulos contêm uma excelente abordagem de John Dee, e o apêndice A é o prefácio de Dee a *English Euclid*.

_____. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1964.

XENOFONTE. *The Anabasis or Expedition of Cyrus and the Memorabilia of Socrates*. Tradução de J. S. Watson. Londres: George Bell and Sons, 1875.